

"NOS TRANSPORTA SEM ESFORÇO PARA OS
REINOS CELESTIAIS DA ALTA FANTASIA CHINESA."

—SHELLEY PARKER-CHAN, AUTORA DE *ELA SE TORNOU O SOL*



o CORAÇÃO DO GUERREIRO DO SOL

SUE LYNN TAN

Autora do best-seller *A Filha da Deusa da Lua*



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

"NOS TRANSPORTA SEM ESFORÇO PARA OS
REINOS CELESTIAIS DA ALTA FANTASIA CHINESA."

—SHELLEY PARKER-CHAN, AUTORA DE *ELA SE TORNOU O SOL*



O CORAÇÃO DO GUERREIRO DO SOL

SUE LYNN TAN

Autora do best-seller *A Filha da Deusa da Lua*

AN
ALTA
NOVEL

A INCRÍVEL CONCLUSÃO DA DUOLOGIA DO IMPÉRIO CELESTIAL

Um terror de proporções inimagináveis varre o reino, e o Imperador Celestial se apegua mais ao poder. A paz frágil pela qual Xingyin lutou tão bravamente quando libertou sua mãe está ameaçada.

“A aventura turbulenta de Xingyin pelo Reino Imortal é uma dança intrincada que engloba múltiplas missões, batalhas emocionantes, romances, magia e criaturas mitológicas. Sue aumenta significativamente as apostas, fundamentando a força de Xingyin no amor, mesmo quando seu coração é abalado por lealdades questionáveis e sacrifícios trágicos, e conduz o leitor a uma conclusão agri-doce, porém esperançosa.”

— Booklist

“Um romance de estreia de tirar o fôlego que vai varrer leitores até a lua e de volta à Terra. Não me lembro do último livro que me surpreendeu e me agradou tanto quanto este.

Épico, romântico e fascinante do início ao fim.

Amei *O Coração do Guerreiro do Sol*.”

— Stephanie Garber, autora best-seller do
New York Times com a série *Caraval*


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
www.altabooks.com.br

 /altanovel
 /altanovel

Design de capa por Jeanne Reina
Ilustração de capa por Kuri Huang



AQUELES FORIADOS PELO FOGO FORMAM AS LÂMINAS MAIS FORTES

Depois de conquistar a liberdade de sua mãe com o Imperador Celestial, Xingyin se recupera na tranquilidade encantadora de sua casa. Mas sua paz frágil é ameaçada pela descoberta de uma estranha magia na lua e pelas mudanças desconcertantes no Império Celestial à medida que o imperador se apega mais ao poder. Embora Xingyin esteja determinada a se manter distante desse perigo iminente, a descoberta de uma verdade chocante a faz mergulhar em um confronto perigoso.

Forçada a fugir de casa mais uma vez, Xingyin e seus companheiros se aventuram em terras inexploradas do Reino Imortal, encontrando criaturas lendárias e monarcas astutos, amigos amados e adversários ferozes. Com as alianças mudando mais rápido do que a maré, Xingyin tem que superar rancores antigos e inimizades para forjar um novo caminho, procurando auxílio onde jamais imaginaria.

Um terror de proporções inimagináveis varre o reino, e Xingyin deve descobrir a verdade do seu coração, ser forte em sua caminhada e levantar-se contra o mal antes que ele destrua tudo o que ela considera sagrado... mesmo que isso lhe custe o que mais ama.



SUE LYNN TAN

é a autora de *A Filha da Deusa da Lua* e de *O Coração do Guerreiro do Sol*, uma fantasia romântica inspirada na lenda chinesa da deusa da lua. Seus livros foram traduzidos para 16 idiomas, e são best-sellers do *USA Today* e do *Sunday Times*.

Nascida na Malásia, estudou em Londres e na França antes de se mudar para Hong Kong com a família. Seu amor por histórias começou com um presente de seu pai, seu primeiro compilado de contos de fadas de todo o mundo. Depois de devorar todos os contos que encontrou na biblioteca, descobriu os livros de fantasia e passou muitos anos da adolescência perdida nos mundos mágicos.

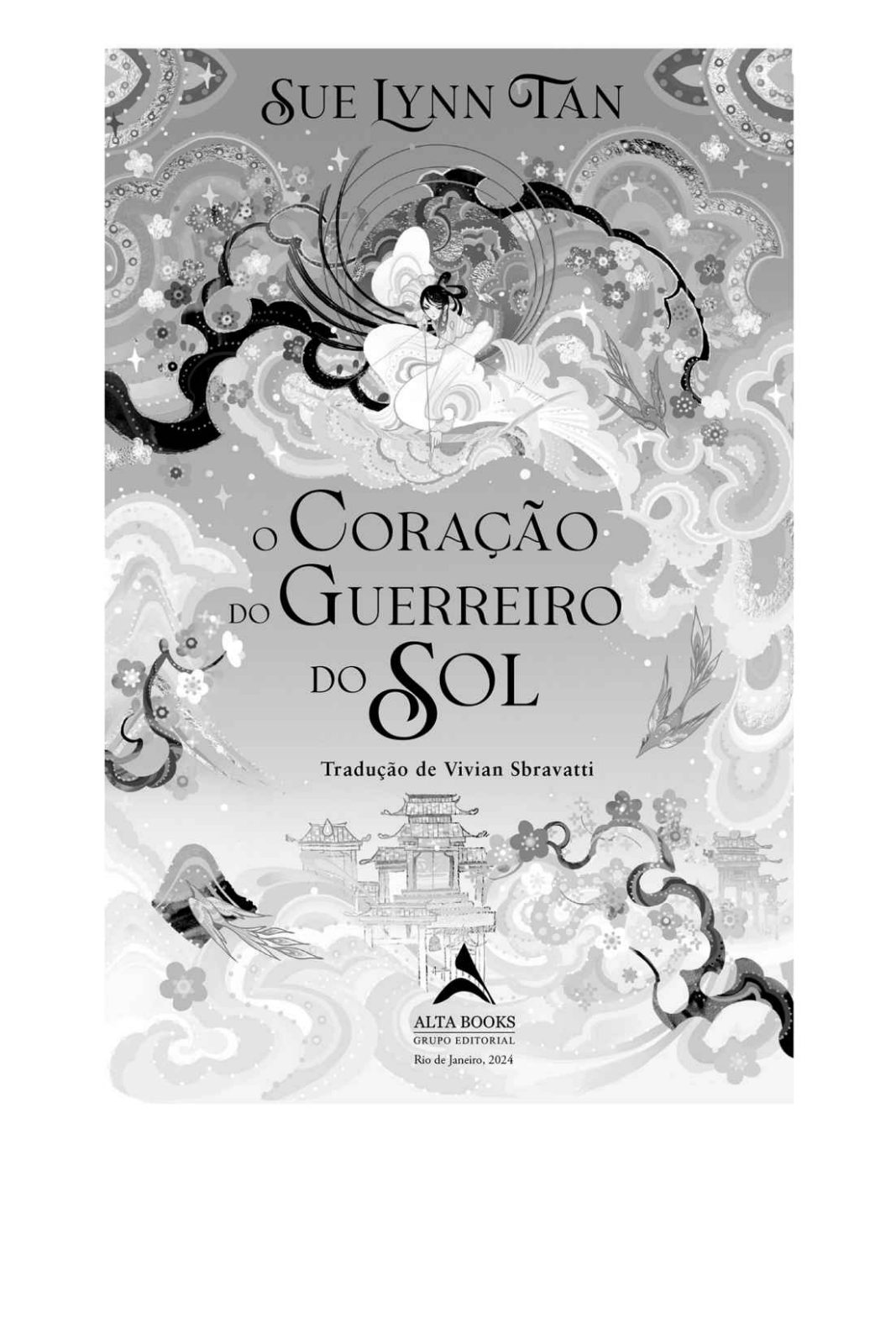
WWW.SUELYNNTAN.COM

@suelynntan

A compra deste conteúdo não prevê o atendimento e fornecimento de suporte técnico operacional, instalação ou configuração do sistema de leitor de ebooks. Em alguns casos, e dependendo da plataforma, o suporte poderá ser obtido com o fabricante do equipamento e/ou loja de comércio de ebooks.

o CORAÇÃO
DO GUERREIRO
DO SOL

Também de Sue Lynn Tan
A FILHA DA DEUSA DA LUA

The book cover features a monochromatic, intricate illustration in a traditional East Asian style. At the top, a figure with long, flowing black hair and a white garment is depicted in a dynamic, swirling pose, surrounded by stylized clouds and floral motifs. Below this, the title is prominently displayed in a serif font. The background is filled with elaborate, swirling patterns, clouds, and small floral elements, creating a rich, textured effect. At the bottom, a traditional Chinese architectural structure, possibly a temple or palace, is visible, partially obscured by more swirling patterns and a stylized bird.

SUE LYNN TAN

o CORAÇÃO
DO GUERREIRO
DO SOL

Tradução de Vivian Sbravatti

ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2024

O Coração do Guerreiro do Sol

Copyright © 2024 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2022 SUE LYNN TAN

ISBN: 978-85-508-2111-5

Translated from original Heart of the Sun Warrior. Copyright © 2022 by Sue Lynn Tan. ISBN 9780063031364. This translation is published by arrangement with Harper Voyager, an imprint of HarperCollins Publishers. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2024 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda..

1ª Edição, 2024 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tan, Sue Lynn

O coração do guerreiro do sol / Sue Lynn Tan. -- Rio de Janeiro : Alta Books, 2024.

ePub3.

ISBN: 978-85-508-2111-5

1. Ficção malasiana (Inglês) I. Título.

24-194234

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura malasiana em inglês 823

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida.

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Gerência Comercial: Claudio Lima

Gerência Marketing: Andréa Guatiello

Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano

Produtora Editorial: Beatriz de Assis

Assistente Editorial: Viviane Corrêa

Tradução: Vivian Sbravatti

Copidesque: Giovanna Chinellato

Revisão: Fernanda Lutfi

Diagramação: Rita Motta

Livro Digital: XR Libris



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, CEP: 20.970-031 —
291 — Bairro Rio de Janeiro (RJ)
Industrial do Jacaré

Tels.: (21) www.altabooks.com.br Ouvidoria:
3278-8069 / — ouvidoria@altabooks.com.br
3278-8419 altabooks@altabooks.com.br

Editora afiliada à:



abdr
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
DIREITOS REPROGRÁFICOS

ASSOCIADO



Para aqueles que guardam sonhos escondidos no coração.



o CORAÇÃO
DO GUERREIRO
DO SOL

A decorative floral border surrounds the central text. It features delicate, light-colored blossoms and buds on thin, dark stems, with some leaves visible. The background is a soft, light gray with a subtle, painterly texture.

Parte I

A noite encobria o céu com escuridão, drapeando sombras pela terra. Embora esse fosse o momento de descanso para os mortais, na lua nosso trabalho estava apenas começando. Chamas brancas do inverno espiralavam do pedaço de madeira que estava em minhas mãos. Agachando-me, afastei uma folha da lanterna, que era feita de uma rocha translúcida e fios de prata entrelaçados. Quando eu aproximei o toco do pavio, ele fumegou com um crepitar. Levantei-me, batendo a terra do meu manto. Fileiras de orbes apagados estendiam-se à minha frente, tão pálidos quanto os jasmims-do-imperador floridos acima de mim — lanternas da lua, mil no total, que projetariam seu brilho no mundo abaixo. Suportando vento e chuva, sua luz não esmoreceria, até que fosse extinguida no primeiro suspirar do amanhecer.

Sempre que eu acendia as lanternas, minha mãe exigia que eu fosse diligente, realizando a tarefa à mão. Mas eu não tinha a paciência dela. Havia me desacostumado com um trabalho tão pacato, com a paz e a calma. Procurando internamente, busquei minha energia, a magia brilhante que fluía da minha força vital. Chamas se agitaram da minha palma, atingindo as lanternas e deixando metade delas resplandecente em seu despertar. Meu Talento jazia no Ar, mas o Fogo era útil em momentos como este. O chão agora brilhava como poeira estelar, e, no mundo de baixo, os mortais levantariam a cabeça para a curva afiada de luz no céu, cuja face estava parcialmente encoberta.

Poucos escreveram poemas sobre a meia-lua ou a imortalizaram

em pinturas — desprovida do arco elegante de uma lua crescente ou da completude perfeita do orbe; agarrada tanto à luz quanto à escuridão, e perdida em algum lugar entre elas. Eu me reconhecia nessa representação, filha de herança mortal e imortal, à sombra dos meus pais luminosos.

Às vezes, eu me pegava voltando ao passado, envolta em um pouco de arrependimento — perguntando-me o que teria sido de mim se houvesse permanecido no Império Celestial, colhendo glória ao longo dos anos, com cada conquista adornando meu nome até que brilhasse como um colar de pérolas. Uma lenda por direito, reverenciada da mesma forma que os heróis como meu pai, Houyi, ou amada e adorada como minha mãe, a Deusa da Lua.

Os mortais a honravam todos os anos durante o Festival do Meio do Outono, uma celebração de reencontros, embora tenha sido esse o dia em que minha mãe havia ascendido aos céus. Alguns oravam a ela por boa sorte, outros por amor. Pouco sabiam que os poderes de minha mãe eram limitados, talvez destreinados ou remanescentes de sua humanidade — perdida quando consumira o Elixir da Imortalidade, dado ao meu pai por ter assassinado os pássaros solares. Quando ela voara aos céus, meus pais foram irrevogavelmente separados, como se uma morte por espada os tivesse atingido, e de fato havia, pois o corpo de meu pai agora jazia em uma tumba. Meu peito foi tomado por uma angústia. Nunca conheci meu pai, nutrindo-o como uma imagem abstrata em minha mente, enquanto minha mãe sofria de luto por ele todos os dias de sua existência imortal. Talvez isso explicasse o porquê do tédio de sua tarefa não a incomodar; alívio a uma mente estilhaçada de remorso, acalento a um coração apertado de pesar.

Não, eu não precisava de renome e reverência, assim como meus pais não haviam pedido por isso. A fama costuma vir acompanhada de sofrimento; a vibração da glória entrelaçada no terror. E sangue não era facilmente lavado da consciência. Eu não havia me unido ao Exército Celestial para perseguir sonhos tão efêmeros quanto o deslumbre dos fogos de artifício, deixando uma escuridão duas vezes mais profunda em seu despertar. Eu acalmaria essa inquietação,

desenredaria tais desejos. Estar novamente em casa, com minha mãe e Ping'er, ter amor em minha vida... era isso que me completava. Era com isso que eu sonhava, por isso que eu havia lutado, e era isso que eu havia conquistado.

Para muitos, este lugar pode ser humilde, se comparado com a opulência do Palácio de Jade. No entanto, não havia, para mim, lugar mais maravilhoso — o chão brilhando como ondas estreladas, as flores de jasmim-do-imperador pendentes nos galhos como montinhos de neve branca. Às vezes, eu acordava em minha cama de canela-preta tensa com a incerteza de ser só um sonho. Mas a doçura no ar e a leve luz das lanternas eram garantias gentis, embora indiscutíveis, de que eu estava *aqui*, na minha casa, e ninguém me arrancaria daqui novamente.

Quando uma brisa cortou o ar, algo tilintou acima. O loureiro, com seu amontoado de sementes brilhantes como gelo. Na minha infância, eu sempre desejara montar com elas uma pulseira para minha mãe, mas nunca havia conseguido arrancar as sementes. Por hábito, segurei uma, translúcida e gelada, com meus dedos. Eu puxei com força, mas, embora o galho houvesse balançado para cima e para baixo, a semente continuou tão firme quanto antes.

O ar mudou com a presença de outro imortal, mas os escudos permaneciam inalterados. Eu instintivamente agarrei o arco às minhas costas. Depois desse ano pacífico em casa, minha força vital havia se recuperado com muito mais rapidez do que o previsto. Eu não me esgotava mais para sacar o Arco Dragão de Jade; não temia mais a invasão de um intruso. Mas, quase imediatamente, abaixei a arma. Sua aura eu conhecia tão bem quanto a minha — iluminada, brilhante como o verão.

— Uma recepção calorosa, Xingyin. — Soou a voz de Liwei, com uma risada. — Está ansiosa para outro desafio com o arco?

Eu me virei para encontrá-lo recostado a uma árvore, de braços cruzados. Meu coração acelerou, mas mantive a voz firme.

— Pode ser que se lembre, ganhei nosso último desafio. E, desde então, tive muito mais prática se comparado com Vossa Alteza, que passa todo o tempo na corte.

Uma provocação proposital, pois ele não me visitava há semanas. Mas eu não tinha o direito de esperar mais do que isso. Ainda que tivéssemos nos aproximado recentemente, não havíamos prometido nada — éramos mais do que amigos, mas menos do que havíamos sido. As sementes da dúvida, depois de brotarem, eram muito mais difíceis de serem extirpadas.

Os cantos de seus lábios se curvaram em um sorriso:

— Nosso placar está empatado. Pode ser que eu vença.

— Você pode tentar — falei, levantando o queixo.

Ele riu, balançando a cabeça:

— Prefiro manter meu orgulho intacto.

Ele veio até mim, parando quando a barra de seu manto lápis-lazúli tocou o meu em um gentil farfalhar. Uma faixa de seda cinza circundava sua cintura, da qual pendia um bloco oblongo de jade e uma esfera de cristal, iluminada com o prateado da minha energia. A Gota do Céu, cuja gêmea balançava na minha faixa.

Lutei contra o impulso de dar um passo atrás, tanto quanto de dar um passo à frente.

— Não senti a sua chegada. Você ajustou os escudos?

Era fácil para Liwei driblar os encantamentos que guardavam minha casa, pois ele havia me ajudado a construí-los. Por mais que não fossem tão poderosos quanto os do Império Celestial, um alerta vibrava por mim sempre que as fronteiras eram cruzadas. Eu não temia aqueles familiares a nós; era dos estranhos que desconfiava.

Ele assentiu:

— Se forem perturbados, eu também sentirei. O efeito colateral é que agora eles reconhecem a minha presença.

— E isso importa, se você raramente está aqui? — As palavras saíram antes que eu as pudesse segurar.

O sorriso dele se alargou:

— Sentiu minha falta?

— Não. — *Sim*, mas eu não lhe daria essa satisfação. E nunca admitiria, nem se alguém colocasse uma faca contra meu pescoço, que, desde a sua ausência, um buraco doloroso havia se escancarado em mim e apenas agora começava a diminuir.

— Devo ir embora? — ofereceu ele.

Como era tentador virar-lhe as costas! Mas seria um castigo para mim.

— Por que não veio antes? — questionei, pois era o que eu realmente queria saber.

Sua expressão se endureceu:

— Uma questão urgente surgiu na corte; a indicação de um novo general para dividir o comando do exército com o General Jianyun. O relacionamento do meu pai com ele ficou tenso nos últimos tempos.

A culpa se instalou em meu peito. Suas Majestades Celestiais ressentiam-se do General Jianyun por ele ter me defendido um ano atrás, no dia em que conquistei a liberdade da minha mãe? Eles recompensavam quem os serviam bem, mas os insultos eram devolvidos com toda a força.

— Quem é o novo general? — perguntei.

— O Ministro Wu — respondeu ele com tristeza.

Um calafrio percorreu meu corpo com a lembrança do cortesão que havia argumentado com tanta veemência contra misericórdia por nós. Se ele houvesse tido êxito, o imperador teria acorrentado minha mãe e me sentenciado à morte naquele dia. Eu havia ofendido o ministro sem saber? Ou ele realmente acreditava que éramos uma ameaça ao imperador, a quem ele era indubitavelmente leal? O que quer que fosse, meu estômago se revirou ao pensar na influência que ele exerceria sobre o Exército Celestial.

— Eu não havia me dado conta de que o ministro nutria tais aspirações — comentei. — Ele é qualificado para o cargo?

— Poucos recusariam um cargo tão nobre, sejam capazes ou não — disse Liwei. — Eu fiquei para dar o meu apoio ao General Jianyun, esperando que faria com que meu pai mudasse de ideia, mas ele está irredutível. Embora o Ministro Wu seja leal aos assuntos do meu pai, sempre me senti desconfortável ao lado dele, mesmo antes de ele ter se levantado contra você.

— Despido de emoções, o instinto pode ser um guia poderoso. — À medida que eu falava, meu interior se preenchia com a memória da traição de Wenzhi. Quem era eu para pregar tais coisas quando havia

reprimido meus próprios instintos, vendo apenas o que queria enxergar?

Algo pulsou em minha mente como um tambor silencioso; alguém havia passado pelos escudos. Eu examinei a quietude, sentindo o tremeluzir desconhecido de energia. Auras imortais, várias delas, mas nenhuma familiar a mim. Enquanto eu me endurecia, os olhos de Liwei se apertaram. Ele também havia sentido aqueles estranhos que vieram à minha casa.

Desde que a lua deixara de ser um local de exílio, muitos imortais nos visitavam. Uma consequência infeliz do perdão do imperador era ter que aturar seus olhares curiosos e comentários insensíveis, como se eu fosse um objeto em exposição para seu entretenimento.

Como foi ser atingida por um Fogo do Céu? Havia questionado ansiosamente um cortesão Celestial.

Você sobreviver foi um milagre. Um rosto iluminado por antecipação.

Enquanto outro perguntara em uma voz alta demais: *e as cicatrizes? Elas ainda doem? Fiquei sabendo que nunca vão sarar.*

Falsa preocupação. Comiseração arrogante. Falsa simpatia. Tão ociosos quanto as marionetes manipuladas por artistas de rua no mundo mortal. Se eu houvesse detectado um fragmento de cuidado genuíno, não teria me ressentido tanto. Mas a única coisa que incitava seu interesse era a ganância por um vestígio de fofoca para poder compartilhar. Como meus dedos haviam desejado usar meu arco, invocando um raio para enviá-los voando do nosso hall. Eu não o teria liberado, mas a mera ameaça teria sido o suficiente. A única coisa que me manteve presa à minha cadeira foi o olhar da minha mãe e os modos que ela havia inculcado em mim desde que eu era jovem.

Entretanto, é muito melhor essa mera curiosidade do que aqueles com maldade no coração.

Ouviu-se um barulho, algo atingindo pedra. Levantando minha saia, corri em direção ao Palácio da Luz Pura. A cada vez que meus pés atingiam o chão, chutando os montinhos de terra que viravam pó, o Arco Dragão de Jade batia nas minhas costas. Os passos de Liwei nunca se distanciavam enquanto ele corria atrás de mim.

Muros brilhantes surgiram à frente, e a seguir as colunas de

madrepérola. Eu parei com tudo na entrada, analisando os fragmentos de porcelana espalhados pelo chão, encharcados por um líquido de um dourado pálido. Uma fragrância doce e suave emanava pelo ar, calmante e lânguida. Vinho, embora não tivéssemos nenhum armazenado ali.

Liwei e eu avançamos sorrateiros pelas portas do corredor que levava ao Salão Prateado da Harmonia, onde os visitantes eram recebidos. Lâmpadas de jade projetavam uma iluminação suave sobre os estranhos sentados em cadeiras de madeira ao redor de minha mãe. Quando entrei, as cabeças deles se viraram em minha direção ao se levantarem.

Os ornamentos de jade que pendiam da faixa em tom de vermelhão de minha mãe tilintavam enquanto ela vinha em nossa direção.

— Liwei, não o vemos há um tempo — disse ela carinhosamente, deixando seu título de lado, como ele há tanto tempo pedia.

— Perdoe-me por minha longa ausência. — Ele inclinou a cabeça em cumprimento.

Ao cumprimentar nossos convidados, eu os estudava um por um. As auras não eram fortes, o que significava que qualquer problema poderia ser facilmente resolvido, e também não havia nenhum sinal de metal ou um vislumbre de magia pronta para ser conjurada — apenas discernível se alguém estivesse de fato procurando. Um fraco imortal estava ao lado de minha mãe. Seus olhos tinham o tom de um pardal e seu cabelo e barba reluziam grisalhos. Uma flauta de bambu com um ornamento verde estava pendurada em sua cintura. Ao lado dele, havia duas mulheres em mantos lilás com alfinetes turquesa no cabelo. As mãos que elas levantaram ao cumprimentar eram macias e imaculadas, nunca haviam segurado uma arma ou feito o trabalho diário. Minha respiração havia se acalmado até que me deparei com o último convidado. A dureza de seu semblante fazia com que parecesse entalhado em madeira, com seu pescoço cheio de músculos. Por baixo de sua fina veste de brocado, os ombros eram largos, e seus dedos se contraíam sem parar.

Minha pele formigou em advertência, e eu sorri para esconder minha preocupação.

— Mãe, quem são nossos convidados?

— Meina e Meining são irmãs, do Deserto Dourado. Elas desejam se hospedar aqui por algumas semanas para observar as estrelas. — Ela gesticulou em direção ao imortal idoso ao seu lado. — O Mestre Gang, um músico talentoso, veio buscar inspiração para sua última composição. E este é... — Ela parou, franzindo o cenho ao encarar o homem mais jovem. — Temo que tenhamos sido interrompidos antes que eu pudesse aprender o seu nome.

Ele se curvou para nós, unindo as mãos:

— Fico honrado de estar em sua companhia. Meu nome é Haoran, e sou produtor de vinhos no Império da Fênix. Minha patrocinadora, Rainha Fengjin, requisitou um novo vinho que requer o mais fino jasmim-do-imperador. Dizem que os mais belos florescem em sua floresta, e eu humildemente peço sua permissão para colher algumas das flores. Eu ficaria eternamente grato por sua vasta generosidade, que é famosa em todo o reino.

Eu fiquei retraída pela adulação obsequiosa de suas palavras, pela forma como seus olhos sondavam o lugar. Alguma coisa nele me deixava no limite, como uma música tocada no ritmo errado — e não era apenas o fato de ele ser do Império da Fênix, o aliado mais próximo do Império Celestial e lar da ex-noiva de Liwei. Uma recusa estava na ponta da minha língua, uma urgência de mandá-lo embora. Não apenas Haoran, mas todos eles. Estávamos seguros aqui, em uma paz conquistada com dificuldade.

Como se sentisse meu desconforto, Haoran se virou para minha mãe:

— Não seria por mais do que alguns dias. Eu trouxe um humilde presente, várias jarras do meu mais fino vinho, uma das quais infelizmente caiu lá fora — comentou ele arditamente.

— Mestre Haoran, é uma grande gentileza, mas não há necessidade de presentes — respondeu minha mãe com graciosidade. — Damos boas-vindas a todos vocês. Espero que nos perdoem por nossa simplicidade; não oferecemos um entretenimento grandioso.

O Mestre Haoran novamente inclinou a cabeça:

— Sou muito grato.

Os outros se curvaram em agradecimento antes de seguir minha mãe para fora do cômodo, deixando-nos, a mim e Liwei, sozinhos no salão. Quando eu me sentei em uma cadeira, pressionando um punho em meus lábios, Liwei tomou seu lugar ao meu lado.

— O que achou do Mestre Haoran? — questionei.

— Gostaria de experimentar seus vinhos.

Eu não estava para brincadeiras:

— Talvez eu esteja procurando problema onde não existe. Talvez esteja acostumada com isso.

Liwei se aproximou de mim, com o semblante sério:

— Confie nos seus instintos; eu confio. Fique de olho neles. Se alguma coisa acontecer, me envie notícias imediatamente.

Quando seus olhos se direcionaram à Gota do Céu na minha cintura, sua expressão ficou mais rígida. Memórias me rodearam — uma caverna escura, uma risada provocadora, a ponta da espada de Liwei pressionada contra a minha carne... e o quanto chegamos perto de perdermos um ao outro.

Eu encarei o corredor até que os passos se tornaram silêncio. Pela primeira vez, estranhos residiriam sob o teto da minha casa. Esforcei-me para lembrar a última vez em que havia me sentido assim aqui — uma criança escondida da Imperatriz Celestial, pressionada contra a parede de pedras, semicongelada de terror.



Meus dedos ficaram imóveis sobre o *guqin* quando olhei pela janela. O Mestre Haoran estava caminhando para a floresta como havia feito todas as tardes na última semana, com uma cesta de bambu amarrada nas costas. Seu assobio cortava o ar, com o timbre me dando nos nervos. Uma tesoura prateada cintilava na luz do entardecer enquanto ele a manuseava habilmente. Os dedos deles seriam tão ligeiros assim ao empunhar uma arma?

— Essa música que você está tocando é uma que até *eu* posso tentar. — A voz da minha mãe, vindo de trás, interrompeu meus pensamentos.

Dei um sorrisinho, colocando o *guqin* de lado. Minha mãe não tinha nem habilidade nem interesse por música, e por isso foi Ping'er que havia me instruído.

Ela se sentou, unindo as mãos sobre a mesa.

— Parece que você não gosta muito dos nossos convidados.

— De um em específico. — Inclinei minha cabeça em direção à janela.

— Por que não gosta do Mestre Haoran? Ele tem boas maneiras e é atencioso.

Eu não tinha nenhum motivo real para não gostar dele. Era apenas uma sensação, como a mudança no ar por causa da aura de um imortal, o formigamento incômodo de estar sendo observada. E, como dissera Liwei, eu deveria confiar nos meus instintos... ou pelo menos não os silenciar por causa do que eu desejava que fosse verdade.

Eu não queria estar certa; não queria que mais perigo viesse à

nossa casa.

— Ele nunca abaixa a guarda. Tenso, como se escondesse alguma coisa — expliquei devagar. — Sempre que faço uma pergunta, ele se esquivava, mudando o foco da conversa para não falar de si mesmo. — Eu ficava bem atenta à evasão, por ter passado anos escondendo a minha identidade.

— Talvez ele não esteja acostumado com companhia. Certas pessoas se sentem desconfortáveis com assuntos pessoais; algumas preferem escutar — acrescentou minha mãe. — O Mestre Haoran tem medo de você. Percebe como olha para ele? Com os olhos apertados, os lábios curvados. — Ela tocou minha mão com delicadeza. — Xingyin, sei que foi machucada. Se suspeitar de todo mundo, vai acabar estando certa uma hora, mas de qualquer forma ficará decepcionada. Às vezes, ao tratar outras pessoas com desconfiança, você a atrai para si mesma. Ao se recusar a ver o bem nelas, pode perder algo precioso que nunca se permitirá encontrar.

As palavras dela eram verdade. Há alguns dias eu havia percebido que estava procurando por zombaria em um sorriso, por ameaça em um franzir de cenhos. Procurando por inimigos em toda sombra.

Ela se levantou, ajeitando as dobras de seu manto. Enquanto as palmas de suas mãos se arrastavam pelo tecido, as pontinhas dos lótus prateados bordados brilhavam com mais força. Era um truque da luz? Eu não achava que era poder dela; nunca havia se manifestado de nenhuma outra forma.

— Eu vim para lhe dizer que Shuxiao está aqui.

Minha energia se elevou. Tirando Liwei, ela era quem mais me visitava, e era sempre bem-vinda.

— Onde ela está?

— Na sala de jantar, atormentando Ping'er para ganhar comida.

Fui para lá na mesma hora. O chão era pavimentado com pisos de pedra cinza, cobertos por um tapete de seda em tons de violeta. Uma mesa redonda com pés curvados se encontrava no centro do cômodo, rodeada por banquinhos em formato de barril. O pau-rosa estava incrustado de madrepérola iridescente, formando imagens de flores e pássaros. Cabiam confortavelmente oito pessoas à mesa, e na minha

infância nunca imaginei que chegaria um dia em que fosse ser muito pequena.

Um aroma aconchegante e apetitoso subia da comida já servida: uma sopa grossa cheia de pedaços de carne e raízes de lótus fatiadas, ovos inteiros cozidos em ervas, brotos de ervilha macios, peixe frito dourado e crocante, e tigelas de arroz cozido no vapor. Muito mais simples do que no Império Celestial, mas rico em sabor. O Mestre Gang ocupou o banquinho ao lado de minha mãe, enquanto as irmãs do Deserto Dourado sentaram-se do outro lado dela. O Mestre Haoran estava ausente, como havia sido na última semana — embora suas jarras de vinho estivessem à mesa, e nossos copos já cheios. Era uma excelente fermentação, com notas adocicadas de ameixa. Ainda que eu duvidasse de sua história, sua habilidade em fazer vinhos não tinha sido exagerada. Eu esvaziava meu copo sem hesitação, caindo em um sono profundo e tranquilo, apesar de acordar pelas manhãs com uma dor que assolava minha cabeça.

Enchi duas tigelas com a sopa de raiz de lótus, então me dirigi a Shuxiao. Apesar de seu sorriso, seus olhos não refletiam o mesmo sentimento.

— O que está incomodando você? — Eu não perdi tempo com gentilezas, passando uma das tigelas para ela.

— As coisas estão tensas no Palácio de Jade — admitiu. — O novo general mantém as nossas rédeas curtas.

— O General Wu? — O recém-adquirido título do ministro ainda não soava bem para mim.

Ela assentiu.

— Com o General Jianyun colocado de lado, o General Wu agora é o poder real por trás do exército. Ele é rígido e severo. As regras são seguidas até nos mínimos detalhes, com punições aplicadas às mais leves das ofensas. Conversar é considerado um lapso nos nossos deveres, mesmo durante as refeições. Agora só ficamos sentados em silêncio, sem ousar olhar uns para os outros, como se fôssemos crianças com o tutor mais rígido do reino.

Um exército dividido é mais fácil de ser controlado. Um pensamento que não era bem-vindo. Estaria o Imperador Celestial temeroso de que

seus soldados se uniriam mais uma vez contra sua vontade? Os soldados não haviam percebido que seu apoio a mim poderia ser visto como um desafio ao imperador — eram ignorantes a respeito do que eu havia feito para receber sua fúria. Minha verdadeira provocação ao imperador aquele dia, a má interpretação calculada de seu comando para que eu levasse as pérolas a ele, era algo que somente nós dois sabíamos. E, provavelmente, o general promovido, seu conselheiro mais confiável.

— Essa é a pior parte? Refeições em silêncio? — perguntei com leveza, tentando melhorar seu humor, apesar de minhas próprias reservas.

Ela torceu o nariz:

— É difícil acompanhar as regras quando novas são criadas todos os dias. Logo, será uma infração deixar o palácio sem permissão. Então eu não poderei mais visitar você.

Esse pensamento me incomodou. Como as coisas haviam mudado desde que eu saíra do Império Celestial! Como eu teria ficado irritada com essas restrições! A pior punição de que me recordo foi uma repreensão severa do General Jianyun ou Wen, lembrei-me, deixando a memória indesejada de lado.

— O que acontece se você ignora as regras? — perguntei.

— Ficar de joelhos. Confinamento. Ser flagelado. — Sua voz falhou na última palavra.

Meus dedos se apertaram ao redor da tigela:

— Você precisa ter cuidado.

— Ah, eu tenho. Nunca fui tão cautelosa quanto agora — disse ela emotiva. — Mas parece que estão de olho em mim, principalmente depois da promoção do General Wu.

— Por quê? — Como ela não respondeu, sondei: — É por causa da nossa amizade?

Ela olhou para baixo, mexendo a sopa com a colher:

— São as outras pessoas vendo ameaça onde não há. Isso não muda nada; não vou ceder a eles.

O remorso me assolou. Era o que eu temia aquele tempo todo, que ela sofresse simplesmente por ser minha amiga.

— Se as coisas estão tão ruins assim, se querem punir você, por que ficar?

— Ainda não posso ir embora. Enquanto eu servir ao imperador, minha família estará segura. Não temos amigos poderosos que poderiam nos defender caso haja algum outro problema. Meu irmão mais novo espera se juntar ao exército assim que tiver a idade certa e, se eu me demitir, ele perderá a chance. — Seu olhar ficou distante. — Às vezes, afastar-se do problema não garante segurança. Pedrinhas que ficam ao lado da estrada serão pisadas por pés descuidados, e palavras vazias carregam muito peso quando sussurradas nos ouvidos errados.

— Tem espaço para você e sua família aqui — ofereci de imediato.
— Os olhos do Império Celestial estão bem distantes.

Mas ainda estão fixos aqui, uma voz interna me alertou.

— Quem dera eu pudesse — lamentou ela. — Mas a minha família ficaria relutante em se mudar. As raízes que criamos não são facilmente removidas.

Um anseio familiar passou por mim. Nos anos em que estive longe de casa, havia me sentido à deriva com grande frequência — uma erva daninha que havia brotado em solo estranho e hostil. Dei uma olhada pelo salão, absorvendo o mobiliário familiar, o carpete desgastado, o banquinho em que me sentava quando criança. Infinitas memórias habitavam este lugar, cada uma delas preciosa e insubstituível. Mas o que mais importava eram as pessoas entre as paredes. A família, de sangue ou por vínculo, que dava um coração ao lugar. E isso era mais importante do que qualquer piso ou tijolo, fossem eles de ouro, prata ou jade.

A cadência de uma flauta correu pelo ar. O Mestre Gang estava tocando, com a borla em seu instrumento balançando a cada respiração. A conversa silenciou no salão quando as pessoas se viraram para ele, que tocava excepcionalmente bem, com as notas soando puras e verdadeiras.

Quando a última nota se extinguiu, minha mãe agradeceu:

— Obrigada, Mestre Gang. A sua música é um presente.

— Você é muito gentil, Deusa da Lua.

— Você sempre toca para a sua família?

— Minha mulher. Ela adorava música. — Ele sorriu enquanto olhava para mim: — Fiquei sabendo que sua filha é uma musicista habilidosa. Quando podemos ter o prazer de ouvir uma música? Ficaria encantado de dividir algumas composições minhas com você.

— Obrigada, Mestre Gang, mas eu teria dificuldade para acompanhar seu desempenho. — Não declinei por modéstia, mas porque preferia tocar para o público de minha escolha.

Com o surgimento de um silêncio incômodo, Shuxiao perguntou:

— Mestre Gang, você encontrou bastante inspiração para sua música aqui?

Ele assentiu com entusiasmo:

— Ah, Tenente, este lugar é uma maravilha: as folhas farfalhando ao vento, a chuva batendo no telhado, até mesmo a leveza da terra sob meus pés. Estou inclinado a ficar um pouco mais, se minha anfitriã assim o permitir.

— Fique o tempo que desejar — respondeu minha mãe com uma cortesia impecável, apesar de eu ter percebido a hesitação em seu tom. Talvez ela também sentisse falta da solidão de nosso lar.

Depois da refeição, acompanhei Shuxiao para fora. O véu da noite havia encapado o céu, apesar de as lanternas ainda não terem sido acesas.

Enquanto ela subia em sua nuvem, eu toquei seu braço:

— Não abaixe a guarda. Não faça nada que não deveria.

— Como você sempre fez? — A risada dela soou vazia enquanto balançava a cabeça. — Eu mudei meu jeito de ser. Agora sou um modelo de obediência.

Dei a ela um pacote embrulhado em seda.

— Flores de jasmim-do-imperador para Minyi.

Quando estudei com Liwei, ela preparava nossas refeições e havíamos nos tornado amigas.

Shuxiao o colocou embaixo do braço:

— Suas árvores logo ficarão vazias com todos os enólogos e cozinheiros batendo à sua porta. Como eles sabem das flores?

Não respondi, levantando minha mão em um adeus conforme sua

nuvem acelerava para longe. Ela ficaria bem, garanti a mim mesma enquanto me dirigia ao meu quarto. Shuxiao era astuta, tinha muitos amigos no palácio, e Liwei cuidaria dela. No entanto, quando me deitei na cama, a pergunta dela não saía da minha cabeça, meu último pensamento antes de pegar no sono: como o Mestre Haoran sabia de nossas jasmims-do-imperador? A maioria dos nossos convidados não se dava ao trabalho de caminhar pela floresta, e eu não havia me oferecido para mostrá-la a eles.

BLAM. BLAM. BLAM.

Havia um farfalhar melodioso como o tilintar de um sino dos ventos. Rítmico, mas abafado, como se viesse de muito longe.

Meus olhos se abriram, piscando no escuro. Pelo profundo silêncio, ou era tarde da noite ou muito cedo pela manhã. Será que eu havia imaginado esses sons? Talvez devesse ter bebido um pouco do vinho do Mestre Haoran, minha noite de sono teria sido tão tranquila quanto as anteriores.

Blam. Blam. Blam.

Sentei-me com tudo na cama, afiando meus ouvidos. Era *real*, como se algo sólido estivesse sendo atingido. E o que era aquele farfalhar que seguia como um eco persistente? Jogando as cobertas de lado, corri para a janela aberta, inalando o ar fresco de uma doçura delicada. O céu estava escuro, o chão infundido com o luar. À distância, o loureiro imperava, com seus galhos se chacoalhando como se estivesse sendo atacado pelo vento, ainda que as árvores de jasmim-do-imperador permanecessem paradas.

O medo tomou conta de mim, duro e frio. Meus dedos tremiam enquanto eu colocava meu manto por cima das roupas de baixo, amarrando-o ao redor da minha cintura. Vesti meu sapato, peguei meu arco e pulei a janela. Meu olhar estava fixado no loureiro que balançava, meus pés voavam acima do chão, tropeçando, quase caindo. Uma, duas, três vezes, aquelas batidas estranhas soaram de novo, causando espasmos agonizantes à árvore. Parei logo antes da clareira, apertando o arco entre meus dedos.

Havia um homem ao lado do loureiro, de costas para mim. A aura que emanava dele era grossa e opaca, como gordura congelada. Havia uma estranha familiaridade nela, meus sentidos formigavam em advertência. Um brilho chamou minha atenção, o luar absorvendo a curva prateada de uma lâmina de machado, uma borla verde balançando em seu cabo de bambu. Foi movimentado para baixo, acertando o loureiro, o metal lascando a casca. Alguma coisa escura escorria da palma do lenhador para a árvore. Sangue? Ele havia se machucado? Mas então a árvore chacoalhou violentamente, folhas pálidas farfalharam e uma semente caiu no chão, brilhando como uma estrela cadente.

Saquei uma flecha de fogo e saí da sombra, meu coração batendo a mil. Enquanto o homem se movimentava, apontei o arco para sua cabeça e o ar escapou por entre meus dentes.

Mestre Gang.

E lá se foram seu comportamento dócil e sua postura curvada. Seus olhos marrons brilhavam como os de um falcão predador. Um perito em dissimulação, pensei com ódio, pois havia mascarado também sua aura poderosa. Eu não deveria mais ter sido enganada por esse simples encantamento, o mesmo que Liwei e eu usamos para escapar do Palácio de Jade sem sermos detectados. Se houvesse pensado nisso antes, eu teria sacado a espada em vez de lhe oferecer chá. As minhas suspeitas sobre o Mestre Haoran haviam mascarado a real ameaça entre nós. Crucifiquei-me por ter deixado a fragilidade de Mestre Gang me levar a pensar que ele não era uma ameaça, quando eu já deveria saber que as coisas não eram sempre o que pareciam.

— Você veio para a gente trocar composições? — ele provocou, tirando sarro de sua oferta anterior.

— Não tenho interesse na música que você toca — retruquei, com meu olhar fixo no machado. Pequenos buracos arredondados tinham sido esculpidos no fino cabo. Era a flauta dele, percebi com espanto. Meu estômago se revirou com a ideia de que ele havia trazido essa arma para a nossa casa, meus dedos coçando para disparar a flecha, mas eu queria respostas primeiro:

— Não se mexa, não tente usar magia. Fale quem você é, e por que

veio aqui.

— Por que eu faria isso? — Os olhos dele brilhavam em divertimento, mesmo ao repousarem sobre meu arco. — Você não tem o direito de me pedir nada. Eu estou atrás de algo que não pertence a você. — Uma de suas mãos soltou brevemente, revelando grossas cicatrizes na palma, crostas escuras de pele cobertas por sangue.

Uma breve distração. Minha cabeça se voltou para ele, tarde demais. Ele estava correndo em minha direção, com o machado levantado. Girei para o lado, soltando a corda do arco enquanto ele se curvava para trás, com a flecha voando sem perigo por cima dele. Seu machado brilhou à minha frente, e eu me desvencilhei, saindo do alcance da lâmina, que cortou uma mecha do meu cabelo, espalhando-o como grama tosquiada. Um segundo depois e eu teria sido partida ao meio.

Senti um arrepio na espinha, a corda do arco roendo meus dedos ao conjurar outra flecha, soltando-a de uma vez. Um raio sibilou, chamuscando pelo ar ao voar na direção dele. Alguma coisa tremeluziu em seu corpo — um escudo — bem quando minha flecha atingiu. Veias de luz branca estalaram pela barreira. Ao ser fraturada, a energia dele surgiu para selar as rachaduras. Levando seu braço para trás, ele arremessou o machado em minha direção, rodando pelo ar em um borrão prateado. Eu me joguei no chão, pressionando a bochecha e as palmas da mão contra o chão poeirento. O machado passou zunindo por cima do meu corpo, atingindo o tronco de uma árvore de jasmim-do-imperador, pétalas se espalhando como chuva. Enquanto eu rolava e ficava de pé, a arma estremeceu antes de se libertar e voltar à posse do Mestre Gang. Uma fagulha de luz se apresentava ameaçadoramente de sua mão enquanto outra flecha se formava nas pontas de meus dedos, já voando em direção a ele, mas ele se esquivou, e a flecha desapareceu na noite.

— Quantas vezes você consegue fazer isso? — Seu tom era agradável, quase uma conversa.

— Quantas forem necessárias para matar você.

O suor escorria pela minha pele enquanto eu tentava reunir minha energia. Ele me atacou de novo, mas desta vez eu não recuei. Magia

surgia das minhas palmas em rajadas de vento circulares, que o amarraram com velocidade. Com um movimento da minha mão, ele foi atirado ao chão e bateu a cabeça em uma pedra. Um rugido escapou de sua garganta e suas pálpebras se fecharam, com o machado tombando de sua mão. Eu me aproximei com cautela, com uma flecha formada, os nervos à flor da pele. Ele parecia muito forte para ser derrubado com tanta facilidade, e eu já havia caído em seu fingimento antes...

Uma arfada quebrou o silêncio.

— Mestre Gang! Está ferido? — gritou Ping'er de trás de mim, correndo para onde ele estava deitado.

— Ping'er, se afaste!

Pulei para bloquear seu caminho, muito lenta, os olhos de Mestre Gang se abriram. Ele ficou de pé com um pulo, agarrando o braço dela. Quando seu machado voltou à sua mão, ele pressionou a lâmina monstruosa contra o pescoço dela.

— O que você está fazendo? — Conforme Ping'er se debatia, ele segurou com ainda mais força, a faca cortando a pele dela. Ela congelou imediatamente, com o peito inflando.

— Deixe-a ir. — Respirei fundo, suprimindo a vontade de ser imprudente.

— Solte seu arco e dê um passo para trás. Deixe-me ir embora, e ninguém vai se machucar.

— E o que impedirá você de nos matar?

— Eu dou minha palavra — prometeu ele, como se valesse de alguma coisa, como se ele não houvesse vindo à nossa casa e nos enganado.

Com a minha hesitação, a arma dele foi fincada na pele de Ping'er, uma gota de sangue escuro escorrendo em seu manto claro. Um som estrangulado escapou de sua garganta, ainda que ela se mantivesse completamente parada.

— Machuque-a mais uma vez e você se arrependerá — disse com a minha voz mais ameaçadora. — Não preciso de arma para fazer você pagar.

Os dentes dele cintilaram quando seus lábios se abriram.

— É claro, eu não ousaria desafiar uma guerreira de renome. —
Havia escárnio em seu tom de voz.

Segurei minha raiva, deixando o arco cair no chão. Ele empurrou Ping'er em minha direção e fugiu. Quando eu a peguei, uma nuvem surgiu, carregando-o pelo céu.

Eu o teria perseguido, porém Ping'er arfou, segurando seu pescoço. A palma da mão dela saiu molhada de sangue, e ela caiu no chão. Senti um frio na barriga enquanto me agachava ao lado dela, segurando suas mãos geladas entre as minhas. Liberei minha energia para curar seu ferimento, a pele rasgada se fechando em uma fina linha branca. Não era o trabalho mais delicado, mas não havia por perto quem poderia ter feito melhor.

Ping'er resmungou ao esfregar as têmporas:

— Xingyin, o que aconteceu? Por que... por que o Mestre Gang fez aquilo?

— Eu não sei. Ele é um mentiroso e um ladrão — respondi, franzindo a sobancelha.

Quando ela tentou se levantar, algo caiu das dobras de seu manto amarelo — uma pérola oblonga pendurada em um fino cordão dourado. Brilhava com um fogo interno, quase como as pérolas dos dragões, mas sem vestígio de seu imenso poder. Ela sempre usou isso? Estava escondida em suas vestes esse tempo todo?

— Ping'er, o que é isso? — Esfreguei um dedo pela superfície lustrosa da pérola, quente.

Seu rosto se anuviou:

— Isso se formou no dia em que saí de casa. Para os imortais do Mar do Sul, somente as lágrimas surgidas de nossas emoções mais profundas se transformam em pérolas.

— Você sente falta da sua família? — Uma pergunta idiota, feita sem pensar. É claro que sentia, apesar de Ping'er nunca ter retornado, nem uma vez em todas essas décadas.

Um brilho surgiu em seus olhos, e ela piscou para disfarçar. Eu me virei, para que ela tivesse tempo de se recompor. Alguma coisa reluziu entre o relvado — uma semente do loureiro. Peguei-a, rolando-a entre os dedos, sua superfície gelada e dura era familiar, mas era a primeira

vez que a segurava solta do galho. Um pulsar de energia percorreu minha pele. Por que o Mestre Gang queria isso? Por que havia se esforçado tanto? Voltei meu olhar para o loureiro, seu tronco crivado por sulcos profundos como se houvesse sido arranhado por alguma besta e esfregado com um líquido escuro. Era sangue? Ele havia se machucado enquanto cortava a árvore?

Uma fragrância amadeirada inundou o ar, uma seiva dourada e lustrosa escorria das rachaduras no tronco. As bordas das lascas de madeira se prolongaram, trançando-se até se fundirem em uma só novamente. Meu olhar se voltou para as sementes do loureiro acima de mim, que brilhavam como uma geada prateada, escondidas entre as folhas. Sempre as achei lindas. Preciosas e raras. Mas um frio percorreu meu corpo ao imaginar quais segredos escondiam em suas profundezas brilhantes.



Na luz final do entardecer, o loureiro brilhava como uma coluna de gelo. Passei meus dedos pelo tronco, tão liso quanto mármore — como se nunca houvesse sido devastado pelo machado, como se eu houvesse imaginado tudo aquilo.

— É aqui que você passa todo o seu tempo? — perguntou Liwei ao se aproximar.

— Foi onde passei noite passada. Sem ter planejado — respondi com uma careta. Sem delongas, contei do ataque do Mestre Gang.

— Ele machucou você? — Seu rosto empalideceu.

Balancei a cabeça, entregando a semente a ele, menor do que meu polegar, alguma coisa opaca girando como um pedacinho de nuvem.

— Isso caiu do loureiro. Tem alguma magia que eu não consigo identificar.

Ele a levantou, examinando-a com atenção:

— Gelada. Sua energia é forte, mas não é familiar. Vamos testar.

Quando ele ergueu a outra mão, a semente flutuou no ar. Chamas carmesim a engoliram com um crepitar, pulando alto e então morrendo abruptamente, deixando a semente chamuscada como um fragmento de carvão. Senti um alívio por não ser um grande tesouro, afinal, nada de um poder misterioso. Certamente não valia os esforços de Mestre Gang.

— Xingyin, veja.

A urgência no tom de Liwei me assustou. A semente estava brilhando mais uma vez, como se houvesse trocado de pele, apenas um pouco mais fraca do que antes. Ter sobrevivido intacta ao fogo de

Liwei indicava que seu poder era forte.

Minha magia fluiu brilhante, rodeando a semente em camadas de ar, apertando cada vez mais forte, até que fraturas surgiram na superfície. Tensioneiei, canalizando mais energia, tentando esmagá-la, para provar que não era poderosa — mas um brilho surgiu de suas profundezas, selando as rachaduras.

Os olhos de Liwei se apertaram ao levantar uma mão para a árvore, com mais chamas em erupção, em grossas ondas, para consumi-la. Ao varrerem as folhas e o tronco prateados, eu recuei, engolindo meu protesto instintivo — eu amava o loureiro desde que era criança, brincando em sua sombra, fascinada por sua beleza. Quando os dedos de Liwei se fecharam em um punho, o fogo ficou mais quente, o tronco escureceu em alguns pontos... mas as chamas estremeceram e se apagaram antes de se transformar em um filete de fumaça. A seiva cintilante espirrou mais uma vez, escorrendo pelo tronco. Uma radiância luminosa se impregnou no loureiro, com as marcas de queimado sumindo, deixando a madeira imaculada.

— Regeneração. Mas nunca encontrei nada tão poderoso — ponderou Liwei, encarando a árvore.

Lembrei-me da facilidade com que minha magia havia fluído, muito diferente de quando havia sacrificado minha força vital para libertar os dragões. Aqui, eu havia me recuperado com mais rapidez do que qualquer pessoa pensava ser possível. E agora eu sabia por quê.

— Ele também me curou. Assim que retornei, mal podia lidar com os escudos, e agora... estou quase tão forte quanto antes. — Senti tanto alívio quanto um pavor tremendo.

— Fico feliz por isso — Liwei inclinou a cabeça em minha direção —, mas por que parece tão preocupada?

— Para o que mais pode ser usado? O que o Mestre Gang quer com ele? Quem é ele? Porque ele não é um músico inofensivo ou um mero ladrão.

— Vamos descobrir — assegurou-me ele. — Você já conseguiu soltar mais sementes?

— Não. As armas não funcionaram, nem espadas nem adagas.

Nenhuma delas faz sequer um arranhão, as marcas somem assim que aparecem, assim como com seu fogo. Não sei como o Mestre Gang conseguiu.

— Talvez o machado fosse encantado? Você se lembra de mais alguma coisa de ontem à noite?

Pausei, remoendo as névoas dos meus pensamentos:

— Ele era forte e rápido, era surpreendente. A arma dele conseguia abrir sulcos no tronco do loureiro, diferente das nossas, mas não senti nenhuma magia.

Então alguma coisa chamou minha atenção, uma nuvem descendo do céu, em direção à ala de convidados. Quem a havia invocado? Seguindo o caminho da nuvem, chegamos depressa ao pátio do Mestre Haoran. Árvores de magnólia faziam sombras pelo chão, com as raízes onduladas por cima do gramado, os galhos entremeados acima de uma mesa de pedra redonda.

Quando eu bati na porta treliçada, um xingamento abafado escapou para fora, seguido por passos apressados. Liwei abriu as portas com tudo. Estava escuro lá dentro, com tecidos pendurados nas janelas. A luz penetrou pela entrada que abrimos. No ar, uma doçura inebriante vinha das flores amassadas empilhadas em bolsas de seda — algumas amarradas e outras bem abertas, com pétalas caídas pelo chão.

Mestre Haoran surgiu de onde estava agachado, empilhando jarras de vinho seladas com um tecido vermelho em uma caixa de madeira. Ele piscou, jogando uma das mãos para proteger seu rosto do brilho.

— Cuidado! A luz vai estragar as pétalas!

Com um golpe do meu poder, as cobertas foram arrancadas das janelas, a luz do sol adentrando.

— Pare com o fingimento. Sabemos que não está aqui pelas flores.

— O que você quer dizer? — Ele me olhou sem expressão. — Por que você está aqui?

— Podemos fazer a mesma pergunta para você — respondeu Liwei friamente. — Por que está indo assim, sem nem se despedir de sua anfitriã?

— Uma questão urgente surgiu. Problemas de família. — Suas

palavras saíram sem jeito, ditas com pressa.

Pego desavisado, o Mestre Haoran era um mentiroso tão ruim quanto eu havia sido, antes de minha própria língua ser pega em mentira. Minha mente trabalhava rapidamente, com os fragmentos sendo colocados no lugar: a chegada dele com o Mestre Gang, sua vontade de nos agradar com vinho, sua pressa em ir embora.

— Por que você veio até aqui? Por que mentiu para nós? — exige saber.

Mestre Haoran ficou tenso, então correu em direção à porta. Serpentinhas ardentes romperam das mãos de Liwei, circundando-o como uma cobra.

— Parem! Poupem-me! Vou contar tudo o que sei. — Ele lutava entre as chamas que se contorciam. Não havia odor de pele queimada no ar; o fogo não o atingiu, apenas o manteve no lugar.

Falei com mais gentileza:

— A verdade é a melhor maneira de você sair daqui sem se machucar. — No entanto, se ele houvesse armado um esquema para nos ferir, não teria misericórdia.

Ele assentiu com vontade:

— A Rainha Fengjin não está me patrocinando. Meus vinhos são os melhores do império, mas aqueles mordomos arrogantes do palácio se recusam a me dar uma chance. Vossa Majestade gosta de vinho de jasmim-do-imperador e eu... eu queria ser o favorito dela. O Mestre Gang foi à minha loja e me contou dos jasmims-do-imperador da lua, com cada flor perfeita. Em troca, tudo o que ele queria era um pequeno favor. Parecia inofensivo, e era costume dar um presente à anfitriã.

— O vinho. — Repreendi-me por tê-lo bebido. O Mestre Gang deve ter adicionado alguma coisa a ele a fim de nos colocar todos para dormir. Se eu houvesse bebido na noite anterior, teria desmaiado, ignorando tudo o que sucedeu.

Ao olhar para o Mestre Haoran, e sua pele de uma palidez doentia, minha raiva se dissipou. Ele havia sido usado como uma máscara — suas mentirinhas me distraíram, permitindo que o verdadeiro vilão vagasse sem ser descoberto. Ao me concentrar em uma única árvore,

perdi de vista a floresta.

— O que mais ele contou para você? — pressionou Liwei.

— Só que ele precisava recuperar algo que pertencia a ele. Não achei que tivesse alguma intenção vil.

Mestre Gang havia dito a mesma coisa quando o confrontei. Eu achara que era papo-furado, uma mentira para ocultar suas ações.

— Quem é ele? — questionei.

— Ele não disse e eu não ousei perguntar. — Mestre Haoran mordeu seu lábio inferior. — Quando nos encontramos da primeira vez, ele estava usando um ornamento de jade incrustado com o sol. Não o vi desde então.

O símbolo do Império Celestial. Liwei inspirou devagar enquanto meu peito se apertou.

— Não sei mais nada. Juro. — A voz do Mestre Haoran tremia.

— Deixe-o ir. Ele também foi enganado — eu disse a Liwei.

Com o desaparecimento de suas amarras, Mestre Haoran caiu no chão, tremendo, mas seu olhar recaiu sobre os pacotes de seda espalhados pelo quarto.

— Pegue as flores. Você está livre — falei a ele.

— Obrigado. — Ele nos cumprimentou, então recolheu o máximo de bolsas que conseguiu enfiar em seus braços. Sem olhar para trás, correu do quarto, com o vento uivando enquanto sua nuvem sumia no céu.

O silêncio se retesou entre nós.

— Muitas pessoas usam esse ornamento — disse Liwei. — Mesmo que fosse do Império Celestial, não quer dizer que ele está sob comando do meu pai. Meu pai não tem necessidade de tais medidas desonestas. A lua está sob regimento Celestial. Se quisesse, ele teria ordenado que sua mãe aceitasse a presença do Mestre Gang.

Não se ele quisesse que seu interesse se mantivesse em segredo. Mas assenti, ansiosa para aceitar esse pequeno conforto. Eu não tinha nenhuma vontade de confrontar o Imperador Celestial de novo.

— Precisamos de mais informações. Será que a Professora Daoming sabe alguma coisa sobre a semente do loureiro?

A Professora Daoming era uma das poucas pessoas em quem eu

confiava no Palácio de Jade. Ela havia me protegido, apesar de não parecer no começo, quando eu sofria com minhas lições. Só depois percebi que ela estava me ajudando a superar as barreiras do meu poder, e só depois que a respeitei é que fui respeitada por ela.

— Vou perguntar a ela — assegurou-me Liwei.

Quando ele colocou a semente do loureiro no bolso interno da manga, as garças bordadas em suas vestes abriram as asas e se puseram em posição de luta. O robe dele era do mais fino brocado azul, amarrado em sua cintura com uma faixa de brocado prata. Meu olhar se estendeu do seu pescoço liso ao seu cabelo preto reunido em um coque alto, envolto por uma coroa de safira e ouro.

Como estava magnífico! Formal, da realeza. Surgiu em mim um desejo irracional de que eu houvesse me vestido com mais cuidado; devia ter amarrado meus cabelos em vez de prendê-los na metade do caminho às costas. Aqui, não era necessário se vestir com fineza.

— Você vai a um banquete depois? — perguntei, ainda que soubesse que ele não gostava de tais eventos.

Ele balançou a cabeça em negativa:

— Por que perguntou isso?

— Porque você está... porque está vestido assim — terminei, desajeitada.

Um canto da boca dele se elevou:

— É do seu agrado?

Encontrei seu olhar:

— Combina com você.

Não era bajulação; a aparência dele era a do Príncipe da Corte Celestial, ainda que a disparidade de nossas posições nunca tenha ficado mais evidente.

Seu poder tremeluziu e a coroa se transformou em um simples círculo de prata, as garças de suas vestes se acalmaram antes de desaparecer.

— Você nunca foi muito boa em esconder seus pensamentos.

— Para você, não mesmo. E você não precisava fazer isso. — Mas eu não podia negar que me sentia mais confortável com ele assim.

— Eu quis fazer. — Liwei pausou, tirando um fio de cabelo da

testa. — Xingyin, quero mostrar uma coisa para você.

A intensidade da sua voz me surpreendeu:

— Agora?

Ele encarou o céu escurecendo:

— Não há melhor momento. Vou trazer você de volta antes do amanhecer.

Seus dedos se entrelaçaram aos meus ao me conduzir para fora do quarto. Do lado de fora, uma nuvem já nos aguardava. O vento batia no meu rosto ao nos elevarmos cada vez mais alto, até que minha casa não passava de um orbe pálido à distância. Já tínhamos voado assim uma vez, com nossos corações interligados, antes das tempestades que nos separaram.

Quando nossa nuvem parou, olhei para cima, sem pensar em nada. As estrelas brilhavam à nossa frente, em toda a imensidão do céu, tão brilhantes quanto neve ao luar.

— Liwei, onde estamos? — Minha respiração formava uma névoa no ar gelado.

— No Rio Prateado.

— Foram essas estrelas que separaram a Deusa Tecelã de seu marido mortal? — Era uma lenda bem conhecida do Reino Mortal.

Ele assentiu:

— Tal união vai contra as leis do nosso reino. Dizem que a deusa fugiu para o mundo de baixo, até que recebeu ordens de retornar aos céus. O marido dela correu grande perigo para a seguir e, depois de muito sofrimento, finalmente puderam se reencontrar um único dia por ano. O sétimo dia do sétimo mês lunar, quando os mortais celebram o Festival Qixi.

Antes, eu ficava extasiada pelo romance e pela beleza etérea desse mito. Mas, depois de ter meu coração partido, sentia apenas piedade. Não conseguia deixar de pensar nos meus pais e nas semelhanças com o conto. Talvez todas essas uniões estivessem fadadas à tragédia, porque que futuro poderiam ter um mortal e um imortal quando a morte os separava?

— Por que está tão triste, Xingyin? — Liwei se aproximou até que sua cabeça tocou a minha. — É só uma história.

Entretanto, os mortais pensavam que a história do meu pai era um mito, assim como a ascensão da minha mãe à imortalidade. Talvez as lendas que nos tocam mais profundamente sejam as que têm um fundo de verdade.

— É verdadeira? — Desejei que não fosse, que ninguém tivesse que sofrer assim, com seu coração cheio de saudade, para sempre imerso em desespero.

Ele ficou quieto por um momento, então:

— Talvez, há muito tempo? Este lugar está deserto agora; não há ninguém aqui além de nós.

— Será que algum amor vale tal angústia? Uma noite por um ano de dor.

Ele segurou a minha mão com firmeza:

— Depende.

— Do quê?

— Da noite — disse, com gentileza. — De pelo que eles estavam esperando.

Nossos ombros se roçavam ao nos sentarmos lado a lado, olhando para o infinito mar de luz. A seda farfalhou e ele puxou um grampo de cabelo da manga, laqueado em todos os tons do céu, torneado de pedras claras. Era o que ele havia feito para mim, o que eu havia devolvido a ele depois de seu noivado com outra pessoa. Levantei meu olhar para seus olhos escuros, um calor percorrendo meu corpo.

— Quando dei isso antes para você, fingi que era um presente em troca do seu. Fui um covarde por não dizer o que se passava em meu coração. Quando nos separamos pela primeira vez, me arrependi tanto do que não foi dito entre nós e temi não ter outra chance. — Sua voz tremia de emoção. — Se você me quisesse, eu me entregaria a você, agora, e para sempre.

Enchi-me de esperança, que logo foi encoberta pela lembrança de que já havíamos percorrido esse caminho antes e da dor que nos assolou. Nossas famílias. Seu reino. Meu coração cauteloso. Esses eram os obstáculos aparentemente intransponíveis diante de nós. Não haveria troca de presentes de noivado entre nossas famílias, nenhuma felicidade acompanharia a união das duas casas. Da última vez em que

eu vira o Imperador Celestial, ele havia tentado me matar. As cicatrizes em meu peito coçaram com a lembrança da profunda agonia, agarrando-se à minha pele como uma teia de dor. Mais do que isso, como eu deixaria minha mãe sozinha, de novo, tomada de luto pela morte do meu pai?

Em silêncio, Liwei ficou tenso, afastando-se:

— Pensava que você queria o mesmo que eu. Talvez eu estivesse errado.

Ele soava formal, distante, e eu odiei isso. Apertei a mão dele, entrelaçando nossos dedos:

— Eu quero. Só preciso de tempo. Seus pais me odeiam, eu ainda não posso abandonar minha mãe. E...

Perdi as palavras, silenciando um novo medo que surgira naquele momento. Se eu me casasse com Liwei, teria que viver para sempre no Palácio de Jade, envolta em seda, adornada com ouro, e presa às cerimônias. Apesar de Liwei não ser seu pai, nem eu ser a mãe dele, estaríamos acorrentados pelas mesmas amarras. Eu não servia para ser engaiolada. Esse ano de liberdade havia me despertado para as possibilidades de uma vida longe do confinamento do Império Celestial. Poderia ser a fantasia de muita gente, casar-se com o príncipe do reino e morar em um palácio entre as nuvens. Mas, com uma sogra que me odiava e um sogro que tentou tirar a minha vida, seria mais um pesadelo do que um sonho.

Liwei sorriu ao ajeitar o grampo no meu cabelo:

— Vou esperar. Para mim, é o suficiente que você se sinta como eu, mas contarei sobre minhas intenções aos meus pais.

— Vai contar? — Eu estava descrente.

— A última coisa que eu quero é outro noivado inesperado.

O pensamento me apunhalou, seguido de uma pontada de ansiedade:

— O que eles farão?

— Minha mãe vai enlouquecer de raiva. Meu pai... já passei da idade de ser punido como ele costumava fazer. Serei uma decepção para ele, como tenho sido a vida inteira. Nunca aprendi suas lições o suficiente para satisfazê-lo.

Fiquei feliz por ele não ter aprendido, ainda que minhas entranhas se contorcessem com suas palavras. Eu havia sentido a força do desprazer do imperador; visto como ele atacara Liwei sem hesitar. Naquele momento, odiei a Imperatriz Celestial um pouco menos, aliviada por Liwei ter uma mãe que se preocupava com ele, que havia tentado ajudar do jeito dela.

— Mas não importa, desde que fiquemos juntos.

Quando ele me puxou para perto, seu olhar escureceu com uma determinação que me fez gelar. Não, eu não deixaria a dúvida estragar aquele momento; essa felicidade era preciosa e escassa. Recostei-me nele, sentindo seu cheiro fresco. Já havia se passado muito tempo desde que ele me abraçara assim. Quando sua outra mão deslizou pela curva da minha cintura, fogo tomou minhas veias, uma fome repentina consumindo-me enquanto meus braços circundavam seu pescoço para trazê-lo mais perto de mim. Seus lábios encontraram os meus, firmes e afetuosos, macios e implacáveis. Ah, como me fizera falta essa doçura, essa sensação tentadora de nossos corpos pressionados um contra o outro! Ele me abraçou com mais firmeza quando caímos, como um, nas ondulações da nuvem, seu frescor um bálsamo para a minha pele quente.

Fechando os olhos, deixei-me levar pelos sonhos, tão brilhantes quanto aquele rio de estrelas.



Um badalar em minha mente me despertou da sonolência. Alguém havia passado pelos escudos. Meus olhos se abriram ao sentir a energia do intruso. Familiar, mas cheia de fúria quente e iluminada.

Wenzhi.

Eu não o veria; iria ignorá-lo como havia feito todas as outras vezes. Ele vinha com frequência, perturbando os escudos com seu descaso e seu descuido, sendo que poderia tê-los aberto para passar, assim como havia feito com os do Império Celestial. Talvez ele se divertisse por saber que eles ressoariam alto em minha mente, como um gongo. Talvez o poupasse do trabalho de ele mesmo me despertar. Ele nunca vinha à minha câmara; talvez não soubesse onde era, apesar de eu preferir pensar que ele não ousava fazê-lo. Depois de sua perturbação inicial, o silêncio recaía. Mas sua presença na sacada de casa me aborrecia como um cisco no olho. Wenzhi era paciente, e só ia embora com a chegada do amanhecer.

Desde o começo, eu resistia à urgência de expulsá-lo de nossas terras. Ignorá-lo era o melhor recurso, causando danos ao seu orgulho de aço. E eu não gostava do amargor e da raiva que sua presença instilava-me, as memórias cravadas em mim. Aquelas noites insones em que eu me virava na cama até que meus lençóis de seda ficassem enrolados no meu corpo, meu único consolo era imaginar a espera inútil dele.

As notas cadenciadas de uma cítara invadiram meu quarto. Belas e aterrorizantes, tocadas com tanta delicadeza que eu nem perceberia se não estivesse acordada. Cada nota se fundia à outra, reverberando

com paixão contida. A melodia causava dor em mim, uma imagem invadindo minha mente da última vez em que a ouvira, de Wenzhi tocando as cordas de seu guqin logo antes de eu o drogá-lo para escapar. O ódio tomava conta de mim. Como ele ousava vir aqui? Como ousava tocar isso agora?

Pulando da cama, peguei minhas vestes e as amarrei usando uma faixa de seda e dando um nó desajeitado. Agarrando meu arco da mesa, pendurei-o nas costas e enfiei algumas adagas na cintura, por precaução. Movimentei-me com destreza, mas em silêncio, para evitar acordar alguém, passando pelo corredor, até as escadas. No topo, abri as portas, entrando na sacada.

Wenzhi estava sentado de pernas cruzadas no chão, com o seu guqin avermelhado no colo, suas vestes pretas dispostas sobre o chão de pedra. Seu longo cabelo estava preso parcialmente por um anel de jade, o resto solto pelas costas. Eu não pude ver seu rosto, que estava abaixado, enquanto suas mãos deslizavam habilmente pelas cordas do instrumento. Seus dedos pararam, pausando a música, quando seu olhar se encontrou com o meu. Minhas entranhas se remexeram ao ver seus olhos, o tom prateado deles era uma lembrança de sua traição.

Eu ataquei primeiro, canalizando espirais de ar em direção a ele. Ao se levantar, seu corpo evadiu com graciosidade. Sem pausa, ataquei, uma adaga na mão, mas ele pegou o meu pulso no meio do caminho, com uma força de ferro. Agarrei a segunda adaga da minha faixa e empurrei a ponta contra seu peito, bem quando um escudo brilhou sobre ele. Resplandeceu contra a lâmina, um choque correu pelo meu braço. Quando meus dedos se abriram, a adaga caiu, atingindo o chão com um tilintar. Ficamos assim, paralisados, uma raiva insaciável pulsando em meu peito até que mal podia respirar.

— Foi uma recepção melhor do que imaginei. — Ele sorriu sem remorso. — Se realmente quisesse me matar, teria usado seu arco.

— Uma adaga teria machucado mais. — Cerrando os dentes, levei meu joelho ao estômago dele. Quando ele se curvou de dor, soltei-me de sua mão, indo para trás, longe de seu alcance. Imediatamente conjurei um escudo sobre mim, que brilhou ao me cobrir.

Ele inclinou a cabeça para o lado:

— Gostou da minha música?

— Tanto quanto da outra vez: nem um pouco. — Meus dedos se enrolavam ao meu lado. — Vá embora e não volte.

— Depois desses meses todos se escondendo, me evitando, você veio até aqui só para me dizer isso?

— Eu não estava me escondendo. Não quero vê-lo nunca mais.

A expressão dele estava inescrutável:

— Parece que está mais brava do que da última vez que nos vimos aqui.

— Do que você está falando? Não foi um sonho? — questionei.

Ele pausou.

— Sim e não.

— Que resposta revoltante! — desdenhei. — Qual magia desprezível você usou?

— Eu não faria isso com você — respondeu ele, duramente. — Não brinquei com a sua mente, só com os seus arredores.

Eu não queria ponderar suas palavras, nem o significado delas:

— Um esforço desnecessário.

— Discordo. — Ele falava com uma segurança enfurecedora. — Você não teria vindo de outra forma.

Meus olhos se estreitaram ao me lembrar do alfinete prateado, dentro da gaveta onde o havia jogado.

— Por que o alfinete?

Um pequeno sorriso se formou em seus lábios:

— Achei que gostaria de ter uma recordação. Você quase arrancou a minha garganta com ele.

— Uma pena que eu tenha errado.

— Você não errou. Eu parei você.

— Nossa, que corajoso você! Restringindo uma cativa inofensiva — provoqueei.

— Você é tudo, menos inofensiva. — O sorriso dele se alargou. — Pode chamar de autopreservação da minha parte. Eu gostava da minha garganta exatamente como estava, intacta.

Quando ele se aproximou de mim, tirei o arco dos ombros:

— Outro passo e você vai ganhar aquela flechada que tanto

merece. Por que está aqui? Deve saber que não quero nada com você.

Ele ficou tenso, mas quase não deu para perceber:

— Para lhe dar meus parabéns. Quando é o casamento?

— Não tem casamento nenhum — respondi, sem pensar, arrependendo-me logo que as palavras saíram da minha boca.

Seus olhos se iluminaram, brilhando:

— Ele não fez o pedido, ou você não aceitou? De acordo com os boatos, poucas pessoas pensam que você se recusaria, ainda que nada me deixaria mais feliz.

— Eu não recusei. — Usei um tom direto e reto, com os nervos à flor da pele. Ele me olhava de um jeito que eu não gostava. — Vou aceitar assim que resolvermos algumas questões.

— Como impedir Suas Majestades Celestiais de tentarem matar você, a pretendente a nora? Pergunte-se se a imperatriz atual está contente com o que tem. Ou se você poderia ser feliz de verdade trancada em uma jaula do Palácio de Jade pelo resto da vida.

— Belas palavras vindas de alguém que já me trancou antes — pronunciei cada sílaba com desprezo, escondendo o quanto ele chegara perto da verdade.

Um rubor subiu por seu pescoço:

— Xingyin, não se case com ele.

— Como você se atreve? — explodi. — Você não é nada para mim, menos do que nada, depois do que fez.

— Você poderia me perdoar? — Uma tensão em sua voz, que costumava ser tão firme. — Se a gente pudesse começar do zero...

— Não tem como começar do zero, Wenzhi. Acabou. — Senti algo pulsando em mim quando falei seu nome. Um vestígio do passado, algo que aprendi a ignorar. — Eu estou feliz. Você achava que me conhecia, mas não conhece. Você só viu em mim o que quis, uma argila para modelar como quisesse.

— Como você fez comigo — retrucou. — Você alguma vez viu a pessoa real por trás do Capitão Celestial? Alguma vez tentou? Ou eu era apenas um reserva para...

— Já deu. — Ergui minha voz, descuidada em minha fúria. — Ambos erramos um com o outro e, independentemente disso, já não

existe mais um “nós”.

Ele balançou a cabeça:

— Tivemos um começo ruim, eu e você. Ambos éramos mentirosos e fraudes, escondendo quem realmente somos.

— Começo ruim? — repeti com desdém. — Não venha com joguinhos de palavras para cima de mim. Não tente minimizar o que fez. E não ouse nos comparar. Eu o fiz porque precisava, não porque queria.

— Assim como eu.

— Você o fez por si mesmo. Pela sua ambição. Por uma coroa.

A mandíbula dele se tensionou:

— Eu não tolero qualquer coisa, nem simplesmente aceitaria minha sorte. Faço minhas próprias oportunidades, minha própria sorte. Por que sofreria e deixaria que as pessoas sob minha proteção sofressem por meu irmão ser o herdeiro? Não deveria buscar mais?

As palavras dele eram um espelho desconfortável daquilo que eu já havia sentido; a ambição que queimava em mim quando fugi para o Império Celestial. Poderia culpar Wenzhi por isso? Talvez eu não houvesse sofrido como ele; quem sabe o que eu teria sido levada a fazer para proteger a mim mesma e àqueles que amo? Quem sabe que escuridão teria surgido em meu coração, a honra que eu teria descartado para poder sobreviver?

Não, falei para mim mesma. Eu havia sido tentada, havia enfrentado perigos indescritíveis e, ainda assim, não havia me perdido. Eu não era como ele.

— Não se trata de ambição. Eu batalhei por aquilo que quis, mas nunca pretendi magoar ninguém. Já você... — Não consegui terminar a frase, engasgada com a memória de sua traição.

— Eu nunca quis magoar você. — O olhar dele estava fixo no meu, pálido e penetrante sob a luz da lua. — Estava errado por achar que não havia nada mais importante do que a coroa. Agora eu sei, não existe nada mais importante para mim do que você.

Ele falou com tanta sinceridade, como se não tivesse mentido para mim e me sequestrado, roubado as pérolas dos dragões e, junto com elas, minha esperança de libertar a minha mãe. Isso para não falar de

seu plano maléfico de destruir o Exército Celestial. Ele havia permitido que Liwei e eu fugíssemos, mas isso não apagava o que fizera. Eu jamais conseguiria esquecer como ele havia pegado minha mão e me prometido seu coração, e o quanto eu o havia desejado na época, ignorante da perfídia por trás de tal ato.

Pressionei minhas unhas nas palmas das mãos.

— Não me importa. Não quero nada de você. — Se eu havia sido perversa, foi culpa dele. Não fora uma pequena ofensa que poderia ser deixada de lado; a minha natureza não era tão magnânima nem indulgente.

— Então por que está aqui? Por que está falando comigo? — Ele era incansável. Mas não insistiu, apenas aguardou.

— Raiva. Curiosidade — disparei. — Por que você vem até aqui? Não só hoje, mas todas as noites anteriores.

— Precisa perguntar? Para ter uma chance de ver você. — Ele suspirou profundamente. — Me arrependo do que fiz com você.

— É fácil falar quando você conseguiu tudo o que planejou. Você é o herdeiro do seu pai; o reino será seu.

Seu olhar me apunhalou:

— Peça-me para abrir mão. Diga-me o que você quer.

— Você realmente abriria mão da sua posição? — Havia descrença em minha voz.

Ele nem hesitou:

— É o que basta para você me dar outra chance?

— Mais jogos de palavra, Wenzhi? Você sempre precisa jogar para ganhar?

— Você joga da mesma forma.

— Você está errado — respondi. — Alguns jogos eu nunca vou jogar. Às vezes, quem pensa que ganhou é o pior perdedor.

— Só quero entender o que está em jogo — ele contra-atacou.

— Terminou. Nós dois perdemos.

Ele me olhou em silêncio por um momento:

— Não achei que você fosse fugir. Nunca pensei que seria covarde.

Seu tom ardido me atingiu. Era o que ele queria, retaliação, me fazer falar o que eu não devia, mas eu estava no comando das minhas

emoções.

— Eu não sou covarde, só não sou tola.

Ele suspirou:

— Não quero brigar com você, Xingyin. Errei com você. Queria acertar as coisas, se você deixar. Se desejar algo, só precisa me pedir.

Ele era tão orgulhoso, nunca pensei que ouviria tal admissão dele. Mesmo sabendo tudo o que sabia, meu coração acelerou, com uma dor familiar. Queria poder apagar a parte tola e sentimental de mim que ainda se importava, que deveria ter morrido assim que conheci a verdadeira natureza dele.

Mas será que era possível odiar alguém que um dia se amou? Eu estava aprendendo que tal transformação não era tão simples quanto eu esperava. Wenzhi estava certo; eu quis magoá-lo, expulsá-lo da minha casa, cortá-lo da minha vida... mas não desejava sua morte. Nem naquela época, nem agora. No entanto, o perdão era outra coisa. Eu ainda estava furiosa, nunca mais poderia confiar nele. Qualquer carinho que sentira, e qualquer esperança de futuro, estavam irrevogavelmente destruídos. Mas não podia dizer que sua oferta não me tentava, porque eu não era de jogar fora uma oportunidade. Se havia perigo à frente, eu faria o possível para me armar.

Andei até o guarda-corpo e apoiei meus cotovelos na pedra fria, encarando a terra luminosa que se esticava abaixo de nós como um mar estrelado.

— Só estou falando com você agora porque você libertou a mim e a Liwei, porque seu plano falhou. Se tivesse custado a minha liberdade e a da minha mãe, atiraria em você agora mesmo sem hesitar.

— Tem certeza? — Sua voz se ergueu em desafio.

A raiva tomou conta de mim quando me virei para sair, mas ele entrou na minha frente.

— Espere. Me desculpe. — Ele abriu os braços. — Você pode mirar, se quiser.

Olhei para ele, com os dedos apertados ao redor do arco.

— Que eu não o faça agora não significa que somos amigos ou menos do que inimigos. Nem que eu o odeie menos.

— Não amigos. Menos do que inimigos? — Ele tirou sarro. — Você

é bem generosa.

— Mais do que você merece. Mas saiba: eu nunca vou me esquecer da sua traição. Nunca vou perdoar você. Esse é o máximo que existirá entre nós.

Ele inclinou a cabeça:

— Entendo, mas vou tentar fazê-la mudar de ideia.

Então veio o vento, descabelando-me, balançando loucamente nossas vestes. Ele tirou seu manto externo e o ofereceu para mim. Eu não aceitei, olhando para ele como se fosse uma cobra venenosa.

— Preciso de informações — falei. — Quais são as últimas notícias que você tem da Corte Celestial? — Como herdeiro do Reino dos Demônios, ele tinha um bom alcance; com certeza queriam manter olhos bem grudados em seu maior rival e inimigo.

Ele suspirou ao colocar o manto de volta nas próprias costas:

— Tem outro motivo para eu ter vindo hoje à noite. O motivo de eu ter sido mais... insistente. Cuidado com o recém-elevado general Celestial. De acordo com as minhas fontes, ele tem muito interesse em você.

— O General Wu? Além do fato de que ele queria que o imperador me sentenciasse à morte? — Senti uma pontada no estômago. Wenzhi não era do tipo que amenizava tais avisos. Além do mais, eu estava inquieta desde que ficara sabendo dos problemas de Shuxiao. — Por que você acredita nisso?

— Ele está de olhos bem abertos em cima de quem é próximo de você, da sua casa. Ele tem estudado livros sobre o lugar. Ele fez o imperador prestar atenção neste lugar.

Um frio surgiu na boca do meu estômago. Parte de mim queria conversar com ele, como costumava fazer. Ainda que eu carregasse as cicatrizes da decepção, podia ser que ele soubesse de alguma coisa. Lentamente, comecei contando sobre o loureiro, minhas palavras fluindo com mais facilidade conforme falava.

— O intruso estava tentando destruir a árvore ou colher suas sementes? — perguntou ele.

A primeira possibilidade não tinha me ocorrido, mas me lembrei da pausa deliberada do Mestre Gang depois de cada golpe. Não era um

ataque louco, com intenção de destruir.

— Ele queria as sementes. Felizmente, parecia uma tarefa laboriosa, exigindo diversos golpes para conseguir uma. Havia sangue, sangue dele, manchando suas mãos e a árvore.

— Por que não me mostra o loureiro? — Como não respondi, ele perguntou: — Só quero ajudar. Juro pela minha vida.

— Você jurou por muitas coisas para mim antes.

— Não sou mais quem eu era.

Não acreditei nele, e analisei seu rosto e seu tom em busca de algum truque. Não pensava que ele houvesse mudado, ele diria qualquer coisa para conseguir o que queria. No entanto, eu queria que sua mente aguçada avaliasse a árvore. Algo me corroía, como se fosse uma traição permitir que ele entrasse na casa, tanto a Liwei quanto a mim. Mas eu estava alerta; não seria pega desprevenida. E, se ele me traísse, pagaria o preço cheio desta vez.

TUDO ESTAVA SILENCIOSO, COM EXCEÇÃO do barulho cauteloso de nossos pés. Eu estava aliviada por ser tão tarde, por todo mundo estar dormindo, por eu não precisar explicar sua presença para minha mãe ou Ping'er. Wenzhi olhava para tudo com atenção, fosse uma lâmpada envolta em seda, as telas pintadas, ou uma mesa de madeira entalhada. Do lado de fora, ele pausou, olhando para o telhado prateado, a terra iluminada, a floresta de jasmims-do-imperador.

— Sempre quis saber como era sua casa — disse calmamente. — É linda.

Assenti em resposta, sem querer iniciar uma conversa com ele.

Ao passarmos pelas árvores, as luzes das lanternas jogavam nossas sombras contra o chão. Nenhum de nós falou novamente até que chegamos ao loureiro, com suas sementes brilhando como estrelas cadentes na teia de galhos. Wenzhi apertou sua palma contra o tronco macio antes de puxar com força uma semente. Ela não se separou, ainda que as folhas tenham tremido e o galho tenha dobrado com a sua força.

— A energia dessa árvore é estranha. Gelada, como a maioria das

coisas aqui, mas em desacordo, como se houvesse dois lados de um todo — observou ele.

— O que isso significa? O que ela pode fazer?

— Não tenho certeza. — Ele franziu o cenho. — Depois do seu retorno, notou alguma coisa diferente?

Hesitei antes de falar:

— A minha força vital se recuperou com mais rapidez do que o esperado. Eu pensava que fosse um poder misterioso que só tivesse se mostrado para mim agora que o meu tinha sido liberado.

Ele arrastou a mão pelo loureiro:

— Só que na verdade veio daqui.

Regeneração, havia dito Liwei. Por que o imperador desejaria tal poder? O Palácio de Jade estava lotado de curandeiros. Dei uma boa avaliada em Wenzhi, tentando discernir se o brilho em seu olhar era preocupação ou avareza.

— Xingyin, ainda suspeita de mim? — Sua boca se contorceu em um sorriso irônico. — Não desejo mais ser seu inimigo.

— E da próxima vez? — questionei. — E se seu desejo for entrar em colisão com o meu mais uma vez? Sem dúvida o seu interesse próprio reinaria.

— Não acontecerá — disse ele de maneira direta.

— Como pode ter certeza?

— Porque não vou permitir. Me virar contra você seria como ir contra mim mesmo. — Ele pausou. — Quando te magoo... eu me magoo também.

Olhei para seu rosto obstinado, espantada pela maneira implacável como ele falou. Nenhuma palavra me veio à mente, nem protesto, nem insulto.

— Apesar do que você acha, a sede de sangue não é da minha natureza. Nem desejo poder pelo simples poder. Agora espero convencer o meu pai de que a paz é o melhor recurso. O preço da guerra é muito alto, mesmo para o vitorioso.

Em nossas batalhas juntos, Wenzhi nunca sentira prazer em uma conquista nem apreciara a derrota de um inimigo. As decisões dele eram calculadas para reduzir o derramamento de sangue, mesmo

quando ele servia no exército de seu inimigo. E eu acreditava que, pelo menos por ora, ele queria ajudar, não queria me machucar.

Ele virou a cabeça para cima, abaixando as pálpebras. Fiquei quieta, sentido a aproximação da aura de um imortal, apesar de não ter tido nenhum sinal dos escudos.

Liwei estava ali.

Um nó se apertou em meu peito. Não queria repetir o último encontro deles, quando espadas foram empunhadas. Enquanto eu tinha meus anos de camaradagem com Wenzhi para equilibrar contra suas ofensas, Liwei o veria, e com razão, como um traidor e uma ameaça.

Wenzhi inclinou a cabeça:

— Não desejo causar problemas.

Antes que eu pudesse responder, um brilho o encobriu, tirando-o de vista. Um momento depois, uma leve brisa correu pelas árvores à medida que a aura de Wenzhi sumiu. Ele havia ido embora na mesma velocidade com que tinha aparecido.

Fiquei menos tensa, apesar de a culpa me perseguir. Liwei surgiu das árvores, vindo em minha direção. Mantos cinza estavam sobrepostos às suas roupas brancas, amarrados com delicadeza ao redor da cintura. Ele deve ter saído com pressa.

— Senti alguém passando pelos escudos. A essa hora, queria garantir que não era nenhum inconveniente. — Ele sorriu. — Era outro “convidado” indesejável?

Era a primeira vez que Wenzhi visitara desde que os escudos foram alterados. Minha cabeça se preparou para assentir, uma mentira pronta na ponta da língua. Com que facilidade vinham agora! Mas não poderia enganá-lo assim.

— Era Wenzhi. — Fiquei esperando por sua reprovação.

Uma pausa breve.

— Ele já veio antes?

Seu rosto estava calmo, apesar do tom. Quase desejei sua raiva. Algo para mexer com as minhas emoções dessa sensação agonizante de tê-lo decepcionado.

— Já — admiti. — Eu me recusei a encontrar com ele.

Sua expressão estava inflexível:

— E por que desta vez?

Fiquei em silêncio, relutante em contar sobre a música. Das coisas sobre as quais Wenzhi e eu tínhamos conversado na sacada.

— Você pediu que ele viesse? — pressionou ele.

— Não.

— Você também não se recusou a encontrá-lo.

Liwei escorregou uma mão pelo cabelo, as mechas escuras cintilando contra o seu manto branco. Como isso me lembrava da época que ele havia corrido para o meu quarto de sua cama, no Pátio da Tranquilidade Eterna. Quando ele havia me beijado com tanta fome e afeto, acordando a paixão que me queimava por dentro. Hoje à noite, sua expressão estava bem longe daquela de um amante.

— Eu achava que você o odiasse, que nunca mais quisesse vê-lo. E agora encontro vocês em um passeio juntos à meia-noite...

— Não foi nada disso — falei com firmeza, lutando contra a dor da vergonha. — Ele queria ver o loureiro. Pensei que pudesse ajudar.

— Você contou para ele? Confia nele? Depois de tudo o que ele fez? — Ele estava claramente em choque.

Levantei meu queixo:

— Não confio nele, mas pode ser que ele consiga nos ajudar. Ele quer fazer as pazes.

Isso soava tão tolo quando dito em voz alta; como uma mentira contada a uma criança para acalmá-la.

— Ele só está jogando um jogo diferente porque as regras mudaram e ele ainda quer ganhar — argumentou Liwei.

— Ele não é um amigo, mas pode ser um aliado. Isolados como estamos, não estou em posição de recusar nenhum — retruquei com firmeza.

— Você me tem ao seu lado. — Liwei segurou a minha mão. — Confio em você, é nele que não confio. Prometa-me que será cuidadosa.

— Serei — respondi solenemente.

— Talvez eu devesse ajustar os escudos novamente, para barrar certos intrusos indesejados. — A voz dele ficou mais leve, já não havia

mais traços de raiva.

Eu dei risada, aliviada pelo pior ter passado:

— Talvez todos os intrusos deveriam ser barrados.

— Espero não ser um intruso por muito tempo. — Ele passou os nós dos dedos pela minha bochecha, de leve, descendo pelo pescoço.
— A próxima semana será a celebração de aniversário do meu pai. Você gostaria de me acompanhar?

Engoli em seco, impedindo o meu protesto instintivo. Parecia mais um convite para uma execução do que para um banquete. Ele se afastou para me olhar no rosto:

— É uma chance para consertar elos e curar antigas feridas. Para que eles a conheçam como eu conheço.

— Eu vou — respondi, apesar de minhas entranhas estarem se revirando. Não poderia insultar seus pais com a minha recusa; não poderia fazer com que Liwei tivesse que escolher entre nós. Ao aceitá-lo, eu os havia aceitado, e de alguma forma teríamos que aprender a existir juntos, sem nos importarmos com nossas ofensas do passado.

Eu só esperava que eles também entendessem isso.

Talvez no banquete eu pudesse amansar as suspeitas do Imperador Celestial, mostrar que eu não era uma ameaça. Era mais fácil transformar em pessoas más aquelas de quem não se ouvia nem se via. E, caso não conseguisse, eu poderia aprender mais sobre suas intenções. Muitas coisas estavam acontecendo de uma vez: a mudança do poder no Exército Celestial; o roubo das sementes do loureiro; e o interesse do imperador na minha casa. As peças foram dispostas no tabuleiro, e eu só queria saber que jogo estava sendo jogado.

Uma coisa era certa: eu havia cansado de ser um peão e, se me mexesse, seria de minha própria vontade.



O anoitecer estava claro e calmo, nem uma única nuvem ousaria arruinar a celebração do Imperador Celestial. Liwei e eu aterrissamos em um lago espelhado, abraçado por montanhas lilás-acinzentadas e ciprestes graciosos. Lótus com pontas douradas floresciam nas águas, iluminados por centenas de velas flutuantes, com a luz se espalhando pelas ondas como fitas de fogo. Uma multidão de imortais já estava reunida em um grande pavilhão, com seu telhado de malaquita brilhando sob o céu estrelado. Peônias de pedra circundavam a base de cada coluna dourada, tão intrincadamente entalhadas e pintadas que pareciam emergir do solo. Havia lanternas acesas penduradas entre as árvores, das quais grupos de sinos caíam em cascata, tilintando com a brisa.

Fiquei animada com a visão alegre, pois temia outro banquete tenso no Salão da Luz Oriental, um lugar que trazia muitas lembranças problemáticas.

— Que lugar é este? — perguntei.

— Lago da Pérola Iluminada. Quando a lua está cheia, como estará hoje à noite, seu reflexo na água é incrível — explicou Liwei.

Ajeitei a faixa da minha cintura que segurava meu manto lápis-lazúli. Quando meus dedos roçaram as magnólias bordadas, elas se balançaram, como se uma brisa houvesse passado, chovendo pétalas prateadas que se transformavam de branco em rosa. Era lindo, mas para a companhia desta noite eu preferiria ter meu arco nas costas.

Quando adentramos o pavilhão, a conversa diminuiu para sussurros. Os convidados se viravam para nós antes de dar um passo

ao lado, abrindo caminho para as Suas Majestades Celestiais. Eles apareceram como pilares gêmeos de fogo, sentados em tronos de carmelina, drapeados em mantos vermelhos costurados com dragões e fênicas envoltos por nuvens deslizantes.

Minha palma começou a suar. Eu queria ir embora, mas me forcei a andar para frente. Diante dos tronos, uni as mãos e me abaixei para o chão. Ao cumprimentá-los com a cabeça, os alfinetes do meu cabelo beliscaram onde estavam bem encaixados. Os dedos hábeis de Ping'er haviam feito rolinhos tão perfeitos no meu cabelo que davam a ilusão de que eu pertencia a essa multidão deslumbrante, pelo menos por aquela noite.

— Vossas Majestades Celestiais, desejo-lhes uma celebração encantadora. — Meus cumprimentos eram sem-graça frente a outros cumprimentos extravagantes, mas qualquer coisa mais elaborada teria ficado engasgada em minha garganta.

Um longo silêncio se arrastou antes de eu levantar minha cabeça para o imperador. Fileiras de pérolas tilintavam acima daqueles olhos de pedra que reluziam com as brasas de um ódio borbulhante. Minha pele ardia com um eco da tormenta que o imperador havia infligido em mim, sua apunhalada de Fogo do Céu como mil adagas em miniatura.

— Levante-se. Você é bem-vinda. — O tom do imperador era gracioso, sua expressão mascarada em calma. Será que eu havia imaginado aquele lampejo de raiva? Ele agia como se estivéssemos nos encontrando pela primeira vez, como se eu nunca o houvesse desafiado e nem ele tentado me matar por isso. Talvez fosse melhor assim... pelo menos se eu pudesse acreditar que fosse verdade.

A imperatriz não escondeu tão bem as emoções. Ela não proferiu nenhuma palavra de boas-vindas, seus lábios se fecharam em um botão escarlata. O arco dourado em seu cabelo era moldado no formato de peônias, decorado com turmalinas cor-de-rosa que escureciam ao tom de sangue coagulado, como que refletindo seus pensamentos.

Um sorriso escondeu minha agitação, o terror entrelaçado com a hostilidade que eu sempre sentira perto de Suas Majestades Celestiais.

Eles nunca seriam como uma família para mim, mas, por Liwei, não queria que fôssemos inimigos. Fiquei feliz quando outra pessoa se apresentou para chamar sua atenção, aliviada de abandonar uma recepção tão fria. Não havia esperado menos do que isso, e como eu desejava que a noite já houvesse acabado! Seria esse o resto da minha vida caso eu me casasse com Liwei? Essa agitação interminável de desconforto, de palavras vazias e cumprimentos falsos? Como eu suportaria?

Alguém me chamou pelo nome, despertando-me de meu devaneio. Era o General Jianyun, e, pela primeira vez naquela noite, o meu sorriso foi sincero.

Uni minhas mãos e me curvei até a cintura para cumprimentá-lo.

— Você está bem, General Jianyun?

— Bem o suficiente. Acredito que Sua Majestade a tenha informado a respeito dos eventos recentes. O cerco está se fechando, mas não sei dizer ao redor do quê.

Havia linhas em seu rosto que não estavam lá antes, marcadas com novas preocupações.

— Talvez o imperador caia em si — tentei apaziguar suas preocupações.

— Apesar de eu já ter deixado Sua Majestade Celestial com raiva, agi apenas em benefício dele e de nosso reino. O que já é mais do que posso dizer sobre outras pessoas.

O General Jianyun normalmente era discreto; ele deveria estar sob muita pressão para fazer tais revelações. Conforme seu olhar ia de um lugar a outro atrás de mim, sua boca ficou calada. Com o canto dos olhos, vislumbrei um brocado cinza com bordados dourados tremeluzindo das vestes e mangas. E aquelas luvas, apenas uma pessoa na Corte Celestial as usava.

— General Wu. — A cabeça do General Jianyun assentiu em um breve cumprimento.

De perto assim, sua aura varria os meus sentidos: opaca, densa e estranhamente remanescente. Não era de se surpreender, depois de nossos encontros na Corte Celestial, que minhas entranhas se retorcessem com a recordação das vilanias que ele havia dito a

respeito de mim e de minha mãe. Ele já estava se voltando em minha direção, com os lábios formando um sorrisinho, os ornamentos de jade tilintando em sua cintura. Havia outra coisa entre eles: uma flauta de bambu pendurada em sua faixa, com a borla verde brilhante.

Meu olhar se voltou para os olhos dele. Como poderia ignorar seu cintilar, mesmo assombrado pelas sobranceiras brancas e mascarados por um rosto cheio de linhas de expressão? A raiva pulsava na minha testa, um vermelho desceu pela minha visão ao estender a mão para pegar em sua luva. Ele se afastou quando arranquei a luva, revelando cicatrizes escuras em sua palma, as mesmas presentes no Mestre Gang enquanto ele atingia o loureiro.

— Você! — Ao pensar nele sentado ao lado de minha mãe, conversando e rindo com ela, a bile subiu à minha garganta.

— Xingyin, o que você quer dizer? — O tom de Liwei era cauteloso. Um lembrete de que eu tinha poucos aliados ali, e nenhum a quem o imperador daria ouvidos.

Sussurros para todos os lados. Preparei-me para a condenação, para os convidados se apressarem a defender o general. Nenhum o fez. Apesar de alguns me encararem, havia a mesma quantidade de olhares de desprezo para o General Wu, como que a saborear sua humilhação. Alguns levantaram as mangas, trocando sussurros malignos. Sempre me senti uma forasteira na Corte Celestial, mas não era o general um forasteiro também? Por que não lhe oferecer a mesma deferência do General Jianyun?

A luva foi arrancada das minhas mãos. O General Wu a vestiu novamente, com os dedos tremendo um pouco:

— Seus modos deixam muito a desejar.

— A cortesia é reservada para quem a merece. Não para mentirosos e ladrões — falei com o máximo de firmeza que consegui.

— Xingyin, você está confundindo o general com outra pessoa? — perguntou o General Jianyun.

— Não estou errada. — Virei-me para Liwei. — Aquelas cicatrizes na mão dele são iguais às de Mestre Gang. Você não reconhece a flauta dele? — Era a primeira vez que eu a havia visto com ele. Talvez não fosse algo que ele usasse com seus trajes cerimoniais.

Liwei franziu o cenho ao encarar o General Wu, como se em busca de alguma semelhança entre esse cortesão arrogante e o visitante frágil da lua.

— Ele se mascarou, seu cabelo e rosto. — Um simples disfarce, ainda que habilidoso, já que um encantamento mais elaborado teria sido detectado.

O General Wu encarou Liwei quando lhe perguntou em alta voz:

— Vossa Alteza gostaria que as festividades de seu pai fossem interrompidas por essas acusações infundadas?

Ele era um mestre do disfarce, sua expressão não transparecia nada, a não ser uma afronta. Tive dificuldade para conter a raiva, medindo minhas palavras:

— Eu sei o que eu vi. Sei o que você fez.

Os dedos de Liwei apertaram os meus em um gesto encorajador:

— General Wu, mascarar uma visita aos domínios da Deusa da Lua seria uma violação de hospitalidade. Um ato desonesto e dissimulado.

— Ele falou em sua voz imperial, fria, cheia de desapego calculado. Esse era um daqueles jogos da corte em que ele tinha que parecer imparcial para opinar.

O General Wu abriu bem os braços:

— Sou o servo leal do seu pai, que obedece a qualquer comando dele. Se minhas ações lhe ofenderam, Vossa Alteza deveria direcionar suas preocupações a ele.

Uma ameaça velada de que ele tinha o apoio do imperador. E deveria estar em sua alta conta, para mostrar tão pouco respeito por Liwei.

— Tenha certeza de que o farei — respondeu Liwei concisamente.

O General Wu se curvou em um cumprimento leviano:

— Se me permite, Vossa Alteza. Devo atender a seu pai. — Sem esperar pela permissão, ele se afastou.

— Wugang ficou ousado — comentou o General Jianyun com desgosto. — Poucos ousam contestá-lo agora que ele, sozinho, tem todo o ouvido do imperador.

— Wugang? — repeti, sem ter certeza.

— General Wu — explicou o General Jianyun. — Wugang é seu

nome de nascimento. Foi como eu o conheci, apesar de ele preferir não ser chamado assim.

General Wu. Mestre Gang. Ele não havia mentido; ambos os nomes pertenciam a ele. O cortesão desonesto que se transformou em um general ambicioso. O lenhador e o ladrão.

— Por que você acha que Wugang viria à minha casa? — Deu-me uma satisfação mesquinha usar o nome de que ele desdenhava, e parte de mim se perguntou se o nobre general sentia o mesmo.

— Deve ter sido sob comando do imperador. Ele não faz nada sem a permissão de Sua Majestade Celestial. — O General Jianyun acrescentou: — O imperador não enviaria mais ninguém para lá, porque Wugang é o que está mais familiarizado com a lua, dado o seu passado.

Olhei para ele:

— O que você quer dizer?

— Foi muito antes de a sua mãe ascender aos céus. Wugang era mortal na época.

— Mortal? Nunca soube disso. — Liwei ecoou minha surpresa.

— Como Wugang é seu favorito atual, Sua Majestade Celestial prefere que tais origens humildes sejam esquecidas. Wugang sempre é obediente, descartou parte de seu nome para se dissociar de seu passado.

— Os mortais ficariam gratos por isso — falei com fortes emoções, sufocando minha ira de como os imortais costumavam desdenhar daqueles no mundo de baixo. Na verdade, os mortais poderiam nos ensinar muito mais sobre resiliência e força de vontade, pois lidavam com as tentações que surgiam em seu caminho.

O General Jianyun deu um sorrisinho:

— Concordo com você.

— Como Wugang veio para o nosso reino? — perguntou Liwei.

Os cantos dos olhos do General Jianyun formaram vincos, como se ele estivesse buscando as memórias do fundo do pensamento:

— Wugang era um homem comum com um rancor incomum. A esposa dele teve um caso com um imortal, o filho de um cortesão Celestial. Quando Wugang descobriu sua infidelidade, não confrontou

os perpetuadores, mas em vez disso tomou o caminho para a Montanha Kunlun.

Esmaguei uma pontada de pena pela dor que ele deve ter sentido.

— E de lá ele tentou alguma recompensa? Foi assim que ele se tornou imortal? — A Montanha Kunlun possuía uma energia mística poderosa, e era o único lugar do Reino Mortal onde os imortais tinham permissão para residir.

O General Jianyun balançou a cabeça:

— A única forma de um mortal se tornar imortal é o com elixir de Sua Majestade Celestial. Os planos de Wugang eram muito mais nefastos. Em Kunlun, ele fez amizade com um imortal e aprendeu nossos segredos: que não somos invulneráveis, que poderíamos ser mortos pelas armas e pela magia de nosso reino. Depois disso, ele roubou o machado do imortal e o usou para assassinar sua esposa e o amante.

Minha pele se arrepiou toda. Que cruel e implacável ele era! Que assustadoramente paciente! “Minha mulher adorava música”, ele havia dito, falando dela no passado. Eu não havia pensado nada a respeito disso por causa de sua calma inabalável, quando, na verdade, ele a havia assassinado com as próprias mãos.

— Ele deveria ter sido sentenciado de acordo com a lei mortal — continuou o General Jianyun. — Mas o pai da vítima, o cortesão Celestial, suplicou ao imperador por vingança, citando a vergonha de um imortal ser morto por um mortal fraco. Persuadido por suas súplicas, o imperador convocou Wugang para o Palácio de Jade e o sentenciou a cortar o loureiro infinito, usando o mesmo machado que ele havia roubado.

Um nó se formou na boca do meu estômago:

— O loureiro na lua?

— Era diferente na época, suas folhas eram verdes como jade. Não havia sementes, não como agora. Mas não era uma árvore comum, pois possuía o poder de se curar. E Wugang logo descobriu que sua tarefa era um tormento fútil, sem-fim.

Uma tarefa impossível.

— Como Wugang ganhou o elixir?

— Ele recebeu um Pêssego Imortal primeiro, não para prolongar sua vida, mas para estender seu sofrimento. O Elixir da Imortalidade foi uma promessa caso ele conseguisse cumprir a tarefa. Uma oferta desonesta, pois como um mortal conseguiria tal feito? Por mais de cem anos, Wugang labutou, sem trégua. “Wungang, o Lenhador”, zombava a corte, enquanto elogiavam a astúcia do imperador. Alguns montavam festas para observar e rir enquanto ele trabalhava. Fui a uma, e desejaria não ter ido. Não há prazer em provocar quem foi humilhado, quem não pode brigar de volta.

Não era uma surpresa que os Celestiais tratassem Wugang com uma mistura de ódio e medo, e sua maldade devia ser pior antes de ele subir ao poder.

— O imperador ficou com dó dele e rescindiu a punição?

A expressão do General Jianyun se agravou:

— Talvez fosse inevitável, depois de anos atacando o loureiro, que uma união se formasse entre a árvore e seu tormento. Wugang descobriu que seu sangue podia desacelerar a cura do loureiro, pelo menos por um momento. Ele pediu a presença do imperador para testemunhar a completude de sua tarefa, apesar de saber que o fracasso o enviaria a uma sentença de morte. A corte seguiu entusiasmada, muitos certos de que era um boato. Wugang parecia tão frágil, uma sombra do mortal que havia chegado, com as mãos devastadas por vergões e machucados.

— É por isso que ele usa aquelas luvas? Para esconder as cicatrizes? — perguntei.

O General Jianyun assentiu:

— Wugang é orgulhoso, apesar de esconder. Ele odiaria um lembrete visível de sua humilhação. — Seu tom ficou mais grave. — Me lembro do rosto dele enquanto cortava a mão: inexpressivo frente ao desespero, sem esperança, como se ele não se importasse se morreria ou viveria. Sangue jorrou, encharcando o tronco do loureiro, entrando pelo solo em suas raízes. No momento seguinte, ele atacou a árvore com o machado. Uma vez, e outra vez, e mais uma, sem parar, como se o seu trabalho houvesse lhe dado uma força sobre-humana. Até que, por fim, o loureiro veio abaixo, o som tão alto que os mortais

devem ter escutado.

Franzi o cenho:

— Mas o loureiro ainda está de pé, não foi destruído.

— O comando de Sua Majestade Celestial era que Wugang tinha que cortar o loureiro, não o destruir, se é que tal coisa pode ser feita. Levou apenas alguns momentos para o loureiro se regenerar, novos galhos crescendo de seu toco seco, florescendo até que a árvore estivesse crescida mais uma vez. Com a exceção de suas folhas, que não eram mais verdes, e sim branco-prateadas, seu tronco tão pálido, como que envolto em gelo. Como se à beira da morte o loureiro houvesse despido a primavera e florescido para o inverno.

Minha mente rodopiou. Deveria ser por isso que Wugang tinha um interesse tão ávido pela lua, um interesse pessoal, estudando sua aura, descobrindo minha presença. Porque ele não havia tido nenhum problema comigo até descobrir minha identidade.

— O poder do loureiro deve ser imenso para regenerar com tanta rapidez, para restaurar minha força vital também.

A expressão do General Jianyun ficou sombria:

— Pensávamos que ele podia apenas curar a si mesmo. Não percebemos que podia curar outras pessoas.

— O que o imperador quer com ele? — perguntei.

O canto da boca do general se apertou:

— Perdi a confiança de Sua Majestade. Ele não me confia mais nada.

Outra coisa chamou minha atenção:

— O sangue de Wugang estava no loureiro na noite em que o flagrei. Apesar de ter sulcos no tronco, a árvore não estava danificada. Não consigo imaginar como ele pode tê-la derrubado antes.

Os lábios do general se contraíram:

— Desde aquele dia, a energia da árvore mudou. Embora o poder do loureiro tenha se fortalecido, seu vínculo com Wugang deve ter enfraquecido. Talvez ele não possa mais danificá-lo como antes.

— Apenas o suficiente para colher suas sementes. — Um pensamento indesejado. — Por que Sua Majestade Celestial enviaria Wugang? O imperador poderia ter confiscado nossa casa se assim o

desejasse.

— Porque a posição de Sua Majestade Celestial já não é mais inatingível. Há muitos olhos sobre ele, e vozes que estavam há muito silenciadas começaram a fazer perguntas. — O General Jianyun pausou, coçando o queixo, pensativo. — Os deuses entre nós carregam um fardo adicional, o desejo de serem adorados, seja pelo medo ou pelo amor. Apesar de acreditarem que estão acima dessas coisas, morrem de medo de perdê-las. Outros imortais, como nós, têm menos preocupações. Nós nos importamos menos com como nossas ações são apresentadas para o mundo, e se seremos malditos ou adulados.

— Uma movimentação muito chocante pode alertar nossos inimigos também — observou Liwei. — Se eles descerem sobre a lua, pode causar uma confusão indesejada. As mãos do meu pai estão atadas por ora, a menos que tenha uma causa justa.

Eu não daria uma para ele. Apesar de o poder do loureiro parecer benigno, curar em vez de causar danos, eu não confiava nas intenções do imperador.

Um clangor reverberou pelo ar, um gongo atingido por uma pesada baqueta. Todos se voltaram para os tronos de onde a imperatriz havia se levantado, erguendo sua taça de jade no ar.

— Um brinde à Sua Majestade Celestial, o Imperador dos Paraísos Imortais. Por mais dez mil anos de seu reinado glorioso. Hoje à noite, a lua brilha forte em sua honra.

Com um balançar da mão da imperatriz, o telhado de malaquita se desintegrou em cacos, espalhando-se pela noite como vaga-lumes esmeralda. Mas onde a lua deveria estar brilhando em toda a sua glória estava um vazio de escuridão.

Enquanto eu procurava freneticamente pelo céu, engasgos irrompiam dos convidados, com os rostos voltados para cima cheios de choque e mau agouro. Sussurros irromperam pelo ar como um vento pestilento.

— Onde está a lua? Já deveria estar no céu há muito tempo!

— Um eclipse, no aniversário de Sua Majestade Celestial? Um verdadeiro mau presságio!

— O que Chang'e pretende com esse insulto?

Por fim, gelo tomou conta dos meus ossos. Minha mãe... o que acontecera com ela? Ela nunca havia abandonado a tarefa de iluminar a lua, nem por um coração partido, tristeza ou perda. Tentei correr para a entrada, mas meus pés não se mexeram, como se estivessem cravados em pedra.

— Filha da Deusa da Lua, o que você e sua mãe querem dizer com isso? — Os dedos da imperatriz estavam apertados ao redor de seu copo.

— Preciso ir atrás da minha mãe. Pode ser que esteja em perigo! — Mais uma vez, tentei me mexer, batalhando contra o encantamento dela. Reuni minha energia para quebrá-lo, mas vi os olhos de Liwei, aquele leve balançar de aviso em sua cabeça. Usar minha magia ali seria um desafio flagrante do comando de Suas Majestades Celestiais. Eu tinha que tomar cuidado, pelo menos por ora.

O General Wu deu um passo para frente, aparentando solenidade:

— Chang'e é realmente ousada por causar tamanho mau agouro, esse terrível insulto ao nosso amado imperador. Não é nenhuma surpresa, pois todos sabemos do rancor da Deusa da Lua contra Suas Majestades Celestiais.

Como ele ousava falar mal da minha mãe, que o tratara com tanta graciosidade? Engoli uma resposta furiosa, abaixando os olhos em sinal de falsa humildade, apesar de estar queimando por dentro. Seria mais seguro se Suas Majestades Celestiais pensassem que éramos fracas e medrosas, em vez de vingativas e orgulhosas.

— Minha mãe não deseja mal algum a Vossas Majestades Celestiais — protestei.

— E você? — interpelou o General Wu.

— Eu... eu não desejo o mal a Vossas Majestades Celestiais. — O mais leve fraquejar no meu tom, embora todos naquela corte astuta tenham ouvido o que ficou sem ser dito: que eu também não desejava o bem a Vossas Majestades Celestiais.

Liwei reuniu as mãos e se curvou:

— Honorável Pai, Mãe. Xingyin e sua mãe não são uma ameaça a vocês. Permitam-nos encontrar a Deusa da Lua para garantir sua segurança e pedir uma explicação.

A expressão do imperador se tornou severa, com os nós dos dedos brancos sobre o apoio de braço de cornalina.

— Liwei, você não se importa com a própria família e o insulto causado a nós hoje?

Aquele tom, cheio de ameaça, era o que ecoava em meus piores pesadelos, do momento antes de ele me atingir

— Honorável Pai, elas não lhe desejam nenhum mal. Aquelas que habitam a lua apenas desejam proteger sua casa — falou Liwei com calma, e fiquei feliz por sua estabilidade em momentos como esses, quando minhas emoções rachavam.

— Já chega, Liwei — a imperatriz disse com severidade, apesar de sua palidez.

Quando ela colocou a mão para baixo, o ar entre nós brilhou com magia, o encantamento dos meus pés diminuindo. — Ela pode ir. Você deve ficar para a celebração do seu pai.

— Você diz que elas não desejam o mal, Vossa Alteza — disse o General Wu com amabilidade para Liwei. — Como sabe que pensamentos passam pela mente delas? Ou talvez você não se importe, sua lealdade obnubilada por seus sentimentos...

— Lembre-se do seu lugar, General — rosnou a imperatriz. — Não se coloque acima de onde está. Meu filho não é o culpado.

— É claro. — Ele se curvou, ainda que um sorriso insidioso tenha surgido em seus lábios. — Sua Alteza deve ter sido enganado.

Que estranho vê-los se estranhar depois de terem se unido contra mim antes. Mas a imperatriz tinha olhos vigilantes contra quem ameaçava seu filho, mesmo aliados do passado. Minha garganta se fechou com a imagem habilidosa que o General Wu estava criando: minha mãe e eu, traiçoeiras e falsas, enquanto Liwei era um tolo cuja opinião precisava ser ignorada.

Ergui a minha voz para ser ouvida:

— Foi um erro inocente, Vossa Majestade Celestial...

A mão do imperador ficou em riste, silenciando-me. Os lábios dele estavam brancos; seus olhos, arregalados.

— Liwei, onde está sua lealdade? Com a sua família e o seu reino, ou com essa garota traiçoeira? Eu já a avisei uma vez que não haveria

perdão se Chang'e, ou ela, se esquivassem de suas tarefas.

— Marido Imperial, Liwei não quis dizer isso — começou a imperatriz, mas, quando o imperador se virou em sua direção, ela se encolheu em seu trono.

Eu tentei mais uma vez, desesperada para ir embora:

— Vossa Majestade Celestial, deixe-me procurar minha mãe para ter uma explicação. Liwei é leal ao senhor...

— A lealdade dele recai sobre você. — A voz do imperador irrompeu como um trovão. — Liwei, você está seguro em sua posição há muito tempo. Denuncie-a agora, e prove sua lealdade a sua família.

Houve um silêncio, imaculado por respiração ou sussurro. Era como se um encantamento houvesse sido lançado sobre a multidão, transformando todos em pedra. Era possível que algum pai fosse tão insensível com seu filho? Não era um comando, ainda não, mas uma ameaça, um limite claro delimitado.

Toquei com gentileza o braço de Liwei, era minha vez de alertá-lo contra a imprudência:

— Fique aqui. Eu vou.

Eu não queria macular seu vínculo com a família, ainda que o medo de que podia ser tarde demais me consumisse.

A mão dele cobriu a minha, apertando uma vez antes de soltar. Empurrando seu manto branco e prata para o lado, ele ajoelhou, abaixando-se para pressionar as palmas e a testa no chão.

— Honorável Pai, sou seu filho e subordinado leal, mas não a denunciarei. Ela não cometeu erro algum contra o senhor ou nosso reino. — Ele se levantou, segurando minha mão. Sua pele já não estava mais quente, parecia que havia segurado gelo.

Os olhos do General Wu brilharam com uma luz afiada, enquanto um murmúrio abafado escapou da imperatriz, seus dedos pálidos pressionados contra os lábios vermelhos. A expressão de Liwei estava vazia ao se virar, deixando para trás o esplendor magnífico da Corte Celestial.

Alegria e tristeza se misturavam como fogo e gelo no meu peito, um peso desolador, uma leveza crescente. Apesar de querer ter Liwei livre de suas obrigações, eu jamais teria pedido nada disso a ele; sua

família e sua herança eram partes intrínsecas de quem ele era. E, apesar de o medo tomar conta de mim por causa de como os eventos haviam se desenrolado, por ora, me permiti sonhar meus maiores sonhos de nós vivendo tão livres quanto duas garças voando no céu sem limites.



Minha mãe não estava em casa. Vi as cobertas esticadas na cama dela, e minha breve esperança de que ela tivesse dormido demais se esvaiu.

— Será que ela está na floresta? — Liwei se perguntou.

— Ela não está lá; procurei pela aura dela quando voamos sobre o lugar. — Virei-me para Ping'er: — O que minha mãe disse quando saiu?

— Ela me pediu para conjurar uma nuvem para ela. Eu já havia feito isso antes e a ensinei a voar. — Ela estava pálida quando reuniu as mãos. — O imperador está bravo? Com certeza não foi uma ofensa tão terrível, se esquecer de acender a lua uma única vez em todos esses anos?

— Vou acender as lanternas no lugar dela — ofereceu Liwei, esquivando-se da pergunta.

— De que adianta agora? — O desespero bateu quando me lembrei do ódio da imperatriz, dos convidados anunciando o “mau agouro” e as acusações rancorosas do General Wu, tudo isso levando o imperador a um ataque de raiva.

— Melhor estar atrasado para uma tarefa do que não a completar — disse ele, dirigindo-se à porta.

Fiquei vermelha de vergonha com as minhas palavras impensadas.

— Liwei, obrigada! — gritei para ele.

Ele parou perto da entrada, com um leve sorriso em seus lábios.

— Xingyin, já falei, não precisamos nos agradecer, não existe necessidade disso entre nós. — Sem falar mais nada, ele saiu, com as

costas eretas, os ombros mais para trás do que o comum.

Revistei o quarto da minha mãe, organizado como sempre, as prateleiras quase vazias, com exceção de algumas plantas e ornamentos. Havia um livro na mesa ao lado da cama, com um arqueiro e os dez sois pintados na capa. A história da lenda do meu pai, de como ele havia assassinado os pássaros solares. Um pedaço de papel estava dobrado ao lado dele. Eu o peguei, espantada de ver os caracteres em uma escrita não familiar; quem teria escrito para minha mãe? Era uma violação ler algo endereçado para outra pessoa, mas talvez fosse uma pista de seu desaparecimento. Desamassando o papel, meus olhos correram pelos seguintes caracteres:

Hoje à noite, você encontrará o que procura no reino dos mortais.

Meu peito se apertou com um mau pressentimento. Correndo para o meu quarto, peguei meu arco e fui para o quintal a fim de conjurar uma nuvem. Um descuido não ter pensado nisso antes. Desde que recuperou a liberdade, só havia um lugar para o qual minha mãe sempre retornava quando conseguia escapar. Ainda que não fosse aprovado, ainda que ela arriscasse ser punida por entrar no Reino Mortal sem permissão.

No lugar em que os dois rios se encontravam, perto de onde o Dragão Negro havia sido aprisionado, existia uma colina coberta por flores brancas que lembravam a neve meio derretida da primavera. Havia uma tumba de mármore, curvada como um crescente, os caracteres do nome do meu pai brilhando em dourado. Cinzas caíam das pontinhas dos incensos que haviam sido recém-dispostos sobre o braseiro, o perfume incendiando o ar, cheio de esperança e luto. Ofertas de maçãs, tangerinas frondosas e bolos esponjosos estavam empilhadas ao seu lado, junto de um buquê de jasmins-do-imperador, com as pétalas pálidas já permeadas de marrom. Minha mãe havia estado ali, mas onde estava agora?

Como a magia era proibida no Reino Mortal, corri colina abaixo, chamando por ela, ao longo do rio que cheirava à terra e lodo, antes de adentrar a floresta onde sombras mais escuras do que a noite

espreitavam. Era um erro meu? Será que ela não estava ali? Foi então que a senti, sua aura flutuando como as asas de uma mariposa desorientada. Correndo em direção a ela, quase despedacei de alívio ao encontrá-la vagando por fora da floresta, seus passos eram incertos e pesados, seu olhar vazio.

— Mãe! — Eu a abracei, tremendo com o frio que vinha da pele dela. — O que aconteceu? As lanternas não foram acesas esta noite.

Seus lábios se separaram para sussurrar:

— Recebi um recado. Ele me dizia para vir até aqui.

— Eu li — admiti. — De quem era?

— Não tinha nome. Estava na minha mesa.

— Um truque. Por que mais alguém deixaria um recado assim, entregue tão furtivamente? — Ah, se eu houvesse sentido o intruso passando pelos escudos, mas minha atenção estava voltada ao banquete do imperador.

— Não foi um truque. Eu vi o seu pai. Ele estava com o cabelo grisalho, diferente... mas eu o reconheceria em qualquer lugar. — Ela levantou os olhos para mim, enormes e escuros. — Por que ele fugiria de mim? Por que se esconderia?

Senti um frio na espinha.

— Não é possível. Meu pai está morto.

— Eu sei o que vi.

O tremor em sua voz me fez pausar. Fiz carinho nas costas dela, tentando acalmar sua ansiedade. Era a minha vez de contribuir pelas vezes que ela havia me confortado. Não mencionei a ira do imperador nem as acusações atribuídas a nós. O dano já estava feito, e o que mais importava era que ela não estava machucada.

— Vou ajudar você a encontrá-lo — prometi a ela.

Juntas, percorremos a floresta, a margem do rio e a colina, mas não havia sinal de vida além das criaturas selvagens que fugiam quando nos aproximávamos. Quando os tons dourados do amanhecer surgiram na noite, conjurei uma nuvem a fim de levá-la de volta para casa.

— Eu não vou embora. Era ele. — As palavras dela eram uma súplica.

— Mãe, você tem que retornar.

— Seu pai...

— Vou continuar a procurar — garanti a ela. — Você precisa ir embora. Descansar. O Imperador Celestial pode convocar você a qualquer momento.

Ela empalideceu com a menção ao imperador, subindo na nuvem sem protestar mais:

— O que devo dizer?

Pensei um pouco.

— Diga que você dormiu além do que deveria. Não mencione nada a respeito de ter vindo para o Reino Mortal. Sua Majestade Celestial não será gentil a respeito disso. É melhor ele achar que somos incompetentes do que pensar que desafiamos sua autoridade.

Ela assentiu conforme a nuvem ascendia com uma brisa suave, mas seus olhos permaneceram fixos no chão até ela desaparecer nos céus.

A culpa me corroía por ter mandado ela embora, mas eu conseguia me movimentar com mais velocidade sozinha. Além disso, eu a queria de volta na segurança de nossa casa, pois temia que aquilo houvesse sido um estratagema para distraí-la e fazê-la se esquecer de suas tarefas, para incitar a ira do imperador... mas eu não sabia por que.

Percorri a floresta mais uma vez, alerta a qualquer traço de energia imortal ou perigo, seguindo o caminho ao longo do rio até ele serpentear para dentro de uma vila. Só então retornei para a colina. Sob o céu que clareava, diante da tumba do meu pai, me ajoelhei na pedra. As pinturas desbotadas sobre o mármore eram as rendições dos mortais sobre os feitos heroicos do meu pai: mirar uma flecha nos dez sóis vermelhos do céu, liderando um grande exército, batalhando contra um pássaro monstruoso. Um peso tomou conta de mim quando me encolhi para trás, apoiando as mãos no colo.

— Pai, queria ter conhecido você. — Eu não tinha certeza do porquê tirei essas palavras do meu coração e as falei em voz alta. Talvez tenha sido o amanhecer, o momento em que o desespero se une com a esperança. Ou talvez eu tenha abaixado a guarda, confortada pela presença do meu pai, ainda que só restasse a sua ossada.

Um galho se partiu. Pulei para ficar de pé, tirando o arco das

costas, suprimindo o desejo de conjurar uma flecha. A magia poderia atrair atenção indesejada, e, além disso, pouca coisa podia me machucar aqui.

Havia um mortal ao pé da colina, há muito passado o primor da vida. Seu cabelo era de um tom suave de cinzas, amarrado com uma longa tira de tecido. Sua pele era bem envelhecida e marcada, com amargura na curva dos lábios. Mas seus ombros eram largos por sob seu manto preto, e ele se portava como um cipreste. Seus passos em minha direção eram calculados, com a graça de um guerreiro. Ao olhar para meu arco, seus olhos se arregalaram visivelmente.

— Quem é você?

Pouca gente ainda ia até lá. Talvez, quando os feitos do meu pai ainda estavam frescos na mente deles, os mortais houvessem ido em caravanas, levando oferendas de flores e comida. Era como o Dragão Negro havia descoberto aquele lugar. No entanto, a memória dos mortais era curta. Eu não duvidava que ainda contassem as histórias de Houyi nas casas de chá, uma bela lenda para entreter a multidão, mas quem faria a trilha solitária para honrar um herói há muito caído?

O homem não respondeu, seu olhar era surpreendentemente brilhante enquanto ele me encarava. Seu peito subia e descia, a garganta trabalhava, mas eu não sabia dizer se ele estava tentando falar ou sufocar as palavras.

— Filha, você já está crescida — disse ele por fim, sua voz falhando com emoção.

Congelei, forçando para longe aquela leveza dentro de mim. Não podia ser verdade. Ah, como eu queria acreditar nele! Havia sonhado com aquele momento tantas vezes antes, até que a notícia do Dragão Negro esfaqueou minha esperança. Mas eu havia aprendido que era possível proferir mentiras com um rosto impassível, um sorriso caloroso podia esconder a malícia, e as mentiras mais perigosas eram aquelas que a gente mais queria que fossem verdade.

— Meu pai está morto — falei diretamente, reprimindo a angústia no meu coração.

Ele se encolheu, como se eu o tivesse atingido:

— Pode ser que esteja mesmo.

O homem deu meia-volta, com as vestes esvoaçando conforme caminhava.

Olhei para o arco pendurado em seu ombro, esculpido detalhadamente em prata, as pontas curvadas como presas. Algo pulsou em mim, remanescente da primeira vez que eu havia visto o Arco Dragão de Jade, mas não houve atração desta vez, só o baque do poder.

Aquela não era uma arma mortal.

— Espere! — gritei. — Seu arco. Onde o conseguiu?

Ele parou, mas não se virou:

— Foi dado a mim.

— Por quem? — Peguei-me esperando ansiosamente por sua resposta.

— Você o conhece como Imperador Celestial — disse ele devagar.

— Mas foi uma recompensa muito ruim se comparar com todo o resto que ele tirou de mim.

Era como se eu houvesse levado um soco no estômago e ficado sem ar, a força arrancada de meus membros. Eu caí, tremendo, apesar de não estar frio, batalhando contra a esperança que surgia, quando tudo o que eu queria era libertá-la, era reescrever o meu futuro. Um futuro com a minha família completa, com a minha mãe e o meu pai.

— Impossível — sussurrei.

Seus olhos se encheram de tristeza:

— Filha, você nasceu de uma mortal, mas a imortalidade corre em suas veias. Sua casa deveria ser aqui, mas você mora na lua. Você, mais do que ninguém, deveria saber que nada é impossível.

Forcei minha mente a se esvaziar, a unir os fragmentos do meu pensamento. Ele era um arqueiro. Um mortal no início da terceira idade, do inverno de sua vida. Ele carregava o arco prateado das lendas, aquele pintado no livro da minha mãe, naquela mesma tumba em que estávamos. Ele sabia quem eu era. E, ao olhar para suas características, para o buraquinho do seu queixo... eu também o conhecia.

Não era um truque. Mais do que tudo que eu havia racionalizado,

era um conhecimento que vinha de dentro para fora. Havia muitas coisas que eu queria dizer, incontáveis mais que eu havia sussurrado na solidude da minha mente, e nada surgia, com exceção desta única palavra que saiu da minha garganta:

— Pai.

Curvei-me para ele, lutando contra as emoções que tomavam conta de mim, as lágrimas quentes surgindo em meus olhos. Ele era quase um estranho; nunca foi um pai para mim, assim como eu nunca fui a filha dele. Não tínhamos memórias, nem a *vivência*, que davam tanta força a esse vínculo. E, ainda assim, lá no fundo, havia uma ligação indiscutível entre nós, forjada por unha e carne, e algo mais profundo, impossível de decifrar.

Um brilho iluminou seus olhos, um sorriso se formando, amenizando os ângulos duros de seu rosto.

— Meu nome é Xingyin. Minha mãe quis homenagear as estrelas.

— Uma coisa estranha para uma filha falar ao pai, mas talvez ele não soubesse e não tivesse certeza de como perguntar.

— Um bom nome — disse ele com a voz rouca. — Você é mais alta do que a sua mãe, mas se parece bastante com ela.

Suas palavras eram gentis, mas um lembrete dolorido de que, enquanto estávamos ignorantes de sua existência, ele estivera consciente de nós o tempo todo.

— Minha mãe está de luto por você; ela pensa que está morto. Você a deve ter visto aqui. Por que não falou com ela? — Não pude suprimir a acusação no meu tom de voz pela tristeza que ele poderia ter poupado nela.

— Não consegui.

Era arrependimento aquilo em seu rosto? Desejo, tristeza ou raiva? Pensei em como ela havia roubado o elixir dele, o elixir que ele havia ganhado, que ele tinha aberto mão por causa dela.

— Você a culpa? E a mim, por ter posto a vida dela em perigo? — Uma pergunta cuja resposta eu queria há muito saber, ainda que temesse.

Ele soltou um suspiro longo.

— Vou admitir que fiquei furioso a princípio. Quando a vi voando

nos céus, me perguntei se ela havia planejado tudo aquilo para se tornar imortal, uma deusa. Só depois percebi meus próprios erros: deixar os meus medos silenciarem os dela, ignorar os médicos que disseram o que eu não queria ouvir, que me aterrorizavam mais do que qualquer batalha em que havia lutado. Este é o preço de ser reverenciado: você começa a acreditar que é infalível, que pode controlar o destino de acordo com o seu desejo. Mas há coisas no mundo que nenhum poder pode alterar.

Ele ficou em silêncio antes de acrescentar:

— Eu teria dado o elixir à sua mãe caso ela o tivesse pedido. Deveria ter feito isso antes.

— Por que você deixou todo mundo acreditar que tinha morrido?

— Na minha última batalha, fui atacado e fiquei inconsciente. Quando me recuperei, me vi abandonado em uma terra estranha. Demorei meses para voltar, e foi um choque encontrar notícias da minha morte sendo espalhadas. No entanto, era uma chance de liberdade, de viver minha vida por mim mesmo mais uma vez, sem ser comandado ou implorado para ir aonde espreitava o perigo. — Seu olhar caiu para o chão. — Também tive esperanças de que sua mãe ficasse sabendo da minha morte. Porque, mesmo que não me amasse mais, ela poderia vir prestar uma homenagem, nem que fosse por obrigação, para que eu a pudesse ver mais uma vez. — Uma sombra caiu sobre o rosto dele. — Eu esperei. Ansioso no começo, minha mente ensaiando tudo o que diríamos. Não deveria ter me dado ao trabalho. Os anos passaram por mim antes que eu me desse conta. Minha esperança deu lugar à tristeza, depois à vergonha de que ela me visse assim, enquanto permanecia intocada pela idade. E, quando finalmente a vi, era tarde demais. — As pontas de seus dedos roçaram a própria bochecha, traçando as rugas ali.

Senti um aperto no peito. Apesar da separação, meus pais ainda se amavam.

— Não a culpe, pai. Ela não podia vir antes.

— Por que não? — Ele fez a pergunta como se isso o assombrasse esse tempo todo.

— Ela foi punida pelo Imperador Celestial por tomar o elixir. Ela

não podia deixar a lua até um ano atrás.

Seus dedos se apertaram em um punho:

— Eu não deveria estar surpreso. Foi o Imperador Celestial que me enganou, mandando-me para longe de casa com falsas promessas e mentiras. Não deste lugar, mas da minha casa verdadeira, no Mar do Leste.

— Você era imortal? — No momento em que as palavras saíram, fiquei vermelha com a crueldade inimaginável.

— Há muito tempo, antes desta vida mortal.

— Pai, o que aconteceu com você? Por que minha mãe não me contou?

— Ela não sabia. Nem eu, na época. Quando os imortais renascem no mundo de baixo, perdem os poderes e as memórias, e apenas as recuperam quando voltam aos céus. — Ele desenganchou o arco das costas ao se abaixar para o chão ao meu lado.

— Era comum que imortais fossem enviados para o Reino Mortal? — perguntei.

— Era extremamente raro. Apesar de poder ajudar a fortalecer os poderes de um imortal, poucos estão dispostos a passar pelas provas de uma vida mortal. Só é feito na mais grave das circunstâncias com o consentimento do Imperador Celestial, pois o elixir é necessário para nos restaurar aos céus.

Olhei para o Arco Dragão de Jade nas minhas mãos, lembrando o reconhecimento que havia iluminado o rosto dele, o vínculo inexplicável que sempre existiu entre mim e essa arma.

— Você esteve no Mar do Leste com os dragões?

A expressão dele ficou distante:

— Alguns me chamavam de seu mestre. Um título vazio, pois nunca os comandeiei para meu próprio benefício.

Meu pai era o guerreiro lendário que havia salvado os dragões, unindo sua essência às pérolas. Que estranho esse ciclo do destino que havia me colocado no mesmo caminho, mas para libertar os dragões. Havia sido por isso que o arco se unira a mim? Quando passei uma mão nele, uma luz surgiu pela jade. Pulsou em meus dedos, pela primeira vez se afastando com vontade, dissipando a última dúvida

em minha mente.

Entreguei o arco de jade a ele, estendido em minhas palmas abertas:

— Pai, é seu?

Arrependimento revirou meu estômago; não percebi o quanto havia me apegado a ele.

Uma breve hesitação, antes de ele me empurrá-lo de volta. O arco se acalmou, com a luz se desvanecendo.

— É seu agora. Já me acostumei com o meu, passamos por muita coisa juntos.

Um alívio, egoísta e vazio, me preencheu ao abaixar minha mão.

— Pai, como você veio parar no Reino Mortal?

Um brilho perigoso iluminou seus olhos.

— O Imperador Celestial cobiça o poder dos dragões há muito tempo. Talvez ele não soubesse das restrições em seu poder, que eles morreriam se ele os transformasse em instrumentos de guerra. Talvez ele não se importasse. Ele tinha medo de mim, apesar de eu não lhe dar nenhum motivo para isso, pois não tinha ambições de governar como ele.

Uma apreensão percorreu minha pele com seu toque aracnídeo. Outra barreira entre a família de Liwei e a minha. Será que algum dia nos livraríamos delas?

Meu pai esfregou as pontas dos dedos nas sobrançelas:

— O imperador me convocou. Reuniu todos os senhores mais respeitados do império, que juraram que o Reino Mortal enfrentava uma grande ameaça e que somente eu poderia salvá-los.

— Os pássaros solares — falei, devagar. — Eles eram os entes queridos da Imperatriz Celestial. Eu achava que o imperador tivesse permitido que eles vivessem livres para evitar deixá-la nervosa, mas se foi uma trapaça para enganar e enfraquecer você? Para conquistar os dragões poderosos?

Ele assentiu:

— Tais esquemas seriam da natureza dele, ardilosa e gananciosa.

— Por que acreditou nele, se sabia o que sabia?

— Fui um tolo, não fiz muitas perguntas, meu orgulho se inflou

com tal nobre causa. Acreditei naqueles Celestiais respeitáveis que me disseram que, para proteger os mortais, eu tinha que me tornar um deles. Talvez o imperador os tenha enganado também, não há mentiroso melhor do que aquele que acredita falar a verdade. O imperador jurou me proteger, disse que me daria o elixir assim que eu cumprisse essa tarefa. Um juramento sagrado e inquebrável, jurado sob sua honra e a vida dos seus descendentes. — Ele respirou fundo antes de continuar. — Assim, aceitei. Retornei as pérolas aos dragões, a última coisa que fiz antes de beber o chá do esquecimento, o que apagou minhas memórias antes de ser enviado para o Reino Mortal.

— Como você se lembra disso se bebeu o chá do esquecimento?

— Restou uma gota do elixir na garrafa. Depois que sua mãe foi embora, eu a bebi, apesar de por vezes desejar que não o tivesse feito. Não é benção nenhuma ter tais memórias restauradas. Ódio e luto são bestas impiedosas que devoram o coração e a mente.

Algo me incomodou:

— O mestre dos dragões desapareceu há séculos, mas os pássaros solares só foram assassinados há algumas décadas.

— Essa foi a profundidade da enganação do imperador. — Ele fervilhava com a raiva contida. — Fui enviado para baixo muito cedo, vivendo uma vida mortal após a outra. Até que, por fim, a calamidade surgiu, os dez pássaros solares tomando os céus. Um imortal apareceu, presenteando-me com este arco e um pingente de jade para me proteger das chamas dos pássaros solares. Até mesmo os imperadores precisam manter sua palavra, especialmente os jurados sobre a vida de seus familiares. Além disso, os dragões não eram mais uma ameaça para ele, nem eu.

Meus dedos acariciaram o pingente em meu pescoço. Ele estava rachado, seu poder não existia mais, mas eu o usava por sentimentalismo. Ele o encarou, e uma emoção ficou presa em sua garganta.

— Eu o dei para a sua mãe. Disse a ela que isso a manteria em segurança, mas eu estava errado. Nenhum amuleto poderia tê-la protegido do perigo que a ameaçava — disse ele em voz baixa. — O resto você ouviu das lendas. Atirei nos pássaros solares; cumpri a

tarefa, acreditando ser um herói quando era o idiota do Imperador Celestial.

Seu rosto ficou vermelho de raiva. Se ele não houvesse sido enganado, nunca teria conhecido minha mãe. Era difícil para mim sofrer um luto por aquilo que havia me dado a vida.

— Eu não me arrependo — disse ele, com firmeza.

— Por causa da minha mãe?

— Por causa de vocês duas. Quando o imperador trouxe o elixir para mim, pensei que era um presente magnífico, ignorante da verdade por trás dele. Mesmo que eu soubesse, não teria mudado nada.

— Mas foi minha mãe quem bebeu o elixir. — A raiva do imperador com esses eventos havia sido uma farsa para satisfazer a corte? Talvez também fosse para instilar o medo em quem pensasse em desobedecê-lo. Ocorreu-me então que meu pai esteve melhor protegido da ira da Imperatriz Celestial como mortal, pois os imortais não os podiam atacar sem justa causa.

— Eu não deveria ter vindo — disse ele. — Fiquei longe por um tempo porque ver a sua mãe me deu tanto dor quanto alegria.

Um incômodo me atingiu:

— Por que você veio hoje?

— Recebi um recado. Fiquei curioso, ainda que tenha sentido que havia algo de errado. Sua mãe parecia diferente hoje. Inquieta, como se estivesse procurando por algo. Pego de surpresa, fui descuidado. Ela me viu antes de eu me esconder.

Quem havia enviado o recado? Quem havia armado para minha mãe se esquecer de sua tarefa? O rosto de satisfação de Wugang passou pela minha cabeça, sua imediata acusação de traição por parte de minha mãe no banquete. Além disso, ele conhecia nossa casa e sabia onde deixar a carta. Ele poderia facilmente ter instruído um de seus servos. E estava familiarizado com esse reino, pois ele mesmo havia sido mortal. Fora um esquema elaborado para dar ao imperador uma desculpa para nos culpar? Minha garganta ficou seca com esse pensamento.

— Filha, foi egoísmo meu, mas queria falar com você ao menos

uma vez. Não sabia se teria outra chance. Não conte para a sua mãe. Não quero causar-lhe mais tristeza, nem que ela sofra o luto por mim mais uma vez.

Um acesso de tosse tomou conta dele, seu corpo retesando enquanto pressionava um tecido contra a boca. Quando o abaixou, estava encharcado com um líquido escuro. Sangue. Minhas entranhas se encolheram.

— Pai, você está doente? — Como ele não respondeu, imaginei as inúmeras doenças que poderiam acabar com a vida de um mortal. Pegando na mão dele, canalizei minha magia de forma a evitar ser detectada. Apesar de não ser curandeira, eu possuía algumas pequenas habilidades. Procurei em seu corpo pela causa do desconforto, mas não encontrei nenhum osso a ser curado, nenhum ferimento a ser fechado. Essas doenças que cresciam dentro no corpo, agarradas à carne, eu não conseguia curar, pois os imortais não sofriam delas. E, mesmo que pudesse, não poderia proteger meu pai da grande ameaça à vida dele, não poderia retornar o que o tempo havia roubado... a menos que eu restaurasse a imortalidade que ele perdera.

— O imperador lhe daria o elixir de novo? — perguntei, com urgência.

— Ele cumpriu sua obrigação comigo, nunca cederá mais uma vez. O desespero tomou conta de mim, pesado.

— O que posso fazer, pai?

Seu sorriso afastou os anos; eu vi o homem que minha mãe amou, com um humor tranquilo e acalento nos olhos. Então, as sombras desceram mais uma vez, cobrindo-o de cinza.

— Isto já é o suficiente, mais do que eu esperava: ver você uma vez, saber que me reconhece. Não se coloque em risco. Não há nada que você possa fazer, pois os médicos dizem que tenho pouco tempo de vida.

Ergui meu queixo, estudando as pinturas de suas conquistas na tumba de mármore. Era um milagre, mas quase uma maldição, que eu houvesse encontrado meu pai só para descobrir que ele estava morrendo. Felicidade atormentada com a promessa da tristeza. Não, não uma maldição, me corrija. Uma oportunidade. Não era tarde

demais, não enquanto ele vivesse. Tínhamos uma chance de ser uma família de novo, de consertar o que havia sido quebrado. Um prêmio que ia além dos meus maiores sonhos, apesar de eu não me iludir pensando que seria fácil.

— Sou sua filha — disse a ele. — E vou levar você para casa.



Do Reino Mortal, a lua brilhava como um disco prateado no escuro da noite. Minha mãe havia completado a tarefa, apesar de que isso não amenizaria a ira do Imperador Celestial, um lembrete claro da ausência dela no dia anterior. Meu humor se entristeceu ao pensar na minha mãe e em Liwei desaprovados por ele; teria sido melhor que ele ficasse furioso só comigo. Eu já havia confrontado sua ira e sobrevivido, ainda que por pouco.

Não poderia deixar que isso me aterrorizasse agora. Meu pai estava doente. Morrendo. Eu tinha que ajudá-lo, e quem sabia mais sobre os mortais do que o Guardião de seus Destinos? Ele havia sido meu professor e de Liwei. Ah, se eu houvesse sido uma aluna mais atenta! Poderia procurar por ele no Palácio de Jade, mas havia muitos olhos predadores e línguas soltas. Felizmente, estava familiarizada com a rotina dele e como ele descendia ao mundo de baixo todas as noites.

Procurei ansiosa pelo céu, mas não havia sinal dele. Sacudindo para o lado os longos bordados azuis do meu manto, subi na nuvem. Um cinto largo estava amarrado ao redor da minha cintura, do qual estavam penduradas minha bolsa e minha borla. As mangas tocavam meus pulsos, amarradas por uma corda de seda encantada para apertar ou soltar rapidamente ao meu comando. Ainda que menos encantadora do que as vestes que eu havia usado no banquete do imperador, esse vestuário era o que melhor caía para minhas necessidades atuais. Ping'er havia me ajudado a criar essa roupa com suspiros e balançares de cabeça. Eu havia retornado para casa apenas brevemente para me trocar, desejando evitar minha mãe e Liwei, e as

perguntas que fariam.

O ar se remexeu, uma nuvem surgindo acima. Um imortal de cabelos brancos segurando um bastão de jade estava de pé nela, com uma mulher mais jovem ao seu lado, seu cabelo preto enrolado em um coque bem-feito. Franzi o cenho, desejando que o Guardião estivesse sozinho. Furtivamente, os persegui pelos céus, aterrissando nos limites de uma cidade mortal rodeada por um muro de pedras cinza. Tudo estava quieto a essa hora tardia, os jantares já há muito terminados, e as camas preenchidas com sonhadores.

Pulando para o chão, eu os segui a uma distância discreta. Quando eles pararam abruptamente, me escondi atrás de um bambuzal, seus galhos prateados com a luz da lua.

— Quem é você? Imortais estão proibidos de vir até aqui sem uma boa causa. — Soou a voz do Guardião do Destino dos Mortais com uma reprimenda.

Apareci, unindo minhas mãos à frente do corpo e me curvando até a cintura.

— Honrado professor. — Apesar de ele não ter me ensinado por muito tempo, esse vínculo nos conectou para sempre.

— Xingyin? — falou ele devagar, fragmentando meu nome. — Por que está aqui? Onde está Sua Alteza? Muitos estão preocupados com ele.

Lembrei-me do denso silêncio de quando Liwei se ajoelhou à frente dos tronos:

— Talvez eles devessem ter se manifestado quando importava.

— Isso é injusto. Só um ano se passou desde que você deixou o Reino Celestial, certamente não se esqueceu de como as coisas funcionam por lá. — O tom dele era severo, como se estivesse me dando uma aula de novo. — Quem pode desafiar Sua Majestade Celestial sem medo de repercussão? Teria mudado alguma coisa se outra pessoa houvesse se manifestado? Ou somente pioraria a ira do imperador? Não desdenhe daqueles que aguardam pacientemente pela hora certa, esperando uma oportunidade de agir. Nem todas as batalhas são vencidas na ponta de uma espada, e também não são decididas no primeiro golpe.

Abaixei minha cabeça:

— Desculpe-me, fui dura demais.

O Guardião suspirou:

— Por favor, informe Sua Alteza de que, apesar de os predadores estarem-no rodeando, há muitas pessoas que o apoiariam caso ele retornasse. Tenha em mente que Sua Alteza é mais vulnerável quando está ausente.

Mordi meu lábio quando um pavor egoísta tomou conta de mim. Eu ficaria contente em nunca mais ver a Corte Celestial. A felicidade parecia um futuro elusivo, preso entre o julgamento severo de Suas Majestades Celestiais, agarrado a uma tarefa que não me pertencia. Eu não tinha lealdade ao Reino Celestial. De que me importava o poder que vinha com a realeza, a chance de deixar uma marca no reino, de moldá-lo com crenças pessoais? Eu escolheria uma floresta florida ou uma costa tranquila em vez de todos os banquetes no paraíso.

Mas a herança de Liwei era uma parte integral dele, entrelaçada com a sua identidade, honra e orgulho. O imperador e a imperatriz eram sua família, a única que ele tinha. Eu não podia pedir que abrisse mão deles, nem pelo preço da minha felicidade.

— Vou falar para ele. — Olhei para a mulher, esperando que ela sáísse para eu poder falar abertamente. Quando o Guardião se virou para a cidade mortal, deixei a cautela de lado. — Honrado Guardião, tenho uma questão particular para a qual busco seu conselho.

Seus dedos acariciaram sua barba:

— Confio plenamente em Leiyang, minha aprendiz.

Ele desejava uma testemunha para o nosso encontro? Não ousei imaginar o que o imperador faria caso descobrisse que meu pai estava vivo. Eu precisava ter muito cuidado.

— O elixir é a única maneira de um mortal se tornar imortal? — Mantive o meu tom o mais leve possível, como se fosse mera curiosidade.

— Isso.

Meu coração pesou, apesar de eu não esperar outra coisa; era como o General Jianyun havia dito.

— E como é possível obter o elixir? — A pergunta saiu rápido

demais, minha urgência era inegável.

Ele apertou os olhos:

— Por que está me fazendo essa pergunta?

Seria tão fácil usar o nome de Liwei para ganhar a confiança do Guardião... Ele tinha sido seu aluno por muito mais tempo, o vínculo entre eles era profundo, mas não consegui mentir. Não podia arriscar prejudicar ainda mais a reputação de Liwei, aumentando as suspeitas do pai caso o Guardião relatasse nossa conversa.

— Não posso falar — admiti. — Mas é importante para mim.

— Essa informação não pode ser compartilhada livremente.

Segurei minhas mãos, resistindo à tentação de implorar. De que importava o orgulho quando pesava contra a vida do meu pai? Mas, dada a expressão no rosto do Guardião, seria inútil. Antes que eu pudesse falar, a mulher balançou a cabeça, virando os olhos na direção do bambuzal, em um claro convite. A esperança se apossou de mim. Por ser aprendiz do Guardião, ela poderia ter a informação de que eu precisava e estar disposta a compartilhá-la. Haveria um preço, sem dúvidas, mas menos oneroso do que outras pessoas haviam demandado de mim antes. Curvei-me ao Guardião mais uma vez, ocultando minha ansiedade:

— Honrável Professor, obrigada por sua orientação.

— Xingyin, estes são tempos estranhos e incertos — disse ele solenemente. — Tome cuidado. Cuide de Sua Alteza.

— Sempre.

O Guardião então foi embora, caminhando em direção à cidade com a sua aprendiz seguindo atrás. Eu me escondi no bambuzal e me sentei no chão. A calmaria era interrompida pelo farfalhar ocasional das folhas e pela pressa de pequenas criaturas. Dei um longo suspiro, minha cabeça tonteando com as fragrâncias deste mundo — cheiro de chuva misturado com a decomposição de folhas murchas nos manchados subtons de sal e terra.

Passaram-se horas, e ainda nenhum sinal da aprendiz do Guardião. Bem quando me levantei para ir embora, pensando que havia me enganado, o ar mudou, um par de auras imortais se aproximando. Um homem caminhava ao lado de Leiyin, de altura semelhante, porém

mais magro. O rosto dele era muito marcante, com as maçãs do rosto altas, lábios carnudos e sobrancelhas arqueadas. Seu sorriso confiante demonstrava que ele sabia bem do charme que tinha.

— Peço desculpas pela demora. Meu irmão, Tao, demora muito para se arrumar. — O tom de Leiyong era resignado e exasperado ao mesmo tempo.

Ele a ignorou, olhando para mim de cima a baixo, e então para o arco que eu carregava nas costas.

— Você vai servir — disse ele, seco.

— Não tenho certeza se você vai. — Eu o avaliei por mim mesma, levando em consideração seu manto de brocado escuro e sua faixa dourada, tão ornamentados quanto qualquer realeza.

Ele sorriu ao inclinar a cabeça para trás.

— Minha irmã disse que você está em busca do Elixir da Imortalidade. Se for isso mesmo, podemos nos ajudar.

— O que você quer dizer? — perguntei com cautela.

A língua de Leiyong fez um som impaciente no céu da boca:

— Também queremos o elixir.

Meus olhos se estreitaram. Era uma armadilha? Queriam se livrar de um rival?

— Quantos deles existem?

— Um para cada um de nós — respondeu Leiyong. — Não sei quando Sua Majestade Celestial vai criar outro, pois requer bastante de seu poder para conjurá-los.

— Por que vocês querem o elixir?

— Uma pessoa com quem nos importamos precisa dele — respondeu Tao.

— Quem?

Os irmãos trocaram olhares.

— Você veio em busca de ajuda. Nós a oferecemos. Já contamos tudo o que podíamos. — Tao respondeu sem volteios. — Assim como não perguntamos por que você o quer. É mais seguro assim, divulgarmos nossos planos o mínimo possível.

Ele falava a verdade, pois eu não tinha desejo nenhum de revelar minhas intenções. E estava relutante em contrariar meus aliados

recém-encontrados, mesmo que me perguntasse o que eles escondiam.

— Qual é o plano de vocês?

— Roubar o elixir.

Arrepiei-me toda ao ouvir essas palavras ditas com tanta coragem. Meu coração acelerou com as possibilidades, ainda que minha mente se esforçasse para que eu recusasse.

— Onde o elixir fica guardado? — Eu me peguei perguntando.

— No Tesouro Imperial — respondeu Tao.

Estremeci.

— Vocês estão sugerindo de nós três invadirmos o Tesouro Imperial? Isso é loucura! — Em todos os anos que passei no Palácio de Jade, eu nunca havia me aventurado por lá. Apesar de ficar curiosa com o lugar, não desejava atrair atenção por causa de uma visita não planejada. E o que eu mais desejava na época não estava entre aquelas paredes.

— Dois de nós, eu e você — esclareceu Tao, inabalado. — Não vou arriscar a segurança da minha irmã.

— Isso nunca vai dar certo.

— E como você propõe conseguir o elixir? Acha que o imperador vai dar para você? — retrucou Leiyang.

— Eu espreito o Palácio de Jade há anos, esperando pelo momento certo. Já estive perto o suficiente do elixir para sentir sua fragrância — garantiu Tao. — Consigo entrar e sair do tesouro sem ser detectado.

— Como? — pressionei. — Se vamos fazer isso, preciso saber de tudo.

— Tenho uma chave.

— Onde você a conseguiu? Ela vai funcionar? — Talvez eu esperasse que ele me desse uma razão para recusar, algo no que apoiar minha hesitação.

— Do mesmo jeito que consegui tudo o que não era para ter. — Ele passou os dedos por suas vestes finas. — Você é muito desconfiada. Fique tranquila, a chave vai funcionar. Já a usei antes.

Ignorei o escárnio:

— Por que precisa de mim?

— Para me livrar de um pequeno incômodo que guarda o elixir.

Não seria nada para uma lutadora tão competente quanto você. — Ele ergueu as mãos, macias e delicadas. — Minha habilidade é de roubo, não de combate.

Mordi o interior da minha bochecha, a imagem do meu pai na minha cabeça, não o guerreiro poderoso das histórias, mas destruído tanto no corpo quanto na alma. Não havia muito tempo, e se ele morresse?

— Ouvi dizer que as memórias de um imortal são restauradas quando retornam aos céus. E as memórias de um mortal? — perguntei para a aprendiz do Guardião.

— A morte apaga todas as memórias mortais — respondeu Leiyang. — Quando se perdem, não é possível recuperá-las.

Um nó de tristeza se formou no meu peito. Se eu não o salvasse em seu tempo de vida mortal, meu pai se esqueceria da minha mãe e do amor deles. Ele não me conheceria. Seria um estranho para nós. A tentação batalhava com a cautela.

— Se formos pegos, não pagarei o preço sozinha — disse, pensando em Liwei e na minha mãe.

— Não seremos. Conheço o palácio como a palma da minha mão, e não desejo apodrecer em uma prisão Celestial pela eternidade. Eles não são gentis com ladrões. — Tao fez uma careta. — Se disfarce e cubra seu rosto, como precaução extra. Me dê cobertura, e eu farei o resto. Não há melhor momento. Com as mudanças recentes na liderança do exército, as defesas do palácio estão mais fracas. Há menos guardas em serviço; as sentinelas já não estão tão fortes quanto já foram.

O General Wu era sem dúvida alguma um substituto ruim para o General Jianyun.

— Vocês contaram para mais alguém sobre esse plano? — perguntei, temendo ser descoberta.

Tao inclinou a cabeça para mim.

— Você foi a primeira pessoa que abordamos. Perguntamos porque você o quer tanto quanto nós, e é competente com esse arco, nem que seja apenas pela genética.

Encarei os dois, não sentindo nada além de uma urgência que

combinava com a minha. E, se fôssemos pegos, todos nós sofreríamos as consequências. A ideia de roubar do Imperador Celestial me enchia de medo. Porém, por dentro, eu sentia um terror mais profundo, de que poderia perder meu pai logo quando o havia encontrado.

— Muito bem — concordei.

— Amanhã à noite. Vamos nos encontrar no bosque de canforeiros, ao sul do Tesouro Imperial. — Tao trocou olhares cautelosos com a sua irmã. — E mais uma coisa. Você não pode contar a mais ninguém sobre o nosso plano, principalmente o Príncipe Liwei.

— Por que não?

Os olhos de Tao se iluminaram.

— E se Sua Alteza tentasse impedir você? E se ele falasse com o Guardião dos Destinos dos Mortais sobre minha irmã? Se você não pode nos prometer segredo, nós vamos tentar a sorte com outra pessoa.

Minhas entranhas se reviraram quando assenti, tensa. Eu não queria mentir para Liwei, mesmo tendo dificuldades para decidir como contar a verdade a ele. Essa era minha melhor esperança de ajudar meu pai, e eu não falharia com ele.

Minhas preocupações me consumiram no caminho de volta. Ao sair da nuvem, encontrei Liwei recostado em uma das colunas de madrepérola que flanqueavam a entrada. Esperando por mim, sem dúvidas.

Seus olhos correram por minhas vestes, meus dedos coçando para desamassar meu robe, amassado daquelas horas que passei agachada esperando. Muito longe dos vestidos de seda bordados que eu havia usado no Palácio de Jade.

— Gosto da sua roupa — disse ele, calmamente. — Combina com você.

Um acalento em suas palavras. Toquei o cordão de seda ao redor da minha cintura, que se soltou, contorcendo-se no ar.

— É útil também. Eles foram encantados para se amarrarem sozinhos.

Ele pegou meu pulso, segurando o fim do cordão para colocar de volta no lugar.

— É muito delicado, talvez você precise de algo mais forte — observou ele, passando um dedo por cima da faixa.

Os trançados brilharam com a magia dele, endurecendo-se em faixas brilhantes de um marrom-acastanhado que se entrelaçavam em meus punhos. Pelo pulsar de energia em minha pele, não era um material ordinário; mais flexível do que couro e ainda mais resistente.

— Obrigada. — Eu os segurei para examiná-los. — O que é isso?

— Isso aguenta até as lâminas mais afiadas, embora não por muito tempo. — Quando seu olhar analisou meu rosto, fiquei tensa. — Onde você estava? Não a vi o dia todo.

— No Reino Mortal. Fui ao túmulo do meu pai. — Eu o estava enganando por omissão.

Seus olhos se escureceram com compreensão:

— Sei o quanto sente a falta dele.

Hesitei, antes de perguntar:

— Liwei, o que você sabe sobre o Elixir da Imortalidade? — Eu não queria roubar do pai dele. Se houvesse outro jeito, eu tentaria, caso contrário, não hesitaria.

— Apenas meu pai tem o conhecimento para criá-lo. Ele o guarda muito bem, pois é algo que pode mudar o destino do mundo de baixo. — Ele pausou. — Por que a pergunta?

Uma vontade de confidenciar tudo para ele passou por mim, mas eu havia dado minha palavra a Tao. Contaria o que eu pudesse, entretanto, pois não queria mais mentiras entre nós.

— Meu pai está vivo. Encontrei com ele no Reino Mortal — falei de uma vez. Mesmo agora, parecia um sonho, apesar de minha esperança estar entremeada de medo.

Liwei me encarou, de olhos arregalados:

— O Dragão Negro disse que ele havia morrido. Por que você acha que é o seu pai?

— A idade está certa. Ele carrega um arco do nosso reino. Ele conhecia meu passado e o da minha mãe.

— Muitos caçadores de fortunas diriam qualquer coisa pela chance de ganhar a ajuda de um imortal — alertou-me ele.

— Eu conheço meu pai aqui dentro. — Pressionei meus dedos

contra o peito.

Liwei segurou minhas mãos nas dele:

— Você quer acreditar nele, Xingyin, mas poderia ser mera coincidência ou invenção. Muitos mortais conhecem a história dos seus pais, incontáveis mais têm a idade certa. Talvez ele tenha conseguido a arma na Montanha Kunlun. Pelo menos considere a possibilidade de que esse mortal não é quem diz ser.

O argumento dele era válido, mas sua dúvida doía em mim. Sim, eu queria que fosse verdade, mas não estava cega para os fatos. Eu já havia permitido que isso acontecesse antes. Mas, apesar de a minha confiança estar abalada, acreditava na parte de mim que sentia a verdade: meu pai estava vivo.

— Ele é meu pai. O Arco Dragão de Jade...

— Você perguntou sobre o elixir para ele? — Liwei apertou minhas mãos. — É muito perigoso. Devemos descobrir mais sobre esse mortal; não podemos nos apressar.

A tosse do meu pai soou em meus ouvidos, seu sangue vermelho - vivo manchando o tecido. Tempo era algo que eu não tinha.

— Ele está doente. Precisa do elixir.

— Meu pai não o concederá nem para você nem para mim — disse Liwei. — Temos poucos aliados no Palácio de Jade, e não podemos agir com impulsividade. Não se arrisque até ter certeza.

Meus lábios formaram um sorriso quando assenti em uma aparente concordância, odiando-me por enganá-lo. Liwei não acreditava que o mortal era meu pai. Eu não podia culpá-lo, pois o dragão havia dito que ele estava morto, e era impossível de explicar a certeza de um sentimento que só eu sentia. Eu não podia pedir mais de Liwei, nem aumentar suas preocupações ou colocá-lo ainda mais contra sua família. E o motivo maior para eu ter segurado a minha língua, que eu escondia de mim mesma, era a preocupação de que ele faria objeções aos meus planos, de que ele tentaria me dissuadir... e de que eu seguiria mesmo assim.

Ele estava certo. O imperador nunca me daria o elixir, e era por isso que eu precisava tomá-lo dele. E, se eu fracassasse, era mais seguro que as pessoas que eu amava não soubessem, pois eu tinha

certeza de que o Imperador Celestial tinha sua própria maneira de extrair a verdade.

— Você decidiu o que vai fazer? — perguntei para ele, mudando a conversa para um tópico mais seguro. — Encontrei o Guardião por acaso no Reino Mortal. Ele disse que tem muita gente na corte que apoiaria você, caso retornasse.

— Eu não pretendo voltar. Ainda não.

Respirei mais leve, mas não havia felicidade no que causava dor a ele.

— Sei que a sua família é preciosa para você. Nunca quis fazer você escolher. — Pausei para perguntar: — Você se arrepende de ter feito isso?

— Não. Desta vez não há uma ameaça ao império, nenhuma aliança para assegurar. Desta vez... você não vai se livrar de mim tão facilmente. — Os olhos dele escureceram. — Mas eu não queria ter me separado dos meus pais assim, decepcionando-os.

Seu pai decepcionou você, eu queria dizer a ele. Liwei não tinha que ter sido forçado a fazer uma escolha em que todos sem dúvida perderiam.

— Eu falei sério há vários anos, no mercado. — Havia saudosismo em sua voz.

As barracas na clareira. A fragrância amadeirada de chá no ar. Uma concha branca na palma da minha mão. Suas palavras retornaram a mim como se fosse ontem: “Poderíamos viajar pelo reino, parando onde quiséssemos e partindo quando ficássemos entediados.”

— Seria uma vida boa — repeti o que disse à época.

— Desde que estejamos juntos. — Seu olhar escuro sustentou o meu, e meu coração acelerou. — Apesar de temer por mim mesmo às vezes, querendo me amarrar a alguém tão feroz quanto você.

— Não é tarde demais. — Meu tom ficou agudo. — Eu ainda não concordei. Você está livre para escapar.

— Nunca vou me ver livre de você.

Levada pelo carinho em seu tom de voz, levantei meu rosto em direção ao dele. Ele abaixou a cabeça, seus lábios tocando os meus

com afeto, e então pressionando mais forte. A mão dele abraçou minha bochecha, com seus dedos enroscando nos meus cabelos. Um calor percorreu minhas veias quando ele me puxou para mais perto. Derreti-me em seus braços, curtindo seu toque. Nenhum de nós falou, com exceção da linguagem de nossa respiração entremeada, silenciando as vozes na minha cabeça, enterrando todos os pensamentos de perigos que enfrentaríamos.

Pelo menos por ora.



Nossa refeição matinal foi um evento quieto, sem convidados para entreter. As irmãs do Deserto Dourado haviam ido embora, talvez percebendo nosso desconforto ou sabendo do desprazer do imperador. Eu fiquei feliz por isso, estava sem humor para conversas fúteis. Minha mãe colocou uma tigela de congee diante de mim, o arroz cozido a uma textura aveludada, com goji berry vermelho-vivo, gavinhas de ginseng e fatias macias de frango. Pedacos de ovos cozidos com gemas vermelhas adornavam a superfície, junto de um punhado de amendoim torrado e cebolinha picada.

Ao levar a colher de porcelana à boca, os escudos pulsaram em um alerta em minha mente. Fiquei tensa, olhando para minha mãe e Liwei:

— Temos visitas.

Liwei colocou sua tigela de lado.

— Quantos?

Pressionei uma mão contra minha têmpora, tentando discernir os novos convidados.

— Uma dúzia ou mais.

— Nós pediremos desculpas, mas não os aceitaremos — disse minha mãe, breve e direta. — Depois da fraude do “Mestre Gang”, não acolheremos ninguém debaixo do nosso teto.

Eu tinha contado a ela a verdadeira identidade dele e como ele havia nos maldito na Corte Celestial. Eu não queria que ela fosse pega desprevenida por seus truques mais uma vez.

Sons de passos no corredor, ficando mais altos, em um ritmo

controlado e sem pressa. Como ousavam entrar em nossa casa sem serem convidados? Ou eles se sentiam no direito, ou não temiam as consequências, e meu estômago se revirou ao pensar nessa possibilidade.

As portas se abriram. Soldados celestiais marcharam para dentro do cômodo, com as espadas amarradas ao seu lado. Ao vê-los em minha casa, um frio tomou conta de mim, antigos medos unindo-se a novos terrores.

Um imortal magro com mandíbula proeminente deu um passo à frente. Ministro Ruibing, um cortesão Celestial de alta patente. Suas pupilas eram pintadas de marrom, como sementes de melancia, seus lábios finos e grandes. Mantos de brocado vermelho-escuro roçavam em seus sapatos, um pedaço oblongo de jade reta brilhando de seu chapéu cerimonial.

Minha mãe empalideceu ao se curvar em cumprimento.

— Ministro Ruibing, a que devemos a honra?

O ministro fungou ao analisá-la com olhos semicerrados. Meus dedos se retesaram com a falta de civilidade dele, e um mau pressentimento passou por mim ao ver o pergaminho imperial de brocado amarelo em suas mãos. Um padrão dos dragões gêmeos circundando o sol estava bordado nele, o desenho preferido do Imperador Celestial.

Ele brandiu o pergaminho com um floreio exagerado.

— Trago um decreto de Vossa Majestade Celestial, o Imperador Supremo do Império Celestial, Protetor do Reino Mortal, Lorde do Sol, da Lua e das Estrelas. Que ele nos governe por outros dez mil anos.

Como era de costume, nós nos ajoelhamos, pressionando nossas palmas e testas no chão. O Ministro Ruibing levou um tempo excessivamente longo para desenrolar o decreto, provavelmente saboreando a visão de nós ajoelhados diante dele. Ele possuía o ar pomposo de quem se satisfazia com a autoridade cedida a ele.

— Todos os presentes, escutem e obedeçam — recitou ele em tom ressonante. — A deusa Chang'e está por meio deste removida de seus afazeres como guardiã da lua por sua negligência vergonhosa de seus deveres e o grave insulto à Sua Majestade Celestial. Ela, e todos os

habitantes da lua, aguardarão a punição aqui. Nenhum deles tem a permissão de deixar seu terreno. Desafiar esses comandos será considerado um ato de hostilidade contra o Império Celestial. — Seu olhar se voltou a Liwei, cheio de maldade. — Sua Alteza, caso o encontrasse aqui, fui instruído a transmitir uma mensagem. Sua Majestade Celestial comanda que você retorne ao Palácio de Jade sem demora para aguardar julgamento sobre sua conduta.

Um vazio tomou conta do meu peito, meu protesto sendo cuspidos de meus lábios:

— Ele não fez nada de errado, nem minha mãe. Ela não quis prejudicar ninguém. Foi o primeiro lapso em todas essas décadas. Solicito uma audiência com Sua Majestade Celestial. Deixe-me explicar...

— Obrigado, Ministro Ruibing — interpelou-me Liwei, ao ficar de pé. — Irei com você em um momento.

Liwei me levou para o final do salão. Ficou de pé diante de mim, com seu corpo bloqueando o resto do cômodo, inclusive a presença odiosa do ministro.

— Não faça isso. Meu pai não concederá uma audiência a você. Seu desejo seria considerado um desafio à autoridade dele, o que o deixaria ainda mais furioso. Ele já está bravo o suficiente para aprisionar todas vocês sem esperança de soltura.

Engoli em seco, odiando o peso desse desastre iminente, essa futilidade paralisante. Não queria que Liwei fosse, mas a lua já não era mais um refúgio, e sim o lugar mais perigoso do reino. Mordi a língua, sentindo a dor. Preferia sangue do que lágrimas em momentos como este.

— Não retorne com o ministro. — Palavras duras, cheias de egoísmo.

Ele balançou a cabeça.

— Uma recusa seria admissão de culpa. Tenho que descobrir que veneno foi depositado na orelha do meu pai. Devo defender meu nome das acusações vis que surgiram em meu caminho. — Ele sorriu, falando com segurança. — Vai ficar tudo bem. Sei como funciona a corte, sei diferenciar meus aliados de inimigos.

Eu queria ir com ele, mas não estava disposta a deixar minha mãe. Além do mais, minha presença provavelmente faria mais mal do que bem; havíamos sido ordenadas a permanecer aqui, e nem o imperador nem sua corte me tinham em alta conta.

A expressão de Liwei estava fechada quando ele passou os nós dos dedos na minha bochecha:

— Vou pôr um fim nisso. Vou fazer com que seja seguro para você e sua família.

— Você precisa se manter em segurança — pedi a ele, odiando o tremor na minha voz. A escolha era dele, e Liwei era habilidoso nas manobras da Corte Celestial. — Se você não retornar, irei procurá-lo. — Não era uma promessa vazia, nem palavras tenras para amenizar a partida de um amante.

— Você não pode. O palácio terá escudos contra sua aura em breve. Você não conseguirá mais entrar livremente como antes. — Avisou-me ele. — Não faça nada que chame a atenção para você.

— Escudos? — repeti devagar. — Por quê?

— É uma prática comum para os que são considerados uma ameaça, os que foram condenados por alguma ofensa contra o império.

— Nada foi provado — protestei.

— Ainda não — respondeu Liwei. — Mas meu pai enviar o ministro com essa proclamação dura é só uma formalidade. Seu julgamento oficial seguirá em um dia ou dois, para dar impressão de que esse assunto está sendo ponderado no tribunal. Ninguém o contestará.

Houve uma confusão na minha cabeça, extinguindo minhas dúvidas remanescentes sobre o plano de Tao. Assim que fôssemos sentenciados, seria impossível adentrar o Palácio de Jade sem ser detectada, mesmo que eu pudesse escapar da terrível punição que o imperador previa para nós. O elixir permaneceria para sempre fora do alcance. Meu pai morreria, o que significava que aquela noite era minha única chance, e eu não a desperdiçaria.

O Ministro Ruibing, com as mãos nas costas, franziu o cenho quando nos aproximamos.

— Aprese-se, Vossa Alteza — explodiu ele.

A raiva queimou dentro de mim com a falta de respeito do ministro, mas Liwei ergueu o queixo com a arrogância monárquica que possuía.

— Ministro Ruibing, lembre-se do seu lugar. Sou um súdito leal do meu pai e obedecerei a seu comando. — As palavras dele serviram como um lembrete de que, apesar de sua posição desfavorável, ele era filho do imperador, a quem a maré poderia voltar a favorecer com a facilidade com que o desfavorecia.

— É claro, Vossa Alteza. — Uma breve pausa, enquanto o Ministro Ruibing fazia uma reverência apressada. Ele havia esperado um filho castigado que voltaria rastejando para as asas do pai, não o membro da família real inatingível que se apresentava diante dele. Mas, como qualquer cortesão habilidoso, se ajustou à situação com uma facilidade repelente.

Quando ele gesticulou para os soldados, oito se separaram do resto, caminhando em nossa direção. Comecei a reconhecer Feimao entre eles, o arqueiro ao lado de quem eu havia batalhado em minha primeira tarefa com o Exército Celestial. O alívio que senti ficou abalado ao olhar para sua expressão cruel.

— Esses soldados permanecerão aqui — disse o Ministro Ruibing.

— Somos prisioneiras? — perguntou minha mãe, friamente.

Os lábios do ministro formaram um sorriso:

— Caso prefira, pode pensar que eles estão salvaguardando sua segurança. Essas ordens vieram diretamente do General Wu, e você pode levantar essa questão para ele quando ele chegar.

— Onde está o general? — Eu havia pensado que ele estaria aqui, pois seria um prazer para ele.

O olhar do ministro se voltou para Liwei antes de repousar em mim:

— O General Wu, no momento, está ocupado com questões urgentes na corte.

Sem dúvidas, o general foi um dos que encontraram muitas oportunidades com a situação de Liwei. Uma amargura veio à minha boca quando os soldados cercaram Liwei como se ele fosse um vilão,

em vez do imortal mais fino do reino. Eu os acompanhei com o olhar até que se foram, lutando contra o ímpeto de segui-los, meu coração enevoadado de medo. E, apesar do raio de sol que atravessava as janelas, sua luz nunca me pareceu tão fria.



Fui me esgueirando, pé ante pé, pelos corredores. Os soldados não estavam conectados à minha aura, mas eu a mascarei de qualquer forma. Ao passar pela entrada, parei de repente ao ver Feimao em pé do lado de fora da casa. Ele estava vestido com sua armadura, com um arco bem firme em uma das mãos, e eu lembrava que ele era um ótimo atirador.

— Por que está aqui? — perguntou em uma indiferença educada, como se eu fosse uma estranha.

— Aproveitando o ar noturno — respondi com firmeza.

— Com isso? — Ele olhou direto para o arco de madeira preso em meus ombros.

Felizmente, eu não estava com o Arco Dragão de Jade, por medo de alguém o reconhecer.

— Um hábito, assim como o seu. Por que está me fazendo essas perguntas? — Olhei nos olhos dele sem me deixar abalar. — O Ministro Ruibing disse que estão aqui para nos proteger.

Uma breve pausa.

— Acho que nós dois somos mais espertos do que isso. Não precisamos acreditar no que ele falou.

A franqueza dele me surpreendeu.

— Fiquei sabendo que muita coisa mudou no Exército Celestial desde que servi — comentei em um tom mais aconchegante. Um lembrete de que havíamos lutado juntos, na caverna do Xiangliu.

Feimao assentiu, ficando mais à vontade.

— Há uma divisão no Exército Celestial, não é mais como antes.

Lealdades do passado colocam em questão as atuais. As punições agora são severas e apressadas, não há mais uma investigação apropriada.

As palavras dele estavam de acordo com as da Shuxiao.

— Ninguém consegue intervir?

— Ninguém ousa contrariar o General Wu; os poucos que o fizeram foram dispensados de suas posições ou enviados para casa.

— Sinto muito por isso — lamentei.

— Eu também sinto muito — respondeu ele.

Fiquei tentada a perguntar mais, porém ele inclinou a cabeça para mim e disse:

— Meu turno termina ao amanhecer. É quando o restante do pessoal vai acordar.

Sem aguardar pela minha resposta, ele caminhou em direção à floresta. Descartei as suspeitas de que seu aviso poderia ser uma armadilha. Feimao era um soldado honrável, leal ao General Jianyun, e havia ficado do meu lado contra a ira do Imperador Celestial. Por cautela, esperei até que ele houvesse sumido entre as árvores. Só então chamei uma nuvem e um vento brusco para a movimentar.

O Palácio de Jade apareceu no horizonte, os dragões do telhado sem cores na noite. Quando um golpe de vento repentino jogou meu cabelo no rosto, me virei e encontrei um imortal voando em minha direção, com os olhos brilhando como estrelas gêmeas. Parei meu voo para impedir a perseguição, sem querer alertar os guardas Celestiais. Quando Wenzhi se aproximou, as vinhas violeta de sua nuvem tomaram conta da minha.

— Por que está aqui? — exigi saber.

— Estava a caminho da sua casa para vê-la, e cheguei bem quando você estava de saída.

— Você me seguiu?

— Pode chamar de “correr atrás” — disse ele com um pequeno sorriso. — Você sempre foi a mais rápida com o vento.

Seu elogio despertou um calorzinho em mim, que logo apaguei. A opinião dele não era importante para mim.

— O que você quer, Wenzhi? Não tenho tempo a perder.

— Fiquei sabendo o que aconteceu no Lago da Pérola Iluminada.
— Seus lábios se apertaram em uma linha fina. — Confesso que fiquei decepcionado. Esperava que ele fosse um tolo mais uma vez.

Fiquei vermelha com essa menção, mesmo que a impaciência tomasse conta de mim por ele estar me atrasando.

— Suas fontes precisam ser elogiadas. Agora preciso ir. Não me siga — alertei.

Ele deu uma olhada em mim, se demorando na espada presa ao meu lado e no arco em meus ombros.

— Você cheira a imprudência, Xingyin.

— Não é problema seu — respondi friamente.

— É um grande problema meu — corrigiu-me. — Deve ser uma coisa realmente terrível para você estar aqui sozinha. O que está escondendo dos outros? O que tem medo que seu amado descubra?

Quando não respondi, ele deu um passo à frente, subindo na minha nuvem. Quando a barra de seu manto verde-escuro roçou na minha, lutei contra o impulso de dar um passo para atrás, recusando-me a mostrar o quanto sua presença me desconcertava.

— Por que está indo para o Palácio de Jade? — perguntou. — Você não pode entrar; eles sentirão sua presença de imediato.

— O que você quer dizer? — Não baixei minhas guardas.

— Os escudos ao redor do palácio foram alterados hoje à noite. — Ele pausou, acrescentando: — Fiquei sabendo da visita do Ministro Ruibing. Pelo que me lembro, é um idiota pomposo. O que ele queria?

— Como você...

— É meu objetivo ficar sabendo dessas coisas — interrompeu ele.
— As defesas do Reino Celestial. Seu bem-estar.

As minhas orelhas queimavam. Ignorei sua pergunta, questionando:

— Você está me contando a verdade sobre os escudos?

Seus olhos se estreitaram, em uma expressão familiar de desespero.

— Se não acredita em mim, então vá em frente. Você será parada antes de passar um pé pelos portões. — Ele entortou a cabeça para um dos lados. — Acho que prefiro assim, colocar um fim no seu esquema. Tentar entrar seria uma ofensa muito mais branda do que seja lá o que

você planejou.

— Eu não posso ser pega. Não estou autorizada a deixar a lua. —
Fechei minha boca, arrependendo-me das minhas palavras. Se fosse
pega desafiando o edital do imperador, eu nos colocaria em um perigo
dez vezes maior. E, se eu tentasse romper os escudos, um alarme
poderia soar, invocando um monte de soldados.

Wenzhi se curvou em um cumprimento zombado.

— Talvez eu possa ser útil. Tenho alguma experiência em entrar
em lugares nos quais não deveria estar.

Eu o encarei:

— Por que você me ajudaria?

— Como disse, quero fazer as pazes. Também prefiro que fique
viva, e que não seja presa em uma cadeia Celestial. Seria muito mais
difícil tirá-la de lá. — Ele acrescentou, com alguma ênfase: — Você
não ficaria me devendo nada. Pense nisso como uma retratação pelos
meus erros.

— Nada do que você fizer jamais vai compensar os seus erros —
critiquei severamente.

— Compensar em partes, então — corrigiu-se ele, com uma
expressão que eu não consegui ler em seu rosto.

Eu não gostava da ideia de aceitar favores dele, nem confiava nele
o suficiente para compartilhar meu plano. Ainda assim, não arriscaria
ser descoberta por mera questão de orgulho; eu não apostaria com
nossas vidas.

— Ajude-me a entrar no palácio, mas você não pode me seguir —
pedi a ele.

— Vai me contar o que vai fazer?

Abri um largo sorriso.

— Não!

Ele soltou um suspiro.

— O que quer que eu faça?

— Quebre os escudos no Portão Oeste. — Meu rosto ficou quente
com a minha hipocrisia. Eu o havia reprimido por tal traição antes, e
agora pedia que fizesse o mesmo.

— A menos que possua um exército invasor, os escudos do palácio

não podem ser adulterados do lado de fora — explicou.

Eu não sabia disso. Minhas tarefas no Exército Celestial sempre me levaram além do Palácio de Jade; eu nunca havia ficado de guarda em seus muros.

— Você consegue afastar os guardas dos muros? — perguntei. — Com alguma distração?

— Eu preferiria uma tarefa mais difícil. — Como não respondi, ele inclinou a cabeça. — Farei o que deseja.

— Obrigada. — Sentir gratidão por ele me era incrivelmente desconfortável.

— Se você não sair até o amanhecer, vou buscá-la. — Os olhos dele brilhavam.

— Não preciso da sua ajuda para sair — respondi, bruscamente.

— Mas precisa para entrar. — Ele ergueu uma das mãos, impedindo-me de retrucar. — Confio nas suas habilidades, mas às vezes a má sorte interfere. — Sem outra palavra, retornou à nuvem dele, voando na noite.

Lembrando-me do aviso de Tao para me mascarar, coloquei um pedaço de tecido preto ao redor nariz e o amarrei com um nó atrás da cabeça. Estava longe de ser um disfarce impenetrável, mas eu não era especialista o suficiente para criar um encantamento sobre minha aparência, quanto mais sustentá-lo. E eu havia aprendido a não menosprezar os disfarces mais simples, pois eram os mais facilmente negligenciados.

Um fluxo de energia passou pelo ar, poderoso e feroz. Gritos surgiram lá da frente, um amontoado de auras imortais fugindo, atraídas pela comoção. Wenzhi havia atingido os portões com uma eficiência implacável. Fiquei tensa ao passar pelas barreiras invisíveis, instintivamente me encolhendo por causa do desconforto que sabia que sentiria. Mas havia apenas um friozinho escorrendo pela minha pele como uma garoa, e então eu estava depois dos muros, de volta ao Palácio de Jade.

Nenhuma nuvem veio atrás de mim em perseguição conforme voei por sobre os jardins exuberantes que dividiam a Corte Externa da Corte Interna, flores e árvores manchavam a paisagem como tinta

derramada. Um ribombar fraco perpassou minhas orelhas, aquele ritmo que havia me confortado até pegar no sono incontáveis noites no passado. Eu voei mais baixo, inalando o dulçor de jasmim e glicínia, por um momento perdida nos ecos gentis de uma felicidade relembrada. Será que Liwei estava ali? Ele estava seguro? Queria procurar por ele, mas qualquer tentativa de o fazer poderia nos mergulhar em um perigo ainda maior, lançando mais suspeitas em direção a ele. Não era a hora de ceder a impulsos irresponsáveis. A imperatriz o procuraria e, não importa o que acontecesse, ele ainda era o filho do imperador.

Além da Corte Interna estava o coração do Palácio de Jade: o Salão da Luz Oriental, a Câmara de Reflexões e o Tesouro Imperial, distribuídos pelo amplo espaço. Uma construção circular de mármore vermelho se erguia do gramado, como um anel de cobre derrubado em uma cama de seda. Decorações de vinhas, folhas e flores estavam gravadas em suas paredes. As portas laqueadas estavam cheias de ouro e flanqueadas por um par de leões esculpidos em pedra, enquanto o telhado era formado por telhas lápis-lazúli que se inclinavam graciosamente. Iluminado pelo luar, estava tudo encharcado de prata e branco. Soldados celestiais em armaduras brilhantes estavam posicionados na entrada do tesouro, o resto patrulhando a área.

Quando minha nuvem aterrisou em meio a um bosque de canforeiros, me escondi nas sombras, caminhando em silêncio em direção à solitária figura de preto.

Os dentes de Tao brilharam ao apontar para o tecido que cobria meu rosto.

— Andou lendo muitas histórias dos mortais?

— Você não pediu que eu me disfarçasse? — Empurrei um pedaço de tecido para ele. — Melhor do que deixar alguém ter um vislumbre do seu rosto.

— Não preciso disso. — Ele gesticulou com desdém enquanto uma luz percorria sua pele, como se eu estivesse olhando para ele através do brilho do sol. Mas seus olhos estavam mais puxados, seus lábios mais finos, o nariz achatado e largo. Se eu não o estivesse encarando, pensaria que era outra pessoa. Ainda assim, sua aura permaneceu

inalterada, pulsando fraca, quase imperceptível. Franzi o cenho.

— Como você fez isso? Não senti magia nenhuma.

— É uma habilidade inata, a única que eu tenho que é útil. — Ele respirava com dificuldade enquanto limpava o suor da testa. — Útil para a minha profissão.

— É como a magia dos espíritos de raposa?

Ele fez que não com a cabeça.

— A minha é mais fraca. Só posso distorcer minha própria forma para evitar ser reconhecido, enquanto os espíritos de raposa podem imitar a aparência de outra pessoa. Também ouvi falar de encantamentos raros que podem espelhar não só os atributos físicos de alguém, mas sua aura e sua voz também.

— Uma habilidade perigosa. Sem dúvidas, é útil em momentos como este. — Olhei para ele com esperança. — Você consegue disfarçar minhas feições?

— Não, meus poderes não são fortes, o que permite que eu evite ser detectado. Seria muito exaustivo manter duas ilusões.

Assenti, ignorando minha decepção.

— Como vamos entrar?

Tao apontou para um painel na parede, de um tom mais claro do que o resto. Eu havia pensado que era por causa do luar, notando só agora que havia outros espalhados em intervalos regulares por toda a parede de mármore.

— Cada um deles leva a uma câmara diferente no tesouro. Este é o que nós queremos. — Ele me entregou um disco de jade decorado com uma flor de pêssego. — Vou atrair os soldados para longe. Assim que entrar, deixe a chave no chão para mim. Não chame atenção para si e use magia o mínimo possível para evitar alertar os guardas.

— E os outros encantamentos que guardam esse lugar? — Parecia improvável que não houvesse nada mais entre nós e o tesouro.

— Não há nenhum. Os itens que estão aí dentro protegem a si mesmos melhor do que qualquer outra coisa.

Senti um arrepio atrás do pescoço.

— O que você quer dizer?

Mas sua forma estava se ondulando, escapando da minha vista. À

distância, as árvores farfalharam: Tao, já na ativa. Os guardas se inquietaram, a maioria apressando-se para observar o que causava a perturbação, restando apenas dois na entrada.

Abaixando-me, enchi minhas mãos de pedrinhas, arremessando-as o mais longe de mim que consegui. Elas se espalharam com baques lentos, fazendo o olhar dos guardas se desviar. Corri para a entrada, pressionando-me contra a parede. Bem ao lado do painel havia uma parte côncava desenhada com a mesma flor do disco de jade, que se mesclava com a decoração. Meu coração acelerou ao pressionar o ornamento contra ele, deslizando com suavidade para o lugar certo. Quando o painel brilhou e se dissolveu no ar, enfiei a chave atrás de um montinho de grama e me esgueirei para dentro da câmara.

Atrás de mim, a porta se solidificou em pedra mais uma vez. O ar interno estava com cheiro ruim e pesado, como se nenhuma criatura entrasse ali há décadas. Examinei a vasta câmara, maior até do que o Salão Prateado da Harmonia de minha casa. Uma mesa redonda de mogno ficava no centro, adornada com um padrão floral elegante, cheia de livros e pergaminhos empilhados de maneira organizada. Não havia onde sentar, talvez porque não houvesse visitantes ali. Certamente não para passar o tempo. As paredes continham prateleiras de madeira de olmo, lotadas de esculturas belíssimas de criaturas míticas e de ornamentos de ouro, porcelana e jade. Havia árvores em miniatura recostadas nas paredes, da altura dos joelhos, com folhas verdes e galhos elegantemente curvados.

Quando a porta se iluminou mais uma vez, Tao entrou. Sem falar uma palavra, ele caminhou apressado para uma prateleira no fundo do cômodo. Quando ele correu os dedos por um painel pintado, um craquelar rompeu o silêncio. Um espaço apareceu atrás do painel, revelando uma caixa redonda laqueada praticamente do tamanho da minha palma. Estava belamente esculpida no formato de uma peônia, com as pétalas vermelho-vivo bem apertadas. Seis libélulas de jade voavam por cima da flor, entalhadas com asas translúcidas, corpos furta-cor e antenas douradas.

Quando tentei pegar a caixa, Tao agarrou a minha mão, seus dedos eram como barras de gelo. Ele estava tremendo quando apontou para

as libélulas.

— Essas criaturas picam. O veneno é excruciante. Quase não escapei da última vez.

— As libélulas? — Havia dúvida no meu tom. Elas eram lindas, tão bem-feitas que me peguei tentando ouvir o tamborilar de seu voo. Ao me curvar para inspecionar mais de perto, elas tremeram. Asas vibrando, um vermelho-rubi aparecendo em seus olhos à medida que ferrões surgiam em seus abdomens finos. Pulei para trás, formando um vendaval nos meus dedos para afastá-las.

— Cuidado, os guardas vão sentir a magia — sibilou Tao, indicando meu arco com o queixo. — Não pode usar uma arma?

Peguei minha espada, bem quando as libélulas dispararam para cima de mim com um zumbido ameaçador, as pontas das asas cintilando como facas afiadas, um líquido pálido brilhando em seus ferrões. Elas pairavam diante de nós, com aqueles olhos vermelho-sangue fixos em Tao e em mim. Minha pele se arrepiou quando forcei o braço para cima, atacando-as, mas elas se desviaram com uma velocidade impressionante, voando em minha direção mais uma vez. Eu me virei para esquivar delas, golpeando freneticamente a mais próxima, e suas asas se quebraram com o clique de um vidro. Minha lâmina reluzia com uma sombra prateada conforme atingia as outras, até que tudo o que sobrou foram cacos espalhados pelo chão.

Respirei com mais tranquilidade. Cedo demais. Os pedaços tremeram. Corpos se esticaram; asas, cabeças e membros crescendo até que cada fragmento havia formado uma nova criatura, voando para o ar e zumbindo como uma praga de gafanhotos.

Os olhos do Tao se arregalaram.

— Eu não imaginava que elas pudessem fazer isso.

— Você deveria ter me contado sobre elas antes de começarmos.

Ele ficou vermelho.

— Eu falei que precisava das suas habilidades. Eu... eu estava com medo de que você não viria. Você já tinha muitas reservas.

— Tao, eu e você vamos ter uma longa conversa depois disso. — Não tirei os olhos da visão grotesca de ferrões brilhantes e pupilas ferozes, meu ouvido cansado daquele maldito zumbido e do ranger

das pinças.

O enxame voou em nossa direção. Agarrei o braço de Tao e corri, virando a mesa de mogno para nos agacharmos atrás dela, rolando-a para um canto do salão. As libélulas se chocaram contra o outro lado, algumas de suas asas ficando presas na mesa. A ponta afiada de uma delas já fazia lascas na madeira. Minha garganta se fechou, meu estômago se revirava violentamente.

Agarrei uma urna de latão esmaltada com crisântemos amarelos de uma prateleira, jogando-a para Tao.

— Precisamos capturá-las.

As mãos dele tremiam quando pegou a urna.

— O quê? Por quê? — perguntou, com um tom angustiado.

— Não podemos usar magia e elas não podem ser mortas. Se você tiver outra ideia, seria bem-vinda — falei com veemência. — Vou capturar, você as prende. Mantenha a tampa fechada o tempo todo.

Soltei as faixas ao redor dos meus pulsos, grata pela transformação que Liwei havia feito nelas, porque aquelas criaturas cortariam seda em um piscar de olhos. As cordas ficaram soltas no ar, tornando-se uma pequena rede ao meu comando. Sem parar, peguei a rede e a joguei nas libélulas. Três ficaram agarradas nas tramas, tentando violentamente se soltar, o resto desviou para os lados antes de vir me atacar mais uma vez. Dei um passo atrás e me agachei, mas ainda assim as asas arranharam meu pescoço e minhas bochechas. Os machucados queimavam como fogo, e meu coração estava acelerado quando esvaziei a rede na urna, balançando-a com vigor para soltar as criaturas. Quando a última caiu dentro, Tao fechou a tampa com violência, com as mãos firmes, apesar de seu rosto estar pálido.

Foi uma dança frenética, minha rede rodando pelo ar para capturar as libélulas, então libertando-as na urna. Uma vez, Tao foi lento demais, várias delas escaparam e tivemos que capturá-las novamente. Outra escapou da minha mão, e sua asa cortou a orelha de Tao.

— Desculpe — engasguei quando sangue escorreu pelo pescoço dele. O zumbido ficou mais alto, como se as libélulas gostassem daquele cheiro quente.

— Não erre de novo — pediu ele, com a voz fraca.

Finalmente, as libélulas foram todas aprisionadas, com as asas raspando o latão, um som fantasmagórico e irritante que me dava nos nervos. Tao se curvou sobre a urna, com os braços envoltos na tampa. Tirando uma corda da rede, amarrei o vasilhame, deixando-o fechado. Quando os nós estavam seguros, joguei a urna longe, onde se sacudiu antes de ficar em silêncio.

Tao desmoronou ao meu lado, tremendo enquanto limpava o sangue da orelha.

— Nunca mais vou fazer isso.

Ignorando o peso nos meus membros, puxei a manga dele.

— Venha, precisamos ir.

Ao nos levantarmos, fomos cambaleando até a caixa laqueada na prateleira. Cada pétala de peônia era perfeitamente formada, enrolando-se nas bordas. Tao a pegou, uma imagem espelhada nos dois lados. Segurando-a com firmeza nas duas mãos, ele a girou até que se separasse. As pétalas estremeceram, depois se desenrolaram para revelar um interior decorado com topázios. Alguma coisa estralou, abrindo tudo ao seu redor como uma noz partida pela metade, como um pêssgo. Quando o cheiro de pêssgo e mel se espalhou pelo ar, com um dulçor intoxicante, minha boca salivou com um desejo repentino.

Tao deu uma olhadinha na caixa, com a respiração cada vez mais acelerada.

— Os elixires estão aí? — perguntei, ansiosa.

— Estão. — A cabeça dele girou ao redor quando percebeu a destruição no cômodo. — É melhor a gente arrumar tudo antes de ir.

Movimentei-me rapidamente pelo lugar, arrastando a mesa para sua posição original, empilhando os livros e pergaminhos como estavam. Então organizei as prateleiras, e finalmente escondi os cacos de ornamentos quebrados em um canto escuro. Longe de perfeito, mas esperávamos que fosse o suficiente para escapar de uma inspeção.

— Você está com eles? — perguntei para Tao.

Ele assentiu ao recolocar a caixa na prateleira. Ao seguirmos em direção à porta, uma luz ondulou pela pedra. O pânico tomou conta de mim quando Tao e eu nos escondemos atrás da estante mais

próxima, agachando entre as árvores em miniatura, com a urna bem ao nosso lado.

O painel desapareceu. Dois soldados entraram, altos, de ombros largos. Será que era uma visita de rotina, ou alguém havia nos escutado? Os soldados pararam, um virando a cabeça para trás como se estivesse escutando alguma coisa. Respirei fundo, o tecido tremendo por cima da minha boca ao fechar o punho com força no cabo da minha espada. Um estrondo quebrou a quietude, a urna estremecendo no chão. O homem veio imediatamente em sua direção, com a mão agarrando sua lança.

Fiquei paralisada, mas consegui me livrar do estupor. Virei-me com tudo para a urna, a peguei e soltei as cordas, abrindo sua tampa e arremessando seu conteúdo nos guardas. As libélulas dispararam para fora, zumbindo mais alto, como se estivessem enfurecidas. Os soldados empalideceram, mas eram bem-treinados, então seus braços se ergueram, atingindo o ar com suas lâminas em ataques ritmados. Um deles chamou reforços. À medida que as libélulas se fraturavam, algumas já se refazendo, mais guardas correram para o cômodo, lotando a entrada. As criaturas os atacavam, ferroando seus rostos e pescoços. Caroços inchados se formavam por baixo da pele, de um tom violeta-avermelhado, enquanto os soldados arquejavam de dor. Tao e eu corremos para a porta bem quando um soldado se adiantou para bloquear nosso caminho, apontando a espada para a minha cabeça. Eu o golpeei freneticamente, afastando-o. Estávamos ficando sem tempo. Logo os soldados dariam conta das libélulas, nos parariam... o ar já estava se movimentando com o começo de uma magia.

Segurando o cabo da minha lâmina com ambas as mãos, eu a balancei no ar de encontro com o golpe do soldado, meu braço doendo quando joguei longe a arma dele. Ele se desequilibrou, dando um passo atrás para não cair, e sua espada veio em minha direção mais uma vez. Eu me joguei para o lado, a lâmina dele cortando o ar onde estivera meu peito. Agachando-me, o chutei, e meu pé colidiu contra o estômago dele. Ele arfou ao tentar se inclinar para agarrar a máscara improvisada do meu rosto. Saí de seu alcance, arrastando

minha lâmina sobre seu braço, fatiando a carne. O sangue jorrou, um grito escapou de sua garganta e o zumbido das libélulas aumentou em um frenesi.

Minha energia se reuniu, invocando uma tempestade a fim de jogá-lo para longe, não havia necessidade de cautela e subterfúgios agora. Pelo menos nossos rostos ainda estavam escondidos. Tínhamos uma possibilidade de escapar incólumes, apesar de as chances estarem diminuindo rapidamente.

— Há mais soldados vindo! — gritou Tao.

Fugimos da câmara, correndo pelo gramado. Magia fluía das minhas mãos, chamando uma nuvem enquanto corríamos em um caminho tortuoso para escapar dos soldados. Quando subimos na nuvem, um assobio ameaçador cortou o ar. Tao e eu nos abaixamos, prendendo a respiração enquanto flechas voavam por cima de nós. Suor escorria da minha testa, meus braços doíam, e mesmo assim não ousei parar, canalizando mais energia no vento que nos carregava para cima em uma rota tortuosa para despistar qualquer um que nos perseguisse.

Caímos em silêncio por um bom tempo, os olhos procurando algum sinal de perigo. Só quando o brilho luminoso da lua abriu caminho pela noite foi que eu tirei o tecido do meu rosto. Havia parecido uma ideia tola, mas fiquei grata por tê-lo feito. Se alguém houvesse me reconhecido... estremei com o pensamento.

Os braços de Tao estavam ao redor de seu corpo.

— Tivemos sorte. Mais do que sorte, por termos escapado.

Assenti, inspecionando os cortes da libélula formando uma rede ensanguentada na minha pele. Tao, ao meu lado, cuidava de um corte profundo em seu braço, com sangue ainda pingando da orelha.

— Está doendo? — perguntei

— Não. — Havia um leve tremor em sua voz.

— Deixe-me avaliar seu ferimento — ofereci, perguntando-me se estava mais profundo do que parecia.

Ele fez que não.

— Não é muito grave.

— Você está com os elixires? — Eu já estava imaginando o rosto

do meu pai iluminado com orgulho. A alegria da minha mãe quando eu o levasse para casa.

Tao colocou a mão entre as dobras de seu manto, pegando uma pequena garrafa do tamanho do meu dedão. Havia sido lapidado de jade branca e translúcida, com uma filigrana dourada e delicada adornando sua rolha. Um líquido brilhante estava balançando dentro dela, e seu cheiro de mel quase adormecia meus sentidos.

Sorri, tentando pegá-lo, mas os ombros de Tao caíram quando o ar ao seu redor brilhou, seu rosto e seu corpo ficando borrados como se ele estivesse coberto em névoa.

— Qual é o problema? Você está bem? — Procurei seu braço para estabilizá-lo, mas meus dedos passaram pelo seu corpo como se fosse fumaça.

— Eu... me desculpe. Havia só um. — Seu rosto se contorceu, sua voz estava cheia de remorso ao se fundir com o vento que passava.

Eu o encarei sem acreditar, com pesar tomando conta de mim. Havia arriscado tanto e chegado tão longe! A raiva queimava como fogo quando pulei para cima dele, agarrando a sombra da garrafa em sua mão, mas era como tentar agarrar um pedaço do céu.

Era tarde demais, ele sumira. Eu havia sido usada, como uma tola, me arriscado por nada, e, o pior de tudo, havia falhado com meu pai.



O amanhecer raiava pelos céus quando as últimas luzes diminuía das lanternas da lua. Eu quase desejava o retorno da noite, tão escura quanto meus pensamentos. Havia chegado tão perto de levar meu pai para casa, e agora... o elixir havia se esvaído. Meus dedos se fecharam enquanto eu xingava Tao e sua irmã, e a mim mesma, por confiar neles. Mas a expressão agitada de Tao conforme ele desaparecia estava me incomodando. Será que ele esperava dois elixires, mas encontrou apenas um? Teria eu escolhido diferente, sacrificado a vida do meu pai, a felicidade da minha mãe, por um estranho? Não importava a resposta, caso o encontrasse novamente, eu daria o troco por seu egoísmo em igual medida. Havia arriscado minha vida tanto quanto ele, o elixir também era direito meu, e roubá-lo havia anulado todo o direito que ele poderia ter.

Os soldados Celestiais de guarda no quintal não me eram familiares. O turno de Feimao deveria ter acabado. No dia anterior, eu havia passado por aquelas portas sem hesitar, e agora eu era forçada a invadir como um ladrão. Furtivamente, dirigi-me para os fundos, escalando um pilar de madrepérola e, então, me pendurando na sacada. Ao tirar minhas vestes e colocar um manto lilás que havia escondido lá, meu olhar recaiu sobre o reino abaixo, inundado pela neblina suave da manhã. Um peso tomou conta de mim ao relembrar as noites que passara em contemplação ociosa ali. Será que algum dia eu recuperaria a paz que tivera naquela época?

O corredor estava deserto quando me dirigi para o meu quarto. Correndo as portas para abri-las, entrei, espantada por encontrar

Shuxiao sentada à mesa, junto do General Jianyun. As xícaras de chá deles estavam vazias, a espada de Shuxiao no chão. Será que estavam esperando há muito tempo?

— Vocês não deveriam estar aqui! — explodi. Relembrando-me dos meus modos, curvei-me para o General Jianyun. — A ordem do imperador...

— Fiquei sabendo — disse Shuxiao com a testa franzida. — Onde você estava? Não era para você ter saído.

Olhei para o General Jianyun. Ele ainda era um dos conselheiros do imperador. Além disso, era mais seguro para ele que não soubesse. Mas sua presença inesperada me fez estremecer inteira.

— Vocês têm notícias de Liwei? — perguntei, esquivando-me da pergunta de Shuxiao.

— Ninguém tem permissão para visitar Sua Alteza. O imperador ordenou que ele permanecesse isolado em seus aposentos — respondeu o General Jianyun com tristeza.

Meus dentes morderam a parte macia de dentro das bochechas.

— Liwei falou com o pai?

O General Jianyun negou com a cabeça.

— Sua Majestade Celestial se recusa a oferecer uma audiência a ele até que Sua Alteza peça desculpas, o que ele ainda não fez. O imperador também não escutará a voz da razão de seus poucos conselheiros que exprimiram preocupações com relação ao tratamento dado ao príncipe.

— Mas não é por isso que estamos aqui. — A expressão de Shuxiao era séria. — Soldados estão se unindo enquanto falamos. Estão vindo para cá, liderados pelo General Wu.

Um medo percorreu minha espinha.

— Por quê?

— O imperador proferiu a sentença da sua mãe. De todas vocês. — Ela respirou longamente. — Confinamento na torre.

Meu estômago revirou com o pensamento de minha mãe, Ping'er e eu presas em tal lugar. A torre era uma prisão Celestial nos limites do reino, onde monstros terríveis como o Diabo de Ossos haviam sido confinados. Era um lugar de desolação profunda, envolto em

escuridão porque não havia janelas nem portas em suas paredes, nada para permitir passar um fio de luz.

— Por quanto tempo? — engasguei.

Foi o General Jianyun quem respondeu:

— Não foi determinada uma duração.

— Pode ser para sempre. — O desespero gritava dentro de mim, muito alto. O imperador havia feito isso com a minha mãe e com os dragões, a punição se arrastando indefinidamente sem uma chance de clemência. Nossos nomes seriam enterrados, esquecidos, conforme os anos passassem, tornando-nos outro conto de alerta sobre a desobediência ao Imperador Celestial.

— Algumas pessoas tentaram argumentar a favor de sua mãe. Chang'e nunca tinha falhado em sua missão antes. Deve ter sido um erro inocente. — O rosto do General Jianyun ficou tomado de escuridão. — Mas outras pessoas distorceram nossas palavras, argumentando que seu lapso sem precedentes daquele dia, no aniversário de Sua Majestade Celestial, deve ter sido intencional. Alguns foram mais longe, argumentando que o insulto à Sua Majestade Celestial era uma traição para enfraquecer sua posição, encorajar os dissidentes e trazer infortúnio ao seu reino.

— Eles nos têm em muito alta conta. Foi só um erro inofensivo.

— Nenhum erro é “inofensivo” no Palácio de Jade. Principalmente os que podem despertar a ira do imperador — disse Shuxiao.

— O que você vai fazer? — perguntou o General Jianyun.

— Quantos soldados? Quando eles virão? — Forcei-me a perguntar.

O rosto de Shuxiao ficou sombrio.

— Mais de cem. Eles virão hoje, no mais tardar amanhã.

— Cem? — repeti, em choque. Esperavam que lutássemos? Não havia um convite para cedermos, só uma tropa enviada para subjugar um inimigo e conquistar o que não seria renunciado. Há um ano, soldados Celestiais haviam ficado ao meu lado e agora... estavam marchando para a minha casa.

Meu maior medo, meu pior pesadelo, se tornara realidade.

— Não posso deixar que nos levem — falei por instinto.

Um breve silêncio seguiu, antes de o General Jianyun pigarrear.

— E o loureiro?

— Eles podem ficar com ele se nos deixarem em paz. — Palavras duras ditas com o terror de uma criança, oferecendo uma barganha fútil para atrasar a punição inevitável.

— Nas mãos erradas, quem sabe para que o loureiro pode ser usado — argumentou o General Jianyun. — Apesar de não entendermos seu poder, também não o podemos ignorar.

— Como lutaremos com eles? Não só porque eles estão em maior número, mas também porque esses soldados outrora me ajudaram. — Eu fiquei enjoada com a ideia de atacar pessoas ao lado das quais eu já havia lutado.

— O Exército Celestial não é mais o que era. — O tom do General Jianyun era pesado. — Os soldados que defenderam você aquele dia foram colocados de lado, com a lealdade posta em cheque. Muitos deserdaram, e quem ficou foi enviado para fronteiras distantes.

O apoio deles a mim lhes tivera um custo muito alto. Um simples gesto de gratidão, recebido como um golpe feroz ao orgulho do Imperador Celestial. Havia sido um dos melhores momentos da minha vida, e agora estava manchado com culpa.

Estávamos perdendo segundos preciosos, com os soldados do imperador se aproximando. Analisei o rosto do General Jianyun, buscando orientação, mas ele permaneceu em silêncio. Às vezes não havia resposta, às vezes tínhamos que encontrá-las enquanto caminhávamos.

Unindo as mãos à minha frente, curvei-me até a altura da cintura.

— Obrigada por nos avisar. Peço desculpa pela descortesia, mas deve ser mais seguro para vocês dois se forem embora antes de os soldados chegarem.

As linhas de expressão se afundaram na testa do General Jianyun como dedos passados na areia.

— O que você vai fazer?

Eu não respondi, estava com os nervos à flor da pele. Tudo o que eu queria era ficar em paz com a minha família, mas tudo o que eu fazia nos colocava em mais perigo.

Não, sussurrou minha mente. Você queria mais do que isso. Você queria ajudar os dragões. Você desafiou o imperador na tentativa de forçar uma ação dele. Você tentou roubar o elixir. Mesmo agora você está pensando em uma maneira de parar o ataque. Você nunca se contentou em deixar as coisas como estavam... sempre querendo mais.

A paz não flui em suas veias.

Meus dentes se enterraram nos lábios, cortando a pele macia. Havia ficado quieta antes, tentando evitar a ira do imperador, pensando tolamente que ressentimentos seriam esquecidos em uma década, mais ou menos. Por que me preocupar com as políticas do reino, essas mudanças de poder? Essas coisas estavam além da minha influência insignificante. No entanto, as sementes de traição haviam sido plantadas e seus frutos precisavam ser colhidos. O imperador não confiava em mim, nem eu nele. Meu estômago se revirou ao pensar no loureiro na posse do imperador, e tudo era mais apavorante porque eu não sabia quais seriam as consequências.

Ah, se eu tivesse aliados com quem pudesse buscar refúgio! O Príncipe Yanxi não poderia nos abrigar; eles não arriscariam a aliança com o Império Celestial. Eu ainda tinha a escama que o Dragão Longo havia me dado. Poderia pedir ajuda para os dragões? Não para atacar os soldados, mas para fugir? Porém, a presença deles seria detectada, e os dragões não desejavam se colocar contra o Imperador Celestial mais uma vez. Eu não os colocaria em perigo por pouco, não sem exaurir todas as outras possibilidades.

A dúvida obnubilou minha razão, balançando como uma chama pega no vento cruzado. Cada caminho diante de nós estava cheio de perigo. Se fugíssemos, o imperador não nos perdoaria, ele nos caçaria por todo o reino. Também não podíamos lutar, por estarmos em menor número. A única alternativa era permanecer onde estávamos e aceitar nossa punição. Mas eu ousaria confiar na benevolência do imperador, que ele pudesse por fim se compadecer e nos libertar?

As palavras do Imperador Celestial flutuavam em minha mente, o alerta que ele havia me dado naquele dia em que ganhei a liberdade da minha mãe: “Como a Deusa da Lua, ainda cabe a ela garantir que o corpo celeste nasça todas as noites, sem exceção.”

Essa era a segunda ofensa da minha mãe contra o Imperador Celestial, e o insulto foi pessoal. Não haveria misericórdia, ele nunca nem esteve disposto a isso. Suas Majestades Celestiais não nutriam nenhum amor pela minha família, e essa era uma oportunidade ideal para se livrarem de nós.

Parte de mim estava feliz por Liwei não estar aqui. Ele teria nos apoiado contra a invasão Celestial, colocando-se contra seu pai, que veria tal feito como uma traição imperdoável. Como estava, Liwei podia alegar ignorância acerca dos meus planos, porque, na verdade, eles haviam sido criados só naquele momento.

— Vamos fugir. — Meu coração estava tomado de arrependimento, manchado de vergonha. Mas eu tinha pouca fé na justiça do Império Celestial.

A decepção surgiu no rosto do General Jianyun. Talvez ele tivesse esperança de que eu ficasse para defender o loureiro. Talvez ele imaginasse que uma centelha do heroísmo do meu pai queimava em minha alma. Eu não era nem tão nobre nem tão valente. Alguns podiam me chamar de egoísta, mas eu estava cuidando de quem amava. Eu havia feito minha parte pelo reino, e fora paga com desconfiança todas as vezes.

— Eu entendo. Tome cuidado — disse ele, por fim.

— Precisamos nos preparar — alertou Shuxiao.

— Nós? — perguntei.

Ela cruzou os braços me desafiando.

— Não vou embora até que você consiga escapar em segurança.

— Como posso permitir que você fique? — contrariei.

— Não é escolha sua — desafiou-me ela, com ferocidade.

Eu hesitei, queria ela do meu lado, mas temia expô-la ao perigo.

— Obrigada. — Consegui agradecer, apesar do aperto em meu peito. Eu teria feito o mesmo por ela.

— General Jianyun — chamou Shuxiao. — Poderia enviar um recado para a minha família? Diga que se escondam até que tenham notícias minhas.

Senti uma amargura por ela ter que fazer isso, por sermos forçadas a fugir. Mas não havia vergonha nenhuma na fuga. Eu já havia feito

isso antes. Não nos sacrificaria por uma causa pela qual pouco nos importávamos. O que importava mais era nossa liberdade e nossas vidas, nas quais havia esperança, junto da promessa de novos começos.

BATI À PORTA DA MINHA MÃE, batidinhas rápidas e curtas. Ela emergiu de seu quarto, enrolada em seu manto branco. Fiquei contente por encontrar Ping'er com ela, sentada à mesa, servindo chá em duas xícaras.

Não perdi tempo, falando com urgência:

— Soldados Celestiais estão a caminho. Precisamos fugir.

— Fugir? Por quê? — Os olhos dela estavam arregalados de choque.

— O imperador nos condenou à prisão na torre. Fomos acusadas de insultar Sua Majestade Celestial, de termos intenções traiçoeiras pelo lapso da iluminação da lua.

Um tremor percorreu o corpo dela.

— Eles estão errados. Podemos explicar?

— Não importaria. Não é possível mudar o pensamento de quem não quer estar errado. — Peguei as mãos dela, assustando-me internamente com o quanto estavam geladas. Ela estava com medo... como eu. — Eles querem acreditar nisso a respeito de nós. Esquecer de acender as lanternas foi uma coisa inocente, assim como pegar o elixir do meu pai, ou os dragões levarem água para os mortais em sofrimento. O Imperador Celestial não tolera ameaça alguma ao seu orgulho ou posição. Para ele, as aparências importam mais do que as intenções. — Então me dei conta do quanto ele me odiava, a garota a quem seus soldados tinham se curvado, a quem ele teria matado naquele dia.

— Devemos fugir? — A voz da minha mãe soou entrecortada. Aquele lugar era tudo o que ela conhecia do Reino Imortal. Outrora sua prisão, agora sua casa.

— Sim. Sua Majestade Celestial não rescindirá sua sentença, nem ninguém intercederá a nosso favor, pelo menos ninguém a quem ele

dará ouvidos. Somos um espinho no pé dele que ele está doido para tirar. Além do mais, ele quer nossa casa, e essa é a desculpa perfeita para tomá-la.

Ping'er franziu o cenho:

— E desobedecer à sua ordem não o enfurecerá mais ainda?

— Sem dúvida nenhuma. — Uma satisfação imprudente me inundou ao pronunciar essas palavras. — Mas temos pouca coisa a perder nesse estágio.

A não ser nossas vidas. Estava sendo uma tola ao colocar todas nós em risco? Será que o aprisionamento não era melhor do que a morte? Mas essa não era a escolha; estávamos lutando pela nossa liberdade, pela chance de viver como escolhêssemos. E eu não confiaria nossa segurança às mãos do imperador.

Minha mãe ergueu a cabeça, com a expressão mais calma.

— Estaremos prontas.

— Você precisa ir primeiro, com Ping'er. Vou seguir logo depois, com Shuxiao. Vamos distrair quem está de guarda aqui para que vocês possam escapar em segurança.

Minha mãe me olhou fundo nos olhos.

— Não vou sem você.

— Mãe, se os Celestiais a capturarem, você será refém deles. Não consigo fazer o que preciso se você estiver em perigo. E, se todas voarmos ao mesmo tempo, eles sentirão nossa ausência e nos perseguirão. Shuxiao e eu conseguimos evadir dos soldados, mas você e Ping'er...

— Eu sou fraca, eu sei. — Minha mãe desviou o olhar. — Queria poder ajudar. Ah, se eu tivesse magia como você...

Talvez o poder da minha mãe fosse uma magia mais silenciosa, como a de Tao, ou alguma de que ela não tivesse consciência. Independentemente disso, havia uma força nela que eu não entendia quando era criança: a achava frágil e delicada. No entanto, quando saí de casa pela primeira vez, eu estivera em uma confusão de pavor, enquanto a mente dela permanecera tranquila, clara. Tinha sido Ping'er quem me dissera: “Ela é mais forte do que você pensa.”

— Não, mãe — falei gentilmente. — A magia não é o único poder;

somos fortes de maneiras diferentes. Você me manteve em segurança por todos esses anos, é a minha vez de proteger você. Vocês duas — disse, esticando-me para pegar a mão de Ping'er.

Minha mãe respirou fundo.

— Não faça nada muito brusco. Você precisa ser cuidadosa e não ser pega. Prometa-me.

— Eu prometo — concordei sem hesitar, ignorando a culpa que me assolava.

Havia outra parte do meu plano que eu não havia revelado, que ainda estava em formação conforme conversávamos. Shuxiao e eu planejávamos uma distração, mas e se montássemos uma armadilha para Wugang? Não por raiva, mas pelo desejo instintivo de acabar com essa ameaça maldita. Quem, além dele, poderia colher as sementes do loureiro?

Minha mãe e Ping'er se movimentavam pelo quarto, reunindo algumas posses. Na porta, minha mãe me abraçou bem forte, e eu fechei os olhos, inalando sua fragrância misturada com o dulçor do jasmim-do-imperador.

— Tome cuidado, Estrelinha. — A mão de Ping'er tocou minha bochecha com gentileza. — As noites mais escuras são as que as estrelas brilham mais forte.

Senti um nó na garganta ao ouvir meu apelido de infância. Respirei profundamente, contendo minhas emoções. Só depois que elas haviam saído eu me joguei no chão, passando as pontas dos dedos pelas pedras do piso. Um último adeus.

Isso foi tudo o que me permiti fazer. Levantando-me, caminhei para o quarto. O Arco Dragão de Jade foi a primeira coisa que peguei. Minha espada estava ao meu lado, uma adaga pendurada na minha faixa.

Que arrogante eu havia sido, pensando que nunca mais fugiria! Mas, desta vez, eu estaria pronta... e levaria comigo as pessoas que amava.



A lua tremulava brilhante como um mar de prata, minha mãe havia completado a tarefa dela. Deixar as lanternas escuras teria sido um sinal de problema, levantando as suspeitas dos soldados. Quando ela emergiu da floresta, andando em direção a Shuxiao e eu, finos rastros de fumaça saíam do galho que ela segurava.

— Mãe, você está pronta? — perguntei em voz baixa.

Ela assentiu, com os olhos reluzindo de lágrimas, mas não era por medo ou pela perda iminente de sua casa. Desde que eu me lembrava, seu ritual noturno era caminhar pela floresta, chorando por meu pai, o único momento em que ela permitia que o luto se desenrolasse de seu peito. Quando eu era criança, me magoava com sua aparente frieza quando a interrompia nesses momentos, percebendo só anos mais tarde que era porque ela não queria que eu a visse chorar. O impulso de confessar a existência do meu pai me afligiu. Um segredo difícil de guardar por ser o que ela mais desejava, mas retive as palavras. O vínculo entre meu pai e eu era novo e ainda não havia sido testado, mas eu havia dado minha palavra, então respeitaria a escolha dele. E a minha mãe já havia sofrido o suficiente com a separação deles. Eu não reavivaria suas esperanças só para que elas se desfizessem mais uma vez. Não até que eu encontrasse uma maneira de curá-lo. Não até que encontrasse aquele farsante do Tao, que havia me apunhalado pelas costas.

— Certifique-se de que os soldados vejam você entrar, então saia pela sacada com Ping'er — instruí. — As nuvens foram conjuradas logo depois da floresta. Shuxiao e eu as encontraremos nas margens

do Mar do Sul.

— Venha o mais rápido que puder — lembrou-me minha mãe, com os lábios apertados como fazia sempre que suspeitava que eu estava aprontando alguma coisa.

Mas eu já não me sentia ameaçada com seu olhar, com a verdade saindo em um gaguejo.

— Faremos isso — respondi com firmeza.

Então ela se foi, e os soldados Celestiais da entrada deram apenas uma olhada rápida. Seus olhos recaíram sobre mim, cautelosos e avaliativos, antes de desviar para outro lado. Meu olhar se demorou nas paredes luminosas da minha casa, com seus pilares furta-cores, gravando cada azulejo e rocha na cabeça, como havia feito na primeira vez que fui embora. O sonho de retornar ficaria desperto pelo tempo que vivêssemos... não importa o quanto parecia frágil neste momento.

O vento soprou forte, com o ar abarrotado de auras imortais. Nuvens obscureceram a outrora clara noite. Segurei uma mão na outra, geladas, mas escorregadias de suor.

— Eles estão chegando mais cedo do que pensávamos — disse Shuxiao em voz baixa.

Alguma coisa se endureceu dentro de mim.

— Então precisamos ir.

Sentindo os olhos dos soldados em nós, caminhamos em passos calculados até a floresta, para só então começarmos a correr, com nossos pés afundando no solo reluzente. Paramos ao lado do loureiro, suas folhas tilintando como pedaços de prata. Era lindo, mas naquela hora era o que eu mais odiava na vida. Se essa árvore não existisse, o imperador jamais teria posto os olhos na minha casa, e não seríamos forçadas a fugir.

Eu ergui minha mão, e uma brisa se formou nas pontas dos meus dedos. Ela atingiu as árvores de jasmims-do-imperador na outra ponta da floresta, circundando-as e chocalhando seus galhos. Uma isca para chamar a atenção dos soldados, permitindo que minha mãe e Ping'er escapassem sem nenhum impedimento. Ao sentirmos suas auras se afastando, Shuxiao e eu tecemos delicadas linhas de ar revestidas por

uma chama translúcida, trançando-as em um laço ao redor do tronco do loureiro, pronto para se fechar com um único toque.

Algo pesado atingiu minha consciência, como se eu houvesse batido a cabeça em uma pedra. Estremeci inteira quando os escudos que Liwei e eu construímos tão meticulosamente foram esgarçados como papel de arroz, o rugir em minha mente diminuindo até uma calmaria profunda, do tipo que gelava a minha espinha.

Tremores percorreram o chão, a terra se espalhando por nossos sapatos. Os olhos de Shuxiao se arregalaram quando ela fez um gesto para a frente. Tentáculos pálidos cortavam a noite como dedos agarrando o céu, o amargor defumado das cinzas entremeado com o dulçor de canela torrada. Minha casa... estava ardendo em chamas. O fogo devorava as paredes outrora brancas, com fumaça cinza espiralando alto pelo ar. Uma angústia se formou dentro de mim, arfadas engasgavam em minha garganta.

A mão de Shuxiao segurou meu ombro.

— Sofra depois.

Recompondo-me, assenti, dando as costas para a visão infernal. Um clarão estilhou a escuridão quando um raio de luz surgiu atrás de mim, atingindo as costelas de Shuxiao. Ela arfou, virando-se para trás enquanto eu agarrava sua mão. Era minha vez de lhe dar suporte, conforme ela pressionava sua palma na ferida, a magia fluindo para fechá-la. Dominando a minha energia, teci um escudo por cima de nós bem quando outra onda de luz maléfica mergulhou em nossa direção, colidindo contra nossa barreira.

Um imortal apareceu, envolto em uma armadura Celestial branca e dourada, segurando um grande machado. Seus olhos castanhos brilhavam, o cabelo preso em um coque alto lustroso. Wugang, sem seus soldados, uma oportunidade que eu nunca desperdiçaria.

Seus lábios formaram um sorriso zombeteiro.

— Ainda aqui? Você não é tão esperta quanto pensei.

— Sozinho? — retuquei. — Você não é tão esperto quanto acha.

Brandi minha espada, não o arco, pois sua luz atrairia todos os Celestiais do céu. No entanto, ele não se mexeu para se defender, deixando a lâmina do machado no chão enquanto segurava o cabo.

— Por que nos odeia? — A pergunta escapuliu de mim, era uma que eu há muito queria fazer. — Não fizemos nada para você.

Ele deu de ombros.

— Minha querida, eu não odeio você de forma alguma. Chame isso de um desalinho de destinos, você está no caminho do que eu quero.

A raiva me queimava por dentro devido à sua insensibilidade, à sua indiferença tão peçonhenta quanto a maldade. Meus dedos se apertaram ao redor do cabo da minha espada. Seja rápida, minha mente incitou, a parte que não estava incapacitada pelo terror, nauseada por essa destruição desnecessária da minha casa. E tinha importância caso ele se recusasse a lutar?

Eu investi contra ele, estocando minha arma enquanto ele balançava o machado para o alto. Nossas lâminas colidiram em um baque estridente, meu pulso latejando com a força. Shuxiao deu um salto, golpeando Wugang pelo lado, cujo corpo se curvou para evadir do ataque. Jogando todo o peso contra o machado, ele veio com tudo para cima de mim, atingindo-nos com um clarão de sua magia. Empurrei Shuxiao para que ela ficasse em segurança, e girei a fim de evitar o ataque dele.

Wugang ergueu as palmas acesas com poder, um escudo escorrendo por seu corpo.

— Estava certo por duvidar de sua lealdade, Tenente.

— Você não fez nada para merecê-la — retrucou Shuxiao.

— Desleal. Desobediente. Sem talento algum. É hora de livrar o Exército Celestial de tais recrutas inúteis.

Foi com ódio que o ataquei mais uma vez. A espada de Shuxiao voou ao lado da minha, veloz e implacável, mas Wugang se movia com uma destreza surpreendente. Ele desviou do ataque seguinte de Shuxiao, girando para bater com o pé na barriga dela. Ela se estatelou no chão, mas logo se levantou, arremessando um raio de gelo no ombro dele. Quando Wugang recuou com um murmúrio de dor, eu me atirei para cima dele, descendo minha espada em seu peito. A ponta de metal atravessou a armadura, mas o escudo trabalhou depressa. Agarrando o cabo da minha espada com ambas as mãos, joguei toda a minha força contra ela, magia escoando de minhas palmas para

empurrar a lâmina. O escudo de Wugang se fraturou, e minha espada afundou mais, penetrando sua carne.

Um grito soou em minhas orelhas. A voz de minha mãe. Ela ainda estava ali? Quando congelei, Wugang se desvencilhou da minha espada, jogando-a para longe. Fui atrás dele, mas soldados Celestiais surgiram das árvores, fluindo como rios de ouro em suas armaduras douradas. Meu coração congelou quando vi Feimao arrastando minha mãe, enquanto outro soldado que parecia um touro agarrava Ping'er.

— Eles nos encontraram — sussurrou minha mãe. — Desculpe-me.

— Soltem suas armas — ordenou Wugang, com um sorrisinho no rosto, mesmo que momentos antes minha espada estivesse enterrada em seu peito. — Qualquer tolice da parte de vocês, e sua mãe pagará o preço.

Feimao pressionou a ponta da espada contra a nuca de minha mãe. Um golpe certo romperia o núcleo de sua força vital. Analisei sua feição, esperando encontrar algum lampejo de dúvida, uma garantia amiga, mas não encontrei nada.

A fúria queimava em mim, enveredada pelo gelo do medo. A tentação urgia que eu liberasse uma ventania para cima deles, varrendo Wugang para o chão... mas me forcei a soltar o meu poder, deixando a espada cair de meu punho. Como odiava esse sentimento de desamparo! Essas amarras de futilidade.

Wugang inclinou a cabeça em direção à minha mãe com uma cortesia inesperada, como se fosse o genial Mestre Gang de novo.

— Chang'e. Entristece-me retribuir sua hospitalidade dessa maneira.

— Você poderia nos libertar e se livrar dessa tristeza — rosnei.

— O poder para fazer isso não está em minhas mãos. — A voz dele carregava um tom de arrependimento.

Minha mãe o encarou:

— O que quer de nós?

— Vocês não deveriam ter tentado desafiar as ordens de Sua Majestade Celestial. Vocês receberam ordens de permanecer aqui para aguardar pela justiça. Desconsiderar seu edital é uma ofensa grave, assim como atacar o general escolhido do imperador — disse Wugang

solenemente.

— Justiça? — repeti com escárnio. — Deveríamos ter esperado aqui para sermos aprisionadas?

— Não sou eu quem faço os julgamentos — respondeu. — Sou apenas um servo de Sua Majestade Celestial.

— Um falso orgulho não lhe cabe. — Inclinei minha cabeça para o loureiro. — Você contou para o imperador sobre este lugar. Você fez com que ele olhasse para cá e o envenenou contra nós.

Ele não negou minhas alegações, voltando-se para minha mãe:

— Quem se rebela enfrenta punições piores. Saiba que eu suplicarei clemência a seu favor. No entanto, sua filha possui traços rebeldes que precisam ser reprimidos.

— Não preciso de favores seus — respondeu minha mãe friamente. — Muito menos dos que vão prejudicar minha família.

Wugang abriu bem as mãos.

— Ah, Chang'e. Não vamos brigar. Há poucos de nós no mundo, mortais que ascenderam aos céus. Em quem mais podemos confiar se não um no outro?

Havia um tom estranho em sua voz: bajulação. Quase esperança. Não acho que era luxúria, ele não olhava para minha mãe com desejo. Será que sentia uma conexão com ela por causa de sua herança mortal? Estava solitário? Afinal, ele não tinha muitos motivos para gostar dos imortais, sua única companhia em todos esses séculos. E todos com quem ele se importava no mundo de baixo haviam morrido.

— Confiar? — O queixo da minha mãe se ergueu. — Sendo que você atacou minha família, mentiu para nós e tomou nossa casa?

Ele endureceu, com os dedos apertando o cabo de bambu. Era o mesmo machado que ele havia roubado do imortal? O que estava manchado com o sangue de sua esposa?

— Por que você usa a flauta como cabo? — Apesar de a motivação para a minha pergunta ser curiosidade e a necessidade de desviar sua atenção de minha mãe, eu também queria entender a mente dele. A maneira mais garantida de derrotar um inimigo é aprender como ele se movimenta, aprender seus medos e pensamentos mais profundos.

— Foi um presente de uma pessoa indigna. Um lembrete para

nunca mais depositar minha confiança nos outros. — Havia ressentimento em sua voz, junto de outra coisa, algum arrependimento?

— Você me disse que sua esposa gostava de ouvi-lo tocar. Ela lhe deu a flauta... e você a matou com isso — falei, devagar, sentindo meu estômago revirar com repulsa.

Os lábios de Wugang formaram um sorriso provocativo.

— Você parece curiosa a respeito da minha arma.

— Fiquei sabendo que você passou muito tempo cortando uma árvore com ela — retruquei com um insulto deliberado, tentando incitar imprudência nele.

— Como alguém como você ficaria sabendo de coisas assim?

— As histórias são contadas por toda parte, cantadas até nas casas de chá dos mortais — menti. — Devem ter tanta pena de você.

— Eles não ousariam! — Seu rosto se contorceu antes de retomar a neutralidade, uma máscara deslizando de volta para o lugar. — Você sabe que os mortais contam as próprias histórias sobre a Deusa da Lua? Como ela roubou o elixir que o nobre Houyi ganhara por um desejo egoísta de se tornar uma deusa. Alguns dizem que ela quebrou o pacto de compartilhar o elixir com ele, tomando tudo sozinha. O pote inteiro garante a imortalidade, enquanto a metade lhes teria garantido uma vida longa, além da expectativa de vida mortal. Eu jamais imaginaria que um coração implacável batesse dentro desse exterior tão gentil. Como aplaudo a sua escolha! Desdenhar do amor. — Seu sorriso estava cheio de malícia. Era o troco pela hostilidade dela.

— Você não sabe nada sobre mim, nada sobre o amor. — A voz de minha mãe estava endurecida e fria. Nunca havia visto esse lado dela, irradiando gelo e neve, a deusa a quem os mortais se ajoelhavam para adorar.

— O amor não vale de nada — zombou Wugang. — Fugaz, inconstante e mudando com o vento. No fim, tudo o que ele gera é tristeza, seja pela indiferença, pela traição ou pelo rancor. Os verdadeiramente poderosos não têm necessidade de amor, uma fraqueza que derrubou todas vocês hoje. — Sua provocação nos

endureceu.

— Talvez você nunca tenha sido amado de verdade. Talvez nunca tenha amado verdadeiramente alguém. — Um golpe baixo, pois usei sua dor como uma arma.

Ele riu, mas não havia felicidade.

— O que é o amor se comparado à vida eterna?

— É por isso que você serve ao Imperador Celestial mesmo depois da forma como ele o tratou? — Uma parte de mim ainda esperava afastá-lo do lado do imperador. Fazê-lo questionar sua aliança.

— Aqueles de vocês que nasceram imortais não se importam com a morte. Vocês não podem compreender a dor de um fim inevitável, seja de um imperador ou de um escravo. É por isso que sua mãe foi banida em vez de enaltecida, até que você, sua cria conivente, manipulou Sua Majestade Celestial a fazer uma troca ruim. Você teve sorte de não ter morrido naquele dia, um erro que será remediado desta vez.

— Não pelas suas mãos. — Lutei para me manter calma. Ah, ele defletia meus ataques com muita habilidade, voltando-os contra mim.

— Sua Majestade Celestial foi extremamente generoso comigo. A imortalidade é a maior honra que qualquer mortal poderia desejar. Vale qualquer preço, qualquer insulto, qualquer *traição*. Não é, Chang'e? — Seus lábios se transformaram em um sorrisinho cruel.

Senti uma vontade incontrolável de atacar Wugang com minhas próprias mãos se fosse necessário. Mas o rosto de minha mãe se contorceu com fúria quando bateu o ombro no estômago de Feimao. Ele a soltou, caindo para trás, apesar de ser um soldado experiente e que não deveria ter sido facilmente derrotado. Quando os olhos dele se encontraram com os meus, havia um lampejo de reconhecimento, abaixei minha cabeça em um agradecimento silencioso.

Quando Shuxiao e eu corremos para a minha mãe, um soldado se colocou em nosso caminho. Outra desceu a espada sobre minha mãe, cortando seu braço. Um talho profundo se abriu em sua pele, fazendo escorrer um sangue vermelho-escuro. Meu grito irrompeu tão logo Wugang berrou uma reprimenda furiosa. A soldado abaixou sua arma imediatamente, segurando o braço de minha mãe. Conforme ela tentava se desvencilhar, mais sangue escorria do corte, espalhando-se

pelas raízes onduladas do loureiro. Um suspiro prolongado emanou da árvore, melancólico e saudoso, se é que tal coisa era possível. A árvore estremeceu, abrindo bem seus troncos, como um leque, e suas sementes choveram sobre o chão.

Minha respiração ficou irregular ao olhar para elas, aninhadas na grama como pérolas luminosas de gelo. Centenas. Milhares, talvez, e incontáveis mais presas aos galhos.

— Prendam-nas! — urrou Wugang para seus soldados, com os olhos tomados de súbita avareza.

Antes que eu pudesse me movimentar, espirais luminosas saíram das palmas dos Celestiais, enlaçando a mim, minha mãe e Shuxiao. Elas apertavam a minha pele, cada vez mais fundo, conforme eu lutava para me soltar, com vergões se formando em meus pulsos. Brigando para me manter calma, canalizei uma explosão de energia para quebrar as contenções, porém mais cordas surgiram, enrolando-se em minhas pernas e meus braços.

Minha mãe chutou com força e sua cabeça voou para trás, atingindo o rosto de um soldado. Ele xingou, mas não soltou a corda. Lutei contra as amarras brilhantes, uma tarefa ainda mais difícil por batalhar contra o pânico que só aumentava. Lampejos surgiam da mão de Wugang, espalhando-se pela minha mãe. Seus membros fraquejaram e seus olhos se reviraram, com o corpo indo ao chão, onde sua saia se espalhou como água.

Fiquei aterrorizada ao vê-la tão sem vida e mole. *Ela está viva*, minha mente gritava, tentando me tirar do estupor. *Ela está respirando*, *a aura dela está brilhando*.

Wugang se agachou ao lado dela, com os dedos apertando seu machado com mais força. Quando ele ergueu a arma, o medo percorreu minhas veias, magia fluiu da minha pele, dissolvendo as cordas que me seguravam. Fiquei de pé e corri na direção de Wugang, bem quando Ping'er se jogou para a frente, usando o próprio corpo para cobrir o de minha mãe. Wugang xingou, atirando um raio na cabeça de Ping'er. A força de seu golpe arremessou-a contra uma árvore, e pétalas de jasmim-do-imperador cobriram-na como um cadáver.

— Não!

Meu grito quebrou o silêncio. Eu corri para o lado de Ping'er, envolvendo-a em meus braços. O corpo dela estava tendo espasmos sem ritmo, como um boneco controlado por um novato. Alguma coisa molhada e quente se espalhou pelas minhas mãos, seu sangue escorrendo do ferimento da base de sua cabeça. Imediatamente canalizei minha energia nele, selando o melhor que consegui, mas um fino fio de sangue continuava a escorrer e sua aura tremeluzia de maneira incerta.

Minha mãe reagiu então, piscando desesperada ao se colocar de pé. Quando virou a cabeça em nossa direção, a cor se esvaiu de seu rosto.

— Pin'ger! O que aconteceu?

Não consegui falar nada, erguendo meu olhar cheio de ódio para Wugang. Ele não demonstrava nenhum remorso, gesticulando sem paciência para os guardas que se aproximavam, cercando-nos. A raiva ficou fora de controle, libertando algo dentro de mim conforme eu reunia minha magia, e uma tempestade surgiu de minhas palmas, atingindo os soldados mais próximos. Mais se adiantaram, mas minha cautela havia se desintegrado, e a violência queimava insaciável. Saquei meu arco, soltando um raio de fogo do Céu em Wugang. Seu escudo brilhou entre nós, mas mesmo assim meu arco o fraturou em cacos reluzentes.

Wugang ergueu a mão, com feixes de luz sendo lançados sem parar. Eu me abaixei, e seu ataque atingiu o vazio acima de mim, crepitando com um calor maléfico. Ao me levantar novamente, ele já estava se movendo em minha direção, a sombra do loureiro caindo sobre seu rosto.

Uma ideia me ocorreu.

— Corra, Shuxiao! Leve-as com você! — gritei para ela, inclinando minha cabeça para o loureiro.

Ela assentiu, voltando-se para minha mãe, que estava agachada por cima de Ping'er. Quando Shuxiao a puxou para longe, conjurando uma brisa para suportar o peso das três, eu puxei a corda do meu arco, um raio de fogo do Céu se formando entre meus dedos. A expressão de Wugang ficou tensa e seu escudo brilhou mais forte, preparando-se

para meu ataque. Mas eu mirei no loureiro, deixando a fecha voar.

Uma luz branca se chocou contra a árvore, envolvendo seu tronco com correntes iluminadas, chamuscando a casca pálida, que se esfumagou... mas as marcas já estavam desaparecendo, a seiva dourada escorrendo pela madeira mais uma vez.

Quando os lábios de Wugang se repuxaram, meu coração bateu mais forte em antecipação. Ele achava que estava em vantagem, que só ele sabia que nada poderia destruir o loureiro. Estava enganado; não era essa nossa intenção. Quando disparei atrás das outras, um estrondo rápido rompeu a calmaria — a armadilha havia sido ativada. Ondas de um fogo translúcido se propagaram, banhando quem estava embaixo em uma torrente de agonia. Celestiais berravam, conjurando escudos iluminados que os cobriam, e Wugang correu para se proteger, com seu instinto de sobrevivência sempre perspicaz.

Conforme eu corria, o ar se remexia, pulsando com poder. Rajadas de chama e gelo passavam por mim, errando por pouco. Respirando com dificuldade, reuni minha energia para conjurar um escudo, mas outro me cobriu antes, com uma energia tranquila e familiar. Não era bem-vindo, mas uma pequena parte de mim estava sem dúvida nenhuma aliviada.

Wenzhi me observava das árvores à frente, com o manto preto agitado e os olhos em um turbilhão, como um mar revolto. Com um movimentar de seu pulso, lascas de gelo foram lançadas contra meus inimigos. Ao atingirem sua marca, gritos ecoaram atrás de mim, alguns caindo ao chão.

Nuvens desceram do céu, os Celestiais correndo em direção a elas. Se estivessem montados, nos alcançariam. Parando de repente, canalizei minha energia em um vento furioso que varreu os soldados, impedindo seu avanço. Ao meu lado, a magia de Wenzhi fluía, conjurando uma tempestade de granizo, os fragmentos pontudos pegando carona no meu vento e atingindo aqueles que nos perseguiam. Nós nos movimentamos tão perfeitamente quanto costumávamos fazer quando lutávamos juntos no Exército Celestial, quando eu acreditava que ele era honrável e lhe confiava minha vida.

— O traiçoeiro Capitão Wenzhi — regozijou-se Wugang de onde

ele estava, um pouco distante. — Não é nenhuma surpresa que tenha tal pérfida companhia. O imperador se deleitará com essa prova de sua traição. Aqueles que se associam ao Reino dos Demônios são nossos inimigos também.

— Melhor ser um Demônio no nome do que na natureza. Atacando inocentes, se aproveitando dos fracos. — Não neguei as falsas acusações dele; não faria nenhuma diferença.

— Aqueles que entram no meu caminho só podem culpar a si mesmos — provocou Wugang. — Uma lição que lhe faria bem se lembrar, assim como sua lamentável criada.

Uma escuridão perversa me engolfou, afogando-me em ódio. Talvez essa besta existisse em todos nós, e acordasse quando fôssemos levados às suas profundezas. Uma coisa era certa em minha mente: Wugang pagaria pelo que havia feito. Quando reuni minha magia, avançando em direção a ele, Wenzhi segurou meu braço com seus dedos frios feito gelo.

— Vamos — ordenou, na voz que incontáveis soldados haviam obedecido sem questionar.

— Não. Ele machucou Ping'er — cuspi.

— E ele vai machucar você. Ele quer sua retaliação; é uma armadilha. — Wenzhi apontou para os Celestiais que já estavam ficando de pé. Eram numerosos demais para lutarmos.

Engolindo a raiva, desvencilhei-me dele e corri dos soldados até minhas panturrilhas pegarem fogo. Wenzhi seguiu o ritmo ao meu lado enquanto nos movíamos por entre as árvores, esquivando dos galhos mais baixos. Fora da floresta, minha mãe e Shuxiao esperavam em uma nuvem, com Ping'er deitada ao lado delas. Quando Wenzhi e eu pulamos na nuvem, Shuxiao conjurou um vento forte para nos carregar. Uma névoa escura fluiu das palmas de Wenzhi, engrossando quando se fechou atrás de nós, escondendo nosso trajeto.

Da garganta de Ping'er, um grunhido baixo. Eu me ajoelhei ao seu lado, segurando sua mão, tão fria e pálida. Mais sangue pingava do ferimento na base do crânio dela, e minha garganta se apertou com a visão da pele cortada.

Fechando meus olhos, libertei meu poder sobre ela, como Liwei

havia feito por mim, deixando que corresse sem amarras, sem parar nem quando meus membros se sentiram dormentes, nem quando a escuridão flertava com a minha consciência. Ela não podia morrer; eu não a deixaria. Mas não havia calor ecoando, as luzes estavam sumindo de seu sangue até que se tornasse opaco como o de um mortal. Reuni mais de minha magia, lançando-a para dentro dela, muitas e muitas vezes, mesmo quando algo penetrou meu torpor, o som do meu nome sendo repetido sem parar, cada vez com mais urgência.

— Xingyin, pare! Não se drene. — Ouvi a voz de Wenzhi. Ele estava me chamando esse tempo todo?

— Não posso permitir que ela morra. — Eu estava destruída com a angústia da possibilidade de fracassar. A mão de Wenzhi abraçou a minha, e não tive força para me desvencilhar. Estava entorpecida com a exaustão, com a agonia que cavou um buraco no meu peito.

— Deixe-me tentar. — Ele me soltou para pressionar os dedos na testa dela. Os olhos se cerraram, e uma tristeza surgiu em sua expressão. — O ferimento é fatal. Sua força vital foi destruída. Não importa quanto de sua energia você lhe dê, não há esperança.

Ele falou com gentileza, mas cada palavra me atingiu como um soco no estômago. Enquanto o choro de minha mãe esfaqueava minhas orelhas, peguei a mão de Ping'er mais uma vez, recusando-me a desistir.

Os olhos dela se arregalaram, extremamente brilhantes, como se houvessem sido acesos por um fogo interno. O peito convulsionou, os lábios se abriram, e uma respiração difícil escapou. Cheguei mais perto, colocando minha orelha logo acima da boca dela.

— Estrelinha, já chega. Estou cansada.

O medo era uma adaga enfiada fundo no meu coração, que havia sido torcida para rasgar ainda mais. Um desejo esperançoso reverberou na minha mente: de que não era real, que eu não havia fracassado com ela, que ela não estava morrendo.

Ela procurou pela minha mãe com uma mão trêmula.

— Senhora, foi a maior honra tê-la servido. Uma honra e uma alegria.

Minha mãe abraçou Ping'er, com lágrimas escorrendo pelas bochechas pálidas.

— A honra foi toda minha, querida amiga.

A boca de Ping'er se movimentou, como se ela tivesse mais a dizer, mas sem ter forças para vocalizar. Ela espremeu os olhos, como se não pudesse mais enxergar, a escuridão começando a impedir sua visão. Quando ela apertou minha mão com mais força, retribuí com todo o amor em meu coração... mas então ela soltou para apalpar seu pescoço, desprendendo algo que pressionou na minha palma: a pérola que eu havia visto uma vez. À época, estava quente, mas agora era fria como o inverno.

— A filha que eu nunca tive. A luz dos meus dias. — As palavras dela saíram com clareza, um sorriso radiante no rosto. — Você me levaria para casa?

Assenti com muita vontade, desejosa de fazer qualquer coisa para diminuir as preocupações dela. Minha esperança retornou com essa demonstração de força, que se dissipou abruptamente quando ela caiu de costas mais uma vez, como se ela houvesse batalhado contra as amarras de seu corpo ferido e não pudesse mais lutar.

— O mar. — Sua voz estava rouca. — É lindo lá. — Seu corpo estremeceu, com os cílios piscando em um ritmo frenético até ficarem imóveis.

Um choro baixinho interrompia o silêncio; era minha mãe, enquanto eu calava os gritos que vinham à minha garganta. Deitei-me sobre Ping'er, abraçando-a bem forte, como quando ela me carregava nos braços e me aconchegava, naquele tempo em que eu era pequena o suficiente para caber neles. Mas ela não estava mais ali conosco, havia partido para sempre... levando consigo parte de mim.



A decorative floral border with light gray blossoms and branches is visible in the top-left, bottom-left, and bottom-right corners of the page.A central rectangular frame with rounded corners and a double-line border. Inside the frame, there are two dark gray floral sprigs: one at the top right and one at the bottom left. The text "Parte II" is centered within the frame.

Parte II

O sopro do vento era um lamento doloroso enquanto nossa nuvem subia. Os olhos de minha mãe estavam vermelhos, os caracóis dos seus cabelos desfeitos, caindo por sobre os ombros. Quando repousei o olhar sobre o corpo de Ping'er, uma dor insuportável me invadiu. Sem a vitalidade e o calor dela, aquela forma não era nada, só uma casca.

Memórias me inundaram: Ping'er corrigindo a posição dos meus dedos na flauta; ela mostrando-me como tocar as cordas do guqin; suas histórias que me deram as primeiras doses de adrenalina de uma aventura. Das vezes em que ela me colocou para dormir com um beijo na testa quando minha mãe se demorou muito na floresta. As lágrimas surgiram então, escorrendo pelas minhas bochechas. Eu não as limpei, nem me impedi de sentir o peso dessas memórias, porque era tudo o que restava dela. Havia um final doloroso naquele momento, naquela imutabilidade da morte. Nunca mais Ping'er me abraçaria, nunca mais me chamaria pelo nome. Como os mortais suportavam tal angústia, sabendo que tudo o que amavam encontraria tal final?

Uma lufada de vento farfalhou as mangas de Ping'er. Eu as recoliquei no lugar, com os nós dos meus dedos tocando sua pele, tão fria e imóvel. Eu era uma criatura egoísta de pensar só em mim. E a família de Ping'er? Minha mãe? Essa perda não era só minha.

Toquei o braço de minha mãe:

— Você está bem?

— A dor não me é estranha. — Os olhos dela estavam entorpecidos com desespero. — Pelo menos temos uma à outra.

Queria contar a ela sobre o meu pai, deixar a esperança brilhar

naquela escuridão impenetrável. Mas minha promessa rapidamente me impediu, assim como minha vergonha. Que arrogante ter pensado que poderia ajudar meu pai, que imprudente por ter roubado do Imperador Celestial, ter imaginado que poderíamos escapar de sua ira, tê-lo desafiado, para começo de conversa. Porque agora Ping'er estava morta, nossa casa havia sido destruída e eu estava perdida.

Wenzhi inclinou a cabeça ao entoar formalmente:

— Que ela encontre paz na eternidade. Que você e sua mãe encontrem a força para superar sua tristeza. — Ele fez menção de pegar na minha mão, mas desistiu, fechando os dedos em um punho.

Shuxiao me abraçou com força.

— Sinto muito. Também sentirei falta dela.

O luto cravou suas garras em mim, recriminações sem fim atordoando minha mente. Se ao menos houvéssemos fugido antes, se eu houvesse sido mais esperta, teria matado Wugang antes. Se eu o houvesse tratado da mesma forma impiedosa que ele tratou Ping'er, seu sangue estaria molhando o loureiro e Ping'er estaria viva.

— Para onde deveríamos ir? — perguntou Shuxiao ao me soltar.

— Para a minha casa. Vocês estarão seguras do Imperador Celestial lá — ofereceu Wenzhi.

Fiquei apreensiva com a sugestão dele, apesar de fazer sentido. Certa vez, ele me levava para a Muralha das Nuvens contra a minha vontade, e eu não tinha desejo nenhum de retornar algum dia. Mesmo que Wenzhi realmente quisesse nos auxiliar, quem poderia dizer o mesmo de seu pai implacável? Seu irmão vil? Enterrei minhas unhas na palma da mão. Não, não nos colocaria nesse ninho de víboras. Não deixaria Ping'er descansar lá, em um lugar estranho que ela temeu a vida inteira.

Você me levaria para casa? As palavras dela ecoaram em mim, resolvendo o mistério.

— Precisamos levar Ping'er de volta para o Mar do Sul — falei, sem muita emoção.

Wenzhi franziu o cenho.

— A Rainha Suihe não é nem benevolente nem tolerante. Ela não vai abrigar vocês se souber que são procuradas pelo Imperador

Celestial, ela as verá como uma ameaça ao povo dela.

Eu não esperava ser bem acolhida pela rainha. Fugitivas, sem nem um amigo nem família lá. Portadoras de más notícias. Mas Ping'er nunca havia pedido nada antes. Era um pedido insignificante, e ela merecia muito mais do que isso. Apesar de nunca ter expressado o desejo de retornar, sempre falou do mar com muito apreço e saudades, mesmo no seu suspiro final. Não importava a distância que tínhamos percorrido de nossa casa, era um vínculo impossível de ser quebrado, enraizado profundamente no que éramos, entremeado no que nos tornaríamos.

Minha determinação ficou ainda mais firme.

— Vamos realizar o último desejo de Ping'er — respondi, e minha mãe assentiu, concordando.

— Vocês devem ser cautelosas — disse Wenzhi, sério. — Felizmente, a rainha ainda não saberá da notícia. O Imperador Celestial estará disposto a ficar calado, já que a fuga de vocês seria vista como outra fraqueza, um fracasso. Façam o que precisam fazer, então saiam assim que possível.

— Faremos isso — assegurei, por mais que eu desejasse alguns dias preciosos para recuperar nossa força e planejar nosso caminho. Para sentir o luto.

— Eu sei que você se culpa — disse Wenzhi, baixinho. — Não se esqueça: foi Wugang quem a atingiu. Foi o imperador quem ordenou o ataque à sua casa.

Olhei para ele, percebendo a firmeza em sua expressão.

— Como você ficou sabendo do ataque? — perguntei, entorpecida.

— Temos nossos informantes na Corte Celestial. Infelizmente, essa questão foi tão bem protegida que só fiquei sabendo depois que os soldados já tinham partido. Vim assim que soube.

— Obrigada pelo auxílio — falei com formalidade e apatia, incapaz de reunir mais energia do que isso.

Ajoelhando-se ao meu lado, Wenzhi apoiou uma mão no meu ombro. Sempre achei seu toque frio, mas agora queimava através de meu manto. Ou talvez fosse porque eu estava toda congelada por dentro, somente uma frágil camada de gelo me segurava em pé.

— Chore. Grite. Ataque-me, se desejar. Só não me trate como um estranho. Não finja que está tudo bem quando não está.

Sua compaixão cega era a minha perdição. Meu peito se apertou até que eu precisei lutar para respirar, minhas emoções se revirando por dentro. Braços fortes me envolveram nos ombros, minha cabeça apoiada na firmeza dele. Minhas mãos se mexeram sozinhas, instintivamente procurando conforto, meus dedos se aninhando nas lapelas de seu manto, como se eu estivesse caindo. Eu não me aproximei mais, mas também não o afastei. Esse abraço e o conforto que eu sentia eram tão familiares... e como eu desejava isso naquele momento, quando me afogava em um vácuo de desespero. Parte de mim queria ficar ali, protegida da devastação da minha realidade, por mais que meu orgulho gritasse para eu me afastar, para protestar contra seu toque. E, ainda que eu me odiasse por essa fraqueza, sentia que ele entendia minha dor, então fiquei parada até que minha tensão se afrouxou, meu corpo flexível como uma videira quando a última gota de força que eu tinha se esvaiu. Respiração irregular e lágrimas amargas saíram de mim até que, de alguma forma, eu não estivesse mais a ponto de quebrar, a exaustão tomando conta de mim enquanto minhas pálpebras pesavam em um torpor compassivo.

O ACONCHEGO ACARICIAVA MINHA PELE. Minha mente despertou do esquecimento, mas não queria realmente acordar. A dor interior já estava retornando, implacável e cruel, cada respiro era um desafio. Uma brisa bateu então no meu rosto, fresca e suave, mexendo algo dentro de mim... algo que não estava embrulhado em dor, tristeza e arrependimento. Fragmentos de memórias, boas memórias, da primeira vez que avistei o Mar do Leste e de como havia ficado maravilhada, assim como a leveza da esperança.

Ao abrir meus olhos, a luminosidade do dia tomou conta da minha visão. Pisquei, percebendo minha mãe me olhando sem expressão à minha frente, Shuxiao sentada ao lado dela. Por instinto, olhei em volta para verificar se ninguém nos perseguia. Ao lembrar meu lapso de ter chorado sem parar na noite anterior, a vergonha tomou conta

de mim. Como pude chorar nos braços de Wenzhi, os braços do meu inimigo? Uma traição a Liwei e a mim mesma.

Mas Wenzhi não era meu inimigo. Pelo menos, não mais.

— Onde ele está? — perguntei.

— Seu amigo disse que precisava ir para casa, mas que voltaria para nos encontrar — respondeu minha mãe.

— Você parecia em bons termos com Wenzhi. Melhor do que eu esperava depois do que ele fez — pontuou Shuxiao, curiosa.

Os olhos de minha mãe se estreitaram enquanto ela endireitava a postura.

— Foi ele quem traiu você? O Demônio que você odeia?

Alguns dias antes, eu teria concordado. Mas as coisas que Wenzhi dissera, a forma como havia ido nos ajudar sem hesitar... atingiram-me de uma maneira mais profunda do que eu gostaria. Apesar de nada disso consertar as coisas entre nós — nada jamais consertaria — já não havia mais apenas o puro amargor no meu coração quando eu pensava nele.

— Ele me traiu, sim. Eu o odiava, e mais — falei, hesitante. — Mas ele também nos ajudou, mais do que vocês sabem.

— Você o perdoou? — perguntou Shuxiao, provocando-me.

— Não — respondi secamente. — Nem nunca mais vou confiar nele. Mas também não o odeio mais.

— Quem quer que tenha enganado você dessa forma não pode ter sua confiança. — Minha mãe pausou, balançando a cabeça. — No entanto, algumas histórias que contam sobre mim não são muito melhores. Foi como Wugang disse, muitos acreditam que eu queria o elixir para mim, que eu o roubei para me tornar imortal. Não é uma traição terrível? Não fui uma covarde egoísta, independentemente das minhas razões?

Eu nunca havia ouvido ela falar com tanta angústia, sua expressão assombrada com um luto recente e antigo ao mesmo tempo. Talvez a morte de Ping'er tenha rompido seu coração ao meio, e toda a tristeza que continha escorrera para fora.

Procurei a mão dela.

— Você fez isso para nos salvar.

— Só nós sabemos disso. — O sorriso dela era triste e discreto. — Apesar de a história permanecer a mesma, a imagem que fizeram dela é completamente diferente. Seu pai deve ter me odiado, assim como os mortais.

— Eles não a odeiam — garanti. — Talvez porque sintam a sua dor. Como eu sinto.

— Isso é o que importa. — Ela segurou minha mão com força. — Que aqueles que amamos entendam o que fizemos. E por quê.

Seria um conforto para ela saber que meu pai entendia, que ele a havia perdoado, mas fiquei em silêncio. Os motivos de Wenzhi para sua traição me vieram à mente: o irmão, que era um monstro, e os jogos de poder em que só o mais forte sobrevivia. Mas não era a mesma coisa: um era motivado pelo desespero, o outro, uma traição calculada. Wenzhi me pedira para começarmos do zero, mas era impossível. Tudo o que havia existido de precioso entre nós jamais poderia ser refeito. Estava acabado, tão irrevogavelmente quanto um incenso queimado.

No horizonte, areias brancas ondulavam como montes de cetim claro, levantando com a brisa. O oceano turquesa espelhava os céus, suas águas manchadas com espuma perolada. Coqueiros com frondes cheias de folhas e globos dourados de frutas que balançavam no final da orla. Mas, diferentemente do Mar do Leste, onde floresciam com vida, este lugar estava completamente desolado.

— Onde está a cidade? — perguntou minha mãe, à medida que nossa nuvem descendia.

— Fiquei sabendo que fica lá embaixo, no fundo do próprio mar — nos contou Shuxiao.

Encarei as águas, que se moviam em um ritmo incessante.

— Você sabe nadar?

Shuxiao negou com a cabeça. Celestiais não tinham talento natural para a água; seus lagos e lagoas eram puramente ornamentais, decorados com flores de lótus, adornados com cachoeiras e fontes. Qual era a necessidade de nadar quando se podia voar?

— Eu vou. Meu pai era pescador. Aprendi a nadar quase ao mesmo tempo em que aprendi a andar. — Foi minha mãe quem falou.

O pai dela, meu avô. Era a primeira vez que ela o havia mencionado. Ela muito raramente falava de sua família mortal, aquela que havia deixado para trás.

— Tenha cuidado, Mãe. — Senti um nó no peito ao ver as ondas, que pareciam tranquilas um momento e no outro eram de uma violência inacreditável.

Sem hesitar, ela caminhou até que a água estivesse batendo nas coxas. Mergulhando, cortou as ondas com braçadas firmes. Cobri o sol do rosto com a mão e continuei olhando até que ela fosse um pontinho bem distante. Quando uma onda quebrou, levantando-a bem alto, ela abruptamente desapareceu de vista. Um desespero bateu e Shuxiao e eu levamos nossa nuvem mais para frente, onde ela havia desaparecido. Eu estava extremamente nervosa; já havia perdido muita coisa.

Ondas quebravam embaixo de nós, com as cristas brilhando como purpurina com o dourado do sol. As águas opacas mascaravam bem seus segredos; não havia rastro algum de minha mãe ou da lendária cidade do Mar do Sul. Meu coração batia num ritmo frenético enquanto eu preparava minha magia, transformando o ar em uma lança translúcida que mergulhou nas águas, em direção às suas profundezas.

Um braço surgiu, minha mãe emergindo, se debatendo no meio da turbulência. O vento se dispersou ao meu comando, as ondas se acalmando enquanto eu agarrava sua mão para puxá-la para cima da nuvem. Ela tossiu, espalhando gotículas de água quando bati nas costas dela.

— Xingyin, o que você fez?

— Não conseguia ver você. Achei que havia acontecido alguma coisa.

— Eu consigo me cuidar sozinha.

Ela limpou o rosto com a manga encharcada, então torceu o cabelo para tirar a água e o amarrou em um nó simples. O rosto dela estava exausto e pálido, mas de alguma forma ela parecia mais jovem, como se a água do mar houvesse lavado a aparência cuidadosamente cultivada de uma deusa imaculada. Tive um vislumbre da menina que

ela havia sido, ecos de uma juventude despreocupada na pacata vida perto do mar. Minha mãe havia ascendido aos céus, tornando-se uma deusa, e aberto mão dos pais, do marido, do futuro. E agora ela havia perdido aquela que fora sua dedicada companheira pelos longos anos de solidão e desespero. Algumas pessoas poderiam pensar que era um pequeno preço a se pagar pela imortalidade, mas, para nós, o luto era eterno.

Uma brisa soprou de meus dedos, secando as roupas e o cabelo dela.

— O que você encontrou, Mãe?

— Fica mais frio à medida que se vai mais fundo. A corrente ficou mais forte, quase como se estivesse me empurrando para longe.

— Xingyin, aqui! — urgiu Shuxiao, apontando para algo embaixo de nós.

Segui seu olhar: era um truque da luz ou as águas ali brilhavam mais, a espuma possuía uma iridescência? Passando a palma da mão nela, liberei energia nas ondas, que cintilavam como se um raio de sol houvesse perfurado suas profundezas. Uma linha de caracteres se formou à nossa frente:

*Entrem em nossas águas sem temor, aqueles que possuem
uma eterna lágrima.*

— O que isso quer dizer? — Shuxiao olhou com dúvida para as águas turbulentas. — As lágrimas se perdem assim que são derramadas.

— Ping'er me contou que as lágrimas do povo dela podem se transformar em pérolas. — Passei meu polegar por sobre a pérola pendurada no meu pescoço, a que ela havia me dado. Não era só um presente: era uma chave.

— Sinto falta dela — disse minha mãe com uma voz vazia.

Tirei a pérola do pescoço, enrolando o cordão dourado em meus dedos.

— Vamos levá-la para casa.

Ao abaixar a pérola no mar, um apito soou, correntes luminosas de bolhas se espiralando, entrelaçando e fundindo para formar um

corredor estreito e comprido através das águas. Uma luz surgia das profundezas sombrias para iluminar o caminho.

Envolvi o corpo de Ping'er em rolinhos de ar, amaranando-a a mim. Segurando as mãos de minha mãe e de Shuxiao, pulamos juntas na passagem. Meu corpo esperava por uma descida violenta, mas deslizamos pelo túnel como penas esvoaçantes. Por fim, meus pés tocaram uma areia amarelada, e meus sapatos ficaram encharcados. O ar aqui era mais pesado, grosso com o sal do mar.

Estávamos em um círculo largo o suficiente para que coubesse uma pessoa deitada no centro, rodeado por paredes de água. O barulho era ensurdecedor, mas calmante, lembrando-me da cachoeira no Pátio da Tranquilidade Eterna. Será que Liwei estava lá? Como eu esperava que ele estivesse, e em segurança! Uma parte covarde de mim esperava que ele nunca ficasse sabendo que eu havia chorado nos braços de Wenzhi. Magoaria Liwei, apesar de não significar nada, menos do que nada, falei para mim mesma com convicção. Eu estava desesperada por conforto, fraca com o luto. Não havia feito nada de errado e ainda assim... estava envergonhada.

Uma silhueta apareceu do outro lado, com a água se abrindo como uma cortina para revelar um guarda. Ele não estava ensopado, mas seco, cada fio de seu cabelo sedoso. Seus olhos negros tinham um contorno azul-claro que se destacava em sua pele amarelada. Ele segurava uma lança, com uma capa cintilante translúcida esvoaçando por cima de sua armadura de escamas turquesa, guarnecidas com ouro. Uma pérola raiava de seu polegar, presa em um grosso anel de prata.

O guarda apontou o queixo para nós.

— Quem possui a pérola? — questionou.

Sem falar uma palavra, segurei-a em minha mão.

— Você não é uma de nós. — Um tom acusatório em sua voz conforme apontava a arma para mim. — Como obteve isso?

— Foi um presente.

Quando apontei para o corpo de Ping'er, o guarda enrijeceu. Ele nos estudou por um momento, finalmente inclinando a cabeça em nossa direção.

— Venham comigo. A Rainha Suihe vai querer falar com vocês.



Seguimos o guarda pela passagem que se afinilava pelas profundezas escuras. As águas se mesclavam atrás de nós, como se estivessem nos aprisionando, e um calafrio percorreu meu corpo com esse pensamento. As paredes líquidas e cintilantes me lembravam das vidraças de cristal do Palácio do Coral Perfumado, com a exceção de que aqui a minha pele estava umedecida com a água, meu coração acelerando cada vez que uma barbatana ou um tentáculo cortavam a superfície. Analisei o guarda, curiosa para saber como a água escorria ao redor dele em vez de encharcar suas vestes. Sua capa brilhava com intensidade, infundida com algum encantamento. Fio de dragão, o famoso tecido dos Imortais do Mar, que mantinha seco aquele que o vestia.

Ao final da passagem, cintilava uma porta redonda pavimentada com madrepérola e ornamentada com turquesa. Ao redor do batente, havia o entalhe de uma criatura marinha. Chifres dourados se curvavam de sua cabeça e olhos redondos eram protuberantes em sua cara; o rabo cheio de espinhos se enrolava pelo chão. Quando tentei abrir a porta, ela se manteve no mesmo lugar, e uma dor pungente atingiu minha palma. Dei um pulo para trás, sufocando um grito.

— Use a pérola — ordenou o guarda, como se tal conhecimento fosse um lugar-comum.

— Ela também controla a formação da passagem? — Shuxiao apontou para a parede de água que havia se formado atrás de nós.

Ele assentiu, pressionando o anel no pequeno buraco cavado na pupila da criatura. A porta se abriu, e o outro lado era adornado com

a mesma pintura. Guardas estavam posicionados na entrada e descruzaram as lanças ao nos ver.

— Como a porta abre do outro lado? — perguntei.

— Do mesmo jeito — respondeu, curto e grosso. — A menos que esteja selada.

— E por que estaria selada? — perguntou Shuxiao com um largo sorriso que convidava o compartilhamento de confidências.

O guarda piscou, amainando um pouco de sua hostilidade.

— Sob comando da Rainha Suihe, seja em momentos de perigo ou quando ela precisa capturar um intruso. Ninguém sai daqui sem a permissão de Sua Majestade.

Um pensamento desconcertante. Quando olhei para a frente, minha cautela se dispersou. Manchas prateadas decoravam a areia e o caminho era alinhado com belíssimas algas esmeralda balançando. O solo oceânico estava carregado de conchas creme, lilás e rosa, algumas brilhantes de cobre e ouro. Algumas em formato de leques e estrelas, outras ostentando espirais elegantes em cima de cones delgados, tão magnânimas quanto aquelas do vendedor no mercado Celestial tantos anos atrás. Uma barreira translúcida se arqueava acima, protegendo a cidade do mar, e nessa profundidade as águas ondulantes eram escuras como a noite.

Quando passei a soleira, uma maciez escorregadia se agarrou à minha pele, como se eu estivesse atravessando uma bolha. O ar era inesperadamente fresco e, se eu fechasse os olhos, poderia imaginar que estava na praia em vez de dezenas de metros abaixo. Lanternas de seda estavam penduradas pelo caminho, iluminando tudo ao seu redor. Passamos por casas de pedra com cor de mel e telhados de lápis-lazúli e ágata que curvavam nas pontas, com corais brilhantes surgindo entre eles, tão vívidos quanto flores do campo.

Os Imortais do Mar eram pálidos, a pele tinha um tom amarelo-claro, talvez porque o sol não alcançasse este lugar. Seus cabelos escuros eram trançados e enrolados ao redor da cabeça, tanto dos homens quanto das mulheres, e os olhos que se voltavam para nós em uma especulação curiosa tinham anéis em tons azulados. Capas cintilantes de fio de dragão pendiam ao redor de seus corpos,

chegando aos tornozelos como lençóis de luz das estrelas.

No centro dessa belíssima joia de cidade, erguia-se o Palácio da Pérola Brilhante, em formato de uma concha magnífica, com as espirais cônicas se alongando como os raios do sol. Pérolas brancas, rosa e pretas decoravam as paredes douradas, e algas marinhas verdejantes cresciam tão altas quanto árvores, com as frondes ondulando em um ritmo gracioso.

O guarda nos guiou para dentro do palácio, por um longo corredor que parecia se curvar em círculo antes de se abrir em um grande salão. Pilares âmbar se erguiam do chão ao teto, envoltos por cordões de contas de jade. Carpetes incríveis de seda azul e esmeralda decoravam o chão, tecidos com padrões em espiral prata, evocando imagens das ondas acima. Os imortais estavam magnificamente ornados, os mantos brilhando com fios de ouro, e joias trançadas em seus cabelos. Eles formavam duas filas que levavam a uma plataforma no final, onde uma mulher estava sentada em um trono de coral carmesim que se ramificava delicadamente para os lados. Rainha Suihe, tão real e ameaçadora quanto no momento em que eu a havia visto no banquete de Liwei.

— Ajoelhem-se com as testas no chão — ordenou, bruscamente, o guarda. — Cumprimentem Sua Majestade antes de ousar olhar para ela.

Acalmei o sangue que me ferveu nas veias ao me ajoelhar, em uma performance de respeito. A prudência era indicada quando se é um estranho à corte.

— Levantem-se. — Um comando, apesar de os ricos tons da monarca conterem um convite.

Perto assim do trono, a aura da Rainha Suihe me inundava: formidável e indiferente, seu poder estava sempre a postos, como uma mola engatilhada. Seu manto violeta passava dos pés, amarrado ao redor da cintura por uma corda de safiras. Em seus cabelos pretos, um belíssimo adorno feito de folhas de jade e flores turquesa, com uma curta franja de contas de corais que caíam em sua testa. Seu rosto tinha as curvas suaves de um pêssego, mas desprovido de seu rubor caloroso.

— Faz muito tempo que Celestiais não agraciam nossa corte. O que as traz aqui, principalmente em tal... desarranjo? — Seus lábios se ergueram em um sorriso, despistando-nos da especulação em seu olhar.

Resisti ao impulso de tirar os fios de cabelo soltos do meu rosto, elevando mais a minha cabeça. O que era o desdém dessa monarca comparado à ira do Imperador Celestial? Eu prestaria atenção aos meus modos, como havia me ensinado minha mãe, mas não me acovardaria.

Antes que eu pudesse falar, minha mãe deu um passo à frente. O cabelo dela estava encharcado e embaraçado, o manto branco todo manchado, mas ela se portava com tanta dignidade quanto a rainha.

— Vossa Majestade, não somos do Império Celestial. Vim para trazer a minha amiga para o lugar de seu descanso final.

O olhar da rainha se voltou para o corpo de Ping'er.

— Isso me entristece. A mãe dela é minha criada-chefe, uma serva leal. — Ela gesticulou para uma jovem imortal, que se apressou para ficar ao lado dela. — Convoque a criada-chefe. — Voltando-se de novo para minha mãe: — Bem-vinda, Deusa da Lua. Você viajou para bem longe da sua casa.

Meu estômago se revirou, apesar de não ser segredo nenhum que Ping'er havia sido a criada de minha mãe. Era improvável que o Mar do Sul soubesse do ataque do imperador, mas, quanto menos pessoas soubessem da nossa presença, mais seguro seria.

Minha mãe inclinou a cabeça.

— Obrigada, Vossa Majestade. Ficamos gratas pela gentileza do Mar do Sul.

A Rainha Suihe sorriu com amabilidade.

— Parablenizo-a pelo seu perdão. Foi uma história que apenas recentemente chegou aos nossos ouvidos, isolados como estamos do resto do reino.

— Isolados, Vossa Majestade? — Tentei esconder o tom agudo que demonstrava meu alívio.

— O caminho até aqui não é de fácil travessia, e temos nossas maneiras de manter convidados indesejados do lado de fora. — A

Rainha Suihe analisou meu rosto ao falar comigo, com evidente curiosidade. Ela não me conhecia, já fazia anos desde o banquete de Liwei, e eu sequer havia sido notada por ela.

— Essas são minha filha, Xingyin, e a amiga dela, Shuxiao — apresentou minha mãe.

— A arqueira Celestial. — Havia reconhecimento no tom da rainha. — O Príncipe Yanxi do Mar do Leste falou muito bem de você.

— Sua Alteza é muito gentil. Fiquei contente por poder ajudá-lo. — Respirei com um pouco mais de calma. — Não sirvo mais ao Exército Celestial, Vossa Majestade. Saí para voltar à minha mãe. — Esperava que ela não perguntasse mais.

— Uma filha dedicada. — Ela se recostou no trono, satisfeita por termos nos entendido, sem haver mais a dúvida de um perigo à espreita. — Os monarcas dos Quatro Mares se reunirão aqui em breve. Caso seja de seu desejo, podem permanecer como nossas convidadas até lá.

Fiquei tentada a aceitar, profundamente exausta como estava, mas me lembrei do aviso de Wenzhi.

— Ficamos honradas pelo convite, Vossa Majestade, mas não podemos ficar. Não desejamos abusar de vossa generosa hospitalidade e...

— Não seria nenhum abuso — interveio a rainha, com um franzido aparecendo em sua testa. Ela não estava acostumada a ser contrariada. Ela se curvou para frente, se dirigindo à minha mãe. — O funeral da sua leal assistente acontecerá em alguns dias. Não deseja prestar as últimas homenagens a ela?

A boca de minha mãe se mexeu, os dedos segurando sua saia. Os olhos com os quais me olhou estavam vivos de esperança. Ah, como eu também queria ficar para ver Ping'er descansar em paz... Mas ficaríamos em segurança até lá? Porém, outra recusa poderia levantar as suspeitas da rainha, pois quem negaria um convite real sem um bom motivo? Além do mais, eu acreditava que o imperador ocultaria o ataque por ora, dado que ele havia agido tão furtivamente antes. O que significava que tínhamos alguns dias de respaldo para nos recompor e passar pelo luto.

— Obrigada, Vossa Majestade. Ficamos gratas por sua consideração — agradecei, enquanto minha mãe e Shuxiao se curvavam em outro cumprimento.

Duas imortais entraram apressadas no saguão, vestidas com mantos índigo, os cabelos presos em adornos prateados. Ao ver a imortal mais jovem, um choque percorreu meu corpo. Havia ecos de Ping'er em seus olhos, no formato do nariz, apesar de seu queixo ser mais pontudo e seu rosto mais alongado. Será que eram irmãs? Somente pelo fato de ser parente de sangue de Ping'er, senti um impulso de abraçá-la... e também porque compartilhávamos a mesma tristeza. As duas se ajoelharam no chão para cumprimentar a rainha, que gesticulou para que se levantassem.

— Criada-chefe, essas são Chang'e, a Deusa da Lua, e sua filha.

Quando o rosto da mulher se abrilhantou, os lábios se abrindo para falar, um grito agudo partiu da menina mais nova.

— Irmã! — gaguejou, caindo de joelhos ao lado do corpo de Ping'er, segurando-a em um abraço inútil.

A criada-chefe deu um passo para trás, dirigindo o olhar para nós, cheia de acusações.

— O que aconteceu com a minha filha? O que vocês fizeram com ela?

— Criada-chefe, recomponha-se. — O tom da rainha era uma faca revestida em seda. — Permita que nossas honradas convidadas se expliquem.

Lágrimas rolaram dos olhos da minha mãe, molhando suas bochechas. Ela não as secou.

— Fico grata pela companhia de sua filha durante todas essas décadas. Ping'er foi uma companheira leal e... minha querida amiga. Ela morreu protegendo-me de um ataque atroz. Nós a trouxemos aqui para que possa descansar, pois esse foi seu último desejo.

A Rainha Suihe balançou a cabeça.

— Uma grande tragédia para a família dela e para você. Criada-chefe, você está dispensada de seus deveres para tratar do funeral.

O peito da criada-chefe era pesado, a boca se mexia, mas não saíam palavras, silenciadas por um olhar severo da rainha.

— Ping'yi, traga o corpo de sua irmã — ordenou.

Sem mais palavras, a criada-chefe se curvou para a rainha e deixou a câmara, com os passos incertos e apressados. Queria chamá-la, explicar, contar o que Ping'er significara para nós, compartilhar nossas memórias, porém isso seria uma crueldade, não uma gentileza. Pois a vida que Ping'er tivera conosco só havia sido possível porque ela havia sido separada de sua família. Na inocência, eu havia imaginado que choraríamos com nossa tristeza compartilhada, um alívio à angústia apertada em meu peito. Afinal de contas, Ping'er tinha intenção de me deixar ali, sob os cuidados da família dela: teria sido ali que eu passaria meus anos caso não houvésssemos sido perseguidas pelos soldados, se eu não houvesse saltado para o Império Celestial.

Ao olhar para o corpo da irmã, o nariz de Ping'yi ficou vermelho, uma lágrima escorrendo por sua bochecha. O líquido claro se transformou em um branco leitoso, reluzente ao se transformar em uma pérola que caiu no chão.

Abaixando-me, eu a peguei. Macia e quente entre meus dedos, era igual à que eu tinha pendurada em meu pescoço. Sua luminosidade me lembrava das sementes do loureiro, mas com um brilho mais leve. Em silêncio, entreguei-a.

— Obrigada. — Quando ela ergueu a mão, uma luz envolveu Ping'er, seu corpo se erguendo no ar.

— Espere! Para onde a está levando? — Eu não estava pronta para me separar dela.

— Minha irmã descansará com os espíritos de nossos ancestrais, onde um dia se tornará parte do oceano que amamos. — Seu olhar se voltou a mim, demorando-se na pérola ao redor do meu pescoço. Diferentemente de sua mãe, não havia animosidade em sua expressão, só uma tristeza profunda, o que machucava mais.

— Por que ela foi embora? — Eu queria aprender tudo o que podia; as histórias que Ping'er nunca tivera a chance de compartilhar conosco.

Ping'yi hesitou:

— Foi culpa minha. Eu estava apaixonada por um amigo nosso de infância, mas ele pediu a mão de Ping'er. Nós brigamos aquele dia. Eu

a acusei de ser egoísta, de ter planejado roubá-lo para si. Ela foi embora no dia seguinte. — Os ombros dela se curvaram para a frente. — Pensei que ela retornaria depois de um ou dois anos. Dez anos se passaram, e então mais uma década. Quando ela finalmente nos escreveu, disse que estava feliz servindo à Deusa da Lua e que havia encontrado o lugar dela no mundo.

— Ela era melhor do que merecíamos. — Minha visão ficou borrada, com lágrimas molhando meus cílios.

Ping'yi estudou meu rosto.

— Suas lágrimas... elas contêm uma parte de vocês também?

— Não. Por que pensaria isso?

— É tão surpreendente assim? — Seu sorriso era melancólico. — As lágrimas nascem de nossas emoções mais profundas, seja alegria ou tristeza. São uma parte de nós, assim como o sangue pelo qual corre nossa magia. Dizem que as lágrimas de alguns imortais possuem grande poder, que se manifesta de maneiras inesperadas. Para nós do Mar do Sul, as lágrimas podem se transformar em pérolas, mas é uma ocorrência rara, talvez uma ou duas vezes na vida. Um presente para aqueles que amamos e também uma chave para nosso reino, assim eles sempre podem encontrar o caminho de volta para nós.

As minhas mãos tocaram meu colar, abrindo-o. Colocando-o em minha palma, entreguei-o para ela, apesar de me ser dolorido abrir mão dele.

— Eu não sabia de seu significado quando Ping'er o deu para mim. Por favor, pegue.

As pontas de seus dedos tocaram a superfície lustrosa da pérola.

— Ela deve ter amado você muito profundamente. E não, não vou ficar com o presente que minha irmã lhe deu. — Inclinando a cabeça para mim, continuou: — Preciso me encontrar com a minha mãe. Ela não está bem.

— Sinto muito. — As palavras vieram bem de dentro de mim.

— Sinto muito também. Por afastá-la, por não falar o quanto eu a amava e, acima de tudo, por não pedir que viesse para casa. — Seus ombros tensionaram, os dedos se curvaram. — Não sei como ela morreu, nem por que, mas não deixem que tenha sido em vão.

Assenti em silêncio, agarrando-me a esse frágil consolo. Eu não me permitiria paralisar com a dor ou deixaria Ping'er em uma parte intocável da minha mente. Aceitaria a dor, porque isso significava que eu a amava e que nunca a esqueceria.



Puxei as finas cortinas ao redor da cama, afundando-me no colchão macio. A exaustão pesava em meu corpo, mas o sono havia me deixado, com a dor em meu peito ficando cada vez pior toda vez que eu fechava os olhos. Um gentil tilintar quebrou o silêncio, as contas que estavam penduradas na nossa porta se chocavam umas contra as outras com a brisa. Tão profundo assim no oceano, como era possível que houvesse vento? Talvez fosse algum encantamento, como o coral iluminado em nosso quarto, ou o chão, salpicado como areia iluminada pelo sol.

Por fim, eu me levantei e me dirigi à câmara da minha mãe, no mesmo corredor que a minha. Ela havia colocado roupas limpas, fornecidas pelas criadas. O brocado de branco puro era uma cor que minha mãe frequentemente usava, mas desprovida de sua roupa de baixo vívida e dos ornamentos de seda com cores fortes. Ela era o inverno, a neve e o gelo. A lua em luto.

— Não conseguiu dormir? — perguntei.

Um calafrio percorreu seu corpo.

— Não haveria descanso no sono.

Ela estava certa, pois muitos pesadelos nos assombrariam aquele dia.

Sentamos à mesa, feita com pedaços lisos de madrepérola, sobrepostos como escamas de um peixe. Pequenos pratos de comida estavam dispostos: tortinhas com um creme amarelo, tortinhas de amêndoa picada e mel, discos reluzentes de docinhos. Apesar de não ter comido o dia todo, o cheiro embrulhou meu estômago.

Quando minha mãe pegou a chaleira, suas mãos tremeram, derramando o líquido âmbar.

— Permita-me, Mãe. — Peguei-a dela com delicadeza, enchendo nossas xícaras. Meu treinamento havia me ensinado a fingir força quando ela era inexistente, e a atacar com uma mão firme mesmo que estivesse fraturada por dentro.

Alguém bateu à porta, abrindo-a. Shuxiao entrou, seguida por Wenzhi, mas ele parou para evitar colidir com as contas presas à porta.

— O que você está fazendo aqui? — A presença dele me deixou inquieta, ainda que já devesse ter me acostumado com as suas aparições quando eu menos esperava.

— Ele veio procurar por você e me encontrou — disse Shuxiao com um sorrisinho. — Um descuido.

Os lábios dele formaram um sorriso sarcástico.

— Perguntei para a assistente onde era o quarto da pessoa mais feroz, a que parecia pronta para atacar com a menor provocação.

— Apenas quem merece. — Olhei para ele, e parte de mim estava aliviada de sentir qualquer coisa que não fosse essa dor oca. — Como chegou até aqui?

Wenzhi ergueu um ornamento em sua cintura, uma pérola negra adornada com uma borla de seda ametista.

— Um presente da Rainha Suihe para que nossos mensageiros pudessem adentrar seu domínio. Quando desafiamos o Império Celestial, crescemos em sua estima. Desde então, ela cultiva relações cordiais conosco.

— São seus aliados? — perguntei, surpresa.

— O Mar do Sul não tem uma aliança formal conosco, nem com nenhum império no Reino Imortal. Apesar de não terem nos auxiliado na guerra, também não se levantaram contra nós. A Rainha Suihe manteve o Mar do Sul livre de muitas batalhas. Apesar de terem poucos inimigos, eles têm ainda menos amigos.

— Qual dos dois vocês são no momento?

Ele deu de ombros.

— Nenhum. Os dois. A Rainha Suihe é uma diplomata consumada,

o que meu pai apreciava. Ela muda de direção tão bruscamente quanto o vento, pendendo sempre para o lado vencedor.

Senti meu estômago revirar. Tais lealdades fugazes não me deixavam nem um pouco confortável.

Minha mãe encarou Wenzhi com frieza.

— Agradeço por seu auxílio. No entanto, você tem muito a responder com relação ao seu tratamento à minha filha.

— É meu maior arrependimento — respondeu ele, sério.

Um silêncio tenso recaiu sobre nós, mas eu não me deixaria ficar presa em suas palavras.

— Você tem alguma notícia? — perguntei.

— Só que você pode descansar com tranquilidade por ora. Não há uma proclamação oficial sobre o ataque em sua casa. Se o Império Celestial quisesse o apoio de seus aliados, já teria dado a ordem. Ainda assim, eu queria garantir que a Rainha Suihe não houvesse lhe jogado na prisão por mero capricho; ela não hesitaria caso tivesse a mínima suspeita. Há muitas celas escondidas neste palácio, impermeáveis à magia, impossíveis de escapar.

— Acredito que você conheça bem tais lugares.

Ele sorriu.

— Bem o suficiente para saber que você acharia minha casa muito mais confortável e infinitamente mais segura.

— Não vou para a Muralha das Nuvens — falei com rispidez. — Não confio na sua família.

— Nem eu, mas um inimigo às claras é mais seguro do que um amigo que pode virar as costas para você a qualquer momento.

— A Muralha das Nuvens? — repetiu minha mãe em uma voz atordoada. — Onde fica isso?

— No Reino dos Demônios — respondi.

Minha mãe se assombrou. Tudo o que ela sabia sobre os Demônios era como eles eram representados nas histórias: criaturas vis, maldosas e horrorosas que se banquetavam da carne e do sofrimento de outras pessoas. Na minha infância, havia sido um conforto acreditar que tais monstros estavam escondidos nas margens do reino, onde apenas os mais corajosos e imprudentes se aventuravam. Agora eu sabia que isso

era uma ilusão. Os demônios estavam em toda parte, por feitos, senão por nome, e não esperavam para ser encontrados.

— O Reino dos Demônios antigamente se chamava Muralha das Nuvens, parte do Império Celestial. Eles foram exilados por causa de sua magia, que o imperador havia decretado ser proibida. Eles são... exatamente iguais aos outros imortais — expliquei.

Eu não havia contado para minha mãe muita coisa sobre o tempo que passei lá, estava ansiosa para esquecer. Além disso, poucos falavam sobre o assunto, principalmente no Império Celestial. A história era reescrita para agradar aos vitoriosos ou enterrada quando era uma verdade inconveniente. Quem era da Muralha das Nuvens havia feito coisas terríveis: haviam destruído e machucado outras pessoas; mas quem não o fizera em uma guerra? O Império Celestial também não era inocente, e lutar pelo próprio lar era algo que eu podia compreender.

— Essa magia era tão perigosa assim? — perguntou minha mãe.

— Toda magia é perigosa, principalmente se usada como uma arma — respondeu Wenzhi.

— Mas algumas podem causar prejuízos maiores. — Reprimi um calafrio ao me lembrar do olhar vazio de Liwei, do momento em que ele havia cravado sua espada no meu coração.

Não, eu não podia esquecer o que Wenzhi fizera, aquelas feridas invisíveis que ele havia infligido em mim, frutos de seus planos malignos. Uma trégua frágil era a única coisa que eu permitiria entre nós, era o máximo que eu podia perdoar. Eu confiaria nele apenas quando nossos interesses estivessem alinhados, e não hesitaria em usá-lo a nosso favor, assim como ele havia me usado antes. E se ele se virasse contra mim mais uma vez... minha flecha acertaria o alvo.

— Iremos embora logo depois do funeral de Ping'er — disse a ele.
— Você teve alguma notícia de Liwei?

Uma ruga se formou na testa de Wenzhi.

— Sua Alteza foi transferido de sua corte e está sendo mantido sob custódia.

O medo engaiolado dentro de mim se libertou, imagens de Liwei preso em uma cela sem janelas e atormentado para confessar algo que

não tinha fundamento surgiram em minha mente.

— Por que faziam isso?

— Sua Alteza recentemente adquiriu um número alarmante de inimigos. Sua posição jamais esteve tão vulnerável, e muitos veem uma rara oportunidade no caos para o poder.

Meu estômago se revirou, imaginando assassinos enviados para matar Liwei, envenenar seu chá, orquestrar “acidentes” cuidadosos.

Percebendo minha inquietação, Shuxiao me abraçou com força.

— Ninguém vai ousar machucá-lo.

— Por causa de sua posição? — Meu tom era esperançoso, mas entorpecido.

— Por causa da mãe dele — disse ela sem rodeios.

Não havia leveza nessa situação distorcida, em que a Imperatriz Celestial fosse agora minha melhor esperança para manter Liwei seguro. Pela primeira vez, fiquei grata por sua destreza maléfica e seu rancor implacável. Poucos no Palácio de Jade ousariam enfrentá-la.

— Ela pode protegê-lo? — perguntei para Wenzhi.

— A imperatriz está tentando, mas suas mãos estão atadas. O verdadeiro poder jaz com o imperador, e ela não pode ser vista desafiando-o, pois isso colocaria em risco sua própria posição e segurança.

— Onde Liwei está confinado?

Os olhos de Wenzhi se estreitaram.

— Você não pode entrar no Palácio de Jade. Nem com a minha ajuda.

— Por que não?

— Depois que o Tesouro Imperial foi invadido, novos escudos foram tecidos ao redor do palácio, barrando a entrada de todos os forasteiros, com exceção daqueles com permissão do General Wu. — Wenzhi me lançou um olhar de alerta. — Mais guardas foram posicionados ao redor da muralha. Não serão distraídos com facilidade, pois a ameaça de chicotadas ou coisa pior paira sobre eles.

— Preciso resgatar Liwei — falei, sem emoção.

— Como, se o palácio está tão fortemente guardado? Se você for capturada, nunca a deixarão partir novamente, e você tornará as

coisas piores para Sua Alteza — alertou Shuxiao.

— Preciso que alguém de dentro do Palácio de Jade me ajude — falei, lentamente. — Os escudos não podem ser rompidos do lado de fora.

— Seus informantes podem nos ajudar? — perguntou Shuxiao a Wenzhi.

— Não para uma tarefa tão perigosa; eles não arriscarão a posição deles. Recebo seus relatórios, mas eles respondem apenas ao meu pai. Ele não vai erguer um dedo para auxiliar um Príncipe da Coroa Celestial. — E acrescentou, em contemplação: — E não ajudaria, de qualquer maneira. É preciso alguém de uma patente suficientemente alta para quebrar aqueles escudos.

O General Jianyun talvez nos ajudasse, mas a própria posição dele era precária. Senti uma inquietação quando tive outra ideia. Repulsiva, mas tinha grandes chances de sucesso.

— Preciso da sua ajuda para entregar uma mensagem a uma pessoa do Império Celestial — falei para Wenzhi.

— E quem seria essa pessoa? — perguntou ele com cuidado. Pausei, sustentando seu olhar.

— A Imperatriz Celestial. — Meu tom certo escondia a incerteza que me aterrorizava.

Minha mãe empalideceu, Wenzhi estudou minha feição. Engoli para molhar minha garganta, sem mostrar nada da dúvida que surgia em mim.

— Você fará isso? — pressionei, pois ele não respondera. Ele se curvou em direção a mim.

— Se é o seu desejo. Se você pensou direito nisso.

— Xingyin, é uma piada? — questionou Shuxiao. — A imperatriz nunca vai se encontrar com você, muito menos para ajudá-la.

— Não é por mim, mas pelo filho dela.

Eu não estava tão iludida de imaginar que a Imperatriz Celestial me faria um favor, sendo que um ano atrás ela havia clamado pela minha morte. Mas algo além desse ódio nos conectava: nosso amor por Liwei, pois faríamos tudo em nosso poder para salvá-lo... até mesmo ousar negociar com quem mais odiávamos.



Nunca na vida imaginei que me encontraria com a Imperatriz Celestial em uma casa de chás mortal. Quase não a reconheci, livre de suas vestes e ornamentos esplêndidos, sua aura deslumbrante silenciada. Ela estava vestida como qualquer outro morador da vila, enrolada em um manto de algodão, com uma presilha de madeira enfiada em seus cabelos. Já não havia mais os revestimentos de ouro que cobriam seus dedos, mas suas unhas pontiagudas não pareciam menos ameaçadoras.

— Você veio. — Uma futilidade para se dizer quando ela estava de frente para mim.

Ela não se deu ao trabalho de responder, com as sobrancelhas franzindo em desaprovação quando seus olhos recaíram sobre o chão de madeira puída, os banquinhos de bambu e as vigas do teto sem verniz. Seu nariz se retorceu quando um servente passou por nós carregando uma bandeja cheia de tigelas com sopa fervente e pratos de peixe e vegetais. Havia eu escolhido este lugar para irritá-la, ela que vestia pompa e grandeza como uma segunda pele? Talvez, sem nem saber, mas principalmente para evitar qualquer armadilha que ela poderia planejar no Reino Imortal, onde ela tinha vantagem. Um teste para avaliar até onde ela iria para salvar o filho, e o fato de que ela estava ali significava estar tão desesperada quanto eu.

Levantei a pesada chaleira de porcelana, servindo uma xícara para ela. Não por respeito, mas porque minha mãe me ensinara a mostrar cortesia para pessoas mais velhas, uma convidada que havia aceitado meu convite.

Ela ignorou, sentando-se em um banquinho.

— Por que você quis me encontrar aqui? — A voz dela fedia a hostilidade.

— Aonde mais iríamos, Vossa Majestade Celestial? Para o Palácio de Jade? É melhor que este encontro não seja visto. Além do mais, este lugar traz conforto para *nós duas*, já que a magia é proibida aqui.

As bochechas dela ficaram tão vermelhas que pareciam tingidas de sangue.

— Como ousa falar assim comigo, como se fôssemos iguais? Você não é nada, já eu sou imperatriz da terra e dos céus. Você esqueceu quem julga o que é permitido aqui?

— Seu marido. E eu acredito que você não quer que ele saiba disso. — De alguma maneira, consegui manter a civilidade. Mostrar meu contentamento não me renderia nada, a não ser uma satisfação passageira e uma inimizade eterna.

Seu olhar procurou a janela. Estava em busca de seus guardas, que esperavam do lado de fora? Eles não conseguiam ficar disfarçados, estando rígidos e distantes dos mortais, com um sarcasmo no rosto, apesar das roupas humildes que vestiam. O retumbar de auras imortais pulsava no ar, acima do esforço de abafá-las. Por que não haviam atacado? O que a imperatriz estava esperando?

— Sei que você me odeia — falei, sem rodeios. — Meu pai matou os pássaros solares, mas ele o fez para salvar os mortais.

— Ele poderia tê-los impedido sem matá-los — retrucou.

— Ele não tinha escolha. Era isso ou deixar o Reino Mortal ser destruído. Lá no fundo, você deve suspeitar quem o auxiliou, quem tinha o poder para isso. — Não falei mais nada, sem querer quebrar a confiança de meu pai.

Ela tinha o olhar fixo em sua xícara, apesar de não se movimentar para pegá-la, provavelmente desdenhando dos pedaços grosseiros de chá que flutuavam na superfície escura.

— Você me pediu para vir até aqui. Por quê?

— Pela mesma razão que você veio. Por Liwei.

Seus dedos se curvaram na mesa.

— Isso é culpa sua. Por causa de você ele passou a desafiar,

fazendo com que seu pai se virasse contra ele. Você o colocou nesse estado deplorável. Tolo ele, até recusou o noivado com a Princesa Fengmei... por você.

As palavras dela doíam como facadas. Pior, porque eu não podia me defender. Ninguém poderia negar que a Princesa Fengmei era uma noiva muito mais elegível, que teria trazido consigo charmes consideráveis, um exército para defender seu noivo e um lugar inexpugnável no Trono da Fênix. Diferente de mim, que havia contrariado sua mãe, roubado do seu pai e fugido como uma criminosa.

— Liwei está em perigo? — Fiquei fria por dentro, minha única garantia era que a Gota do Céu havia ficado quieta todo esse tempo.

Ela jogou a cabeça para trás, olhando-me através do comprimento do nariz.

— Ele está seguro por ora. Meus guardas pessoais estão observando para garantir que não haja nenhuma jogada suja. Agora, pare de me fazer perder meu tempo e conte-me o que você quer.

— Tirar Liwei do Palácio de Jade.

— E se eu achar que ele deve ficar? Implorar o perdão do pai? Aceitar o noivado com a Princesa Fengmei em troca de sua liberdade?

— Ela falou lentamente, saboreando as farpas em suas palavras.

Sufoquei minha raiva ao encontrar seu olhar.

— Tenho certeza de que você já tentou isso, e o fato de que está aqui significa que Liwei se recusou.

— Às vezes depende do que está em jogo. — Seus lábios se curvaram em um crescente carmesim. — Pergunte-se: por que você acha que eu vim hoje? Para negociar com uma menina inútil que não tem nada a me oferecer, ou para ganhar algo que eu não tinha antes?

Aí estava. Seu jogo fora revelado. Eu a havia convidado de boa-fé, mas ela havia planejado uma armadilha. Queria me levar como refém, trocar-me pela submissão de Liwei. Meu estômago se revirou com repulsa, mas fiquei aliviada pela ausência de medo. E, mais do que tudo, porque eu havia antecipado sua desonestidade e não era exatamente a tola que ela esperava que eu fosse. Ao lidar com víboras, eu havia aprendido a pensar como elas. Girei com um movimento

deliberado para o canto da casa de chá onde estava Wenzhi, com sua grande espada sobre a mesa em plena vista. Quando meu olhar colidiu com o dele, ele levantou sua xícara em um brinde zombeteiro, enquanto a outra mão agarrava a bainha de ônix de sua arma em uma ameaça mal velada. Ele não precisava temer ofender a Imperatriz Celestial; ela não tinha nenhuma influência sobre ele ou a família dele, e foi por isso que havia pedido que ele me acompanhasse, não Shuxiao.

Os olhos da imperatriz arderam.

— O traidor. Meu filho está ciente disso?

— Ele está ciente do seu esquema para forçar a escolha dele? — Como era libertador não me preocupar com as minhas palavras, descartar a máscara da humildade que eu havia sido compelida a usar em sua presença.

Jogando o banquinho de lado, ela se ergueu.

— Não tenho nada mais para falar com você.

— Eu tenho muito mais coisas para falar com você. — Engoli diversos insultos. — Conte-me, o que aconteceu com Liwei?

Uma longa pausa. Achei que ela fosse embora, mas então ela se sentou novamente no banquinho.

— Ele está sendo mantido cativo, sob supervisão de quem deveria se ajoelhar para ele. Teria sido a prisão se eu não houvesse intervindo, de tanto que ele havia enfurecido o pai.

— Liwei não fez nada para merecer tal tratamento — falei ferozmente.

— É aquele vil farsante, Wugang, envenenando os ouvidos do meu marido sobre nosso filho.

— Wugang? — O ódio tomou conta de mim como um carvão em chamas. Respirei profundamente para me acalmar, para focar o que poderia ser feito. — E o General Jianyun? Ele consegue interceder? — Era egoísmo da minha parte perguntar, com todos os problemas que o general já enfrentava.

— O General Jianyun foi aposentado com um título de honra. Wugang convenceu meu marido a conceder-lhe controle total sobre o Exército Celestial. Sempre acreditei que esse seria o auge de seus

planos. Agora está claro que ele pretende usurpar a posição de herdeiro a que meu filho tem direito, manchar o trono com seu sangue mortal e governar depois do meu marido.

Ela me desprezava por minha herança mortal também? Que eu não era meramente nascida em baixa posição, mas “manchada”? Não me importava. A imperatriz tinha o sangue mais nobre do reino, e eu não a suportava.

— O imperador trocaria seu próprio filho por Wugang?

Parecia ir longe demais, mesmo dada a natureza implacável dele.

Os lábios da imperatriz formaram um rosnado. Por mais que ela me detestasse, ficou claro que detestava Wugang ainda mais.

— Wugang já se colocou em perigo uma vez, prestando um grande serviço para o meu marido. Desde então, honrarias foram entregues a ele. Meu marido valoriza a lealdade acima de tudo, e Wugang sempre foi complacente, cumprindo todas as suas ordens. Eu também o favorecia, até que sua ambição ficou clara: seu desejo de governar em vez de servir.

— Por que Wugang serviria seu marido depois da humilhação imposta a ele?

— Será que qualquer mortal não seria eternamente grato pelo presente da imortalidade? — perguntou mordazmente.

Quando a imperatriz olhou sem paciência para a porta, sufoquei minha curiosidade. As respostas que eu mais queria eram para mim mesma.

— Por que o imperador enviou seus soldados para a lua? O que ele queria com a minha casa? — O motivo oficial, que minha mãe havia ferido o orgulho do imperador, era vazio, incompleto. Não havia razão nem justiça nisso, exceto pelo fato de que ele nos queria longe. Não teria mudado nossa decisão de fugir, mas eu queria saber o que mais ele poderia temer.

Os cantos dos lábios da imperatriz formavam vincos.

— Do que importa, agora que já foi feito? Você não precisa saber — respondeu duramente, mas captei uma tensão no tom de voz dela. Ela não sabia, e isso me deixava nervosa, pois as ambições do imperador eram um mistério até mesmo para os mais próximos dele.

— Importa muito — falei de repente. — Minha casa foi destruída, uma pessoa que eu amava foi assassinada. Não significa nada para você, mas é tudo para mim.

— Você só pode culpar a si mesma por tudo o que aconteceu.

— Isso não foi culpa minha. — Eu havia feito tudo o que podia para não me envolver na política da corte, não queria fazer parte disso.

— Você perturbou nossa paz. O exército se curvou a você. O General Jianyun saiu em sua defesa. Liwei desafiou as ordens do pai diante da corte, como nunca havia feito antes. Um a um, você destruiu os pilares de apoio do meu marido até que restou somente Wugang, e agora esse fingidor ambicioso é o único que ele escuta.

Meu estômago revirou, mas não tirei os olhos dela, pois mostrar qualquer fraqueza convidaria a retaliação.

— Nada disso era para ser um desafio. Quando a grandeza corre profunda, não é necessário temer tais marolas superficiais.

Seus olhos se estreitaram cheios de ódio.

— Marolas se transformam em ondas.

— E empurrá-las só cria mais ondas. Nenhum poder é absoluto, nem a obediência.

Ela se levantou, movimentando-se com fúria.

— Não vim até aqui para ouvir suas bobagens. Você diz que quer ajudar meu filho. Como?

— Liwei não pode permanecer no Palácio de Jade. Wugang vai matá-lo para assegurar sua posição. — Falar essas palavras me deixou enojada, mas o fiz com honestidade, na esperança de convencê-la.

As mãos da imperatriz agarraram a lateral da mesa. Ela sabia que eu falava a verdade, talvez suspeitasse, mas não havia dado voz a esse pensamento. Nossos piores medos eram os que mais queríamos silenciar.

Eu pressionei:

— Com os soldados sob seu comando, Wugang poderia atacar a qualquer momento. Ele é implacável e manipulador, não vai deixar essa oportunidade passar. Por quanto tempo seus guardas conseguem proteger Liwei? Aguentam o Exército Celestial? — Dobrei-me por

sobre a mesa, perto o suficiente para ver meu reflexo nos olhos dela.
— Ajude- -me a tirá-lo de lá.

Ela não respondeu. Eu quase podia ouvir as balanças na mente da imperatriz pesando os prós e os contras, calculando como tirar vantagem disso. Ela queria salvar o filho, mas não me deixaria impune.

— Por que preciso de você? — exigiu saber.

Como ela detestava essa ideia! Mas essa pergunta era mais do que um ataque, era uma ferramenta para me fazer implorar pelo auxílio dela, me tornar a suplicante. Não havia necessidade disso; eu lhe prometeria tudo o que pudesse, pois precisava dela também.

— A grande Imperatriz Celestial não faria nada para arriscar sua posição. — Mantive minha expressão neutra, mascarando o desprezo em minhas palavras. — Você não quer se opor abertamente ao seu marido. Ajude-me, e tirarei Liwei de lá enquanto você se mantém inocente. — Quando os olhos dela brilharam, continuei: — Nós duas queremos que ele fique em segurança. Queremos a mesma coisa.

— Não, nós não queremos. — A voz dela fervilhava.

Um erro, falar de nós duas juntas. Ela odiaria a associação, pensaria ser algo muito abaixo dela.

Suas unhas se afundaram na mesa, esculpindo marcas frescas na madeira.

— Quero que ele governe o Império Celestial como o monarca mais poderoso de todos os reinos, seu nome reverenciado por imortais e mortais do momento que suas línguas pronunciarem palavras até que caiam em silêncio na morte. Quero que ele se torne o maior imortal que já viveu, enquanto você o quer só para si. Você o diminuirá, como já o fez diante de seu pai, da corte e do reino.

Balancei a cabeça.

— Nunca pedi que ele abrisse mão de nada por mim.

— Ainda assim, você teria permitido que ele desse as costas para a posição dele, sua herança e sua família. — Um sorriso cruel iluminou seu rosto. — Mas você não seria feliz. Liwei não nasceu para o tipo de vida que você deseja. Meu filho está acostumado com a grandeza, a ser adulado e reverenciado. O coração dele é mole, ele não a culparia,

mas saiba: você, sozinha, nunca seria o suficiente para ele. A insatisfação surgiria, se transformando em ressentimento. E, finalmente... ódio.

As palavras dela tinham a malícia de uma maldição. Ela havia visto meus medos mais profundos e meus desejos mais secretos, jogando-os à luz. Eu também não podia objetar quando ela dizia a verdade. Eu teria permitido. Eu quase havia me convencido de que era isso que ele queria, em vez de um sacrifício somente para mim. Um ato covarde, porque era mais fácil assim, em vez de assumir um fardo que eu carregaria pelo resto de nossas vidas.

— Eu não confio em você — sibilou. — Você diz que quer ajudar, mas só tem medo de perder o poder que tem sobre ele.

— Eu poderia dizer o mesmo sobre você. — Soltei a resposta mais vil que surgira na minha boca. Não importava que veneno ela cuspiu, a segurança de Liwei estava em jogo. — O que é preciso para você acreditar em mim? — Eu me preparei para o pior, pois já havia barganhado com o marido dela e quase perdi tudo. Eu teria muito cuidado desta vez, mas tinha certeza de que o preço dela não seria de meu agrado.

— Uma condição. Só uma, nenhuma outra. — O sorriso dela irradiava um prazer genuíno. — Ele a pediu em casamento. Jure que você vai negar, que você vai terminar com ele para sempre.

— Não. — A recusa escapou por entre meus lábios, nascida no calor da raiva e temperada com um impulso de apreensão.

— Você deve ter suas dúvidas. Por que outro motivo não aceitaria? — Seu tom era macio, mas o olhar era implacável: uma predadora segura de sua presa. — Você não serve para as demandas de uma imperatriz, não merece a honra. A Corte Celestial não permitirá que você se esqueça disso todos os dias de sua existência. Eles logo desdenharão de você pelas suas costas, escarnecerão de você por trás de seu sorriso, aguardando ansiosamente pelo dia em que você será substituída por outra, o destino inevitável de uma imperatriz.

O rancor cobria cada palavra, mas era cheio de dor. As infidelidades do Imperador Celestial eram conhecidas por todo mundo. Eu ignorei a pena que surgiu em mim, ela não a merecia.

— Não concordo com isso. — Palavras fortes, se minha voz não houvesse falhado.

— Então vou manter meu filho perto de mim, no Palácio de Jade.

A imperatriz estava errada, ela não o podia proteger. No entanto, era arrogante e vingativa o suficiente para se convencer de que podia.

— Você está sentenciando ele à morte. — Eu me forcei a dizer. — Quanto tempo até que Wugang se vire contra você? O que acontecerá com Liwei então? Se você desafiar abertamente seu marido, apenas fortalecerá Wugang ainda mais.

Seus lábios se contraíram. Apesar de ter frustrado seus planos de me capturar, eu ainda era a peça perfeita para o jogo dela. Tudo o que ela tinha que fazer era fingir inocência e me culpar, duas das coisas que ela já era adepta em fazer.

— Que escolha você tem? — insisti. — Não pode enviar Liwei para sua família no Império da Fênix, não enquanto estão aliados com o Império Celestial.

— Ele estaria seguro lá caso houvesse se casado com a Princesa Fengmei. Não presume que pode me dizer o que posso ou não fazer. Não preciso de você para proteger o meu filho.

Ela se levantou mais uma vez, arrumando a saia de seu manto com desdém. Eu achara que a urgência da situação e seu amor por Liwei seriam o suficiente para persuadi-la. Eu havia calculado mal, julgado-a mal, e me prejudicado em minha pressa ao ferir seu orgulho. Ela nunca permitiria que eu, uma ninguém, aparentasse tirar o melhor dela. Ela iria embora, pois o rancor corria profundo em suas veias, e se convenceria de que era o melhor para Liwei.

O desespero me dominou. Parte de mim queria que ela se fosse, queria rejeitar suas condições odiosas. Mas ela havia me entendido melhor do que eu a havia interpretado. Ela queria que Liwei se livrasse de mim, e nada mais que eu oferecesse seria o suficiente. Apesar dos meus protestos, ela sabia que eu cederia, pois não conseguiria brincar com a vida dele.

— Espere. — Minha voz estava baixa. Sem vontade. — Para que isso dê certo, você precisa quebrar os escudos do palácio que barram a minha entrada.

Ela se voltou para mim, com o rosto iluminado de triunfo.

— Jure que vai terminar seu relacionamento com Liwei para sempre. Jure que nunca contará a ninguém sobre esse encontro. Jure pela vida de sua mãe, e estará feito — ordenou ela, impiedosa.

Fúria se abateu sobre mim, rodeada de dor. Mas a expressão de regozijo em seu rosto me tirou das profundezas da derrota. Eu não podia ser tola; salvaria o que pudesse desse desastre. Faria com que ela abrisse mão de algo de valor em troca.

— Não concordei com as suas condições — retruquei.

— Você não tem escolha.

— Eu tenho. Posso não fazer nada, e confiar na sua promessa de manter Liwei em segurança. Se ele morrer, será você quem fracassou com ele, você terá matado seu próprio filho. — Quase me engasguei com essas vis palavras, mas ela ter se encolhido foi o suficiente para mim.

— O que você quer? Não vou abrir mão dos meus termos.

— Jure, então: nunca prejudicar minha família e a mim sem justa-
causa. — Como ela não respondeu logo de cara, acrescentei: — E mais uma coisa. Um pedido pequeno, se comparado com o seu.

— O quê? Minha paciência está se esgotando.

Tinha que parecer um pedido inocente, não um pedido que partisse de uma necessidade real.

— Tem uma pessoa no Império Celestial que me ofendeu tremendamente. Quero que o encontre e o mantenha seguro no mesmo lugar que Liwei está. Lidarei com ele eu mesma.

— O que ele fez?

— Você não precisa saber. — Uma pequena vingança, usar as palavras que ela havia usado antes. — Mas você não o pode machucar.

Um assentir curto, um humor mais agradável.

— Quem é ele?

— Tao. A irmã dele é aprendiz do Guardião do Destino dos Mortais, mas ela não sabe nada sobre esse assunto. — Eu não queria envolvê-la. Só queria o elixir, e esperava que não fosse tarde demais.

— Ele é conhecido por causar problemas. — Um brilho

especulativo em seus olhos. — Já ouvi falar dele.

Ela havia concordado muito rápido. Procurei por algo para implicá-la irrevogavelmente, como ela havia feito comigo. Liwei era quem ela mais amava, mas eu não podia pedir que jurasse pela vida dele. Então, usaria o que ela mais detestava.

— Faça isso e vou honrar minha promessa a você. No entanto, se quebrar sua palavra, nosso acordo estará nulo e estarei livre do meu juramento. Estarei livre para me casar com Liwei, para tomar seu lugar como Imperatriz Celestial. — Ela odiaria pensar em mim no trono dela tanto quanto eu; e faria de tudo para evitar que isso acontecesse.

Ela ergueu o queixo.

— Vou cumprir com a minha palavra. Você é uma tola por sequer imaginar que é boa o suficiente para ele. Você nunca será imperatriz.

— Não desejo ser, principalmente ao ver a alegria que isso lhe traz.

— Um golpe brutal, mas ela já havia tirado muito de mim. Eu havia barganhado o máximo que conseguia, e ainda assim ela havia vencido.

Seu rosto empalideceu, depois ficou vermelho.

— Estamos de acordo?

— Sim. — Essa palavra deixou um gosto amargo na minha boca.

Era isso. Seus lábios se esticaram como os de uma hiena bem-alimentada.

— Amanhã à noite. Vou enfraquecer os escudos e você pode entrar no palácio sem temer ser descoberta. Pode usar uma máscara para garantir a invisibilidade, faça o que puder para chegar até Liwei. Mantereí meu marido e Wugang ocupados, mas você precisa se livrar dos soldados que estão de guarda. Não posso dispensá-los sem levantar suspeitas. E esteja avisada: eu não oferecerei nenhum auxílio caso seja pega. Ninguém vai acreditar mais em você do que em mim. — O olhar dela recaiu sobre Wenzhi, nos fundos da casa de chá. — O Demônio não pode acompanhá-la no palácio; não posso fazer nada com os escudos que nos protegem dos da laia dele, pois foram criados pelo meu marido. Além do mais, ele não pode ser vinculado ao meu filho; irão acusá-lo de traição e coisa pior. Você não deve assumir nenhum risco com a vida de Liwei, e não pode haver dúvidas de que

isso foi coisa sua.

Forcei minha mente para desentranhá-la das minhas emoções.

— Onde estará Liwei?

— Ele foi transferido para a ala leste do palácio. Vou garantir que o ladrão seja colocado junto com ele. Você deve se movimentar com rapidez, planejar direito sua fuga, não terá muito tempo depois de soado o alarme. Se algo acontecer com o meu filho, você vai me pagar mil vezes por isso. — O tom dela era uma ameaça.

Mordi a parte de dentro de minha bochecha, recuperando a calma.

— Faça a sua parte que farei a minha.

Sem outra palavra, a imperatriz caminhou pela casa de chá, desaparecendo por entre as portas. Só então a tensão dentro de mim se amainou, minha testa caindo em minhas mãos, a dor pungente em meu coração como se ela houvesse cravado suas garras ali.



Nossa nuvem subiu aos céus em direção ao Mar do Sul, deixando o Reino Mortal para trás. A noite estava imersa em escuridão, desprovida da luz da lua, pois quem acenderia as lanternas agora que minha mãe não estava mais lá? Certamente ninguém que o poderia fazer tão bem quanto ela. Apesar de eu ter ajudado algumas vezes, as lanternas ficavam mais brilhantes com o toque da minha mãe, as luzes mais puras e luminosas. O que os mortais pensavam dessas noites escuras? Profetas e cartomantes devem ter sido convocados a muitas cortes reais para decifrar esse mistério, provavelmente concluindo que tal incidente era com certeza mau agouro.

Eles não estariam errados.

— Esse encontro correu bem. — A boca de Wenzhi formou um sorrisinho irônico. — Por “bem”, eu quero dizer que a imperatriz não ordenou que os guardas a prendessem, e que você também não sacou uma arma.

— Foi por pouco — falei entre dentes cerrados. — Estávamos sempre a um passo de nos atacar.

— Acho que você deveria reconsiderar a família com a qual vai se casar.

— Não vou me casar com aquela família. — Ele paralisou, com os olhos escurecendo, então acrescentei: — Não seja precipitado para julgar quando a sua família tem seu próprio *charme*.

— Não me lembro de ter oferecido minha família como alternativa. Fiquei vermelha, virando-me para ele.

— A imperatriz concordou em ajudar Liwei a escapar. Vou tirar ele

de lá.

— Nós vamos tirar ele de lá — corrigiu-me ele.

— Não, eu preciso ir sozinha — falei sem entusiasmo. A imperatriz não teria mentido, não sobre isso. Ela queria que eu fosse bem-sucedida, principalmente depois de assegurar meu juramento. — O palácio tem escudos contra seu povo. Não posso arriscar que Liwei seja acusado de conspirar com o Reino dos Demônios.

— Você prefere ser pega? Por causa do que as pessoas diriam?

— Pode ser que a sua presença seja o motivo de sermos pegos.

— Você não pode fazer isso sozinha. Todos os soldados estarão em alerta. Quem vai protegê-la caso surja um problema? — Ele se aproximou de mim, e eu me forcei a manter os pés firmes. — Não se puna pelo que aconteceu na lua, pelo que você pensa que foram erros seus. Você não precisa salvar todo mundo em uma tentativa infundada de consertar esses erros, não por obrigação.

— Não estou fazendo isso por obrigação. Quero salvar Liwei, mais do que qualquer outra coisa. — Minha voz estava rouca devido à emoção reprimida.

A expressão dele se endureceu.

— Falei sem pensar. Eu sei dos seus sentimentos por ele.

Desviei o olhar, a ferida infligida pela imperatriz ainda estava aberta. Porque, por mais que eu tivesse sucesso, ela havia garantido que eu perderia da mesma maneira.

— Tenho um plano. Não será perigoso. — Quando ele me encarou, sem falar nada, com os braços cruzados, acrescentei: — Talvez um pouco perigoso.

— Não seja tola. — O tom de Wenzhi ficou perigosamente grave.

— Não me chame de tola, pois a pior coisa que já fiz foi confiar em você — retruquei, de dentes cerrados. — Não pense que só você tem todas as respostas. Já vi e fiz tanto quanto você. Já o protegi, assim como você me protegeu. Enganei-o uma vez, e o faria novamente.

Ficamos encarando um ao outro, nossos mantos balançando com a brisa, o vento brincando com nosso cabelo. Seus olhos brilhavam com tanta intensidade, as únicas estrelas naquela noite soturna.

— Você tem razão. Sou tolo por imaginar que alguma coisa

poderia mudar. — Ele sustentou meu olhar. — Conte-me, então, como você vai invadir o Palácio de Jade sozinha com apenas um pouco de perigo. — Havia uma pitada de humor em suas palavras.

— Não haverá uma invasão. Pretendo desviar a atenção deles, como você fez da última vez, mas agora dentro do palácio.

— Ah, se eu não a houvesse ajudado daquela vez — disse ele arrependido. — Causar uma pequena confusão no portão não é a mesma coisa que arrumar um caos no coração do Palácio de Jade. O que você vai fazer?

— Atirar algumas flechas no Salão da Luz Oriental? — Segurei uma risada com a expressão no rosto dele, tanto incrédula quanto preocupada. Apesar de essa ideia ter passado pela minha cabeça, e sem dúvida nenhuma tenha sido muito satisfatório, seria perigoso demais. — Ainda não tenho um plano — admiti. — Mas terei.

Ele inclinou a cabeça.

— Não queria ofendê-la mais cedo. Você pode ser imprudente às vezes, mas nunca tola.

Reprimi alguma coisa que se mexeu em meu peito. O silêncio recaiu sobre nós ao adentrarmos no Mar do Sul, caminhando pelo túnel aquoso. Os guardas da entrada não nos questionaram quando apresentamos nossas pérolas para inspeção. Ao caminharmos para o palácio, uma concha chamou minha atenção. Branca como a neve, espiralada em um cone, assim como a que eu havia dado a Liwei. Ao me agachar para pegá-la, revivi a memória do vendedor orgulhosamente mostrando seus produtos no mercado Celestial.

Elas foram recolhidas nas águas mais profundas do Mar do Sul... Essas conchas são encantadas para capturar seu som favorito, uma melodia ou até mesmo a voz de um ente querido.

Minha mente rodopiou com o começo de uma ideia. Parei o primeiro Imortal do Mar que estava passando, uma mulher gorda vestida em um brocado lilás.

— Tem algum mercador aqui que vende conchas? Conchas encantadas?

Ela piscou, assustada com a minha urgência.

— Mestre Bingwen tem uma vendinha perto da fonte coral. Você

reconhecerá a loja dele assim que a vir.

Enquanto eu a agradecia, Wenzhi olhava confuso para as conchas espalhadas ao nosso redor.

— Por que alguém compraria uma dessas aqui?

— Nem todo mundo faz o que ele faz.

Longe do palácio, as ruas se alargavam, alinhadas por frondes onduladas de algas marinhas cor de jade, entremeadas com corais em tons de joias. As paredes dos prédios reluziam com um resplendor perolado, com telhados arqueados e adornados com esculturas delicadas de criaturas marinhas em turquesa, dourado e prateado. Portões circulares se abriam para quintais enormes, embora alguns permanecessem trancados atrás de portões de madeira laqueada. Quando uma delicada onda de água passou pelo ar, seguimos seu caminho até uma fonte formada de coral lilás e azul-celeste.

Havia uma construção elegante ao lado dela, com pilares de mogno esculpidos em um padrão de conchas. As janelas laqueadas estavam fechadas, assim como a porta, mas bati, com os nervos à flor da pele. Quando não obtive resposta, empurrei o painel de madeira que abriu com facilidade. À soleira, hesitei, relutante a entrar sem um convite, apesar de ter pouco tempo a perder. Estava escuro do lado de dentro, com uma umidade pesada no ar, entupindo meus pulmões a cada respiração. Nódoas brilhantes riscavam o ar como vaga-lumes, e cômodas laqueadas de vermelho estavam contra a parede. Olhando para o chão, meus olhos se espantaram ao perceber que o piso submergira entre uma camada de algas marinhas luminosas. Seus tentáculos brilhantes subiam nas laterais das cômodas, infiltrando-se na madeira como veias. Respirando fundo, adentrei no quarto, com a água fria como gelo atingindo meus tornozelos. De repente, um brilho impregnou a câmara, as lanternas penduradas no teto despertando à vida.

— A loja está fechada. Quem é você? — questionou uma voz irada.

Um imortal apareceu de uma porta lá no fundo: o mercador de rosto largo do mercado Celestial. Ao bater os olhos em mim, sua testa se enrugou como se ele estivesse tentando se lembrar de alguma coisa.

— A musicista! — Um sorriso surgiu em seu rosto à medida que ele

se aproximou, caminhando com facilidade pela água. — Nunca me esqueço de um rosto. Especialmente o de alguém com quem fiz um bom negócio.

Eu havia me encontrado com ele apenas uma vez, anos atrás. Mas suas características também estavam gravadas na minha memória. Havia sido um desses encontros que deixam uma marca, não importava o quão fugaz houvesse sido. Levantei minhas mãos unidas em um cumprimento.

— Mestre Bingwen, espero que nos perdoe pela intromissão.

— Clientes são sempre bem-vindos. — Ele gesticulou para a água empoçada ao nosso redor. — Peço perdão pelo inconveniente, isso é necessário para que o encantamento firme raízes, para que as conchas retenham o som. É por isso que a loja foi fechada hoje. Agora, conte-me, como posso ajudar?

— Preciso com urgência de algumas conchas.

Seus olhos cintilaram abaixo das sobrelanceiras erguidas.

— Urgência? Não me lembro de ninguém exigindo minhas mercadorias com tanta pressa. O que você tem para trocar hoje?

Ah, se eu houvesse ficado com um pouco das pedras preciosas, do ouro e da prata com as quais havia tido contato! Mas havia poucas necessidades que imortais não conseguiam satisfazer por conta própria, seja influenciar uma árvore a dar frutos ou conjurar a água da fonte mais pura. A questão era querer fazer o esforço, pois usar nossa magia costumava ser mais cansativo do que usar nossas mãos.

Peguei minha flauta da bolsa, passando-a por entre os dedos.

— O mesmo acordo de antes?

— Uma música por uma concha — concordou. — De quantas você precisa?

— Oito. Quanto menores e mais simples, melhor.

— De acordo. — Mestre Bingwen bateu palmas ao se apressar para uma cômoda, abrindo suas gavetas.

— Que encantamento há nessas conchas? — perguntou Wenzhi.

— Elas retêm qualquer som, que pode ser reproduzido à vontade.

— Como você ficou sabendo disso?

Não respondi imediatamente. A manhã que Liwei e eu havíamos

passado perambulando pelo mercado era uma das minhas memórias mais queridas, um de nossos poucos dias de felicidade imaculada juntos.

— Conheci Mestre Bingwen no mercado Celestial, onde troquei uma concha por uma música.

— Ele saiu em vantagem — comentou Wenzhi.

Mestre Bingwen retornou, equilibrando duas bandejas nas mãos.

— Para você escolher. — Ele me ofereceu uma das bandejas cheias de conchas brancas, cinza e rosa, cada uma delas menor do que um dedão. A outra, que ele deixou de lado, tinha apenas oito conchas maravilhosas, com curvas elegantes e espirais graciosas. Algumas tinham as pontas ou a superfície salpicada com ouro ou prata, outras tinham o resplendor radiante de um pôr do sol.

Peguei minha flauta, olhando para Wenzhi:

— Você não precisa escutar.

— Seria uma honra. — Foi isso o que ele dissera quando ofereci para tocar para ele pela primeira vez. Ele não falou com raiva, só com um pequeno sorriso no rosto ao acrescentar: — Porém terei mais cautela ao aceitar uma xícara de você.

Meus olhos se estreitaram.

— Cautela. Uma lição que nós dois aprendemos.

Quando me ajeitei em um banquinho de madeira, com as palmas no joelho, parei de olhar para ele, voltando a atenção para dentro de mim. A música não podia ter falhas, pois eu conseguiria fechar aquele acordo. Ao levar o instrumento de jade para meus lábios, seu toque familiar me acalmou. Respirando fundo, soltei o fluxo para dentro da flauta, com a melodia vibrando com a alegria do começo da primavera, o calor no ar, os pássaros cantando. A seguinte foi uma melodia lamuriosa, cada nota tocada com tristeza, reverberando com perda. Mantive a mente no tom, sem ousar pensar em seu significado, pois então a frágil proteção às minhas emoções poderia ser fraturada. Eu toquei oito músicas nas oito conchas diante de mim, minhas emoções crescendo e explodindo com o erguer e cair das melodias, até que fiquei exausta.

Ao final da última nota, o mercador se inclinou para mim, em um

cumprimento.

— Obrigado. Confesso que saí ganhando mais uma vez.

— Saiu mesmo — concordou Wenzhi, com os olhos brilhantes.

Retribuí o cumprimento de Mestre Bingwen.

— Foi um acordo justo. É o melhor tipo.

Quando Wenzhi e eu saímos da loja, voltando ao palácio, apertei o pacote de conchas enroladas em seda nas minhas mãos.

— O que você vai fazer com elas? — Ele queria saber.

— Uma armadilha — falei, devagar, desenrolando o plano na minha cabeça. — Para fazer os soldados pensarem que estou onde não estou.

Ele parou de andar, olhando para mim.

— Deixe-me ajudar. Deixe-me ir com você.

— Você não pode. E acho difícil de acreditar que está ansioso para ajudar Liwei — acrescentei, escondendo meu próprio receio.

Ele fez um som de impaciência.

— Não por ele, por você.

— Você não pode me seguir.

— Se é o que deseja. Mas tem algo que eu queria em troca da minha... complacência.

— Eu preferiria...

— Só uma promessa, em troca da minha. Que você vai continuar viva. — Um canto da boca dele se ergueu. — O que pensou que eu pediria?

Senti um calor subir por meu pescoço.

— Eu tenho total intenção de continuar viva.

— Se alguém machucá-la, vai se arrepender — ameaçou, perigoso.
— Mas é um bom plano.

Era um elogio importante vindo de alguém que havia planejado tão meticulosamente, que havia enganado os Celestiais por anos, e me traído completamente. Éramos civilizados um com o outro agora. Aliados, quase? Mas sempre que ele falava eu não podia deixar de analisar suas palavras em busca de uma enganação. A confiança era muito mais fácil de ser quebrada do que de ser reconstruída.

Ainda assim, eu precisava saber uma coisa que me consumia

sempre que o via.

— Os soldados Celestiais que marcharam para a sua fronteira, você teria matado todos eles?

— Não — respondeu sem hesitar. — A névoa era para confundirlos, fazer com que fosse mais fácil subjugar-los. Reféns têm melhor utilidade, para forçar o Império Celestial a se render. Alguns teriam morrido, uma circunstância inevitável da guerra, mas eu teria poupado os que pudesse. Os efeitos da névoa são inesperados no caos da batalha, inflamando a sede de sangue, incitando a violência. Eu não sinto prazer em atormentar as pessoas. Essa é a especialidade do meu irmão.

A névoa havia me afetado também. Eu havia ficado desorientada, assustada, confusa, até que o Dragão Negro me deixou em segurança, mas eu não senti o impulso de machucar outra pessoa.

O olhar dele recaiu sobre o meu.

— Você realmente pensou que eu mataria todos eles?

— Sim — respondi sem rodeios. — Porque eu também não achava que você mentiria, roubaria e me aprisionaria.

— Eu teria libertado você depois da batalha com os Celestiais; não podia arriscar a segurança dos nossos soldados antes disso. — Ele fez uma pausa, e falou com ênfase: — Sinto muito, Xingyin.

— Você faria de novo? Se sim, não se arrepende de verdade.

— Fico feliz por estar livre do controle do meu irmão, e porque aqueles com quem me importo estão em segurança. Não sinto remorso por ter traído o Império Celestial. Eles são meu inimigo, nos feriram e ameaçaram. No fim, ambos os nossos impérios erraram um com o outro e não há heróis naquela guerra. — Sua expressão se tornou pensativa. — Os Celestiais são os salvadores reluzentes dos reinos, aparecendo para destruir monstros, graciosamente ajudando seus aliados, oferecendo auxílio que dá polimento à sua glória. Mas com que frequência ignoraram aqueles que estão passando por necessidades? Por que eles podem ditar quem é mal e quem não é? Embora exista bem no que fizeram, existe também o mal em igual medida que foi ocultado.

As palavras dele me atingiram fundo. Pensei na punição da minha

mãe, no exílio do meu pai, no aprisionamento dos dragões, no tempo em que Xiangliu havia sido deixada livre para aterrorizar os locais, nos pássaros solares destruindo o Reino Mortal. Era uma crueldade calculada ou só indiferença? Era cultivar desespero para que o salvador fosse celebrado em dobro? Mas não falei nada, nem dei indícios de que nossos pensamentos pudessem estar alinhados. Não gostava dessas emoções desconfortáveis que ele despertava em mim.

— Sim, você conhece bem o poder da percepção. Com que facilidade você me tornou a vilã quando foi bom para suas necessidades. — Foi o que eu disse em vez disso. O escárnio era um bom escudo.

— Se pensaram mal de você tão rapidamente, a boa opinião deles não lhe serve de nada.

— Você tinha que ouvir o que falam de você. — Uma resposta tola, porque eu não tinha o que responder.

Ele deu de ombros.

— Isso não me incomoda. As únicas opiniões que importam para mim são as das pessoas de quem eu gosto. As suas, por exemplo.

— Você não gostaria de ouvir meus pensamentos.

Ele inclinou a cabeça na minha direção.

— É um convite?

— Nunca. — Recuei imediatamente.

— Eu não faria isso sem o seu consentimento, mas confesso que fico muito intrigado.

— Você ficaria completamente decepcionado.

Ele deu um sorrisinho:

— Talvez. Mas espero que esteja errada.

Minha garganta ficou seca, então me forcei a focar coisas mais seguras.

— O Imperador Celestial pode até estar errado, mas isso não faz com que você esteja certo.

— Pelo menos não nos retratamos como os heróis que não somos. Não me envergonho por nos defender, assim como você não se envergonhou por lutar contra quem invadiu sua casa. — Ele soltou uma respiração, leve. — Não me arrependo dos frutos das minhas

aventuras, mas queria ter feito diferente.

— Por quê? — perguntei sem pensar.

— Você sabe por quê. Por mais que tente ignorar, fingir que o que há entre nós não existe. — A dor em seu tom me pegou contra a minha vontade, contra toda razão.

— Você fala essas coisas porque quer o que não pode ter. Você só quer “ganhar” — retruquei com dureza, ecoando o que Liwei havia dito certa vez.

— Ah, eu poderia ter tido você. — Ele falou com uma confiança que me dava nos nervos. — Poderia ter levado você e seu amado para o Palácio de Jade aquele dia. Um pensamento tentador, e eu teria feito isso, se tudo o que eu quisesse fosse “ganhar”. Eu queria muito mais do que isso; queria que você me quisesse também.

Engoli em seco, me lembrando de sua capacidade de enganar.

— Você quer o impossível.

— Você é teimosa, Xingyin. Mas não é tão indiferente a mim quanto diz ser.

A raiva surgiu, e fiquei feliz de me agarrar a ela.

— Mesmo que eu sentisse alguma coisa por você, não importaria. Eu nunca mais poderia confiar em você.

— Você confiou o suficiente para eu protegê-la.

— Confio que você não me queira morta. Pelo menos, não ainda. Quando quisermos coisas diferentes: é aí que a confiança vai ser importante de verdade, quando seu valor real aparecerá.

Ele se aproximou mais, a manga dele roçando a minha, sua voz ficando mais intensa.

— Acredite nisto, então, pois juro pela minha família, meu império e minha honra: quando ganhei a coroa e perdi você, foi uma vitória vazia. Eu me arrependi de tudo o que foi perdido entre nós, tudo o que eu havia destruído, pois nada valia o preço de perder você.

Ele falou com tanta intensidade e paixão, tão diferente do jeito contido de sempre, que acendeu em mim alguma coisa que eu lutava para reprimir. E, por mais que a muralha que eu havia construído contra ele fosse alta e larga, suas palavras ainda atingiam meu coração. Eu me repreendi por vacilar na minha decisão. Se eu havia

aprendido alguma coisa do passado foi que era tão fácil fazer promessas quanto distorcê-las ou quebrá-las. Já não era mais tão fácil me enganar; eu aceitaria a ajuda dele, e nada mais.

— Não fale comigo de tais coisas. Elas ficaram no passado. — Houve um leve tremer na minha voz, que eu esperava que ele não houvesse percebido.

Os olhos dele analisaram meu rosto.

— Não podemos deixar o resto no passado também? O ódio, a desconfiança e as mentiras?

— Não, não podemos. Não me peça mais do que posso dar.

— Vou ficar feliz com qualquer coisa que você me der. Mas isso não me impedirá de desejar mais, desejar você por inteiro, não importa o tempo que demore.

Eu não respondi, ignorando as batidas aceleradas do meu coração enquanto caminhava. E, apesar de sentir o olhar dele nas minhas costas, não me virei. Eu não permitiria que tais emoções obnubilassem meu coração ou maculassem minha decisão. Pois o caminho à minha frente estava tomado de perigos e, mesmo que eu fosse bem-sucedida, cheio de dor.

Mas um pensamento tomou conta da minha consciência: embora nada do que Wenzhi fizesse ou dissesse poderia justificar o que ele havia feito, embora ele não fosse o imortal honrável que eu pensava que fosse... ele também não era o monstro que eu acreditava que era.



Encoberta em invisibilidade, voei por cima dos muros do Palácio de Jade. Prendi a respiração, esperando por uma armadilha, e que as cabeças dos guardas olhassem para cima, com os olhos cheios de suspeita. Mas eles se mantiveram tranquilos, os dedos segurando suas armas de maneira relaxada. A imperatriz havia cumprido com sua palavra; os escudos haviam sido retirados, mas escapar seria infinitamente mais difícil.

As lanternas de pau-rosa estavam apagadas a essa hora, os corredores tomados por sombras. A cada passo, as conchas em meu bolso tilintavam de leve. Trabalhei com agilidade, colocando uma no alojamento dos soldados perto do meu antigo quarto, uma no jardim mais à frente. Outra na Corte Externa, entre as pedras retas e cinza que formavam o caminho. Meu peito ficou apertado ao adentrar o Pátio da Tranquilidade Eterna, dolorosamente quieto sem Liwei, só com a queda da cachoeira. Memórias chamavam, mas não ousei me demorar, enfiando uma concha branca entre as raízes de um pessegueiro. Saí rapidamente para esconder outra do lado de fora do pátio da imperatriz, e mais duas na Câmara de Reflexões e no Salão da Luz Oriental. Uma última concha eu deixei apertada na minha mão escorregadia de suor. Com passos cuidadosos, dirigi-me ao Pátio do Sol do Leste, o alojamento do Imperador Celestial. Nos anos em que havia passado no Palácio de Jade, eu nunca havia me aventurado lá, e ficava feliz por manter distância.

As portas eram adornadas com filigranas de ouro em padrões detalhados de arabescos, entremeados de discos de jade. Escalei a

parede de pedras pálidas e caí no jardim. O ar parecia mais fresco, infundido com fios do poder do imperador. Gingko bilobas sombreavam o vasto jardim, flores-de-lótus amarelas floresciam em um lago. Agachando- -me, escondi a última concha, uma crescente de marfim, entre as pétalas acetinadas de uma flor-de-lótus. Ficando de pé, conjurei uma nuvem. Soldados lotariam aquele lugar em um instante.

Erguendo o Arco Dragão de Jade, puxei sua corda, uma flecha brilhando entre meus dedos. Silenciei o alerta em minha mente, da desaprovação contundente de Wenzhi, deixando a flecha voar, acendendo uma trilha no escuro. Ela acertou uma árvore, a luz crepitando em seu tronco, as folhas tremulando ao caírem. O poder pulsava em minhas veias, libertando-se como um vento violento no pátio, quebrando os galhos, ondulando o lago até que as flores-de-lótus estremeceam. Um espetáculo impossível de ser ignorado. Havia sido uma ideia maluca, concebida de brincadeira, mas que melhor maneira de chamar a atenção de todos os soldados no palácio? Eu causaria uma tempestade de caos para mascarar nossa escapada.

Gritos romperam a calmaria. Pendurando meu arco no ombro, levei a flauta aos lábios, uma música fluindo pela jade: a que eu havia presenteado a Liwei. Quando sons de passos surgiram em minha direção, o terror tomou conta do meu interior, meus pés levantando por instinto para correr. Forcei meu calcanhar de volta ao chão. Ainda não. Manteria minha promessa de ser o bode expiatório da imperatriz.

Prendendo a respiração, interrompi a música. As botas estavam cada vez mais altas, auras apressadas descendo à medida que soldados adentravam a corte, ainda bem que nenhum dos que eu conhecia. Gritos ficaram mais altos ao se dirigirem a mim, espadas e lanças reluzindo, mãos erguidas para conjurar seu poder.

A magia irrompeu dos meus dedos, escondendo minha presença quando minha nuvem mirou os céus. Abaixo, os soldados montaram em suas nuvens, os mais rápidos já subindo em perseguição. Formando um filete de ar, arremessei-o na concha da lagoa de flores-de-lótus, minha música fluindo dela, cada nota tão clara quanto quando eu havia tocado.

Os soldados que estavam mais próximos de mim se entreolharam confusos, um gesticulando loucamente para baixo.

— O pátio do imperador. Ela está lá!

— Nós a vimos voar para cima — respondeu outro.

— Uma armadilha! Ela provavelmente pretende ferir Sua Majestade Celestial!

Dei graças pela certeza errônea do último soldado, pois o restante deles se reuniu e desceu com as nuvens de novo. Eles correram de volta ao pátio para se unir àqueles que haviam permanecido. Juntos, marcharam pelo jardim, caçando entre as árvores, caminhando por entre os canteiros de flores. Um soldado diligente até teceu alguns fios de magia em uma rede reluzente para passar pela lagoa, talvez imaginando que eu estivesse submersa nas águas escuras.

O pátio elegante do imperador estava profundamente devastado; lama surgindo da lagoa, flores-de-lótus arrancadas de seus galhos, buracos surgindo no caminho ornamental. Uma vontade repentina de rir me pegou quando imaginei a ira de Sua Majestade Celestial, como se essa fosse uma pequena vingança pelo que havíamos sofrido em suas mãos.

Quando a música terminou, os soldados paralisaram, murmurando entre eles. Alguns correram para a entrada mais uma vez, outros subiram em suas nuvens. Eu contei dez longos segundos em silêncio antes de atirar mais um dardo de ar na concha no Pátio da Tranquilidade Eterna. A melodia soou novamente, mais fraca desta vez, à distância.

— O pátio de Sua Alteza! Rápido! — gritou alguém.

Os passos soaram lá embaixo, em direção à minha antiga residência. Mais soldados seguiram, levados pela comoção, algumas de suas nuvens passando tão perto que não ousei respirar. Só depois que eles haviam todos descido e que os céus estavam livres minha tensão se amainou.

Eu prendi os soldados Celestiais nessa perseguição frenética, acionando uma concha depois da outra, minha música soando em um refrão incessante pelas cortes, circundando os muros do próprio palácio. Um jogo perigoso, que eu não podia perder, e estava ficando

sem tempo. Alguém descobriria, ou eu cometeria um descuido. A exaustão estava se abatendo sobre mim, entorpecendo meus sentidos, deixando meus membros pesados. Quando os soldados seguiram em bando para o lado oeste do palácio, fui para o leste, para onde Liwei estava aprisionado.

Adentrei o pequeno pátio alinhado com vários bambuzais, uma macieira solitária derramando suas pálidas pétalas na mesa de pedra abaixo dela. Diversos guardas estavam acumulados do lado de fora da entrada do pequeno edifício, e mais patrulhavam o terreno. Eles trocavam sussurros de curiosidade, perguntando-se a respeito do caos, mas permaneciam em seus postos.

Uma lanterna dentro do cômodo iluminava a silhueta de um homem pela janela. Liwei. Meu coração pulsou ao vê-lo. Eu estudei o pátio, contando doze guardas em serviço. Eu teria que me movimentar com rapidez, impiedosamente, para me livrar deles antes que tivessem a chance de gritar por socorro. Era um risco, e eu dominei o remorso que tomou conta de mim. Ao reunir minha magia, uma mão se fechou sobre a minha. A mão de uma estranha. Agarrei seu pulso para afastá-la, mas ela se retorceu para longe do meu alcance, pegando meu braço do outro lado.

— Espere — sussurrou ela com urgência. — É a troca de turnos, mais guardas estão vindo. — Assim que falou, outras dezenas de soldados entraram no pátio.

Libertei-me de suas mãos e a encarei. Sobrancelhas arqueadas, uma boca delicada, um leve rubor em sua pele. Parecia que ela havia saído de uma daquelas pinturas que representavam os clássicos ideais de beleza. Algo em seu rosto me era familiar, mas eu não sabia de onde. Havia uma espada amarrada em suas costas e sua vestimenta escura se misturava à noite. Quando olhou para cima, levantou um dedo aos lábios em alerta. Seus movimentos eram ágeis, com a graça de uma lutadora, o que significava que ela devia ser treinada. Ainda assim, ela não era um soldado Celestial, por mais ansiosa que eu estivesse para evitar ser detectada.

— Você é uma das guardas da imperatriz? — perguntei com cautela.

A mulher retorceu o nariz.

—A Imperatriz Celestial preferiria me ver morta.

Algo que tínhamos em comum. Afeiçoei-me a ela, apesar de minhas suspeitas ainda estarem altas.

— Por que está aqui?

Ela olhou para a silhueta na janela.

— Para tirá-lo daqui. Não é por isso que você está aqui?

Assenti.

— Como você conhece ele?

— É um velho amigo.

Com a afeição em seu tom, minha tensão se dissipou, mas a curiosidade me pegou. Queria confiar nela, mas algumas alianças tinham um vínculo frágil, partindo-se sob o menor dos pesos. Seu olhar recaiu sobre a minha espada.

— Agora que decidimos não nos matar, vamos trabalhar juntas?

Havia uma arrogância em seu jeito, como se ela houvesse nascido privilegiada.

— Não decidi nada — respondi, com cuidado.

Ela deu de ombros, cruzando os braços no peito.

— Muito bem. Então você pode se livrar de todos os guardas sozinha.

Encarei-a.

— Você sabe manejar sua arma?

— Tão bem quanto você.

— Uma batalha, mesmo que seja rápida, chamará atenção. Pode ser que alguém chame ajuda.

— Se você os mantiver no lugar, posso lidar com o resto — disse ela com confiança.

— Você vai matar todos eles? — Um leve tremor na minha voz.

Ela suspirou.

— Mantenha-os quietos e tentarei não matar.

Esperamos até que o primeiro grupo de guardas deixasse o pátio. Só então liberei minha magia, formando espirais de vento, circundando os guardas e amarrando-os bem firme. De bocas abertas, seus gritos foram sufocados quando mais camadas de ar os amarravam

como um casulo. Uma luta contra doze deles, meu corpo tensionado devido ao esforço. Encarei a mulher sem paciência, correntes de energia cintilantes já fluindo de suas palmas e circundando os guardas. Elas se demoravam nos centros de suas testas, na base de seus pescoços, pulsos e joelhos. Os guardas se debatiam ferozmente no início, sem fazer qualquer som, antes de vacilarem, com os corpos caídos ao chão, o peito subindo e descendo em um ritmo estável.

— O que fez com eles? — perguntei.

— Um encantamento em seus meridianos. Se eles houvessem se debatido, teria pegado no lugar errado. — Ela torceu o nariz. — Não teria sido agradável.

Ela era habilidosa em magia da Vida. Antes que eu pudesse fazer outra pergunta, os pelos da minha pele se arrepiaram todos, com a consciência repentina de um perigo à espreita.

Quando a música havia parado?

— Rápido! — apressei-a. — Precisamos correr.

Juntas disparamos para o cômodo, escancarando as portas. Liwei estava lá, assim como Tao, com os olhos arregalados em choque. Senti um alívio quando Liwei cruzou a câmara em minha direção, mas controlei minhas emoções, balançando a cabeça.

— Precisamos ir.

— Você! — Tao se engasgou, pálido. — Como você...

Caminhei até ele, agarrando seu braço.

— Você tem o elixir?

Antes que ele pudesse responder, a voz da mulher soou atrás de mim.

— Liberte-o!

Sua magia fluiu, golpeando em minha direção. Assustada, virei-me para o lado; lenta demais, fui atingida na lateral do pescoço e bolhas irromperam de minha pele com uma dor pungente. Tao se libertou e saiu correndo, agachando-se atrás da mulher.

Quando Liwei pressionou sua palma em meu machucado, canalizando seu poder por ela, a dor passou. Minha respiração ficou pesada, o choque se misturando com a raiva de seu ataque não provocado, junto com uma descoberta.

Aponte para Tao.

— Você está aqui por ele.

Ela abriu a boca, mas então sua cabeça virou para um lado. Eu senti, também, o crescente de auras além do pátio. A mulher correu para fora, carregando Tao com ela, Liwei e eu correndo atrás deles. Quando uma grande nuvem, conjurada por Liwei, mergulhou, pulamos nela. Soldados celestiais gritaram, gesticulando em nossa direção, alguns já subindo em suas nuvens para nos perseguir. Minha energia fluía, enquanto eu tecia um encantamento de invisibilidade para nos proteger da vista ao voarmos para o portão leste. Virando-me, lancei oito raios de chamas nas conchas pelo palácio, queimando-as até que se reduzissem a cinzas. Eu não chamaria a atenção da ira do imperador para o Mestre Bingwen e o Mar do Sul.

O poder de Liwei se uniu ao meu, canalizando uma ventania que nos acelerou. Ao nos aproximarmos do portão leste, preparei-me para a batalha, para os guardas que estariam lá tentando nos impedir, mas ele estava estranhamente abandonado, ninguém correu para nos perseguir ao atingirmos os céus. Se isso fosse coisa da imperatriz, estava contente por ela ter previsto essa situação.

Só me permiti relaxar depois que as fronteiras do Império Celestial estavam bem longe de nós. Meu coração estava batendo muito forte quando meu olhar encontrou o de Liwei. Sem uma palavra, ele diminuiu a distância entre nós e me puxou para um abraço. Eu amoleci nos braços dele, inalando seu perfume. Uma leveza passou por mim, o alívio de estar com ele novamente, apesar de ser maculado pelo terror do que viria a acontecer.

Afastei-me dele, ignorando a dor aguda em meu peito, minha promessa à imperatriz tomando conta da minha mente. Eu não ousava me permitir nem essa indulgência. Liwei soltou os braços e se afastou, com os olhos cheios de dor. Relutando para responder à sua pergunta não dita, para mentir, virei-me para Tao, apenas para encontrar uma nuvem ao lado da nossa enquanto a mulher pulava nela, de mãos dadas com Tao. Eu me estiquei, segurando o outro pulso de Tao:

— Quem é você? O que você quer? — exige saber dela.

— Não é da sua conta.

— Uma vez que ele roubou de mim, é sim — retruquei.

— Você deve estar com raiva de mim — começou Tao.

— Com raiva não é o bastante quando mentiram para mim, me traíram e me deixaram com a culpa. — Fui para a frente dele. — Por que você fez isso?

— Não era a minha intenção! Eu achava que tinham dois elixires, não um só — gaguejou.

Ao relembrar sua estranha reação quando ele abriu a caixa, um pouco da minha raiva se dissipou.

— Onde está o elixir?

— Eu... não o tenho mais.

Respirei fundo, lutando para ficar calma. Eu merecia o elixir, havia sangrado por ele da mesma forma que Tao. Talvez, se ele não tivesse tentando me enganar... não adiantava pensar nisso, a única coisa que importava era recuperar o elixir, se já não fosse tarde demais.

— Diga-me onde está.

Tao passava a língua pelos lábios enquanto seu olhar se dirigia à mulher. Eu me virei para ela.

— Ele o deu a você. É por isso que o está ajudando?

— Solte-o, antes que eu faça com que se arrependa. — Havia uma ameaça em sua voz quando ela ergueu a mão, com uma onda de magia reluzente cortando o ar.

Eu recuei para evadi-la, soltando Tao. A mulher então o puxou para a nuvem dela. Ao se afastarem, armei o Arco Dragão de Jade, apontando-o para o par que escapava, um raio de luz pulsando entre meus dedos.

— Não. — Liwei entrou na minha frente.

— O que você está fazendo? Eles estão escapando! — Gritei de frustração.

— Xingyin, eu a conheço. — Uma ansiedade não familiar pulsava em sua voz enquanto a magia dele aparecia, cordas de chamas enlaçando a nuvem da mulher e a arrastando de volta para nós.

Com o rosto contorcido de fúria, ela levantou a mão para nos atacar novamente, bem quando Liwei gritou:

— Zhiyi, que bom ver você de novo, irmã.



Irmã? — repeti, incrédula, analisando a mulher mais de perto.

Depois do cumprimento de Liwei, ela paralisou e arregalou os olhos ao encará-lo. Alguma coisa me incomodou exatamente como antes, uma pontada de reconhecimento, uma memória que surgiu em minha mente como as notas de uma música esquecida.

— Liwei, ela é a moça na sua pintura? Sua amiga de infância que se mudou? — Da primeira vez em que havia ido ao Pátio da Tranquilidade Eterna, eu havia me perguntado sobre o rolo em sua mesa.

— Sim. — Ele sorriu com tanta alegria, apesar da tensão da noite, que meus ânimos se exaltaram. — Não a havia visto claramente de início, e faz muitos anos desde que nos encontramos pela última vez.

A mulher, Zhiyi, caminhou para a nossa nuvem, analisando o rosto de Liwei.

— Liwei? — O nome dele saiu como uma dúvida, mas inegavelmente cheio de ternura. — Só uma pessoa me chamava de “irmã”. Faz tanto tempo... você era uma criança quando eu fui embora.

Abaixei meu arco, a flecha desaparecendo. Quem quer que fosse, ela era querida por ele e não minha inimiga.

— Ela realmente é sua irmã? — perguntei a Liwei.

— Não somos irmãos de verdade. Eu era criança quando a conheci. Não parecia educado chamá-la pelo nome, já que era mais velha, e “tia” não parecia a melhor opção.

Zhiyi estremeceu.

— “Tia” não, definitivamente não. Agora que você está crescendo, só meu nome já está bom. — Ela voltou o olhar para o chão. — Como estão os seus pais? Seu pai, Sua Majestade Celestial?

— Em boa saúde quando ordenou que eu fosse preso — respondeu concisamente.

— Mas você é o preferido dele, o que não pode errar nunca. — Ela pressionou o punho contra a boca, como se temendo que houvesse falado demais. Com que destreza ela falava da relação do imperador com Liwei! Como se já houvesse pensado e repensado nisso diversas vezes.

— Quem é você? — Meu tom era baixo, mas firme.

— Conte para eles — incentivou Tao. — Talvez assim ela não me mate — resmungou ele, dando um olhar de cautela em minha direção. Zhiyi hesitou.

— Liwei, eu deveria ter lhe contado antes. Eu queria, mas tinha medo dela.

— De quem você está falando? — perguntou ele.

— Da Imperatriz Celestial. Sua mãe. Ela ordenou que eu não falasse disso.

Mantive meus olhos nela ao reunir minha energia furtivamente. Eu não achava que ela queria nos fazer mal agora, mas meus instintos já tinham me deixado na mão antes. Eu os equilibraria com o que eu sabia: que, por algum motivo, a imperatriz tinha considerado essa pessoa uma ameaça para o filho.

Liwei franziu o cenho.

— Por que ela faria isso?

Encarei-a, aqueles olhos do mesmo formato que os de Liwei e tão escuros quanto a noite. Eu havia sido uma tola por não perceber antes.

— Ela é sua irmã! — falei, num sopro só.

— Meia-irmã. — Ela me corrigiu, voltando-se a Liwei. — Seu pai é meu pai também. Desde que eu era criança, sua mãe me detestava. Foi em parte culpa minha. Eu era teimosa, e não tão respeitosa quanto deveria ser com a minha madrastra. Você e eu não éramos tão próximos no começo. Você era o preferido, o herdeiro precioso. — As palavras saíram dela como se houvessem sido contidas por muito

tempo.

— Devo ter sido insuportável — disse ele ironicamente.

— Não era. Eu o invejava por me tirar o que eu achava que era meu, por causa da atenção do nosso pai. Eu era jovem. Tola, de muitas maneiras. — Ela tocou o braço dele. — Só mais tarde eu passei a amá-lo. E me doía não poder contar quem eu era.

— Por que você foi embora? Procurei por você, mas ninguém me dizia para onde havia ido.

Ela limpou os cantos dos olhos com a manga.

— Lágrimas malditas, hoje é um dia feliz. Eles não lhe contaram por causa da desgraça. Eu não poderia permanecer no Reino Imortal depois que escolhi me casar com um mortal. Mesmo se nosso pai houvesse permitido, a Corte Celestial teria feito nossa vida muito miserável.

— Um mortal — repetiu Liwei com surpresa. — Você é... feliz?

— Mais do que jamais imaginei. — Um sorriso radiante iluminou seu rosto, mas sumiu abruptamente quando ela virou a cabeça para mim. — E quem é você? Como pode reivindicar direito ao elixir?

Deixei de lado a minha relutância de perturbar esse momento de ternura, meu medo por meu pai surgindo novamente.

— Tao e eu roubamos o elixir juntos, então ele o roubou de mim. Agora é meu — respondi, de forma direta.

Ao meu lado, Liwei paralisou.

— Você o roubou?

— Não contei porque estava com medo de que você me impedisse — admiti a ele.

— Eu teria tentado — respondeu, sombrio. — E se você houvesse sido pega?

— Eu tinha que fazer isso. Meu pai está doente — expliquei.

Quando o rosto de Liwei escureceu, Zhiyi balançou a cabeça.

— Preciso do elixir para o meu marido. Seus anos mortais estão acabando.

A culpa me assolou, misturada com uma forte esperança.

— Você ainda tem o elixir? Ainda não o deu ao seu marido?

— Ah, eu tentei — disse ela. — Ele não o tomou, sentindo algo

errado com a expressão de Tao. O ladrão não é um mentiroso tão habilidoso.

— Você devolveria o elixir para mim? — Eu me endureci, pois minha necessidade não era melhor de nenhuma maneira. Um acordo amigável parecia impossível, pois nenhuma de nós poderia ser imparcial, ponderando a vida do meu pai contra a do marido dela. Mas será que eu poderia mesmo brigar com a irmã de Liwei pelo elixir?

— Por que o elixir não é de Tao se vocês o roubaram juntos? — contra-argumentou.

— Ele abriu mão dos direitos dele no momento em que o roubou de mim — respondi.

A boca dela ficou imóvel.

— Você sabe quanto tempo esperei por isso? Você acha que Pêssegos Imortais e elixires dão em árvores?

— Pêssegos Imortais crescem em árvores, sim — interveio Tao. Ela lhe deu um olhar tão feroz que ele se encolheu.

— Quero dizer na natureza, em árvores como aquelas. — Ela balançou a mão para a floresta sobre a qual estávamos voando. — Meu marido e eu temos o tempo contado.

— Eu arrisquei a minha vida pelo elixir; tenho direito a ele. Se você o queria, deveria ter ido você mesma atrás dele. — Eu não fui rude, meramente recontei os fatos, apelando para seu senso de justiça, que era inato em Liwei, talvez nela também.

Ela mordeu o lábio.

— Eu não podia entrar no Palácio de Jade, não tenho mais permissão.

Olhamos uma para a outra, implacavelmente: eu sabia ser egoísta também. Depois de um longo silêncio, ela procurou em sua manga, pegando o frasco branco de jade. Ele reluzia em sua mão, com a rolha dourada pegando a luz do sol. Ela cerrou os dentes ao entregá-lo para mim.

— Pegue. Ele não beberá de qualquer jeito, não se outra pessoa foi enganada para consegui-lo. Vai amaldiçoar a nossa honra.

Aceitei o frasco, agarrando-o bem firme. Fiquei animada, mesmo

com um novo peso em cima de mim. Era um fardo tirar dela a única coisa que poderia salvar seu amado. E, na verdade, ela não tinha que tê-lo devolvido a mim. Apesar de suas duras palavras, esse era um presente.

— Obrigada. — Minha voz estava cheia de emoção. — Meu pai está morrendo no mundo de baixo, e estou quase sem tempo.

— Tempo — repetiu ela, com um traço de tristeza. — Que estranho estarmos brigando por uma coisa pela qual todo imortal nasce sem se preocupar nem um pouco. Já para os mortais, guerras são travadas e vidas são perdidas na busca pela eternidade. Um sonho impossível para todos, exceto para poucos.

— Queria que ambas pudéssemos ter o elixir — falei honestamente.

— Não a culpo. Não se engane, se meu marido tivesse menos escrúpulos, esse elixir já não existiria, e eu sentiria pouco remorso. — O tom dela se amainou. — Mas então ele não seria que ele é, e eu ainda tenho algum tempo.

— Vou pagá-la de volta — prometi, sem ter a menor ideia como. — Se houver outro elixir, vou ajudar você a obtê-lo.

— Obrigada.

Ambas sabíamos que era um juramento improvável, mas eu ainda assim prometia de verdade.

— Eu preciso ir — disse Zhiyi. — As galinhas e as vacas não vão se alimentar sozinhas. Eu vim porque a irmã de Tao me enviou uma mensagem dizendo que ele estava em perigo.

— Galinhas? Vacas? — Eu havia imaginado que ela morava em algum palácio ou grande mansão, como era adequado à filha do imperador, mesmo que deserdada.

Ela riu.

— Parece tão terrível assim? Não me importo com a minha vida. Títulos, coroas e palácios vêm com um preço — acrescentou sombriamente.

As palavras dela ressoaram dentro de mim. Outrora eu sonhara que Liwei e eu pudéssemos ser tão livres e agora... não poderíamos nunca.

Pouco depois, ela foi embora com Tao em sua nuvem. Sozinha com

Liwei, as emoções tomaram conta de mim. Alívio por ele estar seguro, com uma pontada de desespero.

— Está contente por ter encontrado sua irmã? — Uma tentativa desajeitada de adiar o inevitável.

— Sim. Saber que tenho uma irmã é uma coisa preciosa. — Ele analisou meu rosto. — Você parece triste, Xingyin. Não está feliz com o elixir?

— Queria que não tivesse custado a felicidade dela. — Era uma parte da verdade.

— Eu também. Mas ela não ia querer a sua culpa — disse gentilmente. — Procure a felicidade que tem, festeje. Pois ela já é muito escassa em nosso mundo.

Ah, se eu pudesse.

— Como estão sua mãe e Ping'er? — perguntou ele.

O luto ressurgiu, aglomerando-se em minha garganta e olhos.

— Ping'er está... morta.

Ele segurou minhas mãos.

— O que aconteceu?

— Wugang liderou o ataque Celestial à lua. Ele a matou. — Respirei fundo, lutando para ficar calma.

— Sinto muito, Xingyin. — Ele curvou a cabeça para acariciar a minha. — Ela era como família para você. Também sentirei falta dela.

— Ela era minha família.

Sombras rastejaram por entre nós dois, escorregadias, escuras e opacas. Mas, de novo, o comando do pai dele havia separado a minha família.

— Onde está a sua mãe? Está em segurança? — perguntou Liwei.

Assenti sem muita vontade.

— Ela está no Mar do Sul. Levamos o corpo de Ping'er para a família dela lá.

— Ela com certeza teria desejado isso. — Ele hesitou, antes de dizer: — Obrigado. Você me salvou de novo.

— Você não disse que nós não deveríamos agradecer um ao outro? — Sorri. Meu primeiro sorriso verdadeiro em um bom tempo.

Ele pensou por um tempo.

— Talvez eu estivesse errado. Agradecê-la também me traz felicidade.

As mãos dele percorreram meus braços, puxando-me para perto. Eu deveria ter me afastado, mas estava fraca depois de toda a confusão dos últimos dias. Recostando-me nele, minha cabeça se aconchegou na curva de seu pescoço. A sensação dele em mim, tão familiar, mas ainda eletrizante, quase desfez minha decisão. Sangue correu para a minha cabeça, minha pele formigando com a consciência dele. Como eu queria me pressionar contra o calor da pele dele quando nos deitamos nas curvas macias da nuvem! Meu coração acelerou, meus braços se apertando ao redor dele, antes que os forçasse a saltar.

Não seria nada além de um adeus final, adiando a dor inevitável. Eu me afastei, odiando-me pela confusão que surgiu em sua expressão. Seu corpo ficou tenso quando as mãos caíram para os lados. Ele certamente estava se perguntando o porquê do meu comportamento, tão diferente de quando estivemos na lua.

Quando fios soltos de seu cabelo caíram em sua testa, segurei a vontade de colocá-los no lugar. Ele não era meu; nunca mais seria. A mãe dele havia se certificado disso. Eu achava que, desde que ele estivesse em segurança, eu poderia suportar, mas era muito mais difícil do que eu havia imaginado.

Respirei fundo, a pele molhada de pavor.

— Não posso me casar com você.

Os olhos dele ficaram grandes e escuros.

— Por quê?

Eu me perdi nas palavras, pois a imperatriz havia me forçado a mentir.

— A rixa entre nossas famílias. Achava que poderíamos superar, mas eu estava errada.

As acusações da imperatriz carregavam uma verdade que eu nunca havia me permitido olhar de perto, com medo do que poderia encontrar. Essas sementes de dúvida haviam sido plantadas muito antes, desde o momento em que eu havia me apaixonado pelo filho do meu inimigo.

— Nós somos diferentes dos nossos pais. Encontrarei um jeito de fazer dar certo.

Quando ele se aproximou de mim, eu me afastei.

— Seu pai armou para que meu pai abrisse mão da imortalidade dele. Ele o prendeu em uma existência mortal. — A raiva me consumia enquanto eu prosseguia, usando a verdade como escudo. — E a prisão de minha mãe? O ataque à minha casa? A morte de Ping'er? Como posso me casar com sua família quando ela só quer destruir a minha?

A fria veemência em minha voz era a de um estranho. Eu nunca havia falado com ele dessa forma antes, nem quando havíamos brigado no Pavilhão da Canção do Salgueiro, quando ele me acusou de mentir e coisas piores. Não era fácil; eu estava magoada também. Mas usei cada gota de determinação, cada fio de ressentimento que eu já havia sentido contra a família dele para me segurar por inteiro, minhas unhas enfiadas na palma, ardendo, enquanto a pele rasgava.

Liwei balançou a cabeça.

— Você não é assim, Xingyin. Qual é o problema? Não há nada que você não possa me contar, e, o que quer que seja, podemos encontrar uma solução juntos.

Ele estava errado, não havia nada que pudéssemos fazer. Eu havia jurado pela vida da minha mãe, e o havia feito para mantê-lo em segurança. Exauri meus pensamentos em busca de mais coisas para dizer, algo que irrevogavelmente destruiria tudo pelo que tínhamos lutado, tudo o que éramos, mesmo que destroçasse meu próprio coração.

— Do jeito que as coisas são... nunca podemos ficar juntos. — Minhas palavras emergiram fraturadas.

— É ele? — A voz de Liwei estava baixa.

Wenzhi. A quem mais ele poderia estar se referindo?

A expressão de Liwei endureceu quando ele se inclinou para estudar o meu rosto.

— Você não consegue se esquecer dele. — Uma afirmação, não uma pergunta. Atada com tristeza e um conhecimento irrefutável.

Minha garganta ficou seca. Sufoquei meu protesto instintivo

enquanto minha mente girava. Era uma tormenta ver a dor dele, por mais que eu também estivesse machucada, mas essa talvez fosse a única maneira de cumprir minha promessa à imperatriz. Mesmo nessa hora não consegui impedir a falsa admissão... no fim, meu silêncio serviu como uma confissão mais alta do que qualquer outra coisa.

— É por isso que você permitia que ele lhe visitasse, que manteve distância de mim no ano passado. Você não se afastou, mas também não se aproximou. Mesmo depois de tudo o que ele fez — Ele pausou, sustentando meu olhar. — você ainda o deseja.

Eu me retesei internamente, parando de olhar para ele, fosse por confusão ou culpa, eu não sabia mais. Mentiras e verdades tão entrelaçadas que eu não conseguia mais separar umas das outras.

— Desculpe-me. — De algum jeito, consegui me manter firme, assistindo à luz dos olhos dele se enfraquecer até que a escuridão era tudo o que restava. Como eu me odiava por dar a Liwei um motivo para acreditar tão prontamente que isso era verdade, por magoá-lo, por nos magoar.

— O que você vai fazer? — perguntou ele.

— Nada. Não posso ficar com ele depois do que ele fez. — Um alívio finalmente falar com honestidade. — Mas você merece mais do que um coração dividido, assim como eu também mereço.

— Seria o suficiente para mim. — Ele falou com tanta intensidade que roubou a minha respiração. — Eu poderia ajudar você a esquecê-lo. Poderíamos voltar a ser quem éramos.

— Não — eu me forcei a dizer. — Não podemos reescrever o passado, nem prever o futuro. Não seria justo fazermos promessas que não podemos cumprir.

Ele levou uma mão ao meu rosto, seus dedos acariciando levemente minha bochecha.

— Eu disse uma vez, meu coração é seu, e sempre será seu. Espero que algum dia você o queira novamente.

Ele então se afastou de mim, unindo as mãos atrás das costas ao encarar o horizonte. A dor em meu peito ficou mais forte, quase me dividindo ao meio. Logo à frente, a curva do Mar do Sul reluziu. Antes de entrar em suas águas, Liwei lançou um encantamento de

invisibilidade em si mesmo, disfarçando sua aura. Talvez os guardas estivessem acostumados com a minha presença, pois não pareciam nos escoltar mais pela passagem. Mas eu não me arriscaria, canalizei minha magia para mascarar a presença de Liwei daqueles que estavam guardando a porta.

Um deles me parou.

— Que encantamento é esse?

Encarei diretamente sua capa de fio de dragão.

— Para me manter seca. Estou cansada de ficar ensopada toda vez que passo por aqui.

Ele gesticulou para que eu saísse do caminho, seu olhar era de desinteresse. Passei por ele, escondendo meu alívio. O território não era tão bem guardado quanto o do Palácio de Jade, porque poucas pessoas chegavam até ali sem a permissão da Rainha Suihe.

No Palácio da Pérola Brilhante, levei Liwei para meus aposentos, parando do lado de fora da porta.

— Você pode ficar com o meu quarto.

— Não somos estranhos — disse ele, com civilidade. — É claro que podemos ficar juntos no mesmo quarto. Fique com a cama, eu não vou perturbá-la.

Balancei a cabeça em negação. Não era nele, mas em mim que eu não confiava. Então saí, indo em direção ao quarto de minha mãe.

Seu sorriso desapareceu quando ela me viu.

— Xingyin, qual é o problema? Por que você parece tão chateada?

Eu não disse nada, apenas a abracei bem apertado, captando um pouco do perfume de jasmim-do-imperador que de alguma forma ainda estava impregnado nela. Ela me abraçou, dando-me palmadinhas na cabeça, da mesma forma que fazia quando eu era uma criança em busca de conforto. Ela não perguntou de novo, e eu também não falei nada. O silêncio era nossa linguagem do luto.

Eu havia matado monstros, lutado contra inimigos terríveis, sido esfaqueada, queimada e atingida por lanças, e, ainda assim, os tormentos do coração não eram menos excruciantes. Talvez aqueles que nos trouxessem a maior felicidade também carregassem o poder de nos infligir o maior sofrimento. Eu não sabia por quanto tempo

havia chorado, até que meu último suspiro se acalmou e eu me deitei, imóvel.

Minha mãe afastou as mechas soltas de cabelo do meu rosto.

— Essa dor que você sente... pode ser que acredite que nunca vai se recuperar. Ainda que talvez doa para sempre, a dor vai diminuir um pouquinho mais a cada vez até que, um dia, não haverá mais lágrimas. Só as memórias e a esperança de que você encontre alguma felicidade nelas mais uma vez.

Ela sabia bastante coisa sobre o sofrimento. Que angústia deve ter sentido quando foi para a lua pela primeira vez, separada de seu marido, sabendo que nunca mais o veria.

Sentei-me, limpando as últimas lágrimas. Não era hora de sentir pena de mim mesma. Meu pai precisava de mim. O mundo de baixo possuía incontáveis perigos para um mortal: acidentes, bestas selvagens, doenças que assolavam como poeira carregada pelo vento. Meus dedos acariciaram o frasco de jade escondido em minha manga. Alguma coisa se mexeu nas minhas entranhas, uma preciosa esperança florescendo no vazio do meu peito, uma esperança que havia me assombrado todos os dias da minha vida. Muito frágil para falar em voz alta, pois eu não ousava tentar os caprichos do destino. Mesmo com meu próprio coração em pedaços, talvez eu pudesse consertar os dos meus pais.



O céu estava apinhado de estrelas, como se o paraíso estivesse tentando nos distrair da ausência da lua. Seguindo as direções que meu pai havia me dado, percorri meu caminho até a casa dele, as paredes brancas iluminadas contrastando com o telhado de ardósia cinza. Ao me aproximar, uma luz se acendeu em uma janela, jogando a minha sombra pelo chão. Havia ele sentido minha aura, apesar de eu não ter feito nenhum som? Afinal de contas, ele não era um mortal comum.

A porta de madeira se abriu. Ele ficou parado na entrada, o brilho da lanterna lançando um resplendor de dourado em seu cabelo grisalho. Ao me ver, ele piscou como se houvesse sido surpreendido, mesmo que poucas coisas o pegassem desprevenido.

— Você veio. — Ele falou com surpresa quando deu um passo para o lado a fim de que eu pudesse entrar.

Ele achou que eu não viria? Que estava ansiosa para aliviar o fardo de um pai mortal, facilmente esquecido no reino onde os anos não tinham significado e a doença não ousava adentrar? Ele não me conhecia, mas tínhamos tempo. Todo o tempo do mundo.

A casa dele era mobiliada com uma elegância inesperada, dado seu exterior modesto. Um conjunto de chá de porcelana azul e branco estava disposto em uma mesa de valiosa madeira zitan, seus banquinhos em formato de barril encaixados embaixo dela. Rolos de pinturas estavam dependurados nas paredes, alguns representando cenas de templos e pavilhões em meio a florestas de pinheiros. Uma chamou minha atenção, a de uma mulher, minha mãe, percebi logo

que bati o olho. Não a deusa voando por entre as nuvens em mantos de seda ornamentados como os mortais costumavam representá-la, mas vestida em um manto simples, de pé em um jardim de peônias. O artista havia capturado as graciosas curvas de seu rosto, a inclinação de seus olhos e, mais do que tudo, o esplendor de sua expressão. Mortal e infinitamente feliz.

Respirei com força, absorvendo o perfume de incenso no ar. Só então notei o altar laqueado diante da pintura, abundante de pratos de peras, laranjas e bolos. Havia um fogareiro de bronze entre eles, lotado de incensos já queimados.

— O que é isso? Minha mãe está viva — reclamei.

Ele encarou a pintura, com os ombros se curvando para a frente.

— Dizem que a fumaça de incenso carrega nossas preces para os deuses. Achava que não era verdade, mas os acendi todos os dias na esperança de que minhas palavras de alguma forma a encontrassem.

Era uma característica que compartilhávamos: sonhar com o impossível, tentando alcançá-lo mesmo assim. Alguma coisa desmoronou no meu peito. Durante todas essas décadas, apesar da irrevocabilidade de sua separação, meus pais haviam sentido saudades um do outro. O sofrimento, o arrependimento e a incompreensão que manchavam o passado deles não haviam diminuído seu amor.

— Pai, você não precisa do incenso. Você verá minha mãe novamente em breve. Você mesmo pode contar para ela.

Uma luz surgiu em suas pupilas, extremamente brilhante.

— Você encontrou o elixir?

Peguei o frasco de jade na minha manga e o ofereci a ele com ambas as mãos. Quando a filigrana dourada na rolha absorveu a luz da vela, brilhou como fogo.

— Isso pertence ao Imperador Celestial. Como o obteve? — perguntou com uma voz rouca.

— Eu roubei. — Não senti vergonha nenhuma por pegar o elixir do imperador, apesar de ter me afogado em remorso por tê-lo aceitado de Zhiyi. Sua Majestade Celestial já tinha tirado muita coisa da minha família: a imortalidade do meu pai, a liberdade da minha mãe, e agora nossa casa.

— Foi um risco imenso, minha filha — disse, sério.

Sorri em resposta. Eu não contaria para ele o que eu havia arriscado para isso; não havia necessidade de incutir esse fardo em sua consciência. Era suficiente que ele retornasse a nós.

Ele olhou para o frasco e retirou a rolha. A fragrância de pêssegos flutuou pelo ar, tão exuberante e indulgente que meus sentidos ficaram tomados por ela. Fechando os olhos, levou o frasco aos lábios e o entornou de uma vez só, a garganta se convulsionando a cada gole. Ele se moveu sem hesitar, com uma impaciência ardente.

Afinal de contas, havia esperado metade de sua vida por isso.

Enfim o silêncio, pontuado apenas por nossas respirações. Fiquei de cabeça baixa, quase com medo de olhar para ele. Uma luz golpeou as paredes em ricas tonalidades de âmbar. O sol havia nascido? Voltei meu olhar para a janela. Não, ainda estava escuro, não havia sinal do amanhecer no horizonte.

Quando a respiração de meu pai acelerou, virei-me em direção a ele. Ele estava inclinado sobre a mesa, chacoalhando a cabeça, como se estivesse atordoado.

— Amargo, com uma fragrância tão doce. — Ele virou a cabeça para me olhar, um calafrio percorrendo seu corpo. — Está frio?

Ficando de pé, procurei por uma capa, cheia de dúvidas na cabeça: será que era uma doença mortal? Poderia o imperador ter plantado uma isca no lugar do elixir? Mas a fragrância daqueles pêssegos era inconfundível.

Abrindo as portas dos armários, peguei uma capa grossa. Virei-me para meu pai, encontrando um estranho diante de mim. As rugas de seu rosto haviam desaparecido como areia alisada pela maré. Seus olhos estavam claros, os brancos brilhantes, o burquinho de seu queixo mais proeminente do que antes. Ainda assim, seu cabelo negro como azeviche estava crivado com fios brancos em sua têmpora, marcas da mortalidade que nem o elixir poderia apagar.

— Deu certo. Minhas dores sumiram. — Ele abriu e fechou os dedos, levando-os para perto do rosto, maravilhado. — Filha, somente os que viveram uma vida mortal até quase seu fim saberão que nunca devem desdenhar dessa sensação.

O alívio tomou conta de mim, descongelando a paralisia em meus membros.

— Pai, os imortais temem a morte também. Podemos ficar fracos, podemos morrer — relembrei-o.

— Você tem razão. O perigo está à espreita nos dois reinos, mas o tempo é um inimigo sem rosto e impiedoso. Não é uma batalha justa quando o inimigo é inexorável, e sua derrota é inevitável.

Procurei qualquer sinal de ferimento nele.

— O elixir doeu?

Ele se agachou para pegar o frasco vazio.

— Como se uma centena de espinhos estivessem entrado em minha pele. Sua mãe deve ter sofrido também, mas ela é forte. — Seu tom de voz ficou mais leve.

Pensei no momento em que minha mãe havia tomado o elixir, no medo que deve ter tomado seu coração. Apesar de algumas pessoas alegarem que ela havia sido egoísta, existia bravura em tentar nos salvar, em buscar uma nova vida e mergulhar no desconhecido, deixando para trás tudo o que ela amava. Porque eu entendia melhor do que ninguém que, apesar de se tornar imortal, uma parte da minha mãe havia morrido naquele dia.

A dor não me é estranha, havia dito. Isso não significava que doía menos.

Eu logo levaria meu pai de volta a ela. Uma leveza perpassou por mim de tal forma que, por um momento, todos os meus sofrimentos deixaram de existir. Eles retornariam, mas, por ora, era um alívio estar livre.

— Filha, eu a agradeço.

Curvei-me, em busca das palavras que não viriam, meu peito inchado de emoção. Então me dei conta de quem ele era: Houyi, Assassino dos Sóis. Lorde dos Dragões. Marido da minha mãe. Meu pai. Éramos quase desconhecidos, unidos pelo nome e por uma conexão intrínseca. Mas então ele se aproximou e me envolveu em seus braços... meu pai, abraçando-me como eu havia sonhado todos aqueles anos.

A luz do sol adentrou pela janela em tons de um dourado pálido.

Havia amanhecido, não era um sonho que desapareceria com a noite. Não ousei me demorar mais. E se alguém houvesse sentido nossa presença? O poder do elixir?

Um som gutural rompeu a quietude, latejando com angústia. Voltei minha cabeça para meu pai, que estava tremendo, as veias salientes em seu pescoço.

— Está doente? — Peguei seu braço para ajudá-lo a chegar a uma cadeira, mas ele ficou tenso, empurrando-me para longe com a palma da mão.

— Fique longe! — Ele cambaleou para frente, quase caindo por cima da mesa. As mãos dele ficaram apertadas ao lado do corpo, os nós dos dedos ficando brancos enquanto ele lutava contra um inimigo invisível. A porta tremeu com um estrondo, como se houvesse sido atingida por uma tempestade, mas o céu estava calmo. Ignorando o alerta dele, segurei seu braço, o corpo dando solavancos no ar, como se um punho invisível o houvesse agarrado pelo calcanhar. Quando sua mão começou a escapar da minha, apertei mais forte, segurando depressa. — É o elixir — grunhiu. — Todos os mortais que ascendem aos céus devem se apresentar ao Imperador Celestial.

Não ousei imaginar o que aconteceria se meu pai aparecesse no Salão da Luz Oriental.

— É muito perigoso. O imperador atacou nossa casa. Ele está caçando a mim e à minha mãe.

A boca dele se abriu para falar.

— Não aguento. É muito forte.

— Sua magia! — gritei, preparando a minha.

Ele balançou a cabeça.

— Não tem nada. — O choque apareceu em seu tom.

O elixir não estava completo? Teria o imperador o deixado inacabado, sem um passo crucial que apenas ele poderia executar ao presenteá-lo? Meu poder surgiu, procurando a força que havia enredado meu pai. Não me importava em ser descoberta, nem com os soldados Celestiais que poderiam estar a caminho, nem com nada, exceto parar a ascensão do meu pai. De que importavam as leis do céu em momentos assim? Conforme minha energia fluía, a fadiga

paralisou meus membros, meu poder já enfraquecido pelos eventos do dia.

— Não solte. — Cada palavra fora proferida fora de ritmo.

Uma luz prateada corria de meus dedos, envelopando-o em um escudo reluzente. Não era o suficiente, o encantamento que o arrastava estava ficando cada vez mais forte. Seus olhos redondos como bolinhas de gude, o cabelo balançando em seu rosto. Agarrei sua mão com mais força, entorpecida pela tensão.

— Essa força... está vindo de dentro de mim — disse ele sem fôlego.

É claro. Não era o tipo de força que havia arrebatado do céu, mas fluía em suas veias por causa do elixir que havia consumido. Eu me repreendi por ter pensado que seria simplesmente meu pai beber que retornaríamos aos céus para nos reunir com a minha mãe. Eu já deveria saber que as coisas nunca eram tão fáceis.

Fechando meus olhos, reuni minha magia de novo, lançando-a pela garganta dele desta vez, atrás do rastro do elixir que reluzia como uma serpente brilhante. Um ruído preencheu meus ouvidos, o coração dele, batendo com muita velocidade, bombeando o elixir em seu sangue. Dourado entrelaçado com vermelho-vivo, mais iluminado que o sangue de qualquer mortal, impregnado com aquela fragrância com cheiro de mel, tão doce quanto uma fruta prestes a apodrecer. Meu poder correu pelas veias dele, libertando-o das amarras do elixir. Um esforço doloroso, como tentar desembaraçar uma teia de aranha dobrada. Sons guturais se retorciam pela garganta do meu pai, e ainda assim continuei puxando. Eu o estava machucando? Sem dúvidas, pela forma como ele se contorcia, mas não ousei parar. Uma breve pausa e ele seria arrancado de mim, sendo arremessado em direção ao Império Celestial e aos piores perigos. A fadiga tomou conta do meu corpo, uma dor se arrastando da base da minha coluna até meu pescoço, até que eu mal conseguia me manter em pé.

Cerrando os dentes, impedi meu impulso de parar meu poder, que fluía desgovernado, queimando a mácula do elixir, até que, por fim, o puxão em meu pai cessou. O dourado ardente que corria em suas veias se dissolveu em pequenas faíscas de luz, seu sangue agora brilhando

como o de qualquer outro imortal. A fragrância de pêssego foi sumindo aos poucos, restando apenas a de madeira e terra.

O corpo do meu pai estremeceu ao descender, os pés atingindo o chão. Ainda assim, não o soltei.

— Quer trazer alguma coisa? — perguntei.

Ele balançou a cabeça.

— Tudo pelo que sempre ansiei está no mundo de cima.

Juntos, corremos para fora, na clara manhã de um céu azul-marinho vívido, o ar morno. Invoquei uma nuvem, na qual subimos, e uma rajada de vento espiralando abaixo dela para aguentar nosso peso. Nenhum dos dois falou, nossas respirações ofegantes, a ansiedade da noite começando a diminuir à medida que a costa do Mar do Sul reluzia à frente.

Antes de adentrar as águas, envolvi meu pai com invisibilidade, assim como Liwei fizera antes. Os guardas da entrada do palácio nos deram apenas uma olhada superficial e entramos no Palácio da Pérola Brilhante sem nenhum incidente. No entanto, quanto mais ele andava, mais lento ele ficava.

— Pai, você está bem?

Seus lábios se ergueram em um sorriso, tão brilhante e fugaz quanto uma estrela cadente.

— Fazia muito tempo que não me sentia assim. — Ele passou a mão trêmula pelos cabelos. — Como eu estou?

A pergunta dele me surpreendeu. Eu quase ri alto, subitamente tão agitada quanto ele.

— Não fique nervoso. Minha mãe vai ficar extremamente feliz.

— Não estou nervoso. — Havia um leve tremor em sua voz. — Ela sabe sobre mim?

— Não contei a ela. Mantive minha palavra.

Ele esfregou a bochecha com os dedos, como se traçando as rugas que antes marcavam a superfície.

— Meu rosto — disse ele, hesitante. — Uma tolice se preocupar com isso.

Peguei um prato de prata de uma mesa, incrustado com coral nas bordas. Sem falar uma palavra, levantei-o para que ele pudesse ver o

próprio reflexo, um rosto mais forte do que bonito, o rosto que minha mãe ainda amava. Ele olhou por um tempo, apesar de eu não achar que fosse vaidoso. Não havia orgulho em sua expressão, apenas surpresa.

Seus olhos se voltaram ao meu rosto.

— Eu nos enxergo, minha filha.

Meu coração disparou. Agora que estávamos em segurança, finalmente me dei conta: meu pai estava em casa.

Ele bateu à porta de minha mãe. Ao abrir, ela ficou parada na entrada, seu olhar correndo de mim... ao meu pai.

Ninguém falou, ninguém se movimentou, como se tivéssemos virado pedra. Em nenhuma das minhas fantasias acerca desse reencontro eu havia imaginado essa paralisia. E eu havia sonhado com esse dia, sonhos tão secretos e tão escondidos que nunca ousava falar sobre eles em voz alta. Não havia a alegria violenta que eu tinha antecipado, nem lágrimas, suspiros e abraços amorosos. Será que havia acontecido muita coisa? Cinquenta anos para um imortal era como um piscar de olhos, mas para um mortal era mais de metade da vida. Eles haviam passado mais tempo separados do que juntos, talvez precisassem aprender a ficar juntos mais uma vez. E, por mais que eu não suportasse essa ideia, estava ali também a rixa entre meus pais, tão vasta quanto o céu que outrora os dividia. O roubo da minha mãe. A raiva do meu pai. Ele não ter se revelado, deixando-a chorar em seu túmulo. As décadas de arrependimento, recriminação e tristeza que não seriam facilmente esquecidas.

— Houyi? — falou ela, o frágil sussurro enfim saindo de sua garganta. — É realmente você?

O choque dela se transformou em descrença, e então... êxtase.

— Chang'e, minha esposa. Finalmente retornei — respondeu ele em voz baixa, com uma expressão ilegível em seu rosto.

As bochechas dela ruborizaram como camélias, os olhos reluzindo como orvalho. Mas então ela paralisou, abaixando a cabeça.

— Sinto muito, Houyi. Peguei o elixir, seu elixir. Eu estava tão assustada... Pensei que estivesse morrendo, e nossa filha também. Os médicos me apavoraram e as dores vieram muito cedo. Eu estava

completamente sozinha. — As palavras dela saíram fragmentadas. A angústia tão presente, como se houvesse sido no dia anterior.

Ele não falou nada. Será que ainda estava bravo, apesar do que havia dito? Ele poderia perdoá-la? Talvez uma centelha de sua raiva não houvesse se apagado, voltando à vida ao ser confrontado por ela. Talvez ele ainda a culpasse, mesmo sem saber. E uma parte de mim se perguntava: como poderia não estar com raiva?

— Eu fiquei furioso — começou em uma voz baixa. — Miserável em meu luto. Aqueles foram meus dias mais sombrios, piores do que qualquer batalha em que eu havia lutado, qualquer perda que havia sofrido. As traições nos atingem mais profundamente quando surgem daqueles a quem amamos. Porque aí você se sente um tolo duas vezes, de coração partido e ferido ao mesmo tempo. Porque aí você não tem nem o consolo de que mais anseia. Eu me atormenti, perguntando-me se havia sido seu plano esse tempo todo, se você desejava a imortalidade mais do que a mim. — Ele falava devagar, como se essas palavras estivessem sendo arrancadas dele. — E quando os anos se passaram sem um sinal vindo de você, sequer uma mensagem, então eu quase a odiei.

Um soluço sufocado irrompeu de minha mãe, as costas da mão voando para sua boca. Fiquei atônita com a dureza do meu pai, mas também queria chorar pelo sofrimento agarrado em seu coração por todo esse tempo. Enquanto eu e minha mãe tínhamos uma à outra, era ele quem havia sido deixado sozinho. E eu entendia como ele se sentia, as palavras dele ecoando em mim como minha própria traição sob as mãos de Wenzhi. Mas eu havia presenciado todo o sofrimento e angústia de minha mãe, e, não importava pelo que meu pai tinha passado, eu não deixaria que ele a magoasse.

Antes que eu pudesse falar, meu pai pegou a mão de minha mãe.

— Eu a vi pela primeira vez no meu túmulo há um ano. Segurei-me para não a confrontar, pois acreditava que você não tivesse mais fé. Uma parte de mim também estava envergonhada com o que eu havia me tornado, sendo que você permanecia tão resplandecente quanto o dia em que nos casamos. Falei para mim mesmo que era o suficiente saber que você estava bem, que se lembrava de mim. Que

ainda chorava por mim. Por fim, eu encontraria a paz. — Ele fez uma pausa. — Eu estava errado. Foi então que percebi que toda a minha raiva havia desaparecido, que apenas a tristeza permanecia. Falei para mim mesmo para não voltar lá, pois era um tormento cruel, que eu não conseguiria resistir. Sentia tanto alívio quanto decepção nos dias em que não via você; alegre e desolado sempre que via.

— Eu não podia ir — chorou ela. — Eu não podia sair. E, mesmo que pudesse, não sabia para onde você havia ido. Se estava vivo.

Ele então se aproximou dela, abraçando-a com tanto fervor, como se fossem um só.

— Sinto muito também — sussurrou em seu cabelo. — Por deixá-la sozinha e não dar ouvidos a você. Eu estava pensando em mim e no que eu temia e queria que fosse verdade. Eu teria dado o elixir para você. Deveria ter oferecido antes. Nunca deixaria você ou nossa filha morrer. Você fez a escolha que eu fui muito egoísta e medroso para fazer.

O silêncio se alongou por bastante tempo. Um raio poderia ter atingido o chão, bestas selvagens poderiam ter esbravejado no corredor e, ainda assim, nada os teria separado. Minha mãe olhava para ele como se fosse luz e calor. O sol, a lua e as estrelas. Era como se todo o resto, incluindo a mim, houvesse se transformado em sombras... e eu estava contente por isso.

Então saí de lá, tentando não fazer barulho. Atrás de mim, não houve mais palavras, apenas o crepitar da porta quando a fechei. Era o momento de meus pais ficarem a sós. Eu teria a minha chance depois, com nós três juntos. Pela primeira vez na minha vida, um profundo e desconhecido sentimento de completa união me preencheu, finalmente teríamos tempo suficiente para sermos uma família, para nos conhecer como teríamos feito se morássemos no Reino Mortal sem os pássaros solares, deuses caprichosos e elixires encantados.



J á era começo da tarde quando voltei para o quarto de minha mãe. Eu estava relutante em interromper a reunião dos meus pais, mas não ousava permanecer mais tempo no Mar do Sul. Com a fuga de Liwei e minha participação nisso sendo de conhecimento de todos, o imperador ficaria furioso. Ele retaliaria, eu não tinha dúvida nenhuma disso, e meu estômago doía só de pensar.

Além do mais, Ping'er havia sido enterrada conforme os costumes de seu povo. Naquela mesma manhã, minha mãe e eu havíamos nos ajoelhado diante do altar de seus ancestrais para prestar nossas últimas homenagens. Um nó havia se formado em minha garganta ao ver a tumba de ébano inscrita com o nome de Ping'er em dourado. Apesar de sentir uma paz solene ao saber que ela estava entre seu povo mais uma vez, os choros desesperados de sua família e amigos rasgaram meu coração.

Não tínhamos mais motivos para nos demorar ali, exceto pelo fato de que não tínhamos para onde ir. Ao adentrar o quarto de minha mãe, encontrei meu pai sentado à mesa, de cabelos soltos, caindo leves sobre seus ombros. Havia uma tranquilidade no sorriso de minha mãe, uma nova leveza em seus movimentos. Que estranho ver meus pais juntos! Estranho e incrivelmente maravilhoso. Uma incerteza ainda percorria as interações deles, como se estivessem se redescobrimdo, como de fato estavam: a maneira como meu pai olhava para minha mãe para garantir que ela ainda estava ali, a leve abertura nos olhos dela sempre que o olhava. E, quando seus dedos se tocavam, o momento de hesitação antes de minha mãe segurar as mãos dele.

— Filha, sou muito grato. — Meu pai inclinou a cabeça para mim.
— Por sua confiança, por restabelecer minha vida. Eu achava que seria impossível.

— Ela é sua filha, Houyi — disse minha mãe com orgulho. — Ela não caminha pela trilha diante dela, ela abre o próprio caminho.

— Nossa filha — corrigiu-a, levantando-se para colocar a palma em meu ombro. — Todos esses anos que perdi.

Pisquei para não cair uma lágrima.

— Temos tempo agora, pai.

— Houyi, você é tão sombrio — provocou minha mãe antes de sua expressão se fechar. — Já que estamos falando de anos “perdidos”, como pôde deixar que eu pensasse que estava morto? Gostava de me ver chorando em seu túmulo? De ouvir minhas preces para você? Se eu soubesse, teria colocado sal no lugar do açúcar nos bolos que fiz para suas oferendas.

Ele riu, um som sincero que me acalentou profundamente.

— Eles teriam um sabor tão doce quanto. Eu os comia todos depois que você partia, apesar de a familiaridade do sabor ser um consolo amargo. — Ele fez uma pausa. — Quanto às suas preces, eu não escutava nada de onde me escondia. Elas teriam sido um conforto para mim, teriam me dado esperança de que você ainda se importava.

— Por que mais você pensou que eu ia ao seu túmulo?

— Por obrigação? Culpa? Depois de décadas de decepção, eu não tinha motivos para ter esperança. Eu não sabia que você não podia ir. Eu tentei me afastar, mas confesso que ia sempre que podia. Sempre que eu a via, parte de mim ousava sonhar mais uma vez. No entanto, muito tempo havia passado, eu não poderia amarrar você a um homem velho. — Ele acariciou sua bochecha, e ela se apoiou na mão dele.

— Eu não teria me importado. Eu teria reconhecido você em qualquer lugar — sussurrou ela. — Se estivéssemos velhos e grisalhos, teria sido a marca de uma vida bem vivida.

— Sim, se tivéssemos envelhecido e ficado grisalhos juntos, mas isso não aconteceu. Com o pouco tempo que eu tinha, achei que seria melhor assim do que abrir velhas feridas. Queria que você se

lembrasse de mim como eu era.

Ele havia feito uma escolha difícil, cortar sua ligação conosco como a parte doente de uma planta, sem a qual o restante cresceria frondoso. E eu entendia como ele se sentia, pois seu orgulho habitava em mim também.

Alguém bateu. Inesperado, já que tínhamos poucos visitantes. Desde nossa chegada, a Rainha Suihe havia nos deixado sozinhas, como se houvesse se esquecido de que estávamos ali. Havíamos ficado felizes por estarmos sozinhas, evitando todos os banquetes e festividades, aparecendo apenas naquele dia para o funeral de Ping'er. Ao analisar as auras antes de abrir as portas, houve um turbilhão de alívio e apreensão por meu corpo.

Liwei e Wenzhi entraram. Por suas expressões hostis e a maneira como se mantiveram bem distantes um do outro, era uma coincidência completamente indesejada. O olhar de Liwei ia do meu pai para mim, com uma expressão solene. De repente percebi que, enquanto eu estava reunida com a minha família, ele havia sido arrancado da dele e estava sendo caçado pelo próprio pai.

Liwei inclinou a cabeça em um cumprimento, unindo as mãos diante de seu corpo.

— Mestre Houyi, é uma honra conhecê-lo.

Wenzhi me olhou de esguelha, uma repreensão silenciosa por tê-lo mantido no escuro, então fez uma reverência também.

— Mestre Houyi, seu retorno traz imensa felicidade à sua família.

Meu pai não disse nada, suas sobrancelhas se uniram sobre olhos apertados em uma expressão que certamente havia causado pavor no coração de muitos soldados. Minha mãe havia contado sobre eles? Em outras circunstâncias, ele poderia ter perguntado sobre os pais de Liwei ou sobre a família de Wenzhi. No entanto, eu duvidava que meu pai tivesse alguma preocupação com o bem-estar do Imperador Celestial ou o de qualquer pessoa no Reino dos Demônios.

— Eu deveria ter acreditado em você quando me contou sobre seu pai — disse Liwei. Ele não havia se aproximado de mim e, apesar de essa nova reserva em seu comportamento me magoar, era o que eu havia buscado.

— Você não acreditou? — escarneceu Wenzhi.

— Parecia improvável até para mim — falei sem rodeios.

Liwei o ignorou, falando só comigo:

— Fico feliz por você. Sempre ficarei feliz por você.

Será que havia algum outro significado por trás das palavras dele? Tais mentiras que eu havia lhe contado sobre Wenzhi, que ele tão prontamente acreditara, talvez porque tivesse suspeitas desde o início. Encarei Wenzhi, percebendo seus olhos em mim, questionadores e iluminados. Será que se perguntava a respeito da distância entre Liwei e eu? Se sim, seria para sempre um mistério, pois eu nunca diria a verdade para ele.

— Por que está aqui? — perguntei a Wenzhi.

Ele balançou a cabeça, como se estivesse decepcionado com a minha pergunta.

— Que agradecimento mais desprezível de você, depois que liderei os guardas Celestiais para longe do portão leste ontem à noite.

Olhei para ele.

— Você fez aquilo? Você me prometeu que não ia interferir.

Ele deu de ombros.

— Prometi não te seguir. E não te segui.

— Você teve algum problema? — perguntei.

— Está preocupada comigo, Xingyìn? — ele inclinou a cabeça na minha direção.

Fiz uma careta.

— Nem um pouco. Uma tarefa tão trivial não deveria ser digna de seus talentos.

— Fico feliz por você ter tanta consideração por eles. — Quando engoli uma resposta atravessada, ele sorriu. — Não foi tão fácil quanto você pensa. Aqueles soldados estavam muito mais dedicados a seus postos, e eu não podia entrar no Palácio de Jade para não ativar o alarme. Precisei recorrer a meios mais criativos para afastá-los, liderando-os em uma caçada divertida por metade do Império Celestial.

Repreendi um arrepio de preocupação por sua segurança.

— Obrigada — agradei, meio enrijecida.

— Eu faria isso e muito mais por você.

— Como sequestrá-la? — provocou Liwei.

Meu pai ergueu a cabeça ao ficar de pé, mas minha mãe puxou a manga dele até que se sentasse novamente, ainda que sua expressão tenha se mantido ameaçadora.

Os olhos de Wenzhi se iluminaram perigosamente ao se virar para mim, ignorando Liwei.

— Começo a desejar que você não houvesse sido tão bem-sucedida ontem à noite.

— Fico muito contente em decepcioná-lo. — Os lábios de Liwei se separaram em um sorriso quase feral, um que eu nunca havia visto. — Se eu soubesse, teria retornado antes.

— Sem Xingyin, duvido que teria conseguido.

— Já chega. — Encarei-os. — Meu pai voltou. Não arruinem esse momento.

Um breve silêncio antes de Wenzhi abaixar a cabeça.

— Se alguém pudesse trazer um mortal de volta dos mortos, seria você.

— O Dragão Negro estava errado; meu pai não estava morto. Se estivesse, não haveria elixir no reino que poderia tê-lo recuperado.

Liwei não olhou para mim, nem sequer falou. Ele deveria pensar que eu não tinha coração, por falar com tamanha familiaridade com Wenzhi. Para ele, Wenzhi era o Demônio que havia se infiltrado em seu império, tentado destruir seu exército e me sequestrado. Eu nunca me esqueceria disso, assim como eu não conseguia esquecer as vezes em que ele viera em meu auxílio, e as circunstâncias que o colocaram nesse caminho. Com Wenzhi, o bom e o ruim estavam amarrados tão fortemente que era impossível separá-los, um nó confuso de nosso passado e presente, tudo o que ele havia sido para mim e o que era agora.

— Temos que ir embora — falei, com firmeza. — Com a fuga de Liwei, o imperador deve convocar os outros impérios para auxiliar em sua busca. A notícia chegará aos ouvidos da Rainha Suihe em breve.

— A rainha buscará a segurança de seu próprio povo, como qualquer monarca deveria fazer — disse Liwei. — Ela não hesitaria em

nos entregar para ganhar vantagem.

Minha mãe empalideceu.

— Para onde podemos ir?

— Minha casa está aberta para vocês — ofereceu Wenzhi. — Nenhum Celestial colocará os pés na Muralha das Nuvens.

— Nenhum Celestial iria querer pôr os pés lá — disse Liwei com desgosto.

Wenzhi o analisou friamente.

— Você é bem-vindo para permanecer aqui. Eu preferiria que ficasse.

— Não, a Muralha das Nuvens não — intercedi. Mesmo que Wenzhi desejasse nos proteger, conseguiria nos manter a salvo de sua família?

— O Mar do Leste — disse meu pai. — Os dragões nos manterão em segurança.

Apesar de os dragões não estarem mais vinculados às pérolas, eles ainda tinham um grande respeito e afeto pelo meu pai. A sabedoria deles seria de um valor inestimável, ainda que não pudessem batalhar contra o Exército Celestial.

— O Mar do Leste é aliado ao Império Celestial — falei, com cuidado. — Será seguro?

— Eles não vão contradizer os desejos dos dragões — garantiu Wenzhi. — Eles os reverenciam.

— Traremos problemas para eles com a nossa presença? — perguntei.

— Em momentos como esse, não há uma solução perfeita — disse meu pai com firmeza. — Precisamos fazer escolhas difíceis, fazer o que pensamos ser o certo, e não nos arrependermos das consequências.

Quando era líder dos exércitos dos mortais, meu pai deve ter tido que tomar decisões impossíveis diariamente, que consumiam sua consciência. Quantos soldados havia enviado para a morte? Quantas famílias havia devastado? Não existiam guerras sem um custo, e o preço mais alto era com frequência pago por aqueles que menos tinham.

Uma batida alta na porta nos sobressaltou.

— Deusa da Lua. A Rainha Suihe solicita que você e sua filha se apresentem diante dela no grande salão — convocou uma voz.

Troquei um olhar cauteloso com a minha mãe.

— Ficaremos felizes em atender ao desejo de Sua Majestade. Qual é a ocasião? — falei com tranquilidade, para evitar levantar suspeitas.

— Nossos convidados de honra chegaram, e desejam se reunir com vocês — respondeu o mensageiro.

— Convidados? — Minha mente começou a ter pensamentos aterrorizantes sobre o Imperador Celestial.

— Sua Alteza Príncipe Yanxi do Mar do Leste.

Minha tensão se amainou quando me apoiei na mesa. Será que ele havia acompanhado o pai para o encontro dos monarcas dos Quatro Mares? O Príncipe Yanxi era um amigo, e seu irmão, Príncipe Yanming, havia ficado sob meus cuidados durante nossa campanha no Mar do Leste. Apesar do perigo e da minha quase morte, eu havia gostado muito daquelas semanas, pela primeira vez sentindo o que a vida poderia ser com um irmão mais novo.

— Iremos em breve. Precisamos trocar nossas vestes primeiro — respondeu minha mãe, conseguindo um pouco mais de tempo para nós.

— Enviem um recado para Shuxiao — pedi a Liwei e Wenzhi, depois que o mensageiro tinha partido. — Não deixem que ninguém os veja e nos esperem do lado de fora do palácio. — Hesitei, pensando que sem dúvidas era uma má ideia deixá-los juntos, mas meu pai evitaria qualquer tolice.

— Xingyin, tenha cuidado — advertiu Liwei. — Sejam rápidas, mas não aparentem estar com pressa.

— A Rainha Suihe é muito astuta, nada escapa a ela. Vocês não devem dar nenhum motivo para suspeitarem de vocês — alertou Wenzhi.

Assenti.

— Sairemos assim que pudermos.

Assim que a rainha permitir, minha mente sussurrou.



Caminhamos em direção ao salão do trono, com os passos calculados mascarando nosso receio. Por ser um aliado próximo do Império Celestial, estaria o Príncipe Yanxi ciente da nossa situação? Seria ele obrigado a informar à Rainha Suihe? Eu não poderia declinar o convite da rainha, mas meu arco, enrolado discretamente em um pedaço de seda, era um peso confortável nas minhas costas.

O trono da rainha estava flanqueado por cadeiras de linhas de brocado e mesas laqueadas de vermelho. Jogos de chá de porcelana com bordas douradas estavam dispostos em cada mesa, juntos de pratos de algas-marinhas crocantes, nozes assadas com mel, tortas cobertas por gergelim e bolos de amêndoas com uma cobertura em flocos. Os pilares âmbar se iluminavam como ouro banhado no sol e os carpetes haviam acabado se ser enfeitados, com as ondas bordadas e prateadas ondulando em um ritmo acolhedor. Vasos de cristal estavam cheios até a boca com conchas resplandcentes, emitindo uma doce fragrância floral com tons da opulência do almíscar. Uma balada de assombração era cantada por uma artista em um canto do salão, as unhas pintadas tocando as cordas de sua pipa, suas notas agitadas num acompanhamento perfeito dos sons puros dela.

A Rainha Suihe estava resplandcente em camadas perfeitas de uma seda cor de ametista, bordada com orquídeas em um fio cobreado. A filigrana dourada e as flores rubi em seu turbante tremulavam enquanto ela assentia para nós em um cumprimento.

— Meus convidados de honra estão ansiosos para se encontrar com

vocês — disse em sua voz melodiosa.

Antes que eu pudesse responder, alguém se atirou contra a lateral do meu corpo, com braços pequenos agarrando a minha cintura. Perdi o equilíbrio, mas me recompus.

— Príncipe Yanming! — abaixei-me para dar um abraço forte nele. — Ficou mais alto, Vossa Alteza.

— Talvez você que tenha encolhido. — Ele riu ao me soltar. — Fiquei sabendo que é o que acontece com os idosos.

— Se eu sou idosa, então você precisa me tratar com muito mais respeito — respondi, cutucando-o de leve no ombro.

— Yanming, comporte-se. O que Sua Majestade pensaria de você? — repreendeu Príncipe Yanxi.

Ao nos endireitarmos, uni minhas mãos para curvar-me ao príncipe, consciente do olhar atento da Rainha Suihe.

— Vossa Alteza, que ótima surpresa.

— Meu pai me enviou em seu lugar. Eu teria deixado meu irmão em casa, mas ele me implorou para vir, e não me deixou em paz até que eu concordasse.

De esguelha, peguei o Príncipe Yanming mexendo os lábios em uma zombaria, parando no segundo em que seu irmão se virou para ele.

O rosto do Príncipe Yanxi ficou mais tranquilo quando fez um carinho no cabelo do irmão.

— Yanming, já chega. O que nosso pai diria?

Eu os invejei, invejei sua camaradagem não reprimida. Um vínculo íntimo, construído com afeto e a familiaridade de um passado compartilhado.

— Fico muito feliz de ver vocês dois, apesar de muita coisa ter mudado desde nosso último encontro. — Mais do que sabiam, esperava eu.

Príncipe Yanming suspirou.

— É tudo tão sem graça desde que você partiu. Ninguém treina comigo nem me conta boas histórias. Madame Anmei fica apavorada toda vez que toco uma espada, até mesmo as de madeira.

O Príncipe Yanxi se voltou para minha mãe e inclinou a cabeça.

— Deusa da Lua, é uma honra inesperada. Fiquei sabendo da sua libertação, mas estou surpreso por encontrá-la aqui, tão longe de casa.

O príncipe era sagaz, não seria facilmente enganado. Ele havia ido em meu auxílio quando eu busquei ajudar os dragões, mas suspeitava que era mais por causa de sua reverência aos dragões do que por algum desejo de frustrar o Imperador Celestial.

— Minha mãe foi atacada, e sua criada morta — falei com cautela, apesar da minha voz falhar com as palavras. — Ela era do Mar do Sul, então a trouxemos para casa.

— Sinto muito por sua perda — hesitou ele, abaixando a voz — Fiquei sabendo de algumas notícias, relatos não confirmados de um ataque por...

— Foi uma infelicidade — falei rapidamente, com um aperto no peito. — Intrusos em nossa casa. Atacaram-nos sem um motivo. — Sustentei seu olhar, abrindo meus olhos em um alerta silencioso que eu esperava que ele entendesse.

— Um momento difícil para você e sua mãe. Espero que encontrem a paz, onde quer que estejam. — As palavras dele estavam recheadas de significado.

— Pretendemos buscá-la, quando Sua Majestade permitir que partamos. — Uma dica de nosso perigo.

O Príncipe Yanxi assentiu, sério.

— Sua Majestade não deve ter motivos para atrasá-las. Ela terá outras coisas em mente, como a reunião da realeza, por exemplo.

Respirei com mais alívio com essas palavras. Independentemente do que o príncipe do Mar do Leste soubesse, ele não nos exporia.

— Vossa Alteza — chamou a Rainha Suihe. — Você parece bem familiarizado com minhas convidadas. Poderiam dividir a conversa com o restante de nós? Parece extremamente interessante. — Uma nota de impaciência surgiu em sua voz. Os monarcas não estavam acostumados a compartilhar a atenção em suas salas do trono.

O príncipe então deu a ela um sorriso deslumbrante.

— Estávamos contando histórias de quando a Primeira Arqueira nos auxiliou durante a revolta do Governador Renyu.

— Sua Majestade. — Curvei-me a ela, segurando minha agitação.

— Ficamos gratas por sua hospitalidade. Infelizmente, minha mãe e eu precisamos partir, pois temos notícias urgentes de casa.

— Sua casa que foi atacada? — Havia certa inflexão em seu tom.

— Os perpetradores partiram — respondeu minha mãe, corrigindo meu deslize. — A lua tem estado escura sem mim.

A rainha se recostou no trono, apertando os lábios.

— Vocês não ficarão para as festividades de hoje à noite? Meus convidados do Mar do Leste ficarão decepcionados se partirem com tanta pressa. Os monarcas dos Mares do Norte e do Oeste também gostarão de se encontrar com você, nossa elusiva Deusa da Lua.

— Apesar de isso ser verdade, as questões de casa sempre assumem a precedência — disse com tranquilidade o Príncipe Yanxi.

A rainha assentiu.

— Muito bem. Se desejarem, alguns de nossos guardas poderiam acompanhá-las até lá.

Minha mãe se curvou.

— Obrigada pela oferta gentil, Vossa Majestade. No entanto, já a atrapalhamos bastante e minha filha é uma ótima guerreira.

O Príncipe Yanxi sorriu.

— Ela certamente é.

Alguém puxou a minha manga, uma mãozinha se dobrando na curva do meu cotovelo. Olhei para baixo e me deparei com o Príncipe Yanming, o rosto iluminado de esperança.

— Posso ir com vocês? Quero ver a lua — sussurrou. — Aqui é um tédio. Meu irmão mais velho está sempre em reuniões e não me deixa sair sem ele. E sempre ordena que eu feche a boca.

Eu me agachei para olhá-lo nos olhos.

— Talvez seja porque você diz coisas ultrajantes, Vossa Alteza? Minha mãe sempre me aconselhava a falar com mais cuidado se eu quisesse que minhas palavras tivessem importância.

Que solene eu soava! E minhas palavras tropeçavam na cortesia com muita frequência. Mas alguma coisa nele me despertava o desejo de mantê-lo em segurança, de aconselhá-lo a ser melhor do que eu.

— Irmão, você não está sendo cortês com a nossa anfitriã — acusou o Príncipe Yanxi. — Além do mais, Xingyin está muito

ocupada para entreter você, pois está indo embora.

Soltei a mão do Príncipe Yanming com gentileza.

— Quando as coisas se ajeitarem, venha me visitar. Vou mostrar minha casa com o telhado prateado para você. A floresta de jasmins-do-imperador e as mil lanternas, que você poderá nos ajudar a acender.

Falsas promessas a fim de enganar as crianças para que se comportem bem, minha mente zombou, ao mesmo tempo em que o desespero me encobria. A última vez em que eu havia visto minha casa, as chamas a estavam devorando. Será que alguma parte havia restado de pé? Eu não sabia... e, talvez, nunca saberia.

O sorriso do Príncipe Yanming apareceu em seu rosto.

— Promete?

Mentirosa que era, assenti.

Passos soaram pelos pisos, ficando cada vez mais altos. Um imortal adentrou o salão, vestido em mantos de brocado familiar, um chapéu preto em sua cabeça adornado com um pedaço de uma jade plana. Um mensageiro Celestial. Meus dedos se esticaram até a mão da minha mãe, apertando-a em alerta. O mensageiro se ajoelhou diante da rainha, segurando um rolo em suas mãos, um brocado amarelo grosso enrolado em uma barra de sândalo, como o que havíamos visto outrora. Quando um serviçal pegou o rolo e o entregou à Rainha Suihe, minha boca ficou seca.

Mas ainda havia uma chance, o mensageiro não nos conhecia. Forcei-me a sorrir, por mais que me tremesse inteira por dentro. Nossa única esperança era uma retirada repentina.

— Vossa Majestade, agradecemos novamente. Vamos nos retirar agora. — Minha voz era baixa, para que fosse ignorada, enquanto minha mãe e eu nos afastávamos do trono.

A Rainha Suihe assentiu, o olhar fixo no rolo, a atenção se voltando a questões de maior importância.

Ao darmos as costas para o trono, o Príncipe Yanxi iniciou uma conversa educada com a rainha. Em silêncio, agradeci-lhe pela distração, por atrasar o momento inevitável de quando ela lesse a carta do Império Celestial. Eu não sabia o que estava escrito, mas

meus instintos gritavam de alerta. Caminhamos depressa pelas fileiras de cortesãos, em direção à entrada, suprimindo a vontade de correr.

— Paradas! — A voz da Rainha Suihe soou, dura em um comando.

Os guardas diante de nós cruzaram as lanças, bloqueando nossa passagem. A boca do meu estômago se revirou ao me voltar para a rainha. Manchas em um tom vermelho-escuro marcavam sua pele.

— Ter a minha gentileza paga com desonestidade é uma decepção grave — falou, brava, amassando o rolo aberto em suas mãos. — Foi espalhada a notícia por todo o reino de que você e sua mãe são traidoras do Império Celestial, fugitivas da justiça. Ameaçam de represália severa aquele que as receber. Vocês sabem tudo o que eu fiz para nos manter em segurança? Só para ameaçar tudo isso por causa de mentirosas que eu abriguei aqui sob falsas pretensões.

O Príncipe Yanming se libertou dos braços do irmão.

— Xingyin não é mentirosa! O Imperador Celestial é um...

— Peço desculpas pela grosseria do meu irmão, Vossa Majestade — interveio o Príncipe Yanxi, lançando um olhar severo para o irmão. — Talvez vocês pudessem escutar o que a Deusa da Lua e sua filha têm a dizer. — Seu tom foi cuidadosamente modulado para não demonstrar parcialidade.

Um movimento muito discreto da cabeça da Rainha Suihe foi o único indicativo de que eu deveria falar. Vendo a severidade em seu rosto, ela não estava disposta a ouvir, mas eu tentaria mesmo assim.

— Não mentimos, mas não contamos toda a verdade, de que foi o Império Celestial que nos atacou, sem ser provocado, e nos tirou da nossa casa. Por isso, sinto muito. Não pretendíamos prejudicá-la ao vir para o seu povo e estávamos prestes a ir embora para evitar problemas. — Apesar de sua expressão hostil, prossegui. — Coisas estranhas estão acontecendo no Império Celestial: mudanças inesperadas de poder, conselheiros leais e confiáveis sendo postos de lado. A mudança já está à vista, e não é para melhor.

Os olhos da Rainha Suihe ardiam, com um sorriso enigmático em seus lábios.

— Vocês estão certas acerca de uma coisa: a mudança está *de fato* à vista, e pretendo estar do lado certo dela. — Ela se voltou ao

mensageiro Celestial. — Informe à Sua Majestade Celestial que apreendi a Deusa da Lua e sua filha como ordenado. Elas ficarão aprisionadas aqui para aguardar justiça. Em troca, peço que ele se lembre do valor da nossa amizade.

O mensageiro curvou-se, mas não saiu, conforme seria o esperado. A mão dele se iluminou com uma luz esverdeada ao tocar a jade em seu chapéu. Um leve badalar soou pelo silêncio, a pedra brilhando cada vez mais, antes de voltar ao estado bruto.

— Sua Majestade Celestial nos ordenou que enviássemos informações assim que tivéssemos novidades. Ele chegará em breve — entoou.

— Prepararemos boas-vindas adequadas para Sua Majestade Celestial — disse a Rainha Suihe.

Um calafrio percorreu minhas veias. O Imperador Celestial estava a caminho? Era por causa de Liwei? Todo mundo sabia da minha participação em sua fuga. Assim que o mensageiro saiu do salão, dirigi-me à rainha.

— Vossa Majestade, pode reconsiderar? Se nos deixar partir, terá uma amizade leal para sempre. — Uma oferta insignificante, mas não tinha mais nada para oferecer.

Uma risada estridente ecoou dela, raspando como unhas em meus nervos.

— Partir? Partirão, mas nas minhas condições. Prefiro de longe a amizade de quem possui o poder do Exército Celestial à sua. — A mão dela fez um breve sinal para o guarda. — Leve-as para as celas. Encontre a amiga delas e prenda-a também.

Um alívio me preencheu por ter dito para Shuxiao e os outros deixarem o palácio. Esperava que eles fugissem, pois não fazia sentido algum todos nós sermos capturados. Eles poderiam retornar para nos buscar depois, e eu não tinha dúvidas de que o fariam.

Uma armadura turquesa tilintou, espadas douradas iluminadas quando dois guardas se movimentaram em minha direção. O alerta de Wenzhi a respeito de suas prisões impenetráveis passou pela minha cabeça. Não poderia permitir que nos levassem. Quando um soldado alcançou minha mãe, minha perna chicoteou, chutando-o para longe

com força bruta. Agarrei meu arco, soltando suas amarras, um fio de luz formando entre meus dedos.

Gritos de pânico irromperam, convidados tropeçando uns nos outros ao correrem do salão. Quando o olhar preocupado do Príncipe Yanxi se encontrou com o meu, balancei minha cabeça em direção à porta, falando só com os lábios para ele ir embora. Por ser aliado do Império Celestial, a lealdade dele estava presa. Ele já havia tentado distrair a Rainha Suihe por mim, persuadido-a a escutar, o que era mais do que eu podia pedir. O Príncipe Yanxi pegou o irmão no colo e correu para a entrada, longe do tumulto.

Apertei ainda mais a corda do arco ao virar a flecha em direção à rainha, a única que poderia assegurar que passássemos em segurança.

— Ordene que seus soldados se afastem. Permita que saíamos e não nos siga. — Minha voz era baixa e ameaçadora.

O lábio da Rainha Suihe se curvou quando sua magia surgiu, pedaços irregulares de gelo sendo lançados em direção à minha mãe e a mim. Formei imediatamente um escudo ao nosso redor, apontando a flecha para o ombro dela, pretendendo machucar, sem matar. Ao deixá-la voar, a flecha cortou o ar, bem quando uma barreira luminosa circundou a rainha. O rosto dela se torceu em desprezo ao esticar a outra mão, com uma onda luminosa de poder derrubando meu arco no chão. O Fogo do Céu chamuscou os carpetes, enegrecendo o bordado intrincado, abrindo um buraco no piso. Com um tremor no chão, os vasos de cristal caíram, as conchas espalhadas foram pisoteadas pelos cortesãos que fugiam.

Vários dos soldados da rainha surgiram para rodear minha mãe e eu. Apontei outra flecha para eles, preparando-me para atingir o povo de Ping'er, mas algo assobiou pelos ares, uma flecha translúcida que fincou no guarda mais próximo de nós.

— Chang'e! Xingyin!

A voz do meu pai. Meu coração bateu mais forte quando ele correu para o salão do trono, já puxando a corda do arco. Liwei, Wenzhi e Shuxiao seguiam-no logo atrás. Gritos irromperam, os guardas da rainha correndo em direção a eles. Com agilidade, conjurei uma explosão de vento para varrer para longe os que estavam mais

próximos de nós.

A magia correu pelo ar, o tilintar do metal reverberando pelo salão. Meu pai protegeu minha mãe, liberando flecha após flecha, suas mãos se movimentando em um ritmo estonteante. Quando uma soldado se esgueirou por trás de nós, com a espada elevada, atirei nela, minha flecha adentrando seu peito e seu corpo sacudindo na armadura.

Wenzhi e Liwei estavam rodeados de soldados do Mar do Sul, com as espadas iluminadas em prata e dourado ao trabalharem agilmente contra seus oponentes. Shuxiao estava presa em uma batalha feroz com outro guarda, a lança dele tinindo contra a espada dela.

A Rainha Suihe apontou um dedo trêmulo para Liwei.

— O Príncipe Herdeiro Celestial! O imperador vai nos recompensar muito bem por isso. Chamem reforços!

Três guardas se deslocaram, correndo para a entrada.

Não me permiti pensar, uma flecha surgindo de meus dedos para atingir um, depois o outro. Ao conjurar outra flecha, o último soldado correu pelas portas, gritando por auxílio.

Eu me amaldiçoei. Em pouco tempo, mais guardas adentrariam o salão, barrando a única entrada. Era provável que já estivessem bloqueando os corredores. Procurei freneticamente por uma rota de fuga: não as paredes, pois o salão do trono era profundamente abrigado no interior e teríamos que lutar para abrir caminho pela única passagem. Um feito impossível, já que eles estavam em maior número. Meus olhos se voltaram para o teto em formato de cúpula, lembrando-me de seus pináculos decorativos e da estrutura baixa do lado de fora: apenas uma camada de pedras nos separava da liberdade.

Sinalizei para os outros erguerem seus escudos, e fortaleci os que estavam ao redor dos meus pais. Só então peguei meu arco, erguendo-o alto, e liberei uma flecha de Fogo do Céu no teto arqueado.

Ela o atingiu em um clarão que nos cegou, uma teia de fissuras se rasgando pela pedra com sons de moagem assustadores. Outra flecha de gelo, do meu pai, foi atirada depois da minha. O teto estremeceu, as rachaduras se alargando enquanto nuvens de poeira choviam sobre

nós. Eu me engasguei, tossindo para limpar os pulmões quando os fragmentos de pedra caíram, formando uma cascata como granizo — um rompeu meu escudo, arrancando uma arfada de mim ao atingir meu ombro. Mais escudos foram erguidos ao meu redor, pulsando com o calor de Liwei, brilhando com a energia leve de Wenzhi, bem quando um caco atingiu aos meus pés, desintegrando em pedaços. Acima de nós, através do rasgo no teto, águas escuras como a noite abraçavam as barreiras que protegiam a cidade. Nunca tinham parecido tão convidativas, nem o ar deste lugar jamais fora tão opressivo.

Gritos ecoaram pela câmara, os cortesãos remanescentes correndo em busca de abrigo. Os guardas já não nos atacavam, canalizando a energia para formar escudos protetores ao redor dos vulneráveis. Virei-me para o trono e deparei-me com o olhar da Rainha Suihe focado em mim, queimando de ódio. Ela não se esqueceria nem perdoaria essa destruição, e um calafrio percorreu meu corpo com esse pensamento.

Dei as costas a ela, correndo para meus pais. Um vento saía dos meus dedos, tecendo espirais de ar que nos carregaram para cima. Shuxiao, Liwei e Wenzhi fizeram o mesmo. Juntos, voamos pelo rasgo do telhado, aterrissando do lado de fora do palácio. Minha respiração ficou difícil, pois era um grande esforço voar sem uma nuvem.

Felizmente, tudo parecia calmo do lado de fora. O alarme não havia sido disparado, talvez porque houvéssemos deixado o salão do trono em tamanho caos. Mas, a qualquer momento, os soldados da rainha poderiam nos perseguir para nos prender, ou as tropas do imperador poderiam chegar.

— Precisamos ter cuidado — alertei os outros ao nos aproximarmos da passagem. — Se os guardas suspeitarem de alguma coisa, selarão o túnel, a única saída daqui. Ficaríamos presos como vaga-lumes em um jarro.

Quatro soldados vigiavam a entrada, nenhum dos quais eu havia conhecido.

— Quem são vocês? O que estão fazendo aqui? — questionou um deles com rispidez.

— Somos convidados da Rainha Suihe — respondi com a maior calma que consegui.

Outra nos analisou, estreitando os olhos.

— Vossa Majestade ordenou que a passagem ficasse livre para os convidados reais dos Quatro Mares. Vocês precisam aguardar a vez de vocês, até a chegada deles.

— A Rainha Suihe nos deu permissão para partir hoje — disse Shuxiao com um sorriso.

Quando a guarda balançou a cabeça em negativa, uma luz surgiu da mão de Wenzhi, atingindo o ponto entre os olhos dela. Os outros soldados apontaram as lanças para nós, mas o poder de Wenzhi ficou mais forte, atingindo-os com velocidade. As pálpebras dos soldados se fecharam de uma vez ao tombarem no chão como pedaços soltos de corda.

— Por que você fez isso? — Quando pressionei a pérola de Ping'er no olho da criatura incrustada, a porta se abriu.

Wenzhi deu de ombros.

— Foram grossos e estavam suspeitando de alguma coisa. Melhor pegá-los de surpresa.

Olhei para os guardas inconscientes.

— Eles estão...

— Estão dormindo. Sei suas preferências em coisas assim, Xingyin — respondeu Wenzhi.

— Você não sabe nada sobre ela — disse Liwei friamente ao passarmos pelo túnel.

— É mesmo? — Wenzhi tirou sarro para enfurecer Liwei. — Xingyin e eu passamos anos juntos, batalhando contra criaturas que não existem nem nos seus pesadelos, vendo lugares com os quais você apenas sonhou. Acampamos debaixo dos céus, nas encostas das montanhas do Reino Mortal, em palácios e em barracas. Sei mais a respeito dela do que você jamais saberá, sentados em uma sala de aula rodeados de professores.

Senti calor e frio com as palavras dele, a raiva surgindo com sua presunção.

— Nada do que tivemos foi real; nada disso significou alguma

coisa.

— Foi real — disse Wenzhi, baixinho. — Minta para mim o quanto quiser, só não minta para si mesma.

Uma dor pulsava em meu peito. Quando ele falava comigo dessa maneira sincera, toda a barreira que eu havia construído contra ele se desfazia. Mas eu nunca cederia, me protegeria melhor desta vez, meu coração não aguentaria ser quebrado de novo.

Sons apressados romperam o silêncio, ficando cada vez mais altos, a parede de corrente de água ficando mais larga diante de nós, uma amostra da força aterradora do oceano. Ao erguer a pérola de Ping'er diante de mim, as águas se partiram. Corremos pelo corredor, nossa magia fluindo para conjurar nuvens que nos carregassem para a superfície, o anel do céu azul uma vista bem-vinda.

O sol ardia, quente e iluminado, começando a descer pelo céu. Ao avançarmos pelas águas, uma brisa atingiu meu rosto, infundida com o sal do mar. Fechei os olhos, inalando profundamente, mas então uma força invisível nos aprisionou, jogando-nos em direção à costa com tanta velocidade que rolamos na areia.

Rolei e fiquei de pé, com a surpreendente luz do sol batendo na areia branca quase me cegando. Um gelo atingiu a base do meu pescoço. Não... não era a praia que brilhava tanto, mas a armadura branco- -dourada dos soldados Celestiais, liderados por um imortal que tocava uma flauta de bambu entre seus dedos cheios de cicatrizes.



Ajoelhem-se diante de seu imperador, e talvez eu conceda misericórdia — comandou Wugang.

Meus olhos se arregalaram em descrença, assimilando seu diadema encrustado de pérolas, o grampo dourado, em formato de dragão, que segurava seu cabelo no lugar. A maneira como os soldados atrás dele abaixavam a cabeça em completa subserviência.

— *Imperador?* — Liwei repetiu com ira. — Como ousa, você é uma fraude!

O sorriso de Wugang estava coberto de malícia. Seus dedos esbeltos ergueram um ornamento de jade amarelo em sua cintura, que de tão brilhante parecia banhado a ouro, entalhado com um par de dragões circundando o sol. Apenas uma pessoa carregava aquele selo; era a morte para quem o tomasse.

— Como você pegou o selo de meu pai? — O tom de Liwei estava cheio de pavor. — O que você fez com ele?

Uma longa pausa, de crueldade consciente.

— Ele está vivo, por ora. Ainda é útil para mim, assim como sua corte. Devemos manter alguma aparência de ordem. No entanto, os guardas e serviçais que permaneceram leais a ele, que tentaram lutar, não terminaram muito bem. — Wugang deu de ombros. — Felizmente, as mortes deles foram o suficiente para convencer quem estava mais relutante em ceder.

Meu estômago se revirou, pensei que fosse vomitar. Ele falava de matar com tanta facilidade, assim como havia tirado a vida de Ping'er sem nenhuma hesitação, como se estivesse amassando uma folha de

papel. Apesar de eu honestamente não poder afirmar nenhum respeito ou afeição pelo Imperador Celestial, quem magoava Liwei, me magoava também. E o General Jianyun e a Professora Daoming? Eu garanti a mim mesma que estariam em segurança; eram membros de alta-patente da corte, reféns valiosos. E Minyi estaria segura na cozinha. Eu não me atrevi a perguntar deles, não ousei demonstrar que me importava, pois ele usaria isso contra mim.

Como isso havia acontecido? Minha mente espiralou, os pedaços caindo no lugar: as estranhas palavras da Rainha Suihe mais cedo, os esforços de Wugang para caluniar Liwei, para isolar o Imperador Celestial de seus outros conselheiros, assumindo o controle do Exército Celestial. Eu pensara que ele estava conspirando para se tornar o único confidente do imperador, seu herdeiro escolhido — não para usurpar o trono do Imperador Celestial, cuja posição sempre parecera inatingível. A lealdade cuidadosamente cultivada de Wugang havia nos cegado para suas verdadeiras intenções. Ele havia orquestrado tudo, não em nome do imperador, mas para si mesmo — para tomar minha casa e o loureiro... junto com o poder que poderia conceder.

Wugang nunca havia perdoado o Imperador Celestial e os imortais pela humilhação imposta a ele. Ele havia esperado todo esse tempo para executar sua vingança, assim como havia feito com a esposa e o amante dela. E, apesar de eu entender sua dor, apesar de eu não me importar com a Corte Celestial, Wugang havia arrastado os meus entes mais queridos para a rede viciosa de seus esquemas, destruindo nossas vidas com a mesma insensibilidade com que os imortais haviam arruinado a dele.

— Você não é nada além de uma fraude, um vil traidor e um covarde. — Liwei quase tremia de tanta raiva. — Meu pai confiou em você, ele lhe deu tudo, e é *assim* que você o paga?

— Ele confiou em mim porque fiz o que ele pedia sem reclamar. Seu *servo* leal. Ele me deu tudo o que eu tenho porque havia tirado todo o resto, arrancando-me do Reino Mortal para este lugar execrável. Nunca vou me esquecer de como ele me atormentou quando eu estava à sua mercê, e por muito tempo esperei para que ele pagasse por tudo.

— Ele o honrou mais do que qualquer outro mortal — disse Liwei.

— Ao me transformar em imortal? — Uma risada irrompeu da garganta de Wugang. — Há tanta arrogância entre seu tipo. Nem todo mundo quer viver para sempre. Eu estava contente com a minha vida: minha esposa, família e trabalho, por mais insignificante que pareça para você. Eu tinha tudo, até que foi tomado de mim pela sua laia. Arruinando nossa vida por um capricho, um momento de luxúria. Minha esposa era só uma distração para ele, mas o dano lavrado foi eterno, transformando minha amada esposa em uma traidora detestável, todos os meus sonhos em pesadelos.

A respiração dele ficou curta e irregular.

— Eu perdi o interesse em tudo. Consumido pelo desespero, até pensei em acabar com a minha vida. Mas por que eu deveria sofrer pelos crimes *deles*? Se eu não me importasse mais em viver ou morrer, qual era o problema de desafiar os próprios deuses? Eu poderia me vingar de sua desonra, fazê-los pagar. Isso faria com que minha vida valesse à pena. Foi o melhor momento da minha vida separar a cabeça imortal dele de seu pescoço. Eu, um mortal indigno. — Seus dedos se apertaram ao redor da flauta, como se estivesse revivendo o passado. — Você acha que a imortalidade é um presente? Quando você não se importa com mais nada, ela é uma *maldição*.

Eu me endureci diante da angústia em suas palavras.

— E aqueles que sofreram nas suas mãos? Ping'er nunca o feriu, e ainda assim você a matou. Você não é melhor do que aqueles a quem condena.

Quase tremendo, liberei meu arco, puxando sua corda, uma flecha ardendo em minha mão. Soldados se adiantaram para circundar Wugang, dezenas deles, mais de uma centena. Apesar de sua palidez, seu comportamento estável não transmitia nem medo nem dúvida. Eu apertei os olhos para enxergá-los melhor, tentando visualizar seus rostos por baixo dos capacetes, mas a luz brilhava muito forte contra sua armadura, parecia dançar sobre a pele deles. Se eu soltasse a flecha, se eles nos atacassem, conseguiríamos fugir?

— Eu não faria isso. — Wugang falou em tom professoral, como se estivesse instruindo um pupilo, com um escudo poderoso iluminado ao

longo de seu corpo.

Dois soldados arrastaram uma imortal adiante. Seu adorno de cabeça estava torto, o manto rasgado em um dos lados e sujo com manchas escuras. A Imperatriz Celestial. Um choque tomou conta de mim, e Liwei inspirou com força, de forma irregular. Enquanto ela se debatia, suas unhas douradas cortavam seus captores, mas eles nem se encolhiam, nem gritavam apesar do veneno naquelas garras.

— Mãe! — Liwei se jogou para a frente, mas eu entrei em seu caminho, minha flecha ainda preparada.

— Não — alertei-o. — É uma armadilha.

— Se é um refém que você quer, eu fico no lugar dela — exclamou Liwei.

Engoli meu protesto, mantendo a flecha apontada para os soldados. Seus olhos não a seguiram; não havia a menor apreensão neles.

— Um nobre filho — disse Wugang rindo. — Fico tentado com a sua oferta. Garantiria que *ela* se comportasse também. — O olhar que ele direcionou a mim estava embebido em malevolência.

— Liwei, fique onde está — comandou a imperatriz. — Não estou machucada.

— Por que a minha mãe está aqui? — questionou Liwei.

— Ela foi pega tentando fugir para o Império da Fênix. Nós não podíamos permitir que ela sussurrasse no ouvido da Rainha Fengjin, convocando o apoio de seu exército. — Os olhos de Wugang se iluminaram com bronze frio. — Foi um grande favor que você me fez, quando recusou a princesa deles. Abriu uma fenda que pude explorar, entre os impérios, dentro de sua própria família.

Lutei contra uma faísca de culpa. Liwei não amava a Princesa Fengmei, e nada do que eu pudesse ter feito mudaria isso. Wugang queria nos dividir ainda mais, semear a discórdia, nos deixar vulneráveis à sua manipulação. Era sua maior habilidade. Encarei a Imperatriz Celestial, presa entre os soldados. Apesar de eu não ter desejo algum de resgatá-la, Liwei não iria embora sem ela, e eu não iria embora sem ele.

— Meu mensageiro me informou que eram convidados da Rainha

Suihe. Ela aprenderá a escolher as companhias com mais cuidado. — Uma ameaça no tom de Wugang. Sua mudança de humor repentina nos deixou desconfortáveis. — A rainha terá sorte se não a punirmos por abrigar vocês.

— A Rainha Suihe não sabia de nossa situação. — Eu não sentia muita gratidão por ela, mas era a verdade.

— Sua Majestade não é facilmente enganada. Você ficou mais versada agora, não é mais a menina que gritava alto, fazendo exigências ao imperador diante de sua corte.

— Pois eu me lembro de você ser desonesto, uma cobra venenosa. — Palavras ousadas, apesar do medo que me cortava.

Sua mandíbula apertada rendia certa satisfação, ainda que eu soubesse que pagaria por meus insultos. Ele não se esquecia de nada.

Seu olhar deslizou sobre nós.

— Agradeço-lhes por escaparem. Pouparam-me o esforço entediante de ir buscá-los.

— Como sabia que estaríamos na praia, e não lá embaixo? — perguntou Shuxiao.

— Vocês precisam ter cuidado sobre em quem confiam. — A boca de Wugang se curvou ao falar: — Muito obrigado, Vossa Alteza, por seu conselho. Você se provou muito útil.

Os soldados se afastaram e revelaram o Príncipe Yanxi, segurando com força a mão do Príncipe Yanming. *Traição*, minha mente sussurrou, as paredes do meu estômago doloridas. Mas o Príncipe Yanxi não precisava ter me ajudado antes. E a expressão no rosto do irmão dele, o terror em seus olhos arregalados, eu a havia visto uma vez no Mar do Leste, quando havíamos fugido dos sereianos invasores. Aproximando-se, Wugang arrancou o Príncipe Yanming das mãos de seu irmão, apoiando as palmas em seus pequenos ombros. O rosto do Príncipe Yanxi se contorceu, tomado de medo.

Eram reféns, não aliados.

Com um gesto duro, abaixei meu arco. Não ousava fazer nada que pudesse colocá-los em perigo. A morte de Ping'er havia me ensinado o significado da perda.

Uma nuvem surgiu diante do sol, oferecendo-nos um momento de

folga do seu brilho. Analisei os soldados, as escamas douradas de sua armadura eram tão familiares a mim, com exceção de seus capacetes, que obscureciam seus rostos. Ainda assim... Não eram soldados Celestiais. A pele deles não era só pálida, mas de um branco translúcido, como fragmentos de gelo que derretiam. Suas características eram indistintas, sombras que se alteravam, impressões fracas que tremulavam como os reflexos na água. Veias luminosas surgiam de seus pescoços, através de suas bochechas e têmporas, desaparecendo no capacete. Havia dois buracos abaixo de suas sobrancelhas, dos quais órbitas pálidas reluziam de um brilho intenso. Olhos, pensava eu, mas não tinham nenhum sinal de que podiam enxergar ou pensar, vazios, não piscavam, aterrorizantes. Mais desconcertante era a energia que emanava deles, da qual eu só então tomei ciência, passando despercebida antes em meio à confusão. Apesar de as auras de cada imortal serem tão diferentes quanto as ondas do mar, as dos soldados eram idênticas, como tijolos feitos no mesmo molde.

Meu olhar se deparou com um disco de jade depositado nas escamas de sua armadura, bem onde deveria estar o coração, se é que tal coisa batia em seus peitos. Havia um único caractere cravado nele: 永. Eternidade. Uma das primeiras palavras que minha mãe havia me ensinado a escrever. O maior sonho de um mortal, ainda que um pesadelo para Wugang.

Ele guardou a flauta em sua faixa. Ela havia sido um machado monstruoso da última vez em que a vira, e eu não sentia nenhum conforto por ele não pensar mais que uma arma era necessária. Já não estavam mais lá as luvas que ele usava para cobrir as cicatrizes. Talvez ele não temesse mais o desprezo das pessoas.

Ele gesticulou para os soldados.

— Eles não são lindos? O exército perfeito: Forte. Leal. Obediente.

— *O que* são eles? — A resposta repousava na minha mente.

— Olhe mais de perto. Não reconhece nenhum? — Seu tom era convidativo, com o triunfo mal contido.

Analisei seus rostos — estranhos, todos eles. O que Wugang queria dizer? Só então meu olhar se deparou com um na multidão, um leve

reconhecimento surgiu à consciência: um soldado que havia acompanhado Liwei e eu para a Floresta da Eterna Primavera. Dez haviam ido conosco, nenhum deles retornou. Não... não podia ser ele, apesar daquela leve sensação de familiaridade. Não havia a menor aparência de consciência em seu rosto, que permanecia em algum lugar entre os vivos e os mortos.

— Como você ousa! — A voz de Liwei carregada de repulsa. — Os Celestiais Caídos precisam descansar no Céu da Divina Harmonia, um lugar de paz para que seus espíritos imortais descansem. Só então podem conquistar a verdadeira tranquilidade, para se tornarem um com nosso reino.

— Acredita-se que seja uma maldição perturbar o sono dos mortos, profanar a santidade desse lugar. — Os olhos de Wenzhi se apertaram de desgosto.

— Quem já está amaldiçoado não teme tais coisas — falei devagar. O coração de Wugang era uma pedra. Como ele não se importava com nada, não temia nada, isso o deixava mais perigoso ainda.

A luz que emanava dos olhos dos soldados mexia comigo, o brilho pálido de sua pele se parecia com...

— As sementes do loureiro — falei em voz alta, aterrorizada. — Seu poder era de regeneração e cura, e de alguma forma você o transformou nisso.

— Não é o destino dos imortais viver para sempre em vez de apodrecer em um túmulo? — provocou Wugang. — A ressurreição é o maior poder de cura de todos. Realmente, o presente da eternidade.

Estudei seus rostos complacentes, minhas entranhas se contorcendo como um ninho de cobras.

— Você é um monstro. O que você deu a eles não é uma vida.

Ele torceu a cabeça para um lado.

— Ah, mas não fiz isso sozinho.

— O que você quer dizer? — questionei.

Ele ficou em silêncio, ponderando sua resposta; ele raramente falava sem pensar.

— No Reino Mortal, certa vez vivia um rei — disse, por fim. — Um grande conquistador, um político astuto, um bravo guerreiro, que não

temia nada no mundo, exceto sua morte. Depois de derrotar todos os seus inimigos, ele passou o resto de seus dias procurando pelo Elixir da Imortalidade.

Ele falava com as cadências ritmadas de um contador de história, cativando-me contra a minha vontade.

— Esse rei, tão corajoso, ficava tão aterrorizado com a morte que montou um exército para protegê-lo na morte. Durante décadas, incontáveis trabalhadores labutavam para criar milhares de soldados de barro. Cada um deles foi moldado com argila amarela, recebendo as próprias características distintas, queimados nos fornos e, então, pintados e esmaltados. O exército perfeito, que acordaria para defender seu monarca contra todos os inimigos, mesmo no pós-vida.

— Qual é a utilidade de um exército de barro contra a morte? — Um calafrio percorreu meu corpo ao imaginar todo esse sofrimento para satisfazer a arrogância e o medo fútil de um homem.

Wugang segurou seu queixo com os dedos.

— Ah, você fala como uma imortal elevada que nunca teve que temer tais coisas.

— Eu encarei a morte. — Nossos olhares se encontraram, uma coceira subindo por entre as cicatrizes de meu peito. Afinal de contas, havia sido *ele* que havia incitado o imperador a me atacar.

— Não da mesma forma. Todos os mortais, camponeses, guerreiros ou reis, nascem sabendo uma única verdade inexorável. De que não importa se a vida foi gloriosa ou patética, todos morrerão. Seja por doença, guerra ou acidente, não importa, pois o fim ainda vai ser o mesmo.

Ele continuou daquele jeito condescendente como se fosse uma aula pela qual eu não havia pedido. Eu o deixei falar. Wugang falava tão pouco; essa era uma rara oportunidade de descobrir as fantasias de sua mente e quaisquer fraquezas que pudéssemos explorar.

— Para o seu tipo, a morte não é inevitável. É uma escolha, uma aposta, o caminho que você segue. Agradeço ao rei mortal pela visão dele. Por inspirar... isto. — Seus braços se abriram para envolver os soldados. — Havia rumores mais obscuros também, de que os soldados do próprio imperador foram enterrados vivos nessas conchas

de argila. Quem sabe? A tumba se foi há muito tempo. Não sou um monstro. Eu procurei não os vivos para criar meu exército, mas sim os espíritos dos mortos. Uma luz ávida brilhou em seus olhos. — Uma pena que você não tenha entregado as pérolas dos dragões para o antigo Imperador Celestial. Eles teriam sido um acréscimo notável ao meu exército, depois de terem encontrado seu fim a serviço dele.

Fiquei fria por dentro. Minha mão involuntariamente buscou a minha bolsa, para a escama do Dragão Longo, mas a puxei de volta. Eu não exporia os dragões aos esquemas sinistros de Wugang.

As mãos de Liwei estavam cerradas, a boca apertada em uma linha.

— Você violou todos os princípios da honra. Os mortos precisam ser deixados em paz, uma regra tão antiga quanto o nosso próprio reino.

— Honra? — A palavra foi cuspidada dos lábios de Wugang. — E quanto à minha esposa tirando sarro de nossa união? O imortal covarde levando-a para a cama pelas minhas costas? Quando eu finalmente vinguei *minha honra*, foi justo de seu pai pregar aquela peça em mim, fazendo-me o bobo de sua corte? — Ele ergueu as palmas cheias de cicatrizes. — Já aprendi há muito tempo que não vale a pena ter honra. Nem amor, se quer saber.

Apesar de sua aparente indiferença, sua voz falhou. Será que era luto? Eu não sentiria pena dele. O que quer que lhe houvesse acontecido, as escolhas posteriores haviam sido apenas dele. Ele havia matado Ping'er, destruído a minha casa, escravizado espíritos imortais para criar um exército de mortos. Seu sofrimento não era uma desculpa para todo o mal que havia causado.

— Por que fazer isso? — perguntei com a maior calma que pude. — Você já teve a sua vingança; sua esposa e o amante dela estão mortos. Por que não construir uma nova vida, em vez de destruir tudo?

— Eles não estão mortos — murmurou, como se estivesse falando para si mesmo. — Seus gritos assolam a minha mente. Eles nunca me deixam em paz. Que vergonhoso, eu ter amado alguém tão indigna. Quem poderia pensar que eu fosse um tolo tão inútil que aceitaria as migalhas de afeto enquanto ela jogava o meu orgulho no chão.

Eu conhecia bem as agonias de um coração partido, a amargura que ficava rodeando, pronta para florescer.

— O amor é um privilégio, não uma posse. Não podemos controlar nossos próprios sentimentos, que dirá os de outras pessoas. Às vezes amar significar libertar, por você mesmo, se não pelo outro.

— A resposta de um tolo. — A risada de Wugang era vazia. — Sou o Imperador Celestial agora. *Todos* ajoelharão diante de mim, e ninguém ousará desdenhar de mim de novo.

Estremeci com a ferocidade de sua expressão. Ele estava louco, pensei. Ou, no mínimo, prestes a ficar. Não havia mais nada para o ancorar, para o segurar da ruína. Mesmo quando as linhas de expressão de seu rosto se amainaram, a calma o cobria como o esmalte sobre a porcelana, era uma camada fina de verniz, prestes a rachar sob a mais leve pressão.

O olhar de Wugang se voltou para alguém atrás de mim.

— Houyi, o Assassino dos Sóis. Agrada-me vê-lo.

Meu pai deu uma olhada nos soldados que nos rodeavam.

— Não posso dizer o mesmo para você.

Os lábios de Wugang se repuxaram em algo que lembrava um sorriso.

— Uma chance de alterar o curso do futuro está diante de nós. Não quer se vingar de quem fez planos contra você? Reconheça-me como imperador, jure sua lealdade e a de sua família, e eu lhe concederei domínio sobre os Quatro Mares. — Sua voz ficou mansa, mais íntima. — Nós, do mundo de baixo, devemos nos unir. Em quem mais podemos confiar? Certamente não naqueles que nos trataram como seus joguetes, para entretenimento, abençoando ou amaldiçoando-nos por puro capricho.

Quando meu pai não disse nada, Wugang continuou:

— Não está grato por eu tê-lo reunido com a sua esposa?

Ao meu lado, minha mãe se endureceu.

— Você enviou o bilhete?

Wugang assentiu sombriamente.

— Fiquei muito satisfeito por ter feito parte de seu reencontro.

— Você fez isso para conseguir o que queria, lançar minha mãe em

desagrado para que pudesse roubar a nossa casa. — Eu estava enfurecida, temendo que as palavras de Wugang poderiam ressoar com meu pai, mortal até ontem, décadas de ressentimento em sua vida por ter sido enganado pelo Imperador Celestial. Mas, mesmo que meu pai estivesse disposto a formar uma aliança com Wugang... o lenhador permaneceria sendo meu eterno inimigo.

— Não vou me unir a você. Não aprovo os seus métodos — irrompeu meu pai. — Atacando minha esposa e filha. Assassinando sua amada amiga. Profanando o lugar de descanso dos mortos. Alguns limites nunca devem ser cruzados.

— Você me decepciona. — Havia maldade no tom de Wugang. — Eu acreditava que fosse o grande homem das lendas, ambicioso, implacável, sagaz. Uma verdadeira espada, afiada à perfeição. E agora, aí está você, bruto e entorpecido. Tão digno de pena quanto os mortais entre os quais viveu, com o fardo da falsa moralidade e de uma emoção inútil. Outrora você detinha o poder dos dragões, você poderia ter destruído seus inimigos, desafiado o Imperador Celestial, tomado todo o reino. Mas escolheu uma vida de isolamento, deixando-se ficar vulnerável. Não é de se espantar que a grandeza o tenha abandonado então. Não é de se espantar que ela ainda fuja de você. Seu nome pode até ser conhecido, mas você detém algum poder real? O amor o deixou *fraco*.

A raiva queimava em minhas veias. Eu teria atacado, mas o toque de meu pai no meu ombro me impediu.

— Eu luto minhas próprias batalhas. — Ele encarou Wugang, endireitou as costas. — Cada um de nós escolheu o próprio caminho. Para mim, escolho minha família, em vez dessas tropas sem cérebro com as quais você se rodeia. Nenhum soldado honesto o seguirá, pois você tem o coração de um covarde, lutando no escuro, com medo da dissidência, louco por obediência quando não fez nada para merecê-la. Você criou esse exército porque não consegue conquistar a lealdade dos vivos. Ainda que nunca o trairão, também nunca o respeitarão, honrarão ou amarão.

Os lábios de Wugang se contorceram.

— Você fala como um mortal no fim da vida, um soldado

aposentado que está prestes a soltar a espada. Sua esposa e sua filha são seu fardo. Felizmente, eu não tenho nada que me enfraqueça. Se não vai se unir a mim, deve se render. Se não é meu aliado, é meu inimigo.

Olhei para meu pai, sua decisão inflexível era parecida com a minha. Atrás dele, Liwei e Shuxiao balançaram a cabeça, assim como Wenzhi. Não, nós não nos renderíamos. Porém, ao estudar a horda de soldados diante de nós, o medo tomou conta do meu coração, por mim e por aqueles que eu amava, que estavam todos naquela costa naquele momento. Porque, se não nos rendêssemos, lutaríamos, e eu não sabia se conseguiríamos vencer.

Um leve movimento chamou minha atenção, o Príncipe Yanxi inclinando a cabeça em direção a Wugang. Ele estava desesperado para libertar seu irmão, assim como eu. Enquanto o Príncipe Yanming estivesse nas mãos de Wugang, não poderíamos atacar.

— Pare de mentir para si mesmo, Wugang. — Falei com uma grosseria deliberada, usando o nome que ele desdenhava. Alguma coisa piscou em seus olhos antes de se extinguir abruptamente. Eu pensava que ele odiava seu nome por lembrá-lo de suas raízes mortais, mas talvez o lembrasse do que ele havia perdido: seus pais, sua família, sua esposa assassinada.

— Você diz que tem orgulho de estar livre do amor, mas você *inveja* os que o têm — falei, bem devagar. — Você matou quem mais amava, sua família e seus amigos estão mortos. E, agora, vai ficar sozinho pela eternidade.

Minhas palavras eram impiedosas, eu tinha a intenção de levar Wugang a se precipitar, mas eram vergonhosas mesmo assim. Quando seus dedos se afundaram mais nos ombros do Príncipe Yanming, uma leve arfada escapou do garoto antes que ele pudesse morder o lábio.

A raiva estava à mostra, perigosamente alta.

— Vença-me, se for capaz. Ou prefere se esconder atrás de uma criança, mesmo estando rodeado de suas próprias tropas?

Um rosnado irrompeu da garganta de Wugang. Com um empurrão forte, ele jogou o Príncipe Yanming no chão. Ondas de uma luz azul irromperam das palmas do Príncipe Yanxi, derrubando os soldados

que faziam sua guarda, ao agarrar o irmão e correr em nossa direção.

Ergui o meu arco, mas a flecha do meu pai já estava voando em direção a Wugang. Ele desviou, e a seta de gelo mergulhou no soldado que estava ao seu lado, e se desfez em fragmentos, como se houvesse atingido uma rocha. O soldado não se encolheu, não soltou um urro sequer.

As pupilas de Wenzhi brilharam cinza como a prata. Quando uma onda iluminada de seu poder foi em direção aos soldados, um olhar de repulsa passou por seu rosto.

— Eles não têm uma mente para obscurecer, nem um coração no qual instilar medo. Nada para confundir ou colocar para dormir. E também não consigo me infiltrar nos pensamentos de Wugang. Ele está blindado, veio preparado.

Mais soldados de aproximaram de Wugang, o resto caminhando em nossa direção. Suas *guan dao* se iluminaram, lâminas de prata curvadas com uma ponta dentada, fundida a longos cabos de jade polida. Eles se moviam como o vento, tão rápidos quanto uma tempestade de areia. Um exército da morte.

Meus dedos estavam duros de terror, mas os forcei a se curvarem, soltando uma flecha que se chocou contra o ombro do soldado mais próximo. O Fogo do Céu incendiou seu braço, uma rachadura se formando ao seu redor, e o braço caiu com um tilintar. Não houve derramamento de sangue, por mais que a pele do soldado se iluminasse com uma umidade translúcida. A criatura não parou nem por um segundo, aparentemente indiferente com a falta de um membro, insensível à dor e ao medo.

A Imperatriz Celestial se libertou de seus captores, com chamas carmesim surgindo em suas palmas. Aqueles que haviam sido chamuscados interromperam seus passos largos, e a imperatriz correu em nossa direção. Sendo perseguida por um soldado, eu soltei minha flecha, que atingiu sua coxa. A criatura estremeceu ao cair, contorcendo-se enquanto a rachadura se formava.

Liwei correu ao encontro da mãe, com chamas agitando-se ao longo de sua espada. Quando um soldado saltou diante dele, erguendo sua *guan dao*, minha flecha atingiu o disco encravado em sua

armadura. A jade fraturou quando a espada de Liwei a atravessou, com as chamas percorrendo o corpo da criatura, sua pele pálida derretendo como cera. Uma luz deslumbrante irrompeu do peito do soldado, o brilho luminoso de uma semente de loureiro encaixada onde um coração deveria bater. Wugang a havia plantado lá? Seria essa a fonte do poder das criaturas? O soldado então deu um solavanco para cima, o primeiro sinal de sofrimento que eu via. Os padrões manchados em seu corpo ficaram mais grossos, como o gelo que se endurece em um lago, quando o soldado colapsou em uma pilha trêmula, o brilho no buraco dos olhos minguando. Espirais de um pó dourado deslizavam da caverna de sua garganta, girando no ar, logo perdidas em meio à luz do sol. Como eu desejava que o espírito Celestial que havia sido arrancado de sua paz a encontrasse novamente... e então um alívio percorreu meu corpo.

Aqueles soldados não eram invulneráveis; podiam ser destruídos.

— Quebrem os discos de jade para chegar à semente de loureiro que está lá dentro — instruí aos outros. — Eles são vulneráveis ao calor, ao fogo e ao relâmpago, usem o que puderem.

Joguei o Arco Dragão de Jade para o meu pai, pois a arma dele era inútil ali, já que a natureza do loureiro era gelada. Ele o pegou com destreza, seus dedos se fechando ao redor com uma facilidade praticada. O arco se ajeitou em sua pegada como só havia visto fazer comigo. Quando meu pai puxou o cordão, o Fogo do Céu irrompeu entre seus dedos, já se chocando contra o inimigo. Usei a minha magia para fazer um escudo ao redor de mim e de meus pais, e o resto fez o mesmo. Desembainhando minha espada, corri um dedo ao longo de sua lâmina, meu poder deslizando até que o metal ardesse com fogo escarlate.

Formamos um círculo apertado: Liwei e o Príncipe Yanxi à minha direita, Wenzhi à minha esquerda. Meu pai ficou do outro lado, com Shuxiao e a Imperatriz Celestial ao lado dele. Minha mãe estava protegida no meio, junto do Príncipe Yanming, enquanto os soldados nos circundavam como uma serpente monstruosa, prendendo-nos em suas espirais. O ar estremecia com a força de sua energia batendo contra nossos escudos, que se mantinham firmes, mas a sensação

parecia com chutes no estômago.

Era uma batalha bagunçada, entrecortada, brutal. Fluxos de fogo atirados por Liwei e por mim, raios do meu pai, enquanto Wenzhi e o Príncipe Yanxi defletiam os golpes que choviam em cima de nós. Cada ferimento que infligíamos era duramente conquistado, como madeira arranhando pedra. Ainda assim, os soldados avançavam, sem membros, com a pele fumegante, até que senti uma cólica de terror.

— Cuidado!

Virei-me bem quando a lâmina de Wenzhi atingiu o soldado diante de mim, quebrando o disco em sua armadura. A pontinha raspou a jade enquanto os ossinhos das mãos de Wenzhi estavam brancos de tanta força que fazia para empunhar a espada. Peguei na mão dele, canalizando meu poder para a arma dele, chamas surgindo pelo metal até o peito do soldado. Rachaduras foram formadas no disco de jade, quebrando-o no meio com um clique, enquanto a espada de Wenzhi atravessava, livre, o corpo.

Não cedemos, flechas de raios e ondas de fogo sendo lançadas. Devagar, mais soldados foram derrotados, a luz se esvaziando de seus olhos, seus corpos se estilhaçando como vidro até que a praia estivesse lotada com esses cacos brilhantes, o ar iluminado com poeira dourada.

Mas por quanto tempo aguentaríamos? Nossos movimentos estavam ficando mais lentos, nossos membros entorpecidos. Nossa formação já havia sido desfeita há muito tempo, estávamos espalhados em uma linha fina, entre o mar e os soldados de Wugang. Não havíamos combinado uma estratégia, nem um plano de ataque. Era uma luta caótica, uma bagunça sem nenhuma graciosidade, uma apunhalada rápida aqui, um golpe apressado ali. O General Jianyun teria atirado um livro em nós se houvesse testemunhado tal aleatoriedade. Mas tudo o que podíamos fazer naquele momento era lutar para conseguir respirar mais uma vez.

Minha mãe arfou. Eu me virei e a encontrei sozinha, desprotegida, com dois soldados atacando meu pai. Um brilho chamou minha atenção, uma guan dao descendo em direção a ela com uma perfeição infalível. Eu me atirei para a frente, com um grito se formando em minha garganta, mas então a arma parou. Os olhos do soldado

brilharam mais, erguendo a cabeça como se estivesse escutando algo que só ele conseguisse.

Abruptamente, ele se virou, atacando Wenzhi. A espada de Wenzhi subiu para se defender do golpe, seu rosto cheio de tensão. Conforme mais soldados se aproximaram, nossos escudos oscilavam contra a horda implacável. O medo estava nas alturas, mas eu o forçava a diminuir. Cada soldado abatido era um a menos para lutar.

Wenzhi cambaleou para trás, com a respiração difícil.

— Eles quebraram o escudo — alertou. Enquanto reunia energia para formar um novo escudo, uma guan dao atingiu e perfurou o ombro da Shuxiao. Uma luz branca tomou conta da lâmina conforme eu saltava até ela, agarrando o cabo para tirá-la de lá. Ela deslizou na pele com um som molhado, o metal pingando sangue, uma abertura deixada em seu lugar. Girando, atingi o peito do soldado com a minha espada, sustentando-a lá até que o disco de jade se estilhaçasse, com faíscas de fogo se derramando no ferimento. A criatura tremeu antes de ficar imóvel, caindo no chão.

O corpo de Shuxiao se sacudiu conforme ela puxava o ar. Apertei sua mão, assustando-me com o gelo.

— Você está bem?

Ela assentiu, mas a testa estava enrugada com desconforto. Liwei se agachou ao lado dela, passando a mão por cima do ferimento. O fluxo de sangue estancou, mas ela continuava pálida.

— Cuidado — alertou Liwei. — As armas deles possuem alguma magia estranha que nos enfraquece. Ainda bem você arrancou a lâmina depressa, porque se espalha como um contágio, um ferimento mortal, mas afeta nossos poderes em vez de nossos corpos. Se ela não se curar, vai drenar toda a energia dela, consumindo sua força vital.

— Você consegue curá-la? — Minha voz tremia.

Ele franziu o cenho.

— Não aqui. Está contido por ora, mas não vai aguentar muito tempo.

Os olhos de Shuxiao estavam parecendo vidro, a respiração dificultosa. Segurei sua mão com mais força.

— Não gaste suas forças. Repouse. Não vou deixar nada acontecer

com você.

Apesar das minhas palavras, o desespero tomou conta de mim. Era uma batalha que não venceríamos. Precisávamos fugir, mas como? Os *dragões*, sussurrou minha mente. Eles não conseguiriam lutar contra essas criaturas, mas poderiam nos ajudar a fugir. Apesar de estar relutante de expô-los a Wugang, não deixaria Shuxiao morrer. Vasculhando minha bolsa, meus dedos tocaram o dragão de papel que o Príncipe Yanming havia me dado antes de se aproximarem de uma coisa reta e fria. A escama do Dragão Longo.

Mergulhe-a em um líquido e iremos até você, ele havia me dito.

Meus dedos a envolveram, pressionando contra sua borda fina, que machucava, cortando minha pele. O sangue gotejou, escorregadio e quente, e eu o esfreguei na escama.

Um grito agudo foi ouvido à distância. Príncipe Yanming? Levantei a cabeça e encontrei ele e seu irmão rodeados de soldados. No tumulto, não percebi que haviam se separado de nós. O terror me apunhalou ao ver um soldado se movendo em silêncio atrás do Príncipe Yanxi. Chamas jorraram de minha mão, e a criatura recuou para evadi-las. Com um girar de seu braço, o soldado rodou sua *guan dao* em direção ao Príncipe Yanxi, meu grito de alerta se transformando em um urro, minhas entranhas paralisando como papel queimado quando alguém se jogou na frente da lâmina, com pequenos braços apertados ao redor da cintura do Príncipe Yanxi. Como tinham sido aconchegantes e macios ao redor da minha cintura! As armas se batiam para todos os lados, gritos irrompendo, e ainda assim eu não escutava nada, a não ser aquele rasgar molhado de quando a *guan dao* atravessou o peito do Príncipe Yanming, espalhando seu sangue como chuva na areia.



Uma luz crepitou da lâmina no corpo do Príncipe Yanming, o cheiro de pele chamuscada espalhando no ar. Horas antes, eu havia percebido que ele estava mais alto, e agora... como parecia frágil, com aquela guan dao gigante cruelmente cravada em seu peito. O sangue escorria, sua mão tateou o ferimento e saiu de um vermelho reluzente. Seu pequeno corpo convulsionou, os olhos tão abertos que havia um anel de branco puro ao redor de suas íris.

Um grito gutural surgiu da garganta do Príncipe Yanxi enquanto ele avançava em direção ao soldado, enfiando a espada em suas entranhas em um único golpe feroz. A criatura endureceu, segurando mais forte no cabo da guan dao.

— A lâmina! Tire-a! — corri em direção a eles, nauseada pela visão de luzes ameaçadoras que ainda fluíam do corpo do Príncipe Yanming.

O Príncipe Yanxi empurrou o soldado para longe, agarrou a guan dao e arrancou-a do peito de seu irmão. A arfada do menino, presa entre uma respiração e um grito, apunhalou meu cérebro como se fossem pregos.

À medida que os soldados Celestiais se aproximaram de mim, minha mente se esvaziou de pensamentos, consumida pelo ódio. Meu poder surgiu, uma tempestade irrompendo de meus dedos, atingindo quem estava em meu caminho. Um uso irresponsável da minha energia, um gasto que eu não poderia ter, mas não me importava mais, meu único pensamento era chegar perto do Príncipe Yanming.

Um redemoinho surgiu ameaçador pelo ar, agitando água e vento.

Meu cabelo voou no rosto, gotas geladas espirraram para todos os lados quando os Quatro Dragões surgiram das profundidades do oceano, cobrindo até o céu. Vermelho e amarelo, pérola e preto, ondulando pelo ar com uma graça majestosa, a pressão monstruosa de suas auras se aproximando ao descerem para a praia. Garras douradas arqueadas afundaram na areia branca, que esvoaçou como uma névoa com o impacto.

Gritos irromperam atrás de mim. Um tumulto, o tilintar de espadas, antes que os soldados abruptamente sossegassem como se houvessem se tornado pedra. Virei-me e encontrei Wugang amarrado em bandagens brilhantes de gelo, Wenzhi pressionando a espada atrás de seu pescoço. Sempre ligeiro para aproveitar uma oportunidade, ele deve ter imobilizado Wugang durante o caos. Os soldados, sem piscar, encaravam Wenzhi e seu mestre, a quem obedeciam como marionetes.

Alcansei Príncipe Yanming, caindo de joelhos ao lado dele, agarrando sua mão. Ele estava imóvel e gelado. Um calafrio percorreu todo o meu corpo. O brilho de sua juventude estava desaparecendo rapidamente, como as brasas de uma chama que se apagam.

Meu coração ficou tão apertado que pensei que fosse quebrar.

— Por quê? Como? — Eu não sabia com quem estava falando, nem que resposta buscava... só sabia que aquilo era extremamente injusto, muito errado. Eu daria tudo para consertar as coisas.

— Os soldados nos separaram. — O rosto do Príncipe Yanxi se contorcia enquanto ele falava. — Deveria ter lutado contra eles, deveríamos ter corrido. Era para Yanming ser o único que importava.

Eu não encontrava palavras de consolo, minha própria culpa me consumia. Wugang havia ido atrás de *nós*, o Príncipe Yanming era inocente, simplesmente pego na confusão. Eles só tinham corrido para lá por causa da confusão que havíamos causado no Mar do Sul. Eles tinham até tentado nos ajudar... e parte de mim desejava que não tivessem. Nada valia aquele preço.

Corpos se acumulavam ao redor de nós, mas eu não conseguia mais distinguir aliados de inimigos. Tudo o que eu vi foi um rostinho pálido como a lua, olhos azuis escurecendo para a noite. Uma boca que tremia enquanto tentava falar.

Abaixei mais meu ouvido, sentindo o calor de sua respiração frágil.

— Nós... não traímos vocês. Eles nos encontraram. Não fique com raiva.

As palavras dele me despedaçaram.

— Eu sei. — Tentei sorrir, mas meus lábios tremiam. — Não estou com raiva. Nunca vou ficar com raiva de você.

Meus dedos se entrelaçaram nos dele enquanto eu reunia minha energia, sem ter muita certeza do que pretendia fazer. Um corte, uma queimadura, tais ferimentos eu conseguia curar. Não esse congelamento parecido com a morte que surgia de dentro, consumindo a vida de suas veias.

Alguém tocou meu ombro, o calor me assustando em meio ao frio que me encobria. Liwei se ajoelhou, dobrando a mão do Príncipe Yanming na sua.

Havia esperança. A magia da vida de Liwei era forte, muito mais forte do que a minha.

— Ajude-o — implorei, apesar de ele já ter reunido toda a força que estava em seu poder.

— Tenha cuidado, Liwei. — A voz da Imperatriz Celestial soava como se viesse de longe. — Não se exaure.

Eu a queria silenciar, tanto quanto queria repetir o alerta dela. Eu não queria trocar uma vida pela outra, eu só queria salvar o Príncipe Yanming.

Os dragões caminharam até mim, o sol poente da tarde fazendo parecer que as escamas carmesim do Dragão Longo pegavam fogo, iluminando suas garras douradas. Os olhos âmbar se demoraram nos remanescentes reluzentes dos soldados que se amontoavam ao nosso redor como cacos de mármore talhado.

O que eram essas criaturas? O tom do Dragão Longo era igualmente feroz e gentil, fluindo com a pureza cristalina de uma nascente na montanha.

— Espíritos Celestiais ressuscitados, roubados do Céu da Divina Harmonia — respondi, sem titubear.

Os dragões se retesaram, as jубas ondulando com o vento. *Um ato monstruoso. Como isso é possível?*

— O loureiro na lua — disse Wenzhi.

Ahh. Um suspiro soando com pesar.

Um silêncio caiu por sobre nós. O olhar do Dragão Longo se voltou para o meu pai, iluminando-se ao reconhecê-lo. Os outros dragões ficaram imóveis, com as mandíbulas se curvando. Juntos, abaixaram a cabeça para ele, uma visão que mexeu comigo, mesmo em meio ao desespero. Eles não haviam conhecido meu pai como mortal; só haviam ouvido falar do grande arqueiro Houyi por meio das histórias contadas durante seu aprisionamento.

Meu pai se curvou em cumprimento, retribuindo o respeito aos dragões.

— Sim — disse em voz baixa, respondendo a uma pergunta feita só para ele. — Eu retornei.

A voz do Dragão Negro então soou na minha mente: *Fico feliz por estar errado. Fico feliz por seu pai estar vivo.*

— Seu juramento para mim foi honrado, sua dívida paga em dobro — falou meu pai aos dragões. — Não era para vocês terem ficado vinculados às pérolas. Se meus poderes não houvessem sido enfraquecidos, eu os teria libertado no momento em que se recuperaram. Fico envergonhado por ter sido complacente, mas contente por como as coisas se desenrolaram.

— Uma cena tão carinhosa — desdenhou Wugang. — A reunião de velhos amigos, ou melhor, antigos servos com seu mestre.

Meus olhos se apertaram com ódio, pensamentos de vingança e um alívio momentâneo para o meu luto. Uma estocada da espada de Wenzhi no crânio de Wugang encerraria para sempre sua existência amaldiçoada. Não precisávamos dele vivo, os dragões poderiam nos ajudar a fugir dos soldados dele.

Meu olhar se movimentou para cruzar com o de Wenzhi. A mesma maré escura dominava nossos pensamentos enquanto a pegada dele segurava com força a espada.

Nós havíamos matado criaturas menos monstruosas a serviço do Exército Celestial.

— Liberte-me. — O tom de Wugang pulsou com certa urgência. Talvez ele tenha finalmente percebido que não demonstraríamos

misericórdia. — Se me machucarem, meus soldados os destruirão aqui e agora.

— Eles não são páreo para os dragões — menti, sabendo que os dragões não podiam matar.

Felizmente, eles não me traíram, o Dragão Negro apenas abriu a boca para mostrar duas camadas de presas cruelmente afiadas.

— Meus soldados são mais do que capazes de lutar contra eles — disse Wugang. — Os dragões são criaturas da água. A magia deles não pode ferir meu exército.

— Eles podem rasgar seus soldados em dezenas de pedacinhos — retruquei.

— Mate-me, e meu exército ficará vagando pelo Reino Imortal. — Wugang proferiu essas palavras com solenidade. — Eles não pouparão ninguém: nenhum de vocês aqui, nem o antigo Imperador Celestial, nem nenhuma criatura viva no Palácio de Jade, no Império Celestial e além.

— Como poderão fazer isso se você estiver morto? — questionou meu pai.

Wugang encarou o sol, que embarcava em seu declínio furioso.

— Não sou descuidado a ponto de vir aqui sem a certeza de que retornaria em segurança. Meus soldados ainda não atacaram porque seu único propósito é salvaguardar meu bem-estar. Mas, se vocês me *ferirem*, se continuarem a me ameaçar e me manter prisioneiro, eles atacam vocês como chacais quando veem uma presa fresca. Se eu não retornar ao Palácio de Jade antes do cair da noite, o primeiro a morrer será o antigo imperador. Milhares dos meus soldados marcharão pelo império, e não deixarão ninguém com vida.

— Você mataria todo mundo *depois* da sua morte? — O tom de voz da minha mãe estava carregado de horror, ecoando meu próprio.

— E por que eu me importaria se o Reino Imortal queimar? Não se esqueça, a vida deles não está em minhas mãos, mas nas de vocês.

Eu me senti congelar por dentro, mas contive meu medo.

— Milhares de soldados? Você não tem sementes de loureiro suficientes.

— Ah, tenho sim. — Seus lábios formaram um largo sorriso ao

dobrar a cabeça em direção ao Príncipe Yanming com malícia deliberada. — E, às vezes, apenas uma é o suficiente para causar o maior dano.

Respirei fundo, lutando contra o ímpeto de atingi-lo. Busquei pela memória, a noite em que fugimos de casa, as sementes de loureiro caindo em cascatas no chão...

Ele fala a verdade sobre seu exército, entoou o Dragão Longo. Havíamos sentido uma perturbação no Império Celestial, a presença de uma força imensa, seu poder diferente de tudo o que conhecemos, até que a encontramos aqui hoje.

Senti um aperto no peito com a devastação que Wugang prometia causar, mas como poderíamos libertá-lo? Olhei para Liwei, ainda em silêncio por sobre o Príncipe Yanming, a testa enrugada de concentração enquanto seu poder fluía dele.

— Ameaças vazias — falou Wenzhi friamente para Wugang. — Ainda que tenha os soldados, que provas tem de suas outras alegações malucas?

— É só me testar — desafiou Wugang com uma certeza habilidosa. — Prefere arriscar estar errado? Acha que não sou capaz de uma coisa dessas?

A espada de Wenzhi se iluminou quando a pontinha entrou um pouco na pele de Wugang, sangue manchando o metal. Os soldados se puseram de pé como se fossem um, as cabeças girando em direção a Wenzhi, os olhos brilhando com aquela luz estranha de quando suas guan dao apontaram para nós. A expressão de Wenzhi estava austera quando aliviou a pressão na lâmina. Imediatamente, os soldados abaixaram as armas, apesar de seus olhos vazios permanecerem fixos neles.

— Quer tentar isso de novo, *capitão*? — provocou Wugang.

— O que você quer? — exigiu saber a Imperatriz Celestial.

— Deixe-me partir com meus soldados. Ninguém ficará ferido. — Quando Wugang voltou um olhar sem preocupação para o Príncipe Yanming, minhas mãos se fecharam em punhos. — Mais ninguém, pelo menos. Considere com atenção, pois minha oferta é generosa, e vai expirar ao pôr do sol. — Ele dirigiu-se à Imperatriz Celestial: —

Você não tem muito mais tempo, a menos que deseje que seu marido encontre um fim prematuro e o império caia em ruína. Ou você secretamente deseja a queda dele, por toda a dor que lhe causou?

A imperatriz se levantou.

— Nem todos nós acreditamos que a morte seja uma sentença apropriada para a infidelidade.

Um gorgolejo captou minha atenção. Meus olhos se voltaram para o Príncipe Yanming, meu coração pulsando com pavor.

— Sinto muito, Xingyin — disse Liwei em voz baixa. — A força vital dele se extinguiu. Nada a pode restaurar.

— Ele ainda está vivo. Faça alguma coisa. *Qualquer coisa*. — Eu fui odiosa em meu desespero.

— O que resta de sua energia o sustenta por ora, mas vai sumir em breve. — Ele não falou as palavras: *ele vai morrer*.

Uma ideia insuportável, uma realidade cruel. O Príncipe Yanming sequer havia chegado perto de viver o tempo de vida de um mortal. Uma angústia tomou conta de mim, aquela impotência que me despedaçava, a mesma que havia sentido quando Ping'er morrera.

O Príncipe Yanxi acariciava a bochecha do irmão.

— Agunte, irmãozinho. Vou levar você para casa. Você vai ficar bom logo. — Ele sorriu com doçura, mas escutei a mentira no falhar de sua voz.

Os lábios do Príncipe Yanming se curvaram.

— Para casa. Para a mamãe. — Ele soltou uma respiração estremecida. — Não a deixe ficar tão triste.

Eu me abaixei, sentindo como se houvesse levado um soco no estômago. Ele *sabia* que estava morrendo; não poderíamos oferecer nenhum conforto, nem mentiras vazias, nem promessas. Fechando os olhos, busquei meu poder com toda a minha força. Confiava em Liwei, mas eu tinha que tentar. Vinculei minha consciência ao corpo do Príncipe Yanming, procurando seu sangue, agora desprovido do esplendor de um imortal. Sua força vital, guardada bem no fundo de sua mente, não estava mais deslumbrante, mas lúgubre e fosca. Joguei minha energia nela, esperando que pegasse fogo, como uma faísca na palha. De novo, e de novo, mas nada adiantava, meu poder escorria

dele como ondas batendo em uma rocha. Minha respiração ficou mais pesada, meus nervos estavam tensos de fadiga. O choro baixo da minha mãe chegou aos meus ouvidos. Há quanto tempo ela chorava?

Eu não podia salvá-lo. Ninguém podia.

Caí para trás, querendo me enterrar na areia. Fechar meus olhos e me deixar entorpecer, uma trégua daquela agonia incansável. E eu... desisti. Havia fracassado com Ping'er. Havia fracassado com o Príncipe Yanming. Eu não era uma heroína.

Quando o Príncipe Yanxi abraçou o irmão, murmurando palavras doces que eu não conseguia escutar, meu pai gesticulou para que eu me aproximasse.

— Devemos decidir o que fazer com Wugang.

Arranquei minha mente das garras da tristeza, pois ainda estávamos em meio a um grande perigo. O luto era uma indulgência que não podia me permitir. Meu coração clamava pela morte de Wugang, em retaliação às vidas que ele havia tirado, mas não eu conseguia formar as palavras, a melhor parte de mim buscava cautela para salvar quem conseguíssemos.

— E existe alguma dúvida? Liberte-o! — rosnou a Imperatriz Celestial. — Ele vai matar...

— Vossa Majestade Celestial — Wenzhi interrompeu de onde estava. — Duvido que muitos de nós aqui sofreríamos pela perda do seu marido. Ele não tem feito muitos amigos ultimamente. — Ele cutucou Wugang com sua espada. — Ofereça outra coisa, algo que tenha um valor real. Comece dispensando seu exército.

As mãos de Liwei se cerraram quando ele se ergueu, mas puxei sua manga em alerta. Wenzhi tinha habilidade de perfurar um oponente sem uma arma, arrancando um pouco de verdade com uma lâmina, desenterrando a fraqueza de um inimigo para fazê-los ceder.

Wugang riu.

— Não pense que sou um idiota. O Príncipe Celestial com certeza se importa com o destino de seu pai, e, por causa disso, a filha da Deusa da Lua também. — Ele deu um sorrisinho. — E quanto a você, não fará nada contra os desejos dela.

O sangue deixou meu rosto vermelho com a insinuação, enquanto

a expressão de Wenzhi permaneceu inescrutável.

— Você se esqueceu do que sou capaz; não perco minha cabeça por causa do meu coração. E por que eu ligaria se o imperador morresse? Eu me importo menos com ele do que com o filho dele.

As palavras frias dele me alfinetaram. Mas não era nada que eu já não soubesse, e eu seria uma tonta ingênua de acreditar em outra coisa.

— Eu sei do que você *foi* capaz — respondeu Wugang, misterioso. — Esteja avisado que meu exército não vai seguir as ordens de ninguém, exceto as minhas. Eles não vão parar no Império Celestial, eles tomarão todo o Reino Imortal, mesmo as suas terras, e as dos mortais.

Wenzhi cerrou os dentes.

— Deixe essas ambições vis para lá, devolva os espíritos que roubou, e vamos libertá-lo. Não vamos pedir nada em troca. Você ficará livre para construir uma nova vida, para ganhar uma segunda chance de fazer valer a pena, ainda que você não mereça.

— Eu *não* vou desistir. — Os olhos de Wugang pareciam lascas de gelo enlameado. — Eu preferiria morrer sabendo que minha ambição foi conquistada, minha vingança completa, do que recomeçar sem nada. Que os reinos desapareçam em pó se eu não os puder governar. Você não pode me amedrontar. Já vivi todos os meus piores pesadelos e saí vivo.

Seu olhar se voltou para o céu, que se escurecia.

— O pôr do sol está quase nos atingindo. Você vai me libertar ou vai colocar todo mundo em risco? Pode ser que alguns de você sobrevivam. Certamente, não todos. Isso para não falar dos inocentes duelando nos mundos de cima e de baixo, cujo sangue estará nas mãos de vocês.

Sufoquei o meu protesto instintivo, o ímpeto violento de fazer Wugang sofrer. Nunca antes havia sentido verdadeira satisfação em matar, mas poderia tê-lo assassinado naquele momento, sem hesitar, soltando o Fogo do Céu crepitando em seu rosto, retorcendo-se com aquele tormento até os ossos que eu tão bem conhecia. Mas isso renderia apenas um alívio fútil, um curativo para um ferimento

infeccionado que não tinha cura.

Meus olhos procuraram por Shuxiao onde estava deitada no chão, alerta, ainda que quieta, os olhos contornados com anéis roxos, como se estivessem com hematomas. Não havia uma escolha real ali, os riscos eram muito altos. Estávamos em menor número, enfraquecidos, vulneráveis. Mesmo que escapássemos com o auxílio dos dragões... Eu não suportaria o fardo das vidas perdidas no Império Celestial e além. Até mesmo a do Imperador, mesmo que não fosse por causa de Liwei.

Eu havia perdido. *Não*, me lembrei. Não era o fim. E, se ganhar significasse que incontáveis inocentes pereceriam, isso não era uma vitória.

— Chame os seus soldados e vá embora deste lugar. Vamos deixar vocês irem em segurança, e não os perseguiremos — falei, devagar.

— Por ora — Wugang aceitou. — Um dia de trégua.

— Para sempre — exigi. — Não queremos mais nada com você.

— Nunca vou concordar com isso — disse, resoluta.

— Por que não? — sondei. — O que mais quer de nós?

Ele não disse nada, apenas me olhou com aqueles olhos pálidos. Ele não cederia, nem contaria mais nada para nós.

— Uma semana — ofereci. Outra ideia surgiu, apesar de ser uma pequena recompensa. — Você também deixará o Mar do Leste em paz. Não vai usar este encontro contra eles.

— Muito bem. A ofensa deles foi paga com sangue. Não vou exigir mais nada, a menos que se voltem contra mim. — A cabeça de Wugang se inclinou em direção ao sol. — Estamos de acordo?

— Como saberemos que vai manter sua palavra? — Uma lição que eu havia aprendido com a Imperatriz Celestial.

— Juro pela honra dos meus pais. Aqueles que me deram a vida, a quem eu estimo, ainda que tenham partido há muito tempo. — Ele pressionou um punho contra o peito. — Se quebrar esse juramento, que os espíritos deles nunca encontrem paz, que me assombrem pela eternidade.

Acreditei nele. Eu odiava aquilo, mas a morte de Wugang não traria de volta quem havíamos perdido, e pelo menos conseguiríamos um pouco mais de tempo. Quando a espada de Wenzhi se ergueu do

pescoço dele e suas amarras sumiram, Wugang correu para a segurança de seus soldados. Eles o rodearam, as cabeças prontas para ouvir seu comando, suas mãos empunhadas com firmeza. Por um momento, temi uma traição, mas ainda havia um resto de honra nele, apesar de seu desdém pela virtude. Conforme as nuvens desciam para a praia, ele pulou em uma, com seu exército voando atrás dele.

O Príncipe Yanming tossiu, com um som gorgolejante. Caí de joelhos ao lado dele. As palavras caíam dos meus lábios, o terror dominando-me ao perceber que estávamos ficando sem tempo.

— Sinto muito, prometi que manteria você em segurança.

— Você me manteve. — A língua dele se repousava por sobre os lábios, tão rachados e pálidos. Sua respiração ficou ainda mais difícil, cada movimento era uma apunhalada no meu peito. — Os dragões. Nunca perguntei para você como eles eram.

Ele não conseguia vê-los? Será que a morte havia começado a embaçar sua visão, revestindo-a em noite? Não poderíamos salvá-lo... mas talvez daríamos uma última alegria para ele.

Virei-me para os dragões e me curvei bem baixo.

— Por favor. O menino precisa de vocês.

Os dragões se aproximaram, com os corpos enormes bloqueando a curva vermelha do sol. A areia nos sujou inteiros conforme suas caudas rompiam o ar. O Príncipe Yanming puxou a mão da minha com uma ansiedade repentina, esticando-a em direção a eles. Sua boca se abriu, sem palavras, mas um anseio brilhou em seus olhos quando se demoraram nas criaturas magníficas. O Dragão Pérola com suas escamas luminosas de luar, o Dragão Longo flamejante, o dragão da noite mais escura e aquele que era tão dourado quanto o sol de verão.

— Vocês conseguem salvá-lo? — O desespero fez a voz do Príncipe Yanxi sumir quando se ajoelhou em reverência.

Isso está além do nosso poder. Um sofrimento infinito tamborilava naquelas palavras.

O Dragão Longo encostou gentilmente sua cabeça na testa do Príncipe Yanming, escamas carmesim contra uma pele pálida. Um arrepio percorreu todo o corpo do menino, de felicidade, presumi. Ele soltou a outra mão do aperto do irmão, abraçando o pescoço do

dragão sem demonstrar um pingo de medo.

— Você é real — sussurrou o Príncipe Yanming, pressionando a bochecha contra a mandíbula do dragão enquanto os outros se aproximavam, formando um círculo ao nosso redor. Uma lágrima escorreu do canto dos olhos dele, desaparecendo na areia.

Não tenha medo, criança, disse o Dragão Longo para ele, permitindo, em misericórdia a nós, que escutássemos também. *Vamos cuidar do seu espírito. Você terá um lugar conosco pelo tempo que desejar, ou pode se unir ao mar, se esta for a sua escolha.*

Os dragões se inclinaram acima do garoto, com os olhos âmbar brilhantes, as mandíbulas abertas em um sorriso gentil. O rosto do Príncipe Yanming retribuiu o sorriso, tão caloroso e bonito que uma esperança brotou em mim. Mas então seus olhos se fecharam, os braços caindo inertes ao seu lado. Uma respiração final escorreu por entre seus lábios, sua aura se apagando como a chama de uma vela no fim do pavio. E nada restou além do silêncio e daquela dor que devorava meu coração.



Ele havia partido. Pele gelada, braços e pernas moles. Seu esplendor extinto como uma lanterna apagada. O Príncipe Yanxi se debruçou sobre o corpo do irmão, com os ombros pesados de tristeza.

— Me desculpe. — Essas palavras eram um eco frágil do sofrimento que me dominava. Havia muito mais que eu queria falar, mas não conseguia, cada frase se despedaçava como a areia embaixo dos meus pés. Como eu poderia diminuir sua dor sendo que estava me afogando nela também? Eu amava o Príncipe Yanming pelo curto período em que passamos juntos, mas seu irmão tivera uma vida inteira de amor.

— Precisamos partir. Pode ser que Wugang mude de ideia e retorne. Não podemos confiar completamente em sua honra — alertou-nos Wenzhi.

— Vou levá-lo para casa. — O Príncipe Yanxi passou seus braços por baixo dos ombros e joelhos do irmão, segurando-o com firmeza ao se levantar devagar. Seu olhar estava inexpressivo ao encarar o rosto do Príncipe Yanming, congelado em uma paralisia antinatural, essa máscara da morte que ele usaria para sempre.

Senti em meu peito um ímpeto de segui-lo, para ver o Príncipe Yanming ser disposto para descansar no Mar do Leste. Um capricho egoísta, pois não deveria impor a minha presença a eles, ser mais um problema em um reino de luto.

Respirei fundo, mordendo o meu lábio. Já havia dado adeus; não podia pedir mais nada. Meus dedos se fecharam por instinto ao redor do dragão de papel que o Príncipe Yanming havia feito para mim, com

suas bordas ainda firmes. *Uma recordação*, alegou minha mente. *Algo para me lembrar dele*. Mas eu não precisava de nada para mantê-lo vivo em meu coração. Com dedos trêmulos, coloquei o dragão de papel na mão do Príncipe Yanming. Curvando-me, pressionei meus lábios na testa gelada... e chorei. Lágrimas brotavam de meus olhos, escorrendo pelas bochechas. Minha respiração estava irregular e rouca. Pois nunca mais ele me abraçaria, nunca mais eu escutaria sua risada.

— Obrigado — disse, em voz baixa, o Príncipe Yanxi. — Yanming gostaria disso. Ele falava sobre os dragões o tempo todo. Eram suas histórias preferidas.

O Dragão Pérola planou em sua direção, com as escamas brilhando como neve prateada. *Ele era um espírito raro. Eu o carregaria nessa jornada final. Carregaria os dois.*

O Príncipe Yanxi hesitou antes de se curvar.

— Seria uma honra para nós.

O Dragão Pérola balançou sua juba, uma névoa se formou ao redor dos príncipes do Mar do Leste e os levou às costas dele. Com uma gentileza dolorosa, o Príncipe Yanxi deitou o irmão em seu peito. Parecia que ele estava tão em paz; seus cílios se curvavam como meias-luas nas bochechas redondas. Queria poder enganar a mim mesma, dizer que ele estava dormindo, ainda que nem num sono profundo ele teria ficado tão imóvel. Com um salto gracioso, o Dragão Pérola atingiu os céus em direção ao Mar do Leste. Eu fiquei olhando para eles até depois que haviam sido engolidos pela escuridão. O sol havia se posto? Eu não havia notado, as estrelas brilhavam acima de nós agora.

A Imperatriz Celestial estava encarando os outros dragões, com um bico nos lábios.

— Vamos, Liwei. Precisamos ir para o Império da Fênix. Não podemos confiar nessas criaturas. Eles sentem rancor do seu pai.

— Eles *não são* como você — exaltei-me. — Apesar de terem todo o direito de ficarem ressentidos pelo aprisionamento, não são rancorosos nem vingativos. Não farão mal nem a você nem à sua família.

Os olhos dela se iluminaram de ódio, mesmo tendo se virado como

se eu não houvesse falado nada.

— Dragões Veneráveis — disse meu pai. — Precisamos parar as ambições hediondas de Wugang. Vocês podem nos dizer o que sabem sobre essas criaturas e o poder do loureiro da lua?

Os olhos do Dragão Longo ardiam enquanto ele caminhava por sobre os corpos quebrados que se espalhavam pela praia, como uma monstruosidade reluzente que a maré havia trazido.

Nunca imaginamos que o loureiro da lua pudesse ser usado para tais fins. Seu poder é o de regeneração e renovação. É uma vilania usá-lo para escravizar espíritos imortais, roubando a vida em si. Wugang deve ser impedido.

Eu me arrastava para fora de meu desespero.

— O calor enfraquece esses soldados, mas não é fácil derrotá-los. Se o exército de Wugang é tão grande quanto ele alega, imagine a destruição que causaria em nossos reinos.

— O exército dele é limitado à quantidade de sementes de loureiro em sua posse — apontou Wenzhi. — Quantas pode haver?

Uma imagem da árvore brilhante surgiu em minha mente.

— A mesma quantidade de estrelas no céu.

Lembre-se, também, de que as sementes arrancadas vão nascer de novo, alertou o Dragão Longo. Não haverá fim para esse horror.

— Wugang não conseguirá aumentar seu exército com tanta rapidez. — Tentei me consolar também. — Ele precisou atingir a árvore com toda a sua força antes de ela soltar uma única semente. Foi uma coincidência que ele tenha conseguido colher tantas da última vez...

Coincidência? O Dragão Longo tombou sua cabeça, pensativo.

Minhas entranhas se contorceram como uma folha seca. Eu não queria me lembrar de nada sobre a noite em que Ping'er havia morrido, estava relutante para lidar com isso, o horror, o arrependimento e o pesar. Mas, agora, forcei-me a lembrar: o sangue de minha mãe espalhado no loureiro, com suas sementes chovendo para o chão... a luz nos olhos de Wugang ao ordenar que seus soldados as recolhessem. E aquelas palavras esquisitas de antes? De quando ele alegara que não era o único criador dos soldados? Apertei

minhas têmporas com as pontas dos dedos, e surgiram mais lembranças de quando Wugang estava cortando o loureiro, as cicatrizes em suas mãos reabrindo a cada golpe. Minha mãe chorando na floresta. As duas imagens convergindo em sangue e lágrimas sobre a árvore iluminada, infiltrando em suas raízes, seu tronco... suas sementes.

Entrei em pânico.

— Mãe, aquele soldado não atacou você.

— Tive sorte — disse ela, devagar. — Ele parou, parecia que me reconheceu.

— Mãe, Wugang estava falando de *ocê*.

Os olhos dela se arregalaram de medo.

— O que você quer dizer com isso?

Falei mais brando, segurando sua mão:

— O General Jianyun disse que as sementes do loureiro não existiam antes. Dizem que as lágrimas de alguns imortais contêm parte de seu poder. Todas aquelas noites em que você chorou na floresta... foi a partir de *suas* lágrimas que as sementes cresceram.

Ela balançou a cabeça com violência.

— Não. É impossível.

Eu não queria estar certa, mas não podia ignorar os fatos.

— O loureiro é uma parte de vocês dois. O sangue de Wugang pode ferir a árvore, o seu pode coletar as sementes.

Minha voz tremeu com as palavras e sua implicação arrasadora: Wugang não tinha vindo atrás de nós por vingança, ou por orgulho, mas porque minha mãe, a Deusa da Lua, era o centro de suas maquinacões, e nada o impediria de persegui-la.

— Não tenho magia. Como poderia algo assim sair de mim?

Ela estava tão pálida, como se estivesse passando mal.

— Todos os imortais têm uma magia que se manifesta de maneiras diferentes — explicou Liwei. — Isso não significa que seu poder é mal, nada começa inerentemente mal. Pode ser que nem saiba que ele existe em você. De alguma forma, o poder que você inadvertidamente transmitia ao loureiro foi provocado, provavelmente pelos esforços de Wugang.

Wugang não quis nos alertar sobre sua ambição real. Foi por isso que ele havia roubado nossa casa, nos caçado, e tentado assegurar a lealdade de meu pai. Ele nunca nos deixaria em paz... e era por isso que eu precisava dar um fim nele.

Meu pai passou um braço ao redor dos ombros da minha mãe.

— Se Wugang capturá-la, ele conseguirá coletar quantas sementes quiser. Seu exército será irrefreável, ele reinará supremo na terra e nos céus pela eternidade. — Ele se voltou aos dragões: — Vocês permanecerão conosco, meus amigos?

O Dragão Longo não respondeu de imediato. Estava ele conversando com seus irmãos? Sua voz ressoou em minha mente, assustando-me, e a todos nós, pelo que percebi dos rostos petrificados.

Nós os auxiliaremos no que pudermos, mas há um limite para o que podemos fazer. Esse poder é muito maior do que o nosso. A Deusa da Lua deve ser protegida a qualquer custo. O dragão ficou em silêncio e depositou seus olhos âmbar em mim.

O mal deve ser arrancado pela raiz. Cortar seus galhos não será suficiente.

Ele falou só comigo? Com que clareza o Dragão Longo havia visto em meu coração fraco meus planos egoístas de ficar longe de problemas, de fugir com a minha família, esperando nunca ser encontrada. O que eu devia ao Reino Imortal? Poderíamos fazer do mundo de baixo o nosso novo lar. No entanto, se Wugang triunfasse, nenhum lugar seria seguro para nós. Ele era mais perigoso do que qualquer outra coisa porque não acreditava em nada, fosse tradição, história ou honra. Ele não tinha nem o carinho pelas pessoas que a Rainha Suihe possuía. Qualquer compaixão ou amor que outrora existira nele, há muito havia se extinguido, pois seu coração estava consumido pelo ódio. A morte e a miséria o alimentavam, parecia que tinha desejo disso. Ele não se importaria se destruísse os reinos consigo. Não haveria paz enquanto alguém como ele reinasse.

Por que ele queria poder? Eu não sabia. Talvez porque ele não tivesse mais nada.

Um peso recaiu sobre mim, uma gravidade profunda. Eu não poderia mais permanecer na sombra, esperando que a maldade e o

infortúnio nos deixassem em paz. Já havia feito isso antes e agora... Ping'er e o Príncipe Yanming estavam mortos. A vida deles não seria em vão. Se não fosse controlado, esse mal engoliria o reino, devorando tudo o que estivesse em seu caminho até que nada sobrasse, além dos choros dos atormentados e do silêncio dos mortos.

Isso não era honroso, eu não queria esse fardo. Mas, se eu não fizesse nada, perderia tudo, todos a quem amava. Quando percebi o brilho resolutivo no olhar de meu pai, fiquei contente por não estar sozinha. Juntos, manteríamos minha mãe em segurança.

— Devemos destruir o loureiro. — Falei com clareza, sem dar sinais do medo que sentia, da tristeza que vibrava como uma corda dedilhada. O loureiro era parte da minha infância, eu o amava tremendamente. Apesar de não ser o culpado, havia sido alimentado com uma vida de sofrimento, por meio do ódio de Wugang e da tristeza de minha mãe.

— É possível? — questionou Shuxiao. Ela estava lenta, sem cor, era urgente que a deixássemos em segurança.

Os olhos do Dragão Longo se viraram para cima, como se estivesse refletindo internamente. *A natureza do loureiro é fria, assim como a de quem tira sua força da lua. Para destruir tal coisa, é necessária a chama mais potente do reino.*

— Onde podemos encontrar isso? — perguntou Wenzhi.

— E o Império da Fênix? — arrisquei. — Quem é forte em Fogo vem de lá.

O Dragão Longo não disse nada, inclinando sua imensa cabeça em direção à imperatriz.

— Mãe, você poderia nos ajudar? — perguntou Liwei.

Eu achava mais provável que ela me esfaqueasse com as garras, mas era claro que ela entenderia que a ameaça de Wugang deveria tomar a primazia de tudo. Quando ela ficou em silêncio, deixei um desdém escapar em minha voz:

— Talvez você não saiba. Talvez apenas a grande Rainha Fengjin tenha a resposta.

— Sei muito mais do que uma garota ignorante como você — atacou-me ela. — Você está errada. O que procuram não está no

Império da Fênix. A Pena da Chama Sagrada cresce na coroa do pássaro solar.

Pássaro solar. No silêncio que se seguiu à palavra, o rosto do meu pai se contorceu em dor. Eu não achava que ele se arrependia de ter salvado o Reino Mortal, mas isso não significava que ele comemorasse sua vitória.

— O pássaro solar reside no Bosque da Amoreira Perfumada. O domínio da Madame Xihe. — O olhar de Wenzhi era sagaz e avaliador. — Duvido que Vossa Majestade Celestial sofrerá caso a deusa nos ataque.

Ela teria motivos para atacar. A Madame Xihe era a Deusa do Sol. Mãe dos pássaros solares, nove dos quais meu pai havia assassinado.

Os lábios da imperatriz se curvaram.

— Não ouse me olhar assim. Não sou mentirosa, não sou que nem você, seu espião traiçoeiro. — Ela se voltou ao meu pai. — Assassino do sangue de meu sangue, você com certeza se lembra do dia em que os exterminou. Você sentiu a potência de seu calor. Você viu as penas sobre as quais falo. — Ela riu, um som agudo. — Graças a você, há apenas um no mundo, sendo que deveria haver dez. É uma penitência apropriada que você implore pela misericórdia de Xihe, que testemunhe o sofrimento que causou à família dela.

Recuei um passo sem querer.

— A Madame Xihe jamais nos auxiliará, nem se o Reino Imortal queimar.

— Ainda assim, temos que tentar — respondeu meu pai.

— Como podemos encontrar o bosque? — perguntou Liwei à sua mãe. — Ouvi dizer que não é fácil entrar lá.

— Siga o rastro do pôr do sol, o caminho que a carruagem do sol percorre quando retorna para casa. É preciso ser rápido e não ficar para trás de sua sombra. Caso contrário, o caminho se fechará para você, e deve esperar outro dia. — A imperatriz falou devagar, como se estivesse recuperando memórias do passado.

Ela já havia sido próxima da Madame Xihe, tão íntima quanto uma irmã, até que os pássaros solares foram mortos sob sua proteção.

E a chave, Vossa Majestade Celestial? Pressionou o Dragão Longo.

— Chave? — repetiu Liwei.

Três foram forjadas, para as companhias mais íntimas. Uma permaneceu com a Madame Xihe, uma foi dada à Rainha Fengjin. E uma para Vossa Majestade Celestial. Adentrar o Bosque da Amoreira Perfumada sem uma chave ou convite é perecer.

— Eu ia contar. — A imperatriz ficou com o rosto vermelho, mas eu já havia lidado com fingimentos muito melhores. Talvez seu ódio por mim fosse muito grande, tal que ela fosse incapaz de mascarar, incapaz de discernir entre me querer morta e nos auxiliar para seu próprio proveito.

— Por que não nos ajuda? — perguntei-lhe sem rancor. — Você me despreza, pensa que é melhor do que eu. Mas Wugang tomou a minha casa, e agora tomou a sua. Ele ameaça tudo o que amamos, todo o reino. Nada, exceto impedi-lo, deveria ser importante.

— Não preciso da sua ajuda para isso — retrucou.

Liwei entrou no meio de nós.

— Precisamos de toda ajuda possível.

O Dragão Longo me encarou, e proferiu palavras somente para mim. *Os nove pássaros solares assassinados eram arrogantes, egoístas e caprichosos. No entanto, não mereceram seu destino. Apesar de seu pai ter salvado os mortais de uma calamidade certa, você não deve se esquecer de que os pássaros solares também foram vítimas infelizes dessa farsa, eles estavam em uma ponta e seu pai na outra. Um enganado com uma moeda falsa, o outro forçado a pagar um preço inimaginável.*

Antes, eu não sofria pelos pássaros solares, culpando-os por atormentar o mundo. Ser lembrada de que eram jovens e tolos, e de que tinham uma família ainda de luto por eles... machucava, pois eu havia experimentado o amargor da perda. Ainda assim, era incomparável com o sofrimento de uma mãe.

O luto da Madame Xihe é imenso, a raiva insaciável, continuou o dragão. Ela aumenta todas as manhãs, quando o sol ilumina os céus, irritando-a enquanto ela carrega o único filho na carruagem, lembrando-se daqueles que perdeu. A dor pulsa no estalar de seu chicote, quando atinge sua montaria. Ela não era cruel antes, mas agora seu coração se endureceu com a miséria. O ódio mais perigoso é aquele que não é saciado.

Por que está me contando isso? Perguntei no silêncio da minha mente, sem querer chamar a atenção dos demais.

Apenas você pode apaziguar a dor da Madame Xihe. Apenas você pode fazer as pazes. O bosque é a casa do sol, mas, ainda assim, por todas essas décadas, a escuridão é tudo o que eles conhecem.

Como posso fazer isso? Indaguei, quase suplicando. *O que satisfaria a Madame Xihe que não seja a minha morte ou a de meu pai?*

A morte não precisa ser paga com a morte, mas a cadeia da vingança deve ser rompida, e o ódio extinto, caso contrário incendiarão em uma chama descontrolada. Catastrófico, em tempos como este, quando nosso mundo está prestes a ser destruído.

O dragão esticou o pescoço para o céu. Quem poderia imaginar que o destino do reino estaria agora nas mãos de uma única pena? Apazigue o tormento da Deusa do Sol. Não permita que o lenhador a traga para o lado dele, ou certamente haverá devastação.

A voz do meu pai soou:

— Qual é o problema, Xingyin?

— Pai, você não pode ir — respondi rapidamente, evadindo sua pergunta. — A Madame Xihe não teria misericórdia. Você não estaria seguro lá.

— Ela não terá misericórdia por você também — lembrou-me ele.

— Ela não me conhece, mas reconheceria você e minha mãe logo de cara. Sua presença só a enfurecerá ainda mais. Você não tem seus poderes, não poderá se defender contra ela. Vocês precisam ir a algum lugar seguro, junto com Shuxiao.

Venham conosco, ofereceu o Dragão Longo. Trataremos dos seus ferimentos.

— Você consegue curá-la? — perguntei ao Dragão Longo.

Sim, mas vai demorar um tempo para retirar a mácula de seu sangue.

Abaixei minha cabeça.

— Fico grata.

Agachei-me ao lado de Shuxiao, colocando a minha mão por cima da dela.

— Vejo você em breve, minha amiga.

Ela deu um sorriso fraco.

— Pode contar com isso.

O Dragão Longo apontou sua cabeça para o meu pai. *Vai retornar para a sua casa?*

Meu pai assentiu ao entregar o Arco Dragão de Jade para mim e, depois de uma breve hesitação, eu o aceitei. Senti um alívio por saber que eles estariam seguros com os dragões, longe do perigo.

O Dragão Longo se endireitou, com o rabo rasgando o ar. Uma névoa luminosa se ergueu, rodeando meus pais e Shuxiao, e os ergueu para as costas dele. Quando ele levantou voo, minha mãe e Shuxiao sentaram-se enrijecidas com as mãos apertadas, enquanto meu pai não demonstrou a menor hesitação. Ele já deve ter montado os dragões inúmeras vezes.

Nuvens foram invocadas para nos levar para longe. Quando comecei a caminhar para a nuvem de Liwei, Wenzhi segurou meu braço com leveza. Antes de eu me soltar, ele deu uma olhada significativa para a Imperatriz Celestial.

— Prefere voar com ela?

Minha intuição se aflorou ao pensar nisso. Dirigi-me para a nuvem de Wenzhi, e a expressão de Liwei me apunhalou. No momento em que ficamos fora de vista, soltei-me dos braços de Wenzhi, apesar de que seu toque, o toque de qualquer pessoa, era um conforto em meio àquele mar de sofrimento.

O vento soprava sem parar contra nós, e fiquei feliz por seu rugido silenciar meus pensamentos. Wenzhi estava em silêncio em princípio, talvez sentindo que eu não estava no clima de conversa.

— Não se culpe, Xingyin — disse, por fim. — A morte do Príncipe Yanming foi um acidente, um grande infortúnio. Ninguém poderia ter previsto. Talvez fosse o destino dele, como diriam os mortais.

— Não — falei com rispidez, um fogo crepitando em mim. — Eu não acredito em destino, ou em deixar as coisas caminharem. Se esse fosse o caso, ainda estaria servindo a uma senhora indigna no Império Celestial, minha mãe seria prisioneira na lua, meu pai teria morrido no Reino Mortal e... Ping'er e o Príncipe Yanming estariam vivos. — O aperto no meu peito ficou mais forte. — Se não tivéssemos fugido, se eu tivesse matado Wugang antes. Se eu não tivesse ido para o Mar

do Sul...

— Pare com isso. Wenzhi agarrou meus ombros, dando-me um chacoalhão. — Você estava errada por querer proteger sua família, por querer de volta o que era seu? Deveríamos ter nos rendido na praia e deixado Wugang nos levar prisioneiros? Ele teria nos matado a todos. Se não na hora, algum dia.

— Não ao Príncipe Yanming. — Minha voz era vazia. — Ele estaria em segurança.

— Você teria trocado ele pela sua mãe? Seu pai? Shuxiao? Seu... amado?

Perguntas duras, impossíveis de responder, mas que me arrancaram do fundo do poço, oferecendo um momento de alívio àquela angústia sem fim.

O tom dele ficou mais gentil:

— Não assuma os fardos que não são seus. As ações de Wugang não foram suas; ele teria ido atrás do loureiro e de sua mãe independentemente do que você fizesse. O Príncipe Yanming morreu protegendo o irmão. Caso ele não tivesse feito isso, o Príncipe Yanxi estaria morto. Ambas são consequências terríveis. Nunca se esqueça: foi escolha dele, assim como foi decisão de Ping'er salvar a sua mãe. Não diminua os sacrifícios deles, eles devem ser honrados. Não permita que morram em vão. Não deixe que isso acabe com você.

— Eu cometi tantos erros. — Minha voz estava embargada com emoções suprimidas.

— Xingyin, ninguém é infalível. Use o passado para guiar o presente, mas não fique aprisionada nele. Cresça com seus erros, mas não permita que se tornem uma fraqueza. — Ele encostou a cabeça na minha, a voz cheia de intensidade. — Há bondade no que você fez. Você salvou o Exército Celestial. Você libertou os dragões, embora, devo admitir, eu tenha ficado furioso na época. — Seus lábios se repuxaram de leve antes de sorrir de verdade. — Você reuniu seus pais. Lutou pelo que achava ser o certo, quando muitas outras pessoas teriam desistido.

Mordi a parte de dentro da minha bochecha, sua gentileza inesperada havia rompido a última das minhas barreiras.

— Chore — disse Wenzhi baixinho. — Liberte a sua dor.

Eu estava despedaçada por dentro, como na noite em que caíra no Império Celestial, sozinha e com medo, quando meu coração estava partido pelo noivado de Liwei e, sim, até pela traição de Wenzhi. De certa forma, sua lógica implacável e sua empatia se originavam da enxurrada de desespero em que eu me afogava. Então as lágrimas surgiram, escorrendo em uma correnteza silenciosa, por aqueles que eu havia perdido, e que estariam para sempre fora do meu alcance. Soluços saíam de minha garganta, sem ritmo. E eu me permiti essa fraqueza, porque não conseguia mais contê-la.

Porque não conseguia mais dissipar o pavor de que, não importava o que eu fizesse, morte e sofrimento me perseguiriam, assim como a noite segue o crepúsculo.



Parte
III

O sol havia decaído para um âmbar carmesim. Esperamos em nossas nuvens, escondidos, com nossas auras mascaradas. Não era tarefa fácil ganhar passagem para o Bosque da Amoreira Perfumada. Havíamos sido muito lentos antes, o caminho escurecendo-se diante de nós, uma barreira impenetrável formando-se, uma que não podíamos romper. Como o tempo combinado com Wugang havia passado, estávamos em constante estado de alerta com o medo de sermos descobertos. Uma tarefa difícil quando minha mente ficava voltando para a visão do Príncipe Yanming nos braços de seu irmão. E, quando eu fechava os olhos para bloquear essas imagens arrasadoras, seu suspiro fraco ecoava em meus ouvidos.

— Xingyin. Esteja pronta — alertou Liwei.

Quando uma onda de poder revolveu o ar, uma carruagem reluzente de jade branca passou por nós. Disparamos atrás dela, nossas nuvens marcando os céus conforme perseguíamos aquele traço borbulhante de calor, mantendo-nos fora de seu campo de visão, mas cuidando para não ficarmos para trás. A fênix disparava com uma velocidade de tirar o ar, cada pena uma espiral de chamas, faíscas se espalhando em seu rastro como um manto de estrelas. Uma imortal imponente a cavalgava, seu cabelo preto enrolado em um adorno de cabeça dourado e topázio, com mantos vermelhos esvoaçando ao vento. Um arreio iluminado estava preso ao redor do pescoço da fênix, com a rédea enrolada em volta da sua mão. Ao lançar a outra mão para a frente, cordas ardentes em chama se desenrolaram, chicoteando a fênix, que deu um grito cortante ao aumentar a velocidade,

arrastando a carruagem atrás de si.

Essa aceleração nos havia pego de surpresa antes, mas estávamos prontos desta vez, nossas nuvens conseguiram manter o ritmo. Já havia uma cortina de crepúsculo descendendo, o brilho intenso da carruagem minguando. Pela primeira vez, consegui olhar bem a criatura amarrada: um ser de luz incandescente.

O pássaro solar, o último de seu tipo. Uma tristeza me assolou ao imaginar a existência dele, tão solitária quanto a minha infância, mas com o acréscimo da dor da consciência do que havia perdido. Será que ele revivia o horror de ver seus irmãos sendo atacados, suas asas ficando inertes ao caírem do céu, sua luz esmaecendo para a escuridão? Eu havia sentido a agonia de perder uma pessoa que amava, mas não conseguia imaginar a perda de nove de uma vez só. Meu pai havia salvado o mundo, mas também havia tirado esses filhos amados de sua família. Um ato de nobreza não diminuía a dor infligida, pois o amor não podia ser mensurado e ponderado.

Todo herói é um vilão para o outro lado... e, para eles, meu pai deveria ser o maior monstro de todos.

Logo à frente, havia uma imensa parede luminosa de mármore amarelo que rodeava o Bosque da Amoreira Perfumada. Pontas douradas decoravam o topo como dentes de um pente, uma magia poderosa se enrolava entre os pontos em regatos reluzentes, infiltrando-se na rocha. A carruagem passou pela entrada arqueada, e as portas se fecharam logo atrás. Seu painel circular estava dividido em dois, entalhado com asas de fênix de cada lado, as pontas das penas douradas se tecendo juntas em um abraço sem remendos. Corpos gêmeos arqueavam pelas bordas, os pescoços surgindo no meio de onde se curvavam para direções opostas.

Ao pousarmos, minha pele pinicava com mau agouro. Era uma estupidez adentrar a moradia da inimiga do meu pai sem ser convidada. Sem ser bem-vinda.

A Imperatriz Celestial continuou em sua nuvem.

— Liwei, deixe-os. Venha comigo para o Império da Fênix. Precisamos convencer a Rainha Fengjin sobre a ameaça que Wugang impõe ao reino. Apenas com os exércitos do Império da Fênix

podemos recuperar o que é nosso — falou ela com clareza, com a intenção de ser ouvida. — A Rainha Fengjin ainda está disposta a renovar o noivado. Nossa aliança é mais crucial do que nunca. Um casamento os vincularia a nós e teríamos um lugar lá, mesmo se perdermos o Império Celestial.

Parei de olhar, tentando acalmar o pulso errático do meu coração. A imperatriz foi astuta, atacando quando Liwei não sabia da barganha a qual ela havia me forçado. Ele acreditava que eu não queria me casar com ele, que eu havia aberto mão dele por vontade própria... que meu coração pertencia a outro, alguém a quem ele odiava mais do que todos. A oferta da imperatriz seria inegavelmente tentadora: por que Liwei não se casaria com a princesa? Por que ele não faria o que era melhor para ele, sua família e o império, como já havia feito antes? Eu não podia ser egoísta, não tinha direito a isso. O que seria mais uma perda naquele dia?

— Não, mãe. Não vou me vender por uma coroa. — Liwei falou com tanta certeza que o aperto do meu peito se amainou.

— Não seja tolo! — reclamou a imperatriz. — Você pode ter tudo de volta: sua posição, seu poder. Agora que você sabe como é não ter nada.

Ele se afastou dela, endurecendo a feição.

— Não me peça isso nunca mais.

— Filho ingrato! E a sua família? Você precisa fazer isso por mim e por seu pai.

O desespero dela mexeu comigo. Como Liwei se sentiria ao ouvir isso, sendo que ela sempre fora tão ativa e inflexível?

— Mãe, eu vou honrar e proteger vocês. Vou lutar para recuperar nossa posição. Vou pedir o auxílio da Rainha Fengjin como nossa aliada, mas nada além disso — disse ele. — Eu *não* vou me casar com quem não amo.

Ela então o amaldiçoou, cuspiendo palavras odiosas. Liwei se virou contra ela, com os olhos opacos, e um buraco se abriu em meu peito com essa visão. A imperatriz ergueu a mão para ele, então a deixou cair. O rosto dela não se contorceu com raiva ou astúcia, apenas com um medo selvagem de que poderia ser afastada do que lhe era mais

precioso.

Mas ela nunca foi de se autorrecreminar. Quando se voltou para mim, eu titubeei com o ódio ardente em seu olhar.

— Isso é tudo culpa sua. *Você* abriu o caminho para o levante de Wugang.

— Não é culpa de Xingyin — cuspiu Liwei.

É *sim*, sussurrou minha mente. Apesar de Wenzhi ter falado a verdade, que eu não guiava as escolhas das pessoas, ninguém havia me forçado a nada também. Eu queria libertar minha mãe, salvar meu pai, ajudar os dragões. As ações de Wugang eram responsabilidade dele, mas, mesmo assim, as minhas possibilitaram sua ascensão.

— Meu querido filho. — O tom da imperatriz era de aço. — Você descartou o noivado que asseguraria sua posição. Como herdeiro do Império Celestial e genro da Rainha Fengjin, você seria inatingível. Seus sentimentos por essa garota insignificante te rebaixaram à altura dela. Filha do infame Houyi e daquela mortal gananciosa Chang’e, ela não é digna de você.

O ódio tomou conta de mim quando caminhei para a nuvem da imperatriz. Eu já não seria mais desprezada por ela. Não tinha medo dela, pois o que mais ela poderia fazer que já não houvesse tentado?

— Sei do meu próprio valor e do da minha família. Meu pai salvou o Reino Mortal. Minha mãe me salvou. E, apesar de não ter a linhagem dourada que você tanto admira, eu *sou* digna... — Parei antes de falar o nome de Liwei, minha promessa a ela tinha arrancado esse direito de mim. — É *você* que não é digna de falar os nomes dos meus pais.

Um calor soprou pelo ar. Por instinto, pulei para o lado, bem quando línguas de fogo vermelhas saltaram das palmas da imperatriz. Magia surgiu em minhas próprias mãos, por sobre as chamas dela, vitrificando-as como gelo. A boca dela ficou mais apertada, os olhos cerrados ao me atacar com ainda mais força. Cerrei os dentes, era difícil me manter estável com seu ataque, mas eu me controlei, minha energia escorrendo em ondas para engolfar suas chamas, estrangulando-as em espirais de fumaça.

Minha mão caiu, os últimos reflexos de magia desbotando para

escuridão. A imperatriz e eu nos encaramos, a expressão dela era cheia de fúria. Uma parte de mim sempre soubera que esse dia chegaria, que ela tentaria me matar, ou eu a ela. Eu poderia ter me protegido em vez de extinguir seu ataque, mas eu *queria* desafiá-la, provar que eu era mais do que ela acreditava que eu fosse. Que o meu poder rivalizava com o dela de uma forma que importava mais do que qualquer título e coroa sem significado, ambas coisas das quais ela tinha muito orgulho, e que ela havia perdido.

Wenzhi soltou o punho da espada como se tivesse se preparando para atacar, e Liwei rodeava a imperatriz.

— Mãe, como você pôde? — O tom dele pulsava com ódio.

A imperatriz ergueu um dedo trêmulo para mim.

— Você me enganou. Você tramou tudo isso.

Encarei-a sem expressão, até que o que ela quis dizer fez sentido e um peso caiu do meu peito. Ela me atacou, embora eu não houvesse lhe dado motivo. Ela havia quebrado os termos do nosso pacto na casa de chá... o que significava que meu voto não significava mais nada. Com um único gesto, eu poderia acabar com o mal-entendido entre Liwei e eu, libertando-nos da maldade da mãe dele. Nós poderíamos ficar juntos de novo. As palavras ficaram na ponta da minha língua: minha promessa à mãe dele, minha frieza ao afastá-lo, a mentira de Wenzhi.

Porém, enquanto eu encarava o rosto pálido da imperatriz, retesado com angústia, percebi que não era tão cruel a ponto de saborear um momento que trazia tanta dor a outra pessoa, mesmo alguém a quem eu odiasse tanto quanto ela. Eu não queria ampliar a fenda entre Liwei e a mãe dele. Não era hora de nos dividir, ainda mais quando a ameaça de Wugang pairava sobre todos.

Mas, na verdade, não era a única razão. Eu não fui nobre a ponto de guardar o meu silêncio apenas para a imperatriz. Havia outro motivo escondido no fundo do meu coração, um que eu tinha medo de analisar muito de perto, com vergonha do que descobriria... que as mentiras que contei para Liwei a fim de libertá-lo, eu não tinha mais tanta certeza de que eram mentiras. Por mais que tentasse, não podia me esquecer de como eu havia chorado nos braços de Wenzhi, como

ele havia me confortado em momentos de grande necessidade, como as palavras dele haviam aliviado a angústia que quase me quebrou. Não significava nada, apenas uma fraqueza momentânea, assegurei-me, mas ainda assim morde minha língua. As acusações maléficas da imperatriz estavam cheias de verdade. Eu *era* indigna de Liwei, não por causa da minha linhagem, mas porque ele merecia mais do que meu coração dividido. E eu não o ofereceria novamente, até que fosse por inteiro, até que eu tivesse certeza, e até que estivéssemos seguros.

Olhei com dureza para a imperatriz.

— Eu não tramei nada, foi sempre você. Mas não importa o ódio e os erros entre nós, você é a mãe de Liwei. Isso tem algum significado para mim, mesmo que não signifique nada para você.

O rosto da imperatriz recuperou certa cor, e o olhar de Liwei se voltou a mim.

— O que você quer dizer, Xingyin?

— Só que deveríamos parar de brigar entre nós mesmos, pois isso só ajuda nosso inimigo.

Desviei o olhar, para que ele não percebesse a mentira.

Wenzhi encarou a imperatriz.

— Apesar de isso ter sido sem dúvida nenhuma fascinante, ainda precisamos da chave para entrar no bosque. Você a dará para nós? — Sua voz era carregada, como se esperasse uma objeção ou um truque.

A imperatriz se virou para Liwei.

— Vou te dar a chave, meu filho. Tudo o que quero é um pequeno favor em troca.

— Você negociaria comigo? — perguntou, incrédulo.

— Só porque você não pensa direito. — O tom dela era quase de bajulação. — Venha comigo para o Império da Fênix para se encontrar com a Rainha Fengjin. *Você* não pode adentrar o Bosque da Amoreira Perfumada.

— Eu preciso, mãe. Não posso permitir...

— Você *não* vai — repetiu a imperatriz com veemência. — Prefiro destruir a chave a deixá-lo à mercê de Xihe. Ela me odeia. A vingança corre por seu sangue. Ela jogará toda sua raiva em cima de você, para que pague pelo que ela acredita serem ofensas minhas. Na cabeça

dela, fracassei na proteção de seus filhos. Ela me culpa pela morte deles.

— Não tenho medo dela. Se não nos der a chave, vamos encontrar um jeito de entrar.

— Vocês não sobreviveriam a três passos no bosque sem ela — avisou a imperatriz. — Somente quem possui a chave pode entrar. Apenas um de vocês.

— Precisamos da chave — disse Wenzhi para Liwei, com os braços cruzados. — Você vai fazer o que ela pede, ou teremos que *tomá-la* de sua mãe?

Quando Liwei não respondeu, a imperatriz acrescentou, astuta:

— Você prometeu me proteger. Os soldados de Wugang me capturaram na fronteira do Império da Fênix da última vez. Eles ficarão de olho lá, e é mais seguro se você me acompanhar.

Liwei assentiu, com a mandíbula cerrada.

— Vou retornar depois de falarmos com a Rainha Fengjin, não me demorarei mais do que isso. Ele estendeu a mão para a mãe. — Onde está a chave?

Ela olhou para Wenzhi e para mim:

— Qual de vocês vai entrar?

— E por que isso importa? — contra-ataquei.

Um suspiro de impaciência saiu de sua boca.

— Devo entregar a chave a quem vai entrar. A mais ninguém.

— Eu vou — respondeu Wenzhi de uma vez.

— Não. Deve ser eu.

— Por quê? — ele me desfiou com calma, encarando-me. — Seria um risco desnecessário. A Madame Xihe não me quer mal, não terá motivo para me machucar. Tenho melhores chances de persuadi-la.

— É verdade, Xingyin. — Liwei foi ácido: — As habilidades dele são perfeitas para enganar.

Os olhos de Wenzhi se apertaram.

— Pelo menos são *úteis*.

A oferta dele me tentou. Mais do que a lógica por trás de sua sugestão, eu não queria ver a deusa e seu filho único, testemunhar a miséria que as ações do meu pai causaram. Mas não podia ser covarde

agora.

Quando dei um passo à frente, Wenzhi se colocou ágil diante de mim, estendendo a mão para a imperatriz. Ela segurou o pulso dele, pressionando a palma de um no outro. Quando um flash de luz escarlate surgiu entre eles, ele teve um sobressalto.

— O que foi isso? — A voz dele estava cheia de desconfiança.

— A chave está em minhas mãos. Foi por isso que Xihe não conseguiu recuperá-la. — Havia um traço de tristeza no tom da imperatriz, seus ombros ficaram caídos antes que ela se endireitasse. — Não posso dá-la a você. A chave não pode ser entregue a ninguém que pretenda ferir a deusa.

— Não quero ferir a Madame Xihe. Eu só quero a pena — falou Wenzhi.

A imperatriz riu ao lançar um olhar esperto para mim.

— Você sempre pensou só em si mesmo e foi impiedoso em seus propósitos, Capitão. De qualquer maneira, não pode entrar no bosque. — Ao se dirigir a mim, o sorriso da imperatriz se alargou. — Filha do Assassino do Sol, você adentrará o lar de sua maior inimiga?

Em resposta, levantei a mão. Rapidamente, a imperatriz uniu nossas mãos, o calor passando da pele dela para a minha, um brilho branco suave nos impregnando, diferente da luz dura que havia atingido Wenzhi antes. Quando ela abaixou a mão, olhei para a minha, sem discernir uma diferença.

— Está feito — falou, sem rodeios.

Fui em direção à porta de entrada e pressionei minhas palmas contra as penas entalhadas para as separar. Elas formigaram, recebendo um calor repentino, uma luz âmbar ondulando por entre as asas douradas das fênicas. Devagar, como se acordando de um sonho, as cabeças das fênicas estremeceram, bicos gêmeos se separando e olhos se abrindo. Havia rubis reluzindo em suas pupilas, pequenas chamas dançando nas profundidades de suas asas erguidas, abrindo caminho para o domínio da Deusa do Sol.

Liwei segurou minha manga.

— Não conte para a Madame Xihe quem você é. Se houver algum sinal de perigo, venha embora imediatamente. Encontraremos outro

jeito. — E acrescentou, em voz baixa: — Não posso perder você.

— Você também precisa ter cuidado.

Eu queria ter dito mais, ter feito a promessa que ele queria ouvir.

— Venha, Liwei. — Apressou-o a imperatriz. — Precisamos partir.

Ele caminhou tenso para a nuvem da imperatriz, subindo nela.

Enquanto desaparecia na noite, ele se virou mais uma vez para olhar para mim.

— Ele tem razão — disse Wenzhi, depois que eles desapareceram de vista. — Sob nenhuma circunstância revele sua identidade à Madame Xihe. Espere até que ela durma, então pegue a pena e fuja.

Seria o jeito mais seguro. Se eu roubasse a Pena da Chama Sagrada do pássaro solar adormecido, poderia escapar incólume, tanto no corpo quanto na mente. Seria uma gentileza para todos nós... mas pura covardia. Tal ato só aumentaria a fúria da Madame Xihe, agravaria nossa inimizade, e acabaríamos pior do que estávamos.

E se a deusa não sobrevivesse?, uma voz insidiosa sussurrou dentro de mim. Não era uma causa justa, salvar os mundos de cima e de baixo? Não era a escolha que meu pai havia enfrentado? Mas uma dor aguda apunhalou meu peito com a lembrança do luto da deusa, da visão de seu único pássaro solar na carruagem onde antes já existiram dez. Eu não poderia mais falhar com eles. Não poderia fazer essa covardia; eu seria tão desprezível quanto Wugang se o fizesse.

Não acreditava que Wugang houvesse nascido maléfico. Talvez a semente do mal estivesse em todos nós. Mas, apesar de Wugang ter sido traído, o mais cruel foi ele ter escolhido esse caminho. Muita coisa na vida era deixada ao acaso. Alguns tinham que se curvar e desdobrar para seguir em frente, forçados a dobrar com o vento para permanecer de pé, sofrendo tempestades que deixariam outros ilesos. Mas não podíamos culpar o destino pelas escolhas que fazíamos. As recompensas eram nossas para aproveitar, assim como as consequências para carregar. E eram momentos como este que formavam quem somos... o que nos tornaríamos.

— Não posso. Não depois de tudo o que tomamos dela e de sua família. Eu vou pedir.

Wenzhi paralisou.

— Xingyin, considere com cuidado. A Madame Xihe não é um imortal benevolente que fará carinho na sua cabeça e a elogiará por sua honestidade ao enviá-la de volta para a sua missão, com a pena em mãos. Ela cultivou a dor por muitos anos, desde antes de você nascer. Se souber quem você é, ela vai te *matar*. — A voz dele ficou rouca de emoção. — E, se ela o fizer, saiba que *eu* vou matar ela.

Eu me tremi inteira com a veemência de seu tom. Era por isso que a chave não pôde ser dada a ele?

— Não vou contar quem eu sou. Vou convencê-la de nossa necessidade.

— Você mentiria para ela, mas não roubaria? — Seus olhos arderam. — Xingyin, o que é a honra na sua vida?

— O que é a vida sem honra? Sem ela, não somos melhores do que Wugang.

— Não somos melhores do que eu era — disse, amargo.

— Não foi o que eu quis dizer. — Eu já havia pensado isso dele. E, agora, não tinha mais certeza. — A Madame Xihe entenderá, Wugang é uma ameaça para todos nós. Se ela tentar me atacar, vou me defender.

Wenzhi suspirou quando tocou a minha mão. Antes que pudesse me afastar, seu poder me envelopou como uma névoa densa, formigando e gelada, um escudo poderoso brilhando em minha pele.

— Isso vai ajudar você a se proteger. Se ela atacar, corra. Vou esperar aqui. Ela não pode lutar contra nós dois juntos.

Assenti, escondendo meu medo. Se a Madame Xihe descobrisse quem eu era, ela nunca entregaria a pena, ela procuraria vingança, e eu não ousava imaginar o que ela tiraria de mim em troca.



Globos brilhantes de luz flutuavam no ar como se centenas de pequenas luas houvessem descido do céu, lançando seu brilho por todo lado. Amoreiras se erguiam da grama, douradas como a colheita do verão no Reino Mortal. Frutas exuberantes se apinhavam nos galhos como cristais entrelaçados entre as folhas. Um dulçor permeava o ar, de amoras maduras, seu sumo escorrendo de peles frágeis. As árvores eram lindas, mas havia algo misterioso em sua forma retorcida, uma infelicidade na torcedura dos galhos, uma pungência nas raízes salientes. Elevando-se sobre elas havia uma construção de cornalina, flanqueada por pilares de ágata e um telhado de ouro. Painéis de seda se agitavam das paredes, delicados e leves aos dançarem na brisa.

Não havia guardas, ninguém para anunciar minha presença ao me aproximar da entrada. Fiquei contente por isso; haveria menos pessoas para combater caso fosse necessário, se precisasse fugir. Escutei um barulhinho, um sino dos ventos pendurado no teto. Quando a brisa passou, tubos de cobre e discos de jade se colidiram com uma melodia tranquilizadora. Meu coração batia em um ritmo frenético quando levantei a mão para bater na porta. Um poder ancestral pulsava de dentro dela, o mesmo tecido nos muros que circundavam o bosque. Havia uma luz no pé da entrada, rastejando por mim conforme a porta se abria para revelar Madame Xihe, a Deusa do Sol.

Apesar de termos uma altura similar, a Madame Xihe parecia gigante à minha frente, mesmo sem o adorno de cabeça de pedras brilhantes. Seu cabelo preto estava enrolado em cima da cabeça,

mantendo-se no lugar por um círculo de alfinetes de rubi, as pontas afiadas como punhais. Seus olhos negros eram circudados com ouro como um falcão e suas bochechas coradas com o esplendor do alvorecer. Linhas delicadas marcavam sua pele em intrincadas formas de penas pelas curvas arredondadas do rosto que se ostentavam do queixo pontudo. Garras arqueadas saíam da ponta de seus dedos, de um vermelho acetinado como se estivessem mergulhadas em sangue. A luz da câmara aos fundos lançava sombras sobre ela, dando-lhe um ar ameaçador. Ou era o jeito que seus lábios se repuxavam em um traço fino, o poder que emanava dela como o calor de uma chama? Ela era tão diferente de minha mãe quanto tinta e água, o sol e a lua, e impressionante à sua própria maneira.

— Quem é você? — Ela nem inclinou a cabeça, nem me convidou a entrar; prudente, pois poderia haver uma complicação desnecessária. Afinal de contas, matar um convidado violaria as regras da hospitalidade.

As mentiras que eu havia praticado ficaram presas na minha garganta. Com o silêncio, os olhos da deusa se estreitaram em pequenas fendas.

— Diga-me quem é — repetiu, desta vez em um tom de comando.

Havia cautela em meu coração, a honra brigando com a autopreservação. O rosto do Príncipe Yanming surgiu na minha mente, e meu peito se apertou com agonia. Tais mentiras podem já ter saído da minha boca sem hesitação, mas ficaram presas na minha garganta então, e eu sabia que soariam falsas. Alguma coisa havia mudado em mim para sempre desde que a morte tocara a minha vida. Eu sentia por tudo o que a deusa havia perdido, pelo que ela havia sofrido. Eu havia ficado mais fraca? Talvez, mas preferia acreditar que era um tipo diferente de força. Ah, eu não pretendia me sacrificar por sua vingança, mas era uma chance de fazer o que os dragões desejavam de mim, dizer o que deveria ter sido dito há muito tempo, tentar amenizar a angústia da deusa.

Unindo as minhas mãos, estiquei-as e me curvei baixo. Não estava implorando por misericórdia, nem iludida para pensar que era pagamento adequado.

— Madame Xihe, sou Xingyin, a filha de Chang'e e Houyi.

— *Eu sei.* — As palavras soavam com uma certeza indiscutível, fervendo com fúria. — Quem lhe deu a chave não estava fazendo nenhum favor. Ela revela sua identidade, pois não tolero mentiras no meu bosque.

Por dentro, amaldiçoei a Imperatriz Celestial e a mim mesma por não suspeitar da cilada. Ela havia me entregado com muita vontade; de propósito, sem dúvidas. Estaria ela feliz com a minha morte, ou ela planejava que eu fosse sua oferta de paz com a Deusa do Sol?

A luz nos globos vacilava, o ar circulando em rajadas que se rasgavam nas amoreiras. Acima, o sino dos ventos retinia em barulhos retumbantes, balançando com tanta força que pensei que quebraria. Senti pavor, o mesmo frio gélido de quando eu havia entrado na caverna de Xiangliu, de quando o veneno do Governador Renyu havia congelado meus membros, de quando acordei no Reino dos Demônios e descobri que meu amado havia se tornado meu pior inimigo.

Eu ergui meus escudos por instinto, bem quando a Madame Xihe chicoteou a mão para frente, lançando ondas de chamas carmesim em minha direção. Elas me engoliram por inteiro, queimando através da barreira, o calor escaldante mais potente do que o ataque da Imperatriz Celestial.

O dourado nas pupilas da deusa havia se espalhado por seus olhos inteiros, com luz irradiando de sua pele.

— Como você *ousa* vir até aqui? Deseja vangloriar-se da minha miséria, induzir minha ira? — Cada palavra retinia com o compasso de um tambor.

— Não, Madame Xihe. Em nome da minha família, peço pelo seu perdão...

— Perdão? — Ela cuspiu a palavra como se fosse uma coisa maligna. — Nunca.

— Não digo que entendo sua perda, mas fico enlutada por ela de qualquer forma. — Falei através de dentes cerrados, batalhando com a força de seu poder. Não pretendia extinguir seu fogo, não a queria desafiar. Eu era inimiga dela, mas ela não era a minha.

Ela ficou imóvel.

— Por que não está lutando? Quer me enganar para ser misericordiosa com você? Isso jamais acontecerá.

— Peço pelo seu perdão — repeti, canalizando mais da minha energia em meu escudo enquanto suas chamas passavam rugindo, sem parar. — Estou aqui para implorar por seu auxílio.

Houve uma risada, cheia de amargor.

— Que conveniente que sua consciência a afete agora. Vir até aqui somente quando precisa de alguma coisa.

Paralisei com seu escárnio, embora tenha sido merecido.

— Apenas recentemente fiquei sabendo sobre as circunstâncias por trás dessa tragédia. Apesar de a ameaça ao nosso reino ter me trazido até aqui, sou sincera, não tentei mentir para você mesmo quando poderia.

— Se tivesse mentido, já estaria morta — atacou-me. — Como pode imaginar que eu *em alguma hipótese* auxiliaria a descendente do Assassino do Sol, aquele que matou meus filhos?

Embora a vergonha me assolasse, forcei-me a dizer:

— Não é só para mim. O Reino Imortal está em um grave perigo, pois o trono Celestial foi usurpado. Um mal ameaça os mundos de cima e de baixo, e a única maneira de o derrotarmos é com a Pena da Chama Sagrada.

— Eu não me importo. — Apesar do calor de seu fogo, sua voz era como gelo. — O Império Celestial falhou comigo, principalmente a imperatriz. Não importa quem se senta no trono Celestial, o sol vai nascer e se pôr como fazia quando eu tinha dez filhos, como faz agora, que tenho uma só. — Sua aura ondulava como ondas em meio à tempestade, sua fome por violência estava estampada no rosto, brilhando como uma espada na forja. — Você é uma tola arrogante por ter vindo até aqui. Hoje, vou vingar meus filhos mortos. Hoje, seu pai e sua mãe chorarão sobre seu corpo. Hoje, sentirão o gosto da perda inimaginável e viverão o pior pesadelo de qualquer pai.

O terror me apunhalou, mas me forcei a olhá-la nos olhos.

— Não, Madame Xihe. Você não conquistou a minha morte. Seria falta de honra me atacar quando eu a procurei em boa-fé.

— Uma simples formalidade, facilmente retificada. Corra. Vou

caçá-la, e então minha vingança estará completa. Um cabo prateado surgiu na mão dela, da qual espirais de chama saíram; a mesma arma que havia arrancado gritos de agonia da fênix.

Minha garganta se fechou, minha boca ficou seca.

— O Reino Mortal estava em perigo. Meu pai...

— *Assassinou meus filhos!* — gritou ela com fúria. — Os motivos não importam aqui. — A luz tremeluzia em seus olhos como metal fundido. — Só me restou uma filha. Agora vou tirar uma vida, a sua, pelas nove que foram mortas. Uma troca lamentável, mas será o suficiente. Quando ergueu a mão, as cordas da chama se contorceram como cobras.

O suor escorreu da minha pele, frio e úmido. Seu poder era imenso; eu não podia lutar contra ela sozinha. Talvez eu chegasse ao final do bosque, onde Wenzhi me esperava, então a desafiáramos juntos... mas assim não conseguiríamos a pena. Batalhei para preservar um véu de calma, pois revelar meu medo poderia alimentar a raiva dela, inflamar sua sede de sangue, e nos colocar em um caminho do qual não haveria retorno.

— Matar-me amenizará sua dor? Trará seus filhos de volta? — falei depressa para esconder o tremor em minha voz. — Não fiz nada de errado para você. Se me machucar, vou reagir, e eu não sou fraca. Ainda que tire a minha vida, isso não acaba aqui. Minha família e meus amigos buscarão a vingança. Você ainda tem uma filha, vai arriscar a vida dela também? E se ela crescer sem mãe, depois de perder os irmãos?

Seu olhar se voltou para uma escadaria atrás dela, talvez onde a filha dormisse. Um golpe baixo, atacar o terror de uma mãe. Como eu detestava essas ameaças vis! Mas esperava que dariam uma pausa para ela, aplacariam sua vingança, a afastariam da tentação de me matar. Muito sangue já havia sido derramado.

— Não vim para odiar ou machucar você — falei em voz baixa. — Um inimigo em comum ameaça a todos nós, e a pena é nossa única esperança. Você a dará para nós?

— *Nunca* darei nada a você. Não me importo com o que acontecerá com o mundo. — Mas havia uma incerteza em seu tom de voz.

— Se os reinos mortal e imortal foram destruídos, quem se importará se o sol nasce ou se põe? Você *liga sim* para a adoração dos mortais, para o fato de você ser necessária, de que amam você e a sua filha. Você celebra isso, é o único momento do dia em que pode se perder na sua tarefa e não ficar presa na tristeza.

Era uma suposição, mas eu sabia que era verdade. Desde que me lembro, havia visto minha mãe acender as lanternas todas as noites, um alívio do tormento em sua mente. E, quando ela ficava na varanda, encarando o mundo de baixo, escutando as músicas e vendo as oferendas dispostas em sua honra... ela encontrava consolo na adoração dos mortais. Trazia um novo significado para sua vida. Saber que era querida, necessária e amada era algo muito mais precioso depois do que ela havia perdido.

Quando a Madame Xihe ficou em silêncio, continuei:

— Me matar renderá apenas uma satisfação fugaz, pois a vingança não cura. Meu pai fez o que tinha que fazer. Seus filhos estavam destruindo o mundo; você os poderia ter impedido se desejasse, porque se importa com os mortais, porque eles dão significado a esses anos infinitos.

O dourado sumiu de seus olhos, mas a aura dela ainda estava ameaçadora. Quando ergueu o braço para trás e chicoteou o ar, choveram faíscas. Eu me preparei para o pior, mas então uma gargalhada quebrou a quietude, e uma criatura em chamas se ergueu no horizonte e se aproximou de nós, magnífica e aterrorizante. A fênix que havia carregado a carruagem do sol pousou ao lado da deusa. Sua crista tinha o marrom-dourado de um faisão; seu corpo, a forma roliça de um pato-mandarim com pernas longas e graciosas. Exceto pelas asas com as pontas pintadas, sua plumagem era uma imensidão de cores impressionantes, com um rabo parecido com o de um pavão varrendo a grama em penas carmesim e amarelo, azul e verde, cada uma delas como se estivesse pegando fogo. Olhos escuros passaram por nós, as pupilas salpicadas com luz, as garras curvadas do comprimento da minha palma. Quando o bico se abriu, as pontas reluziram mais afiadas do que lanças.

A fênix dobrou o pescoço em subserviência à deusa, mas uma

selvageria não domada brilhava em seus olhos. Uma energia forte, mas frenética, pulsava deles como uma centena de libélulas batendo as asas. Ela abriu seu rabo, as penas tremeluzindo como um arco-íris, embora o açoite fosse como flechas silvando pelo ar.

A deusa apontou para mim com seu chicote.

— Se estiver sendo sincera em seu desejo de buscar perdão, você deve enfrentar minha campeã, a fênix de fogo. Apesar de seu calor não ser tão potente quanto o da minha amada pássaro solar, ela é uma lutadora muito mais habilidosa. Derrote-a, e ganhará o direito à vida, junto com a pena que deseja. — Ela ergueu a cabeça como se me desafiasse a objetar. — Sangue deve ser pago com sangue. Talvez então os espíritos incansáveis de meus filhos serão apaziguados; seus gritos eternos, silenciados.

Assenti, meu medo misturado com alívio. A Madame Xihe nunca se daria por satisfeita apenas com palavras; *eu* não as aceitaria como compensação por Ping'er e Príncipe Yanming. Dor e sofrimento eram as moedas com as quais tais débitos precisavam ser pagos. Mas eu esperava que aquele fosse o fim... ou, pelo menos, um novo começo.

Os olhos dela se apertaram pensativos ao encararem meu arco.

— Algumas regras. Você não pode usar armas, nem sua magia.

Balancei a cabeça em negação.

— É necessário permitir uma arma.

— Acha que não sei o que você carrega? — Ao falar, uma força invisível arrancou o arco das minhas costas, arremessando-o no chão. Outro, feito de bambu, surgiu diante de mim, junto de uma aljava de flechas de madeira.

Eu não me espantava por ela ser tão próxima da Imperatriz Celestial. A natureza de ambas era dura e inflexível, e as duas faziam acordos injustos.

— É essa a justiça da grande Deusa do Sol? — desafiei-a. — Uma arma mortal não tem utilidade contra a fênix.

A Madame Xihe ficou tensa ao erguer a mão. Uma luz preencheu todo o arco e as flechas, as pontas brilhando mais forte. Eu preferiria o Arco Dragão de Jade, mas era essa a reparação que a deusa exigia, e uma parte de mim sabia que ela poderia ter pedido mais.

— Tenho que ter permissão para usar o meu escudo. — Não pedi, falei como um fato.

— Muito bem — concordou ela, friamente, já erguendo o chicote mais uma vez.

Agachei para pegar o arco. Era leve, uma arma inadequada.

— O que acontece se eu perder?

— Você morre. — Um sorriso descontente apareceu em seus lábios. — Há um motivo para *eu* não estar lutando com você, para eu precisar do seu consentimento. Nenhum tribunal no Reino Imortal me achará culpada, e seus entes queridos não terão motivo para buscar vingança por sua morte.

A segurança com que ela falava me doeu.

— Se eu vencer, isso acaba aqui. Você não procurará mais vingança contra minha família.

Ela sorriu, irônica.

— *Se* você vencer.

Conjurei minha magia, tecendo-a por cima do escudo de Wenzhi, grata por ele ter previsto isso e por não poder interferir. Ele não assistiria a essa batalha sem fazer nada, um pensamento que tanto apaziguava quanto aumentava a tensão em mim.

A deusa estalou o chicote no ar, e chamas faiscaram. A fênix se ergueu em obediência, esticando as asas ao mergulhar em minha direção. Línguas escarlates de fogo irromperam de seu bico, queimando através de meu escudo. Dei um passo para trás, evadindo do ataque dela, e meus dedos instintivamente puxaram a corda do arco, que era dura e nada familiar. Uma flecha assobiou em direção à fênix, que gritou ao voar para o lado. Com velocidade, soltei outra, que se chocou contra sua lateral, mas a criatura a quebrou como se fosse um espinho. E a seguir me atacou mais uma vez, bicando com selvageria minha barreira. Seu poder batia contra o meu, agredindo meu escudo, sua garra o perfurando e arranhando meu braço. Quando um corte profundo rasgou minha pele, arfei. Quando joguei a criatura para longe, suas penas afiadas como agulhas cortaram minha palma.

A fênix voou para cima de mim de novo, e a ponta de seu bico se afundou no meu ombro, enterrando a seda na minha pele. Uma agonia

furirosa tomou conta de mim quando tropecei para trás, atirando uma flecha em sua asa. A criatura mal percebeu ao me atacar mais uma vez, suas garras curvadas como uma foice. Uma língua fina e comprida surgiu de seu bico, manchada com o mesmo tom escuro que as amoras, a doçura de sua respiração misturada à fumaça queimada. Quando ela farfalhou as penas, chamas raiaram em minha direção, meu corpo ainda dolorido da violência de seu ataque...

Eu corri, meus pés batiam com força na grama. Minha arma não tinha utilidade, eu precisava de tempo para traçar um plano. Galhos retorcidos apareciam diante de mim, e eu esquivava, abrindo caminho entre as árvores. Quando meu sapato se prendeu em uma raiz sobressalente, tropecei até recuperar o equilíbrio. O calor da fênix, que sobrevoava, impregnava o ar. Ela estava me fazendo de brinquedo? Eu era um alvo fácil, atravessando a floresta, meus passos fazendo barulho contra o solo. Entrando mais ainda em um amontoado de árvores, estiquei o braço para bater nos galhos, perturbando intencionalmente as folhas. Enquanto a fênix dava a volta, para se aproximar, eu engatinhava furtivamente para o outro lado. Fora da visão da criatura, subi em uma amoreira, ralando minhas palmas contra o tronco áspero. Meu coração acelerava conforme eu me agachava para me abrigar nos galhos retorcidos.

Acima, a fênix guinchava enquanto circundava o bosque, procurando por mim. Minha manga estava rasgada onde a fênix havia passado as garras. As cordas ao redor do meu punho haviam se desfeito e estavam soltas. Arranquei-as e coloquei-as no cinto. Escalando um galho grosso, fiquei agarrada no tronco para permanecer fora de vista. Outro grito irrompeu pelo ar: a fênix, impaciente, querendo sangue. Eu queria tanto invocar uma ventania para varrer a criatura para longe! Mas estava impedida pelos termos da Madame Xihe, por mais onerosos que fossem.

Respirei fundo, sentindo o dulçor no ar. Algo surgiu em minha mente, a doçura exalada pela respiração da fênix, as manchas em sua língua... as amoras, será que ela gostava do sabor? Pendurando meu arco nas costas, abaixei-me para colher um punhado delas da árvore, todas maduras e grudentas, e as empilhei no galho separando por

cores, pilhas rubi, cor de groselha e pretas. Ao esmagá-las pelo galho, esfregando o suco grosso e melado na árvore, a fragrância ficou mais forte, de um doce enjoativo e inebriante. O grito da fênix ficou mais alto, o vento cortando o ar quando suas asas bateram mais perto. Ela havia sentido o cheiro? Voltei a me esconder por entre os galhos, uma flecha pronta para ser atirada, meu corpo duro de pavor, meus dedos como gelo.

A fênix se aproximou da minha árvore, com os olhos fixos nas frutinhas e o bico bem aberto. Minhas flechas tinham pouca chance de penetrar seu corpo, mas e sua boca tenra? A maciez de sua garganta, um portal para o cérebro? Senti gosto de bile na boca, mas engoli com força. Ah, eu não queria fazer isso, mas também não queria morrer.

Posicionei-me para a frente, a flecha mirando o buraco escuro onde o bico da criatura se abriu, a garganta escarlate. Um tiro perfeito. Meus dedos puxaram com mais força, emoções rolando soltas, medo misturado com repulsa e raiva, por termos sido forçadas a esse confronto que nenhuma de nós queria. A fênix não havia feito nada de errado. Ela era vítima da miséria da Madame Xihe, meramente obedecendo seu comando. E, tola como sou, abaixei o arco. Um guincho enraivecido irrompeu da fênix, seus olhos cintilando com uma determinação assassina ao me encarar.

Abaixei-me para evadir de seu ataque, agarrando o galho com força quando saltei e me pendurei abaixo. A fênix atingiu onde eu estivera um momento antes, então deu a volta para investir contra mim mais uma vez. Minhas unhas se enterraram no tronco conforme avançava pendurada pelo galho, preparando-me para o retorno inevitável da fênix. Eu estava tremendo, meus braços queimavam por causa da tensão do meu peso. Quando a fênix se atirou em minha direção, bem abaixo dos meus pés, eu me soltei...

Caindo no vazio, o ar batia contra o meu corpo e eu caí nas costas da fênix. Senti uma dor pungente, uma queimadura, as penas da criatura me perfurando como uma almofada de alfinetes. Com a minha magia, teci um escudo mais forte, forçando a minha mente a ficar livre enquanto a fênix se debatia embaixo de mim. Segurei com mais força, as farpas dela arranhando a minha pele, rasgando até

mesmo minha barreira. Com velocidade, agarrei as cordas da minha faixa, amarrando-as ao redor do pescoço da fênix para formar um arreio. Eu dei um puxão, como havia visto a Madame Xihe fazer quando a seguimos, a criatura guinchando ao mergulhar pelo ar em uma velocidade ensurdecadora. O vento batia contra o meu rosto, árvores e nuvens ficando ofuscadas ao se misturarem, a fênix fazendo espirais cada vez menores, frenética de ódio. Eu me segurei fazendo força com as coxas contra seu corpo, agarrando as rédeas ao entoar súplicas e algumas palavras para acalmá-la, até que por fim seu ritmo reduziu, o calor diminuindo em seu corpo.

Só então afrouxei as mãos e as pernas. A fênix deu mais uma volta pelo bosque antes de obedientemente voar para onde a Madame Xihe aguardava, o sino dos ventos agitando-se em uma melodia assombrada.

— Ela está viva. Você não venceu — rosnou a deusa.

Como que sentindo seu descontentamento, a cabeça da fênix caiu, as asas se arrastando pelo chão.

— Você não disse que tinha que matar — argumentei, descendo de suas costas. — Seria um desperdício de vida desnecessário sendo que ela estava apenas obedecendo seu comando.

Os ossinhos das mãos da deusa ficaram brancos ao redor do cabo de seu chicote, as chamas queimando mais iluminadas como se canalizassem sua cólera.

— Como ousa fingir que se importa com a vida de alguém? *Você*, a filha do exterminador Houyi.

— Não insulte meu pai. — Minha voz era baixa e cheia de fúria. — Eu mantive minha palavra, derrotei sua campeã. Você está tentando romper com a sua. — Na verdade, os termos não foram explícitos, cada uma de nós os interpretou de forma a agradar nossos desejos.

Quando a Madame Xihe ergueu o braço, com o chicote flamejando, eu invoquei o Arco Dragão de Jade, que voou do chão para minhas mãos. Mas não o usei. Não queria feri-la, nunca quis.

Mas eu me defenderia.

Seu chicote desceu sobre minha cabeça, estalando cordas de chamas. Minha energia jorrou para a frente, criando uma barreira de

vento que bateu entre nós duas. O fogo açoitou a superfície translúcida, a deusa mostrando os dentes ao canalizar mais de seu poder, o calor se intensificando. Rachaduras apareceram em meu escudo como teias de aranha, e línguas de fogo conseguiram passar, a dor quase me cegando. Cambaleei para trás, forçando meu calcanhar no chão ao selar as trincas do escudo, ofegando com a tensão. Quando a Madame Xihe rosnou, suas palmas brilhando com uma luz carmesim, fiquei tensa para receber outro golpe, mas então ela paralisou, inclinando a cabeça para trás como se escutasse alguma coisa.

Um esplendor brilhou atrás dela, o escuro sumindo com sua aproximação. Quando a deusa se virou, o cabo do chicote caiu de sua mão.

— Minha filha — sussurrou, agachando para carregá-la nos braços.

O pássaro solar tinha o tamanho de uma abóbora, com olhos solenes. Onde a fênix tinha cor de arco-íris, o pássaro solar era fogo encarnado. Havia três pernas embaixo de seu corpo, o vermelho forte de um pôr do sol, e sua plumagem amarela emanava um brilho radiante. Na crista, uma única pena, de um carmesim profundo bordado com dourado, tão deslumbrante quanto o coração de uma chama.

Madame Xihe abraçou o pássaro solar bem apertado, murmurando em uma língua que eu não conhecia. Havia lágrimas em seu rosto, visíveis apenas quando olhava para cima. Soluços abafados caíam dela em um ritmo dolorido. Mesmo depois de todas aquelas décadas, a dor ainda estava intacta. O pássaro solar ergueu o pescoço, aconchegando-se na mãe como se estivesse acostumado com esses ataques de violência.

A criança solitária em seus braços, a vulnerabilidade da grande deusa em sua tristeza... como me doía essa imagem. Sangue escorria de meus ferimentos, minha pele rasgada queimava, mas não era nada comparado com o sofrimento dela, que nenhuma magia no mundo poderia curar. Apenas o tempo conseguiria amainar, e, mesmo assim, memórias imortais eram eternas.

Sem saber o que eu estava fazendo, ajoelhei-me no chão. Endirei-

tando minha coluna, estiquei os braços diante de mim, dobrando-me para tocar o chão com a minha testa. Não em um pedido de desculpas fingido, mas porque, do fundo do meu coração, eu me arrependia por sua dor, e estávamos inexoravelmente ligadas pela morte de seus filhos. Não falei nada, pois palavras não poderiam capturar a enormidade de sua perda, do luto que eu sentia por elas.

Um momento de calma desceu sobre nós. Alguma coisa farfalhou, o pássaro solar vindo em minha direção, revestindo-me de seu calor iluminado. Quando seu olhar melancólico cruzou com o meu, parte de mim recuou, temendo um ataque, apesar de seus olhos serem gentis e compreensivos, transbordando de uma tristeza não dita. Abrindo bem suas asas, ela curvou a cabeça. A pena carmesim caiu de sua coroa, sua haste pulsando como fogo líquido, um branco incandescente. Meu coração deu um salto no peito, mas não ousei presumir a intenção do pássaro solar, até que suas garras curvadas empurraram a pena até mim.

— Eu... lhe agradeço. — Palavras simples por um presente sem preço, mas não havia nada melhor a dizer. A generosidade do pássaro solar me tocou profundamente, e decidi ser digna de seu presente.

— Seu poder real está na haste. Coloque-a na fonte de poder do seu alvo. Agora, pegue-a. Vá embora — disse a Madame Xihe em uma voz vazia. — Não vou mais machucá-la, nem lhe darei auxílio. Não teste minha misericórdia de novo; ela morreu no dia em que perdi meus filhos.

Ela segurou o pássaro solar com carinho nos braços, caminhando para longe sem olhar para trás. As portas se fecharam atrás dela, o sino dos ventos balançando em uma melodia fúnebre. Apesar de terem ido embora, assim como sua luz, não havia escuridão, graças à pena diante de mim. Estiquei-me para pegá-la, hesitando, pois o calor saía dela em ondas luminosas, como se todo o seu poder houvesse sido liberado depois de ser arrancada. Teci uma concha de ar endurecido ao redor dela, então a coloquei em minha bolsa. O encantamento não duraria muito, o calor já estava descongelando a barreira, era um esforço mantê-la intacta, mas preferível a ser queimada até virar cinzas.

Em profunda tristeza, eu tremia com as emoções colidindo dentro de mim, um alívio cheio de remorso, afundado em uma exaustão até os ossos. Eu não era presunçosa a ponto de pensar que a Madame Xihe houvesse nos perdoado, essas feridas eram muito profundas. Mas talvez houvéssemos chegado a uma compreensão mútua, e eu esperava com todo o meu coração que mãe e filha encontrassem a felicidade de novo.



Eu curei os meus ferimentos o melhor que pude, mas meu corpo ainda doía de toda aquela provação. Só então deixei o bosque, as asas da entrada se fechando atrás de mim, as penas entalhadas se entrelaçando em um abraço apertado. Wenzhi estava inquieto do lado de fora, sozinho, mas a dureza em seu rosto se tranquilizou ao me ver.

— Liwei não retornou? — perguntei.

Quando Wenzhi balançou a cabeça em negativa, uma luz emanou da minha bolsa, e um calor repentino me chamuscou. O encantamento ao redor da pena estava enfraquecendo. Coloquei a mão na bolsa, meu polegar esfregando a superfície escaldante da esfera, e minha energia fluiu para selar as fraturas. Apesar do calor que permeava aquele lugar, senti um calafrio correr pela pele. Desabei no chão, quase tremendo de exaustão.

Wenzhi tirou seu manto externo, colocando-o por sobre meus ombros. Meus olhos dispararam para encontrar os dele, minhas bochechas ficando vermelhas contra a minha vontade. Desviei o olhar, concentrando-me em seu manto, na seda de um cinza-escuro bordado com nuvens. A memória da última vez que ele havia feito isso passou pela minha cabeça, no telhado do Palácio de Jade, quando tínhamos feito juras de amor... antes que sua traição nos separasse.

Nunca mais, jurei, dispensando o manto dele. Éramos aliados agora, amigos, talvez, mas esses murmurinhos do meu coração não adiantavam de nada, eu jamais me permitiria ser seu peão de novo. A confiança, uma vez quebrada, é impossível de ser restaurada; os cacos permaneciam mesmo que parecesse renovada.

Os olhos de Wenzhi eram de um cinza ameaçador.

— A Madame Xihe machucou você?

Quando outra onda de calor escapou do orbe, estremeci.

— Não, é a pena. Está me queimando.

— Deixe-me ajudar.

Quando a tirei da bolsa, ele arrancou a esfera das minhas mãos. Foi um alívio entregá-la para outra pessoa, e resisti à tentação de pegá-la de volta. A visão da pena na mão de Wenzhi me lembrou desconfortavelmente das pérolas que ele havia tomado uma vez. A pena estava fervendo com fogo, se mexendo como se estivesse viva. Quando Wenzhi a ergueu para analisar, uma faísca saiu de dentro, rompendo a barreira e atingindo-o no ombro. Ele não se encolheu, mas segurou a esfera com mais força, com luz fluindo de seus dedos para envolver o orbe em gelo.

Meus olhos seguiram a pena em sua mão conforme ele se sentava ao meu lado. Antes mesmo de eu exigir que me devolvesse, ele a entregou para mim. O orbe estava frio ao toque quando o coloquei de volta na bolsa, amarrando as cordinhas.

— Obrigada — falei, enrijecida. — Por me envolver com o escudo antes. Por... isso.

— Era o mínimo que eu podia fazer quando você suportou o peso de encarar a Madame Xihe. — A voz dele ficou perigosamente baixa. — O que ela fez com você?

Não respondi, olhando para o ferimento que a pena causara nele, a pele um vermelho queimado.

— Está doendo?

Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios.

— Está preocupada comigo?

Dei de ombros, fingindo indiferença.

— Não. Seria uma inconveniência se você morresse.

— Uma inconveniência — repetiu, devagar. — Palavras tão frias.

Eu não cairia na dele, então voltei a encarar o bosque. Um esplendor sobrenatural emanava das árvores, as amoras brilhando como se ardessem em chamas. A luz agitava a noite, varrendo o céu com carmesim e rosa. Em breve, a Madame Xihe e sua filha

montariam a carruagem.

Wenzhi se recostou em uma árvore, com os olhos pesados. Ele raramente demonstrava sinais de desconforto. Tinha o poder da pena causado algum ferimento interno? As marcas em seu ombro estavam lustrosas como cera derretida. Franzii o cenho, incapaz de me impedir de estender a mão e inspecioná-lo. Quando parei de repente, com medo de causar desconforto, a palma de Wenzhi pegou a minha mão e a pressionou contra seu peito.

Um calor subiu pelo meu pescoço. Arranquei minha mão, e o olhar dele procurou pelo meu.

— Do que você tem medo? — perguntou.

— Não de você. — Ergui a minha cabeça. — Liwei voltará em breve. Ele vai curar seu ferimento.

— Preferiria sofrer com sua assistência inepta do que com a do curandeiro mais bem-sucedido no reino.

— Não ofereci minha assistência — falei, com dureza.

— O Príncipe Celestial também não a oferecerá, se quer saber. Ele ficaria feliz em prolongar meu sofrimento, não há dúvidas. E eu ficaria satisfeito em fazer o mesmo por ele. Um sorrisinho em seu rosto.

— Liwei não faria isso.

— É claro que não. — Havia ironia em seu tom. — Ele é o perfeito. O nobre. O que jamais machucaria você.

Meu silêncio foi uma reprovação. Wenzhi sabia o quanto eu havia ficado machucada quando Liwei noivara com outra, um tipo de dor diferente de sua própria traição calculada.

— Falei sem pensar. — Ele inclinou a cabeça ao descansar um braço no joelho. — Eu acreditava que passaríamos o resto das nossas vidas juntos, quando você era minha como eu sou seu. Hoje em dia, mal tenho um momento a sós com você.

— Como estamos agora... é muito mais do que pensei que estaríamos de novo.

— Sim. Ouvir você dizer meu nome sem ódio ou cautela é um desejo que me perseguiu durante esse último ano. Alguns dias, achava que você me desprezaria para sempre, como eu merecia. — Ele deixou escapar um suspiro. — Deveria ser grato, mas não consigo deixar de

desejar mais.

— Nunca. — Um leve falhar na minha voz. — Você destruiu o que tínhamos. Tenho o direito de odiá-lo para sempre.

— Então me odeie, pois prefiro seu ódio à indiferença. — Seus olhos tinham a tonalidade de um rio no inverno, havia luz nas profundezas. — O passado não pode ser desfeito, mas há esperança no futuro. Confie seu coração a mim mais uma vez e você encontrará a verdade no meu. Pois você é o motivo de eu despertar todos os dias, por você eu vivo e respiro.

Sua declaração, feita com tal paixão, arrancou todos os pensamentos da minha cabeça, um calor inesperado surgindo em mim. Engoli em seco, lutando para esconder como estava abalada, escondendo-me por trás de uma máscara de indiferença.

— É fácil falar.

Ele me olhou fundo nos olhos.

— Então permita que eu demonstre por ações.

Meu coração batia forte, minha respiração era curta. Eu não sabia que emoções sentia, nem queria analisá-las com atenção. Ele se debruçou, chegando mais próximo de mim, bem devagar, como se eu fosse me assustar. Eu deveria ter me afastado, mas não o fiz. Sua respiração atingiu meus lábios, preenchendo meus sentidos com o cheiro de pinheiros, com a brisa da noite, com tantas coisas que eu queria esquecer. Será que ele conseguia ouvir o bater do meu coração? A evidência do desejo que eu queria suprimir com tanta força?

Fechei meus olhos, um calor tentador correndo por minhas veias. Mas então ele parou, erguendo a mão para acariciar minha bochecha.

— Você quer isso? — A voz grave dele era quase inaudível.

Eu deveria ter me afastado. Corrido e fugido. Mas minha cabeça se inclinou na direção dele, como que puxada por um fio invisível. Alguma coisa mudou em sua expressão, que se escureceu com o desejo. Ele soltou um som gutural, um momento antes de sua mão deslizar para a curva do meu pescoço. Seu toque era firme, mas gentil, aproximando-me dele com uma paixão comedida que quebrou a última das minhas defesas. A boca dele pressionou contra a minha, desejosa e feroz. Meus lábios se abriram quando ele aprofundou o

beijo, agarrando-me com uma fome que roubou meu ar. Quando o braço dele se apertou em minha cintura como se fosse de ferro, arqueei-me mais para perto, a pressão de seu corpo firme e fresca. Um calor correu pela minha espinha, luzes piscando diante de mim como estrelas chamuscantes. Talvez seu fogo estivesse ali o tempo todo, mutado, não extinguido. Talvez fosse meu desejo de sentir alguma coisa que não fosse medo ou desespero, ainda que fossem aquelas emoções confusas que ele despertava em mim. Ou podem ter sido suas palavras sinceras que mexeram comigo, a dor que senti dentro dele.

Desculpas. Mentiras, para fugir da verdade vergonhosa que uma parte de mim ainda o queria, mesmo depois de tudo o que ele havia feito. Uma fraqueza que eu queria poder reverter. Quase tremendo com o esforço, afastei-me de Wenzhi. Ele me soltou imediatamente, rompendo nosso abraço, a expressão sem o triunfo que eu esperava encontrar.

— Todo esse tempo, eu me perguntava se era só ele em seu coração. Como desejei saber se eu também estava aí dentro. — Seus olhos brilhavam. — Você ainda sente algo por mim, mas é muito teimosa para admitir. Ou tem medo?

— Desejo não é amor. — Eu estava ansiosa para descartar o que havia acontecido entre nós, para diminuir aquele peso e afastá-lo da mente. Por que eu avançava tão prontamente para a batalha, mas permanecia uma covarde em tais assuntos?

— Não é — concordou. — Mas você, Xingyin, não desejaria alguém de quem não gostasse.

Meu sangue ferveu com a certeza de seu tom, mas não encontrei palavras para negar. Quando seu olhar desviou para trás de mim, eu me virei e me deparei com Liwei parado ali, tão duro quanto pedra, encarando-me como se eu fosse uma estranha.



Levantei depressa, procurando por palavras que não encontrava. O que poderia falar?

Não é o que parece.

Posso explicar.

Não significou nada.

Só que *era* o que parecia, e eu não podia explicar o que havia acontecido, nem para mim mesma. E quanto ao último... eu não poderia contar essa mentira. O que quer que houvesse acontecido, tinha algum significado, não importa o quanto eu quisesse que não.

— É isso o que você quer? Você se decidiu? — perguntou Liwei, sem brilho algum nos olhos.

— Não. — Uma dor apunhalou meu peito com a expressão de mágoa dele.

— Decidiu? O quê? — questionou Wenzhi. Eu não havia lhe contado como terminara com Liwei, as coisas falsas que havia contado de nós.

— Ele é indigno de você — disse Liwei, com firmeza.

— Eu poderia dizer o mesmo de você. — Wenzhi descruzou as pernas e se levantou. — *Você* que desistiu dela para se casar com outra. Uma escolha idiota, algo que nunca farei.

— Você só queria ela nas suas condições. — Liwei se aproximou, os movimentos rígidos de raiva. — Você é sequer capaz de amar? Ou está atrás de algo para possuir?

— O que existe entre Xingyin e mim não é da sua conta. Olhe para os seus próprios defeitos antes de imaginar os meus. — O rosto de

Wenzhi endureceu. — Que tipo de vida pretendia dar a ela? Acha que ela estaria feliz no Palácio de Jade com a Corte Celestial? Você teria colocado uma coleira nela, transformando-a em um bibelô para a sua vida sendo que nunca se deu ao trabalho de ser parte da dela? Você não é forte o bastante para fazer e abrir mão do que seria necessário para a felicidade dela.

Ri em descrença enquanto me voltava para ele:

— Você me aprisionou. Você tirou o meu poder. Você tentou me impor sua vontade, e ousa falar da minha felicidade?

— Sim, eu fiz tudo isso, e estava *errado* — respondeu, com ferocidade. — Parte de mim sabia disso na época, mas fui egoísta e tive medo. Não queria perder você. Queria que tivéssemos uma chance, longe de todo o resto. Dele. — Ele virou de costas para Liwei, diminuindo a distância entre nós, falando só comigo. — Mas então me olhei no espelho e não gostei do que vi. Eu mudei, queria que você percebesse isso. Se consegue acreditar que ele não vai mais lhe fazer mal, por que não acredita em mim?

— Porque o que você fez foi imperdoável — falei com amargura. — Não importa se você mudou ou não, *nada* pode mudar o que você era, o que você fez e o que você destruiu.

Ele se encolheu como se eu o houvesse atingido com um golpe, mas seu olhar permaneceu intacto.

— Então vamos construir algo novo juntos.

— Chega dessas mentiras! — A voz de Liwei era dura com desprezo.

Quando seus dedos longos tocaram o ombro de Wenzhi, Wenzhi o segurou pelo pulso e o afastou, virando-se para encará-lo:

— Tente fazer isso de novo, se tiver coragem, Vossa Alteza. Lutei minha primeira batalha quando você estava estudando caligrafia e pintando.

— Suas aulas foram extremamente deficientes em *muitos* aspectos — retrucou Liwei ao colocar a mão no cabo da espada.

Corri para me colocar entre eles.

— Já chega. Não somos o inimigo.

Eles se encararam, e por fim se afastaram. Liwei olhou para mim,

com a pergunta não dita se interpondo entre nós, como ele poderia não se perguntar depois do que havia visto? Eu poderia alegar confusão ou remorso. Ele teria aceitado sem questionar, mas todos nós merecíamos mais que isso, pois tais mentiras seriam apenas um alívio temporário... ainda que as mentiras fossem tudo o que eu podia oferecer naquele momento, até para mim mesma.

Mas isso não poderia continuar, problemas muito maiores estavam em jogo. Esses nós poderiam ser desfeitos depois, quando tivéssemos tempo para isso. Pois, caso falhássemos... nada daquilo importaria.

Eu os encarei.

— Nada é mais importante do que parar Wugang, uma tarefa impossível por si só. Para o que nos aguarda, devemos ser fortes, e somos mais fortes juntos do que separados. — Ao esfregar meu pescoço sem pensar, encolhi-me com a dor dos meus ferimentos.

De início, eles não falaram nada, até que inclinaram a cabeça.

— Você está ferida. O que aconteceu com a Madame Xihe? — perguntou Liwei.

— Velhas dívidas foram pagas. Ela foi misericordiosa.

— Misericordiosa? — Liwei estava descrente. — Seus ferimentos são profundos.

— Tive que lutar com a fênix. Foi o desafio da Madame Xihe pela pena. — Meu peito se apertou com a lembrança de sua tristeza. — Ela sabia quem eu era, poderia ter pedido mais. Nove dos filhos dela estão mortos.

— Você não os matou — lembrou-me Wenzhi.

— Ela também não me matou.

— Como a Madame Xihe descobriu quem você era? — perguntou Liwei, sério.

Meus dedos se curvaram com a lembrança do truque da mãe dele, mas não era a hora de culpar ninguém. Depois que lidássemos com Wugang, eu não deixaria isso para lá.

— A Deusa do Sol conhece todos que estão em seus domínios.

— Você teve sorte de sair viva — disse Wenzhi.

— Sim, viva e com isso. — Peguei a pena, enrolada no orbe como um fragmento do sol. As chamas fervilhavam em seu cálam, seu

ráquis arranhando a barreira. Não me sentia triunfante, era como se um fardo estivesse sobre as minhas costas por ter tirado ainda mais de quem já havia perdido tanto.

— Precisamos levar a pena para o loureiro. Como passaremos pelos soldados de Wugang na lua? — perguntei.

— A lua está muito bem policiada contra invasões — alertou Liwei. — Escutei os soldados falarem sobre isso enquanto estive preso, eles se perguntavam a respeito das tropas enviadas para proteger a lua sendo que cada vez menos esforços eram voltados para proteger o Palácio de Jade.

Minha casa, sob posse de Wugang. Fiquei amargurada ao pensar no Palácio da Luz Pura, tão tranquilo e pacífico, agora no centro dessas conspirações devastadoras. Outro pensamento se abateu sobre mim, ainda menos bem-vindo.

— Minha força vital regenerou com tamanha velocidade por causa do poder do loureiro. E se os soldados de Wugang também forem mais fortes lá? Como podemos atacá-los no coração de todo o poder deles?

— Não podemos — disse Wenzhi, decidido. — Mesmo que convocássemos um exército para nos auxiliar, Wugang sentiria o momento em que nossas forças se aproximassem, e nos destruiria com tudo o que estivesse à sua disposição. Seria uma carnificina.

— Também deixaria Wugang em alerta — ponderou Liwei. — Se ele souber que pretendemos destruir o loureiro, ele não medirá esforços para o proteger. Nunca conseguiríamos chegar perto dele.

— Então precisamos deixá-lo no escuro — concordou Wenzhi.

Fiquei animada ao ouvi-los conversando assim, sem ressentimento nem hostilidade.

— No Mar do Leste, tivemos que atçar o Governador Renyu a vir até nós — falei a Wenzhi. — E se pudéssemos fazer com que Wugang nos levasse até o loureiro?

Seus lábios se fecharam com força enquanto ponderava sobre minhas palavras.

— Há somente uma pessoa que Wugang deixaria se aproximar do loureiro — respondeu, finalmente, com certa relutância na voz.

Paralisei, entendendo o que ele queria dizer. *Havia mesmo* apenas

uma pessoa que Wugang deixaria se aproximar do loureiro... não porque confiava nela, mas porque seria uma possibilidade de atingir seus planos.

Minha mãe.

— Não. — Parecia que o ar havia se fechado ao meu redor enquanto procurava as falhas em sua sugestão.

— Nós vamos protegê-la. Ela não vai se ferir.

Wenzhi não era de se acovardar frente a decisões difíceis. Parte de mim queria contrariá-lo, mas minha mente me sussurrava que ele estava certo. Era nossa melhor oportunidade... talvez a única que teríamos.

— Os soldados de Wugang fazem a vontade dele, mas não a machucarão — disse Wenzhi. — Você viu como agiram na praia.

— Talvez, mas Wugang não terá escrúpulos em fazê-lo ele mesmo — argumentei. — Ele arrancará sangue de minha mãe para colher as sementes. Não podemos deixá-lo pegá-la, não só porque eu não deixarei ninguém fazer mal a ela, mas porque, uma vez que ela estiver em poder de Wugang, *ele vence*. — Continuei, aprofundando-me no problema. — Minha mãe não tem magia, nada para esconder ou libertar o poder da pena. Wugang sentiria na hora, se a pena não a destruir primeiro. E, se perdermos a pena, teremos fracassado.

Eu estava tremendo, mas não havia percebido. Liwei tocou meu braço:

— Você tem razão. Encontraremos outro jeito.

— E se fantasiássemos outra pessoa de sua mãe? — propôs Wenzhi.

Eu já havia feito isso, fingindo ser a Madame Anmei no Mar do Leste. Mas essa artimanha nunca daria certo ali.

— Wugang é muito mais astuto do que o Governador Renyu, uma mera mudança nas roupas não bastaria. Ele conhece minha mãe de sua estadia conosco, a voz, os maneirismos e a aura, e não se esquecerá.

— E um encantamento? — sugeriu Liwei. — Apesar de que os que eu conheço funcionarem só na superfície, uma ilusão do rosto e do corpo.

Lembrei-me do encantamento de Tao, de quando invadimos o

Tesouro Imperial, e o que ele havia me contado na ocasião.

— Ouvi dizer que há uma magia rara que pode replicar não só a aparência de alguém, mas sua aura e sua voz também. — Acrescentei devagar: — Assim, eu poderia me disfarçar como minha mãe.

Liwei franziu o cenho.

— As auras são tão exclusivas a nós como as curvas na ponta de nossos dedos. Deve ser uma magia antiga, pois ninguém fala disso atualmente.

— Antiga e proibida — respondeu, sério, Wenzhi. — O Pergaminho do Espelho Divino é um dos encantamentos de Mente mais poderosos. Pelo tempo que dura, é quase impossível que alguém detecte a diferença.

— Um pergaminho *proibido*? — O tom de voz de Liwei era de repulsa.

— Um dos muitos que seu pai destruiu — respondeu friamente Wenzhi. — Felizmente para nós, foram restaurados.

— Onde está? — perguntei a Wenzhi. Talvez Liwei pensasse que eu era uma hipócrita, disposta a usar qualquer meio necessário para vencer. Com tais riscos, ele poderia estar certo.

— O pergaminho está com meu pai. É uma de suas posses mais preciosas.

— Ele o dará para nós? — perguntei, cheia de dúvidas.

— Vou perguntar, mas ele estranhará meu pedido. Meu pai não confia em ninguém. Nem nos cortesãos nem nos consortes, ainda menos em seus filhos. A maior ameaça de traição é quando há muito a se perder ou se ganhar — disse Wenzhi, sombriamente.

Percebi alguma coisa em sua expressão. Ele se lembrou de como havia me traído pelas pérolas dos dragões? Ganância, ambição e medo eram forças poderosas que poderiam ofuscar o coração e a mente de uma pessoa.

Um pássaro gorjeou, o arauto vigilante do amanhecer. Wenzhi olhou para os céus que se iluminavam, carmesim e rosa.

— Vou voltar para falar com ele antes que ele se dirija à corte.

— Nós o esperamos perto da fronteira do Mar do Leste. Não ouse me demorar aqui, a Madame Xihe emergirá em breve.

Wenzhi assentiu, erguendo a mão para invocar uma nuvem. Estava tenso, com uma expressão pesada. Ele temia o confronto com o pai? Que relações estranhas tinham essas pessoas da corte entre pais e filhos. Era o poder que manchava o vínculo? As expectativas onerosas do dever? O Imperador Celestial havia menosprezado Liwei por sua falta de crueldade e ambição, enquanto o pai de Wenzhi temia que seu filho tivesse excesso disso.

LIWEI E EU NÃO CONVERSAMOS ao voar para o Mar do Leste. Dei-me conta de que aquela era a primeira vez que estávamos sozinhos desde nossa viagem do Palácio de Jade, dias antes, mas pareciam décadas. Eu não era mais a garota que havia entrado no Pátio da Tranquilidade Eterna, não era nem mais a mesma que o havia ajudado a escapar. Alguns anos se passaram, não deixando muitas marcas em nossas vidas, mas um único momento as trouxe à tona.

A morte havia devastado uma parte intrínseca de mim. Com esse peso constante em minhas costas, a felicidade parecia um sonho distante. Liwei estava a um palmo de distância, mas parecia que estava a dez, com um muro entre nós. Mechas de seu longo cabelo preto caíam em seu rosto ao olhar para o céu.

— Seus ferimentos ainda estão doendo? — perguntou-me.

— Não. — O desconforto era uma distração bem-vinda às minhas outras dores, que não eram visíveis.

Ele se inclinou para a frente e pegou minha mão. O calor de sua energia percorreu meu corpo, curando o último de meus machucados e reabastecendo o poço de meu poder que havia decaído demais, a um nível perigoso. Respirei com mais facilidade quando a força retornou aos meus braços e minhas pernas.

— O que aconteceu no bosque? — disse ele, se afastando. — A Madame Xihe e sua fênix são poderosas. Como você sobreviveu aos ataques?

— Wenzhi me ajudou. Ele formou um escudo ao meu redor.

Ele fechou a cara.

— Você tem razão, não é hora para isso, mas preciso dizer: se você

está confusa, é culpa dele. Ele é um mestre da manipulação.

— Não — falei devagar. — Meus sentimentos pertencem a mim.

Seus olhos escuros sustentaram os meus, impenetráveis, sendo que outrora eu os lia tão claramente.

— Você quis beijá-lo?

Afastei meu olhar.

— Eu queria não querer. — Não era uma resposta completa, nem o que ele queria ouvir.

— O que você sente agora... acredito que vá passar. Não o deixe ofuscar seus sentimentos.

A intensidade na voz de Liwei me deixou sobressaltada. Ao analisar seu rosto, encontrei novas linhas de expressão em sua testa, nos cantos da boca. Esses dias também haviam cobrado um preço dele.

— Liwei, você está bem? Deve estar preocupado com seus pais.

— Minha mãe esconde suas preocupações, mas está com medo. Quanto ao meu pai... — A voz dele falhou. — Preciso retornar ao Palácio de Jade. Devo ajudá-lo...

— Você só estaria entrando em uma armadilha. Poucas coisas são mais preciosas para quem vai usurpar um trono do que herdeiros no lugar errado — falei, sem rodeios.

— Ele vai matar meu pai.

— Não, Wugang é prudente. Ele vai manter seu pai vivo até que sua posição seja segura. Ele está vulnerável desde que não tenha você. — Acrescentei com solenidade: — Se Wugang quisesse matar seu pai, ele já estaria morto. — A verdade nua e crua às vezes era o maior conforto.

Era muito estranho que, semanas antes, havia sido o Imperador Celestial que me aterrorizava, a quem eu odiava. Mas, comparado com a crueldade insensível de Wugang, o Imperador Celestial era a melhor escolha para o reino... só que eu não conseguia deixar de pensar que Liwei daria um governador muito melhor.

— A Rainha Fengjin ficará ao lado de sua família? — perguntei.

— Com uma situação tão incerta, a Rainha da Fênix está hesitante em agir contra Wugang. Não é mais uma questão de defender nosso posto, mas de recuperá-lo, uma tarefa muito mais difícil, que requer

muito mais convicção.

Um vínculo mais forte do que uma aliança.

— Você deveria se casar com a Princesa Fengmei. — Quase me engasguei com essas palavras, mas a princesa poderia lhe oferecer muito mais do que eu jamais poderia: um reinado, uma coroa, um futuro. Enquanto de mim Liwei pedira apenas meu coração, e nem isso eu conseguia lhe entregar.

— Você quer que eu faça isso, Xingyin? — Havia certa tristeza em sua voz.

Impedi meu instinto de protestar, forçando-me a dizer:

— Você deve fazer o que for melhor para você e sua família.

Ele apertou minhas mãos com força, e por um momento eu me perdi na lembrança do calor do seu toque.

— Você sempre lutou contra o que a vida jogou em você, existisse uma esperança de vencer ou não. Você sonhou com o impossível e encontrou um caminho quando não havia nenhum. Não desista da gente agora.

— Eu não sou quem você pensa que sou. — Minha voz estava baixa. — Eu cometi tantos erros. Magoei as pessoas com quem me importava, fracassei com quem eu teria dado tudo para salvar. — Essas confissões partiram do canto mais profundo do meu ser.

— Não, Xingyin, pois você passou por mais provações do que todo mundo. O que é forjado em fogo faz as espadas mais fortes. — Ele sorriu para mim, um eco do meu companheiro do passado, então sua expressão se fechou mais uma vez. — Não vou desistir, desde que você não desista, e ficarei ao seu lado pelo tempo que permitir.

Minhas emoções ficaram mais apertadas, a ponto de explodir. Eu desejava sua força, seu conforto e sua gentileza. Havia me apaixonado por tudo isso, e ainda amava.

— Não sei o que eu quero. E, agora, isso não importa.

— Só me diz uma coisa: estou no seu coração?

— Sim. — Não hesitei, pois era a verdade.

— Como você está no meu. — Ele curvou a cabeça em minha direção. — Não saber não é a mesma coisa que não querer. Enquanto houver esperança, esperarei por você.

Antes que eu pudesse responder, algo pulsou no ar. Estiquei o pescoço para analisar nosso entorno.

— O vento mudou de direção. Está mais rápido. Mais gelado — observei.

— Nuvens, vindo em nossa direção — confirmou ele, sombrio.

— Precisamos fugir. Devem ser os soldados de Wugang.

— Pode ser que sejam os de Wenzhi. Outra armadilha. — A voz dele estava tomada de suspeita.

Balancei a cabeça em negação. A pena teria sido uma grande tentação, no entanto, quando emergi do bosque, frágil e machucada, Wenzhi poderia tê-la roubado com facilidade. Eu não sabia o que havia em seu coração, mas não era traição, pelo menos não mais.

Quando nossa nuvem subiu mais, uma força nos atingiu por trás, forçando-nos a uma parada abrupta. Cambaleei, equilibrando-me à medida que a nuvem era puxada para trás como um peixe pego no anzol. Havíamos sido amarrados. Era uma armadilha. Virei-me e encontrei os soldados mortos-vivos de Wugang em nosso encalço, seis deles, sem olhos, mas cheios de um propósito mortal. Silenciosos de maneira ameaçadora, com os lábios selados. A armadura deles brilhava dourada e branca, a pele translúcida quase prateada, a teia de veias luminosas nos rostos brilhava no amanhecer.

Será que Wugang sabia da pena? Não, caso contrário teria enviado todo o exército para recuperá-la. Nem mesmo os dragões sabiam de sua existência, só a imperatriz, pois apenas ela havia sido próxima da Deusa do Sol. Deveria ser uma das patrulhas enviadas para rastrear os céus em nossa busca, pois Wugang estaria procurando pela minha mãe.

Os soldados vieram em nossa direção, com buracos pálidos brilhando onde deveriam estar os olhos, como lanternas gêmeas. Ao erguerem as mãos em sincronia, apontaram suas *guan dao* em nossa direção, e uma luz irrompeu das lâminas, pulando pelo céu para atingir nossa nuvem.

Ao estremecer com violência, fogo surgiu nas palmas de Liwei, atingindo um dos soldados. Mas a criatura não pegou fogo e se quebrou como na praia. Um brilho branco pulsou em sua pele,

curando seus ferimentos, enquanto os soldados remanescentes atravessaram as chamas de Liwei como se fossem fitilhos. Erguendo meu arco, liberei uma flecha em um soldado, um raio do Fogo do Céu atingindo o disco em seu peito. O soldado se desequilibrou para trás com a força, mas a jade não fraturou. Havia sido reforçada? Atirei outra flecha, mas um escudo se ergueu ao redor dos soldados, segurando meu tiro.

— Eles aprenderam a se defender. Aprenderam a ajudar uns aos outros — disse Liwei, tenso.

Encarei os soldados que estavam mais próximos, minha pele tremendo com a visão das guan dao em suas mãos, brilhando com um poder maléfico. Em um momento, estariam em cima de nós.

— Então precisamos atacar com força, de uma vez.

O fogo ardia nas mãos de Liwei, voltando-se contra os soldados, agitando-se acima deles como uma nuvem flamejante. As cabeças dos soldados olharam para cima em sincronia, os rostos inexpressivos, com uma indiferença assustadora. Fiquei toda arrepiada, mas forcei minhas mãos a se manterem firmes, soltando uma flecha nas chamas de Liwei. O Fogo do Céu atingiu, estilhaçando a massa fervente, que caiu em uma cascata nos soldados, uma torrente furiosa. O ar foi tomado por um amargor acre, de pele queimada, como se eles fossem feitos de carne e osso. Mas os soldados não emitiram um único som enquanto ferimentos pálidos se abriam em seus corpos como mofo em uma fruta podre.

Liwei desembainhou a espada, cortando as amarras invisíveis que prendiam nossa nuvem. Quando a retenção se rompeu, nossa nuvem acelerou pelo céu. Magia escorria de nossos dedos, canalizando vento a fim de nos impulsionar para frente. Nossos mantos esvoaçavam loucamente, meu cabelo se soltou do coque. Olhei para trás e vi os soldados parados bem onde os havíamos deixado, uma luz fraquinha impregnando seus corpos, que já se regeneravam.

Senti meu estômago revirar. Eles eram a arma perfeita: incansáveis e destemidos, rápidos e fortes. Um exército deles cortaria os reinos como uma foice corta a cevada. Tínhamos escapado desta vez, mas e da próxima? E se não houvesse lugar para onde correr?

Voamos depressa em direção ao sul, sobre as florestas exuberantes do Império da Fênix, ficando longe das fronteiras do Império Celestial. Finalmente, a areia do Deserto Dourado brilhou no horizonte. Uma silhueta alta voava em nossa direção sobre uma nuvem violeta.

— Senti a presença de vocês — disse Wenzhi, ao nos aproximarmos. — Por que estão aqui?

— Os soldados de Wugang nos encontraram. Eles ficaram mais fortes, mal escapamos — contei.

— Eles não conseguirão entrar na Muralha das Nuvens — garantiu-me ele. — Temos maneiras de manter convidados indesejados para fora.

— Quaisquer que sejam elas, pode ser que não funcionem com os soldados de Wugang — alertou Liwei.

— Talvez — concordou Wenzhi, com a testa enrugada. — Vamos torcer para que Wugang não deseje nos testar por ora. Ele tem inimigos o suficiente no resto do Reino Imortal.

— Você falou com seu pai? Ele vai nos ajudar? — perguntei. Seus olhos tinham a cor de um mar tempestuoso.

— Há um preço para seu auxílio.

Eu não deveria me surpreender. Parecia ser o jeito que reis e rainhas agiam. Quem mais possuía, menos desejava abrir mão de algo sem tirar uma vantagem.

— O que ele quer? — questionei, com cautela.

Wenzhi me encarou, a voz engrossando com intensidade.

— Xingyin, tentei tudo o que pude para que meu pai mudasse de ideia.

Senti um pavor dentro de mim.

— O que você quer dizer?

— Meu pai vai nos dar o pergaminho... como presente de casamento.



O cheiro de sândalo preencheu o ar, fluindo dos incensos espalhados pelo salão. Fileiras de lanternas de seda, penduradas no teto, lançavam um brilho feroz nas paredes de obsidiana. Ao redor, os convidados se sentavam em almofadas de brocado e bebiam de xícaras de porcelana dourada. Pequenos pratos de comida estavam dispostos diante deles em mesas baixas de mogno: pãezinhos recheados com ovas de caranguejo que esfumaçavam de tão quentes, fatias finas de porco assado salpicadas com um molho de gengibre e cebolinha, rolinhos primavera delicados e fritos ao ponto de um crocante dourado.

Os imortais da Muralha das Nuvens gostavam de cores vívidas, vestidos em tons de ametista e esmeralda, rubi e aquamarine. Eu provavelmente parecia uma flor monótona entre eles, apesar de os atendentes do palácio terem me oferecido vestes deslumbrantes. Como não tinha ânimo para a felicidade, eu havia escolhido as vestes mais sombrias que consegui encontrar: uma seda verde tão pálida que era quase cinza. Crisântemos amarelos estavam bordados na saia, balançando como se estivessem sendo tocados pelo vento que passava pelos fios prateados. Meu pescoço e meus punhos não estavam adornados; meu cabelo, amarrado com uma fita lisa de seda, as pontas longas roçando nas minhas costas.

— Somos um par — comentou Wenzhi ao meu lado, com um pequeno sorriso nos lábios.

— *Não* somos. — Eu não estava a fim de ser agradável. Estava enjoada por estar ali, um lugar ao qual nunca imaginei que retornaria.

A fragrância dos incensos entupia minhas narinas, as paredes escuras pareciam se fechar cada vez mais. Memórias perturbadoras surgiam, às quais eu me agarrava, lembrando-me de nunca abaixar a minha guarda.

— Quis dizer que nossas roupas estão combinando — disse ele, sorrindo ainda mais.

Ele também havia se trocado, para um manto verde-musgo de colarinho alto, um padrão de folhas bordadas na bainha com fio dourado. A cor destacava os ângulos retos de seu rosto, os tons mais escuros de sua pele. Meu coração acelerou, e esmaguei o impulso traiçoeiro.

Eu não estava ali por um capricho. Precisávamos do auxílio do Rei Wenming, e eu esperava dissuadi-lo de sua condição ultrajante. Não havia ido até lá para fazer o papel de uma nora dócil. Eu seria um espinho, uma víbora, o falcão que Wenzhi outrora gostaria que eu fosse.

O Rei Wenming se sentava em um trono de mármore, com as costas eretas e o olhar alerta e perscrutador. Uma ornada coroa de ouro repousava em sua cabeça, debruada com contas de ametista que caíam por cima de sua testa. Seu manto era de um cinza opaco, em contraste com as vestes brilhantes das três mulheres que estavam de pé atrás dele, com belíssimos mantos vermelhos, coral e lápis-lazúli decorados com pérolas.

Wenzhi me dirigiu a uma mesa baixa na frente. Ao nos sentarmos nas almofadas de brocado, meus olhos correram pelo salão, mas sempre voltavam para o trono. Havia rumores de que o Rei Wenming não tinha uma rainha, mas inúmeras esposas, e presumi que as três presentes fossem suas favoritas.

— Minha mãe é a Nobre Consorte do terceiro escalão, a que está vestida de coral. E a Virtuosa Consorte, do primeiro escalão, é mãe de Wenshuang — explicou Wenzhi ao levantar o jarro de porcelana e encher nossas taças com vinho. — Ter múltiplas consortes é tão comum aqui quanto no Império Celestial.

— Por que se contentar com uma quando há tantas? — Minha pergunta foi mais mordaz do que o pretendido. Não parecia justo;

tantas atendedoras para uma só pessoa, seja rei ou rainha, a menos que fosse por escolha. Porque, se não fosse, esse desespero por afeto e posição não era algo a se invejar.

Os dedos de Wenzhi brincavam com a borda da taça.

— Pode haver um campo de flores, mas eu só preciso de uma.

— Algumas flores têm espinhos — falei, friamente. — Se as arrancar, será furado.

Seu olhar se voltou para mim.

— Essas são as mais preciosas de todas.

Ignorei o acelerar do meu coração, voltando minha atenção para o trono. Uma sombra recaiu sobre nós, então olhei para cima e encontrei um par de olhos amarelos, tão iluminados quanto os de uma serpente. Príncipe Wenshuang. Alguma coisa quente e amarga se acumulou na minha garganta, meu estômago se revirando com violência. A memória veio à tona de como ele havia pressionado o corpo dele contra o meu, de seu hálito tenebroso contra o meu pescoço. Por instinto, minhas mãos procuraram por uma arma que eu não tinha, antes de repousarem impotentes em meu colo.

O manto de brocado do Príncipe Wenshuang brilhava com ametistas, o cabelo amarrado em um ornamento de cabeça dourado. Anéis ornamentados contornavam seus dedos, os mesmos que ele tinha batido contra meu rosto e enterrado na minha carne. O pânico surgiu, mas eu me forcei a controlá-lo. Não me acovardaria diante dele; era *ele* quem deveria correr. Ele havia me machucado quando eu estava fraca e vulnerável, e eu o havia derrotado mesmo assim.

— Nosso pardal retornou — zombou. — Sentiu falta da minha companhia?

Minha mão coçou para bater em seu rosto. Em vez disso, olhei-o com desprezo.

— A carcaça de um rato seria uma companhia mais agradável do que você.

A pele do Príncipe Wenshuang ficou vermelha de ódio.

— Eu poderia mandarem flagelá-la por isso.

— Tente. Mas não se esqueça do que fiz com você *sem* os meus poderes. — Minha voz era dura, não mostrava nem a repulsa nem o

medo que ele instilava em mim.

— Some daqui, irmão. — Wenzhi se estirou inteiro, a voz pesada com ameaça. — Não se esqueça do que fiz com você da última vez, você só está de pé por intervenção do nosso pai. Alertei você na época e alerta agora. Fique longe se valoriza sua vida.

O Príncipe Wenshuang se encolheu ao dar um passo para trás. Havia uma satisfação em mim por vê-lo se afastar sem dizer outra palavra.

— Eu deveria ter protegido você dele.

— *Depois* que droguei você e o deixei para morrer? Que nobre! — Falei com irreverência, tentando me recompor depois do encontro repulsivo.

Ele suspirou e estendeu a mão para mim.

— Só com você, Xingyin. Queria que não houvesse evocado tais sentimentos inconvenientes em mim. — Não me movi, então ele acrescentou: — Em nome das aparências, se não for por outra coisa. Meu pai acredita que vamos nos casar.

Assenti, colocando com leveza minha mão na dele, seus dedos se fechando ao redor dos meus. Minha respiração acelerou ao nos aproximarmos do trono, os guardas se afastando para nos deixar passar, mas nunca desviando os olhares de nós. Seguindo a deixa de Wenzhi, eu me curvei para o rei. Perto assim, sua aura dominava a nossa, escorregadia e opaca como um lago congelado. Ao erguer minha cabeça, meus olhos colidiram com os dele, quase brancos, com a iridescência de pedras opalas. As expressões em seu rosto eram bem marcadas, e seu corpo, esbelto. Ondas finas e avermelhadas formavam seus lábios, que se curvaram em um sorriso sem humor.

— Você é bem-vinda aqui, filha de Chang'e e Houyi. — Seu cumprimento foi cordial e a voz sedosa, mas minhas entranhas se encolheram com o som.

— Obrigada, Vossa Majestade.

Uma das mulheres deu um passo à frente, a Nobre Consorte, mãe de Wenzhi. Alfinetes de jade prendiam rolinhos de seu cabelo preto, ornamentados com correntes de coral que caíam como cascata em seus ombros, o mesmo tom vívido de seu manto. Os olhos redondos eram

do marrom de castanhas, posicionados em seu rosto oval. Apesar da delicadeza de suas feições, uma força silenciosa emanava dela.

Wenzhi se curvou a ela, a voz mais gentil do que jamais usara com o pai:

— Mãe, você está bonita esta noite.

Ela sorriu com alegria para ele, radiante.

— Obrigada, meu filho. Estou contente que esteja aqui. A Virtuosa Consorte disse que você não viria. — A mãe de Wenzhi olhou para a senhora vestida em vermelho atrás dela, cuja boca estava curvada em zombaria.

Eu continuei com uma expressão calma quando Wenzhi apontou para mim:

— Esta é a Xingyin.

— Escutei muita coisa sobre você. — Ela deu uma risada, com graça, não desprezo. Tirou uma pulseira de jade do pulso e a entregou para mim, a pedra de um vívido vermelho translúcido. — Um presente.

— Obrigada, Nobre Consorte. Devo recusar. — Minha recusa pareceu uma grosseria, dissonante da generosidade do gesto.

Ela franziu o cenho ao recolocar a pulseira no braço. Talvez me achasse tímida, ou, o que era mais provável, que eu era mal-educada. Mas eu realmente não a queria. Nunca me sentira tranquila aceitando presentes de estranhos, principalmente quando não sabia seu verdadeiro preço.

— Meu filho lhe falou das minhas condições? — As palavras do rei eram duras como dardos, seu olhar afiado sobre mim.

— Sim, Vossa Majestade, mas não entendo a necessidade dessa união — falei, com cuidado. — Wugang é uma grande ameaça para todos nós. Deveríamos nos unir para derrotá-lo.

Os dedos do Rei Wenming batucavam o braço de seu trono em um ritmo incessante e vagaroso.

— Meu filho compartilhou isso e mais. De acordo com ele, o exército de Wugang é quase invencível, capaz de destruir um imortal com um único golpe de suas lâminas. Podem até ser insensíveis à nossa magia, mas isso ainda precisa ser testado.

Fiquei encorajada por suas palavras. Talvez conseguíssemos convencê-lo da urgência.

— Wugang não procura reinar apenas sobre o Império Celestial, mas todo o Reino Imortal. Ele voltará os olhos para a Muralha das Nuvens também, é só uma questão de tempo.

— Certamente — concordou o rei, com leveza. — Mas os fatos permanecessem os mesmos, você tem um favor a pedir para mim.

Engoli, empurrando o nó em minha garganta.

— Precisamos do Pergaminho do Espelho Divino para pará-lo.

— Você faz soar como um simples pedido. Muitos o procuraram para suas próprias finalidades. O que você pretende fazer com o pergaminho? — Seu tom de voz endureceu, os dedos pararam de batucar. Ele pensava que eu era mentirosa? Que estava planejando com seu filho para usurpar seu poder?

— Se Vossa Majestade me enfeitiçar, posso chegar perto o suficiente de Wugang para acabar com isso. — Não revelei o resto do meu plano, não confiava nele.

— Pai, eu não faria parte disso — enfatizou Wenzhi. — Apenas *você* a enfeitiçaria. Além do mais, Xingyin não tem talento algum em nossa magia, ela não é uma ameaça para você.

— Eu mesmo julgarei isso — disse o rei, erguendo a mão.

Antes que eu pudesse decifrar o significado do que ele dissera, uma luz violeta surgiu da mão do rei em minha direção. Busquei um escudo, tarde demais, pois o golpe me atingiu, duro, como poeira soprada em meus olhos. Eu me contorci quando o desconforto aumentou, ardendo como estilhaços pressionados em meu crânio. Meu coração vacilou, meus dedos se agarraram à minha cabeça, tentando me libertar desse inimigo inesperado, desconhecido e invisível. Reuni meus poderes, batalhando para erguer uma barreira, uma tarefa tão irremediável quanto tentar rebocar porcelana com areia. A força se chocou ainda mais forte contra a minha consciência, a dor apunhalando mais fundo, um grito se formando na minha garganta...

— Pai, chega!

A fúria e o terror na voz de Wenzhi me despertaram da confusão. Sua magia surgiu em uma névoa densa que varreu por mim, soltando

as amarras malélicas da minha mente. Quando ele pegou minha mão, mantendo-me firme, seu poder correu pelas minhas veias com uma força que me reavivou. Minha respiração ficou mais tranquila, mas eu mal podia me mexer, meus sentidos ainda dispersos devido àquela intrusão perversa.

— Traidor! — rosnou a Virtuosa Consorte, apontando para Wenzhi. — Como ousa atacar seu pai, nosso rei?

— Não ataquei. — Wenzhi falou com uma calma inflexível, seus olhos emanando perigo. — Ninguém tem permissão para feri-la, nem mesmo você, pai.

Suas palavras agitaram um calor em mim, junto do ímpeto de desdenhar de sua proteção. Mas fiquei em silêncio por cautela, pois aquele lugar não era menos perigoso do que a Corte Celestial.

— A Virtuosa Consorte faz uma acusação terrível. Deve estar bêbada de vinho — disse a mãe de Wenzhi com um sorriso, ao se curvar diante do rei. — Vossa Majestade, meu filho não o atacou. Ele estava apenas protegendo a garota, sua prometida.

O rosto do rei estava tomado por desprazer ao encarar Wenzhi.

— Vou perdoá-lo desta vez, mas *nunca* mais levante sua mão para mim. Controle melhor seus sentimentos, se pretende governar.

Quando por fim a agonia cessou, eu estava tremendo, curvada por causa da provação. Nauseada, me sentindo violada por dentro. Mas levantei minha cabeça para encontrar o olhar do rei.

— Nunca mais faça isso comigo — alertei, apesar dos vestígios de medo que ainda me assolavam.

O rei sorriu como se saboreasse meu desconforto.

— Ela é forte — refletiu em voz alta. — No entanto, não há nenhum talento em nossa magia, como você disse.

— Da próxima vez, pai, aceite minha palavra em vez de recorrer a isso. — As mãos de Wenzhi ainda estavam cerradas ao lado de seu corpo.

— Confio apenas em meus olhos e ouvidos. Você deveria aprender a fazer o mesmo, já que herdará o trono.

A raiva aumentou porque o rei ousara fazer essa coisa desprezível comigo, sem nenhum cuidado, como se estivesse tirando uma

poeirinha de seu manto. Mordida a língua, amenizando minha raiva, aliviada por não ter revelado meus pensamentos a ele durante nossa breve batalha.

Ele não teria gostado do que veria.

Estremeci ao pensar na infância de Wenzhi: um irmão que o teria assassinado com felicidade, um pai que farejava traição em todos os lugares. Não era de se espantar que ele tivesse se tornado um estrategista tão implacável; havia praticado desde que era criança, contra nada menos que sua própria família!

— Pai, já não provei minha lealdade? — perguntou Wenzhi. — Quero livrar nosso império dessa ameaça, um perigo muito maior do que o Império Celestial já foi.

Silêncio pairou no ar. O rei se recostou no trono, com astúcia nos olhos.

— É um grande favor que me pedem. Como posso ter certeza de que você não é uma espiã Celestial? Já não os serviu antes? — A acusação deslizou para fora, de repente, inesperada.

Tais pensamentos do rei... eu quase sentia falta dos acessos de fúria do Imperador Celestial.

— Vossa Majestade, isto não é um truque. Se eu estivesse mentindo, você não teria sentido? — Um desafio tão sutil que eu esperava que ele mordesse a isca.

Ele balançou a cabeça como quem diz: *Isso não basta*. Equilibrando um cotovelo no braço do trono, descansou o queixo em seu punho. A Virtuosa Consorte lhe ofereceu uma taça de vinho, que ele recusou com um movimento impaciente do pulso.

— O Pergaminho do Espelho Divino é um tesouro precioso do nosso reino. Pode ser usado apenas uma vez. É um feitiço difícil, e cobra um alto preço de quem o utiliza. Você é digna dele? Posso confiar em você, uma forasteira, sem vínculo conosco nem de sangue nem de nome? — Ele falou devagar, ponderando deliberadamente. — Se fosse da família, seria uma questão completamente diferente. Você sabe a minha condição para o pergaminho.

— Por que você quer isso, Vossa Majestade? — Parte de mim temia sua resposta.

A risada do rei soou como pedras raspando umas nas outras.

— Você não tem um império, nem título, apesar de sua linhagem ser forte, como o poder que corre em suas veias. Fiquei sabendo de suas conquistas por meus próprios informantes: sua posição no Exército Celestial, os dragões e, sim, até mesmo sua fuga de nossa hospitalidade.

Quando um riso abafado tomou conta do recinto, Wenzhi girou para trás. Seu olhar os reprimiu com tanta eficácia quanto uma lâmina, mas seu rosto não indicava quais eram seus pensamentos.

O rei se inclinou para a frente, com o olhar fixo no meu.

— Case-se com meu herdeiro, e o pergaminho é seu.

— Não. — A recusa saiu de minha boca antes que eu pudesse impedi-la. Ouvir sua demanda dita de maneira tão implacável mexeu comigo. Mas segurei minhas palavras mais duras, pois não poderia arriscar ofender o rei. Para ele, não era um pedido tão irracional. Filhos de reis e rainhas frequentemente se casavam para agradar às preferências dos pais, fosse para assegurar uma aliança, fortalecer laços ou acalmar antigas rivalidades. Mas eu não era da realeza e nunca fui de obedecer a ordens, principalmente as de monarcas autoritários.

A boca do rei repuxou um sorrisinho ao gesticular para Wenzhi.

— Veja. Meu pedido não é um sofrimento. Não é desagradável olhar para meu filho. Além do mais, ele não lhe é um estranho, você gostava muito dele no passado.

Cerrei meus dentes quando Wenzhi me deu uma olhada de alerta. Não precisava do lembrete dele, eu não me descontrolaria como uma criança petulante.

— Vossa Majestade, você me honra. — As palavras se esmigalhavam como pão duro na minha boca. — No entanto, estou prometida para outro. — Não sofri nenhum remorso por mentir para ele. Ao meu lado, Wenzhi ficou tenso, com rosto impassivo.

O rei deu de ombros.

— Tais coisas mudam com a mesma velocidade que impérios se perdem.

— Cônjuges não são tão facilmente trocados quanto herdeiros. —

Minha resposta furiosa escapou da minha boca.

— Ah, você está errada, minha querida. — O rei mudou de posição, descansando as palmas nos joelhos. — As cabeças dos dois podem ser facilmente descartadas.

A ameaça flutuou pelo silêncio como um tijolo atirado em um lago. O alívio me inundou por Liwei estar esperando no Deserto Dourado, seguro das maquinacões implacáveis do rei.

— Vossa Majestade deve estar errada — tentei novamente. — Não sou um prêmio matrimonial. Não posso trazer poder, nem um império, nem aliados.

— Isso não é bem verdade. — O rei abaixou o tom de voz a um sussurro conspiratório. — Sei quem seu pai é, os dragões que ele costumava comandar, as criaturas paradisíacas que ele assassinou. O sangue e a força dele correm em suas veias.

— Os dragões estão livres de seu vínculo. Não respondem mais a ele. — Levantei a guarda, incerta de suas intenções.

— Tais laços antigos não são facilmente quebrados. Se ele chamar, eles virão. Além disso, a Muralha das Nuvens precisa da força que você pode trazer para nossa linhagem, os filhos que criará.

Enxerguei tudo vermelho quando ele proferiu tais palavras. Não brigaria com ele por isso, a raiva me engoliria se o fizesse.

— A urgência é derrotar Wugang. Agora, antes que ele se torne invencível.

— Talvez ele já seja invencível. — O rei abriu bem as mãos. — Wugang nos ofereceu uma aliança. Seria prudente aceitarmos. Pelo menos por ora.

Olhei para Wenzhi, que balançou a cabeça.

— Meu filho não sabe nada sobre isso. Vou aceitar a oferta do Imperador Celestial recentemente coroado se você recusar a minha. Não tenho amor pelo Império Celestial, fico contente por vê-los derrotados. Mas a ascensão de Wugang também nos ameaça. Não agora, quando há prêmios maiores a perseguir, a joia do Império Celestial. Mas ele procurará novos horizontes em breve, com a insaciável sede de conquista. Ele não ficará satisfeito com apenas um império sendo que há oito.

— Então devemos pará-lo...

— Entre todos os impérios do Reino Imortal, a Muralha das Nuvens é o único que tem a escolha de demorar a agir — interveio o rei. — De estudar o inimigo, fortificar-se quando outros estão enfraquecidos, eliminar inimigos do passado, e atacar quando menos esperado.

— Wugang apenas ficará mais forte — alertou Wenzhi. — Seu exército se multiplicará, nenhum outro o parará, e, quando os outros impérios caírem, seus exércitos estarão a seu comando.

— O que restar desses exércitos. — O rei falou com uma insensibilidade brutal. — Também não ficaremos à toa, nos prepararemos para quaisquer eventualidades. Essa nova ordem deve estar a nosso favor, pois estamos cansados de sermos os párias do reino.

— Pai, você com certeza não acredita que... — protestou Wenzhi.

A mão do rei voou para o alto.

— Já chega. Minha paciência está se esgotando.

Talvez o rei estivesse isolado em seu domínio por muito tempo, sem compreender o perigo para o reino. Ou talvez fosse uma estratégia maléfica para forçar nossa decisão. *Minha decisão*, pensei, irada.

— Se nós formos nos colocar em risco ao desafiar Wugang, precisamos estar bem-posicionados para compartilhar os espólios da vitória depois — declarou o rei. — Não para sermos descartados após nossa utilidade acabar. O Lorde dos Dragões era reverenciado em todos os impérios. Agora que ele retornou, uma união com sua família nos beneficiaria muito.

— Pai, eu lhe falei que não quero isso — disse Wenzhi, sem dar o braço a torcer. — Não dessa forma.

A intensidade de seu tom me pegou. Apesar de suas garantias, parte de mim havia se perguntado se aquilo não era parte dos planos dele. Ele sempre jogava para vencer, usando as regras a seu favor... entretanto, não estava fingindo.

— Não negue que a quer. — As palavras do rei sibilaram como o chocalho de uma cobra. — É *assim* que você assegura um trono; é *assim* que você consegue o que quer. Pensava que você entendia, e foi

por isso que o nomeei meu herdeiro. Eu o perdoei por ter perdido as pérolas dos dragões, mas não me decepcione de novo. — Havia ameaça em seu tom ao adicionar: — Não se esqueça de que tenho outro filho.

— Nunca — cuspi, meu estômago doendo com o pensamento.

O rei recostou no trono, os olhos brilhando como cacos de gelo.

— Sempre há maneiras de garantir sua cooperação.

Lembrei-me do que ele havia feito comigo há alguns momentos. Wenzhi havia prometido nunca usar tal magia em mim, mas seu pai não tinha escrúpulos.

Os olhos de Wenzhi se arregalaram com um apelo silencioso para que eu confiasse nele antes de se curvar ao trono.

— Pai, obrigado por sua sabedoria. Aceitamos sua decisão.

Eu não confiava completamente nele, mas não tinha escolha. Se eu recusasse, ou o rei se uniria a Wugang ou me forçaria a me casar com o Príncipe Wenshuang, um destino pior do que a morte.

Com a vitória em mãos, o Rei Wenming aceitou uma taça de vinho da Virtuosa Consorte, erguendo-a em um brinde.

— O casamento será em três dias.

— Não. — Eu estava desesperada por um jeito de me livrar disso.

— Devemos agir contra Wugang agora mesmo. O casamento pode acontecer depois.

— *Você* não decide isso. Aprenda o seu lugar se deseja um favor meu. Tenha cuidado — acrescentou o rei —, senão três dias se tornam um.

Mordi minha língua, inclinando a cabeça em aparente aquiescência, mesmo quando o desespero me inundava como se eu houvesse sido arrastada para águas muito profundas, e não pudesse mais sentir o chão com os pés.



Não vou fazer isso — falei a Wenzhi assim que entramos no meu quarto. Felizmente, não era a mesma câmara onde eu havia ficado presa antes. Esta era mobiliada em mogno e brocado rosa, com pinturas de nanquim penduradas nas paredes.

Wenzhi fechou a porta atrás de si.

— Xingyin, eu sei que você não quer se casar comigo. Apesar do que sinto por você, tenho orgulho suficiente para não forçá-la a uma união. — Um sorrisinho surgiu em seu rosto. — Tenho certeza de que você transformaria a minha vida em um inferno se eu o fizesse.

Suspirei, liberando um pouco da minha tensão, mas alguma coisa ainda me incomodava. Era ressentimento, por ter sido forçada a isso? Ansiedade pelo que nos aguardava? Puxando um banquinho, me joguei nele, sentindo a cabeça pesar. O rei ordenou que nos casássemos, mas eu não tinha intenção de o obedecer. No entanto, se eu recusasse, ele não nos auxiliaria. Enquanto isso, Wugang estava caçando minha mãe e, em breve, seu olhar se voltaria para o Mar do Leste. O Reino Imortal estava prestes a ser destruído, e nossos caminhos estavam se fechando rapidamente.

— Acha que seu pai se aliará a Wugang, ou é só uma ameaça vazia?

— Meu pai não é tolo. Uma aliança fingida será o suficiente para nos manter em segurança, por ora. — Ele fez uma pausa. — Meu pai está jogando um jogo duplo, do tipo que ele joga melhor. Manter Wugang afastado com promessas vazias enquanto trabalha para avançar em seus próprios objetivos.

— Por que Wugang não os atacará?

— Porque ele preferiria ter um aliado a outro inimigo. O Império Celestial sabe bem que não deve subestimar nossas habilidades de novo; eles não entendem nossa magia. Além do mais, nossos escudos protegem este lugar. Apesar de os soldados de Wugang não terem consciência, há alguma coisa lá que faz com que aceitem seus comandos, e pode ser que consigamos dominar isso, caso haja necessidade.

Analisei seu rosto.

— E por que seu pai está insistindo tanto nesse casamento? Com certeza há outras candidatas mais adequadas por aí!

— Poucos impérios no Reino Imortal considerariam um noivado conosco, uma circunstância pela qual me alegro — disse, com a voz carregada de sentimentos. — Goste ou não, Xingyin, seria uma aliança poderosa para nós, uma que seria mutuamente benéfica. — Ele acrescentou em voz baixa: — E uma que poderia ser feliz.

As palavras dele me atingiram mais profundamente do que eu desejava, uma tentação para aceitar o auxílio oferecido, o caminho mais fácil. Entretanto, além de nosso passado, eu odiaria ser forçada a me casar como se fosse uma moeda de troca. Nunca daria uma chance para uma união amaldiçoada assim. Agora entendo a tensão que estivera sobre Liwei quando ele concordou com o noivado com a Princesa Fengmei, e por que ele foi tão firme na recusa desta vez. Eu não me casaria com Wenzhi, não seria um peão para as manobras vis do rei. Esta era a minha vida, e o amor, ou a promessa dele, era o que dava significado a ela.

— Podemos adiar o casamento, ou tentar conversar com seu pai de novo? — Minha imaginação foi longe. — Fantasiar outra pessoa para completar a cerimônia?

Wenzhi fechou a cara quando se recostou na porta.

— Quando meu pai quer uma coisa, ele não abre mão. E eu não vou me atrelar a uma estranha, nem mesmo por você.

— Foi insensível da minha parte — admiti, por mais que minha cabeça continuasse procurando uma saída. — Você poderia fazer o feitiço no lugar do seu pai?

— Sim, se o estudar. Mas o maior problema seria como conseguiríamos o pergaminho. Preciso pisar em ovos com ele. Se colocar minha posição em risco, minha mãe será abandonada à mercê das outras consortes. A Virtuosa Consorte se tornou detestável após a substituição de seu filho como herdeiro. Ela encontraria uma oportunidade para nos prejudicar.

Em uma família venenosa assim, o lugar mais seguro era o topo. Era por isso que Wenzhi havia ido tão longe para assegurar essa posição. Por que ele se colocaria contra o pai, arriscando tudo? Eu mesma estava relutante quanto a sacrificar qualquer coisa que fosse significativa para mim, fosse minha mãe, minha liberdade ou meu amor.

Mas e se não houvesse escolha? Eu deixaria minha mãe enfrentar Wugang sozinha e sem defesas? Poderia ficar sem fazer nada enquanto Wugang soltava seus soldados por aí? Não. Nunca. Eu não era tão sem-coração, nem descuidada o bastante para arriscar o destino do reino. Quando minha decisão vacilou, eu me repreendi. Deveria haver outra maneira. Se continuasse pensando que não existia nenhuma outra, eu pararia de procurar, e o fracasso com certeza aconteceria.

— E seu *eu* o roubasse? — ofereci, tão desesperada quanto um pescador com a última isca.

— Não vai conseguir. Meu pai fica o tempo todo com o Pergaminho do Espelho Divino. Aqui. — Wenzhi tocou a própria têmpora.

Olhei para ele.

— Como isso é possível?

— Não é fácil — concordou. — Consume uma energia imensa. Apenas os mais poderosos entre nós são capazes disso, e apenas alguns artefatos podem ser escondido dessa forma. Mas é o lugar mais seguro, pois os itens não podem ser roubados nem tomados à força, não sem matar o recipiente e destruir o artefato.

— Por que você não escondeu as pérolas dos dragões assim?

— Ah, eu pensei nisso. Mas ainda bem que não o fiz. Eu poderia estar morto, e não pelas mãos do meu irmão.

Ergui meu queixo.

— Acha que eu teria matado você?

— Sim, talvez sem nem saber. O item fica amarrado com a essência da força vital de uma pessoa, e abrir um caminho até ele a enfraquece tremendamente. — Ele pausou, antes de acrescentar: — Como você já fez uma vez.

Eu havia feito isso para romper o vínculo dos dragões com as pérolas, para libertá-los. A agonia, a perda dolorosa, não eram coisas que eu estava disposta a reviver.

Ele continuou:

— Manter um artefato intacto, protegido da nossa energia interna, consome muito poder. Eu não poderia ter arriscado isso na época, não com o confronto iminente dos Celestiais. A menor falha na minha concentração teria destruído as pérolas, e eu junto delas. É por isso que meu pai não se aventura para fora das nossas fronteiras, por isso que está sempre rodeado por guardas.

— Você poderia ter dado as pérolas para seu pai proteger — comentei.

— A confiança é uma via de mão dupla. Eu sempre montei estratégias e consegui o que queria. Era a única maneira de sobreviver aqui, de me desenvolver. — Ele me olhou nos olhos. — Aprendi muito tarde que havia outro jeito, que a confiança não precisa ser uma fraqueza. Como queria ter sido honesto com você desde o início!

— Teria dado na mesma; eu jamais concordaria com o que você fez. — Falei palavras certas, apesar de a raiva que as deveria acompanhar não existir mais.

— Talvez — disse ele, devagar. — Mas gostaria de pensar que teríamos achado uma maneira, juntos. Que você teria entendido, e que teríamos nos ajudado sem magoar um ao outro.

Eu me endureci.

— Um conto de fadas.

— Minha mãe sempre disse que eu nunca acreditei em contos de fadas. Isso porque eu conhecia os monstros desde que me entendo por gente. — Seus lábios se curvaram em um pequeno sorriso. — Permita-me este pequeno prazer: deixe-me contar o que imaginei nos dias em que me permiti sonhar.

Minhas emoções estavam à flor da pele, uma parte de mim estava curiosa, mas a parte mais esperta estava com medo.

— Você não tem amor pelo Império Celestial — começou ele. — Talvez eu pudesse ter oferecido ao meu pai outra coisa no lugar das pérolas. Talvez eu pudesse ter renunciado ao trono quando assegurasse a posição da minha mãe. Poderíamos ter deixado este mundo para trás e encontrado uma vida para nós, seja no mundo de cima ou no de baixo.

— Você abriria mão da coroa? Depois de tudo o que faz para garanti-la? — Minha voz estava cheia de descrença.

A luz nos olhos dele rivalizava com a da lua.

— Eu abriria mão de tudo por você, é só pedir.

Abriu-se um buraco no meu peito. Mas ele era bem ardiloso, falando o que eu queria ouvir.

— Não vou pedir. — De alguma forma, consegui falar com calma.

— Pois não mudaria nada entre nós.

Uma sombra em seu rosto.

— O que você acabou de falar para o meu pai... você realmente está prometida para o Príncipe Celestial?

— Não. — Não poderia mentir.

Ele se afastou da porta, vindo se sentar ao meu lado.

— Preciso perguntar. Você nos daria uma chance? Poderíamos nos casar para agradar meu pai e obter o pergaminho. Assim que derrotarmos Wugang, teríamos a eternidade diante de nós. Eu a libertaria dos seus votos quando desejasse, seja em um mês, um ano ou uma década depois. Poderíamos viver como você escolhesse, sem fazer nada do que você não quisesse. Farei tudo o que estiver em meu poder para fazê-la feliz, mesmo deixá-la partir quando quiser, porque... eu te amo.

Ele falou de forma clara, pausadamente, com a voz falhando um pouco, e isso me comoveu mais do que qualquer declaração ensaiada. Eu não conseguia fingir ignorância de suas intenções, ele as tinha deixado implícitas de inúmeras maneiras diferentes. Eu tentei evitar, preferindo enfrentar a superfície do que éramos, em vez de arriscar me afogar em suas profundezas mais uma vez.

Outra coisa me atingiu como uma lança, algo inesperado, um pouco de alegria por ele ainda me amar. Entre os destroços de nossos sonhos arruinados restava uma brasa de um fogo que não se apagou, não importa o quanto eu houvesse tentado. Eu o amei, e o odiei; acreditava que o odiaria para sempre. Mas como poderia odiar de verdade uma pessoa que havia me salvado, cuja vida eu havia salvado, a quem eu havia amado? Ao encarar seu rosto, tão sério e solene, senti um calor percorrer meu corpo ao me lembrar do nosso beijo. Além do desejo, havia outra coisa que me apavorava, pois se fosse libertada poderia destruir tudo pelo que eu havia lutado.

Meu coração acelerou, descompassado. Quase me odiei por esses pensamentos, uma traição a Liwei e a mim. Mas eu não poderia negar esses sentimentos, nem sentir vergonha deles, pois eram parte de quem eu era. O coração não pode ser domado por ninguém. Poderiam pensar que estava brincando com os dois. Que eu era egoísta, ou tola? Na verdade, eu sofria também, pois com o coração dividido eu perderia de qualquer forma. Respirando fundo, controlei minhas emoções. Não poderia permitir que essas distrações ofuscassem minha mente ou enfraquecessem minha lógica... fazendo com que eu quisesse coisas que não poderia ter.

— Não darei. — Ignorei a dor no meu peito. — Não temos nenhum futuro juntos.

Ele paralisou.

— Por causa de Liwei?

Balancei a cabeça em negação.

— Porque, não importa o que eu sinta, eu nunca poderia confiar em você de novo, não como deveria.

— Você é impiedosa, Xingyin. — Havia certa tristeza em sua voz.

Ergui minha cabeça.

— Há coisas piores para ser.

O brilho de seus olhos diminuiu, como as estrelas que vão se apagando com o amanhecer.

— Obrigado por sua honestidade.

— Agradeço a você também. — Senti uma pressão repentina em mim, com um vazio por dentro. Uma porta fechada, um caminho não

percorrido. Um futuro que não seria vivido.

— O que faremos agora? — perguntei. — Como persuadimos seu pai a nos dar o pergaminho?

— Meu pai espera um casamento, então nós teremos que lhe dar um. — O sorriso dele não chegou aos seus olhos. — Tente não parecer tão perturbada com o pensamento de se casar comigo, Xingyin. Uma festa de casamento não precisa significar casamento.

DESTA VEZ, NÃO HAVIA uma barreira na minha janela, nenhum guarda na minha porta. Depois que Wenzhi se foi, eu saí para me encontrar com Liwei no Deserto Dourado. O céu estava repleto de faíscas de chama branca, a luz das estrelas irradiando na areia, mas nem elas podiam dissipar o vazio deixado pela ausência da lua. Ao ficarmos lá, uma brisa quente soprou entre as dunas, com uma nota de doçura.

— Casamento? — repetiu Liwei, friamente, as pupilas mais escuras do que a noite. Seu rosto estava ameaçador depois de escutar o pedido do rei da Muralha das Nuvens.

— Ele não vai ceder. É a única maneira de conseguir a ajuda do Rei Wenming — expliquei.

Ele analisou meu rosto.

— É o que você quer, Xingyin?

— Como você pode pensar isso? A última coisa de que preciso é um monarca desonesto ditando meu futuro. É só um jeito de conseguir o que queremos.

— Ou uma desculpa conveniente? Você não parece infeliz, você quebrou nossa união com muita facilidade.

A raiva dele doeu em mim.

— Tentei recusar. O Rei Wenming foi irredutível. Ele ameaçou formar uma aliança com Wugang, e pior.

— Não vá em frente com isso — disse ele. — E se algo der errado?

— Wenzhi prometeu que não me prenderia por nada.

A expressão de Liwei fechou.

— Você não deve acreditar nele.

— Confio no meu instinto, não nele. Ele não quer ser forçado a se

casar comigo também — garanti. — Nada vai dar errado, mas preciso da sua ajuda.

— O que você quiser. — Um leve sorriso se formou em seus lábios. — Seria um enorme prazer incapacitar o noivo.

— Se ele me enganar, eu ajudo você nisso. — Apesar de meu sorriso, não havia graça no meu tom de voz.

Com um passo, ele diminuiu a distância entre nós, me envolvendo em seus braços. Meus olhos se fecharam ao me recostar nele, o calor de sua pele passando pelas camadas de seda. Parte de mim queria que este momento durasse para sempre, só nós dois, como havia sido no Pátio da Tranquilidade Eterna, a fragrância das flores de pêssego no ar, a leveza no meu coração ao acordar todos os dias. Uma alegria pura e descomplicada, um coração não dividido. Como queria ignorar nosso passado, nossas dúvidas e nossos arrependimentos. Os problemas que pesavam sobre mim, o calor da Pena da Chama Sagrada que mesmo agora queimava através dos encantamentos tecidos ao seu redor. Uma batalha constante para mantê-la inteira, para impedir que me destruísse.

— Esqueça-o — sussurrou Liwei, com os lábios no meu cabelo. — Ele não é bom o bastante para você, nunca será.

Lutei contra o ímpeto de abraçá-lo de volta, de amenizar a dor dele e a minha. Para que encontrássemos alegria no pouco tempo que tivéssemos. O sonho da felicidade era ao mesmo tempo uma força e uma terrível fraqueza, e não ousei sucumbir, pois o futuro era muito sombrio. Eu não faria promessas que não poderia cumprir.

Quando me afastei dele, seus olhos se encheram de sofrimento. A dor me quebrou por dentro, se retorcendo afiada, ainda assim me forcei a me afastar, sentindo o olhar dele nas minhas costas. Eu não me virei, por mais que quisesse.

O vento uivou impiedosamente contra meu rosto quando fechei meus olhos, permitindo que as lágrimas escorressem pelas bochechas. Não precisava mais escondê-las, pois ninguém poderia vê-las. Apesar do calor do Deserto Dourado, senti um calafrio percorrer minha pele. Pois uma vida sem amor era uma noite sem estrelas, e apenas a escuridão me aguardava agora.



Três dias se passaram como se fossem três horas, consumidos por planos e preparações elaborados. Não tive muita atuação neles, só assentia quando me perguntavam sobre os bordados do meu vestido, as joias do meu adorno de cabeça ou a comida que seria servida no banquete. Uma noiva muito agradável, e extremamente indiferente. Nesse tempo todo, minha mente estava tomada por pensamentos do que me aguardava, da devastação que enfrentaríamos caso fracassássemos.

O dia do casamento amanheceu cinzento. Não havia alegria em mim, apenas um mau pressentimento, como o momento antes de as nuvens pretas derramarem a tempestade, como quando você tropeça e sabe que está prestes a cair. Encarei meu reflexo na superfície dourada do espelho. O pesado vestido de brocado era de um vermelho vivo, a cor da alegria e da sorte, e do *sangue*, sussurrou minha mente sempre atenta. Fênicas magníficas em dourado e turquesa, e peônias com folhas verde-jade estavam bordadas no tecido. Um adorno de cabeça lindo, enfeitado com flores coral, estava encaixado no meu cabelo, com correntes de pérolas caindo por sobre meus ombros. Sobrancelhas em formato crescente se arqueavam acima dos meus olhos, desenhadas por uma atendente diligente que pouco se importava com as minhas caretas, enquanto meus lábios e unhas eram pintados com um escarlata brilhante. Parte de mim queria rir da futilidade desses esforços, mas meramente cerrei minha mandíbula com frustração. Nada disso nos ajudaria a parar Wugang. Qual a utilidade de me banhar em pétalas de rosas, ou pentear meu cabelo com óleo de

camélia até que brilhasse como um rio de tinta? Era meu casamento, mas eu não era noiva nenhuma.

Uma criada prendeu um quadrado vermelho de cetim acima do meu adorno de cabeça, arrumando-o por cima do meu rosto. Por um momento não consegui respirar, sufocada pelo véu, o peso dos mantos cerimoniais pendendo por sobre meus ombros e o dourado em minha cabeça. A única coisa que eu enxergava era um buraco no chão através da abertura do tecido. Uma criada me segurou pelo braço e me guiou para fora do quarto.

Quatro servos carregavam minha liteira, com as janelas treliçadas cobertas por um tecido grosso. Erguendo o véu, espiei através da cortina e vislumbrei um grande pavilhão com pilares de malaquita que surgiam das nuvens violeta. A luz do sol passava pelo telhado arqueado, iluminando os azulejos. Ao correr os olhos pelos convidados, minhas entranhas se remexeram. Sentei-me novamente para trás no assento acolchoado, com as mãos no colo ao esquadrihar as auras misturadas. Por fim, senti o calor dele. Liwei, no céu, fora de vista. Um pouco da dureza em mim se amainou, ainda que minha cabeça não parasse de pensar em tudo o que poderia dar errado: e se nosso fingimento fosse um fracasso? E se Wenzhi e eu acabássemos casados de verdade? Ele honraria seu voto de me libertar? Se fosse um truque, outra de suas maquinações, talvez eu realmente o matasse desta vez.

A liteira parou de repente, a parte de trás da minha cabeça batendo no painel de madeira atrás. Rearrumei o tecido por sobre meu rosto, sentindo a chegada poderosa da aura de Wenzhi. A cortina se mexeu, depois se abriu, e ele esticou a mão para me ajudar a descer. Dragões dourados estavam bordados na sua manga de brocado carmesim, para combinar com as fênicas na minha. Senti um tremor, meu coração pulsando com tanta força que pensei que fosse explodir. Respirando fundo, coloquei minha mão em cima da dele e desci da liteira.

Caminhamos em direção ao pavilhão em um passo controlado, a fragrância enjoativa do incenso e das flores quase me sufocando. Minhas sandálias de contas esmagavam as pétalas espalhadas pela

passagem, um carpete exuberante de azaleias, camélias e peônias. Uma brisa brincou com meu véu, e suprimi o impulso de arrancá-lo. Por que as noivas tinham que ficar cobertas assim? Seria para não fugirem ao verem seus noivos?

Diante do altar, Wenzhi parou, ajoelhando-se. Afundei-me na almofada de brocado ao lado dele, com o coração acelerado. Três incensos foram colocados em minhas mãos. Três cumprimentos eram tudo o que bastava para nos selar em uma união eterna. Um silvo cortou o silêncio, calor queimou minha mão quando o incenso pegou fogo, uma fumaça cheirosa subindo no ar. Juntos, Wenzhi e eu colocamos os incensos no braseiro de latão.

— A cerimônia terá início — entoou uma voz formal, provavelmente a de um oficial de alto escalão ou um idoso respeitado na Muralha das Nuvens. Quem quer que fosse, eu esperava que Wenzhi o houvesse subornado bem.

— O primeiro cumprimento para o Paraíso e a Terra — gritou o oficial de casamento.

Ao me curvar, o peso do adorno de cabeça o empurrou para frente. Quando me ergui rapidamente, o oficial continuou:

— O segundo cumprimento para os pais e os ancestrais.

Quando nos viramos para o Rei Wenming, fiquei feliz por estar com um véu que cobrisse minha cara fechada ao me curvar. Eu havia dado desculpas para a ausência dos meus pais, pois não daria ao rei mais armas contra mim.

O oficial pigarreou.

— O cumprimento final: um ao outro — gritou, sem nenhum tremor na voz.

Esse era o ato que nos vincularia para a eternidade. Eu deveria ter me posicionado para encarar Wenzhi, mas algo em mim se recusou a mexer, como se eu houvesse me transformado em pedra. Quando os convidados começaram a resmungar por causa do atraso, Wenzhi colocou a mão acima da minha, com o dedão fazendo carinho na minha palma.

— Confie em mim — sussurrou entredentes.

Eu não confiava. Pelo menos, não inteiramente. Mas algo na

intensidade da voz dele fez com que eu me mexesse, dando-me força para me virar para ele. Não era hora de vacilar. Através do véu, vi a bainha de seu manto escarlate, com um bordado iluminado no tecido. Sua aura, tão próxima de mim, era feroz e tranquila, estável e forte. Quando o suor escorreu pelas minhas mãos, lutei contra o ímpeto de enxugá-lo no brocado caríssimo da minha saia. Eu estava tremendo ao transmitir a imagem de uma noiva dócil, ao curvar meu pescoço...

Uma ventania invadiu o pavilhão, farfalhando seda e cetim, a fragrância de azaleias e camélias subiu pelo ar quando o carpete de pétalas foi varrido para cima. Os convidados engasgaram, alguns maravilhados, outros surpresos e irados. Quando meu véu subiu, consegui enxergar algumas pétalas que choviam como uma tempestade de fragrâncias, tocando minha pele nua com a leveza de uma pena. Uma das consortes do rei abriu um leque em frente ao rosto dele para protegê-lo, porém ele a empurrou para o lado com um gesto impaciente. Então Wenzhi já estava erguendo a cabeça quando se levantou com uma ênfase deliberada, e eu deixei meu véu cair de volta no lugar e me ajeitei como se estivesse me erguendo de um cumprimento que não havia feito.

O rito não havia sido concluído, não significava nada. Não estávamos casados.

Fiquei preparada para ouvir reclamações de ultraje, por um comando para que completássemos a cerimônia. Mas nada disso aconteceu. De alguma forma, havia dado certo. O encantamento de Liwei havia proporcionado uma preciosa fraude.

— Com os três cumprimentos, a cerimônia está completa. Que o casal encontre felicidade eterna junto — professou o oficial. — Levante o véu.

O cetim que cobria meu rosto foi retirado com gentileza. Pisquei com a forte luz repentina, meus olhos encontrando os de Wenzhi, que tinham o tom pálido da luz do sol no inverno.

Uma comemoração exuberante veio dos convidados. O sorriso que surgiu em meu rosto não era fingido, meus dedos entrelaçados com os de Wenzhi, a farsa do casal harmonioso. Ele me conduziu ao rei, que pela primeira vez não estava rodeado de seus guardas, com as

consortes sentadas ao seu lado. O Príncipe Wenshuang estava ausente. Foi um alívio notar isso, talvez devido ao nosso último confronto.

O olhar do rei me perfurou. Por um momento, temi que ele houvesse notado nossa encenação, mas depois ele assentiu para um atendente, que se apressou para nos trazer uma bandeja com um conjunto de porcelana de chá com o brasão 囍, representando as alegrias dos recém-casados, embarcados em sua vida juntos. Em nossa situação, não poderia ser menos apropriado.

Ajoelhando-me no chão, segurei a xícara e a ofereci ao rei com ambas as mãos, como ditava a tradição. Ele a aceitou, levando-a aos lábios, embora não tenha bebido. Esperei que ele pegasse o presente de casamento, como era costumeiro. Tipicamente, uma joia ou algo precioso, mas a única coisa que eu queria era o que havia sido prometido. Entretanto, o pergaminho não apareceu, nem ele falou sobre isso, apenas me encarando da borda da xícara.

— Pai. — Vacilei ao pronunciar a palavra. — A cerimônia está completa. Posso receber o pergaminho?

Os convidados trocaram olhares de desaprovação. Eles me julgavam malcriada. Mercenária. Inédito, uma noiva exigir seu presente, mas de que me importavam as cortesias sendo que eu havia sido coagida a essa farsa?

O rei chacoalhou com uma gargalhada contida. Seus olhos brilharam como se houvesse me vencido.

— Por que a pressa, minha nora? Ainda há o banquete e, então, a consumação. Depois disso, farei o encantamento do Pergaminho do Espelho Divino em você quando desejar.

Fiquei com as costas eretas, com um protesto prestes a sair de meus lábios. Antes que pudesse falar, um assobio agudo cortou o ar, passando por mim e acertando o Rei Wenming. Seu corpo sacudiu com violência, seus olhos rodeados de terror ao ver a lança cravada em seu peito, com a ponta molhada de sangue.



Senti um choque perfurando meu corpo todo. Encarei Wenzhi, cujo rosto estava contorcido de horror. Chamando os guardas, ele ficou de pé, agarrando a espada de um soldado que estava por perto ao correr na direção de onde a lança havia sido arremessada.

As mãos do Rei Wenming tentavam estancar o ferimento, agarrando a haste de madeira e arrancando-a de seu corpo. Ela escorregou para fora com um barulho de sucção, a ponta da lança se separando, se dissolvendo em um líquido cinzento que vazou em seu sangue. A arma caiu de sua mão, os dedos amortecidos. Ao seu redor, as consortes pareciam borboletas frenéticas. Apenas a Nobre Consorte, mãe de Wenzhi, teve a sensatez de tentar selar o ferimento, a magia dela escorrendo de sua palma para o corpo dele. No entanto, o sangue continuava a jorrar da abertura, manchado com um uma cor escura, como se um pincel cheio de tinta houvesse corrido por suas veias.

O Rei Wenming rosnou, era um som bestial, a aura dele se alargando com uma intenção assassina.

— Traição — resfolegava, entre respirações ofegantes. — Você... e seus cúmplices. — Quando ele apontou um dedo trêmulo para mim, um feixe de luz violeta surgiu dele, atingindo minha têmpora.

A dor era como a de cem agulhas furando minha cabeça em um ritmo impiedoso. Fiquei de joelhos, arrancando meu adorno de cabeça, puxando os cabelos, todos os nervos do meu corpo pegando fogo, respirações entrecortadas saindo da minha boca. Agarrando-me ao meu poder, montei um escudo para me proteger, rompendo as amarras dele na minha mente, como havia visto Wenzhi fazer. O rei

colapsou no chão, tendo uma convulsão, as consortes chorando abertamente ao se reunirem ao seu redor.

A agonia se dispersou em insignificância, mas eu não conseguia parar de tremer, os ecos de seu tormento reverberando em mim. Respirei fundo algumas vezes, até que meus músculos se acalmaram, a força retornou aos meus braços e pernas. Um pensamento me assolou: não era para eu ter conseguido me libertar do ataque do rei com tanta facilidade. Eu já havia sido pega nessa agonia antes, sofrido com seu imenso poder... o que significava que o rei estava extremamente enfraquecido.

Conforme alguém clamava pelos curandeiros, uma risada que me deu calafrios se ergueu em meio ao caos. Príncipe Wenshuang. Quando ele havia chegado?

— É tarde demais. A lança foi encantada para drenar a energia dele. — O Príncipe Wenshuang falou em um tom monótono ao encarar seu pai, que estava tendo espasmos de agonia.

— Você não tem esse poder. — Wenzhi retornou ao pavilhão, o corpo tomado de raiva.

Um sorriso feroz estampado no rosto do Príncipe Wenshuang.

— Sou capaz de muito mais do que pensa.

— Por que, Wenshuang? — perguntou o rei enquanto se esforçava para se apoiar em um cotovelo.

— Pai — cuspiu, cheio de ódio, sem a máscara de indiferença. — Se é que devo chamá-lo assim, depois de ter me envergonhado diante de todos. Arrancando-me da minha posição, substituindo-me pelo meu meio-irmão. Ele é do povo, enquanto minha mãe é a Virtuosa Consorte de primeiro escalão!

Um lamento agudo cortou o silêncio. A Virtuosa Consorte aparentemente não aprovava as ações de seu filho.

— Isso é desprezível, até mesmo para você. Como ousa? — Os dedos de Wenzhi estavam brancos ao redor da espada.

O Príncipe Wenshuang jogou a cabeça para trás de tanto rir.

— Ah, eu ousaria muito mais, irmão. Ao longo das gerações, muitos reis foram levados à morte por um herdeiro impaciente. O que se senta no trono dita o passado e forma o futuro, e não vou mais

permanecer de escanteio.

— Você se esqueceu de uma coisa. *Você não é mais o herdeiro.* — Wenzhi falou com calma, apesar de seus olhos serem duros como gelo.

O Príncipe Wenshuang balançou a mão em desdém.

— Uma questão menor, que em breve será resolvida.

— Desafie-me se ousa, lute comigo sem se esconder por trás de seus soldados. Mostre a eles quem é apto a governar. Caso contrário, quem vai apoiá-lo? Quem vai respeitá-lo? Um filho sem honra, que assassinou o pai. Que não pode nem manejar a própria espada.

As palavras de Wenzhi foram cuidadosamente escolhidas para atizar a raiva do irmão. Pois os dias em que o Príncipe Wenshuang poderia tê-lo superado já haviam passado há muito tempo, e, como estávamos em menor número, um combate individual seria nossa melhor chance de permanecer vivos.

Os convidados murmuraram, os mais corajosos assentindo em acordo.

Ainda assim, o Príncipe Wenshuang não demonstrou uma gota de preocupação.

— Não venha com seus truques para cima de mim. Já os conheço todos. Não preciso me provar para mim mesmo nem para ninguém. Quem não me obedece o faz por própria conta e risco. Já que nosso pai rejeitou a oferta do Imperador Celestial, ele ficou contente em aceitar a minha. — A boca dele se curvou em um sorrisinho. — Meu trono pela Deusa da Lua. Uma troca mais do que justa. O imperador me deu isso. — Ele chutou a lança ensanguentada para o lado.

— Você calculou muito mal — falei com um sorriso. — Minha mãe não está aqui.

— *Você está aqui, a filha amada. Ela virá. Só tenho que esperar.*

Os guardas nos rodearam, meu humor desaparecendo ao ver as armas apontadas para nós. Agarrando meu poder, fiquei pronta, com a magia nas pontas dos dedos.

— Meus pais retornaram para o Reino Mortal. Eles não voltarão aqui. O que você acha que Wugang fará com você por não honrar com sua promessa? — Nunca antes uma mentira me trouxera tanta satisfação quanto tive ao ver a raiva manchar o rosto do Príncipe

Wenshuang.

— Se for verdade, não há nenhum motivo para manter você viva.

O Príncipe Wenshuang se dirigiu a mim, com a espada apontada para a frente, chamas escarlates escorrendo pela superfície. Amaldiçoando minhas vestes pesadas, desviei, montando um escudo ao meu redor. Ele era realmente covarde, atacando quem estava desarmado. Wenzhi me chamou ao segurar a espada de um soldado que estava por perto, jogando-a para mim pelo pavilhão. Pegando-a com destreza, joguei sua bainha para longe e me protegi do ataque do Príncipe Wenshuang.

Seus golpes choveram com uma força bruta, mas lhe faltava a graça inata de um bom espadachim. Defendi cada golpe, devolvendo-os, seus ataques ficando cada vez mais inflamados. Eu precisava me esforçar para competir sozinha com sua força física e fui arrastada para trás, para fora do pavilhão, para a cama de nuvens violeta. Quando sua próxima estocada começou, desviei para fora de seu alcance, invocando uma rajada de vento que o fez bater contra um pilar.

Ele se levantou depressa, com uma expressão assassina ao movimentar a mão e lançar várias adagas em minha direção. Eu me abaixei bem na hora que um grito furioso irrompeu do pavilhão. Wenzhi, lutando contra os guardas do Príncipe Wenshuang para se aproximar de mim. Com um chute, ele fez um deles voar longe, atingindo outro com sua espada. Ainda mais soldados o rodearam, até que eu não conseguia mais enxergá-lo. Meu coração congelou. Quando dei um passo em direção a ele, um calor lancinante atingiu minhas costas. Engoli um grito enquanto me virava para encarar o Príncipe Wenshuang, minha magia se esforçando para extinguir suas chamas. Quando a energia dele brilhou novamente em seus dedos, espirais de ar voaram da minha palma, arremessando-o de costas no chão. Ganhei um tempo antes que ele se levantasse de novo para me atacar mais uma vez. Desviei da espada dele, que quase me atingiu no rosto. Enquanto ele recuperava o equilíbrio, ataquei, meu pé se unindo ao estômago dele. Uma arfada furiosa saiu de sua garganta e minha energia envolveu sua espada, arrancando-a de seu poder.

Seis dos soldados dele correram em minha direção, atirando gelo e chamas. Reuni meu poder, e uma flecha translúcida passou por mim, atingindo em silêncio um dos que me perseguiam. Olhei para o soldado que se contorcia no chão, preso à flecha de gelo manchada de sangue. A flecha de meu pai.

Mais gritos soaram quando Liwei e meu pai desceram dos céus, com a nuvem acelerando em minha direção. O braço de meu pai se movia tão depressa que era apenas um borrão, cada flecha atingindo o alvo com uma precisão infalível, enquanto chamas se formavam das palmas de Liwei, queimando os soldados. Vários se atrapalharam na fuga, os mais bravos erguendo escudos e se mantendo em seus lugares.

Quando a nuvem deles desceu diante de mim, meu pai esticou a mão.

— Venha, Xingyin! Precisamos partir!

Hesitei. Um passo, e estaríamos livres deste lugar amaldiçoado, meu pai, minha mãe, Liwei e eu. Mas eu não conseguia me mexer, não queria. Se partíssemos... Wenzhi morreria.

— Não posso deixá-lo aqui, cercado de inimigos.

Liwei não tinha nenhuma expressão no rosto ao descer da nuvem, vindo para o meu lado.

— Então lutarei com você.

— Pai, fique em sua nuvem, longe do alcance deles — implorei. — É muito perigoso sem sua magia, talvez não possamos protegê-lo. — Acrescentei essa informação para forçá-lo. Meu pai não era de ficar de fora das batalhas.

Ele assentiu com tristeza.

— Eu lhes dou cobertura daqui. — Erguendo seu arco prateado, outra flecha brilhou entre seus dedos.

Os convidados haviam fugido do pavilhão, correndo por entre as nuvens. Havia gritos, confusos e temerosos. As flechas do meu pai atingiam em rápida sucessão, nossas magias voando pelo ar, batendo contra os escudos dos soldados enquanto Liwei e eu lutávamos para voltar ao pavilhão. Por fim o vi, a figura alta envolta em carmesim, seu manto combinando com o meu.

Wenzhi e o irmão circundavam um ao outro. Havia suor em seus

rostos, luz corria de suas palmas para suas espadas. O Príncipe Wenshuang brandiu a arma em um arco aberto, atacando a cabeça do irmão. Wenzhi conduziu sua espada para cima, para amortecer o impacto. Eles batalhavam, metal contra metal, os rostos cheios de tensão. As mãos de Wenzhi estavam brancas ao redor do cabo, cristais de gelo se formavam ao longo da lâmina enquanto ele avançava, pressionando contra o irmão. O Príncipe Wenshuang cambaleou para trás. Ao recuperar o equilíbrio, ele arremessou uma chama carmesim em direção a Wenzhi, que invocou ondas de água para engolfá-la. A magia deles arqueava pelo ar, deslumbrante e perigosa, suas lâminas se chocando em um ritmo frenético até que minhas entranhas se remexeram com a visão. Apesar de Wenzhi lutar com sua graça e sua habilidade costumeiras, ele defendia cada ataque, amenizando os próprios golpes... sem desejo de matar.

Conforme mais dos soldados do Príncipe Wenshuang avançaram em direção a Wenzhi, canalizei minha magia para invocar um vendaval, empurrando-os para longe. Ao meu lado, Liwei liberou ondas de fogo, mantendo o restante deles distante. Essa luta seria justa, a vitória seria limpa.

Fogo e gelo misturados em uma tempestade infernal. Os combatentes estavam se cansando, a pele brilhando com suor e sangue. Wenzhi ergueu bem alto sua espada e a abaixou no último segundo, dando uma volta para estocá-la na barriga do Príncipe Wenshuang. O sangue escorreu em um fluxo carmesim. O Príncipe Wenshuang gritou, derrubando a espada, e o braço de Wenzhi se abaixou mais uma vez, pressionando a ponta da lâmina contra o pescoço do irmão.

Triunfo correu em minhas veias, agitado com um desconforto. Não era fácil comemorar vitórias manchadas com sangue.

— Vá em frente — rosnou o Príncipe Wenshuang, os olhos apertados com ódio.

Desejei que Wenzhi erguesse a lâmina, para cortar as frágeis veias do pescoço do irmão, para apunhalar a essência de sua força vital. Seu meio-irmão havia envenenado o pai, atormentado Wenzhi, armado contra ele sempre que teve a chance, até tentado assassiná-lo a sangue

frio. O Príncipe Wenshuang merecia a morte. Ainda assim, Wenzhi não disse nada. Sua mão permaneceu firme e seu olhar, rígido.

— Não vou matá-lo. Em nome de nosso pai, eu o exilo pela eternidade. Você não vai levar nada, não se despedirá de ninguém. Vá agora, e nunca retorne.

Não pensei que ele demonstraria misericórdia ao irmão. Eu havia pensado, e esperava, que ele o mataria em uma vingança justa. Depois do ocorrido, ninguém o culparia. Era o que o próprio Wenzhi havia me ensinado, há muito tempo: *Mostrar misericórdia em uma batalha era deixar as próprias costas descobertas*. Uma lição que eu desejava que ele houvesse lembrado então. Mesmo com o pesar em meu coração, uma parte de mim já temendo que essa misericórdia seria sua ruína, um calor inegável se impregnou em mim.

Quando uma arfada surgiu do rei, o rosto de Wenzhi foi tomado de preocupação. Ele se virou, em direção ao pai — um erro, meus instintos gritavam — e o Príncipe Wenshuang correu em direção a ele, rápido como uma serpente dando o bote, com uma adaga em seu punho. O metal tinha um brilho que não era natural, envolto em um líquido, alguma magia maléfica ou veneno. Minha mente congelou, meu braço se voltando para trás ao direcionar minha espada para ele. A lâmina cortou o ar e mergulhou na base do crânio do Príncipe Wenshuang. Seus olhos se arregalaram, um arquejo molhado saiu de sua boca, seu corpo se agitando violentamente antes de cair com tudo no chão. Enquanto o sangue se empoçava, o cheiro metálico de sal e terra se misturou com o dulçor das pétalas esmagadas debaixo de nossos pés.

Adornos de um casamento, agora, agraçando a morte.

Um grito, cheio de angústia. A Virtuosa Consorte correu para o Príncipe Wenshuang, caindo para segurá-lo em seus braços, engolindo soluços de choro. Seu olhar se voltou ao meu, cheio de descrença, a vibração de sua aura se esmaecendo. O choro desesperado de sua mãe me apunhalou. Eu estava tremendo, cheia de remorso, mas o Príncipe Wenshuang havia sido um monstro. Eu não gostaria lágrimas por ele.

Um silêncio sepulcral tomou conta do pavilhão. A maioria dos convidados havia fugido, restando soldados e as consortes chorosas

entre os corpos dos caídos.

O Rei Wenming tossiu, um som sem vigor. Wenzhi se ajoelhou ao lado dele, com os lábios formando uma pergunta que não escutei, mas o balançar de cabeça pesaroso dos curandeiros era uma resposta em si.

O rei segurou a mão de Wenzhi, pressionando-a em seu peito. Os braços dele tremiam, mas as palavras foram claras.

— Meu verdadeiro e leal filho — falou, rouco. — Meu herdeiro e... rei.

Ele então soltou Wenzhi e uniu as mãos, se envolvendo em um brilho repentino. Um selo imperial de jade roxo apareceu em sua palma. Então um anel ônix, uma garrafa encravada em jaspe e, finalmente, os pergaminhos, pedaços finos de bambu dourado enrolados juntos. Os tesouros que o rei havia guardado com seu corpo, com a própria vida.

Os olhos de Wenzhi estavam brilhosos com lágrimas não derramadas ao agarrar os ombros do pai, aproximando-se. O relacionamento deles não tinha ternura nem amor, mas o vínculo de pai e filho era eterno, mesmo quando enterrado embaixo de desconfiança e ressentimento. Os olhos do rei estavam molhados quando viu o corpo do Príncipe Wenshuang, e senti que era luto, não ódio.

As palavras sussurradas que Wenzhi e o pai trocaram, eu não escutei, mas estava sofrendo por ele. Um pai e um irmão perdidos em um dia. Não importa como o trataram em vida, a tristeza era inevitável. Não havia chance de reparar o que fora quebrado, de falar as palavras que curariam as feridas. A morte era a separação final.

Uma sombra caiu sobre mim, olhei para cima e encontrei Liwei. A mão dele pressionando meu ombro em um conforto silencioso, um alívio bem-vindo. Enquanto gritos de agonia vinham das consortes do rei, Wenzhi ergueu a cabeça, olhando-me do outro lado do pavilhão, uma tempestade em sua expressão. Luto batalhando com gratidão, choque misturado com sabedoria.

Ele sabia que não havia sido um acidente, que minha mira fora certa. A morte do Príncipe Wenshuang estava na minha consciência. Isso eu havia feito por mim, e por Wenzhi. O Príncipe

Wenshuang era um verdadeiro demônio, ele nunca teria parado até que um deles estivesse morto. Ele também seria uma ameaça para mim, pois seu ódio era profundo. Então tirei de Wenzhi o fardo de assassinar o próprio irmão.

Ele não havia mentido para mim aquele dia, há tantos anos, na caverna de Xiangliu. Matar realmente ficava mais fácil com o tempo.



Eu estava no pavilhão de malaquita, rodeada por nuvens violeta. Como era diferente, livre da multidão — as pétalas varridas, as manchas de sangue esfregadas do chão de pedra. Meu cabelo balançava nas minhas costas em um rabo de cavalo frouxo, sendo que há apenas poucos dias estava amarrado em um coque com um adorno de cabeça coral e dourado. Eu havia me ajoelhado diante do altar para me casar e, desde então, a Muralha das Nuvens havia enterrado um rei e coroado um novo. Wenzhi se movimentara com uma rapidez implacável, elevando os que haviam sido leais a ele e removendo aqueles em quem não confiava. A mãe dele, a Nobre Consorte, foi elevada a Rainha-viúva, uma posição de autoridade inatingível, abaixo somente da dele. E a Capitã Mengqi, de quem eu escapara no passado, era agora a general que liderava o exército. Eu não fui nem ao funeral nem à coroação. Era melhor que minha existência fosse esquecida, pois era um mau agouro, uma noiva encharcada de sangue.

Como devem ter sentido alívio por eu não ser sua rainha! Nossa farsa de casamento havia sido oficialmente anulada diante da corte. Não fizeram perguntas, pois a deferência a um rei era diferente da de um herdeiro. Um príncipe podia ser questionado, sofrer trapaças, ser suplantado, mas um rei era para ser obedecido.

Não havia tempo para seguir o período costumeiro do luto. Hávamos recebido notícias de que as forças de Wugang estavam avançando em direção à Muralha das Nuvens, se reunindo na fronteira. Que estranhos os rumos que a vida toma. Da última vez em que eu estivera neste lugar, os Celestiais haviam sido meus salvadores e agora... eram

nossa ruína prometida.

Será que Wugang soubera da recente mudança de poder aqui? Improvável, pois Wenzhi havia selado o palácio para evitar que as notícias escapassem. Wugang estava ansioso pelo prêmio que o Príncipe Wenshuang havia prometido a ele? As chaves para o poder infinito seriam uma tentação irresistível. A única certeza era que os impérios estavam à beira de uma guerra.

Sentindo a presença de outros imortais, eu me virei e me deparei com Liwei vindo em minha direção, junto de meus pais. Minha mãe e Shuxiao haviam chegado pouco antes das forças de Wugang terem fechado a Muralha das Nuvens. Um alívio estarmos reunidas, mas ficaria mais tranquila com elas longe, pois este tinha se tornado o lugar mais perigoso no Reino Imortal.

— Wenzhi estudou o Pergaminho do Espelho Divino. Ele o lançará quando eu estiver pronta — falei sem delongas. — Com Wugang tão perto, devemos agir com rapidez. Senti um frio percorrer meu corpo, mas não havia nenhum benefício em temer o inevitável, o melhor que eu podia fazer era me preparar para isso.

Lembrei-me do cenho franzido de Wenzhi conforme inspecionava o pergaminho, segurando os finos bambus embaixo da luz. Ele detestava esse plano tanto quanto eu, mas não havia outro jeito, pelo menos ninguém havia pensado em nada.

— Você precisa ser cuidadosa — me lembrara ele. — Apesar de o pergaminho lhe conferir as características físicas da sua mãe, você precisa pensar em suas ações e palavras. Precisa enganar a mente de Wugang, assim como seus olhos e ouvidos.

Minha mãe pigarreou, os dedos fincados em sua saia.

— Posso fazer isso, se me disserem como. Não se arrisque, sendo que sou eu quem ele quer.

— Não, Mãe — falei, com gentileza. — Sem magia, você não suportará a Pena da Chama Sagrada, não poderá libertá-la. Wugang vai usar o seu sangue para coletar as sementes do loureiro, um ciclo infinito, pois novos florescerão. Mesmo que todo o reino se unisse contra ele, seria tarde demais.

— E quanto a você? E se você fracassar? — pressionou meu pai. —

Wugang não será misericordioso com você.

— Então pelo menos ele não conseguirá as sementes do loureiro.

— Minha voz falhou, mas libertei meu terror antes que ele devorasse minha decisão frágil.

Minha mãe colocou a mão na minha.

— Poderíamos ir embora deste lugar, voltar para o Reino Mortal. Nossa casa de verdade. Não temos que ficar aqui.

Minha mente se permitiu a indulgência de sonhar, uma vida sem as preocupações da descoberta, da captura ou do perigo. Sem o fardo indesejado de ter o mundo em minhas costas, o que não era uma honra. Não era uma vergonha fugir, pois o que eu devia ao Reino Imortal?

Deixei esses desejos perigosos de lado. Era uma tentação abandonar essas questões pesadas nas mãos de pessoas com mais poder. Mas essas eram fantasias de alguém sem vínculos com o mundo. Eram as pessoas que *eu* amava que Wugang caçava, a quem ele havia machucado... e o Reino Imortal havia se tornado nosso lar.

Eu não queria, mas quem mais o faria? Não era arrogância ou orgulho que me impulsionavam, mas o fato irrefutável de que eu sozinha teria melhores chances de enganar Wugang, de levar a pena até perto o suficiente do loureiro, de destruí-lo. Se eu não fizesse nada, perderia tudo, e a todos a quem amava.

Havia sido assim que meu pai se sentira no dia em que saiu para enfrentar os pássaros solares? Sempre acreditei que a grandeza corria em suas veias, que ele era corajoso e sábio, assim como deveria ser um herói. Ele havia sido louvado por sua coragem, mas será que sentira um pouco de medo da morte, de nunca retornar para sua família? No entanto, ninguém mais poderia ter usado o arco, nenhum outro arqueiro teria derrubado os pássaros solares. Se ele não houvesse ido, o Reino Mortal teria sido destruído, junto de minha mãe e de mim.

Talvez, no fundo, o heroísmo fosse uma história mais feia. Palavras como *honra* e *valor* cobriam a necessidade e a verdade nua e crua: não havia escolha.

— Preciso fazer isso. — Analisei o rosto de meu pai, esperando por um sinal de apoio e conforto. Talvez seja o que a maioria dos filhos

procuram, independentemente de idade, essa validação preciosa que apenas os pais podem oferecer.

A testa de meu pai se encheu de rugas, como acontecia quando estava concentrado. Como eu sentia prazer em aprender seus humores e gestos, reunindo esses fios e tecendo-os em um padrão que tomava forma e ia além de um nome em um livro, uma silhueta em meus sonhos! E como ressentia por essa chance ter sido arrancada de mim depois que estávamos finalmente reunidos.

— Filha — disse meu pai. — Eu farei isso. O Pergaminho do Espelho Divino funcionaria em mim também.

Balancei a cabeça em negação.

— Precisa mais do que uma aparência física para convencer Wugang. Você conhece minha mãe como sua esposa, a mortal. Eu a conheço como a Deusa da Lua. Wugang não será enganado com facilidade, mas posso convencê-lo. Não é o que importa em momentos como este? Você não atribui soldados às tarefas que estão melhor equipados para cumprir?

— Wugang vai matar você — choramingou minha mãe.

— Não se eu o matar primeiro. — Ergui minha cabeça. — Não vou morrer, vou *acabar* com isso.

— Como vai impedir que Wugang perceba a Pena da Chama Sagrada? — perguntou Liwei.

Meu sorriso foi brilhante, minha voz infusa com uma falsa confiança.

— Com o mesmo encantamento que me permite carregá-la.

— Não vai dar certo — retrucou Liwei, direto. — Sinto a pena em você agora.

Ele estava certo. Mesmo enrolada nesses encantamentos, o calor radiava da pena em ondas, destruindo o escudo.

— Vou mantê-la aqui. — Toquei minha têmpora de leve, como se fosse simples.

— *Dentro de sua força vital?* Como o Rei Wenming manteve os artefatos? — O tom de Liwei era de incredulidade. — Uma falha, e a pena vai incinerar você.

— Não haverá falhas. — Eu havia me tornado uma boa atriz, meu

olhar era inabalável, meu tom calmo. Porque, se me acovardasse, se mostrasse um fio de incerteza, eles redobrariam os esforços para me impedir. E eu não sabia se tinha a força de vontade de resistir.

Finalmente, ele cedeu.

— Estarei por perto. Se estiver em perigo, vou atrás de você. Os dedos dele tocaram a Gota do Céu em sua cintura, acariciando a pedra clara.

Minha mãe puxou a manga de meu pai.

— Houyi, venha. Vamos.

— Tenho mais coisas para dizer...

— Pode esperar. — A voz dela estava cheia de intenção ao se virar, meu pai a seguindo.

Liwei os encarou.

— Depois de todos esses anos, eles finalmente encontraram um jeito de se reunir. Uma linda história de amor, como diriam os mortais.

— Sim — concordei. — Mas meus pais teriam preferido a alegria sem o sofrimento.

— Nenhum amor é perfeito.

— Somente nos contos de fadas — admiti. — E, se fosse assim com meus pais, ninguém saberia os nomes deles.

— É um preço justo? — perguntou.

— Não para mim — respondi, pensativa. — A fama é como o mundo enxerga você, o que pensam da sua vida. Uma coisa fugaz, tão inconstante quanto fumaça, e tão facilmente remoldada pela malícia.

O rosto de Liwei se fechou — será que lembrava com que rapidez havia sido abandonado e malfadado por sua corte? Eu também não podia me esquecer com que velocidade haviam acreditado nos rumores a meu respeito.

— A verdadeira felicidade vem de dentro, um contentamento com si mesmo. E, embora seja mais silencioso e humilde, não há nada mais precioso e duradouro — acrescentei.

— Nós poderíamos ter isso — disse ele, com gentileza. — Poderíamos ser felizes de novo, se você permitisse.

Eu me delicieei com a visão dele: os planos esculpidos em seu rosto,

a forma como a luz batia em seus olhos, iluminando a superfície escura. Quando veio em minha direção, seu manto chacoalhou na brisa, seu rabo de cavalo brilhoso balançou atrás dele. Ele tinha a mesma aparência de quando nos encontramos pela primeira vez no rio. Tanto havia mudado desde então, mas ele ainda era o mesmo jovem cheio de compaixão, e eu a menina com fogo no coração. Mas, desta vez, as chamas poderiam me consumir.

Abaixei os olhos, ignorando essas lembranças saudosas.

— Vamos viver o hoje, antes de pensar no amanhã. Devemos manter o foco no que está diante de nós.

A mão dele tocou meu queixo, erguendo meu rosto para ele.

— Queria poder dizer para você não fazer isso.

— Fico feliz que você não possa.

Sem palavras, descansei minha cabeça em seu peito, passando meus braços ao redor dele, roubando seu calor por um momento de conforto. Quando ele me apertou com força, meus dedos escorregaram para sua cintura, tocando o orbe da Gota do Céu. Um leve pulsar de meu poder, quase imperceptível, e minha energia foi removida da pedra — rompendo nosso vínculo. Ao me afastar, quebrando o abraço, senti tamanho remorso em meu coração que achei que fosse se despedaçar.

— Não quero perder você — confessou ele em voz baixa. — Estou morrendo de medo.

Havia muito mais que eu queria dizer a ele — garantias tenras, promessas, mas elas ficaram presas em minha garganta. Pois, na verdade... eu também estava morrendo de medo.

O SONO FUGIU DE MIM naquela noite. Pelo profundo silêncio, eu sabia que já havia passado muito da meia-noite e estava mais perto do amanhecer. Levantando-me, cruzei o quarto para abrir as janelas. Quando o ar fresco adentrou, o farfalhar das árvores desconhecidas brincou com os meus ouvidos, minha pele pinicando com desconforto. Senti-me uma criança de novo, com medo dos monstros que se escondiam nas sombras. Mesmo assim, eu queria arrastá-los para o

campo aberto, olhá-los nos olhos, pois nada poderia ser mais assustador do que os pesadelos em minha mente. Não desta vez.

Alguém bateu com delicadeza à minha porta, inesperado para a hora. Uma luz surgiu em minha palma, iluminando uma lanterna, enquanto eu rapidamente vestia um manto amarelo e amarrava uma faixa em minha cintura. Meu cabelo, solto, caía por sobre meus ombros.

— Entre. — Agarrei meu arco da mesa, mais uma força do hábito do que esperando um perigo real.

As portas se abriram, e Wenzhi estava parado na entrada. Abaixei o arco.

— Você tem certeza, Xingyin? — perguntou, sério. — Não faz muito tempo que você queria atirar em mim.

— Não faz muito tempo que você merecia isso e coisa pior.

— E agora?

O tom de voz e a luz em seu olhar mexiam comigo.

— Por que está aqui, Wenzhi? Não tem outras coisas para fazer a esta hora da madrugada, petições para ler, oficiais da corte para aterrorizar? Dormir, talvez?

Levar concubinas para a cama. O pensamento indesejado surgiu, e eu o descartei imediatamente.

— Sem dúvidas — concordou, recostando-se no batente. — Há muitos outros lugares onde eu *deveria* estar, que seriam bem mais receptivos do que a sua frieza.

— Talvez você devesse procurar por eles — falei, fechando a porta, mas a mão dele segurou o painel de madeira.

Só então notei suas vestes, não acostumada a vê-lo em tais finesses. Seu manto de brocado verde-musgo estava bordado com dragões que surgiam de espirais de névoas de seda, um cinto de elos de prata amarrado em sua cintura. Havia uma coroa em sua cabeça, diferente da de seu pai, um adorno esculpido com ouro e uma esmeralda.

— Também não consegui dormir — confessou. — Você viria comigo?

Hesitei.

— Está tarde.

— Não é longe — garantiu.

Quando assenti, afastando-me da entrada, ele adentrou meu quarto e foi em direção à janela. Já havia uma nuvem esperando ali, como se ele soubesse que eu concordaria.

— Por que não pela porta? — perguntei.

Ele torceu o nariz.

— Não sou o meu pai. Não quero nem preciso de um guarda atrás de mim o tempo todo.

E havia poucas ameaças com as quais ele não conseguiria lidar por conta própria.

Ele pulou a janela, caindo na nuvem. Não segurei a mão que ele me ofereceu, agarrando a moldura de madeira ao pular. A nuvem voou alto, circundando o palácio, o vento levando meus cabelos. Quando paramos, virei-me para ele, com as sobrancelhas arqueadas.

— O telhado?

— Sei da sua adoração por eles — disse ele com leveza.

Algo se apertou em meu peito. Ele se referia às vezes em que encontrei consolo no telhado do Palácio de Jade, encarando o céu, com saudades de casa. E foi também onde trocamos juras de amor, e onde eu quase atirei nele para poder escapar. Deixei o passado de lado, tanto o que era bom quanto o que era ruim, pois, com o futuro tão incerto, não haveria lugar para ele naquele momento.

As telhas ali eram encravadas com uma pedra iridescente que brilhava como se houvesse sido mergulhada no arco-íris. Mas a verdadeira beleza deste lugar estava no horizonte sem-fim que o circundava. Lanternas iluminadas flutuavam pelo ar, carregadas por alguma brisa encantada. Os telhados arqueados dos prédios de baixo brilhavam como joias. E, para além do banco de nuvens cinza-violeta, curvava-se o Deserto Dourado, como se fosse um céu estrelado.

O vento brincava com o cabelo de Wenzhi, derrubando longas mechas em seu rosto.

— Obrigado por vir comigo. Era aqui que eu vinha sempre que desejava ficar sozinho. Queria trazer você aqui há muito tempo, mesmo antes de saber o que significava.

Ele se abaixou em direção às telhas, descansando um braço em um

joelho erguido. Embora sua expressão sempre fosse indiferente e impossível de ler, havia uma nova gravidade em seu rosto.

— O que está te incomodando? — perguntei.

— Eu queria ser rei desde que meu irmão começou a atormentar a mim e àqueles com quem eu me preocupava. Cada insulto e cada mágoa me levaram a buscar o favor de meu pai, sob quaisquer meios necessários.

Ele falava tão raramente do passado dele. Apenas uma vez até então, quando eu ficara sabendo de sua armação. Eu não queria escutar naquele dia, nada poderia ser uma desculpa para suas ações. Desta vez, escutei sem ressentimento ou raiva, e, pela primeira vez em um bom tempo, sem procurar mentiras em cada palavra.

— Meu pai não era nem carinhoso nem gentil, mas era mais ambicioso do que cruel, sempre nos forçando a dar nosso melhor. Em partes porque ele se lembrava de como era quando ele era fraco e sem trono, o exilado do Reino Imortal. — Seus olhos se escureceram. — E agora ele está morto e eu visto a coroa. Não há triunfo nenhum nisso. Ainda que fosse inevitável, nunca quis passar por cima do sangue da minha família pelo trono.

— Nada pode mudar isso — falei, em voz baixa. — Você será um bom rei. — Não era palavras vazias de consolo. Os soldados Celestiais tinham reverenciado, respeitado e amado Wenzhi. Uma rara combinação que poucos governantes conseguiam.

Ele fez uma pausa.

— Há outro motivo para eu ter vindo. De alguma forma, a notícia das mortes de meu pai e meu irmão se espalhou. Wugang exigiu que entregássemos sua mãe. Se concordarmos, ele nos deixará em paz. Se não, ele ameaçou uma retaliação rápida.

— O que você vai fazer? — O que ele *poderia* fazer? A responsabilidade de um monarca era com seu reinado. Wenzhi sempre deixara claro quais eram suas prioridades, e o que eu era para ele? Nem uma noiva falsa eu era mais.

— Meus conselheiros querem ceder. Antes, os olhos de Wugang estavam voltados para longe. Ele não teria nos atacado enquanto prospectos mais atraentes estivessem diante dele, enquanto ele

acreditava que nos aliaríamos a ele. Mas isso mudou.

— Você vai nos entregar? — Eu não achava que ele fosse nos trair, mas que não poderia mais nos abrigar, que não poderíamos mais contar com seu auxílio.

— É o que meu pai teria feito. Não estamos preparados. Um ataque agora seria catastrófico. Deveríamos ganhar mais tempo para que pudéssemos atacá-lo outro dia.

Um buraco se abriu em meu peito, porém eu não deveria ter esperado mais. De qualquer forma, eu tentaria argumentar com ele, como faria com qualquer outra pessoa.

— Você nunca foi de aceitar uma vitória rápida em troca de um esquema mais grandioso. Render-se a Wugang não é a resposta.

— Você não entendeu o que eu quis dizer — disse ele. — Foi o que me aconselharam a fazer, o que meu pai teria feito, mas não é o que eu farei. Entregar sua mãe só nos daria um alívio temporário, pois deixaria Wugang invencível. Ele vai acabar com o Reino Imortal como uma praga, e, quando o reino estiver infértil, ele nos devorará. Pode ser um aliado no momento, mas sem dúvidas é um inimigo futuro. Meu pai percebeu isso também, e foi por isso que ele preferiu nos abrigar, apesar de também poder negociar com Wugang para seu próprio benefício. — Seu olhar sustentou o meu. — Mas não é o único motivo. Confesso, *você* é um estímulo poderoso para pensar em outro plano.

Fiquei paralisada mais uma vez, deixando meu coração amolecer.

— Pode ser uma oportunidade. Talvez possamos usar disso para nosso benefício.

Ele assentiu com relutância, pois havia pensado nisso também.

— Não quero fazer isso. Será perigoso.

— Sim — concordei. — Mas menos do que deixar a violência de Wugang desimpedida. — Ainda assim, era muito cedo. Eu não estava pronta... se é que algum dia estaria. — É o melhor caminho. Não posso aparecer em uma coincidência inexplicável, Wugang suspeitaria imediatamente de um esquema. — Falei depressa antes que o terror me calasse. — Faça o que é esperado de você, o que qualquer governador cauteloso faria ao enfrentar essa ameaça. Entregue minha

mãe. Mas serei eu no lugar dela. Deixe que Wugang pense que nos tem onde ele quer, que a vitória está a seu alcance. Isso o fará sentir uma falsa segurança e...

— Você o fará pagar — Wenzhi terminou a frase por mim, com uma expressão dura. — Mas Wugang não cairá com facilidade. Ele acredita que eu, diferentemente de meu pai ou irmão, não aceitaria uma aliança com ele. Ele sabe que eu jamais entregaria a Deusa da Lua por vontade própria, pelo simples fato de ela ser sua mãe.

Eu me lembrei do que Wugang dissera diante de nós, do olhar de conhecimento que lançou a mim e a Wenzhi.

— Não vai dar certo se Wugang suspeitar, se testar meu disfarce. E se você recusar os termos dele? Faça com que um de seus cortesãos ofereça a informação a Wugang em troca de uma recompensa. Eu poderia permitir que ele me capturasse, que ele me levasse ao loureiro.

— Uma ilusão, espelhando o que ele espera. — Ele assentiu. — Pode ser que dê certo. De qualquer forma, precisamos preparar nossas forças para lutar contra ele, em parte para que nossa história bata, em parte para nos defendermos. Acredito que ele esteja falando sério sobre nos atacar. Há soldados demais reunidos na fronteira para isso ser uma simples excursão.

Ele falava a verdade, mas a ideia de uma batalha revirou meu estômago.

— Seria prudente. Também distrairia Wugang e dividiria suas forças, para manter sua mente ocupada a fim de que não questione ou analise nada de muito perto. Ele estará impaciente para coletar as sementes e selar sua vitória, e é aí que jaz sua fraqueza. — Franzi o cenho com outra preocupação. — Como você vai aguentar o exército dele? Precisa de aliados.

— Enviaremos pedidos para os outros impérios. No entanto, ficamos isolados por tanto tempo que duvido que alguém atenderá a nosso pedido.

— Um inimigo em comum torna adversários aliados. — Assim como eu estava protegendo os mesmos soldados contra os quais havia batalhado antes.

Com quem mais poderíamos contar? Os dragões não eram uma arma de guerra, mas poderiam ser inestimáveis na defesa. Seu apoio poderia trazer o Mar do Leste para o nosso lado, embora sua corte estivesse em luto profundo. O Mar do Sul havia declarado sua aliança quando tentaram nos capturar para ganhar o favorecimento de Wugang. Não tínhamos contato com os mares do Norte e do Oeste, e não havia tempo hábil para cultivarmos relações. O Império da Fênix sempre fora um firme aliado do Império Celestial, mas precisávamos avaliar se a lealdade estava com a família que governava ou com o império em si. Caso eles se unissem a Wugang, seria um golpe duro.

— Vou enviar notícias para o Príncipe Yanxi, e Liwei para a mãe. Talvez ela possa convencer a Rainha Fengjin — falei.

Ele se levantou e inclinou a cabeça.

— Eu agradeço. Peço desculpas por perturbar seu descanso. Deixe-me levá-la de volta.

Quando nossos olhares se encontraram, um suspiro escapou dele.

— Prometi a mim mesmo que não diria nada, você já fez sua escolha. Mas eu nunca vou me livrar de você. Talvez essa seja a minha penitência.

— Não lhe desejo isso. — Eu me aproximei para ficar ao lado dele, ignorando a dor que pulsava em mim. — Somos amigos, afinal. Queremos o melhor um para o outro.

— Amigos? — repetiu ele, depois de uma pausa. — Sim, sua amizade é bem-vinda. Qualquer parte sua que escolha dividir comigo será bem-vinda.

Antes que eu pudesse responder, ele me segurou em seus braços, sua pele, geralmente tão fria, queimando-me. Não protestei; fechei os olhos, inalando o perfume que exalava de sua pele. Quando o abraço se afrouxou, havia uma lágrima em meus olhos, então pisquei para afastá-la, uma parte de mim estava de luto pelo fim de algo precioso... que nunca teve uma verdadeira chance de começar.



As nuvens flutuavam baixo nos céus por conta dos imortais voando pelo paraíso. Havia uma tempestade se formando no horizonte, não de vento ou chuva, mas carregada de derramamento de sangue e traição, pesada com rancores antigos. O Império Celestial havia sido derrubado por um ser de herança mortal, e a Muralha das Nuvens estava defendendo aqueles que os expulsaram de seu território. Os Quatro Mares estavam mais uma vez divididos, antigas alianças quebradas e novas formadas em um espaço de dias. Era como se o mundo houvesse sido virado de ponta-cabeça e chacoalhado. O Reino Imortal talvez nunca voltasse ao que era, e eu não percebia o quanto me arrependia disso até enfrentar a perda.

Liwei e eu voávamos alto pelas Montanhas Cerúleas, cumes irregulares que ficavam ao norte da Muralha das Nuvens e a oeste do deserto. A luz do sol reluzia na armadura dourada de Liwei, enquanto eu usava apenas um manto azul-escuro, com meu arco preso em minhas costas. Atrás de nós, voava Shuxiao, junto de minha mãe e meu pai.

Wenzhi já estava lá com seus soldados, trabalhando para reforçar os escudos antes do confronto que se daria. Enquanto ele voava em nossa direção, a luz dançava em sua armadura preta com brilhos bronzeados. Sua grande espada estava amarrada ao lado de seu corpo, uma longa capa voando de seus ombros.

Quando sua nuvem nos alcançou, ele inclinou a cabeça em cumprimento.

— Esperamos que as forças de Wugang nos ataquem em breve.

Amanhã, ou no dia seguinte.

— Há notícias dos outros impérios? — perguntou Liwei.

— Não. Talvez não venham — respondeu Wenzhi, os cantos de sua boca se estreitando.

À distância, os soldados da Muralha das Nuvens haviam se reunido, lançando uma sombra por sobre as pálidas areias abaixo. Havia incutido tanto terror em mim antes, e agora eu desejava que houvesse mais deles. *Não é o suficiente*, sussurrou minha mente. Não era o suficiente para sobreviver aos soldados mortíferos de Wugang, ao vasto exército branco e dourado que espreitava como uma serpente monstruosa na fronteira entre deserto e nuvem.

O vento ficou mais forte, chicoteando meu cabelo na minha bochecha. Ao colocá-lo para o lado, percebi o brilho no horizonte. Soldados em armadura azul e prata, voando em nossa direção, liderados pelo Príncipe Yanxi. Um buraco se abriu em meu peito com a memória da última vez em que o vi, segurando o corpo do irmão em seus braços. A expressão do Príncipe Yanxi estava fechada, mas ele cumprimentou a Liwei e a mim com gentileza. No entanto, endureceu ao avistar Wenzhi.

— Sua Majestade. — Falou com uma formalidade fria, e fiquei espantada ao escutar Wenzhi sendo tratado assim. — O Mar do Leste não marcha em nome do Reino dos Demônios. Estou aqui para vingar meu irmão.

Wenzhi inclinou a cabeça.

— De qualquer forma, seu auxílio é bem-vindo. Não precisamos ser amigos para sermos aliados.

Gritos agudos irromperam, acompanhados de uma mudança no ar. Soldados em armaduras bronze voavam pelos céus, montados em fênicas magníficas. Elas deixavam um rastro de faíscas carmesim, a plumagem tão brilhante que parecia envolta em chamas, com arco-íris se agitando de seus rabos. No meio deles apareceu a Imperatriz Celestial; ela sempre seria a imperatriz para mim, tivesse ela um trono ou não. Quase não a reconheci, a determinação estava clara em seu rosto, sem a malícia ou a tensão habituais. Seria um vislumbre de quem ela havia sido antes? A amargura dela havia crescido com a

desilusão de seu casamento, de ter as asas cortadas pela vida no Império Celestial? Isso não fazia com que eu gostasse mais dela, mas talvez a entendesse um pouco melhor.

A imperatriz parou perto de nossa nuvem, descendo de sua montaria com facilidade.

— A Rainha Fengjin se juntará à nossa batalha contra o vilão Wugang — anunciou, com orgulho.

— Somos gratos pela ajuda dela — disse Liwei, e acrescentou: — Como somos pela sua, Mãe. Você deve ter feito ela mudar de ideia, porque a rainha não parecia disposta a nos ajudar antes.

— Wugang deve ser impedido. — Ela lançou um olhar contundente a Wenzhi. — Não fiz isso por *você*; eles não lutam pelos Demônios. Não me importo nem um pouco com o que acontece com o seu império maldito.

Os olhos de Wenzhi brilharam.

— Nem eu com o que acontece com o Império Celestial, pois ele já ruiu.

Quando os lábios da imperatriz formaram um rosnado, Liwei pigarreou.

— Não vamos ganhar nada insultando uns aos outros. Ficamos felizes com os reforços.

— Isso mesmo. — Um sorrisinho zombeteiro se formou nos lábios de Wenzhi. — Somos muitos sortudos por, apesar de sermos odiados pelo Reino Imortal, Wugang ser *mais* odiado ainda.

— E deveriam, pois Wugang é a maior ameaça que já enfrentamos — disse meu pai, pulando da nuvem de Shuxiao para a nossa. Seu arco estava em suas costas como um crescente de prata. Minha mãe vinha logo atrás dele, pálida e esgotada.

— Você está bem o bastante para estar aqui? — perguntei, preocupada, para Shuxiao.

— Bem o bastante e entediada o bastante. Qualquer coisa seria melhor do que outra semana deitada, sendo alimentada com uma mistura herbal. — Ela deu de ombros, cruzando os braços. — Os dragões são sábios e poderosos, mas seus remédios têm gosto horrível.

— Remédios amargos são melhores do que ferimentos fatais. —

Analisei os exércitos, aliviada, e ainda assim nunca estive tão desanimada. Quantos estariam em pé ao final da batalha? Quantos retornariam para suas famílias? Não haveria misericórdia por parte de Wugang e seus soldados; acho que não seriam capazes disso.

Meu olhar se voltou para o mar de nuvens do outro lado da montanha, o lugar que eu havia evitado examinar muito de perto antes. Os soldados de Wugang, uma floresta deles, brilhavam como a luz do sol em cima da neve. Ao lado deles estavam as tropas turquesa do Mar do Sul. Diziam que a Rainha Suihe tinha um talento para escolher o lado vencedor, e eu esperava que desta vez ela estivesse errada. Havia outros soldados também, que eu não reconhecia, em armaduras cobre e verde.

— Os mares do Norte e do Oeste vão batalhar contra nós — observou Liwei, tenso. — Não eram nossos aliados, mas isso é um golpe. Eu esperava que ficassem de fora do confronto.

— A Rainha Suihe deve ter conquistado seu apoio para Wugang durante a reunião dos Quatro Mares — falei.

— Antes do início da batalha, devemos fazer uma coisa — disse Liwei. — Precisamos que alguém que esteja familiarizado com o Palácio de Jade resgate meu pai, o General Jianyun e os outros cortesãos aprisionados por Wugang. Caso contrário, correrão grande perigo e serão usados como reféns.

Shuxiao se curvou:

— Eu vou. O General Jianyun foi gentil comigo, com todos nós sob seu comando.

— Alguns de nossos soldados podem acompanhá-la. — Wenzhi gesticulou para a imortal ao lado dele, que deu um passo à frente e se curvou. Quando a General Mengqi voltou à posição ereta, ela me encarou de maneira sinistra, sem dúvidas lembrando-se de que eu a havia enganado antes.

— General Mengqi, reúna um grupo para ir ao Palácio de Jade — ele a instruiu. — Shuxiao, ex-tenente do Exército Celestial, os liderará.

Os lábios da general se apertaram ao analisar Shuxiao.

— Vossa Majestade, ela é competente? Não vou arriscar nossos soldados à toa.

— Tão competente quanto você — respondi, com um rancor em minha voz. — E não é tão facilmente enganada. — Uma provocação besta, mas eu não ficaria calada vendo meus amigos sendo insultados.

Os olhos de Shuxiao se apertaram.

— Quando isso acabar, você pode testar a minha competência com qualquer arma de sua escolha.

Para o bem dela, eu esperava que a General Mengqi não escolhesse o arco.

— Que infantilidade. Não se envolva em impulsividades quando as vidas dos meus soldados estão em risco. — O olhar da General Mengqi era ameaçador, mas cheio de conjecturas.

Shuxiao deliberadamente deu as costas a ela.

— Xingyin, cuide-se. — Ela realmente estava preocupada, e lançou um olhar de relance para a minha mãe.

Segurei as mãos dela.

— Você também. Nos vemos quando você voltar.

— Até lá! Vamos contar as histórias tomando uma taça de vinho.

— Você já está pronta ou tem mais adeus a dar? — perguntou a General Mengqi com rispidez.

Os lábios de Shuxiao formaram mais uma careta do que um sorriso.

— Estou começando a me arrepender. Batalhar contra Celestiais mortos-vivos seria melhor. — Negando com a cabeça, ela seguiu a General Mengqi. As duas ficaram distantes ao subir em uma nuvem, voando por cima dos soldados da Muralha das Nuvens.

O sol se pôs, uma calmaria caindo por sobre nós, cheia de melancolia e um pouco de alívio. Não haveria confronto esta noite. As batalhas eram uma coisa matutina, o que oferecia a doce promessa da glória, o amanhecer da esperança. As noites eram feitas para se esconder nas sombras e tratar das feridas, para choros reprimidos e medos correrem livres... e para ações traiçoeiras escusas.

Wugang apareceria atrás de minha mãe em breve. Com a batalha prestes a ocorrer, ele precisaria de uma colheita fresca de sementes do loureiro para restabelecer suas forças enfraquecidas. Havia pavor nessa espera, não porque eu estava faminta pelo perigo, mas porque

estava muito nervosa. O calor da Pena da Chama Sagrada escapava de minha bolsa, irrompendo das barreiras tecidas ao redor dela. Eu não sabia por mais quanto tempo poderia sustentar essa quantidade de energia necessária — lutar para manter a farsa.

— Mãe, precisamos colocá-la em algum lugar seguro — falei, para ativar o apetite dos espiões de Wugang. Os cortesãos da Muralha das Nuvens já haviam sido enviados para entregar a localização de minha mãe a Wugang em troca de uma posição favorecida. Uma mentira que escondia outra mentira.

Minha mãe e eu voamos de volta para o palácio da Muralha das Nuvens, chegando ao quarto dela. Era elegantemente mobiliado com mogno, a madeira escura adornada com madreperla. Incensários de bronze estavam dispostos na entrada, e eu havia me acostumado com o perfume intenso.

Ela me ajudou a vestir suas roupas, envolvendo o manto de seda branco por cima dos meus ombros, amarrando a faixa vermelho-vivo em minha cintura, e então prendendo nela alguns de seus ornamentos de jade. Por fim, fez um coque no meu cabelo, prendendo-o com grampos dourados antes de depositar uma peônia vermelha acima da minha orelha.

O peso no meu peito aumentou. Foi a familiaridade de seus gestos que mexeu comigo? Era como se eu fosse criança de novo, sendo vestida por ela. A vida então parecia muito tranquila, era mais como atravessar um rio boiando do que batalhar contra essas águas turbulentas.

— Ping'er não ia querer isso. — Os olhos de minha mãe estavam brilhosos com lágrimas não derramadas. — Ela não ia querer que você se arriscasse assim, nem para vingá-la. Ela só queria que você fosse feliz e estivesse em segurança.

Senti um aperto na garganta.

— Não se trata só de vingança, isso é maior do que todos nós. Quero que Wugang pague pelo que fez, mas, mais do que isso, eu *preciso* lutar com ele. Ele é um tirano, um louco implacável, que só pensa em enviar seu exército para uma matança sem fim. Ele já matou muita gente, e vai matar muitos mais se não for impedido. Que futuro

nos aguarda sob seu reinado? — Virei-me para olhá-la nos olhos. — Eu achava que o mundo exterior não importava, desde que nos deixassem intocadas. Eu me orgulhava de não sentir o peso das inconveniências da honra e da ambição, importando-me só com a minha casa, minha família e quem eu amava. Eu estava errada. — Minha voz falhou. — Os problemas chegaram até nós, por mais que tenhamos tentado nos manter afastadas. Nossa casa foi tomada. Nós fomos caçadas. Perdemos quem amamos.

O mal deve ser cortado pela raiz. As palavras do Dragão Longo ecoaram em minha mente.

Minha mãe pressionou a palma da mão em minha bochecha e eu me recostei nela. Ela não falou nada, o amor fluía de seu rosto, derretendo um pouco do gelo no meu coração.

Uma batida à porta quebrou o momento de ternura. Quando meu pai, Liwei e Wenzhi entraram, fiquei em pé e agarrei meu Arco Dragão de Jade. Ele vibrava com uma energia frenética, como se sentisse minha intenção. Será que ele esperava por isso o tempo todo? Estava apenas sob minha custódia? Não importava. Eu já devia ter feito isso antes, mas havia sido muito egoísta, ficado aliviada até, quando meu pai recusara antes. Abrir mão dele era dolorido, mas eu não precisava dele para onde estava indo, e ficaria feliz por finalmente reuni-lo com seu verdadeiro dono.

— Pai, isso é seu. — Eu me curvei, erguendo as mãos, para oferecer o arco a ele.

Ele recusou.

— Fique com ele, Xingyin. Não preciso dele.

— O Arco Dragão de Jade pertence a você — repeti. — Você precisa ficar com ele. O Fogo do Céu pode derrotar os soldados de Wugang. Use-o para manter você e minha mãe em segurança. Tenha cuidado para não se exaurir. — Então parei, estava me sentindo um tanto tola por estar tentando ensinar um peixe a nadar. Essa arma era uma extensão de seus braços.

Ele não se mexeu para pegá-lo, mas a perseverança era um traço em comum entre nós. Segurando sua mão, forcei seus dedos a se abrirem para enfiar o arco nela. A jade brilhou, uma luz cobriu toda a

extensão do arco, partindo de nossas mãos unidas, como da primeira vez em que eu havia tocado nele, minha pele ficando fria, então quente. O dragão entalhado se contorceu e estremeceu antes de ficar parado de novo.

E então, sumiu — a atração que eu sempre sentia vindo do arco. Soltei, deixando-o nas mãos de meu pai. Uma dor me tomou, como se eu houvesse dado adeus a um amigo querido; não achava que sentiria tanto assim. Empunhar o arco fazia com que eu me sentisse especial. Poderosa. Forte. Mas eu não precisava dele para *ser* nada disso.

— Os soldados de Wugang estão a caminho. Precisamos nos apressar — disse Wenzhi.

Quando assenti, ele tirou o pergaminho da manga, desenrolando o bambu amarelo, revelando inúmeros caracteres minúsculos. Quando ele passou a mão por cima, cheio de poder, os caracteres pularam do pergaminho, pairando no ar como mariposas escuras.

— Esse encantamento só pode ser feito uma vez — alertou ele, segurando com firmeza minhas mãos.

— O que devo fazer? — perguntei.

— Olhe para sua mãe. Grave o rosto dela em sua mente — instruiu.

Estudei seus olhos estreitos abaixo de suas delicadas sobrancelhas arqueadas. Pele da luz da lua, cabelo da noite. Quando eu era jovem, queria me parecer com ela, e agora isso poderia ser minha morte. O poder de Wenzhi pulsou de seus dedos, a energia percorrendo meu corpo com a força de uma tempestade. As pinceladas pretas dos caracteres se quebraram, circundando-me como uma corrente, rodopiando por meu corpo, tomando conta de meus braços, de minhas pernas e de meu rosto antes de se acalmarem, a um pulsar de penetrarem em minha pele como tinta derramada. A dor foi intensa, como se as palavras estivessem sendo entalhadas em minha pele. Um rugido escapou de minha garganta, suor escorrendo em minha testa.

Wenzhi segurou ainda mais forte em minhas mãos.

— Devo parar?

Neguei com a cabeça, apertando os dentes.

— Continue.

A dor foi aumentando até que respirar se tornou difícil demais. Ela irrompia de cada poro no meu corpo, minha pele, ossos e dentes, apertava, esmagava e queimava como se eu estivesse sendo refeita, moldada de barro e forjada em um forno... como aqueles soldados de que Wugang havia falado, que faziam a guarda da tumba do imperador mortal. Bem quando eu não suportava mais, um grito subindo em minha garganta, a agonia diminuiu, deixando um pulsar tranquilo em meu corpo e um retesar que não me era familiar, como a mais fina das linhas repuxadas entre Wenzhi e mim.

Ao soltar minhas mãos, tropecei para trás, batendo na mesa. Minha visão ficou embaçada antes de enxergar bem de novo. Ergui os dedos, passando-os por meu queixo, pelo arco fino de meu nariz e pelas minhas bochechas.

Meus olhos colidiram com os de minha mãe, que estavam arregalados de descrença.

— Seu rosto — gaguejou.

— Deu certo? — comecei a escutar seu tom de voz agudo emergindo de minha garganta.

— Sim. Pelo tempo que durar o encantamento — disse Wenzhi.

— Quanto tempo tenho? — perguntei.

— O tempo que precisar. — Ele inclinou a cabeça em minha direção. — Você deve tomar cuidado para não libertar o poder da pena enquanto estiver dentro de você. Mantenha seu escudo firme o tempo todo.

— Farei isso.

— Será que Wugang vai sentir sua magia? — perguntou Liwei, ansioso.

Olhei para Wenzhi, que balançou a cabeça.

— Ficaré mascarada, como sua aura.

Um encantamento poderoso. Não é nenhuma surpresa que seu pai o tenha escondido entre suas posses mais preciosas.

— Tem um preço para você? — perguntei.

Ele sorriu.

— Posso suportar, desde que você suporte.

— Como você vai lutar? — Eu queria saber.

— A General Mengqi vai liderar o exército no meu lugar. Você e eu estamos ligados por esse encantamento, não posso ficar muito longe de você. Vou segui-la de uma distância segura. — Ele não gostava de deixar o exército sob os cuidados de outras pessoas, mas algumas guerras não eram vencidas nos campos de batalha.

— E se os soldados de Wugang perceberem você? — questionei.

— Eu vou com ele — disse Liwei.

Wenzhi paralisou.

— Vou me arriscar com os soldados de Wugang.

— Eu ficaria muito feliz em deixar — rebateu Liwei. — Mas não vou arriscar o rompimento da magia. Hoje à noite, vou mantê-lo em segurança, como faria com Xingyin.

Wenzhi hesitou, antes de inclinar a cabeça para aceitar. Meu coração se aqueceu com essa troca, uma sensação profunda de paz. Havia muitos motivos para eles estarem brigados, o Herdeiro Celestial e o Rei dos Demônios, e eu estava feliz por não ser mais um deles.

— Estarei lá também — disse meu pai. Eu seria grata pela presença dele, eles se manteriam em segurança.

— Como você vai libertar a pena? — perguntou-me Liwei.

— Assim que estiver perto do loureiro, vou desfazer o encantamento que a envolve. Wugang vai ficar tão distraído tentando salvar o loureiro que não vai evitar minha fuga — falei com tranquilidade.

Só uma pessoa com a certeza do sucesso falaria assim... ou uma mentirosa experiente.

Wenzhi estreitou os olhos.

— Já decidiu onde vai colocar a pena?

— Na raiz. — Pois era como o loureiro havia bebido o sangue de Wugang e as lágrimas de minha mãe, e era como eu daria um fim a ele.

Apesar de minha resposta direta, não era uma questão simples. Muitas coisas poderiam dar errado, inúmeros cenários aterrorizantes que eu havia repassado em minha mente para me preparar melhor. Meu maior medo era que Wugang sentisse a armadilha, que ele percebesse meu disfarce e destruísse a pena antes que eu tivesse uma

chance de libertá-la. Havia apenas uma Pena da Chama Sagrada no reino, eu não podia desperdiçá-la. O que significava que eu teria que manter a farsa até o último segundo... e que teria apenas alguns segundos para escapar.

Olhei para cima e Liwei estava me encarando. Talvez ele tenha sentido o pavor que engrossava meu sangue, a ansiedade se revirando por dentro.

— Xingyin, tenha cuidado. Assim que libertar a pena, se esconda. Não enfrente Wugang sozinha. Chegaremos assim que precisar de nós.

— Se Wugang detectar seu disfarce, se o vínculo entre nós se desfizer, vou sentir de imediato. Você não estará sozinha, ainda que não nos veja — garantiu Wenzhi.

— Está quase na hora — disse meu pai.

Agora que nosso caminho estava demarcado, ele não demonstraria dúvidas. Metade da batalha era vencida na mente. Olhei pela janela, para esconder meu rosto. O entardecer já havia chegado, um esplendor violeta, elusivo e cheiroso, com mistério e promessas. Mas um torpor tomava conta de mim ao segurar uma mão na outra para esconder seu tremor. Uma respiração, então outra, até que finalmente meu coração se acalmou. Só então ousei olhar para eles, gravando cada um de seus rostos amados em minha mente. Lembranças poderosas que me dariam sustentação para o inferno que me aguardava.

— Vocês precisam ir, antes que os soldados de Wugang cheguem. — Eu não sabia por quanto tempo conseguiria manter essa máscara de calma.

Minha mãe me abraçou apertado, envolvendo meu pescoço e meus ombros com seus braços. Engoli em seco, inalando o dulçor de seu perfume, tentando ignorar as lágrimas que caíam de seus olhos no meu manto. Ela me soltou, apressando-se para fora do quarto. Liwei e Wenzhi se curvaram para mim, com os rostos solenes quando se levantaram.

Acenei de volta para eles, minha garganta lotada de palavras não ditas, meu coração apertado com uma emoção suprimida quando foram embora. Em um momento, meu pai também partiria.

— Pai, espere. — Um choro involuntário que não pude conter. Havia enfrentado situações dificílimas antes, sido levada à beira da morte, mas desta vez era diferente. O fardo era pesado demais, pois os riscos eram muito maiores: não só pela minha vida e a de quem eu amava, mas por todos os mortais e imortais nos mundos de cima e de baixo. Eu não podia fracassar, não me atrevia. Ainda assim... será que conseguiria vencer?

Meu pai veio em minha direção.

— Filha, o que foi?

— Como você se sentiu quando enfrentou os pássaros solares? — Uma pergunta hesitante.

— Com medo — respondeu ele, sem rodeios.

A resposta dele foi reconfortante, acalmando minha tensão.

— Por que você fez isso?

Uma tristeza surgiu em seu rosto. Ele parecia mais velho naquele momento, um eco do mortal que eu havia conhecido, encurvado pelo tempo.

— Eu não queria. Sabia que pagaria um preço alto, pois eles eram amados pelos deuses. Mas, se não o fizesse, todas as pessoas que eu amava pereceriam.

— Não quero fazer isso. — Minhas palavras saíram com um choro baixo. — Não sou corajosa, estou com medo. Não sou uma heroína. — Não me envergonhei de compartilhar esses pensamentos com ele. Mais do que qualquer pessoa, ele sabia o preço que deveria ser pago, as escolhas difíceis que tinham que ser feitas.

— Você é, sim — afirmou, com honestidade e emoção. — Pois os tolos não temem as possibilidades, os descuidados não se importam, e apenas os verdadeiramente corajosos seguem em frente mesmo assim. — Ele colocou uma mão em meu ombro, firme e calorosa. — Eram os pássaros solares ou o mundo. E, junto com o mundo, minha esposa, você, minha filha que ainda não tinha nascido, meus amigos e todas as criaturas vivas. Não há nada pelo que valha mais a pena lutar. — Ele se aproximou e me abraçou, dando tapinhas na minha cabeça. — Tenho orgulho de você, minha filha, quer você faça isso ou não. Se não conseguir, não é motivo de vergonha. Fale agora, e encontraremos

outra maneira.

Não havia outra maneira.

— Houyi, Xingyin está bem? — Minha mãe apareceu na entrada, olhando preocupada para mim.

— Obrigada, Pai. — Era um alívio falar tudo isso em voz alta, confrontar os demônios internos que me assombravam. E, mesmo que essa tarefa impossível ainda estivesse diante de mim, eu não me sentia mais tão sozinha.

Ele me soltou.

— Lembre-se, minha filha, se acreditar em você, no que está fazendo, ninguém pode impedi-la.

E então saiu. Todos eles se foram, cada um carregando um pedaço de mim. Todas as portas se fecharam, os passos sumiram, o silêncio se aprofundou com um presságio.

Encarei o espelho, o rosto de minha mãe olhava para mim. Procurando em minha bolsa, peguei o orbe translúcido que continha a pena. Ela vibrava como uma criatura viva, cada fio em chamas, com um brilho dourado. Ficou mais quente com o meu toque, fazendo força contra as barreiras que a continham. Respirando fundo de maneira vacilante, libertei minha magia interna, colocando-a na essência da minha força vital, como havia feito no dia em que libertei os dragões. Eu a separei, a piscina brilhante vazando, incandescente com a luz do paraíso. Não hesitei, nem me permiti pensar enquanto pressionava o orbe em minha testa, fechava os olhos e deixava a magia tomar conta dele. A pena queimava enquanto mergulhava em minha pele, como uma bolinha de gude pressionada em areia úmida, abrindo espaço enquanto escorregava para o centro da minha força vital. O calor queimava intensamente, assustador em sua intensidade, e logo teci um escudo ao redor dela, apertando as barreiras até que não restasse espaço para um alfinete.

Estava feito. Minha cabeça doía como se um martelo estivesse batendo dentro dela. Como será que o Rei Wenming suportara isso? Seria o bastante para levar alguém à loucura. Um tremor percorreu meu corpo quando me sentei na cama, um soluço se formou em meu peito, e o engoli, pois, logo no momento em que minha vida estava

envolta em amor, tudo parecia tão escuro.



Eles chegaram muito rápido, as auras cada vez mais perto, reflexos espelhados com a calmaria do gelo. Gritos sufocados ficavam cada vez mais altos no corredor à frente, alguma coisa pesada atingia o chão com um baque. Fiquei trêmula ao pensar nos guardas, mas então a porta foi escancarada e meu medo, internalizado.

Oito dos soldados de Wugang estavam parados na entrada, a pele manchada com padrões de queimadura de gelo, os olhos vivos com aquele brilho peculiar. Tentei sentir ódio deles por tirar a vida do Príncipe Yanming sem nenhuma sensibilidade, mas era como tentar odiar uma flecha que tinha atingido seu alvo. Aquelas criaturas nada mais eram do que armas, apesar de muito mais mortais do que qualquer outra que eu conhecesse.

Quando dois deles vieram segurar meus braços, gritei e lutei, amenizando o ímpeto de brigar de verdade. Eles me arrastaram sem nenhuma dificuldade pelo corredor silencioso, passando pelos corpos inertes dos guardas. Os dedos deles machucavam meus braços enquanto me carregavam para fora do palácio. Minhas sapatilhas raspavam em uma pedra pontuda, rompendo os fios de seda e fazendo com que as contas do bordado se espalhassem pelo chão.

Havia uma grande nuvem pairando bem na entrada. Um deles empurrou minhas costas, e eu caí nela. Ao erguer voo, flutuando alto, quase trombei com um soldado. Pisquei, analisando seu rosto. Este parecia mais novo que o resto, um pensamento estranho, pois parecia que essas criaturas não tinham idade, e nem estavam vivas. A mesma luz emanava de seus olhos ocos, mas havia algo mais em minha

consciência, uma sombra de lembrança, um eco de quem ele era... nada parecido com o que era agora.

Não podia ser ele! O Príncipe Yanming era um Imortal do Mar, seu espírito não descansaria no Céu da Divina Harmonia. O irmão dele o havia levado de volta para o Mar do Leste. Muitas emoções tomaram conta de mim, e um pensamento horrível me aterrorizou: e se quem foi morto pelos soldados de Wugang ficasse de alguma forma vinculado aos seus desejos, mesmo na morte?

— Príncipe Yanming? — sussurrei, com uma dor no coração, rejeitando o pensamento. Ele não demonstrou um pingo de reconhecimento, então tentei de novo, escolhendo minhas palavras com cuidado. — Você se lembra dos seus pais? Do seu irmão? Do Mar do Leste?

A cabeça do soldado ergueu só um pouquinho. Se eu não estivesse olhando para ele, não teria percebido. Segui seu olhar, que capturava um brilho de safira e pérola no horizonte: o mar, lavado de estrelas da meia-noite. Os lábios dele se abriram, os olhos fixos adiante, como se estivessem à procura de alguma coisa... ainda que ele não soubesse o quê. Havia em mim uma esperança de que talvez uma parte dele permanecesse intocada por esse poder vil, que os dragões estivessem cuidando dele.

— Vá para longe daqui — falei em voz baixa, sem saber se ele podia escutar ou entender. — Volte para o Mar do Leste. Encontre os dragões; eles vão proteger você.

Parecia que a cabeça dele estava assentindo; muito de leve. Poderia ser um truque da minha mente, que via o que queria, mas me agarrei a essa esperança. Eu tremia, lutando contra o ímpeto de vomitar ao pensar no que me aguardava, no que o sucesso poderia custar para mim e no preço impensável da derrota. Respirando fundo, tentei ficar calma. Uma mente limpa era a maior arma quando todo o resto fora abandonado.

Nossa nuvem voou para o norte, em direção ao Deserto Dourado. Não ousei buscar traços de meu pai, Liwei e Wenzhi. Toda a minha energia neste momento estava centrada na pena dentro do meu corpo, mantendo-a inteira, e me deixando viva. Quando escutei gritos vindo

de baixo, dei uma olhada e gelei.

O caos reinava. O exército de Wugang havia atacado antes do esperado.

As forças que se colidiam estavam presas no meio do sofrimento da batalha, armas reluziam enquanto se chocavam, correntes de magia iluminando a noite. Inclinei-me na borda da nuvem, com o sangue virando pedra ao ver os monstros assustadores que marchavam ao lado do exército de Wugang. Um javali enorme com um rosto mortal corria em meio à tropa de guerreiros da Muralha das Nuvens, perfurando-os com suas presas curvadas. Sangue espirrava pelo ar, como uma névoa fina entre os gritos desesperados e pedidos de socorro. Uma luz estranha brilhava nos olhos do javali, e suas presas tinham o mesmo reluz das guan dao dos soldados, com o mesmo poder maléfico.

Uma sombra caiu por sobre mim, e um tigre alado monstruoso descendeu para encravar suas garras em uma soldada do Mar do Leste, lançando-a bem alto no céu. Seu grito ficou engasgado por um baque ensurdecedor, mas a criatura não parou, já atacando outra vítima.

Taowu. Qiongqi. Bestas lendárias, renomadas por sua crueldade, tendo devorado incontáveis mortais e imortais até que foram assassinadas pelo Exército Celestial. E, agora, haviam ressuscitado para servir a Wugang, para causar devastação nos reinos.

Minhas unhas cortaram minha palma. Ah, se eu pudesse lutar ao lado de nossos soldados, se pudesse ter ajudado... Mas não seria o suficiente. Eu podia impedir um monstro, talvez, alguns soldados... mas milhares?

Houve um clarão no céu, dourado como o verão. O Dragão Amarelo se aproximou, com o rabo espinhoso cortando o ar, causando uma ventania. Sua força golpeou Qiongqi, e as garras do tigre alado se retraíram, fazendo sua vítima despencar dos céus com um grito, mas o Dragão Negro disparou para a frente, pegando o soldado em suas costas. Ainda mais embaixo, as escamas carmesim do Dragão Longo ardiam enquanto ele abria caminho para os soldados que fugiam do ataque de Taowu. Quando o dragão abriu sua grande mandíbula, uma torrente de água atingiu o javali, que saiu rolando pela areia.

Ainda que cheia de terror, senti uma leveza em meu coração. Gritos agudos irromperam, e as fênicas entraram na briga com uma agitação de penas e garras brilhantes. Com um voo gracioso, suas caudas ondulavam atrás delas como arco-íris que surgiam na noite. A Imperatriz Celestial voava entre elas, em sua montaria, com uma lança na mão. Um esplendor radiante fluía dela, como se fosse um pássaro cuja gaiola havia sido aberta, como se finalmente pudesse abrir as asas e voar. Flanqueando o Exército da Fênix estavam as forças do Príncipe Yanxi, batalhando contra os exércitos do Mar do Norte.

O sol ainda não havia nascido, e as nuvens já estavam encharcadas de sangue. A areia brilhosa do Deserto Dourado, tão deslumbrante do telhado do palácio, agora tinha um aspecto de escuridão molhada. Quantas vidas seriam perdidas? A morte se banquetearia hoje à noite, empanturrando-se de imortais em um banquete do qual fora banida antes.

Senti um desespero cruel, úmido e gelado. Queria fechar os meus olhos para aquele pesadelo, mas me forcei a assistir, mordendo o interior da minha bochecha até estar em carne viva. *Aquele* era o horror que nos aguardava se Wugang fosse vitorioso: uma eternidade de caos, destruição e morte. E eu nem ousava pensar no que poderia acontecer com os espíritos de quem era assassinado por essas criaturas. Aquela não era apenas uma batalha pelo reino, era uma batalha pela sua alma. Eu não podia vacilar, não podia fracassar.

A nuvem se afastou rapidamente, voando ainda mais alto. Arranquei a devastação abaixo da minha mente, pois minha própria batalha estava adiante. Muitos momentos se passaram, encobertos em silêncio. Enquanto isso, a pena lutava contra suas amarras, batendo contra meu crânio. Minha energia fluía em um gotejar constante para manter os escudos, minha tensão ficando cada vez pior até o ponto em que achei que fosse explodir.

Por fim, o telhado prateado da minha casa reluziu adiante. As telhas estavam rachadas e carbonizadas, várias estavam faltando, a parte de baixo caída. Boas-vindas muito diferentes das que haviam acontecido antes, quando a alegria irradiou com a antecipação, pois tudo o que eu sentia agora era uma tristeza profunda, combinada com

uma implacável pontada de medo.

Era mais frio do que eu me lembrava, o sossego dando as mãos para a desolação. A noite nunca antes parecera tão opressora, com as lanternas apagadas. A terra que outrora fora iluminada tão sombria quanto cinzas. Havia um leve aroma de canela no ar, misturado com mofo, remanescentes de uma defumação estragada. Meu olhar se demorou sobre as paredes empretecidas, o caminho de pedras rachadas, o toco na entrada, onde antes ficava um pilar de madrepérola. Havia sido um pesadelo da minha adolescência, retornar para casa e encontrá-la em ruínas, com um silêncio ensurdecedor, sem as vozes de minha mãe e de Ping'er.

A nuvem pousou no chão. Antes que eu conseguisse descer, um soldado me empurrou. Perdi o equilíbrio e tropecei na minha saia, enquanto outro segurou minha mão, puxando-me. Senti ódio por ser tratada como uma besta, e ainda assim não havia maldade em seu jeito bruto de lidar comigo, apenas a frieza de cumprir uma tarefa. Fiquei grata pelo mais jovem continuar na nuvem, sem se mexer, encarando o céu. Será que ele pretendia voar? Como eu desejava que sim!

Os soldados me escoltaram por um caminho familiar, entre as árvores de jasmim-do-imperador. Eu poderia estar vendada que encontraria o caminho sozinha. Alguma coisa chacoalhou, o tilintar gentil das folhas do loureiro acima de mim. Seu tronco prateado parecia mais escuro do que antes, como se estivesse na sombra, ou talvez porque não estivesse mais banhado pela luz da lua.

Wugang esperava ali, com um brilho em seus olhos de águia. Sua armadura dourada cobria seu peito e descia pelos braços, até os pulsos. Seu grande machado estava amarrado em suas costas, com uma borla verde pendurada no cabo de bambu. Um escudo poderoso se iluminava ao seu redor, o que me fez me sentir amuada. Já não tinha mais esperança de pegá-lo desprevenido. Mesmo rodeado de soldados, ainda estava se protegendo.

Ele uniu as mãos em aparente prazer.

— Chang'e, como me alegro em vê-la de novo. Esperei por este momento por muito tempo.

Fervi de ódio com essa falsa genialidade dele. Seus olhos se estreitaram em especulação, então deixei de lado meu olhar desafiador, tremendo com a tensão de não o enganar, o que eu esperava que ele visse como medo.

— Solte-a. — A mão dele se ergueu em um movimento descuidado.

Os soldados me soltaram rapidamente, virando a cabeça em direção a ele.

— Espero que não a tenham deixado muito desconfortável — disse ele. — Meus soldados podem ser muito zelosos ao obedecer a minhas ordens.

Ah, como soava educado! Como se eu fosse uma convidada de honra. Como se ele estivesse perguntando pelo meu bem-estar, sem a menor intenção de drenar meu sangue.

— Por que me trouxe até aqui? — A voz de minha mãe saiu da minha boca.

— Deusa da Lua, eu acho que você sabe. O braço dele se movimentou em direção ao loureiro.

Quantas vezes eu havia escalado seus galhos pálidos e puxado suas sementes, admirando sua beleza exótica? Tudo o que eu via agora era a mesma luz etérea se curvando dos olhos dos soldados e monstros de Wugang, ressuscitados, não para a vida, mas para a eterna escravidão na morte.

— Amarrem-na à árvore — comandou Wugang.

Senti um calafrio pelo corpo. Não imaginei que ele me *amarraria* ao loureiro. Como eu escaparia? Fiquei em pânico, lutando de verdade enquanto chutava os guardas.

É disso que você precisa, a melhor parte de mim sussurrava, a parte que era corajosa e sábia. Havia apenas uma maneira de colocar a Pena da Chama Sagrada no loureiro, e isso se Wugang permitisse. Estar amarrada à árvore era uma vantagem inegável, mas não era um alívio pois também me deixaria presa. A magia pinicava em meus dedos, ávida para ser liberada, para lançar os soldados para longe, para fugir. O mesmo ímpeto que havia me levado a clamar vitória do desespero, vida da morte, era agora um obstáculo, quebrando meu raciocínio.

Forcei-me a ficar mole, deixando minha cabeça cair para esconder

meus pensamentos. Quando os soldados de Wugang amarraram meus braços ao redor da árvore, cordas de luz deslizaram por meus pulsos, espiralando em meu peito, cintura e joelhos, prendendo-me em seu abraço forçado. O tronco machucava meu corpo, como se eu estivesse presa a uma coluna de gelo.

Não havia necessidade de fingir terror, eu já estava tremendo de medo de Wugang descobrir nosso truque, de fracassar... ou morrer. Eu havia calculado os riscos, fortalecendo-me para o que viria a seguir. Eu havia imaginado que uma espada estaria apontada para mim, que ficaria restringida, que seria ameaçada e ferida, mas também havia sonhado com uma fuga rápida. Eu era veloz, minha magia era forte. Eu só tinha que me perder naquela floresta que conhecia desde a infância. Eu não imaginava ficar amarrada como um sacrifício cruel, mas era como estava. O medo me deixava congelada, porém senti um alívio por *não* ser a minha mãe ali.

Deixei o terror de lado, testando minhas amarras com cautela. Era uma magia estranha que eu estava tentada a testar, mas ficava com medo de levantar suspeitas em Wugang. Uma dor repentina surgiu dentro de mim, o poder da pena se libertando. Canalizei minha energia para fortalecer meu escudo, incapaz de lidar com um segundo de distração.

Meu peito doía de desespero, então fechei os olhos, lutando para manter a calma. Imagens de meus pais invadiram minha mente, junto com as de Liwei, Wenzhi, Shuxiao, Príncipe Yanming e Ping'er. Alguma coisa se endureceu na minha coluna, um calor que se espalhava pelo meu corpo.

Os verdadeiramente poderosos não precisam de amor.

Wugang falara isso para mim, quando estávamos neste mesmo lugar, em outra ocasião.

Você está errado, falei para ele no silêncio da minha mente. O amor é o que me dá a força para fazer isso. Para parar você.

Eu nunca antes tivera tanto a perder, e tanto pelo que lutar. Meus olhos reviraram para cima e encontraram os de Wugang. Quando ele havia se aproximado tanto?

Briguei com a bile que subia pela minha garganta, o pavor que

paralisava meus braços e minhas pernas. Minha cabeça doía como se estivesse lotada de carvão quente, ondas de calor da Pena da Chama Sagrada já se libertando das amarras. *Agora* era a hora, antes que Wugang pudesse perceber, antes que atacasse, porque e se ele me deixasse inconsciente?

Com um puxão, afrouxei os encantamentos ao redor da pena, canalizando minha energia para pinçar seu cálam, esmagando-o em pedaços brilhantes. Minha magia envolveu cada fragmento, formando um escudo fino para me proteger do poder da pena, e foi apenas isso que me manteve viva. Mesmo através da barreira, o calor brutal corria em minhas veias até que meu sangue queimasse como uma chama líquida.

O suor escorria da minha testa e do meu pescoço, meu manto de seda grudando nas minhas costas. Engasguei, inspirando o ar fresco que me ofereceu um mísero alívio ao lutar contra o ímpeto de me dobrar. Só um pouco mais, pedi a mim mesma, lutando para ficar firme. O tempo estava se esgotando. Eu precisava que Wugang me atacasse logo, para libertar o poder preso em mim, antes que ele me consumisse por inteiro. Porém, ele aguardava, com um sorriso triunfante no rosto, como se saboreasse o momento... enquanto eu queimava por dentro.

Eu não esperaria por ele, mexeria as peças do tabuleiro em vez de esperar a jogada dele.

— Não é tarde demais para reconsiderar — falei para Wugang, com os olhos bem abertos e inocentes. — Se devolver o trono do imperador, se implorar por misericórdia, pode ser que ele o perdoe. — Minha voz era gentil, minhas palavras, afiadas.

Os lábios de Wugang se abriram em um rosnado feroz. Um fustigo pelo ar e seu machado descendeu, talhando meu braço, um golpe atrás do outro. A dor queimava, suave como seda. O sangue escorria pela pele machucada, manchado com o dourado do poder da pena — flamejante, com o cheiro de ferro e carvão. Rastros finos escorriam pelos meus braços, caindo entre as raízes onduladas, penetrando na terra escura. Com cada gota do meu sangue, outro fragmento de poder da pena escapava do meu corpo. Era um alívio, apesar de eu ter pouco

tempo de vida. Pois o calor se infiltrava no mesmo lugar onde eu estava amarrada, meu corpo já sentia o tronco do loureiro se aquecendo.

Uma arfada escapou de mim quando o sangue flamejante correu pelas minhas veias. O calor irradiava de meus poros, queimando a minha pele conforme as cordas que me amarravam se dissolviam. Liberdade, mas eu mal percebi, consumida pela impensável agonia. O cheiro ácido da fumaça sufocava meus pulmões, um chiado crepitante ocupava meus ouvidos. Apenas um fiozinho bem fino me mantinha inteira, o encantamento que me conectava a Wenzhi. Agarrei-me a ele como se estivesse me afogando, segurando-me ao único consolo desse pesadelo enquanto meu sangue continuava fluindo para as raízes do loureiro. A qualquer momento agora, ele pegaria fogo.

Assim como eu.

A cabeça de Wugang estava voltada para os galhos, com o cenho franzido. Quando o sangue de minha mãe tinha se espalhado pelo loureiro, as sementes haviam caído como ameixas maduras que foram chacoalhadas. Talvez ele pensasse que era um atraso ou um erro de cálculo dele, e por isso o sangue da Deusa da Lua não oferecia a colheita desejada.

O loureiro estremeceu, o tronco soltou fumaça e carbonizou. Mas sua seiva brilhante já estava se espalhando, curando a si mesmo. O desespero me atingiu. Por que não tinha sido destruído? Não era o suficiente?

E então me dei conta: o poder que me protegia da devastação da pena também protegia o loureiro. Eu fracassaria porque ainda estava tentando proteger a mim mesma, porque estava com medo.

Porém, não era esse o caminho que deveria seguir. Se eu fracassasse, Wugang me mataria junto com todos que eu amava. Não havia uma escolha real, assim como quando meu pai tinha enfrentado os pássaros solares, mas ela devia ser feita mesmo assim.

Apertei meus braços com mais força ao redor do loureiro, fechando meus olhos bem apertado. Sem permitir um momento para ponderar enquanto buscava dentro de mim, arranquei as barreiras que me protegiam, desfazendo os escudos que envolviam os fragmentos da

pena, tudo o que me mantinha inteira.

Quando o último se desfez, o calor irrompeu de todo o meu corpo, um verão infernal, que derretia. Eu estava... quebrada. A linha que me ligava a Wenzhi se rompeu, o encantamento foi se desfiando e minha pele ardia e se esticava, a dor fazia meus braços e pernas estremecerem. Meu sangue esguichou mais forte, saindo pelos cortes dos meus braços, e levando com ele o poder puro da Pena da Chama Sagrada, se espalhando pelas raízes do loureiro. Seria o suficiente?

O calor no meu corpo diminuiu, deixando apenas um cansaço profundo. Eu não conseguia me mexer. A minha pele estava encharcada de suor, e ainda assim eu tremia de frio. Havia fumaça na minha respiração, um amargor que cobria minha língua como se eu houvesse mastigado cinzas. Era um milagre eu conseguir respirar, ainda um restinho de vida... por mais frágil e efêmero que fosse.

Meus olhos se abriram, piscando com a claridade. Tudo estava curvado, em vez de reto, tremendo, não parado, até que ficou tudo encoberto de chamas. Rachaduras profundas fraturaram o tronco prateado do loureiro, do qual fumaça e seiva escorriam, não mais de um dourado brilhante, mas um vermelho acobreado, como se manchado pelo meu sangue. Com um sibilo, seus galhos pálidos pegaram fogo como uma coroa em chamas.

— Não! — O rosnado de Wugang era um grito bem diferente de sua calma habitual. Nada além do silêncio em resposta ao seu rompante. Seus soldados o encararam, aguardando sua ordem. Obedientes. Alertas. Insensíveis. O medo não tomava seu coração, nem a lealdade, o amor ou a honra. Tais coisas que Wugang tinha zombado, ridicularizado e desprezado. Tais coisas que faziam maravilhas em tempos de desespero.

Um brilho varreu o ar conforme a rachadura abria o tronco do loureiro, cada vez mais profunda e mais ampla, um instante antes de ele partir ao meio. As sementes iluminadas da parte de cima se transformaram em caroços escuros de carvão, murchando para cinzas que voaram com o vento como nuvens de fuligem.

Os soldados de Wugang ficaram paralisados. A luz sumiu de seus olhos, apagando-se até que somente os buracos restassem. Um líquido

claro escorria em filetes finos pelo rosto deles, pelo pescoço, como gelo derretendo com o sol. Pedacos de seus braços e de suas pernas quebraram com um estalar, separando-se como se fossem trabalhos malfeitos de barro. Ao caírem no chão, uma poeira dourada subiu de suas formas destruídas, espiralando pelo ar. Um farfalhar alto como um grande suspiro. Havia arrependimento ali? Alívio? Ah, como eu rezei para que aqueles espíritos retomassem sua paz roubada... Os pedacinhos brilhantes então sumiram, deixando apenas um silêncio sublime e um toco carbonizado onde antes ficava o imponente loureiro, rodeado por grandes corredores escuros de terra molhada.

Havia acabado... O exército de Wugang estava destruído. Aquela terrível devastação e aquela grave ameaça à nossa existência haviam acabado. Inalei uma respiração trêmula, fechando meus olhos. Aquele terror havia reinado em minha mente e no meu coração devastado naqueles dias infintos. Era difícil de acreditar que não havia mais nada. Uma luz doce me iluminou, um alívio momentâneo da dor. Os reinos estariam seguros, junto com as pessoas que eu amava. A batalha na Muralha das Nuvens teria terminado abruptamente, com os soldados e monstros de Wugang desaparecendo. Não mortos, pois nunca estiveram vivos.

Com o amanhecer, o sol nasceria desimpedido no Reino Imortal.

Eu não o veria.

Wugang apareceu diante de mim, o rosto roxo de ódio, a aura grossa de uma fúria mortal. Meus dedos subiram ao meu rosto, acariciando o buraquinho do meu queixo, a curvatura da minha bochecha. Eu era eu mesma de novo.

— Como isso é possível? A aura dela, a voz dela... — Wugang segurou o cabo do machado com mais força. Ele passaria um tempinho exclamando palavras de raiva. A morte era o único jeito de expiar os meus pecados.

Olhei em seus olhos sem medo; eu já estava no fundo do poço, o que mais ele podia fazer comigo? A Pena da Chama Sagrada havia me queimado, devorado cada gotinha de energia. Era um milagre que ainda não estava morta, mas a escuridão eterna já dava as caras. Restava apenas pele esticada em cima de ossos, e uma respiração fraca

em meus pulmões. Será que Ping'er e o Príncipe Yanming haviam se sentido assim? Não era tão terrível quanto eu temia, aquela fadiga que me amortecia e tomava conta de mim, o peso em meus braços e minhas pernas como uma mortalha de pedra. Ainda assim, uma leveza flutuava em mim, quase como se eu estivesse livre.

— Xingyin. — A voz de minha mãe me despertou do meu estado febril. Quando haviam chegado? Olhei para cima, encontrando seus olhos. Havia tanta dor, tanto terror neles, tão pretos quanto o abismo que se abria diante de mim. Ao lado dela estavam meu pai, Wenzhi e Liwei, com suas nuvens voando mais rápido do que o vento e ainda assim... tarde demais.

Lutei para me levantar, recostando-me em um cotovelo. Minha respiração era rápida e fraca, a sombra do machado de Wugang escura em meu rosto. Nada em mim me daria forças para evadir ou bloquear o golpe que certamente me atingiria. Respirando fundo, o ar seco preencheu meus pulmões, laçados com o dulçor do jasmim-do-imperador.

Enfim em casa, sussurrou minha mente.

O machado de Wugang se levantou bem alto. Não importava o que ele havia perdido, a vingança seria sua. Ele era um mestre em buscar vingança. Fechei os olhos, incapaz de lidar com o terror que surgia nos rostos das pessoas que eu amava. Se me chamaram de novo, eu não escutei. Um arrepio percorreu meu corpo todo. Como era estranho sentir frio logo depois de ter queimado! Algo zuniu, acelerando em minha direção. Eu me preparei para sentir a dor, mas o golpe foi acima da minha cabeça, rendendo um arfar aturdido de cima. Meus olhos se abriram e viram uma flecha de Fogo do Céu fincada no peito de Wugang. A boca dele se abriu, engasgando como um peixe fora d'água, e outra flecha voou bem no meio da testa dele, com a luz atingindo seu rosto, seu pescoço, até chegar às cicatrizes de suas palmas. Ele deu um passo para trás, e então outro. Uma lufada de ar irrompeu de seus lábios, carregando o nome de uma mulher em sua respiração tortuosa. A esposa dele? Ele ainda a amava? Meu coração se partiu ao pensar nisso. Ele havia sido cruel, porém mais cruel ainda consigo mesmo.

Wugang caiu de joelhos na grama. Seu corpo estremeceu com violência, os olhos piscando freneticamente, antes de se abrirem e ficarem paralisados, a cor sendo drenada de sua carne até que ficasse pálida como as pétalas abaixo dele. A morte havia por fim vindo buscá-lo, o mortal que galgara seu caminho para a imortalidade, que tinha desbancado o Imperador Celestial e remodelado o Reino Imortal.

Em meu coração, não havia pena por ele, mas também não senti triunfo por Ping'er e o Príncipe Yanming terem sido vingados. Em mim, havia só um vazio, esse buraco invernal. As minhas pernas cederam e eu caí no aconchego da terra. Havia passos vindo em minha direção: meus pais, Liwei e Wenzhi correndo. Era um tormento e uma alegria tê-los por perto.

Meus maiores amores, meus piores arrependimentos.

O rosto de Wenzhi estava pálido, o prata de seus olhos estava da cor de ardósias.

Mesmo em meu estado enfraquecido, aquela visão me impressionou. Havia algo de errado, sua aura poderosa havia diminuído. Ao cair de joelhos ao meu lado, um suspiro gutural partiu de seu peito. Nós nos procuramos ao mesmo tempo, entrelaçando os dedos, quase por instinto.

Que pele fria a dele... ou era a minha?

A mão dele se ergueu para acariciar minha bochecha.

— Eu não quebrei o encantamento. Espero que tenha sido o suficiente.

“Quanto tempo eu tenho?”, eu havia perguntado a ele antes.

“O tempo que precisar”, ele respondera.

Havia sido *eu* quem quebrara a conexão, não ele. E, num instante, entendi. Ele não cedera, nem quando o encantamento estava drenando seus poderes até a última gota. Para me manter em segurança, ele havia sacrificado a própria vida. Por quê? Por seu império ou seu reino? Lá no fundo, eu sabia a resposta; ele mesmo me falara.

Porque ele me amava.

Não com o amor egoísta do passado, quando eu era apenas um meio para um fim. Ele me queria na época, mas era incapaz de abrir mão de qualquer coisa que pudesse fazer seu amor valer a pena. Eu

também não achava que ele faria algo assim, me colocar acima de todo o resto. Eu havia sufocado minhas emoções, me agarrado a princípios e ao orgulho, e me enganei toda vez. Havia me recusado a acreditar que ele podia mudar, até que ele me mostrou, irrefutavelmente... o quanto me amava. Mais do que a coroa e o império pelos quais um dia havia me traído.

Mais do que a própria vida.

Eu teria chorado, mas não havia mais lágrimas, as chamas as tinham queimado. Gritos silenciosos de agonia me engasgavam. A dor que me abatia era tão aguda, como se algo vital houvesse sido arrancado de minha essência.

— Desculpe-me. — Minhas palavras eram apenas um sussurro.

— Desculpe-me você também. — O peito dele se levantou e um leve sorriso surgiu em seus lábios. — Viva. Seja feliz. — Ao se virar para Liwei, os dois trocaram um longo olhar, sem hostilidade nem rancor. Liwei inclinou a cabeça em um sinal de respeito. Wenzhi caiu para trás, com uma respiração difícil passando por entre seus dentes.

Isso era a agonia, não o fogo em minhas veias ou o machado cortando minha pele. Segurei sua mão com o máximo de força que tinha. A pele dele era sempre tão fria, mas nunca esse gelo congelante.

— Eu te amo — falei para Wenzhi. Só então eu soube que era verdade, apesar de tudo o que havia feito para destruir esse sentimento.

Não era hora de ter orgulho ou ressentimento, nada que não fosse honestidade. Não era traição a Liwei. A simples verdade era que eu amava os dois. Talvez isso fizesse com que eu fosse uma pessoa ruim, mas eu não havia procurado por isso. Essa fratura em meu coração... Só soube que estava ali depois que havia surgido. E, por mais estranho que pareça, era o que me tornava inteira, pois os dois eram parte de mim.

Wenzhi sorriu, radiante e corajoso. Meu amigo, meu inimigo, cujo amor e a traição haviam atingido o ponto mais profundo do meu coração. Um não cancelava o outro, mas a verdade era que o Wenzhi que havia me traído nunca teria se sacrificado assim. A fantasia do que poderia ter sido cruzou minha mente, se ele tivesse nascido de

uma família diferente, como eu. Uma que não tivesse sido tocada por poder, sofrimento e segredos. Teríamos sido felizes, como ele prometera. Talvez fosse como ele dissera: nunca tivemos a chance de começar, porque já havia outro em meu coração. E então, ele perdeu minha confiança, para sempre, acreditava eu. Só naquele momento me dei conta de que eu o havia perdoado há muito tempo. Que eu ainda o amava... e era tarde demais.

Os olhos dele focaram os meus, um tremor percorrendo todo seu corpo. Agarrei-me a ele com força, nunca tinha sentido tanto medo quanto neste momento, como se esse simples ato fosse o suficiente para vinculá-lo a mim. Mas então seu sorriso desvaneceu quando suas pálpebras caíram, fechando-se sobre o cinza turbulento. Ele soltou o ar, sua pulsação diminuiu. Sua aura desapareceu até que tudo o que o fazia ser precioso já não existia mais.

O luto me enfureceu como uma besta faminta. Eu não conseguia respirar nem me desvencilhar daquela agonia devastadora, cada momento uma noite eterna. Era um pequeno consolo o fato de que eu o seguiria logo depois. Talvez então eu encontrasse a paz que há muito evadia de mim.

Alguém me puxou para longe de Wenzhi, da paralisia dolorosa de seu corpo, outrora tão poderoso e forte. Com a última gota de força, virei-me para Liwei, minha mãe e meu pai. Era quase mais do que eu podia suportar. Os olhos deles estavam vermelhos e úmidos de pesar. Liwei me deu as mãos, seu toque ecoando um pouco do calor para o frio que me dominava. A energia dele adentrou a minha com uma lufada de calor, pouco conforto, como o sol sem calor, a luz sem luz. Minha força vital desaparecera, eu não conseguia canalizar a magia dele. Queria pedir que parasse. Que já estava cansada de separações e de tristeza, que já estava morta por dentro.

Ele não me escutaria nem se eu houvesse falado naquele momento, a magia dele me atingia como uma queda d'água, deslizando por sobre minha pele enquanto eu continuava desaparecendo. Luzes piscavam em minha visão como milhares de estrelas rodando pelos céus. Minha cabeça se voltou para o chão, olhando para o corpo de Wenzhi. Como ele parecia calmo! Que jovem e pacífico, as preocupações não estavam

mais em seu rosto. A grama embaixo de mim estava úmida com orvalho matutino. Ainda estava escuro, as lanternas apagadas. Ah, como queria ter visto seu brilho uma última vez.

— Amo você — sussurrei. Para Liwei. Para minha mãe e meu pai.

Para a minha casa, onde eu descansaria para sempre.

Então, eu estava livre. Separada da casca do meu corpo, flutuando acima dele. Que leveza, que calma! Amor sem dor, alegria com tristeza, e a promessa do infinito. Olhei para a carnificina diante de mim. Wenzhi. Wugang. Os remanescentes partidos dos soldados.

O grito que irrompeu de Liwei teria despedaçado meu coração se ainda batesse. A cabeça de meu pai se curvou em luto ao abraçar minha mãe, cujo choro ressoava pelo ar, as lágrimas escorrendo para o chão. Um tremor no solo, as lanternas ao nosso redor ganhando vida de repente, luminosas e brilhantes. A lua despertando com vontade para cumprimentar sua mestre depois de tanto tempo de ausência.

Minha mãe se libertou dos braços de meu pai, ajoelhando-se ao meu lado para segurar minha mão. Lágrimas escorriam de seu rosto, caindo nas raízes secas do loureiro.

— Xingyin — ela lamentava, sem parar, no ritmo penoso da perda.

Algo reluziu, uma torrente de seiva dourada escorrendo do toco do loureiro. Ela escorria pela madeira, entre as fendas carbonizadas, derramando no chão. A terra se iluminou, com um calor subindo pelo ar como um golpe de verão, uma força me empurrando de volta para o meu corpo, enquanto a dor e o luto se cravavam de novo na minha consciência com uma clareza excruciante.

Engoli uma respiração profunda, erguendo-me de repente. Meus olhos encontraram os da minha mãe, abertos com choque e descrença, um momento antes de ela jogar seus braços ao meu redor, abraçando-me com força. Senti um formigamento na pele, correndo em minhas veias.

Por cima do ombro dela, vi o último pedaço do loureiro desmoronar, sua seiva que outrora era brilhante estava marrom, espalhando-se como areia pelo corpo de Wenzhi. Não havia ar em seus pulmões, ele estava inerte como uma pedra.

— Ele... — Eu não conseguia falar a palavra.

— Ele se foi — respondeu Liwei, rouco.

— Por quê? Por que ele e não eu? — explodi, irracional em meu luto.

Minha mente já estava reunindo os fragmentos. Que, de algum jeito, as lágrimas de minha mãe haviam revivido o loureiro. Ele tinha poder o suficiente para salvar só um de nós, e havia me escolhido. Será que estava obedecendo aos comandos da Deusa da Lua? Ou era o último presente do loureiro para mim? Por todos aqueles anos que passei brincando embaixo de sua sombra, talvez ele também me conhecesse.

No entanto, por mais que a vida pulsasse em mim mais uma vez, quando olhei para Wenzhi, uma parte de mim permanecia morta, e nenhuma magia no mundo poderia trazê-la de volta.



Wugang estava morto. Seu exército, destruído. Porém, as cicatrizes de seu breve reinado permaneciam, algumas tão profundas que talvez nunca sarassem. Ele teria gostado de saber disso? Acredito que sim. Ele havia conseguido alcançar a imortalidade de um jeito que consideraria mais valioso do que os anos infinitos que tinha diante dele, que ele havia desperdiçado com vingança e ódio. Ele não merecia isso, ele merecia ser esquecido, que seu nome virasse pó, junto de seu corpo. Quanto a mim, tiraria ele do meu pensamento, pois não era digno de um lugar ao lado de quem eu havia perdido, que eu ainda amava com cada inspirar do meu corpo.

Corri os olhos pelo Salão da Luz Oriental, deparando-me com o corpo da Imperatriz Celestial no caixão de cristal em cima do trono. Ela morreria em batalha, a morte de um herói, com músicas já compostas em sua honra. Quando ajoelhei ao lado de seu corpo, foi a primeira vez que eu tive a intenção de demonstrar respeito com o gesto.

Suas magníficas vestes de brocado prateado estavam bordadas com fênicas douradas e seus rabos de arco-íris, pinceladas de cor no mar de enlutados de branco, como se o inverno houvesse descido sobre o Salão da Luz Oriental. Uma coroa de pérolas e penas douradas brilhava em seu cabelo, será que era a que havia capturado minha imaginação infantil antes? As mãos dela estavam juntas sobre a barriga, as garras se sobressaindo contra a pele pálida. Uma artista habilidosa havia pintado seu rosto para que as bochechas ficassem radiantes e os olhos fechados se iluminassem com o pó reluzente. Ela

estava linda, o sono eterno havia eliminado a tensão permanente de sua aparência. Ou, talvez, agora eu a visse com novos olhos: quem ela havia sido, o que ela poderia ter se tornado caso a vida tivesse seguido novos caminhos.

Como era estranho ficar comovida por ela, esse pesar desconhecido em meu peito. A Imperatriz Celestial havia ameaçado minha mãe, forçado a minha fuga de casa, escarnecido e maquinado contra mim em toda oportunidade. Ela havia me separado de Liwei. Ela teria me levado à morte sem hesitar nem um segundo. Eu a temia, ressentia e até odiava. Ainda assim, ela era a mãe de Liwei, e também o amava. Agora que estava morta, tudo de errado entre nós parecia insignificante, como perseguir sombras pela noite. Eu nunca poderia tê-la amado, mas também não conseguia mais a odiar, não importa o que tenha feito.

Ao meu lado, Liwei se mexeu. Ele se sentou ereto com os ombros para trás, a cabeça erguida diante da infindável corrente de enlutados que vieram prestar as últimas homenagens à imperatriz. A mãe dele teria se orgulhado, pois ele não demonstrou nem um pinga de fraqueza.

Eu me aproximei, querendo consolá-lo, mas, com o peso de todos os olhares sobre nós, recuei. Não era minha promessa à mãe dele que me paralisava, pois ela havia sido desfeita no dia em que me atacou. Havia outra coisa... essa dor interminável em meu peito, desde o dia da minha perda na lua.

O Imperador Celestial estava presente, mas sem a coroa. Um tecido branco que representava o luto estava amarrado em sua testa, o mesmo que Liwei usava, com as longas pontas penduradas nas costas. Era a primeira vez que eu via o imperador desde sua fatídica celebração de aniversário. Antigamente, eu me espantava com seu rosto sem idade, e agora ele estava cheio de marcas de tristeza, como se uma parte vital houvesse saído de seu corpo. Era estranho que a morte de sua esposa o afetasse tanto, pois nunca demonstrou muito afeto por ela. Talvez apenas valorizemos algo quando o perdemos. Deixei esse pensamento de lado, pois senti uma dor profunda.

O imperador e Liwei se levantaram, aproximando-se do trono

passo a passo. Atrás deles, estava Zhiyi, meia-irmã de Liwei. Os funerais eram um evento familiar, que reunia quem estava separado. Eles se ajoelharam diante do caixão, pressionando as palmas e a testa no chão, uma, duas, três vezes. Uma última reverência à imperatriz. Quando Liwei se levantou, ergueu as mãos, e seu poder encobriu o caixão de luz. Ele flutuou no céu, em direção ao local onde os espíritos dos Celestiais mortos descansavam, no Céu da Divina Harmonia. Segui o caixão com os olhos, e uma torrente de brilho explodiu, formando uma fênix feroz que voou ao lado dele no paraíso.

Com a conclusão da cerimônia, os enlutados rodearam Liwei, alguns assentindo para mim em reconhecimento. Minha presença os deixava confusos, assim como o fato de que me sentei com a família real apesar de não ter um cargo oficial. A atenção deles me incomodava menos atualmente, minha mente já estava prestando atenção em assuntos mais importantes, demorando-se em memórias preciosas, arrependimentos e nos rostos dos que haviam partido. Eles me assombrariam até a minha morte.

AS SEMANAS SEGUINTE PASSARAM num borrão confuso. Liwei havia me oferecido aposentos privativos, mas escolhi ficar no meu antigo quarto do Pátio da Tranquilidade Eterna, em frente ao dele. Talvez uma parte de mim esperasse encontrar a paz que sentia antes, reconquistar parte do que havia sido perdido. Aquele lugar era meu refúgio, mas agora as paredes me pressionavam cada dia mais e a fragrância das flores empestava o ar. Pesadelos me arrancavam do sono profundo e eu acordava sentada na cama, tremendo, fria de suor, tentando bloquear a lembrança do calor da pena correndo em minhas veias, do gelo da pele de Ping'er, do corpo sem vida do Príncipe Yanming... e da luz sumindo dos olhos de Wenzhi.

O Imperador Celestial não retornou à corte. Ele ficou em seu pátio e recebeu poucos visitantes. Será que ainda estava de luto ou se recuperando da prisão de Wugang? Eu duvidava que houvesse sido bem tratado. Duvidava que seu orgulho retornaria depois de ter sido refém de uma pessoa que ele desdenhava por ser um mero mortal. O

fardo do reino agora era de Liwei. Arrancar seu império das garras do terror em que havia sido lançado. Reparar alianças frágeis e reconstruir as que haviam sido destruídas.

As preocupações dele eram muitas, as responsabilidades, onerosas. Não era fácil ser monarca, pelo menos não um bom monarca. Felizmente, ele tinha conselheiros sábios ao seu lado, como o General Jianyun e a Professora Daoming. Por insistência de Liwei, eu o acompanhava à corte para ouvir as infinitas petições e orientações. Ficava ao lado dele, oferecendo o apoio que era possível, mas por dentro eu me encolhia com os olhares dos cortesãos, a batalha constante por favores, o tédio de problemas nos quais eu tinha pouco interesse. Alguns dias eu não suportava, queria apenas fugir para o silêncio do meu quarto. Apesar de que nem lá eu encontrava paz, presa na solidão da minha mente.

As noites eram mais difíceis, pois as sombras que me perseguiam ficavam maiores, engrossando até que eu só via escuridão. Eu me revirava na cama, inalando bastante ar cheio da fragrância da primavera, mas não havia nada além de inverno no meu coração. Uma saudade me consumia sempre que pensava na minha casa.

Minha mãe e meu pai não haviam ido para o Império Celestial, talvez porque quisessem ficar sozinhos depois de tudo o que haviam suportado. Talvez tivessem muitas lembranças terríveis daquele lugar, da fofoca e da raiva, dos segredos e das mentiras. Eu entendia como meus pais se sentiam, porque eu o odiava também.

O favorecimento que Liwei me demonstrava incitou a especulação de que havia um noivado em iminência. Ele não falava sobre o assunto comigo, e eu não perguntava. Sempre que tentava imaginar meu futuro, meu peito doía, despedaçado por uma saudade indescritível. A ameaça de Wugang já havia obnubilado meu futuro uma vez, mas não chegava nem perto do tormento que enfrentava agora, pois aquela era uma batalha que eu não conseguiria vencer, um inimigo contra o qual não podia lutar. Pois esses demônios... vinham de dentro. Meu único conforto era quando Shuxiao estava comigo, mas ela logo iria embora para ficar com a família. Todo mundo estava seguindo em frente, em busca da própria felicidade. Todo mundo

exceto...

Eu afastei esse pensamento ingrato. Era um milagre eu estar viva, rodeada pelas pessoas que amava. Por que me sentia tão vazia por dentro?

Na última noite de Shuxiao ali, jantamos juntas. Foi exatamente como fazíamos antes, exceto pelos funcionários atrás de mim. Eles voltavam sua atenção sempre que eu dava um simples pigarro, os olhos constantemente analisando se nossas taças e nossos pratos estavam cheios. Quando gentilmente sugeri que saíssem, eles me deram uma olhada tão ofendida que não insisti.

Suspirei, minha cabeça começava a doer por causa do peso dos ornamentos de ouro e de jade no meu cabelo, decorado pela minha criada. Eu passava os dias em estado de apatia, sem me importar com o que vestia ou fazia, sem desejo de nada que antes me trazia prazer, fosse música, comida ou vinho. Peguei-me pensando mais na Imperatriz Celestial, se ela teria feito outras escolhas caso pudesse viver a vida que quisesse. Eu jamais saberia a resposta... e talvez nem ela mesma soubesse.

Shuxiao franziu o cenho ao colocar um pedaço de bife no meu prato. Em seguida, feijões refogados com camarão, acompanhados de peixe cozido no vapor com gengibre e vinho.

— Por que não está comendo? — perguntou ela. — Está decepcionada por ainda não ter uma data para o casamento? Ou preocupada de o imperador não dar permissão?

Levantei a taça, tomando tudo de um gole só, o vinho queimando minha garganta.

— Talvez eu devesse ficar sozinha — falei.

Com o amor vinha a dor, e eu havia bebido toda a dor.

Shuxiao deu uma olhada para os criados, abaixando a voz.

— Você não quer se casar com o Príncipe Liwei? — perguntou com a franqueza de sempre. — Imagine aqueles cortesãos arrogantes que terão que se curvar a você.

Um pensamento agradável. Um leve sorriso se formou em meus lábios ao me imaginar entrando no Salão da Luz Oriental, e toda a corte se ajoelhando como uma maré. Uma tentação, elevar os que

havia ficado ao meu lado e humilhar os que haviam escarnecido de mim. Mas tal satisfação não duraria muito. Não era aquela a vida que eu queria, nem com essas armadilhas de poder.

Shuxiao me analisou.

— Por que está tão infeliz? Não só hoje, mas desde que retornamos.

Eu não contara a ela sobre meus sentimentos por Wenzhi. Eu mesma havia acabado de me dar conta deles e ainda estava tentando entender o que ele significava para mim, o que eu tinha perdido. Olhando para trás, gesticulei para uma das criadas, feliz por sua presença como um escudo contra essas questões. Ela se apressou e curvou-se de leve para mim, com as mãos unidas esticadas. Tal reverência me dava mais angústia do que prazer, mas havia aprendido a fingir indiferença.

— Você pode nos trazer bolinhos de arroz glutinoso? Aqueles passados no amendoim amassado e no açúcar.

Minyi, que chefiava as cozinhas, havia me enviado alguns com a refeição da tarde. Eu os comera sozinha naquela mesma mesa, espetando uma esfera macia depois da outra com um palitinho de jade, como se pudesse afogar minha miséria nos doces. Não havia dado certo, meu estômago se revirando com a memória, mesmo enquanto uma parte fraca de mim desejava a distração, o prazer fugaz na minha língua.

— Shuxiao, você tem mesmo que ir? O General Jianyun lidera o exército de novo. Os bajuladores de Wugang foram dispensados. As coisas vão voltar a ser o que eram.

— Eu não gostava muito, mesmo naquela época. — Ela riu, apoiando os cotovelos na mesa. — E, mesmo que gostasse, *eu* estou mudada.

Assim como eu. Antes, a única coisa que eu queria era minha família reunida, minha casa restabelecida e uma vida com Liwei. E agora, com tudo isso disponível, ainda assim não era feliz. A vitória não era tão doce quanto eu imaginava, ou talvez houvesse me custado muito caro.

— Para onde você vai? — perguntei.

Os olhos de Shuxiao tinham um aspecto de adeus.

— Para casa. Estou longe há muito tempo. Meu irmão ficará no meu lugar aqui. Ele já tem idade, e é o que quer. Para mim, sempre foi uma questão de dever.

Eu me deleitei no calor de sua felicidade, mas sentiria muito sua falta.

— O que fará?

— Nada. — Ela saboreava a palavra. — Seria bom passar algumas décadas fazendo só isso.

Meu peito se encheu de inveja, pois talvez eu jamais fosse ser tão livre. Uma vergonha, porque ela merecia mais.

— Nada? — repeti com um sorriso. — O que sua nova amiga, a formidável General Mengqi, pensa desse plano?

Eu só estava provocando. Juntas, elas haviam orquestrado o resgate do Imperador Celestial e dos prisioneiros do Palácio de Jade. De certa forma, a animosidade que partia delas tinha se transformado em respeito. Shuxiao falou da general muitas vezes. Eu acharia que por amizade, se não fosse esse rubor que se espalhava em seu pescoço. Eu nunca a vira tão afetada antes, e fiquei tanto animada quanto temerosa por ela. Balançando a cabeça, deixei esse temor de lado. O amor não machucava todo mundo que o encontrava.

Um sorriso de resposta no rosto de Shuxiao:

— Ela vem comigo, agora que... as coisas mudaram na Muralha das Nuvens.

Estremeci. *Agora que Wenzhi está morto*, era o que ela teria dito se não suspeitasse que eu ainda estava de luto por ele.

— Estou feliz por você — falei quando ela se levantou para partir.

Ela se curvou para frente e me abraçou.

— Permita-se ser feliz.

Era o que Wenzhi havia falado para mim em seu último suspiro. Um desejo para a minha felicidade, sozinha, sabendo que ele não estaria comigo. Lágrimas se formaram em meus olhos, que eu pisquei para secar, a dor em meu peito tão forte que não conseguia respirar.

Alguém bateu à minha porta, uma criada correu para abri-la. Zhiyi adentrou o aposento, a batinha de seu brilhante manto verde quase

varrendo o chão. Orquídeas lilás estavam bordadas na saia, junto de pássaros azuis que abriam as asas ao chilrear.

Ela inclinou a cabeça para me cumprimentar.

— Vou embora amanhã e queria dar adeus.

Escondi minha surpresa.

— Isso é muito atencioso de sua parte.

Um pêssego imortal brilhava em suas mãos. Maduro, com uma luz em seu caule, uma radiância emanando de sua casca.

— Liwei deu isso para o meu marido. Se um mortal não estiver sofrendo de nenhuma doença interna, isso vai prolongar a vida dele. Teremos tempo para aguardar pelo elixir. Liwei o prometeu para mim, mas são anos até que fique pronto.

— Fico feliz que você vai conseguir — falei, com honestidade. Ainda sentia remorso por ela ter aberto mão do elixir, pela felicidade dos meus pais ter custado a dela. Eu não havia esquecido minha promessa a ela, e a manteria mesmo que ela não a exigisse de mim, mesmo que a urgência tivesse passado. As promessas que mais nos uniam vinham do coração.

— Preciso ir — disse Shuxiao, levantando-se.

— Faça uma boa viagem. — Ao estender minhas mãos a ela, ela as apertou. Não queria deixá-la ir, mas então ela se soltou e foi embora.

O olhar de Zhiyi se demorou nos criados atrás de mim.

— Deixem-nos. — Ela não ergueu a voz, mas tinha um tom de autoridade inegável. Sem protestar, eles se apressaram para fora, fechando as portas ao sair.

— Todas as crianças reais nascem com essa habilidade? — perguntei.

Ela se sentou, arrumando as saias que se espalharam pelo chão.

— Quando eu morava aqui, preferia ficar sozinha. Havia muitos que me espionavam em nome de minha madrastra.

— Sinto muito por isso. — Não era a primeira vez que eu ficava grata por minha infância, por mais simples e solitária que tenha sido.

— Quando marcar a data do seu casamento, eu volto. — Seu sorriso era deslumbrante, um eco de Liwei brilhando em seus olhos pretos. — Logo seremos irmãs.

Casamento? Eu titubeei com as palavras dela, faladas com tanta sinceridade e certeza, diferentemente dos sussurros da corte.

— Liwei e eu não estamos noivos.

O sorriso dela desapareceu.

— Por que parece tão aterrorizada? Achava que você quisesse isso, que gostasse do meu irmão. É o que todo mundo pensa.

Olhei em seus olhos sem me amedrontar, cansada de estranhos se intrometerem em meus assuntos.

— Isso é entre Liwei e mim.

O rosto dela se endureceu quando se levantou.

— Então estou te avisando. Não brinque com o coração do meu irmão. Não vou perdoá-la se o fizer.

Sem falar outra palavra, foi embora pela porta.

— Espere! — Tinha uma pergunta na ponta da minha língua, uma que eu não sabia se queria fazer. — Você se arrepende? De tudo o que abriu mão para morar no Reino Mortal? — A coroa era herança dela, mas seria minha algema.

Ela não falou nada a princípio, brincando com os pingentes de jade em seu pulso.

— Não, porque ganhei muito mais. Não é um sacrifício quando há amor suficiente. — Os olhos se fixaram em mim. — Uma pergunta em troca da sua. Você ama Liwei?

— Amo. — Uma breve pausa, mas era verdade. Eu sempre o amaria, por mais que a dúvida ainda existisse.

Porque, por mais que tivesse amado Liwei primeiro, havia amado outro depois. Um que dera sua vida a mim, um que eu não poderia esquecer. Eu estava começando a entender que a morte tinha a gentileza de diminuir os pecados de uma pessoa, permitindo que lembrassem tudo o que ela tinha de bom. Quando Wenzhi estava vivo, eu só me lembrava de sua traição e de seus erros. Mas agora eu finalmente conseguia pensar nele sem o gostinho amargo, e tive nova clareza a respeito de tudo o que ele tinha dito e feito desde que o deixara voltar à minha vida.

— Fico feliz. — Ela hesitou, antes de acrescentar: — Se não, seria mais gentil terminar tudo agora.

Eu não respondi, irritada com sua presunção. Meu pavio tinha ficado mais curto ultimamente. Ainda assim, era um alívio o fato de existir outro caminho. Eu tinha uma escolha, por mais difícil que fosse.

ERA UMA MANHÃ SEM NUVENS, o céu de um azul-claro. Liwei e eu estávamos sentados dentro do pavilhão no Pátio da Tranquilidade Eterna. A cachoeira batia no laguinho, pétalas de pêssego caíam das árvores. Liwei dispensou o criado com um gesto, erguendo a chaleira para encher minha xícara, como ele fazia quando estudávamos juntos, quando éramos só nós dois. O criado demorou seu olhar nele, com reverente admiração ao se curvar, antes de nos deixar a sós.

— É a temporada do outono no Reino Mortal — disse Liwei.

Assenti, retribuindo seu sorriso. Ao dispor a xícara diante de mim, sua manga roçou minha mão, as garças prateadas bordadas voando pelo brocado azul. Seu cabelo estava puxado em um diadema dourado e safira, como o que ele usava antigamente. Eu quase podia imaginar que estávamos a caminho da Câmara de Reflexões depois disso, em vez do Salão da Luz Oriental, onde Liwei governava o reino. Imperador em tudo, menos no nome.

Ele me entregou uma caixa de madeira, pintada com uma mulher vestindo um manto verde, com uma faixa carmesim ao redor da cintura e ornamentos dourados no cabelo. Nuvens rodeavam seus pés, com um orbe prateado brilhando acima.

Passei meus dedos por ela. Minha mãe, a Deusa da Lua, como imaginada pelos mortais. Assim que abri a tampa, um rico perfume de mel escapou. Quatro bolinhos da lua marrom-dourados estavam dispostos em seu interior, com os topos moldados em padrões de dragões e de fênicas. Liwei retirou um e, com uma pequena faca, o cortou em oito fatias. Ofereceu uma para mim, um vermelhão de gema de ovo reluzindo do recheio marrom-escuro. A pasta de semente de lótus era densa e doce, a crostinha derretendo em minha língua. A gema acrescentava um toque salgado que cortava o doce, equilibrando perfeitamente os sabores. Fechei meus olhos enquanto mastigava,

imaginando os mortais comendo isso e ouvindo as histórias de Houyi e os dez sóis, e de Chang'e voando para a lua. Senti um aperto, um desejo de ver meus pais.

— Liwei, quero ir para casa. Não consigo ficar aqui. — Ao falar, senti certa urgência. *Esse* era o jeito de escapar dos pesadelos que me assombravam, de fugir do Palácio de Jade com suas infundáveis cerimônias e regras, dos cortesãos e criados, dos fardos do império.

Ele empalideceu, os dedos apertando a mesa.

— Xingyin, eu ia pedir você em casamento. Meu pai vai se aposentar para seguir uma vida em isolamento. Ele me pediu para subir ao trono, para me tornar o imperador.

Eu o encarei sem piscar, sentindo um aperto no peito, como se estivesse sufocando. Essa sempre foi sua herança, mas, mesmo quando eu sonhava com um futuro com ele, eu achava que teríamos séculos antes de seu pai abdicar do trono. Havia sido minha única esperança e consolo.

— Eu sei que é muito mais cedo do que tínhamos imaginado. Não é o que você quer.

— Eu preciso partir. — As palavras saíram devagar, a decisão se cristalizando conforme eu falava, e eu sabia que era a decisão certa, mesmo com a dor em meu coração ficando mais forte.

Seus olhos ardiam, e ele pegou na minha mão.

— Por que você precisa partir?

— Quero ir para casa — repeti, soltando-me de suas mãos, não por petulância, mas porque não podia permitir que nada me abalasse.

Um silêncio pesado caiu sobre nós ao nos olharmos.

— Eu sei que você não está feliz aqui. Queria poder ir junto — disse ele, por fim. — Mas não posso abandonar meu pai e meu império. Não há ninguém que possa governar em meu lugar.

— Eu entendo. — Não era um sentimento vazio, pois a escolha era dele, assim como eu havia feito a minha. Tínhamos que fazer o que era certo para nós, ainda que seguir caminhos separados fosse dolorido. — Seu lugar é aqui. Não há ninguém melhor do que você para governar. Eu não lhe pediria isso.

— Você tem todo direito de pedir o que quiser de mim — disse ele,

com vontade.

— Não quero ser mais uma das suas preocupações. — Se eu não tivesse feito isso, não saberia o que queria de verdade, o que eu precisava que ele não poderia mais me dar.

Engoli em seco, forçando-me a me levantar.

— Talvez seja tarde demais para nós, Liwei, nunca conseguiremos voltar ao que éramos.

Não havia ressentimento nessas palavras, apenas tristeza, pois elas também me machucavam.

Liwei se levantou, tomando-me em seus braços. Eu me permiti me aconchegar nele, uma última vez, atrasando o inevitável momento de dor. Seu calor atravessava meu manto e minha pele, mas não atingia mais meu coração.

— Sinto muito por ter fracassado com você — sussurrou ele em meu cabelo. — Você não precisa decidir isso agora. Pode voltar para casa e retornar assim que estiver pronta. Vou esperar por você.

— Você não fracassou comigo; *eu* fracassei conosco. — Minha voz falhou. — Eu tinha aceitado essa como a nossa vida. E agora não consigo suportar. Sou mais fraca do que pensei. Estou cansada de tentar ser forte. E eu... não consigo me esquecer dele. Eu não quero.

— Você não tem que enfrentar isso sozinha. — Ele falou com tanta intensidade que um pouco da frieza em mim diminuiu. — Vou ajudá-la a se esquecer dele. Seremos felizes, como éramos antes. Você seria uma ótima imperatriz.

Não seria.

A vida que ele me oferecia era um conto de fadas para muita gente, mas um pesadelo para mim. Senti um frio percorrer minha espinha ao imaginar a eternidade presa aos cuidados do Império Celestial, o peso da coroa ficando maior a cada ano. A batalha sem fim por favores e poder, os olhos incansáveis e cheios de julgamento em cima de mim, a impaciência pela urgência de um herdeiro. Será que eu ficaria rabugenta, presa nessa vida? Quanto tempo levaria para o nosso amor se apagar? Quanto tempo até virar ressentimento e então... ódio?

Eu me afastei para olhar seu belo rosto, aqueles olhos escuros tão

queridos para mim. Será que meu coração era forte o bastante para ser despedido mais uma vez? De alguma forma, consegui falar apesar da agonia que me quebrava ao meio.

— Não posso me casar com você. Não consigo morar aqui. Eu não seria feliz, e o tornaria infeliz também.

Ele ficou em silêncio por um tempo.

— Eu falo para mim mesmo que o passado não importa mais, que eu não deveria invejar os mortos. No entanto, ver vocês dois no bosque da Madame Xihe, ver como você sente falta dele... Não consigo deixar de imaginar, você teria escolhido ele caso ele tivesse sobrevivido?

Eu achava isso impossível, mas meu desespero tinha sido um despertar. Eu não podia negar que meus sentimentos por Wenzhi eram muito mais profundos do que eu sabia. Não podia negar que sentia uma dor no coração sempre que pensava nele, a dor aguda da perda.

— Ele não deveria ter morrido, muito menos por mim — falei, sem muita expressão.

— Acho que ele não faria isso por mais ninguém. — Ele analisou meu rosto, falando com gentileza. — Não se culpe pela morte dele. Não se agarre à miséria, deixando tudo de lado, pensando que não merece a felicidade. Ele queria que você fosse feliz.

Então ele deveria ter vivido.

Silenciei esse pensamento impossível e ingrato. Ao olhar para o rosto de Liwei, a dor em meu peito aumentou. Teria sido muito fácil amainar nosso sofrimento com uma simples palavra, um toque, uma promessa. Mas não seria certo, não curaria o que estava quebrado dentro de mim, se é que alguma coisa o faria. Não havia espaço no meu coração para o amor enquanto ele estava inundado com luto. Lágrimas se prendiam em minha garganta, tão fechada como se estivesse sendo esmagada. Dando meia-volta, corri do pátio, sem ousar olhar para trás, por mais que minhas pernas estivessem bambas e um frio percorresse minha pele.

Era assustador abrir mão de um futuro, correr sozinha para o desconhecido. Mas essa era a minha vida, e eu a tomaria de volta... a escuridão, a dor e tudo o mais. Depois de encarar a morte no rosto,

todo momento era uma vitória, uma nova esperança, um novo começo.

E eu não tinha mais medo.



Um coelhinho ficou saltitando por entre meus pés, com o pelo brilhando como a mais pura jade branca. Agachando-me, peguei-o no colo. Quando acariciei sua cabeça gentilmente, o coelho se aconchegou, deitando as longas orelhas em meu corpo.

Eu o carreguei enquanto caminhava até a minha casa, restaurada após a devastação que a atingira. O telhado era de um brilho prateado, as telhas rachadas haviam sido substituídas. Já não havia mais as marcas de queimado nas paredes de pedra, e as colunas de madrepérola quebradas estavam novamente inteiras, erguendo-se orgulhosamente da terra. Ah, se as outras feridas infligidas na época pudessem ser reparadas com a mesma facilidade...

As portas se abriram, e meus pais apareceram. Minha mãe havia descartado seus tradicionais mantos brancos e agora vestia um de um rosa iluminado, amarrado na cintura com uma faixa lilás. Uma peônia vermelha estava colocada entre os cachos de seu cabelo, como a que ela sempre usava. Ao se aproximarem de mim, seu sorriso aconchegante destruiu todo o peso em meu peito.

Meu pai meneou a cabeça para o coelho em meus braços, que escondia o focinho na dobra do meu cotovelo.

— Achei que sua mãe precisava de uma companhia depois que você partiu.

— Eu fui substituída por um *coelho*? — Achei uma afronta, e ainda assim uma vontade de rir tomou conta de mim. Uma leveza preciosa, um derretimento do frio que se agarrava à minha essência.

Minha mãe sorriu.

— A coelha é mais pacífica.

Não podia discordar.

— Qual é o nome dela?

— Nós a chamamos de Yutu. — Minha mãe traçou os caracteres no ar: 玉兔.

— Coelha de Jade. Combina bem com ela. — Os olhos rubi da coelha se fixaram em mim quando acariciei sua cabeça de novo. Ao colocá-la no chão, ela deu uma voltinha ao redor da minha mãe, antes de saltitar para a floresta.

Quando entrei no Palácio da Luz Pura, percebi algumas mudanças: uma mesinha de madeira no corredor; carpetes de seda em tons vívidos para substituir os chamuscados; e pinturas de cavalos e soldados estavam penduradas nas paredes, ao lado de vasos de porcelana lotados de jasmims-do-imperador frescos. Será que meu pai os tinha colhido para a minha mãe?

Meu pai caminhou para o meu lado, com o Arco Dragão de Jade pendurado em suas costas com a cautela de um soldado. Seu poder afetava minha consciência, era mais um cumprimento gentil do que o velho puxão que eu sentia antes. Ele não voou para as minhas mãos, contente onde estava. E, apesar do aperto no peito, eu não me arrependia de nada.

— Pai, seus poderes retornaram?

Os dedos dele se abriram bastante, depois se fecharam de novo.

— Um pouco. Consigo usar o arco com mais facilidade, mas é como escalar uma montanha íngreme. — Um pequeno sorriso se formou em seu rosto. — Não é muito necessário aqui, mas é um conforto tê-lo de volta.

Se o loureiro ainda estivesse florescendo, poderia acelerar a recuperação do meu pai, como havia feito comigo. Mas ele desaparecera, se desintegrara ao nada depois de ter usado seus últimos poderes para me recuperar. Dei uma olhada por uma janela que dava vista para a floresta de jasmims-do-imperador, um vazio no céu onde o loureiro estivera outrora.

— Onde está Liwei? — Minha mãe tinha se esforçado muito para não perguntar antes.

— Na casa dele, como estou na minha. — Não disse mais nada, minhas emoções estavam à flor da pele.

— Essa foi sua decisão? — Uma nota perigosa escapou na voz do meu pai.

— Sim — respondi depressa. — Eu queria voltar para casa. A culpa não é dele.

— Você é sempre bem-vinda aqui. — Minha mãe hesitou antes de acrescentar: — Você pretende voltar? Achei que você e Liwei... — A voz dela falhou quando trocou um olhar ansioso com meu pai.

— Não, Liwei vai ascender ao trono. E eu... não vou — falei, diretamente.

Minha mãe não disse mais nada, abraçando-me. Fechei os olhos, sentindo um pouco do peso dentro de mim diminuir.

Ah, como eu tinha sorte de estar ali! Sorte além da conta de ter meus pais, e nossa casa restaurada. Mas eu estava sofrendo, precisava me curar. Não tinha ideia de como, mas não seria me tornando a Imperatriz Celestial, vivendo uma vida que não era minha.

Voltar para a minha casa foi tão fácil quanto um peixe voltar para a água. Era bem como me lembrava... e, ainda assim, não era. Algumas noites eu acordava na cama, sonolenta, com o suor escorrendo pelo meu rosto, um choro não chorado na garganta. Quase esperava escutar os passos firmes de Ping'er pelo corredor. Quando uma porta rangia, eu me virava, com o coração na boca imaginando a esperança impossível de que fosse ela, antes de voltar à realidade de que ela se fora. Mas havia certo conforto em saber que parte dela sempre estaria ali, entrelaçada em nossas memórias.

Havia mudanças boas também. Por fim, realizei meu sonho de caminhar ao lado de meu pai na floresta de jasmims-do-imperador, nós três fazermos as refeições juntos. Falávamos de coisas mundanas: o que cozinharíamos para a próxima refeição, o que poderíamos melhorar em casa, que flores poderíamos plantar, e era música para meus ouvidos. Comecei a treinar arquearia com meu pai. Montamos alvos na floresta, ele corrigia minha postura e a forma como segurava o arco quando soltava as flechas. E, se houvesse coisas que eu achava que *ele* podia ter melhorado, eu me calava, como uma boa filha faria,

pelo menos por ora. Tais momentos eram verdadeiramente preciosos, e, apesar de não preencherem o buraco existencial no meu coração, isso acontecia de outras maneiras, dando-me uma felicidade diferente, não mais como a que eu havia perdido.

Algumas noites eu assumia a tarefa de minha mãe, acendendo cada lanterna, feliz pelo trabalho me distrair, pela oportunidade de me aprofundar em pensamentos. A cada lanterna que ganhava vida, eu imaginava a luz da lua brilhando mais forte no mundo de baixo, os mortais voltando-se para olhar o céu.

Naquelas noites, não temia estar sozinha com minhas memórias, e adormecia, misericordiosamente exausta. Pois a luz nos olhos do meu pai sempre que se deparava com a minha mãe, o sorriso em resposta que surgia nos lábios dela... essas coisas me transbordavam de alegria e de uma dor desconhecida. Porque, apesar do que disse a mim mesma, eu não deixava de desejar o amor que compartilhavam. O amor que eu havia desdenhado, descartado e destruído.

UM ANO SE PASSOU, depois outro, varrendo como uma queda d'água até que perdi as contas. Foram bons anos, crescemos como família de um jeito que nunca havíamos tido a chance antes. A cura da minha mente foi mais vagarosa do que a do meu corpo, pois essas feridas eram mais profundas e era mais difícil curar o que não era visto. Eu não sabia quando havia começado, quando esses pedaços fraturados de mim devagarinho começaram a se tornar um só de novo, curando-me, se não perfeitamente, pelo menos o suficiente para que me sentisse eu mesma de novo. Eu não acordava mais falando os nomes de quem eu havia perdido, revivendo o fogo que queimava minhas veias ou o terror congelando minha carne quando o machado de Wugang havia descido sobre mim.

Minhas memórias eram mais gentis, lembranças cruéis ficavam mais apagadas, interconectadas com fragmentos de lembranças alegres: Ping'er, contando-me as histórias do Reino Imortal enquanto eu me sentava diante dela. O Príncipe Yanming, com seu rosto iluminado ao erguer a espada de madeira.

E Wenzhi...

Todas as partes dele que haviam me tocado não uma, mas duas vezes, apesar das barreiras que eu montara contra ele. Sua inteligência e vontades indomáveis, sua ternura e implacabilidade, a doçura de sua expressão ao olhar para mim. E, acima de tudo, como ele havia me amado e depois morrera por mim.

Conforme a dor se amainava, deixando de ser tão aguda, algo mais saía do lugar. Uma inquietação, como sentia quando criança, desejando os horizontes diante de mim. Um alívio, que essa faísca em minha alma havia se reacendido, que o buraco em mim havia se preenchido com um desejo... por algo mais.

Uma simples verdade, e bem cruel, era que aquele não era mais meu lar.

Fui visitar Shuxiao. Ela morava com Mengqi na curva sudeste do Império Celestial, em um lugar ermo rodeado de bambuzais, sombreado por montanhas de um cinza-azulado. A visão da casa de pedra com seu telhado arqueado de telhas vermelhas me aconchegava, a casa com que minha amiga sempre sonhara, junto da companhia do seu coração. Sentar-me com ela e conversar como fazíamos acalmou minha alma, sob a sombra das árvores no pátio. Fiquei feliz com o amor que ela havia encontrado, ainda que me fizesse desejar o meu próprio.

Impossível, gritou minha mente. Eu já havia tido dois grandes amores na minha vida, e não havia espaço no meu coração para mais.

Eu me fortaleci para meu próximo destino, o Mar do Leste. Era uma coisa que eu precisava fazer, para acalmar as vozes impiedosas dentro de mim, satisfazer o luto que ainda me assombrava. Eu não sabia se aquele jovem soldado havia sido o Príncipe Yanming, nunca saberia, e, onde quer que seu espírito descansasse, eu esperava que houvesse encontrado a paz que merecia. A promessa dos dragões era um grande conforto, e, nos dias em que eu era gentil comigo mesma, imaginava que ele havia encontrado alguma alegria com as criaturas que mais amava, e que elas o amavam também.

A visão do Palácio do Coral Perfumado me deixava maravilhada, como no passado, com suas paredes de quartzo rosa se erguendo das

águas safira. Mas havia um peso em meus ombros, meus pés se arrastavam pelo caminho cristal que levava à entrada.

Os guardas não permitiram minha entrada, um serviçal foi enviado à procura do Príncipe Yanxi, mas não tive que esperar muito. O Príncipe Yanxi me cumprimentou calorosamente, apesar de seu sorriso ser sombrio. Talvez, ao me ver, algumas lembranças indesejadas houvessem retornado, aquelas que machucavam. Quando fechei meus olhos e inalei o ar salgado, quase pude ouvir seu irmão gargalhando e seus passos ao correr em minha direção. Ergui a cabeça, meu coração acelerando de ansiedade, mas então outras memórias surgiram, de seu rosto pálido a um piscar de olhos antes de a guan dao atravessar seu peito. Ah, como a dor feria... Era como Ping'er havia me falado uma vez: *Algumas cicatrizes são marcadas em nossos ossos*. E pensei comigo mesma: *algumas talvez até os quebrem*.

— Posso vê-lo? — Minha voz estava insegura, parte de mim esperava uma negativa. Que direito tinha eu de estar lá? Não era nem do reinado nem uma parente íntima. Mas eu havia amado seu irmão, sofrido pela morte dele, e não era esse um direito em si?

Para meu alívio, ele assentiu.

— Yanming ia querer isso. Vê-la sempre o deixava feliz.

Eu o segui pelo palácio, e senti uma trepidação em meu interior com o que poderia encontrar. Um altar de rocha fria escondido em um quarto vazio? Eu não deveria ter me preocupado. Eles haviam construído para ele um belo memorial em um jardim de corais, aquecido pelos raios do sol. Um altar laqueado de ébano e madrepérola se erguia ao centro, e acima dele havia uma placa de sândalo inscrita com o nome do Príncipe Yanming, flanqueada por duas velas iguais, com a luz inabalável, mesmo com a brisa.

O Príncipe Yanxi e eu ficamos lá, sem falar nada, de cabeça baixa, nossas mãos juntas à nossa frente. Não havia necessidade do incenso que os mortais acendiam, esperando que carregasse suas palavras para os céus.

No entanto, sussurrei uma oração para ele, imaginando que o vento a carregaria para onde seu doce espírito descansava, fosse o oceano que ele tinha amado, com os dragões, ou ali, em seu amado

lar. Lágrimas escorreram por meu rosto. Mesmo depois de todo esse tempo, não haviam acabado minhas lágrimas.

Um soluço rouco surgiu em minha garganta.

— Eu prometi protegê-lo. Fracassei.

A voz do Príncipe Yanxi era gentil e séria.

— Também me culpo. Se pudesse reviver aqueles momentos, não teria levado o Yanming para o Mar do Sul. Teria deixado ele em segurança. Mas não foi culpa nossa. Precisamos terminar esse ciclo de remorso, que apenas nos leva ao desespero. Yanming não ia querer isso. Ele era uma alma alegre, cheia de amor e gargalhadas, e é assim que quero me lembrar dele. Não como ele morreu, mas como viveu.

Essas palavras foram um bálsamo para a minha dor, um lembrete de que, apesar de existir morte na vida, havia vida na morte também. De que nem tudo estava perdido. O Príncipe Yanxi ficou em silêncio, talvez me dando tempo para me recompor. Como ele, eu havia me atormentado na solidão da minha mente, perguntando-me se poderia ter salvado o Príncipe Yanming caso houvesse sido mais rápida, se houvesse matado Wugang na primeira chance que tive. Uma centena de possibilidades desconhecidas e de finais possíveis me assombravam, tão efêmeros e intangíveis quanto a névoa do entardecer. Todos os arrependimentos no mundo não mudariam o passado.

Ficamos ali por horas, até que a lua acarinhou o lugar em tons de prata e branco. Por fim, eu me ergui e me curvei.

— Obrigada — falei ao Príncipe Yanxi. — Vou embora agora.

— Para onde você vai?

Não houve um convite para ficar. E, mesmo se houvesse, eu não seria insensível a ponto de aceitar. Pouparia seus pais de me verem. Eu não havia matado o filho deles. Eu teria dado minha vida por ele, mas seu sangue ainda assim estava em minhas mãos.

Deixei o Mar do Leste com uma fome violenta de conhecer um lugar novo, que não estivesse manchado pelo passado. Tomada por um desejo de vagar sem rumo, de afogar meus sentidos com vistas desconhecidas em florestas esmeralda, montanhas prata e oceanos intocados.

Havia um lugar que me atraía com mais força do que o resto, um

lugar de onde havia me mantido distante, com medo de reabrir velhas feridas que nunca haviam se fechado.

Finalmente, cedi, e viajei para o Deserto Dourado, trilhando pelas dunas brilhantes enquanto os raios de sol batiam em minha cabeça. Se o Império Celestial fosse a primavera, o deserto seria um verão impiedoso. Eu dormia durante as tardes e caminhava à noite, quando era mais fresco, debaixo da luz da lua. Algumas noites eu caía no sono sobre as areias grossas, e então despertava com o dia clareando... e essas eram as noites em que dormia melhor.

Na fronteira da Muralha das Nuvens, paralisei com a visão daquelas nuvens violeta, emoções me quebrando por dentro. Por meio de notícias que chegavam até mim na caminhada, fiquei sabendo que houvera uma grande briga pelo poder depois da morte de Wenzhi. A mãe dele, a Rainha-viúva, havia sido vitoriosa, ascendendo ao trono e provando que era uma governante capaz e sábia. Assim como seu filho teria sido, se não houvesse tido a infelicidade de me amar.

A Muralha das Nuvens prosperou, não era mais pária do reino. Imortais se aventuravam livremente para este lugar que temeram por tanto tempo, e o nome “Demônio” era cada vez menos professado. Senti um ímpeto de viajar para lá, onde eu havia conhecido tanto a angústia quanto a esperança. Mas a mãe de Wenzhi por direito não receberia quem lhe havia custado seu filho tão querido. Não, eu não podia me impor, remexendo em seu luto. Ela não era uma amiga, eu não tinha como pedir sua paciência, por mais que quisesse viver com ela o luto pelo que ambas tínhamos perdido. O maior favor que eu podia fazer a ela era desaparecer.

Havia pouco consolo em saber que, depois do falecimento de um imortal, sua alma vivia em nosso reino, fosse no céu ou nos Quatro Mares. Ainda que a consciência não existisse mais, pelo menos não estavam perdidos por inteiro. A morte era uma coisa estranha para um imortal, mas como eu poderia não pensar nela sendo que havia levado quem eu amava?

Ergui a cabeça, inalando profundamente. Alguma coisa em mim, a parte que ainda doía, sentia falta do ar dali, do traço dele que eu sentia entre aquelas nuvens. Era difícil entender, impossível de definir.

Será que eu estava ligada nisso por nossa proximidade, porque tínhamos estado vinculados pelo encantamento que o matara? Ou talvez fosse meramente uma gentileza da minha mente, conjurando ilusões para amenizar minha dor.

Caí de joelhos ao olhar para a terra dele, deleitando-me em minhas memórias. Houve um tempo em que eu queria esquecer tudo que tinha a ver com ele, mas agora eu levava cada lembrança ao coração, mesmo as que me machucavam, porque eram tudo o que eu tinha dele. Eu havia achado que o odiava, estivera ansiosa para arrancá-lo de minha vida, sem perceber que as raízes dos meus sentimentos eram mais profundas do que eu sabia. Sempre que ele havia lutado para recuperar o que tinha perdido por descuido, eu o afastara, com muito medo de analisar o sentimento que ele gerava em mim.

— Sinto muito — falei, em voz alta. Eu estava sempre me desculpando aqueles dias. — Fui muito orgulhosa e teimosa para perceber o que eu sentia, para entender o que você tentou me falar. Eu o amava... e ainda sinto sua falta.

Juntando as mãos diante de mim, pressionei minha testa na areia que pinicava. Uma brisa soprou por cima de mim, carregando o cheiro de pinheiro, tão familiar e querido, a dor no meu peito se intensificando até que não pudesse mais respirar. Fechando os olhos, ergui o rosto para o vento, respirando até que a dor passou, com sussurros de sonhos e esperanças despedaçados, aqueles nunca se realizariam... E imaginei que, onde quer que estivesse, ele me escutou.

Um conto de fadas, falei para mim mesma.



EU DEIXEI DE CONTAR QUANTAS VEZES retornei à fronteira da Muralha das Nuvens, havia se tornado um ritual, sem o qual eu me sentia perdida. Este lugar que outrora eu detestava era agora o único bálsamo para o meu luto, mas não sem me causar certa dor: sentir a presença do espírito de Wenzhi, para sempre além do meu alcance. Talvez estivesse sendo cruel comigo mesma, seria uma gentileza esquecer... mas eu não deixaria a memória dele esmorecer.

O vento soprava forte aquele dia, cheio de inquietação. A magia saiu de meus dedos para equilibrar a nuvem em que eu estava. Um clima estranho no nosso reino, um desconforto em minha barriga desde que deixara a lua aquela manhã. Adiante, o Deserto Dourado apareceu sem cor, tingido com cinzas abaixo dos céus que escureciam. Teria sido prudente retornar, mas a impaciência me levava a seguir em frente. Nenhum inimigo seria pior do que aqueles que eu já havia enfrentado, nem do que aqueles que assombravam minha mente.

Pulando para o chão, caminhei em direção às nuvens à frente. Meu interior se remexia enquanto eu erguia o meu queixo, agarrando-me às memórias que surgiam, o conforto e o tormento que me levavam de volta àquele lugar como uma corda invisível amarrada em meu coração.

Não havia nada.

Ergui minha saia e corri até que não sentia mais o crocante da areia debaixo dos meus pés, mas o abraço macio das nuvens. Era um descuido, me aventurar na Muralha das Nuvens, mas eu não me importava. Fechei os olhos, procurando freneticamente pelo eco da

presença de Wenzhi, aquele carinho gentil na minha consciência, mas encontrando apenas um vazio. Eu havia perdido a cabeça ou finalmente me reencontrado? Talvez não houvesse nada, apenas a falsa manifestação dos meus desejos. Se isso era a cura, eu não queria.

Não, o que quer que fosse, havia sido real; eu não era de me satisfazer com ilusões e sonhos. O medo e o ressentimento ficaram mais e mais amargos, até mesmo *isso* havia sido arrancado de mim. Eu não sabia o que havia acontecido, mas descobriria. E havia apenas uma pessoa que talvez tivesse as respostas que eu procurava, ou o poder para exigí-las.

Invoquei minha nuvem, voando na direção norte. Os dragões entalhados no telhado do Palácio de Jade brilhavam como se estivessem em chamas quando me dirigi às escadas de mármore branco, entre os grandes pilares âmbar que suportavam o telhado de jade de três andares. Fumaças pálidas de incenso surgiam dos incensários de joia, o cheiro de jasmim no ar. Os guardas na entrada não me impediram, permitindo que eu passasse sem falar uma palavra.

Haviam se passado anos desde a última vez que estivera ali, mas meus pés ainda conheciam o caminho. Caminhei pelas cortes externa e interna, em direção ao Salão da Luz Oriental. A esta hora, a corte estaria em atendimento com o Imperador Celestial. Na porta, hesitei. Não seria um confronto fácil. Mais do que uma análise profunda da corte, seria a primeira vez que eu veria Liwei desde que parti. Apesar de partir ter sido minha escolha, também me machucava. Em toda a minha jornada, sempre havia notícias dele, o jovem Imperador Celestial dos sonhos.

Benevolente e sábio para a idade e, embora nenhum noivado houvesse sido anunciado, era apenas questão de tempo. Imperadores precisam de herdeiros.

O pensamento me incomodou, um velho hábito que desapareceu tão abruptamente quanto começou. Quando adentrei o salão, um silêncio tomou conta do lugar. Os cortesãos se viraram em minha direção, alguns paralisando ao me reconhecerem, enquanto os que haviam sido nomeados mais recentemente apontavam para a

perturbação da minha presença.

— Requerentes devem aguardar do lado de fora até serem convocados — um cortesão me alertou, com as narinas inflando.

Outro uniu as mãos e se curvou para Liwei.

— Vossa Majestade Celestial, devo convocar os guardas?

— Não. — A voz de Liwei soou com um comando irrefutável. — Ela é sempre bem-vinda aqui.

Uma inveja pouco velada brilhou nos olhos dos cortesãos, enquanto outros sorriram com facilidade. Ao passar pela Professora Daoming e pelo General Jianyun, abaixei bastante minha cabeça em cumprimento. Fiquei muito contente por vê-los ali, no alto escalão. Sábios conselheiros com a coragem de falar o que pensavam eram realmente raros.

Ao me aproximar do trono, a aura de Liwei varreu por mim: acolhedora, iluminada e dolorosamente familiar. Erguendo os olhos para o trono de jade, uma ternura tomou conta de mim, envolta em remorso, mas nada de arrependimento. Eu não teria sido feliz ao lado dele ali, nem poderia fazê-lo feliz ao desejar uma coisa que já não existia.

As características de Liwei estavam mascaradas com realeza, e não traíram nenhum de seus pensamentos. Seu manto de brocado amarelo estava bordado com dragões azuis e havia uma coroa pesada de ouro e safira em sua cabeça. As contas de pérola da coroa de seu pai já não existiam mais, e eu ficaria feliz por nunca mais escutar seu barulhinho ameaçador. Como ele estava magnífico! Como o imperador que era, garantindo uma audiência para um plebeu.

Juntei os dedos e me abaixei para o chão, esticando minhas mãos unidas diante de mim. Ele não tinha exigido isso, mas era o esperado de todo mundo, e eu não diminuiria sua dignidade.

Ao erguer a cabeça, percebi um leve estreitar de seus olhos quando ele gesticulou para que eu me levantasse. Ele não gostava disso também, os dedos dele se curvaram em seu colo. Se ainda fosse o príncipe, teria mandado todo mundo embora — os criados, os cortesãos e os guardas. Mas, embora um imperador fosse elevado a um poder maior, tornava-se mais vinculado ainda a cerimoniais, ao

decoro e ao peso das expectativas infinitas, pelo menos para um governante que se esforçava para ser digno de sua posição.

— Por que está aqui, Xingyin?

— Tenho algo para perguntar a Vossa Majestade Celestial — falei com formalidade. Toda palavra dita ali seria ponderada e analisada. Como sentia falta da facilidade do passado, quando éramos só nós dois no Pátio da Tranquilidade Eterna! Mas aqueles dias eram águas passadas.

Liwei inclinou a cabeça.

— Pergunte o que desejar.

Era prudente ser cautelosa, mas estava ansiosa por novidades.

— Vossa Majestade Celestial, o que significa quando um espírito imortal deixa o nosso reino? — Uma pausa, antes de acrescentar: — Não posso mais senti-lo.

Ele se endireitou, os ombros pareceram se endurecer embaixo de seu manto.

— De quem você está falando?

— Wenzhi. — O nome dele saiu como uma nota desafinada. Apesar de tê-lo sonhado, sussurrado em minha mente, nunca imaginei que o falaria em voz alta de novo, e certamente não naquele salão de Celestiais.

— Você o procurou esse tempo todo? — Uma nota de tristeza pesava em sua voz.

— Sim.

— O que encontrou?

— A sombra de sua presença, como um sonho sem rosto. — Minha voz tremia ao me lembrar dos olhos de Wenzhi se fechando, seu peito se esvaziando com o último suspiro. — Eu sei que ele está morto. Mas pensei... Acreditava que parte de seu espírito houvesse permanecido na Muralha das Nuvens, até agora.

Fiquei em silêncio, dando-me conta da idiotice das minhas palavras, já me arrependendo da impaciência que havia me levado até lá, agarrando-me a uma miragem. O salão estava tão quieto, certamente todo mundo escutava o farfalhar da minha manga, a respiração que escapava da minha garganta. Liwei se inclinou para

frente, com os olhos escuros e opacos.

— Ele está no mundo de baixo, mas não como o conhece. Não ainda.

Eu não conseguia me mexer, encarando-o, de olhos arregalados e entorpecida. E então entendi o que ele quis dizer, uma leveza ardente tomando conta de mim, apesar das centenas de perguntas que me vinham à mente. Uma mistura de descrença com uma esperança louca que se recusava a ser acalmada, pois havia ficado aprisionada por muito tempo. Eu estava tremendo, meu coração ainda juntando as pecinhas que minha mente estava começando a montar. Meu pai contara das poucas vezes que imortais haviam sido enviados para o Reino Mortal por ordem do Imperador Celestial, assim como ele havia sido enviado para assassinar os pássaros solares. Uma rara exceção, que exigia a permissão do imperador, e a promessa de restauração.

Liwei era o Imperador Celestial agora.

— Wenzhi é mortal? Como isso é possível? Ele morreu — falei, hesitante.

— Ele teve sorte. A consciência foi preservada junto de seu espírito imortal, algo que nunca tínhamos visto antes.

— O loureiro. — Um nó se formou na minha garganta ao me lembrar dos remanescentes de sua seiva espalhados pelo corpo de Wenzhi. — O loureiro me trouxe de volta. Salvou uma parte dele também. Por que seu espírito só partiu agora? Por que não antes? — Minha voz tremia, a enormidade da revelação ainda se desdobrando na minha cabeça.

O Guardião do Destino dos Mortais se adiantou, aproximando-se do trono.

— Não conseguimos de início. O espírito dele estava muito enfraquecido, não tínhamos certeza se teria força o suficiente para aguentar uma existência mortal, o único jeito que ele poderia retornar sem perder sua identidade imortal. — Ele acariciava a longa barba em contemplação. — Mas, ao longo dos anos, seu espírito foi se fortalecendo gradualmente, como se alguma coisa o estivesse ajudando a se curar, uma circunstância muito incomum. Só então ele pôde ser enviado para o Reino Mortal.

— Mas foi depois que o loureiro foi destruído, seu poder não existe mais. — Até agora, não ousava acreditar completamente nisso, temendo que não fosse real, que essa felicidade seria roubada de mim de novo.

— Não o loureiro. Você — disse Liwei, com gentileza.

Todas as vezes que eu retornara à Muralha das Nuvens... será que Wenzhi havia me sentido também? Será que havia encontrado conforto em minha presença, como eu na dele? Ele estava lutando para voltar para mim? Eu deveria saber que ele me assombraria se pudesse. Lágrimas escorreram de meus olhos, caindo no chão de pedra. Quando eu havia começado a chorar? Como odiava chorar em frente à corte! Mas nada poderia amenizar minhas emoções, a felicidade que sentia era incandescente.

Liwei ergueu a mão e gesticulou para que eu subisse no patamar do trono. Quando dei um passo à frente, um criado se apressou para arrumar uma cadeira ao lado do trono de jade. Um alívio poder falar com ele longe dos ouvidos de sua corte, apesar de os olhares permanecerem em nós.

— Por que não me contou? — Não havia ressentimento em minha pergunta, só questionamento.

— Não ousamos lhe dar esperança. Também não poderia enviá-lo ao Reino Mortal até que houvesse subido ao trono, até que soubesse que era seguro — explicou Liwei.

— Obrigada, fico muito agradecida. — Essas palavras eram muito inadequadas. — Vou pagar o favor — acrescentei.

— Você não me deve nada, nem gratidão. — A boca dele formou um sorriso fraco. — Pois, se fosse para contar, minha dívida com você é muito maior. O que importa é a sua felicidade, você a merece mais do que ninguém.

— Você fez isso por mim? — Uma gratidão dolorosa se inflou em mim.

— Por que outro motivo seria? Certamente não por *ele*. Eu vi o quanto você ficou de luto, era uma sombra de si mesma. Você deve ter... deve tê-lo amado profundamente. — Um suspiro escapou dele, profundo e suave. — Qualquer dificuldade que ele enfrentou no

mundo de baixo foi essencial para fortalecer seu espírito imortal, para acelerar seu retorno. Não é trivial superar as adversidades do Reino Mortal, sejam elas doença, perda ou coração partido.

Minhas entranhas se reviraram com a menção do último. *Eu o traria de volta.*

— Tenho um favor a pedir do Imperador Celestial — falei, devagar.

Ele não hesitou.

— Peça de seu amigo. Somos amigos, não somos?

— Sempre. — Uma promessa e um adeus.

Alguna coisa quebrou em meu peito, um peso que eu havia carregado por todo esse tempo. Tal leveza florescia onde devia florescer, um alívio de aquela ferida em mim finalmente se curar. Por mais que doesse em meu peito, parte de mim ainda estava relutante em abrir mão do sonho de nós dois que havia alimentado por tanto tempo. Liwei estava tão entrelaçado em minha vida que era como arrancar uma parte de mim. Mas ele não estaria perdido para mim. Eu sempre o amaria, mesmo que meu coração não batesse mais por ele.

Quando Liwei levantou a mão, toda a corte se curvou diante dele. Ele queria que ouvissem o que disse em seguida, para que não houvesse mais dúvida.

— Xingyin, filha da Deusa da Lua e do Guerreiro do Sol, pelo seu serviço ao reino por destruir o loureiro e o traidor Wugang, peça o que deseja de coração e lhe será concedido.

Eu me levantei e fui para diante do trono. Unindo minhas mãos, curvei-me diante dele. Agiria de acordo com o meu papel, o honraria para que ninguém o desacreditasse. Eu havia ganhado o direito de pedir isso para ele, e o faria com orgulho.

— Vossa Majestade Celestial, a única coisa que desejo é o Elixir da Imortalidade.

Liwei assentiu.

— Será seu. Já tem um quase pronto...

As palavras dele foram cortadas, uma inquietação em seu rosto.

Uma memória veio à tona, penetrando minha emoção: Zhiyi me mostrando o pêssego, a alegria em seu rosto quando falou sobre o

elixir para o marido dela, o que Liwei havia prometido a ela. E a minha própria promessa a ela? Mas não era urgente, ela tinha um Pêssego Imortal, minha mente sussurrou, pois não queria esperar.

Virei-me para o Guardião do Destino dos Mortais.

— Wenzhi está seguro?

A honra ditava minha ação, mas, se fosse às custas da vida dele, eu achava que não conseguiria. Se houvesse apenas essa única chance, eu não a desperdiçaria, apesar de isso manchar minha alma.

O Guardião assentiu.

— Ele está bem de saúde, morando em um lugar chamado Cidade da Nuvem Prateada. Mesmo que ele encontrasse perigo no mundo de baixo, mesmo que ele morresse, não afetaria seu eu verdadeiro. Assim que for realocado aos céus, ele retomará sua forma imortal, suas memórias e seu poder.

As palavras dele pretendiam ser uma segurança, mas minhas mãos tremeram ao pensar em alguém machucá-lo. Mortal ou não, essa pessoa pagaria. Mas me forcei a ficar calma, a pensar. Wenzhi estava vivo, ele recuperaria tudo o que havia perdido, ele retornaria a mim.

Analisei o rosto de Liwei, observando as luzes em seus olhos. Se eu pedisse o elixir, ele não recusaria. A irmã dele não precisaria saber disso, ela morava no mundo de baixo. O silêncio tomou conta do salão, meus desejos batalhando contra a melhor parte de mim, uma voz interna gritando comigo para não ser tola, para agarrar a felicidade que estava ao meu alcance. Eu havia esperado o suficiente. Ainda assim, poderia desonrar minha promessa sendo que devia a ela a vida de meu pai? Poderia colocar essa decisão sobre os ombros de Liwei? Pois seria uma tristeza para ele quebrar sua promessa. Ele havia feito tanto por mim, eu não poderia exigir mais.

Contanto que você seja minha, assim como sou seu, temos todo o tempo do mundo.

Era o que Wenzhi havia dito a mim quando eu o pedira para esperar, logo que ele descobriu minha identidade. O começo de nosso afastamento, e, apesar de enterradas embaixo do engano, as emoções haviam sido verdadeiras. Teríamos tempo, eu me certificaria disso. Seria muito mais significativo, muito mais precioso, se nossa alegria

não fosse contaminada pela vergonha e pela culpa. Eu seria assombrada pelo fato de ter tomado duas vezes o que era de direito de outra pessoa, por ter quebrado essa promessa. Eu não desistiria de Wenzhi, nunca poderia fazer isso, mas atrasaria nossa reunião.

Havíamos feito tantas coisas erradas, isso nós faríamos do jeito certo.

Começaríamos do zero, em uma fundação mais forte, para nos dar a chance que nunca tivemos. A que nós merecíamos.

Curvei-me em um novo cumprimento.

— Vossa Majestade Celestial, desejo dois elixires. O primeiro para sua irmã, e o segundo para mim. — As palavras foram amargas em minha boca, meu coração derretendo sendo que há um instante estava feliz. Eu não era tão nobre a ponto de abrir mão disso com facilidade, minhas entranhas se reviravam com ressentimento e saudade.

Liwei assentiu, a tensão diminuindo.

— Você tem certeza? Vai demorar anos. Décadas, talvez.

— Vou pagar o que devo — disse. — Desde que tenha outro elixir, vou esperar.

Talvez eu finalmente tenha aprendido a arte da paciência.

— Você o terá, eu prometo. — Um voto solene diante de sua corte, mas eu não precisava disso dele.

Nossos olhares se encontraram, um calor se espalhando pelo meu corpo ao entender o que havia encontrado ali. Um único pensamento consumia minha mente: Wenzhi estava vivo, e Liwei o devolveria para mim. Meu mundo havia virado de cabeça para baixo, mas nunca havia sido tão perfeito.

Liwei se levantou e caminhou em minha direção, seu poder nos abraçando para formar um escudo de privacidade. Ninguém escutaria o que ele diria a seguir.

— Tem outra coisa que eu queria dizer. Queria não ter deixado você partir da primeira vez, pois, quando você voltou para mim, seu coração não era mais só meu. Depois, quando você partiu, eu deveria ter ido com você. Deveria tê-la ajudado a se curar.

— Eu não esperava que você viesse. Você tem as suas obrigações — falei.

Ele balançou a cabeça.

— Você deveria ter vindo em primeiro lugar, acima de tudo. Você não deveria ter que pedir. Eu sabia que estava machucada, que a vida aqui não a faria feliz. Eu fui egoísta e acreditei que, se estivéssemos juntos, seria o suficiente.

— Teria sido o suficiente, mais do que o suficiente, mas eu mudei, assim como você. A vida nos moldou de maneiras diferentes. — Minha voz estava embargada. — Sempre vou ser grata por você ter tido pena de uma garota que não tinha nada e por ter compartilhado a vida com ela.

Liwei inclinou a cabeça.

— Sempre serei grato a você, Xingyin.

Meus dedos puxaram a minha manga, fechando-se sobre algo que eu sempre carregava comigo. O grampo laqueado, a promessa de um futuro que não era mais nosso. Eu o entreguei a ele, sentindo como se uma faca estivesse escorregando entre minhas costelas, ou estava sendo arrancada?

— Não mereço isso. — Eu não queria ser cruel, mas era a verdade. Não merecia seu amor, porque não poderia lhe oferecer o meu.

Os olhos dele estavam escuros e sombreados.

— Fique com ele, é um presente de amizade. Não pertence a mais ninguém. Agora, vá ficar com ele. Seja feliz. — Ele esticou a mão para pegar na minha, seu toque familiar causando uma leve onda de dor em mim.

Mas era uma dor boa, uma dor de cura.



O amanhecer irrompeu pelos céus em pinceladas de dourado e rosa. Voei para o Reino Mortal em uma nuvem, pousando na periferia da cidade. Uma alta muralha de pedra a cercava, uma placa preta laqueada estava pendurada acima da entrada arqueada, entalhada com as palavras:

银云城

CIDADE DA NUVEM PRATEADA

Era outono ali, quando as folhas abandonavam seu verde para um vermelho-ferrugem, uma frieza aguda correndo pelo ar. Apesar de ser tão cedo, as ruas estavam repletas de barraquinhas, abarrotadas de mortais. Alguns carregavam cestas de palha, outros seguravam seus filhos pelas mãos enquanto passavam pela multidão. Galinhas cacarejavam de gaiolas, jarros de porcelana com vinho estavam dispostos em uma mesa, pequenos brinquedos de madeira em outra. O doce aroma de panquecas de gergelim e pãezinhos de porco flutuava de uma barraquinha, misturando-se com os restos de comida jogados no chão, com aquele cheiro de azedo. Figuras de açúcar em formato de pássaros e flores chamaram minha atenção, mas passei depressa pelos vendedores que anunciavam suas mercadorias a gritos.

Talvez eu devesse ter esperado pelo elixir, talvez devesse ter deixado Wenzhi na paz de sua existência mortal, mas eu não consegui ficar longe. Meus pés se apressaram pelo caminho de pedras, apesar de não saber para onde estava indo. Mechas do meu cabelo caíram do coque, deixando cachinhos na testa e no pescoço. Meu coração estava

acelerado, por mais que eu lembrasse a mim mesma de que Wenzhi não saberia nem o meu nome. Ainda não, mas eventualmente.

Memórias surgiam em minha mente: as batalhas que havíamos lutado, as vezes que salvamos um ao outro. Nossa amizade e nosso amor, traição e inimizade, transformando-se em algo completamente novo, de longe mais forte e mais precioso. Eu não havia acreditado que ele pudesse mudar, não queria. Apenas no terrível momento de sua morte foi que me ocorreu que era ele quem podia me deixar inteira, por mais que tenha sido ele a me quebrar. Pois, quando me quebrou com sua traição, ele havia se quebrado também. Apesar de minha frieza ao afastá-lo, de minha indiferença e de meu ressentimento, ele havia lutado incansavelmente por nós, tentando provar a profundidade de suas emoções, sua sinceridade e seu amor... um amor altruísta que eu nunca o imaginei capaz de oferecer.

Uma grande mansão surgiu adiante, com muros brancos segurando um telhado arqueado de telhas verde-musgo, brilhando com os raios do sol. Pinheiros mais altos do que os muros, lanternas brancas penduradas ao lado da entrada laqueada, balançando ao vento.

Havia um cavalo do lado de fora, com as rédeas seguradas por um jovem enquanto sapateava sem paciência pelo chão. Ele estava ali, eu podia sentir, assim como sentia em seu império. Mortal ou imortal, eu o conheceria aonde quer que fosse. Parando de repente, ajeitei meu próprio manto lilás, ajustando a faixa carmesim na minha cintura. Crisântemos estavam bordados em um rosa-claro na seda, as flores da estação. Apesar de minha impaciência, a vaidade havia me levado a trocar de roupas. Eu sentira falta do prazer de vestes finas, esse desejo de receber lisonjas pela minha aparência. Uma urgência tomou conta de mim, de chegar à porta e bater, mas eu seria uma estranha para ele. E nada cortês, chegando a esta hora, sem um convite ou uma boa razão.

A porta se abriu e um homem alto saiu, seu cabelo preto amarrado em um coque perfeito. Seu manto era de um brocado índigo, amarrado em sua cintura por uma faixa de seda. Sem me mexer, apreciei a visão: suas bochechas esculpidas, seus lábios finos, seus olhos claros com anéis cinza. Um tom raro para os mortais, um que

havia me assombrado durante aquelas noites incansáveis. Havia pequenas diferenças em suas características e em seu porte. Apesar de não acostumado a batalhar, ainda era forte, e estava mais alto, com um tom mais erudito. Mas sua inteligência sagaz era vista em seu olhar, e ele se movimentava com a mesma graça natural de antes.

Era ele, eu tinha certeza. Uma alegria crescente percorreu meu corpo, correndo em minhas veias, com a leveza do paraíso. Um sorriso cortou meu rosto. Queria rir de tão surpresa que estava por aquilo não ser um sonho. Ele estava vivo.

Wenzhi passou por mim, então parou. Ao se virar, nossos olhares se encontraram, senti um formigamento como se minha pele tivesse sido respingada com orvalho da manhã, um ar de outono, a queda de neve nova. Ao ser pega encarando, senti um calor na nuca.

Ele piscou, impressionado com a intensidade do meu olhar. Não havia nenhum sorriso em seu rosto, nenhum sinal de reconhecimento. Ele estava como quando nos encontramos pela primeira vez: frio. Distante. Desinteressado.

O jovem segurando as rédeas do cavalo curvou-se a ele com respeito.

— Ministro Zhao.

Quando Wenzhi assentiu em reconhecimento, tentei encontrar o que dizer para chamar sua atenção, para impedi-lo de partir, mas ele se voltou em direção a mim, como se estivesse tentando impedir esse impulso.

— Não quero ofendê-la, mas já nos conhecemos? — Ele soava cauteloso.

Deu um branco em mim.

— Sim. Há muito tempo. Você não se lembraria.

Seus olhos se estreitaram.

— Sinto muito por não saber quem é. Eu não me esqueceria.

Eram palavras vazias de cortesia? Ou havia algo mais na voz dele, na forma como seus olhos se demoraram no meu rosto?

Uma dama apareceu na porta, dirigindo-se a ele. O rosto dela tinha o formato de uma lágrima, com algumas sardas polvilhadas no nariz, seu cabelo lustroso enrolado com elegância acima da cabeça. Na dobra

de seu cotovelo havia a alça de uma cesta de três andares que ela entregou a Wenzhi.

— Seu café da manhã. Não se esqueça de comer desta vez.

A esposa dele, quem mais? Senti um aperto no peito, mais profundo ainda quando Wenzhi a agradeceu, com um sorriso familiar. Não tinha o direito de me sentir assim. Ele havia me esquecido, construído uma nova vida em que havia se apaixonado, se casado e até mesmo tido filhos. Eu deveria me sentir feliz apenas pelo fato de ele estar vivo, de ter encontrado a felicidade por ali. Deveria ser o suficiente, mais do que suficiente... se eu fosse uma pessoa melhor. Mas era uma criatura egoísta e ciumenta, lutando para superar essa emoção irracional. Wenzhi me amara, morrera por mim, mas eu não queria seu amor naquela época, e ele não se lembrava de mim agora. Queria rir e chorar com a forma como o destino havia nos enrolado até que eu estivesse em pedaços, ao mesmo tempo querendo abraçá-lo e dar-lhe um chute na canela. Como eu podia esperar que continuasse sendo meu quando havia se esquecido do meu nome? Quando eu tinha me transformado em uma sombra em sua mente, o eco de uma música da qual ele nunca se lembraria. Pelo menos não em sua vida mortal.

Talvez sentindo meu interesse ávido, a dama me olhou com curiosidade antes de se voltar de novo a Wenzhi. Depois de trocar mais algumas palavras apressadas com ele, ela retornou à casa.

— Sua esposa é bem carinhosa. — Eu sempre cutucava a casquinha antes de sarar, para trazer o desespero à tona.

— Esposa? — repetiu ele, virando a cabeça de lado. — Ela é minha irmã.

— Irmã! — O alívio me varreu. Aquela irmã era muito melhor do que seu desgraçado irmão imortal. — Ela foi atenciosa ao pensar no seu bem-estar. Muito gentil e graciosa e... — Mordi a minha língua, consciente do meu tagarelar.

— Ministro. — O criado se curvou mais uma vez, acrescentando: — O conselho o espera.

— Preciso ir — ele falou para mim.

Assenti, por mais que não quisesse deixá-lo partir. Esse breve

interlúdio era uma gota d'água para uma garganta seca, uma estrela em uma noite solitária.

— Posso vê-la de novo? — As palavras dele saíam com descrença, como se não acreditasse que estava pedindo por isso.

Meu sorriso foi convidativo e acolhedor.

— Se quiser.

Ele chacoalhou a cabeça como se estivesse tentando limpar a mente, e como eu queria ler seus pensamentos!

— Eu quero. Mas não quero impor nada a você. — Ele ficou tenso, antes de acrescentar: — Você pode recusar. Não me ofenderia, mas ficaria decepcionado.

— É um hábito seu convidar estranhos para sair? — perguntei com leveza, por mais que um arrepio percorresse meu corpo.

— É a primeira vez. Mas você não me parece uma estranha. — Ele falou devagar, como se tentasse entender os próprios pensamentos. — Se for tranquilizá-la, posso convidar a minha irmã também, mas ela vai interrogar você sem piedade. — Até mesmo agora ele era ágil em sentir uma abertura, em assegurar a vitória.

— Não é preciso — falei para ele. — Só você já é o suficiente.

— Obrigado pela confiança. — A expressão dele estava séria ao olhar para a vizinhança tranquila. — Você deve ser nova aqui, mas há muitos perigos à espreita. Tenha cuidado ao aceitar o convite de alguém. Se houver algum problema, só...

— Sei me cuidar — assegurei.

Um calor me acolhia até mesmo agora, ele ainda cuidava de mim. É claro, ele não sabia quem eu era, quem ele tinha sido, que nenhum perigo mortal poderia me ameaçar. Mas os perigos deste reino eram muitos para *ele* e, se ele permitisse, eu ficaria ao seu lado para cuidar dele até que estivéssemos mais uma vez juntos nos céus lá em cima.

Um sorriso de leve em seu rosto.

— Tenho certeza de que sabe. — Ele ficou em silêncio por um tempo, antes de dizer: — Se quiser, meu criado pode acompanhá-la até sua casa.

Balancei a cabeça para recusar.

— Moro longe daqui, lá no norte. Mas sempre venho até aqui. —

Esperava que Liwei não se importasse com a minha transgressão.

— Fico feliz em saber. — Ele subiu sem esforço na sela, agarrando as rédeas com uma mão ao passar a outra no pescoço do cavalo. — Você gosta de vinho de jasmim-do-imperador?

— Sim. — Meu coração palpitou com a menção da bebida que eu mais gostava.

Talvez, lá no fundo, uma parte dele ainda se lembrasse de mim.

— Há um lugar no lago, a Casa de Chás Sol e Lua. A vista é linda ao pôr do sol, e serve o melhor vinho da região. Vamos nos encontrar lá amanhã, antes do entardecer? — Seus lábios se curvaram em um sorriso lento que fez meu coração acelerar.

— Estarei lá. — Uma promessa para aquele dia, para todos os dias que se seguiriam.

Fiquei olhando enquanto ele galopava no cavalo, até que dobrou a esquina no fim da rua. Só então levantei a cabeça, olhando para o sol. Seus raios dourados cortavam o céu sem nuvens, dissipando o restante da noite. Meu caminho era longo, sem impeditivos, iluminado. Nunca havia sido tão claro assim, nunca tão luminoso.

Sempre achei que minha esperança estava tão profunda que nunca poderia mais alcançá-la. Mas peguei minha mente mais uma vez focada no reino do amanhã e nas infinitas possibilidades que lá me aguardavam. Meus sonhos não eram grandes nem nobres, não eram derrotar monstros, paz no reino, nem tinham a ver com minha mãe ou meu pai... mas eram pequenos e humildes, só para mim.

No dia seguinte, quando o sol começasse a cair, quando o dia se misturasse com a noite, eu me dirigiria à casa de chás no lago. Wenzhi estaria me esperando no jardim, com o manto verde-escuro flutuando com o vento enquanto olhava para o cenário, maravilhoso, como havia me prometido, com os raios escarlate do sol se fragmentando nas águas prateadas. Quando eu me aproximasse, ele se viraria, com os lábios se abrindo em um sorriso. Se houvesse algum reconhecimento em seu coração, ele não saberia o que significava, e, um dia, eu diria a ele. Abaixo do céu violeta que se escurecia, tomaríamos vinho de jasmim-do-imperador em xícaras de porcelana, conversando como fazíamos, abertamente, sem hesitação ou

recriminação. Talvez eu até voltasse a rir de novo, pois quase havia esquecido o som. Nos dias e nas semanas seguintes, ele me mostraria a cidade em que morava: os caminhos decorados com ciprestes, as pontes arqueadas, os prédios elegantes de pedra e madeira. Talvez ele abrisse sua casa para mim e me apresentasse à irmã. No quintal, sombreado por pinheiros, ele leria os clássicos do reino, as lendas antigas e os poemas de beleza. Algumas tardes nós até tocaríamos o guqin juntos, nossos instrumentos colocados lado a lado enquanto nossa música fluiria sem dificuldade. E durante os festivais, quando os mortais se reuniam para acender as lanternas que colocavam na água, quando acendiam incensos e rezavam para os deuses, eu sussurraria meus próprios desejos, pelo dia em que estaríamos verdadeiramente unidos, fosse naquela vida ou na próxima.

Ele não havia sido meu primeiro amor, mas seria meu último.

Eram esses os meus sonhos. Eram essas as memórias que eu queria construir com ele, a promessa de um futuro brilhante com a mais profunda alegria. No passado, quando eu havia sofrido com a traição de Wenzhi, perguntava-me como as coisas teriam sido se fôssemos apenas pessoas comuns, com nosso passado e presente livres. O que estava diante de nós era uma chance rara de começar do zero. Ah, eu ainda temia os anos que nos aguardavam, quando ele pudesse me reconhecer de novo. Seus sentimentos mudariam depois de reconquistar a imortalidade? Talvez houvesse apenas corações partidos à frente, mas eu nunca desistiria sem lutar aquela batalha. Eu me agarraria ao tempo que tivéssemos. Aproveitaria a chance e ficaria bem perto, porque sabia como era deixar isso escapar. Eu o havia perdido uma vez, não perderia de novo.

Uma voz na minha mente sussurrava que eu não merecia tanta felicidade quando os rostos dos mortos ainda me assombravam. Eu a silencieiei, pois já estava esperta. O tempo que passara vagando por aí não havia sido em vão. Eu precisava me curar, aprender a viver com a dor, e descobrir os segredos do meu coração que sempre haviam me escapado.

Essas feridas e cicatrizes não me quebrariam de novo. Eu honraria as pessoas que havia perdido ao mantê-las vivas em meu coração, não

ao eliminar a felicidade da minha vida, não ao me recusar a viver. Eu nunca mais recusaria o amor, em todas as suas manifestações incríveis e devastadoras, o maior poder do mundo, capaz de mover os corações dos mortais e dos deuses tanto para o bem quanto para o mal. Pois éramos criaturas complexas com tons de cinza, capazes de coisas maravilhosas e horríveis... de mudança, porque nossas naturezas não eram fixas como as estrelas e o céu, mas móveis como o rio que corre para um horizonte desconhecido.

Todo mundo sabia a história de como meu pai havia atirado nos sóis, de minha mãe voando para a lua, mas, algumas vezes, nessas lendas não importava o *como*, mas o *porquê*. Alguns podiam nos achar mais fracos por nosso amor, mas ele nos dava uma força que não sabíamos que tínhamos.

Eu não fugiria mais, não ficaria mais em dúvida. Sairia das sombras do meu passado e olharia para o que me esperava no futuro. Viver uma vida com amor era viver sem arrependimento.

Finalmente, eu estava em casa.



Dramatis Personæ

A Lua

XINGYIN (星银 | Xīngyín) — Filha de Chang'e e Houyi que foi escondida do Imperador Celestial desde o nascimento. Ex-companheira de estudos do Príncipe Liwei e Primeira Arqueira do Exército Celestial.

CHANG'E (嫦娥 | Cháng'é) — Deusa da Lua e esposa do arqueiro Houyi. Quando era mortal, tomou o Elixir da Imortalidade do marido, tornando-se imortal e ascendendo aos céus.

PING'ER (平儿 | Píng'er) — Criada leal de Chang'e, a filha mais nova da Criada-chefe do Mar do Sul.

Império Celestial

LIWEI (力伟 | Lìwěi) — Príncipe Herdeiro do Imperador Celestial, filho do Imperador e da Imperatriz Celestial.

Imperador Celestial — Imperador do Império Celestial, que também governa o Reino Mortal.

Imperatriz Celestial — Esposa do Imperador Celestial, imperatriz do Império Celestial.

SHUXIAO (淑晓 | Shūxiǎo) — Tenente do Exército Celestial, e amiga íntima de Xingyin.

WUGANG (吴刚 | Wúgāng) — O mortal condenado a derrubar o loureiro na lua. Elevado à imortalidade pelo Imperador Celestial.

JIANYUN (华菱 | Jiànyǔn) — General do Exército Celestial que treinou Xingyin e Liwei.

ZHIYI (翡懋 | Zhǐyí) — Filha do Imperador Celestial, enteada da Imperatriz Celestial e meia-irmã do Príncipe Liwei.

GUARDIÃO DO DESTINO DOS MORTAIS — Um oficial do alto escalão que gerencia o Reino Mortal.

DAOMING (建允 | Dàomíng) — Professora de habilidades de magia de Xingyin e Liwei.

HUALING (芷怡 | Huálíng) — A ex-Imortal das Flores.

FEIMAO (道明 | Fěimào) — Um arqueiro do Exército Celestial que ajudou a derrotar Xiangliu, a serpente de nove cabeças.

Reino dos Demônios — Muralha das Nuvens

WENZHI (文智 | Wénzhì) — Segundo filho do Rei Wenming e da Nobre Consorte da terceira linhagem. Príncipe Herdeiro da Muralha das Nuvens, ex-Capitão do Exército Celestial.

WENSHUANG (文爽 | Wénshuǎng) — Filho mais velho do Rei Wenming e da Virtuosa Consorte da primeira linhagem. Ex-Príncipe Herdeiro da Muralha das Nuvens.

WENMING (文铭 | Wénmíng) — Rei da Muralha das Nuvens, também conhecida como Reino dos Demônios depois da separação do Império Celestial.

VIRTUOSA CONSORTE — A consorte de primeira linhagem do Rei Wenming, mãe do Príncipe Wenshuang.

NOBRE CONSORTE — A consorte de terceira linhagem do Rei Wenming, mãe do Príncipe Wenzhi.

MENGQI (梦绮 | Mèngqǐ) — Capitã do Exército da Muralha das Nuvens.

Mar do Leste

YANXI (彦熙 | Yànxī) — Príncipe mais velho do Mar do Leste e herdeiro do trono.

YANMING (彦明 | Yànmíng) — Príncipe mais novo do Mar do Leste, irmão do Príncipe Yanxi.

YANZHENG (彦峥 | Yànzhēng) — Rei do Mar do Leste, pai dos príncipes Yanxi e Yanming.

ANMEI (安美 | Ānměi) — Uma dama do alto escalão na Corte do Mar do Leste, e governanta do Príncipe Yanming.

Mar do Sul

SUIHE (绥河 | Suíhé) — Rainha do Mar do Sul.

PING'YI (平一 | Píngyī) — Filha mais velha da Criada-chefe do Mar do Sul, e irmã de Ping'er.

BINGWEN (炳文 | Bǐngwén) — Um renomado mercador de conchas no Mar do Sul.

Império da Fênix

FENGMEI (凤美 | Fèngměi) — Princesa do Império da Fênix, filha da Rainha Fengjin. Ex-noiva do Príncipe Herdeiro Liwei do Império Celestial.

FENGJIN (凤金 | Fèngjīn) — Rainha do Império da Fênix.

O Sol

XIHE (羲和 | Xihé) — Deusa do Sol e mãe dos dez pássaros solares.

Pássaros Solares — Os dez filhos da Madame Xihe, nove dos quais foram assassinados pelo arqueiro mortal Houyi. Apenas um resta para iluminar os reinos.

Os Quatro Dragões e Rios

Dragão Longo — O líder dos Quatro Dragões do Mar do Leste. Criador do Changjiang (长江) no Reino Mortal, também conhecido por Rio Longo.

Dragão Negro — Formou o Heilongjiang (黑龙江), também conhecido por Rio Negro no Reino Mortal.

Dragão Pérola — Formou o Zhujiang (珠江), o Rio Pérola no Reino Mortal.

Dragão Amarelo — Formou o Huanghe (黄河), o Rio Amarelo no Reino Mortal.

HOUYI (后羿 | Hòuyì) — Marido de Chang'e, a Deusa da Lua, pai de Xingyin. Senhor dos Dragões e matador dos pássaros solares, derrubando nove dos dez.

Agradecimentos

Meus mais profundos e sinceros agradecimentos aos leitores de *A Filha da Deusa da Lua* que seguiram Xingyin até *O Coração do Guerreiro do Sol*. Escutar vocês me ajudou a passar pelos momentos difíceis, e foram muitos na escrita deste livro. Aos vendedores e bibliotecários que deram uma chance para a duologia, que a leram e a colocaram nas mãos de outras pessoas, fico muito agradecida.

A Naomi Davis, minha agente literária, cuja empatia, ideias e conselhos me ajudaram a atravessar muitas tempestades, fico muito grata por termos feito isso juntas! Muito obrigada à BookEnds Literary Agency por todo o apoio.

A David Pomerico, meu editor estadunidense, essa duologia simplesmente não existiria assim sem você. Fico muito feliz por compartilharmos as mesmas visões desde o início. Você foi brilhante para esses livros, e suas edições inteligentes elevaram imensamente este trabalho. A Francie Crawford e Jori Cook, vocês são incríveis, e sou muito grata por tudo o que fizeram, fiquei feliz por trabalhar com vocês! Muito obrigada às incríveis Mireya Chiriboga, Rachel Weinick e Rachelle Mandik por sua ajuda inestimável com o manuscrito, e por sua paciência com meus comentários e edições. E a Alison Bloomer pelo belo design do miolo. Agradeço também a Liate Stehlik e Jen Hart.

É uma alegria e um privilégio também ser parte da família Harper Voyager no Reino Unido, trabalhar com minha editora incrível, Vicky Leech Mateos. Suas ideias e sua orientação realmente me ajudaram a caminhar nesse ano desafiador. Também tenho a felicidade de trabalhar com as incríveis Maddy Marshall e Susanna Peden, vocês foram a melhor equipe. Um agradecimento especial às maravilhosas Natasha Bardon, Leah Woods, Sarah Munro, Elizabeth Vaziri e Robyn

Watts, quem fizeram os livros e as edições especiais.

Há muitas pessoas na HarperCollins ao redor do mundo que tiveram participação no processo de levar esses livros às prateleiras. Agradeço ao time da HarperCollins Canada, aos times internacionais e a todos que trabalharam na duologia, sou muito grata.

Fico muito feliz de olhar para a capa de *O Coração do Guerreiro do Sol*, cuja luz do sol combina com a noite da capa de *A Filha da Deusa da Lua*, e as duas são perfeitas como são. Só palavras não podem expressar o quanto as amo, como capturaram a essência da história. Obrigada, Kuri Huang, por sua maravilhosa ilustração da capa estadunidense. Fiquei apaixonada por cada detalhe e continuo encontrando coisas que me encantam. Muita gratidão a Jason Chuang por ilustrar e fazer o design de tirar o fôlego da capa britânica. Adoro tudo nela: as flores incríveis e o simbolismo, a arte e as cores vibrantes. Obrigada a Jeanne Reina pela direção de arte nos Estados Unidos, e a Ellie Game, no Reino Unido.

Não consigo imaginar uma narradora melhor para este livro do que Natalie Naudus. Obrigada por trazer os personagens à vida, bem como os imaginei!

É surreal que a duologia será traduzida para vários idiomas, e estou muito entusiasmada pelas edições que estão por vir! Muito obrigada a Katherine Falkoff por me ajudar a levar essa história a outras partes do mundo, e às editoras por terem dado um lar à duologia.

Falo de sonhos que se tornam realidade, mas há alguns que eu nunca teria imaginado quando comecei na jornada de editoras. Foi uma felicidade colaborar com a FairyLoot em *A Filha da Deusa da Lua* e *O Coração do Guerreiro do Sol*. Obrigada à incrível Anissa de Gomery e ao time maravilhoso da FairyLoot por essas lindas edições, mais lindas do que eu poderia ter imaginado. Sempre vou amá-las, e fico grata a vocês e a seus leitores.

Obrigada também à Fox & Wit, à Mysterious Galaxy Book Crate, Satisfaction Box, Emboss and Spines, amei ver as fotos e os unboxings! Embora ame arte, não sou talentosa, e fico grata por todos esses incríveis artistas que trouxeram os personagens à vida em diferentes

maneiras, entre eles, Grace Zhu, Rosie Thorns, Arz28, Katie, Xena Fay, Yingting, Marcella, Julia e à Azurose Designs pelo grampo de tirar o fôlego.

Escrever pode ser cansativo e solitário. Houve momentos em que eu mal saí de casa, em que vivi e respirei o manuscrito. Agradeço ao meu marido, Toby, por sua compreensão infinita, por ser meu primeiro leitor e crítico mais duro, por me ajudar a falar em voz alta sobre os pontos críticos do roteiro (ou pelo menos me deixar falar sem parar), e aos meus filhos amados, Lukas e Philip, por me manter ligada ao mundo real. Eu não seria nada sem minha família, e sou para sempre grata à minha mãe e ao meu pai, minha irmã, primos, tios e tias. E a Julia e Christian por seu apoio e sua consideração durante meus prazos no período mais ocupado da minha vida.

Não posso agradecer o suficiente a Sonali Singh e Jacquie Tan por sua amizade, por lerem meus primeiros rascunhos, por suas ideias e feed-back, e por lidarem com mensagens cheias de pânico. Vocês são meus pilares! E à minha querida amiga Eunjean Choi, por fazer parte da minha jornada de escrita desde o começo, por sua gentileza e encorajamento. A Lisa Deng, por seu conselho cuidadoso a respeito das palavras e dos nomes em chinês, por tolerar minhas muitas perguntas. Aos meus amigos de todos os cantos, não é possível expressar o quanto aprecio seu apoio na escrita deste livro, me enviando fotos do mundo todo, e alguns de vocês foram gentis o suficiente para ler o livro! Muita gratidão aos autores que tive a felicidade de conhecer nesta jornada, que dividiram seus conselhos e suas ideias, e que generosamente leram e escreveram suas recomendações.

Como não fico muito nas redes sociais, fico feliz por meus leitores e minha equipe me enviarem links que eu talvez não veria. Muito obrigada de coração aos leitores, bookgrammers, bloggers, booktubers e à comunidade BookTok e seus incríveis criadores de conteúdo. Apesar de não conseguir responder a todos, e fico insegura de me meter quando não sou taggeada, vocês preencheram meu coração com suas palavras, lindas fotos, reels e vídeos. Obrigada, Melissa & Isabel, Steph, Lauren, Cait, Elle, Luchia, Katie, Cath, Sam, Danica, Giota,

Tatiana, Shanayah, Ishtar, Gemma, Lina, Caitlin, Jenn, Jean, Tammie, Pamela, E-Lynn, Kevin, Bella, Amelia, Sonia e Jenna. Provavelmente me esqueci de muitos outros, pois estou com o prazo apertado! Obrigada por serem anfitriões de *A Filha da Deusa da Lua*, e pelas contribuições incríveis. Sou grata pelos livreiros e bibliotecários pelo trabalho incrível que fazem para dar apoio aos autores, a Kalie, Kel, Jennifer, Steph, Michelle, Dayla, Gabbie, Dan, Mike, Rayna, Meghan.

Há alguns anos, enquanto escrevia *A Filha da Deusa da Lua* na mesa de jantar, nos raros momentos em que me permitia sonhar, nunca imaginei a jornada em que o livro me levaria. Falo muito que estou agradecida, mas realmente sinto a gratidão em todas partes de mim. Pelas pessoas ao meu redor, pela oportunidade de escrever, por todos os leitores sem os quais nada disso seria possível, e a todos vocês por lerem até aqui.

Sobre a Autora

SUE LYNN TAN escreve fantasia inspirada nos mitos e nas lendas pelos quais se apaixonou quando era criança. Nascida na Malásia, estudou em Londres e na França antes de se mudar para Hong Kong com a família.

Seu amor por histórias começou com um presente de seu pai, seu primeiro compilado de contos de fadas de todo o mundo. Depois de devorar todos os contos que encontrou na biblioteca, descobriu os livros de fantasia, e passou muitos anos de sua adolescência perdida nos mundos mágicos.

Quando não está escrevendo nem lendo, ela gosta de explorar as montanhas e os lagos perto de sua casa, os templos, as praias e as ruas estreitas e sinuosas. Ela também gosta de estar sempre perto de bubble tea e comida apimentada, que infelizmente não sabe cozinhar.

Encontre-a em www.suelynntan.com ou no Instagram, @suelynntan.